



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

JANE KELI ALMEIDA DA SILVA

**A PRIMEIRA DÉCADA DA ÁSIA, DE JOÃO DE BARROS:
EDIÇÃO E ESTUDO LEXICOGRÁFICO-ETIMOLÓGICO**

V. 1

Salvador
2022

JANE KELI ALMEIDA DA SILVA

**A PRIMEIRA DÉCADA DA ÁSIA, DE JOÃO DE BARROS:
EDIÇÃO E ESTUDO LEXICOGRÁFICO-ETIMOLÓGICO**

v.1

Tese em dois volumes apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de doutor.

Área de concentração: História e funcionamento das línguas naturais.

Linha: Linguística Histórica, Filologia e História da cultura escrita.

Orientador: Prof. Dr. Américo Venâncio Lopes Machado Filho

Coorientadora: Prof.^a. Dr.^a. Risonete Batista de Souza

Salvador
2022

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

SILVA, JANE KELI ALMEIDA DA
A PRIMEIRA DÉCADA DA ÁSIA, DE JOÃO DE BARROS:
EDIÇÃO E ESTUDO LEXICOGRÁFICO-ETIMOLÓGICO / JANE KELI
ALMEIDA DA SILVA. -- SALVADOR/BA, 2022.
725 f.

Orientador: AMÉRICO VENÂNCIO LOPES MACHADO FILHO.
Coorientadora: RISONETE BATISTA DE SOUZA.

Tese (Doutorado - PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA E CULTURA) -- Universidade Federal da Bahia,
INSTITUTO DE LETRAS, 2022.

1. JOÃO DE BARROS. 2. PRIMEIRA DÉCADA DA ÁSIA. 3.
EDIÇÃO DIPLOMÁTICA. 4. LÉXICO. 5. GLOSSÁRIO DE ÉTIMOS
NÃO LATINOS E NÃO ROMÂNICOS. I. MACHADO FILHO, AMÉRICO
VENÂNCIO LOPES. II. SOUZA, RISONETE BATISTA DE. III.
Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

Jane Keli Almeida da Silva

**A PRIMEIRA DÉCADA DA ÁSIA, DE JOÃO DE BARROS:
EDIÇÃO E ESTUDO LEXICOGRÁFICO-ETIMOLÓGICO**

Tese para obtenção do grau de doutor em Letras

Salvador, 01 de novembro de 2022.

Banca Examinadora:

Américo Venâncio Lopes Machado Filho _____

Doutor em Letras, UFBA

PPGLinC/Universidade Federal da Bahia (orientador)

Risonete Batista de Souza _____

Doutora em Letras, USP

PPGLinC/Universidade Federal da Bahia

Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda _____

Doutora em Letras, UFBA

Universidade Estadual de Feira de Santana

Lisana Rodrigues Trindade Sampaio _____

Doutora em Letras, UFBA

Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Huda da Silva Santiago

Doutor em Letras, UFBA

Universidade Estadual de Feira de Santana _____

A meus pais, que nunca me abandonaram e se dedicaram a me amar todos os dias. A meu filho, Bruno, meu amor de hoje e de sempre.

AGRADECIMENTOS

Por muitas vezes, pensei que não conseguiria terminar esta tese, pois foram inúmeras as provas que me levaram a acreditar que desistir era o que tinha de ser feito, mas Deus, em seu infinito amor, me sustentou até aqui e não me deixou abandonar este sonho que, a princípio, jamais teria sido possível se eu não tivesse tomado às rédeas de minha vida e escrito minha própria história.

Agradeço, imensamente, aos meus pais, pelo amor e pelo apoio de criar meu filho enquanto eu me dedicava aos estudos desde a graduação até o doutorado. Em especial, registro minha gratidão à minha mãe, meu anjo na terra, por estar sempre ao meu lado.

Ao meu filho, Bruno, por estar comigo todos os dias, apoiando-me nesses longos anos de estudo. Por ser um amigo parceiro que se chateia quando perguntam se sou sua irmã, porque o que ele quer mesmo é ser reconhecido como meu filho.

Ao meu irmão, Marquinho, que abandonou sua vida para me ajudar a cuidar da minha, numa fase em que sozinha não conseguiria, agradeço-lhe por sua abdicação e por seu zelo por mim, sua mana mais velha.

A meu orientador, Américo, agradeço-lhe por me ter apresentado a história da língua portuguesa, na minha primeira aula de graduação, em 2011.1. Durante onze anos de orientação e de amizade, continuei apaixonada pelo português arcaico porque ele nunca deixou esse fascínio que é estudar o passado se dissipar em suas aulas. Agradeço-lhe por isso e, também, por sua generosidade em me guiar neste trabalho, orientando-me na escrita e na construção de um texto cada vez melhor. Sem suas orientações esta tese não se teria construído e tomado a forma que tomou. Portanto, embora eu escreva em terceira pessoa, está claro que este trabalho não é só meu, mas nosso.

À minha coorientadora Risonete, eu agradeço-lhe, primeiramente, por ter aceitado me coorientar lá em 2017. A partir desse momento, pude conhecer uma docente competente e dedicada à pesquisa. Conheci a paciência, sob a figura de uma mulher das letras ou melhor da filologia, que me guiou com muita sapiência no trabalho de edição. Ademais, compartilhou comigo a sororidade ao me acolher nos meus momentos de dor sem me deixar esquecer de onde eu vim e quem eu sou.

À CAPES pela importante bolsa de financiamento de doutorado, o que permitiu que eu me dedicasse, integralmente, ao Curso, eu sou muito grata.

À professora Célia Telles, por seu cuidado em me indicar obras para leitura e reflexão do trabalho que se construiu, agradeço-lhe, imensamente.

Ao amigo, André, por estar sempre comigo, mesmo nos momentos em que fui tão imperfeita na nossa amizade, eu expresso o meu carinho.

A Thiago pela paciência e amizade em me ouvir sempre que precisei, incentivando-me a seguir adiante com a coragem de uma mulher que anda com os lobos. A ele, por acreditar em mim, mesmo quando, muitas vezes, duvidei de mim mesma, eu agradeço-lhe por tudo.

A Ivan por estar atento às minhas inquietações ao longo da escrita e da construção desta tese, ajudando-me sempre que o requisitei, eu sou-lhe grata.

Ao Grupo Nêmesis, em especial, a Maria José e a Lisana, pela amizade que me envolveu em um manto de amor até aqui, expresso minha gratidão.

A Josie Azevedo, parceira de trabalho, que me acolheu com carinho e me ajudou a construir uma rede de afeto dentro da instituição escolar. A ela, que me ensina todos os dias a ser uma professora melhor, eu agradeço-lhe.

A Ademilton que, numa fase dolorosa de minha vida, esteve ao meu lado, apoiando-me com afeto, sou eternamente grata e feliz por conhecê-lo. A ele, que me alegra todos os dias com seu bom humor quando diz, por exemplo, que uso esmalte da cor de marca texto, agradeço-lhe por isso e por tudo mais.

Aos meus alunos de ontem e de hoje, eu agradeço-lhes por me ensinar, diariamente, a ressignificar minhas práticas docentes.

A dona Nancy, querida amiga, que me ensina a valorizar as pequenas alegrias da vida e a ser uma pessoa humilde.

A todos os amigos e as amigas que fizeram esta caminhada possível, registro minha eterna gratidão.

Não existe história muda. Por mais que a queimem, por mais que a quebrem, por mais que mintam, a história humana se recusa a fechar a boca.

(GALEANO, 2010, p. 30)

SILVA, Jane Keli Almeida da. **A Primeira Década da Ásia, de João de Barros: Edição e estudo lexicográfico-etimológico**. Orientador: Américo Venâncio Lopes Machado Filho. Coorientadora: Risonete Batista de Souza. 2022. 725 f. 2v. il. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2022.

RESUMO

A Primeira Década da *Ásia* (1552), de João de Barros, é uma crônica historiográfica que trata da colonização portuguesa na África e na Ásia, durante os séculos XV e XVI, momento relevante para Portugal, que foi o primeiro a alcançar o caminho para a Índia em 1498. Sem dúvida, uma conquista importante às grandes navegações, visto que o império português em ascensão pôde se expandir, alcançando regiões mais longínquas, como a China (1513); O Timor-Leste (1515); e o Japão (1543). Acrescenta-se a isso, o Brasil (1500) que será (re)descoberto devido a um desvio de rota da frota de Cabral à Ásia. Assim, considerando os dez livros que compõem esse precioso documento histórico, a *Ásia*, realizou-se, nesta tese, uma edição diplomática e um glossário de empréstimos, cujas bases etimológicas não se relacionassem com o latim ou com línguas românicas. A pesquisa, desenvolvida sob o aporte teórico metodológico da linguística histórica *stricto sensu*, da filologia e da lexicografia histórico-variacional, contribui para o estabelecimento de um texto de grande importância para os estudos históricos e linguísticos, assim como para o conhecimento sistematizado de um inventário lexical inusitado, em que figuram elementos do árabe, malaio, tâmul, berbere, javanês, persa, quimbundo, hebraico, hindustani, tcheque e sânscrito. Serve a pesquisa para o trabalho contínuo de reconstituição do cenário histórico e linguístico da língua portuguesa e dos efeitos de seus contatos culturais e linguísticos. Por se tratar o momento de publicação da obra original das fronteiras temporais limítrofes ao final do português arcaico, busca, ainda, esta tese contribuir para o fortalecimento das pesquisas relacionadas a esse momento em que o português moderno começa a se consolidar e a se espalhar pelo Novo Mundo.

Palavras-chave: João de Barros, Primeira Década da *Ásia*; edição diplomática; léxico; glossário de étimos não latinos e não românicos.

SILVA, Jane Keli Almeida da. **The First Decade of Asia, by João de Barros: Edition and lexicographical-etymological study.** Advisor: Américo Venâncio Lopes Machado Filho. Co-advisor: Risonete Batista de Souza. 725 f. 2v. il. 2022. Dissertation (Doctorate in Language and Culture) – Institute of Letters, Federal University of Bahia, Salvador.

ABSTRACT

The First Decade of Asia (1552), by João de Barros, is a historiographical chronicle that deals with the Portuguese colonization in Africa and Asia during the 15th and 16th centuries, a relevant moment for Portugal, which was the first to reach the path to India in 1498. Undoubtedly, an important achievement for the great navigations, since the rising Portuguese empire was able to expand, reaching more distant regions, such as China (1513); East Timor (1515); and Japan (1543). In addition, Brazil (1500) which will be (re)discovered due to a deviation from the route of Cabral's fleet to Asia. Thus, considering the ten books that make up this precious historical document, Asia, a diplomatic edition and a loan glossary were carried out in this dissertation, whose etymological bases were not related to Latin or Romance languages. The research, which was developed under the theoretical and methodological support of historical linguistics *stricto sensu*, philology and historical-variational lexicography, contributes to the establishment of a text of great importance for historical and linguistic studies, as well as for the systematic knowledge of an inventory unusual lexical language, in which elements from Arabic, Malay, Tamil, Berber, Javanese, Persian, Kimbundu, Hebrew, Hindustani, Czech and Sanskrit appear. The research serves for the continuous work of reconstituting the historical and linguistic scenario of the Portuguese language and the effects of its cultural and linguistic contacts. Addressing the current moment of publication of the original work of edge temporal borders in the end of archaic Portuguese, this dissertation also looks forward to contributing to the fortification of research related to this moment in which modern Portuguese begins to consolidate and spread by the New World.

Keywords: João de Barros, First Decade of *Asia*; diplomatic editing; Glossary of Non-Latin and Non-Romanesque Etymuses.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	João de Barros	23
Figura 2	Mapa representativo dos (re)descobrimentos portugueses	25
Figura 3	Fragmento da errata	34
Figura 4	Fragmento da errata	34
Figura 5	Fragmento da errata	35
Figura 6	Excerto da errata	38
Figura 7	Primeira página em branco	39
Figura 8	Segunda página em branco	39
Figura 9	Terceira página em branco	39
Figura 10	Desgaste do fólio ocasionado por agentes externos	39
Figura 11	Fragmento de fólio com sinais de agentes externos	40
Figura 12	Linha reta horizontal que apaga vocábulos	40
Figura 13	Vocábulos com letras faltantes, incompletas ou apagadas	41
Figura 14	Fólio 61	41
Figura 15	Fólio 76	42
Figura 16	Fólio 110	42
Figura 17	Advertência do editor sobre os erros de impressão	43
Figura 18	Título da Primeira Década da <i>Ásia</i>	43-44
Figura 19	Manual de <i>Doctrina Christiana</i>	44
Figura 20	<i>Exemplo pera bien biuir</i>	45
Figura 21	O sistema vocálico do latim vulgar	65-66
Figura 22	Os diacríticos tipográficos	72
Figura 23	Carta do mestre João Faras ao rei D. Manuel I	75
Figura 24	Extrato de verbete	102
Figura 25	Extrato de verbete	102
Figura 26	Extrato de verbete	102-103
Figura 27	Chave de consulta	109
Figura 28	Tipologia das edições	238
Figura 29	Pontuação ilhada	241
Quadro 1	Textos publicados sobre a <i>Ásia</i>	30-31
Quadro 2	Quadro sistemático com alguns erros indicados pela errata	35
Quadro 3	Sistematização de alguns metaplasmos identificados na <i>Ásia</i>	37

Quadro 4	Algumas correções realizadas	38
Quadro 5	Abreviaturas identificadas no texto	45-46
Quadro 6	As capitulares e suas variantes	46-47
Quadro 7	Letras maiúsculas e minúsculas	47-48
Quadro 8	Vogais com diacríticos	68-69
Quadro 9	Taxes de índole física	86-87
Quadro 10	Taxes de índole antropocultural	87-88
Quadro 11	Aplicação do Sistema Toponímico Taxionômico em dados lexicográficos	91-94
Quadro 12	Quadro contrastivo: Lexicografia versus STT	94-95
Quadro 13	Taxes de topônimos conforme os dados do <i>corpus</i>	95-96
Quadro 14	Microestrutura dos verbetes	99-100
Quadro 15	Abreviaturas utilizadas nos verbetes.	106
Quadro 16	Breve glossário de termos empregados:	107
Quadro 17	Aplicação da regra do diacrítico	226
Quadro 18	Línguas, grupos ou famílias linguísticas inventariadas no glossário.	227

SUMÁRIO

V.1

1 “NA ONDA LÚCIDA DO MAR”	14
2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA OBRA E DO AUTOR	20
2.1 A OBRA E O AUTOR.....	21
2.2 Campo bibliográfico da obra.....	28
3 DESCRIÇÃO PALEOGRÁFICA DA ÁSIA (1552)	32
3.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS SOBRE O DOCUMENTO.....	33
4 A ESCRITA DA HISTÓRIA NA PRIMEIRA DÉCADA DA ÁSIA	49
4.1 A “LIÇAM” DE HISTÓRIA EM JOÃO DE BARROS.....	52
4.2 Narrativas historiográficas.....	55
5 OS DIACRÍTICOS EM JOÃO DE BARROS: REGRAS, USOS E SUA RELAÇÃO COM A HISTÓRIA DO PORTUGUÊS	62
5.1 QUE DIZ A LINGUÍSTICA SOBRE DIACRÍTICOS.....	62
5.2 Túnel do tempo: as vogais.....	65
5.3 <i>Preceitos e usos</i>	68
6 O LÉXICO DE CONTATO EM JOÃO DE BARROS, PARA ALÉM DA CONSTELAÇÃO DO CRUZEIRO DO SUL	74
6.1 <i>FIAT VERBA</i> : O PAPEL DO LÉXICO EM PERSPECTIVA LEXICOLÓGICA.....	78
6.2 O neologismo de empréstimo: um problema de pesquisa.....	85
7 MÉTODOS E TÉCNICAS ADOTADOS NO GLOSSÁRIO	97
7.1 ELABORAÇÃO DOS VERBETES.....	100
8 GLOSSÁRIO DE ÉTIMOS NÃO LATINOS E NÃO ROMÂNICOS	106
8.1 TEXTOS PRÉ-DICIONARÍSTICOS.....	106
8.2 Nomenclatura.....	109- 224
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	225
REFERÊNCIAS	231

V. 2

10 PALAVRAS INICIAIS	236
10.1 PROCEDIMENTOS E MÉTODOS DA EDIÇÃO.....	239
11 EDIÇÃO DIPLOMÁTICA DA ÁSIA (1552)	245- 725

1 “NA ONDA LÚCIDA DO MAR”

Há quem possa dizer que a lucidez de uma onda não exista. Quem conhece *Mensagem* (1977, p. 106), de Fernando Pessoa, entretanto, pode imaginar, logo de antemão, o valor desse verso. As descobertas portuguesas são conhecidas como um dos grandes marcos da humanidade. Gil Eanes, ao ultrapassar o temido Cabo Bojador, permitiu que o Oriente – uma quimera antiquíssima ocidental – tornasse uma realidade aos navegantes; assim pôde Vasco da Gama ser o primeiro europeu a ancorar na Índia, em 20 de maio de 1498.

Um dos livros sobre essa trajetória é *A Primeira Década da Ásia* (1552), de João de Barros, conhecida como a primeira obra de um conjunto de textos do autor, intitulado *As Décadas da Ásia* e publicado em quatro grandes volumes, nos anos de 1552, 1553, 1563, 1615¹. Cada volume apresenta dez livros em sua composição, sendo, portanto, quarenta livros que constituem o projeto textual. Desse conjunto, a *Primeira Década da Ásia* (1552) tem, como ponto inicial de narrativa, a invasão muçulmana na Península Ibérica, em 711 d.C., e limite final a conquista consolidada da Índia, em 1521.

Como se vê, as narrativas não obedecem a um período de dez anos para cada livro escrito, o que é curioso porque a etimologia latina *dēcāda* refere-se a uma dezena de anos. No entanto, é na origem grega *dekás*, que há alusão a qualquer grupo de dez, equivalendo na obra aos dez livros que a constituem. Essa forma de escrever a história já era adotada por outros escritores na Antiguidade Clássica, a exemplo de Tito Lívio, e se mostra presente na *Ásia* (1552), corroborando ser o velho de grande valia ao novo.

Em relação ao título da obra ser *Ásia* e não *Década*, a justificativa está nas palavras do próprio autor: “o seu nome ç Asia : por tratar do descobri- | mento e conquista das tçrras e máres do Oriēte” (BARROS, 1552, f. 4v), isto é, o texto versaria apenas sobre a colonização portuguesa no continente asiático, o que explica a narração está concentrada nessa região. Ademais, é válido ressaltar a noção de Oriente para os portugueses, nesse período, que não consideravam a África oriental e nem a Oceania como partes dele.

Inobstante, o documento em foco aborda pelo menos mais dois continentes. O europeu, quando brevemente trata da invasão muçulmana e a formação do reino de Portugal, ressaltando a rivalidade perene entre os portugueses e os árabes. O africano, na ocasião em que Ceuta é a

¹ É válido lembrar que a última *Década da Ásia* não foi totalmente elaborada por João de Barros, que faleceu e a deixou inacabada. Diogo Couto teve a incumbência de reunir os manuscritos e finalizá-la, imprimindo a quarta *Ásia*, em Lisboa. Ao mesmo tempo, Lavanha imprimiu uma edição, em Madrid, no ano de 1615.

primeira grande conquista fora dos arredores da Europa, seguida de outras que viriam como Guiné; Congo; Benin; Moçambique.

Essa primeira conquista, isto é, a de Ceuta, foi realizada em 1415, por D. João I, o insigne Mestre de Avis que, mesmo sendo um filho ilegítimo, se destacou na história ao fundar uma nova dinastia, a Casa de Avis². Apoiado por seus filhos, em especial o infante D. Henrique, tomou o território para si e para o que viria a se tornar o Império Marítimo Português, inicialmente na África e, só depois quando as técnicas de navegação estivessem desenvolvidas, na Ásia. Esse movimento reconhecido como os (re)descobrimientos portugueses teve sua motivação essencialmente econômica, pois Portugal enfrentava a falência do Sistema Feudal e o desafio de se firmar como nação diante de outras em ascensão, a exemplo da Espanha.

Não obstante, as viagens ancoradas na Ordem de Cristo, cujo líder era o infante D. Henrique³, e apoiadas pelo papado, se revelaram, também, um movimento militar e religioso que buscava o domínio de Jerusalém, uma cidade sagrada para o cristianismo, o islamismo e o judaísmo que, por isso mesmo, foi muito disputada ao longo de toda a história. Assim, esse movimento liderado pelo infante, no século XVI, nada mais foi do que uma continuidade das Cruzadas⁴ que, justamente, foram responsáveis pela cisão entre o cristianismo e o islamismo, provocando um dos genocídios mais ininterruptos da humanidade.

É nesse ambiente bélico em que se inserem as narrativas da Ásia (1552), de João de Barros, registrando a história dos (re)descobrimientos em dez livros que compõem a obra, o que não significa afirmar, como já se mencionou acima, que a narração ocorra de maneira linear em cada livro. Vale ressaltar, também, que o texto traz uma descrição do espaço geográfico das regiões conquistadas, ao mesmo tempo em que revela a escrita de um homem das letras, inserido no Paço de D. Manuel desde a sua infância, o que lhe concedeu um dos mais notáveis cargos públicos da época, o de feitor da Casa da Índia.

² D. João era o filho ilegítimo de D. Pedro I de Portugal com Teresa Lourenço, sua concubina, portanto não estava na sucessão para ser rei. Com o fim da dinastia de Borgonha, D. João, o mestre de Avis, foi eleito rei de Portugal e do Algarves, em 1385. Momento histórico importante em que ainda ocorria a Reconquista, embora Portugal já tivesse retomado seus territórios e estabelecido suas fronteiras geográficas desde 1249. A Casa de Avis será fundamental para a construção de Portugal enquanto Estado Moderno, promovendo mudanças de ordem sociocultural, por isso é um evento histórico relevante, utilizado para delimitar a segunda fase do período arcaico, segundo Mattos e Silva (2008).

³ Era o filho mais velho de D. João I que liderou por cerca de 40 anos os (re)descobrimientos portugueses pelo globo. Sabe-se que se dedicava com afinco aos estudos, tendo conhecimentos sobre astrologia, astronomia e navegação. Abrigava em sua casa grandes intelectuais da época, talvez, por isso, há referência sobre a escola de Sagrés, comandada, também, por ele. No entanto, não há nenhum registro histórico que comprove que tenha existido como instituição formal.

⁴ Segundo o historiador britânico Nigel Cliff (2012), existiram pelo menos quinze Cruzadas ao longo da história.

Em virtude disso, Barros teve contato direto e indireto com os viajantes portugueses e fora incentivado a iniciar seu audacioso projeto de historiar as grandes conquistas portuguesas. Note-se que, no século XVI, já era estimado como um “famoso e excelente escriptor” (GANDAVO, 1581, p. 61).

Tendo em vista sua habilidade com a escrita e, obviamente, seu conhecimento historiográfico, João de Barros realizou com esmero seu projeto e se destacou na história da língua como um homem das letras, inserido na cultura humanista do século XVI. Também, seu destaque deve-se à feitura da primeira gramática de orientação prescritiva do português, em 1540, que, ao lado da gramática de Fernão de Oliveira (1536), representou as primeiras tentativas de normatização da língua.

Diante disso, pode-se dizer que João de Barros, o gramático de 1540, vai exercer com habilidade a escrita das *Décadas da Ásia*, cuja intimidade com o padrão da época é evidente, denunciando reflexões astutas de teor linguístico, ao registrar com maestria vocábulos próprios das regiões narradas e, à medida em que constrói as histórias, demonstra, também, estar atento às etimologias, seja as de esteio latino, seja as de origem não românica, como o malaio e o chinês, dedicando-se a explicá-las e a compará-las com o português,

como referências à etimologia de *cortesia*, de *rei* e de *mesura*, a vocábulos portugueses de origem mourisca ou exótica, à origem da fala, ao modo e ponto de articulação, a alguns dos quais teremos ocasião de nos referir em relação ao texto da *Gramática*, parece-me que podemos considerar que em Barros historiador está sempre obcecantemente presente o Gramático, desde a primeira página da sua *Década I*. (BUESCU, 1984, p. 36).

O valor documental da obra barrosiana é inegável e constitui-se um material de enorme importância para a história de Portugal, para a história das (re)descobertas e, sobretudo, para a História da Língua Portuguesa. Pôde-se constatar sua importância no trabalho desenvolvido durante o período do mestrado acadêmico, no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, da UFBA, em que se trabalhou com a metalinguagem do autor (cf. MACHADO FILHO, SILVA; 2017) cujos resultados foram uma contribuição para o registro lexicográfico das unidades lexicais metalinguísticas de uma época de transição entre o período arcaico e o moderno.

A relevância de seu trabalho levou a que se propusesse investigar como um escritor tão habilidoso linguisticamente, pôde-se aventurar a ser historiador num momento em que Portugal contava com poucas obras de referências para isso, tendo apenas as de Fernão Lopes e as de Gomes Eanes de Zurara, ambos Guarda-Mores da Torre do Tombo e importantes cronistas da

corte portuguesa. Foram os grandes precursores no que concerne às narrativas históricas, sendo referências importantes a João de Barros que, tendo em mãos os escritos desses autores, narrou com maestria os (re)descobrimientos portugueses em terras que, exceto em São Jorge da Mina em África, nunca esteve pessoalmente.

Considerando, então, o valor da obra e de seu autor, buscou-se realizar uma edição de cunho diplomático a fim de estudar a língua portuguesa representada no texto e, desse modo, oferecer um trabalho filológico que possa servir de *corpus* a diferentes investigações científicas da linguística, da filologia, da história etc. Objetivou-se, também, e não menos importante, colaborar com as pesquisas na área da lexicologia, da lexicografia, da etimologia, disponibilizando um glossário inédito de étimos não latinos e não românicos.

O texto selecionado foi a Primeira Década da *Ásia* (1552) por representar a língua portuguesa inserida na modernidade, momento em que Portugal vivencia grandes reconfigurações socioculturais e linguísticas em comparação com o período arcaico do português, segundo Mattos e Silva (2008). Como o tempo não é linear, acredita-se que o texto em foco deva ser ainda representante dos limites finais do período arcaico (1536/1540), o que o insere nas pesquisas desenvolvidas no âmbito do DEPARC – *Dicionário Etimológico do Português Arcaico*, cujos resultados mais recentes para a história do léxico foram disponibilizados com a publicação do *Novo Dicionário do Português Arcaico ou Medieval*, de autoria de Machado Filho (2019).

A edição diplomática tem o objetivo de ampliar o campo bibliográfico da obra que, até o momento, não tem nenhuma leitura dessa natureza, pois a maioria das edições é de caráter fac-similar. Adverte-se que, pelo menos, até o momento, não se tem notícias de um trabalho de cunho lexicográfico que procurasse inventariar o léxico não latino e não românico, apresentado na Primeira Década da *Ásia*, de João de Barros, apesar de a obra já ter sido objeto de vários estudos por causa de sua importância linguística e cultural para áreas da linguística e da história.

Desse modo, o estudo proposto, bem como a edição e o glossário, pode colaborar para as reflexões sobre a constituição histórica do português, sobretudo, para as áreas da linguística histórica, da filologia textual, da etimologia e da onomástica. Cabe, também, assinalar que a investigação irá colaborar para os trabalhos desenvolvidos no campo da lexicografia histórico-variacional, que se configura como uma área relativamente nova nos estudos do léxico. Entretanto, muitas pesquisas têm sido desenvolvidas no Brasil, reunindo trabalhos de alunos de graduação e de pós-graduação, assim como investigações da comunidade científica estrangeira.

Portanto, ancorada na linguística histórica, na lexicografia histórica e na filologia textual, a pesquisa procura responder as seguintes questões norteadoras:

- 1) Quais são os itens lexicais que se registraram no português durante o período de expansão portuguesa, identificados na Primeira Década da *Ásia* (1552), de João de Barros?
- 2) Qual é a vitalidade dessas unidades lexicais no português hodierno falado e/ou escrito?

Considerando que o primeiro volume da *Ásia* (1552) é uma obra que descreve as regiões conquistadas em África e em Ásia, supõe-se que existam no seu léxico muitos vocábulos de étimos não latinos e não românicos, uma vez que Tinhorão (1988) já advertia os empréstimos importados por Portugal durante o período dos (re)descobrimientos. A constante e continuada presença de negros⁵escravizados em Portugal renovou o léxico diário da língua, dando-lhes vários termos até então desconhecidos. Tendo em vista que João de Barros traz reflexões linguísticas, em alguns fragmentos da obra, indaga-se até que ponto o autor revela sua personalidade gramatical e como isso pode contribuir para as reflexões sobre a língua no século XVI.

Portanto, a presente tese estrutura-se em dois volumes e obedece a seguinte organização: Capítulo 2 – Contextualização histórica da obra e do autor, 2.1 – A obra e o autor; 2.2 – Campo Bibliográfico da obra. Capítulo 3 – Caracterização paleográfica da *Ásia*; 3.1 – Características gerais do documento. Capítulo 4 – A escrita da história na Primeira Década da *Ásia*; 4.1 – A “liçã” de história em João de Barros; 4.2 – Narrativas historiográficas. 5 – Os diacríticos em João de Barros: regras, usos e sua relação com a história do português; 5.1 – Que diz a linguística sobre diacríticos; 5.2 – Túnel do tempo: as vogais; 5.3 – Preceitos e usos. Capítulo 6 – O léxico de contato em João de Barros, para além da constelação do Cruzeiro do Sul; 6.1 – *Fiat verba*: o papel do léxico em perspectiva lexicológica; 6.2 – O neologismo de empréstimo: um problema de pesquisa. Capítulo 7 – Métodos e técnicas adotados no glossário; 7.1 – Elaboração dos verbetes. 8 – Glossário de étimos não latinos e não românicos; 8.1 – Textos pré-dicionarísticos, 8.2 – Nomenclatura. Capítulo 9 – Considerações finais e, por fim, as Referências. Quanto ao volume 2, o trabalho organiza-se da seguinte forma: Capítulo 10 –

⁵ O autor adverte que o grupo étnico negro era formado por mouros, berberes, árabes, indivíduos em geral que eram escravizados pelos portugueses.

Palavras iniciais; 10.1 – Procedimentos e métodos da edição. Finalmente, no capítulo 11, apresenta-se a Edição diplomática da *Ásia* (1552).

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA OBRA E DO AUTOR

Apreender a historicidade da obra de João de Barros é analisar seus meios de produção, circulação e recepção, considerando quais são as funções sociais do gênero historiográfico. Nesse sentido, McKenzie (2005) defende o texto como um elemento social em que não é possível compreendê-lo fora da história, visto que todo testemunho escrito se dá numa transmissão social que está em constante transformação.

O texto é compreendido a partir das relações pragmáticas em que atuam escritor e leitor, decisamente, na construção de novas significações textuais, confirmando que não existe mais uma figura unívoca de autor, mas escritores e leitores debruçando-se simultaneamente sobre o processo textual. Nesse prisma teórico, Gumbrecht (2007, p. 49-50) assume que

a Nueva Filología se concentra en las diferentes versiones correspondientes a texto individuales, y la en la proliferación de esas variantes intrínsecas a los textos. En general, la Nueva Filología corresponde con la proposición heurística de un sujeto-editor débil, y un sujeto-autor débil. Por supuesto que la palabra débil no implica ningún juicio de valor aquí. Se refiere simplemente, primero, a una práctica filológica en donde, en el nivel del papel de auto, el proceso de transmisión recibe más atención que los autores individuales, y donde, é o nível del editor, la versión precisa de los textos constituye una tarea más importante que su manipulación y modificación.

Assim, o que é relevante para a filologia textual não é mais a reconstituição normativa da última vontade do autor, mas sobretudo a ação em si do objeto texto, que se reveste de práticas diferentes de leituras e de representações que, certamente, corroboram o processo inacabado a que pertence. Dessa feita,

Entiendo por 'textos' los datos verbales, visuales, orales y numérico en forma de mapas, impresos e música, archivos de registros sonoros, de películas, videos y la información computerizada: de hecho todo desde la epigrafía a las últimas formas de discografía. No es posible ignorar el reto que suponen esas nuevas formas (MCKENZIE, 2005, p. 31).

Concretiza, pois, o que o autor acredita ser sociologia do textos, ao considerá-los um elemento aberto aos meios de produção, circulação e recepção, resultantes justamente da desmaterialização textual. Salienta-se, ainda, que a recepção envolve toda a crítica de uma obra, desenvolvida claro a partir de leituras díspares que trazem consigo o caráter histórico. Porquanto,

todas las lecturas son características de sus circunstancias temporales pudiendo, al menos parcialmente, ser parcialmente, ser reconstruidas a partir de las formas materiales del texto, constituyendo estas diferencias de lectura una historia muy reveladora. Ninguna historia del libro puede ignorar cuestiones como qué pensaron que estaban haciendo los escritores al componer textos, los impresores y liberos al diseñarlos y publicarlos o los lectores al crear sentido a partir de ellos (MCKENZIE, 2005, p. 36).

Constrói-se e produz-se o objeto que se lê, pondo-o em deslocamento com o contexto em que foi produzido e, com isso, emerge a cadeia dialética entre escritor > impressor/editor >

leitor, sublinhando que toda leitura não é neutra, mas atravessada de sentidos que desfazem a ideia de verdade única (ANTELO, 2015). Essa relação desconstrói a velha concepção de que há uma “ideia central” no texto, ou melhor de que existe a leitura por excelência, capaz de dissecar toda a interpretação textual.

Sendo assim, discute-se, neste capítulo, os aspectos sociais da Primeira Década da *Ásia* (1552) com o intuito de entender seu processo de produção, transmissão e circulação. Outrossim, pontuam-se as principais motivações ideológicas para sua elaboração, bem como o panorama geral das narrativas trazidas em cada livro que a constitui. Entrementes, tecem-se discussões acerca da figura eminente do autor, destacando sua formação intelectual de homem renascentista, contemporâneo de Fernão de Oliveira, primeiro gramático descritivista da língua portuguesa, e de Garcia de Resende, poeta e escritor.

2.1 A OBRA E O AUTOR

A Primeira Década da *Ásia*, de João de Barros, é uma produção impressa que saiu do prelo em 28 de junho de 1552, na oficina tipográfica de German Galharde, um dos mais proeminentes tipógrafos do século XVI, por estar a serviço particular do rei D. Manuel I⁶. Esse foi responsável pela encomenda e pelo financiamento da *Ásia* (1552), no entanto, devido a seu falecimento, D. João III, seu filho, não apenas assumiu a Coroa, como também investiu financeiramente no projeto de registrar os grandes feitos portugueses no Oriente, o que lhe garantiu, segundo os costumes da época, a dedicatória da *Ásia*.

A edição *Princeps*, desse texto historiográfico, encontra-se na Biblioteca Nacional de Portugal, no setor de obras raras, estranhamente inacessível mesmo em formato digital, num período pandêmico, quando muitas plataformas de pesquisas brasileiras disponibilizaram seus arquivos, por considerar o meio on-line o mais viável para se acessar o conhecimento. A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro é um exemplo, nesse sentido, pois já disponibilizava o fac-símile da obra, gratuitamente, mesmo antes da pandemia, bastando acessar seu endereço digital⁷.

⁶ Vale sublinhar que, à época, a imprensa não era uma atividade livre, mas, ao contrário, vigiada de perto pela Coroa, a quem cabia autorizar ou não o seu funcionamento, bem como controlar o que deveria ser ou não publicado.

⁷ O acesso ao fac-símile pode ser realizado através do endereço eletrônico: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or817883/or817883.pdf>.

A elaboração da *Ásia* ancora-se em uma causa de ordem política, pois foi encomendada pelo rei D. Manuel I a João de Barros, homem criado em seu paço, que lhe provou considerável talento literário ao escrever a ilustre crônica do Imperador Clarimundo, em 1522, um texto significativo para a história de Portugal, uma vez que buscou justificar a gênese de suas dinastias. Dessa forma, o rei confiou-lhe que escrevesse uma crônica extraordinária sobre os grandes feitos portugueses no Oriente, salvaguardando as memórias do Império em seus (re)descobrimientos. Obviamente, o fito era político no sentido de a nação portuguesa dispor de um texto que a valorizasse e a elevasse diante de outras potências, ainda maiores no comércio marítimo, como foi a Inglaterra, que dispunha de muito mais recursos financeiros do que Portugal.

Para tal desafio, João de Barros baseou-se em epístolas enviadas ao rei pelos colonizadores, com descrição das terras, dos povos e dos costumes; e em crônicas dos reis, elaboradas por homens, como Fernão Lopes – considerado o maior cronista de Portugal. Todavia, sua maior referência é Gomes Eanes de Zurara – quinto Guarda-Mor da Torre do Tombo, que teve a sorte, ou a má fortuna, de ser enviado a guerras, como a da tomada de Ceuta e a de Alcácer Ceguer, o que foi decisivo para que Portugal consolidasse suas relações comerciais em toda a África, monopolizando o comércio marítimo com os muçulmanos.

João de Barros, além de ser um homem inserido no paço, tinha um importante cargo profissional. Inicialmente foi tesoureiro da Casa da Mina e Índia⁸ (1525) e depois, sendo promovido, passou a ser feitor da mesma Casa Ultramarina (1533). Por causa disso, teve acesso a informações privilegiadas sobre a presença portuguesa no Oriente, tendo contato com algumas cartas enviadas por *Dom Francisco Dalmeyda*⁹, *Afonso de Alborquerque*, *Nuno da Cunha e Lourenço de Cáceres*, aos reis D. Manuel I e D. João III. Mas é nas crônicas de Gomez Eanes de Zurara que João de Barros encontra sua maior inspiração para escrever uma obra monumental, valendo-se tanto do registro dos fatos, quanto da eloquência deles, o que faz da *Primeira Década da Ásia* (1552) um texto de grande peso histórico e literário.

Abaixo, pode-se apreciar a figura histórica do autor.

Figura 1 – João de Barros.

⁸ Era a maior Casa Ultramarina de Portugal, situada na Corte, onde se tinha acesso a todo tipo de informação sobre as terras descobertas na África, na Ásia e no Brasil. A documentação consistia de cartas, tratados, relatórios, mapas, roteiros, entre outros. Salienta-se, então, que João de Barros deve ter tido livremente acesso a todos esses documentos, além de ter mantido contato com os povos autóctones dessas regiões que vinham a Portugal.

⁹ Nas referências antroponímicas e toponímicas, utilizam-se os formatos gráficos adotados pelo autor.



Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal.

O escritor aplica o teor literário merecido à Primeira Década da *Ásia* (1552) e deve tê-lo mantido nos volumes subsequentes, pois “as Décadas marcam, por assim dizer, a fronteira divisória entre o estilo poético, mas particularmente épico, e o estilo narrativo próprio da História” (BUESCU, 1984, p. 37). Logo, não é para menos que será reconhecido como o “Tito de Portugal”, em alusão ao célebre historiador romano Tito Lívio, e como aquele que vai influenciar a construção da epopeia nacionalista de Luís Vaz de Camões.

Nesse momento, João de Barros já desfrutava de uma carreira literária egrégia, haja vista ter tido seu nome incluído no primeiro cânone literário da língua portuguesa, proposto por Pero Magalhães de Gandavo no século XVI. Justamente, por ter publicado obras importantes, como a *Crónica do Imperador Clarimundo* (1522); a *Cartinha com os preceitos da Santa Madre Igreja*, 1539; *O Diálogo da Viciosa Vergonha* e *O Diálogo sobre os preceitos morais*, ambos publicados em 1540; e a notável *Grammatica da Lingua Portuguesa*, de 1540, que o consagrou como o primeiro gramático normativo do português.

Agostinho de Campos (1920, p. 45-49), no seu livro *Antologia Portuguesa*, investigou a recepção crítica que a *Ásia* (1552) teve em Portugal e destacou as seguintes avaliações:

Frei Amador Arráiz, no Diálogo III, cap. I:

‘Li as Décadas de João de Barros. Ao João de Barros posso eu agora dar os louvores que ele por sua diligência e lição merece’.

Manuel de Faria e Sousa, no comentário às Rimas de Camões, oit. 125. pág. 102:

‘Camões totalmente vá trás elle en lo histórico: y en estilo le imita en algunas partes’.

Frei Simão Coelho, no Compêndio das crónicas da O. de N. S. do Carmo, liv. I, cap. 6. 123:

‘Na elegância de seu estilo, policia de sua lingua, e ordem de sua historia, não é segundo a nenhum dos mais afamados e antigos historiadores.

Pero de Magalhães Gandavo, no Diálogo em defesa da língua portuguesa ‘Vede a Ásia daquele famoso e excelente escritor João de Barros, que por ela em Veneza está preferido a Ptolomeu’.

Duarte Ribeiro de Macedo, na Advertência à Vida da Imperatriz Teodora:

‘as águas puras e claras da elegância com que escreveu João de Barros, que é o mais seguro exemplar da eloquência portuguesa’.

António Pereira de Figueiredo, numa dissertação apresentada à Academia Rial das Sciências de Lisboa, inserta no tomo iv das Memórias de Literatura da mesma Academia, e cujo título reza:

‘João de Barros, exemplar da mais sólida eloquência portuguesa’.

Diogo do Couto, sucessor de Barros na escritura das Décadas, não se desmanda em elogios ao seu antecessor.

Manuel Severim de Faria, nos Discursos Vários Políticos

‘A clareza da narrativa ó assaz evidente, por falar por palavras muito próprias e naturais. E contudo se vê nele tanta majestade, que causa admiração poder ajuntar com tanta gravidade tanta clareza ; porque nas descrições é tão fácil, que muitas vezes parece mais poeta que histórico, posto que nesta parte a história e poesia sejam muito conformes’.

Como se observa, nos fragmentos acima, os leitores da obra a receberam muito favoravelmente, não dispensando elogios a sua qualidade e a seu autor que era considerado por todos um escritor talentoso. Barros mostra-se uma pessoa de caráter ao referenciar sua principal fonte de pesquisa quando reconhece que Gomes Eanes de Zurara

foy cronista destes Reynos de cuja escriptura nos tomamos quasy todo o processo do descobrimento da Guine destes reynos em as cousas do tempo do infante dom Anrique (do qual nós confessamos tomar a mayór parte dos seus fundamentos, por nã roubar o seu a cujo e) Ao cometer do qual dem chamada da Espáda. E assy mandou a Gomez eanes de Zurára seu chronista mór à villa Dalcácer Ceguer em Africa, pera que com fe de vista podeste escreuer os feitos daquella guérria: ao qual escreueo hũa cárta de sua própria mão em louuor do trabalho que lá tinha por razam da óbra que fazia: e isto nam com paláuras taxádas e auáras segundo o vso dos principes, mas com módo eloquente e de pródigo orador como quem se prezáua disso. O qual Gomez eanes vendo a deleitaçam que el rey tinha nas cousas desta milicia, escreúeo a chronica da tomáda de Cepta, e outra chronica dos feitos do conde dom Pedro de Meneses, e do conde dom Duarte seu filho: relatando os feitos daquella guérria muy particularmente, e per estillo cláro e tal que bem mereceo o nome do officio que teue. E porque cada hũ nam pérca seu trabalho (BARROS, 1552, f. 7).

Teve a oportunidade o referido autor da *Ásia* de ir, entre os anos de 1522 a 1525, ao Castelo de São Jorge da Mina, em África, e vislumbrar um mundo muito díspar do seu, no que concerne, sobretudo, à língua e à religião, evidenciando muitas vezes em suas narrativas certa

intolerância à diferença linguística e cultural. Claro que isso apenas reflete o pensamento do homem do século XVI que, ancorado na base renascentista e humanista, se autoafirmava diante de outras nações no sentido de dominá-las economicamente e politicamente.

Barros não precisou conhecer pessoalmente todas as regiões para narrar os (re)descobrimientos, porque sabia usar bem a hermenêutica e pôde, assim, descrever os fatos como se ele tivesse visto tudo. Pode-se afirmar também que era um homem de grande imaginário, pois em sua obra são notáveis histórias fantasiosas sobre monstros marinhos, homens sem cabeça, mulheres serpentes etc.

Nessa época, Portugal já era respeitado como uma nação marítima, pois dispunha de navegadores experientes que realizavam longínquas viagens direcionadas ao Oriente, os quais podiam contar com instrumentos de navegação e mapas que os orientavam em seus percursos. Exemplo disso é o mapa, abaixo, que representa as regiões dominadas pelos portugueses a partir dos séculos XV e XVI.

Figura 2 – Mapa representativo dos (re)descobrimientos portugueses.



Fonte: <https://parleu2021.parlamento.pt/cultura_detalhe?id=2>.

Na tentativa de descrever essas viagens, a *Primeira Década da Ásia* (1552) apresenta dez livros com uma composição muito variável de capítulos. Por exemplo, o *primeiro livro* tem 16 capítulos, já o segundo só traz dois capítulos e o terceiro, por sua vez, 12. Apesar disso, os referidos capítulos discutem a gênese dos (re)descobrimientos pelo Oriente, tendo destaque, no *primeiro livro*, os capítulos que narram a história da invasão muçulmana na Península Ibérica;

a célebre passagem de *Gileães* pelo *cabo Bojador*¹⁰; a descoberta do *cabo Uerde* e das ilhas *Canáreas*; a tomada da cidade de *Cepta* e a conquista da *Guiné*, porque tecem um panorama histórico sobre as conquistas iniciais de Portugal em toda a África. Destacam-se, neste cenário, os primeiros desbravadores do Oriente *Antam Gonçalvez*; *Nuno Tristam*; *Gonçalo de Sintra*; *Ioam Gonçalvez* e *Tristam Uáz*, que não são tão conhecidos pela história oficial dos (re)descobrimientos.

O *livro segundo* da Primeira Década da *Ásia*, por conseguinte, volta-se à narração do arrendamento da *Guiné*, realizado pelo rei *dom Afonso* quinto a *Fernam Gomez*, que descobriu a *mina do ouro*, o que representou um grande avanço para a expansão portuguesa em outras regiões como a *Ásia*.

O *livro terceiro* apresenta narrativas sobre a construção do *castello de sam Jorge da Mina*, a (re)descoberta dos reinos do *Congo* e do *Benij*; a conquista de alguns portos da *India*; e as viagens de *Christouão Colom*, que se destacou na história por ter (re)descoberto as *Antilhas* e, posteriormente, o continente americano – evento histórico relevante que, ao lado da derrocada do Império Bizantino e do surgimento do Renascimento cultural, marcou o final da Idade Média –.

Já o *livro quarto* dedica-se ao (re)descobrimento da Índia, em 1502, pelo capitão *Uasco da Gama* que, antes disso, foi ferido na angra de *sancta Helena* e teve de desviar sua viagem para *Moçambique* até conseguir chegar à *India*. Salienta-se que, nessa época, Portugal se destacava como uma grande potência marítima, com comércio consolidado entre os muçulmanos da costa da África.

Em seguida, no *livro quinto*, há as narrativas sobre as famosas navegações de *Pedralvarez* com destino à *India* que, em uma delas, se desviou e aportou na terra que ficou conhecida como *Sancta Cruz*. É apenas uma descrição modesta do fato, haja vista que o foco da narração é situar a presença dos portugueses nos portos comerciais de *Quilloa* e *Melinde*, na África, e no porto de *Calecut* na Ásia.

A figura histórica de *Uasco da Gama* reaparece, no *livro sexto*, corroborando sua importância na expedição marítima destinada às cidades de *Calecut* e *Cananor*, para

¹⁰ O Cabo Bojador, situado hoje no Saara Ocidental, indicava no século XVI o limite da costa africana, pois nenhuma embarcação conseguia ultrapassá-lo. O mundo marítimo estendia-se até esse Cabo, também, conhecido como o Cabo do Medo. A passagem histórica de Gil Eanes possibilitará a exploração portuguesa por toda a África e, pouco tempo depois, pela Ásia.

comercializar especiarias inexistentes na Europa, como a pimenta que, além de representar um artigo de luxo para a época, era usada como dinheiro.

O livro *setimo*, portanto, dar continuidade à expansão portuguesa na *India*, comandada dessa vez, pelos capitães *Antonio Saldanha* e *Lopo Soares*. Já o livro *oitavo* traz à história os feitos de *D. Francisco Dalmeyda*, colonizador importante, que conquistou a cidade de *Quilloa*; de *Mombaça* e fundou uma fortaleza em *Anchediua*, consolidando o domínio português em África e em Ásia.

O livro *nono*, diferente dos demais, abarca narrativas sobre a costa marítima do Oriente. Além disso, trata da divisão do *Malabar* em reinos e estados. O livro *decimo*, por fim, descreve o descobrimento das ilhas de *Maldiua*, realizado por D. Lourenço e apresenta narrativas sobre os reinos de *Sofala*, atual Moçambique.

A Segunda Década da *Ásia*, publicada em 1553, trata, inicialmente, da descoberta da ilha de *sã Lourenço*, na costa da Arábia e da presença portuguesa em Moçambique. A Terceira Década da *Ásia*, impressa em 1563, narra as conquistas das regiões da China, do Cairo e de Judá e o reforço do armamento português nessas áreas. Já a Quarta Década da *Ásia*, publicada em 1615, traz o governo de *Nuno da Cunha* na *India* e as conquistas de mais territórios, como a cidade de *Goa*.

Interessante notar como o autor procura explicar seu projeto historiográfico:

E de todas estas quátro partes da milicia, esta Oriëtal, fenece ao presente no anno de mil e quinhêtos e trinta e noue, onde acabamos de cerrar numero de quorenta li- | uros, *que* compõem quatro Decadas, que quissemos tirar a luz, por móstra do nósso trabalho: tẽ | que venha outro curso de annos, que seguirá a estes na mesma ordem de Decadas, dãdonos | deos vida e lugar pera õ poder fazer. Quanto ao titulo da nauegaçam, a este respondemos cõ | hũa vniuersal geographia de todo o descuberto: assy em graduacam de táuoas como de co- | mentario sobrellas, aplicando o moderno ao antigo, a qual nam sóbre compostura em lingoa | gem, e por isso hira em latim. A parte do comërcio, porque elle geralmente andáua per to- | dalas gentes sem ley nem reęras de prudencia, somente se gouernáua e regia pelo impeto da | cobiça que cada huĩ tinha: nós õ reduzimos e possẽmos em arte com regras vniuersaes e | particulares, como tem todalas sciencias e artes actiuas pera boa polycia (BARROS, 1552, f. 4).

As Décadas seriam distribuídas em três grandes partes. A primeira, se voltaria à *milicia* dos primeiros descobrimentos e seria composta por quatro volumes (Primeira Década da *Ásia*, Segunda Década da *Ásia*, Terceira Década da *Ásia*, Quarta Década da *Ásia*), os quais já estariam prontos desde o ano de 1539, segundo João de Barros. A segunda parte, se dedicaria à *nauegaçam*, a qual traçaria a geografia das regiões colonizadas. A terceira e última parte seria intitulada de *comërcio*, em que se destacaria o panorama comercial das especiarias luxuosas no

Oriente. As três partes das narrativas obedeceriam a um intervalo de tempo de dez anos cada uma. No entanto, segundo Loureiro (2018), só foi publicada em Lisboa a primeira parte, que corresponde à *milicia*, e as demais partes se perderam na história, assim como outros manuscritos¹¹ importantes do autor.

De uma forma ou de outra, a Primeira Década da *Ásia* (1552) evidencia um panorama dos (re)descobrimientos portugueses, ambientados entre os anos de 1420 a 1534, correspondendo a um arco temporal de cento e quatorze anos de narrativas. Além de esclarecer como o Oriente representa o diferente para Portugal, seja no aspecto cultural, ou linguístico, as narrativas vão explicar a formação do que se convencionou a chamar de mundo lusófono.

2.2 Campo bibliográfico da obra

Convém que toda pesquisa científica que se baseie em documentação histórica, investigue o que foi realizado em relação à obra e ao seu autor. Dessa forma, buscou-se estudar o campo bibliográfico que recobre a Primeira Década da *Ásia*, de João de Barros (1552). *A priori*, identificou-se uma edição *Princeps* que se encontra hoje arquivada na Biblioteca Nacional da Torre do Tombo, sob a cópia em microfilme: mf. 2763.

Há, também, na Biblioteca Nacional de Portugal uma edição *Princeps*, disponível à consulta local, em microfilme, no acervo de textos raros. No Brasil, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, encontra-se o fac-símile que, por estar acessível, foi a base para a edição diplomática que se desenvolveria no doutorado.

O campo bibliográfico da Primeira Década da *Ásia*, portanto, recobre algumas publicações que tiveram como base a edição *Princeps* e se ampararam, em sua maioria, na perspectiva fac-similar. A primeira delas é a edição de 1552, que se encontra na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Houve, posteriormente, uma edição realizada por Martim de Herrera, entre os séculos XVI e XVII, e é uma tradução ainda manuscrita para o espanhol, que se encontra arquivada no endereço <<http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000054028&page=1>>, da Biblioteca Nacional de España. Ressalta-se, ainda, que a edição espanhola é encadernada e apresenta 192 páginas.

¹¹ Alguns manuscritos perdidos do autor foram: *O Dialogo evangélico*, texto que problematiza a formação religiosa dos judeus (1543) e *O Panegírico da Infanta Dona Maria* (1545).

Em 1618, na cidade de Lisboa, Iorge Rodriguez publicou mais uma edição da Primeira Década da *Ásia* e a dedicou ao Senado da Câmara da cidade, o que só corrobora a importância da obra para Portugal. Uma consulta geral à edição, permite constatar que as páginas são divididas em duas colunas; manteve-se a numeração dos fólhos originais; é uma edição impressa e encadernada com 440 páginas.

Alguns anos à frente, em 1778, o tipógrafo Nicoldo Pagliarini imprimiu mais uma reprodução da obra sob a ordem real da rainha D. Maria I. A edição apresenta 617 páginas, mas só traz os cinco livros iniciais da Primeira Década, não respeitando a numeração dos fólhos e nem as letras capitulares. Também, não há informação sobre o tipo de edição, assim como os critérios editoriais utilizados.

Diferentemente da perspectiva fac-similar, veio a lume uma edição com interferências linguísticas no texto, que foi publicada em 1946, por Hermani Cidade, em Lisboa. A edição destina-se a um público mais geral e, por isso, o editor modernizou a pontuação e a ortografia, além de corrigir os problemas apontados na errata da obra e elaborar notas históricas. Com 468 páginas, é a única edição da Primeira Década da *Ásia* que moderniza o texto, mas respeita algumas características da escrita do autor, como os diacríticos e as capitulares ornamentadas.

Sem dúvida, o trabalho fac-similar mais conhecido é o de António Baião, publicado em 1932 e reeditado em 1988, pela Casa da Moeda de Lisboa, em função da Comemoração dos Descobrimientos Portugueses. É a oitava edição da obra, revista e prefaciada por Baião, com 524 páginas, que respeitam a numeração dos fólhos originais e as letras capitulares, bem como a composição dos dez livros. Apesar da qualidade da edição, não se verificaram seus critérios editoriais.

O campo bibliográfico da Primeira Década da *Ásia* é constituído, portanto, por oito edições publicadas, sendo esta edição diplomática elaborada por Silva, Machado Filho e Souza (2022) o nono trabalho editorial da obra e o primeiro de natureza diplomática, que tem justamente o fito de ampliar a fortuna crítica do texto.

Se se considerar apenas os trabalhos de edição publicados, o campo bibliográfico é parco, no entanto devido à natureza do texto, a área da história tem-se dedicado a estudá-lo a partir do desenvolvimento de algumas pesquisas, como a tese, intitulada *O pasto dos brutos: contexto de João de Barros, "horizonte histórico" e política nas Décadas da Ásia*, de Panegassi. Defendida em 2013, na Universidade do Estado de São Paulo, a tese assenta-se no campo da História

Social e investiga a historiografia de João de Barros, bem como seu perfil de homem letrado, inserido nas estruturas de poder de Portugal.

Outra pesquisa teve a Primeira Década da *Ásia* como objeto de análise, recentemente em 2018, cujo título foi *A Musa e o Elefante Cultura historiográfica & crônica na Primeira Modernidade: Portugal & as visões da Ásia (Sécs. XVI-XVII)*; defendida por Souza et al (2018), na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Para além disso, alguns artigos foram publicados, também, no âmbito da história, como o de Carvalho (2000), da Universidade de São Paulo. Intitulado *Entre histórias: a leitura da Décadas de João de Barros, na metrópole e na américa portuguesa*, a investigação discute a escrita da história por João de Barros.

Em 2018, Rui Manuel Loureiro, docente da Universidade de Nova Lisboa, publicou o trabalho *Revisitando as Décadas da Ásia: Algumas observações sobre o projecto historiográfico de João de Barros*, que é o trabalho mais recente sobre a obra, apesar de o autor vir se dedicando ao estudo das Décadas e divulgando os resultados de maneira parcial.

Logo, buscou-se mapear, ainda que brevemente, o Estado da Arte da Primeira Década da *Ásia* e de seu autor, considerando trabalhos realizados em Portugal e no Brasil, aqueles avaliados como mais representativos ao campo bibliográfico. Acrescenta-se, ainda, que linguistas como Buescu (1984) e Mattos e Silva (2008), e historiadores, a exemplo de Carvalho (2000), têm consagrado a João de Barros o primeiro lugar nos estudos historiográficos do português.

Dessa forma, resumidamente, apresenta-se o quadro abaixo com a sistematização do campo bibliográfico da *Ásia* (1552).

Quadro 1 – Textos publicados sobre a *Ásia* (1552).

PERÍODO	LOCAL	EDIÇÃO (TIPO)	ESTUDOS SOBRE A OBRA
1552	Torre do Tombo	<i>Princeps</i>	
1552	Biblioteca Nacional de Portugal	<i>Princeps</i>	
1552	Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro	Fac-similar	
XVI-XVII	Biblioteca Nacional de Espanha	Tradução manuscrita para o espanhol	
1618	Tipografia de Jorge Rodriguez – Lisboa	Fac-similar	
1778	Tipografia Pagliarini	Sem informação do tipo de edição	
1946	Hermani Cidade – Lisboa	Edição modernizadora	

1933/1988	Casa da Moeda de Lisboa	Reimpressão	
2000	Universidade de São Paulo		Artigo
2013	Universidade de São Paulo		Tese
2018	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro		Tese
2018	Universidade de Nova Lisboa		Artigo
2022	Universidade Federal da Bahia – Salvador	Edição diplomática	

Fonte: Elaboração dos autores.

3 DESCRIÇÃO PALEOGRÁFICA DA ÁSIA (1552)

João de Barros, no prólogo da *Ásia* (1552), já diferenciava a fala da escrita ao reconhecer que aquela era natural ao homem, enquanto essa seria o resultado de uma convenção gráfica. Nesse viés, o escritor admite que a fala

(...) sendo animáda nam tem mais vida que o jnstante de sua pronũciaçam , e passa | á semelhança do tempo que nam tem regresso : e as letras sendo huũs carátres mórto e nam | animádos , contem em sy espirito de vida , pois à dam a cerca de nós a totalas cousas . Cá | ellas sam huũs elementos que lhe dam assistencia : e às fazem passar em futuro com sua multi- | plicaçam | de annos em annos , per módo mais excellente do que faz a natureza. (BARROS, 1552, f. 1r).

É notória a valorização dada à escrita pelo autor que, ao aceitar o convite do rei D. Manuel I, de registrar os feitos portugueses pelo mundo, se debruça sobre ampla documentação remanescente para, só assim, registrar a memória de Portugal desde a fundação de seu reino até o momento em que se consagra como Império Marítimo ao colonizar a África, a Ásia e a América do Sul.

Trata-se de um trabalho de fôlego que lhe deu reconhecimento e fama, mas que jamais teria sido possível se ele não tivesse desenvolvido com sapiência a técnica filológica e paleográfica, embora à época não estivessem constituídas como ciência, o que só ocorrerá séculos mais tarde. Não obstante, é como um egrégio historiador que será reconhecido na história dos (re)descobrimientos portugueses, para além de ter sido cronista, pedagogo, gramático e doutrinador.

Sem perder de vista, essas múltiplas facetas do autor, levantam-se, aqui, do ponto de vista paleográfico da obra, os aspectos endógenos, a exemplo dos fólhos, dos cadernos, das letras, das abreviaturas, dos elementos ilustrativos, entre outros. O principal intuito, nesta caracterização da obra, é deprender com mais acuidade a língua portuguesa nela representada.

Para isso, a investigação aqui apresentada ancora-se nas bases da paleografia, entendida como uma “ciência que com um método próprio estuda o desenvolvimento do processo gráfico” (NUÑEZ CONTRERAS, 1994, p. 23) e nas suas interfaces com a linguística histórica que, a partir dos dados fornecidos pela paleografia, busca deprender a gramática do texto; e com a filologia textual quando “aperfeiçoa a técnica de reconstrução dos textos na sua escrita original e acompanha (no caso dos textos antigos) o respectivo percurso ao longo da história” (MARQUILHAS, 2004, p. 2).

3.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DO DOCUMENTO

Na caracterização paleográfica de uma obra impressa é relevante discutir o papel de seu editor, já que podia interferir no texto, a partir da revisão e da correção dos erros provocados pela impressão. German Galharde, editor do *Ásia* (1552), era um sujeito eclético, desempenhando muito papéis em sua tipografia, desde “os serviços tipográficos de composição, paginação e impressão. Algumas vezes também o de criação de tipos, ou seja, desenho de determinada família de letra e suas variações” (PAIVA, 2010, p. 70), até os de administração do espaço.

Sob essa lógica, o editor opera como umas das fases da Crítica Textual, a *emendatio*, evidenciando a irrelevância da figura¹² do autor no processo de impressão, uma vez que, concluída a obra, cabia a ele tomar todas as decisões sobre o impresso. “Mas acontece que, como todo revisor, o editor não só deixa passar erros como também os comete” (LAUFER, 1972, p. 42). Até porque está envolvido em um espaço muito complexo em que atuam outros profissionais, conjuntamente, na composição de uma obra, a exemplo do fundidor de tipos; do ornamentador, do brochador, do encadernador, entre outros. Por isso, pode-se afirmar que “toda reprodução tipográfica comporta erros mecânicos e humanos; com o tempo, esses erros são acumulados e compostos”. (LAUFER, 1972, p. 11).

Prova disso, é a errata da Primeira Década da *Ásia* (1552) que traz 264 erros que se cometeram na impressão, o que despertou o interesse de verificar a propriedade dessas indicações, observando no *corpus* os itens apontados à emenda.

A própria errata, que se inicia na página 3 e se estende até a página 5, é uma tentativa de correção dos lapsos, no primeiro e segundo volumes da *Ásia* (1552, 1553). Apresenta-se, integralmente, a errata, nas figuras 3, 4 e 5, para, posteriormente, discutir as emendas.

Figura 3 – Fragmento da Errata da Primeira Década da *Ásia*.

¹² Mattos e Silva (2001) alerta que, no século XVI, a figura do autor, definida como aquela que elabora sua obra e a assina, existe desde o século XV, no entanto num texto impresso o editor podia interferir livremente na obra, realizando as correções cabíveis.

**Errões que se cometeram em a primeyza decada em a impressão / e
ally inaduerencia do corrector: e nota que a letra
B. significa a volta da folha.**

ouidmente	fol.	1.	ouidmente	perçira	fol.	78	perçira
caatira	fol.		caracteres	tonica	fol.	80.b.	tonica
uic multiplicado	fol.		multiplicando	exprimenado	fol.	85.b.	experimentado
empico	fol.	3.	uicmes	parato	fol.		aparato
compicencia	fol.		compicencia	permetia	fol.		permetia
accicic	fol.	4.	accicente	nomozado	fol.	86.	nomozado
dozito.	fol.		dozito	repaiticam	fol.		repaiticam
Abuodenofoz	fol.		Abuobodonofoz	cafallio	fol.	86.b.	castellos
doleto	fol.		doledo	cficuo	fol.	86.b.	cficua
Anrique	fol.		Anrique	ccraucias	fol.	89.b.	ccraucias
ppas a quentes	fol.	1. b.	quentes	alcigado	fol.	90.	alcigado
intante	fol.	b.	iffante	cbegado	fol.		cbegado
bonrado	fol.		honrado	tamb.	fol.		tambem
Abolomicu	fol.		Abolomicu	potc	fol.	90.b.	potc
despoicam	fol.	b.	dispoicam	asta	fol.		esta
mbor	fol.		mellor	forodco	fol.	93	ferodco
Inglaterra	fol.	7.	Inglaterra	impotrar	fol.	93.b.	impotrar
antradas	fol.	8.	entradas	cthopas	fol.	95.	cthopas
requidas	fol.	b.	requidas	de pallada	fol.	95.b.	de pallada
publicamente	fol.		publicamente	houeda parte bonote	fol.		trca da mesma

Fonte: BARROS, 1552, p. 3.

Figura 4 – Fragmento da Errata da Primeira Década da *Ásia*.

oufada	fol.	9.	oufada	Spila	fol.	96	Spila
rectificam e coz	fol.		rectificam e coz	cabecças	fol.		cabecças
robo:aram	fol.	11.	rectozaram	estreto	fol.	96.b.	estreto
fidirico	fol.		fre dertio	obfulto	fol.	98.b.	abfulto
galezas	fol.	13.	galezas	temoz	fol.	107.	temoz
abonuedro	fol.	14.	abonuedro	lehuos	fol.	b.	legoas
quifcra	fol.	16.	quifcram	abawinga	fol.		Marlinga
no	fol.		ham	fcia	fol.	108.	fcia
Abc!a	fol.		Abicla	de Sipontro	fol.	b.	Sipontino
enlegido	fol.	17.	eligido	Cardallianca	fol.		fameflo
actas	fol.		aptas	Alcicino	fol.		Alcicino
briga	fol.		briga	proptctoz	fol.		proptctoz
Sanaga	fol.		Sanaga	baixos	fol.	109.	baixos
defcilio	fol.	21.	defcilio	knboloc	fol.	b.	knboloc
Bagodat	fol.	29.	Bagdat	proptctozes	fol.	110.	proptctozes
asper razoes	fol.	30.	per as razoes	Ecogamos	fol.		Ecogamos
requerimento	fol.	31.b.	requerimento	abengralios	fol.		abengralios
ray	fol.	32. b.	cae	Abarquetes	fol.		Abarquetes
soubem	fol.		sobem	quererem	fol.		querem
aspequenas	fol.		aspequenas	lepta	fol.	111.	lepta
os areas	fol.	33. b.	os areas	lepta	fol.	111.	lepta
ccrcaudo a clia	fol.	35. b.	cbegando a clia	framento	fol.	112.	fragmento
Lipango	fol.	36.b.	Sipangu	causa	fol.		causa
pronoficaram	fol.	37.	pronoficaram	aucta	fol.	113	apta
foecdeo	fol.		foecdeo	enlegerem	fol.	b.	cu girem
pubico	fol.	37. b.	publico	aucto	fol.		acto
Ruifilbam	fol.		Ruifilbam	enlegida	fol.	14.	cligida

Fonte: BARROS, 1552, p. 3.

Figura 5 – Fragmento da Errata da Primeira Década da *Ásia*.

fendeiro	fol.	38. b.	etudeiro	ascenderam	fol.		accenderam
Aluniga	fol.		Alunbiga	aucto	fol.	114. b.	acto
cfquino	fol.		cfquino	aucto	fol.	115. b.	acto
continua cam	fol.	39.	continua cam	aucto	fol.	115. b.	acto
propriedade	fol.		propriedade	abentu	fol.	118.	ababuy
Seicos	fol.		Suicicos	capricanio	fol.	b.	capricanio
joã de mote regio	fol.	42.	joã de mote regio	caso	fol.	119. b.	caso
diñiaçam	fol.	47.	deñiaçam	aqualle	fol.	120.	aquel e
maboncta	fol.	47. b.	mal:ometano	tornadas	fol.	121.	tor ados
directo:	fol.	48.	correto:	multe m	fol.	b.	multid. m
ouueria	fol.		ouuiria	o faluo	fol.	125.	o faluo
nacco	fol.	52.	no ceo	abaldoar	fol.		abaltoar
pufferam	fol.		poferam	embarcoa	fol.	b.	embarcoa
ouro de pam	fol.	59.	ouro de folba	elcupulate	fol.	124.	efcap. firte
ocupante	fol.	69.	ocupante	como que lbe	fol.	b.	com que lbe
superiores	fol.	70. b.	superiores	leuante.	fol.		leu ntar
nozo	fol.	70. b.	naco	pecea	fol.	125.	ceca
deite	fol.	70. b.	gente	tado	fol.	b.	tudo.

Fonte: BARROS, 1552, p. 3.

Considerando essas indicações à *emendatio*, investigaram-se trinta e sete, observando suas ocorrências no *corpus*, assim como se o fólho indicado à correção estaria correto. Para melhor apreciação dos resultados, exhibe-se o quadro 2.

Quadro 2 – Quadro sistemático com alguns erros indicados pela errata.

CORPUS	OCORRÊNCIA	ERRATA	FÓLIO INDICADO	FÓLIO ENCONTRADO
diuidamente	1	deuidamente	1r	1r
pereira (pireyra, pareyra)	23	peteira	78r	81v, 90v
caratres	1	characteres	1r	1r
tonees (tonçes)	0	tones	80v	80v, 124r
uase multiplicado (vanse multiplicádo)	1	multiplicando (van se multiplicando)	1r	1r
expirimentado (experimentádo ~ experimētado)	1	experimentado	85v	85v
paratoa (aparato)	0	apparatos	85v	38r, 122v, 123r
compitencia	9	competencia		folha 7, coluna 1, 3r, 23r, 31r, 34v, 60v, 78r, 114v
permetia	1	permitia	85v	85v
acendente	1	ascendente	4r	4r
nomorado (nomorádo)	1	namorado	86r	86r
dozoito	1	dezoito	4r	4r
repaiçam (repaiçã)	1	repartiçam	86v	86r
Nabucdenosor	1	Nabucodonosor	4r	4r
castallos (castállos)	1	castellos	86v	86v
Tolledo	1	Toledo	4r	4r
esteuo (estéua)	1	estaua	86v	86v
Anrique ~ Anriquez	6	Anrique	4v	4v, 6r, 54r
prayas a quentes (práyas à quentes)	1	quentes	5v	5v
aleixado	1	aleijado	90r	90r
Infante	216	Jlfante	5v	
chagado (chagádo)	1	chegado	90r	90r
honrrado (honrrádo)	3	honrado	5v	6r, 57v, 114v
tamb.	1	tambem	90r	90r
Tholomeu	1	Ptolemeu	5v	6r
pote (póto)	1	porto	90v	90v
desposiçam	6	disposiçam	5v	5r, 7r, 8v, 93v, 100r, 122v,
asta	1	esta	90v	90v
milhor	2	melhor	5v	7v, 14r
Ingratera (Ingraterra)	2	Inglatera	7r	7r, 16r
impotrar (jmpotrar)	1	importar	93v	93v
antradás (antrádas)	1	entradas	8r	8r
Ethiopias	1	ethiopas	95r	95r

requeridas	1	requiridas	8v	8v
de pallada (despassáda)		de passada	95v	95v
pubricamente	6	publicamente	8v	8v, 26r, 60v, 64r, 78r, 84r,
noueda parte do norte (noue da pártē do norte)	1	tres da mesma	95v	95v

Fonte: BARROS, 1552.

Pôde-se identificar, por meio dos dados acima, que *diuidamente* é indicado à correção para *deuidamente*, contudo não há nenhuma orientação a respeito de vocábulos como *intendimento*, *primicias*, *pirigo*, *firidos*, *jntendimento*, o que revela haver inconsistência nesse critério de emenda. Além disso, há indicação incorreta de fôlio, por exemplo, *pereira* não ocorre no fôlio 78r, mas nos fôlios 81v e 90v. Também, nada afirma a errata acerca das variantes *pireyra* e *pareyra*, bem como sobre a ocorrência de *peteira* nos fôlios 81v e 90v, quando claramente seria *pereira*. Acrescentado a isso, tem-se a emenda de *prayas ã quentes* para *quentes*, no entanto, considerando o contexto em que a expressão é atestada, a correção seria no mínimo indevida. Observe-se o excerto abaixo:

Alguũs que entendiam a cerca das cousas naturáes , queriam dár causa porque o már | daquellas tẽrras quentes nam ẽra tam profundo como õ das tẽrras frias: dizendo que o sol | queimaua tanto as terras que jaziam debaixo do seu curso , que com justa causa estáua assen- | tádo per todosos philosophos serem tẽrras onde senã podia habitar por razam do ardor delle : | e que este ardor ẽra o *que* consumia as ágoas doces , que gẽralmẽte se produzem do coraçam da | tẽrra , e as salgadas ẽram das *que* o már frio esprayáua naquellas **práyas ã quentes** : de maneira | que a nauegaçam das taes regiões ẽram mais prayas cubẽrtas de baixos que már nauegáuel (BARROS, 1552, fôlio 6r).

Como se vê, no texto acima, “práyas ã quentes” exerce uma circunstância de lugar, ou seja, especifica onde o mar frio se disseminava. Desse modo, fica claro que se retirar “práyas”, o qualificador, “quentes”, perderá sua função na oração e o significado textual ficará comprometido.

Conclui-se, então, que a errata não apresenta sistematicidade na aplicação das correções, uma vez que indica um item à emenda, mas se esquece de sua ocorrência em outros fôlios e, também, de suas variantes, que deveriam ser objeto de correção. Outras imprecisões foram identificadas, como vocábulo já corrigido; item escrito errado, indicação incorreta de fôlio; desrespeito ao uso de diacrítico do autor.

Nesse contexto, a mão do editor estaria interferindo na língua do escritor da Primeira Década da *Ásia* (1552), posto que correções como *devidamente* em vez de *dividamente*, *competencia* em vez de *compitencia*, *Inglaterra* por *Ingraterra*, desconstroem o alteamento

vocálico (i > e) e o rotacismo (r > l), metaplasmos identificados, profusamente, na obra, os quais devem pertencer à língua de quem a elaborou. Portanto, concorda-se com Bocage quando diz que é “pior a emenda que o soneto”. Em linhas gerais, isso busca indicar que determinadas correções muitas vezes operam de forma imprópria, ou com materiais inadequados.

No quadro 3, sistematizam-se mais alguns metaplasmos observados na escrita do autor da *Ásia* (1552).

Quadro 3: Sistematização de alguns metaplasmos identificados na *Ásia*.

Varição entre vogais	diuidamente > deuidamente permetia > permitia desposiçam > disposiçam	pereira ~ pireyra ~ pareyra nomorado ~ namorado	expirimentado > experimentado dozoito > dezoito ethiopias ethiopas	compitencia > competencia Nabucdenosor > Nabucbodonosor requeridas > requiridas
Desfazimento do hiato	tonêes > tones			
Metátese	jmpotrar > importar	cathredal		
Rotacismo	Ingratêrra > inglaterra	pubricamente > publicamente		
Vocalismo	repaiçam > repartição			

Fonte: BARROS, 1552.

Como se pode observar, no quadro 3, outras mudanças fonéticas, como metátese e hiato, estariam sendo desfeitas em função da correção indicada. Com vistas a preservar a língua do autor, na edição diplomática, corrigiu-se apenas o que se configurou como erros óbvios da tipografia, isto é, gralhas na impressão que são cometidas devido a falhas mecânicas na composição dos tipos de letras e a lapsos dos dedos na escolha dessas. Exemplos desse tipo de emenda, podem ser apreciados no quadro 4, abaixo.

Quadro 4 – Algumas correções realizadas.

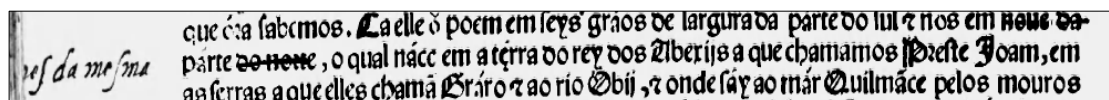
ITEM NO CORPUS	CORRIGIDO	FÓLIO
Peteira	Pereira	81v, 90v
Caratres	Characteres	1r
vanse multiplicádo	vanse multiplicando	1r
Castállos	Castelos	86v
estéua	Estaua	86v
Chagádo	Chegádo	90r
tamb.	Tambem	90r
Tholomeu	Ptolemeu	6r
Póto	Porto	90v
Asta	Esta	90v
Antrádas	Entradas	8r

Despassáda	de passada	95v
noue da páрте do norte	tres da mesma	95v

Fonte: BARROS, 1552.

Observando os dados do quadro 4, vê-se que em *Peteira* ocorreu a troca de letras próximas no tipo gráfico: r/t. Outro exemplo é *castállos* que teve *e* substituído por *a*; mesma situação de *chagádo*; *asta*, já em *estêua* ocorre o inverso: a vogal *a* é substituída por *e*. A correção de *noue da páрте do norte* justifica-se, visto que há uma indicação clara de que a emenda deve ser aplicada para *tres da mesma*. Essa sinalização pode ser observada, na figura 6.

Figura 6 – Excerto da Ásia indicando correção a ser feita.



Fonte: BARROS, 1552, f. 95v.

A edição fac-similar é composta por 128 fólhos escritos e numerados a partir do prólogo, e três folhas em branco, das quais duas apresentam o carimbo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, como se pode constatar nas figuras 7, 8 e 9, sucessivamente.

Figura 7 – Primeira folha em branco.



Fonte: BARROS, 1552, p. 2.

Figura 8 – Segunda folha em branco.



Fonte: BARROS, 1552, p. 6.

Figura 9 – Terceira folha em branco.



Fonte: BARROS, 1552, p. 14.

Buscaram-se investigar, através do contato com a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, qual seria a referência da numeração e qual seria o período do carimbo. Contudo, não houve resposta ao e-mail direcionado à Instituição, no dia 30 de maio de 2019.

O fac-símile, como se verá abaixo, não se encontra em bom estado de conservação, apresentando, logo de início, a duplicação do *prologo* e da *tavoada*, o que acarretou também a geminação do fólho 1. Os demais fólhos estão sinalizados corretamente, embora muitos deles apresentem sinais de agentes externos como traças, situação que pode ser observada na figura 10.

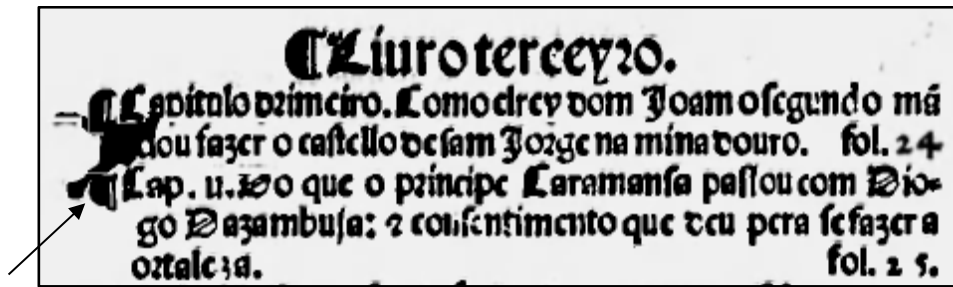
Figura 10– Desgaste do fólho ocasionado por agentes externos.



Fonte: BARROS, 1552, p. 5.

Muitos fólhos revelam danos maiores, como prováveis crateras de traças ou, quiçá, no momento da impressão, tenha sido derramada tinta sobre o texto, dificultando assim a leitura em muitas partes em que isso ocorreu. Isso demonstra que, embora seja possível desenvolver um trabalho de pesquisa com base em arquivos digitais, o contato com os originais torna-se, para definições paleográficas precisas, essencial.

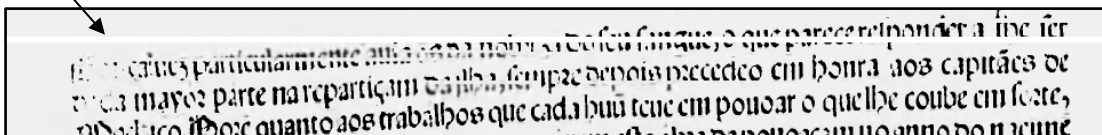
Figura 11 – Fragmento de fólho com sinais de agentes externos.



Fonte: BARROS, 1552, p. 7.

Além disso, constatam-se, no fac-símile, outros problemas, como vocábulos integralmente apagados ou atravessados por uma linha reta na horizontal; situação que se repete em muitos trechos da obra e parece denunciar, também, um lapso tipográfico, ou um óbice na elaboração do próprio fac-símile pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Logo, abaixo na figura 12, é possível verificar melhor o problema descrito.

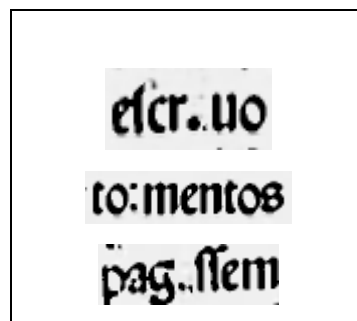
Figura 12 – Linha reta horizontal que apaga vocábulos.



Fonte: BARROS, 1552, f. 24.

Outra ocorrência comum, na obra, é a substituição de letras por um ponto, ou dois, o que pode ser conferido na figura 13. Tal fato, muito comum em obras impressas, que utilizam tipos móveis, se deve à falta de caracteres específicos, no momento da composição da página.

Figura 13 – Vocábulos com letras faltantes, incompletas ou apagadas.



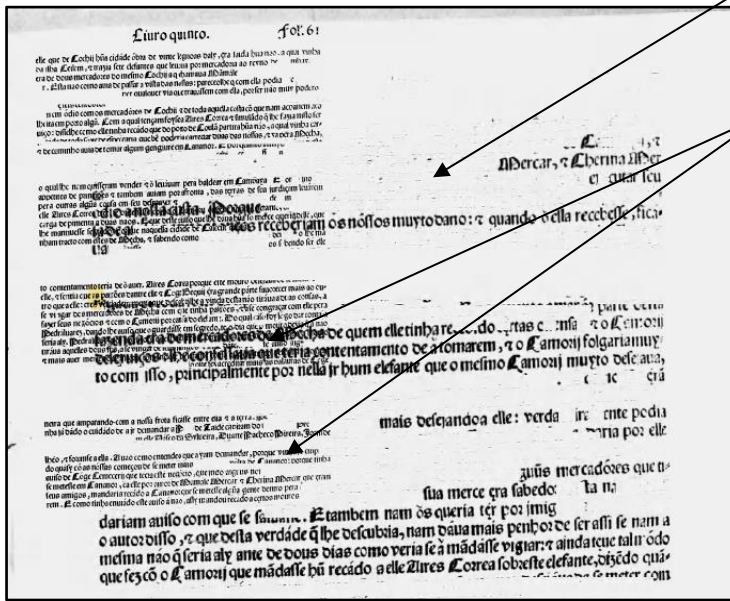
Fonte: BARROS, 1552, f. 16-17.

Verifica-se, na figura acima, que os vocábulos são recuperados a partir do contexto em que aparecem. Por exemplo, o primeiro item acima poderia ser lido como *escravo* ou *escrevo*, no entanto, o contexto em que ocorre é decisivo para que se eleja a primeira opção e não a segunda. Parece haver também uma mancha na letra *a*, tanto em *escr.uo*, quanto em *pag.ssem*,

corroborando que a impressão imperfeita pode ser causar o leve deslocamento do tipo, que não recebeu a tinta na integridade da superfície.

Problemas mais graves foram identificados nos fólhos 61, 76, 110, como se verifica nas figuras 14, 15, 16.

Figura 14 – Fólho 61.

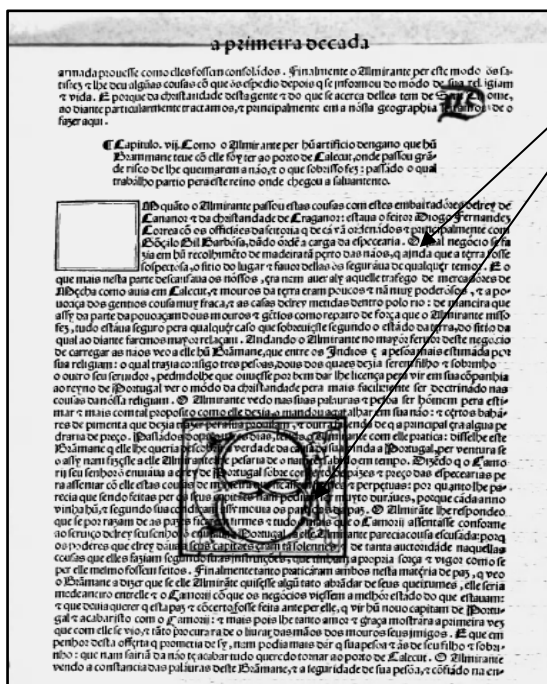


Apagamento de linhas inteiras de texto.

Vocábulo sobrepostos a outros e tamanho reduzido de letra.

Fonte: BARROS, 1552, f. 61.

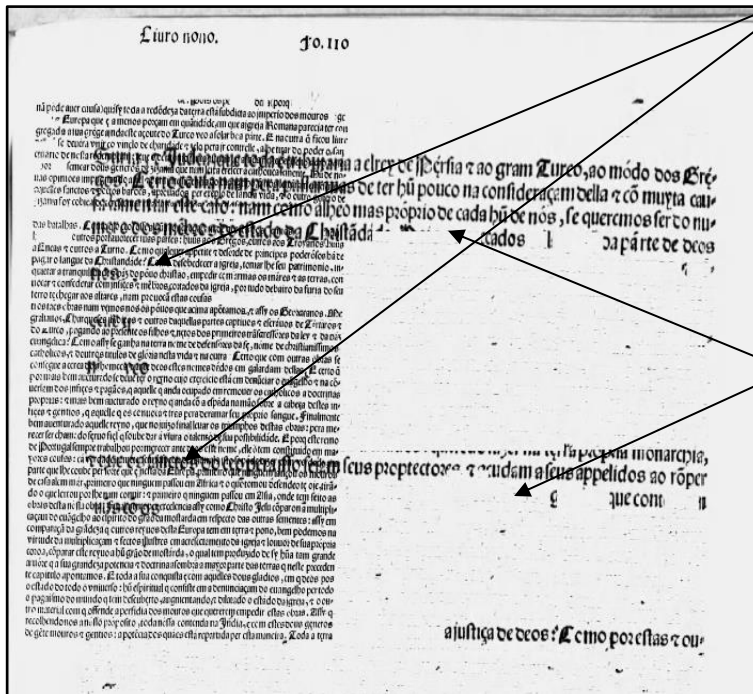
Figura 15: Fólho 76.



Tamanho de letra reduzido e capitular deslocada no texto.

Fonte: BARROS, 1552, p. 76.

Figura 16 – Fólio 110.



Tamanho de letra reduzido e vocábulos sobrepostos a outros.

Vocábulos apagados.

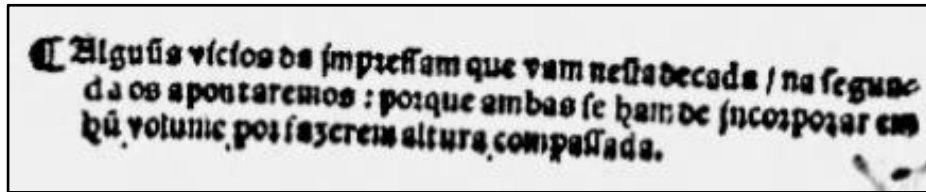
Fonte: BARROS, 1552, f. 110.

A leitura torna-se, portanto, uma tarefa árdua, senão impossível de ser realizada, tendo em vista a existência de muitos vocábulos sobrepostos a outros, ou mesmo o apagamento de linhas inteiras de texto, não permitindo uma transcrição integral do fólio. Nesses casos, na edição diplomática realizada, leu-se o que foi possível e, quando não foi possível realizar a leitura, registrou-se o fato em nota de rodapé. O conhecimento, nessas três situações, do tipo da letra, bem como do conteúdo textual, foi uma condição *sine qua non* para que a transcrição dos fólios fosse realizada.

A impressão deve ter promovido esses lapsos no fac-símile, ou talvez seja mais uma vez um problema do PDF do próprio documento. De todo modo, são conjecturas apenas, já que a edição *Princeps* está inacessível à consulta científica e pública e, somente através dela, os aspectos paleográficos poderiam ser caracterizados de maneira mais fidedigna.

Não obstante, na *tavoada* da própria obra, o editor assume que existem problemas de impressão e promete sua correção na segunda Década da *Ásia* que foi publicada apenas um ano depois da primeira (1553). Vide a figura 17, abaixo.

Figura 17 – Advertência do editor sobre os erros de impressão.



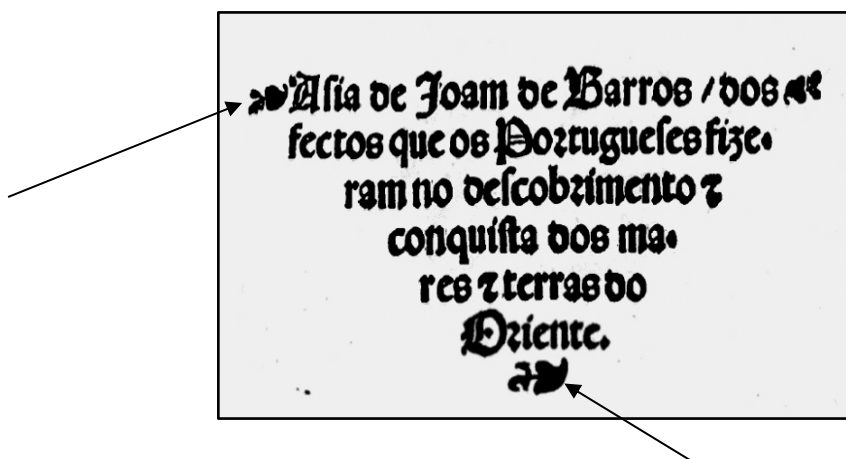
Fonte: BARROS, 1552, p. 8.

Tudo isso só retoma o que já se discutiu, anteriormente, acerca do papel do editor enquanto revisor do texto impresso, atuando na emenda do que lhe parecesse necessário.

A numeração dos cadernos inicia-se a partir da letra *a* e se estende até a letra *q*, sendo cada letra numerada de 1 a 5. A referida numeração sempre ocorre nos fólhos retos, tendo um espaço de três fólhos para que se inicie o próximo caderno. Portanto, são ao todo 17 cadernos que se estruturam sob o formato quinquenário e dão conta de organizar 128 fólhos retos.

No que tange à ilustração, verifica-se apenas um pequeno elemento decorativo na obra presente nas rubricas, como se pode apreciar abaixo.

Figura 18 – Título da Primeira Década da *Ásia*.



Fonte: BARROS, 1552, p. 1.


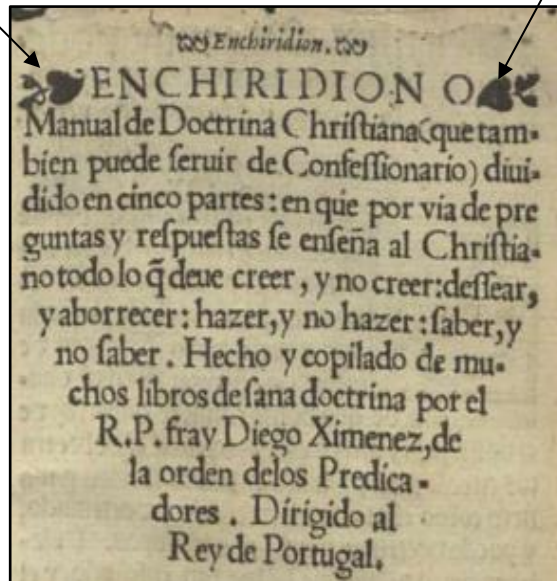
O elemento decorativo ou ilustrativo  deve representar um valor para o texto, talvez seja expressivo às obras de João de Barros, pois ocorre em outros textos do autor, como a *Cartinha* (1540), os *Diálogos* (1540) e a *Grammatica da lingua portuguesa* (1540). Apesar disso, um levantamento inicial permitiu identificar que o mesmo elemento ocorre em pelo menos duas obras, publicadas na Casa Tipográfica da German Galharde, conforme se observam nas figuras 19 e 20.

Figura 19 – *Manual de Doctrina Christiana*.


Fonte: JIMENEZ ARIAS; 1552, p. 5.

Disponível à consulta, sob o endereço < <http://purl.pt/23246>>, no site da Biblioteca Nacional de Portugal, em idioma castelhano, a obra saiu da prensa de Galharde, no mesmo ano de publicação da Primeira Década da *Ásia* (1552).

Figura 20 - *Exemplo pera bien biuir : las sietecientas del docto & noble cauallero Fernan Perez de Guzman las quales son bien scientificadas y de grandes & diuersas materias & muy prouechosas* (1564)

Fonte: PEREZ DE GUZMAN; 1564, p. 5.

Também, no idioma castelhano, a obra acima, está arquivada no endereço < <http://purl.pt/14848>> e foi publicada pouco tempo depois da *Ásia*, em 1564, na mesma Casa Tipográfica de German Galharde.

Logo, o elemento ilustrativo  estava disponível à decoração de algumas obras impressas na tipografia de Galharde, entretanto não deveria ser exclusividade sua, haja vista o editor Luís Rodrigues também utilizar o mesmo elemento na impressão de outros textos de João de Barros, como a *Cartinha* (1539), os *Diálogos* e a *Grammatica*, o que corrobora a presença da ilustração nas principais tipografias da época.

O *corpus*, em foco, faz parte de uma tradição impressa de meados do século XVI, inserida no período moderno do português (MATTOS e SILVA, 2008) e, por conta disso, apresenta pouquíssimas abreviaturas que puderam ser inventariadas, exhaustivamente no quadro 5.

Quadro 5 – Abreviaturas identificadas no texto.

ABREVIATURA	DESDOBRAMENTO
	Senhor
	qual
	quaes
	que
	qe
	pera per
	propósito
	deos
	proprio

















Fonte: BARROS, 1552.

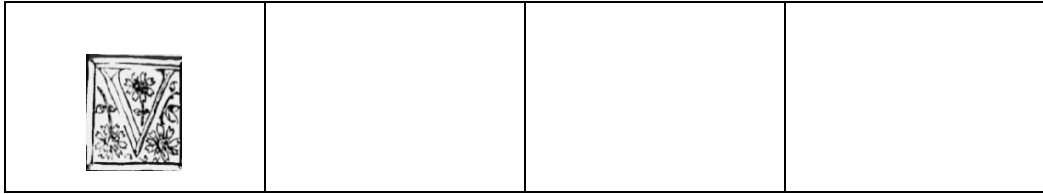
Conquanto se saiba que a escrita humanística começa a ser utilizada no século XVI, a *Ásia* (1552) apresenta a escrita gótica. Isso é comprovado, na descrição da edição fac-similar, realizada pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Esse tipo de letra se caracteriza

pelo verticalismo das linhas rectas que a integram, pelo característico traçado anguloso de formas tradicionalmente redondas (o, a, d, c, e, etc), certa desproporção entre a altura e a largura, decorrente de uma acentuada alteração do *módulo*, a articulação perfeita entre traços finos e grossos, que introduz nos textos uma espécie de gracioso claro-escuro, que muito tem a ver com mais ou menos biselada de aparar a pena. (MARQUES, 2002, p. 75).

Alerta, ainda, o autor de que a escrita gótica não tem relação com os godos e nem com os bárbaros, mas sim com uma ideia estigmatizada, cunhada pelos humanistas que a consideraram uma escrita bárbara e antiga. Tendo em vista depreendê-la no *corpus*, sem nenhuma depreciação, elencaram-se, a *priori*, no quadro 6, todas as capitulares e suas variantes; a *posteriori*, no quadro 7, apresentar-se-ão as maiúsculas e as minúsculas.

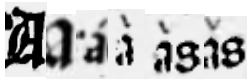



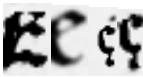
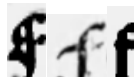




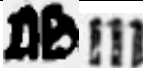

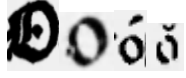








Quadro 6 – As capitulares e suas variantes.

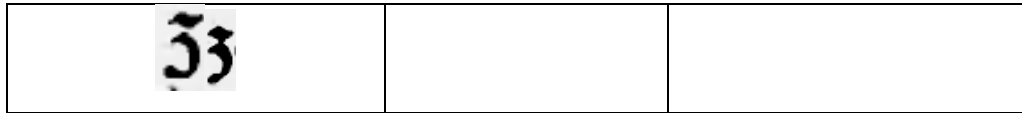
A	C	C	D
			
D	E	F	I
			
N	O	P	P
			
P	S	T	T
			
v			



Fonte: BARROS, 1552.

Quadro 7 – Letras maiúsculas e minúsculas.

A a	B b	C c
		
D d	E e	F f
		
G g	H h	I i
		
L l	M m	N n
		
O o	P p	Q q
		
R r	S s	T t
		
U u	V v	Y y
		
Z z		





Fonte: BARROS, 1552.

Há de se constatar, no quadro acima, que algumas letras capitulares são mais ornamentadas do que outras, como, por exemplo, a letra *C*, que apresenta dois estilos, um mais ornamentado e o outro nem tanto. Mesma situação se verifica com a letra *P*; além disso merecem destaque as capitulares *C*, *E*, que se assemelham muito com a capitular *A*.

Enquanto isso, a letra maiúscula *F* aproxima-se muito mais da letra *E*. A capitular *A* é muito semelhante à maiúscula *N*. Todas essas aproximações causam erros de leitura, se o editor não estiver atento aos diferentes estilos das capitulares ornamentadas. Outro aspecto ainda a se pontuar é que a ornamentação das maiúsculas é uma herança, sem dúvida, da tradição manuscrita dos textos, que, como se vê, perpassou aos impressos.

Dentre as letras representadas no quadro 7, acrescentam-se as geminadas minúsculas: *mm*, *ll*, *ss*, *rr*, como também uma herança dos manuscritos aos impressos. Nesse contexto, inserem-se o *s* e *j* longo como herança da escrita carolíngia medieval e, paralelo a isso, há o surgimento de letras da escrita Renascentista, como a ramista *v*, que é empregada sempre no início dos vocábulos, com valor consonântico e a ramista *j*, usada já como consoante na posição inicial e como vogal dentro do vocábulo. Ademais, existem diacríticos sobre e sob as vogais que sinalizam a abertura e a tonicidade da sílaba, segundo Silva e Souza (2021).

Algumas letras merecem advertência porque são muito semelhantes, como o *H* e *P*, *L* e *T*, *U* e *N*, *S* e *F* e, por isso, causaram inicialmente problemas de leitura que foram corrigidos à medida em que se editava e conhecia mais o *corpus*.

As letras (B)  e (G) , sem dúvida, apresentam contornos mais difíceis de se distinguir e, por causa disso, ocasionaram muitos problemas de interpretação, que foram sendo resolvidos ao passo em que se depreendia a ínfima diferença entre seus contornos.

Em vista do que se discutiu, pode-se concluir que o fac-símile não se encontra em boas condições, o que ocasionou muitas dificuldades de leitura no trabalho de edição. Seria necessário que outro fac-símile fosse elaborado, considerando a necessidade do acesso digital de fontes neste novo formato de conhecimento impulsionado pela pandemia do COVID-19.

4 A ESCRITA DA HISTÓRIA NA PRIMEIRA DÉCADA DA ÁSIA

Este capítulo busca discutir a noção de história/historiografia apresentada por João de Barros, em sua Primeira Década da *Ásia* (1552), tendo como base discussões travadas nos campos da história, da historiografia e, da própria, filologia textual. O intento principal é refletir sobre esse conceito, analisando narrativas, inseridas nos três dos dez livros que compõem a obra, as quais, muitas vezes, denunciam caráter extremamente literário ao invés de historiográfico. Para tanto, apresentam-se trechos da obra que evidenciam o conceito de história adotado pelo autor, e a maneira pela qual a narração é construída. A ideia é refletir sobre o lugar concedido a João de Barros de primeiro historiador do português por ter, justamente, narrado a colonização portuguesa na Ásia, África e no Brasil. Desse modo, narrativas conhecidas na história, como o (re)descobrimento da Índia e do Brasil foram invocadas nas discussões a fim de se alcançar o propósito desta análise.

O passado sempre representou um mistério à humanidade e, conseqüentemente, um desafio para aqueles que se aventuraram a desvendá-lo ao longo do tempo. Nesse ínterim, merece destaque o grego Heródoto, por ser o primeiro homem, de que se tem notícias, a pensar e registrar o passado histórico – adotando a procura pelo fato; o testemunho; e a presença. É a ideia de *Historie* sendo concretizada na Antiguidade Clássica, como aquela responsável por “fixar” um momento, baseando-se em registros orais e escritos que, certamente, traziam consigo muito da experiência e do imaginário do historiador.

De todo modo, funda-se um “método crítico” de fazer historiografia, que perdurou ao longo dos séculos e resiste até os dias hodiernos, servindo de base às pesquisas históricas (MOMIGLIANO, 2004). Métodos críticos seriam a preocupação constante com a veracidade dos testemunhos e a pretensão de se narrar a verdade dos fatos sempre, embora se saiba que todo estudo pretérito é apenas uma interpretação, ou melhor ainda, uma “construção e uma reinterpretação”, segundo a ótica de Jacques Le Goff (2009). Salienta-se a importância fundamental da filologia no desbravamento das fontes documentais que servem de referência à escrita da história, ou seja, à historiografia, oferecendo os suportes necessários ao historiador para lidar com textos antigos das mais variadas naturezas.

Justamente por debruçar-se sobre a “verdade”, a historiografia afasta-se da mitologia, conquanto comunguem características afins, no sentido em que todo mito tem seu fundo de verdade e, conseqüentemente, toda história apresenta seu lado imaginado. Outrossim,

a distinção entre estilos mítico e histórico das narrativas é esclarecida pela relação direta que muitos autores estabelecem entre conteúdo e formas de expressão. No intuito de

elucidar essa distinção, Ireland (1988, p. 160), por exemplo, afirma que os mitos são grandes histórias que aconteceram num passado indeterminado, enquanto a narrativa histórica é caracterizada por uma descrição factual dos eventos atuais fixados em um ponto específico do tempo (MOMIGLIANO, 2004, p. 206).

Dessa maneira, fica claro que a historiografia, depreendida como “a construção narrativa dos resultados da pesquisa histórica, realizada a partir do controle metódico de investigação empírica e de crítica documental” (CORDEIRO, 2015, p. 2), não se debruça sobre verdades absolutas, até porque não existem, mas sobre indagamentos dos fatos, promovendo com isso discussões sobre até que ponto vai a objetividade do historiador. Nesse contexto, Le Goff (1990) defende que

as condições nas quais trabalha o historiador explicam ademais por que se tenha colocado e se ponha sempre o problema da objetividade do historiador. A tomada de consciência da construção do fato histórico, da não-inocência do documento, lançou uma luz reveladora sobre os processos de manipulação que se manifestam em todos os níveis da constituição do saber histórico. Mas esta constatação não deve desembocar num ceticismo de fundo a propósito da objetividade histórica e num abandono da noção de verdade em história; pelo contrário, os contínuos êxitos no desmascaramento e na denúncia das mistificações e das falsificações da história permitem um relativo otimismo a esse respeito (LE GOFF, 1990, p. 7).

Segundo o autor, acima, a objetividade no labor histórico é possível, conquanto seja relativa. A história, mesmo considerada “o reino do inexato”, com sentido “confuso e “misturado” (RICOEUR, 2007, p. 226), pode ser objetiva no sentido em que se recorta um dado acontecimento e o registra para a posteridade. A história seria, na verdade, um conjunto de memórias coletivas que erigem numa época e, assim, o passado não teria existência real, já que só seria invocado a partir das lembranças revividas. Essa relação é brilhantemente discutida na obra *O Vendedor de Passados*, de Agualusa (2004), quando o protagonista exerce a função de criar e, conseqüentemente, vender passados a partir de suas reminiscências. O interessante, ainda, é que uma osga (lagartixa) compartilha as memórias inventadas, colaborando para que sejam vistas como verdadeiras no presente.

Umberto Eco, em sua obra *Baudolino*, também reflete sobre as memórias construídas pela história quando acredita que

A história se transforma no livro dos vivos, como uma trombeta poderosa, que ressuscita do sepulcro aqueles que há séculos não passavam de pó. Para isso, todavia, precisamos de tempo, sendo realmente necessário considerar os acontecimentos, combiná-los, descobrir-lhe os nexos, mesmo aqueles menos visíveis (ECO, 2010, p. 19).

Nesse ambiente, o texto escrito, sem dúvida, possibilita maior “trânsito” entre os tempos históricos, dando os suportes necessários à historiografia, ao mesmo tempo em que representa o maior desafio do estudo histórico, uma vez que as memórias históricas nem sempre são diáfanas. Não obstante, ancorada nos textos, a historiografia desde o século passado tornou-se

um subcampo da História, tendo a historicidade como característica primeira, a qual se configura

como a temporalização da temporalidade humana, ou, em outras palavras, a efetivação dessa condição estrutural do humano, o tempo histórico. No acontecer histórico, o primado do passado é uma espécie de ilusão derivada da concentração metafísica no presente, pois todo acontecer como propriamente humano é sempre uma temporalização (ARAÚJO, 2013, p. 39).

O tempo histórico é heterogêneo e não necessariamente dividido em períodos lineares, como estabeleceu a sociedade ocidental, o que significa afirmar que o passado e o presente estão inter-relacionados, e que sua separação é apenas uma construção cultural historicamente erigida. O que existe entre o passado e o presente são “rupturas e discontinuidades inultrapassáveis quer num sentido quer noutra” (LE GOFF, 1990, p. 18), que mantêm ambos numa relação ininterrupta de continuidade. Se o próprio tempo tem história, certamente não há sociedades humanas sem *histórias* (HEIDEGGER, 2009).

Com isso, Franco Júnior (2001, p. 215) defende ser fundamental repensar-se a Idade Média, pois apesar do ritmo acelerado das mudanças instauradas a partir do século XVI, no geral, a “essência era a mesma”, de antes, sendo as “especificidades” ‘modernas’ apenas quantitativamente diferentes das ‘medievais’. Portanto,

os quatro movimentos que se convencionou considerar inauguradores da Modernidade — Renascimento, Protestantismo, Descobrimientos, Centralização — são em grande parte medievais. O primeiro deles, o Renascimento dos séculos XV-XVI, recorreu a modelos culturais clássicos, que a Idade Média também conhecera e amara. Aliás, foi em grande parte por meio dela que os renascentistas tomaram contato com a Antigüidade. As características básicas do movimento (individualismo, racionalismo, empirismo, neoplatonismo, humanismo) estavam presentes na cultura ocidental pelo menos desde princípios do século XII. Ou seja, como já se disse muito bem, ‘embora o Renascimento só invoque a Antigüidade, é, realmente, o filho ingrato da Idade Média’ (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 216).

Os grandes (re)descobrimientos portugueses assentados nos tempos modernos têm sua raiz na Idade Média, visto que se apoiaram

nas técnicas náuticas (construção naval, bússola, astrolábio, mapas), na motivação (trigo, ouro, evangelização) e nas metas (Índias, Império de Preste João). Também existiam antecedentes medievais nas viagens normandas ao Oriente e à América (esta comprovadamente atingida pelos noruegueses por volta, do ano 1000), italianas à China (Marco Polo, por exemplo) e ibéricas à África. Colombo, para nos limitarmos ao navegador-descobridor mais famoso, era em todos os sentidos um homem muito mais “medieval” que “moderno”: objetivava mais a difusão do cristianismo do que o ouro; desejava este apenas para realizar uma Cruzada a Jerusalém; atraía-o ao Oriente acima de tudo a crença de que lá se localizava o Paraíso Terrestre (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 216-217).

Dessa feita, seria a Idade Média um prolongamento histórico de muitos séculos, que apenas adquiriu “roupagens” diferentes, entretanto manteve sempre a essência da criação medieval, o que significa afirmar que os séculos XVI e os subseqüentes ampliaram a mentalidade e as mudanças que ocorreram ao decorrer da história. Isso comprova a

continuidade dos tempos e, certamente, põe em evidência a importância significativa da Idade Média para a contemporaneidade que, sem dúvida, a preserva em alguns setores sociais, como o religioso – mantendo a cristandade; o político – a democracia medieval; e o econômico – o capitalismo, descendente histórico do mercantilismo.

Vale ressaltar que mesmo assim as periodizações sobre uma língua são essenciais para que o filólogo, ou o linguista histórico possam observar, através dos textos, a variação e mudança linguísticas, bem como as reconfigurações socioculturais de determinada época histórica.

Logo, a Primeira Década da *Ásia* (1552) é uma crônica historiográfica que, além de descrever fatos históricos, vai evidenciar também a ideia do mito nas narrativas, corroborando que, nessa época, história e mitologia eram inseparáveis à escrita do homem renascentista. Sob essa lógica, neste trabalho, pretende-se discutir a noção de história que o autor adotou em sua imponente obra, voltada a contar a história dos (re)descobrimientos em África, em Ásia, e em América. Para confirmar isso, analisaram-se três dos dez livros, que constituem a obra, nomeadamente o primeiro, o quarto e o quinto.

A ideia é refletir sobre o lugar concedido a João de Barros de primeiro historiador do português por ter, justamente, narrado a colonização portuguesa em pelo menos três continentes. Desse modo, narrativas conhecidas na história, como o (re)descobrimento da Índia e do Brasil foram invocadas nas discussões a fim de se alcançar o propósito desta análise.

4.1 A “LIÇAM” DE HISTÓRIA EM JOÃO DE BARROS

O autor, no prólogo de sua terceira Década da *Ásia* (1563), tece reflexões acerca da história e do ofício do historiador, amparado em filósofos da antiguidade como Platão, Sócrates, Aristóteles que, como é sabido, fundaram o pensamento filosófico ocidental. O que se aflora evidentemente é tanto o espírito humanista quanto renascentista de João de Barros, que retoma o velho (os filósofos) e os reinterpreta criticamente no presente.

Dessa maneira, a história para Barros, *a priori*, é uma “liçam”¹³, que se dedica ao estudo do passado, e os homens que a ignoram

¹³ A escrita está de acordo com as Décadas da *Ásia* consultadas (1552, 1553, 1563, 1615).

auorecem as letras, sam a elles muy conformes: cá nunca o seu juizo se estende a mais que ao presente a olhar se lhe traz damno ou proueito a vida”, e do jntendimento das outras cousas fazem pouca conta (BARROS, 1563, f. 14).

O conhecimento histórico é, pois, essencial para se compreender o presente através do passado e para que haja sabedoria entre a humanidade. A história tem seu valor imensurável, sendo mister à existência do homem, que poderá entender a si mesmo e o mundo à sua volta.

No que tange ao ofício do historiador, é

tã próprio do homẽ (como diz Aristotelis) que lhe vierã chamar inuestigador e jnuẽtor das cousas. Porque os homeẽs se deleitauam mais em a noticia das cousas que sabẽ per exemplo, que per enthymema, que e hũa razam curta, de que os logicos vsam a que Tullio chama argumẽto que conclude em hũa soo cousa. E parece que Aristotelis pergunta: porque os exemplos tẽ muytas razões, causas e viuos feitos, em que o jntendimento se mais satisfaz, e deleita, que em hũa soo razam seca e curta (BARROS, 1563, f. 15).

A importância de se questionar os fatos históricos está evidente na reflexão acima, o que põe a desconfiança como característica fundamental na explicação das coisas. É natural do homem não se importar com a notícia que ouve, apenas reproduzi-la, sem refutá-la. A maior de todas as responsabilidades do historiador assenta-se em fazer o que não é comumente feito, refletir sobre o porquê e o como dos eventos históricos terem acontecido nas sociedades.

Assim sendo, a história configura-se como

hum ágro e câpo onde está semeada toda a doutrina, diuinal, moral, racional e jnstrumental: quem pastar o seu fructo, cõuertello ha em forças de jntendimento e memoria, pera vso de justa e perfecta vida, cõ que apraz a Deos e aos homeẽs. Pera fica aqui hũa parte a mais principal desta liçã da historia, que e saber enleger qual historia esta será, pera fructificar em proueito proprio e comũ (BARROS, 1563, p. 15-16).

O valor excepcional da história reflete-se acima nas palavras do autor, repleto de exageros é certo, mas sem dúvida justificado como fonte de todo saber humano. A história chega a ser concebida como uma doutrina divina que, como tal, deve ser piamente seguida por todos. É como se fosse uma espécie de escritura sagrada em que se encontram todas as leis e mandamentos, norteadores da convivência humana em toda sua plenitude. Vale ainda salientar que a história é uma lição que deve ser aprendida e ensinada, tendo, pois, caráter essencialmente pedagógico. Todo esse valor atribuído à história é, certamente, uma forma de justificar o edifício monumental em que se assenta a obra de João de Barros que, como se verá, historia os grandes (re)descobrimientos portugueses com assaz astúcia, revelando-se um historiador a caráter e, conseqüentemente, um grande autor epopeico.

Alerta ainda o escritor que um homem sem a “doctrina da história” é como “hum mudo entre doctos oradores, ou surdo ante armonia das vozes”(BARROS, 1563, f. 15). Os italianos são referência no registro de seu passado glorioso, o que só engrandece a nação com os grandes feitos de homens honrados, e Portugal tem muito que se orgulhar de suas *Décadas da Ásia* (1552, 1553, 1563, 1615), que espelham os atos memoráveis dos desbravadores do Novo Mundo. Desse modo, história também é memória no sentido em que, somente através dela, o passado dos grandes feitos é rememorado por gerações e gerações.

É, portanto, inaceitável um homem não conhecer a história de sua nação, constituída pelos reis que a governaram e os enfrentamentos que tiveram; é uma questão de educação cívica depreender o passado nacional para que não caia, sobretudo, no esquecimento. Claramente João de Barros, com seu patriotismo, preocupa-se com o registro das memórias que colaborarão para consolidar o Estado Português num grande Império Além-Mar. A história para ele é, decerto, a história oficial dos (re)descobrimientos, a que o tempo consagrou como única ao longo dos séculos.

Para tal registro das memórias históricas,

Sómente hũa cousa lembrará a essa nossa pena, em ã fique entendido parte do que leixou por dizer, cõ que satisfaremos a obrigaçam da pratica: ser doctrina Platonica (como traz Plotino em o livro de sapiencia) que nao conuem olhar sempre as cousas presentes, mas a revoluçam que ellas tem do preterito pera o futuro. Porque o seu curso natural, e hum bem responder ao outro e hum mal a outro mal: por estarẽ as cousas futuras subjectas a terem as vezes que já tiueram, quasy com hũ curso circular. E como a historia e hum espertador do entendimento pera a consideraçam deste natural e christão curso, a primeira liçam (depois da diuina que sempre deve preceder a todas) em que se deuem criar aquelles que Deos elegeo pera o governo e administraçam publica: e em os annaes e chronicas de seu proprio regno e patria (BARROS, 1563, f. 17).

Os fatos históricos repetem-se ao decorrer do tempo, estabelecendo uma ponte necessária entre o passado, o presente e o futuro, confirmando como “verdadeira a teoria da repetição cíclica dos acontecimentos históricos, isto é, das leis históricas” (BUESCU, 1984, p. 33).

A primeira e principal parte da história e a verdade della, e porẽ em algũas cousas nam ha de ser tanta, ã se diga por ella o dito da muyta justiça que fica em crueldade, principalmẽte nas cousas que tratam da infamia dalguem ainda que verdade sejam (BARROS, 1563, p. 18-19).

A verdade histórica presente em Barros é condicionada, como já se afirmou, por seu patriotismo, próprio de seu tempo que, naturalmente, se compõe também de fatos mitológicos, responsáveis por dar eloquência às narrativas. A verdade em João de Barros é caracterizada, ainda, pela omissão de alguns acontecimentos, uma vez que o autor afirma não escrever acerca

dos desentendimentos entre os portugueses, mas somente sobre as guerras travadas contra os povos infiéis.

Salienta, ainda, Barros a relevância da fábula no que concerne à narração dos grandes feitos que, justamente por trazer consigo uma invenção, ou um mito, torna a história mais interessante aos ouvidos de quem a recebe. Com isso, mostra-se inclinado à mitologia, reconhecendo a erudição que há nas grandes fábulas, contadas por homens que se destacaram na história, como Alexandre, o grande, e o poeta grego, Homero.

Mas porque tem tanto poder a força da eloquencia, que mais doce e accepta e na orelha e no animo, hũa fabula composta com o decóro que lhe conuem: que hũa verdade sem órden e sem ornáto que e a forma natural della. E esta acceptaçam nã e em orelhas de homens gêtios ou profanos, mas de graues e doctos barões da religiam christaã: como se ve na liçam grega e latina, tantas vezes recitada e repetida nas suas escollas (BARROS, 1563, f. 21).

As fábulas consideradas um “conjunto de fatos e aventuras (reais ou imaginários) que servem de base à ação de um drama, romance, epopeia ou conto” (AULETE, 2010) deve ter contribuído para a escrita da *Ásia*, de João de Barros que, inclusive, tinha experiência com novelas de cavalaria, ao escrever as crônicas de Clarimundo (1522), uma personagem que se torna rei da Hungria e, posteriormente, imperador de Constantinopla, e dele descendem todos os reis de Portugal.

Ancorado na sua experiência de cronista, Barros no prólogo de sua *Ásia* (1552, f.1r) reconhece que realizou uma “hũa pintura mephaforica de exercitos e vitorias humanas, nesta figura nacional do emperador Clarimũdo” e, portanto, “afim de aparár o estilo de minha possibilidade pera ésta vossa Asia”, manterá o estilo ficcional também nas *Décadas*, embora saiba se tratar de uma obra historiográfica.

Com isso, vê-se que os limites entre a ficção e a história não estão tão nítidos como aparentam em uma primeira análise, mas imbricados conforme se verá com a discussão de alguns fragmentos, extraídos dos capítulos II, do primeiro livro (A descoberta da costa da Berbéria e da Guiné); capítulo III, do mesmo livro (A descoberta da Ilha da Madeira); e os capítulos VII, do livro quarto (Descobrimto da Índia por Vasco da Gama), e o capítulo II, do livro quinto (Descobrimto do Brasil).

4.2 Narrativas historiográficas

No que concerne à descoberta da costa da Guiné, Barros apoia-se nas crônicas de “Gomezeanes de Zurára”, cronista do reino, e nas “távoas de Ptolemeu”, trazendo, com maior desafio para a descoberta, a passagem dos navios pelo cabo Bojador – que “cegava a todos” que ousavam atravessá-lo – até um certo cavaleiro, chamado Gil Eanes passar pelo cabo e provar ao então rei Dom Henrique III que, diferentemente do que se afirmavam, as terras da costa da Guiné eram “frescas e graciosas”. Esse famigerado fato ancora-se em uma apologia bíblica, pois,

parece que assim em o vélho testamêto lemos que deos nam consentio q̃ David sendo a elle tam accepto, lhe edificasse templo por ser baram que trazia as mãos tintas de sangue humano das guerras que teue, e quis que este templo material lhe edificásse Salamam seu filho por ser rey pacifico e limpo deste sangue: assy permitio estar esta páрте do mundo tâtas centenas de annos encuberta e escondida. Porque tam grande cousa como éra a edificaçam de sua jgreja nestás partes da jdolatria, conuinha q̃ fosse per huñ baram tam puro, tam limpo, e de coraçam tam virginal como foy este infante dom Anrique que abrio os alicéces della (BARROS, 1552, f. 110r).

Nesse momento, João de Barros aplica, pedagogicamente, a lição primeira desse tipo de “história” quando a ancora em uma perspectiva divina, algo que irá se repetir noutros trechos de sua obra. Sob essa lógica cristã, a colonização é justificada, embora tenha sido apenas uma forma que os europeus encontraram de explicar, se é que pode ser explicável, a violência e o extermínio de inúmeros povos autóctones.

E quis deos q̃ a este seu esfórço nã desfaleceo bom acontecimêto: porque sendo já passáda a mayór páрте do dia da menhaã q̃ partirã, acharã jutos dezanóue homeês cada hũ com seu dárdo na mão á maneira de azagáyas (BARROS, 1552, f. 104r).

E ainda

Ser estimádo por hũ honrado feito. Porque quem consirar a jdáde delles e a estranheza de terra, e quãta fabula a gente de Espanha della dizia, e os temores que tinham concebido do que nella auia: auerá que foy óbra de generoso e esfórcado animo, entrar per ella tã longe, quãto mais cometer dezanóue hómeês de figura tam difórme que sómente esperar a vista delles era asaz ousadia (BARROS, 1552, f. 105r).

Retomando o tom ficcional das narrativas, o autor narra o acontecimento a seguir:

Partido daly Afonso Gonçalvez, obra de doze legoas, foy dar em hũ rio a entráda do qual em hũa coroa q̃ se fazia no meyo, virã jazer tanta multitudam de lóbos marinhos, que fóram assômãdos em numero de cinco mil: dos quães matárã boa sôma de que truxerã as pelles por naquelle tẽpo ser couia muy estimáda (BARROS, 1552, f. 107r).

A morte dos lobos corrobora a coragem dos portugueses que, no meio de tantas feras, saíram todos vivos, e ainda levaram uma mostra violenta de sua bravura. Sem dúvida, uma fábula digna de ser recontada e memorada, além de confirmar o patriotismo exacerbado do narrador que visa justamente a esse propósito. Não obstante, a descoberta da Guiné também

ancora-se no discurso histórico, obtido através das cartas enviadas por Francisco da Dalmeida, Afonso de Aboquerque e Nuno da Cunha ao rei Dom Henrique III, as quais descreviam minúcias das terras colonizadas e serviram de referência, certamente a Barros em sua grande empreitada.

Sobre a (re)descoberta da Ilha da Madeira, destacam-se as personagens de Tristam Vaz e Joam Gonçalvez, como os primeiros colonizadores, segundo a crônica do então Gomezeanes de Zurára. Os ditos lobos marinhos também estão presentes na ilha e andam, incrivelmente, pela terra, deixando rastros por onde passam, aludindo mais uma vez ao fantástico na narrativa. No entanto, mais uma vez, os acontecimentos estão atrelados à ideologia religiosa.

Cousa que o infante muyto sentio e parece ã como profecia vio esta necessidade presente que a ilha tem de lenha: porque dizem que mandaua q todos plátassem mátas, polo negocio dos açucares de que a jlha lógo deu móstra, gastar tanta que éra certo vir a esta necessidade. E a primeira jgreja ã o infante mādou fundar, foy nóssa senhora do Calhão e depois que a jlha começou a multiplicar em pouoações se fundou nóssa senhora da Assumpçã que óra é see cathedral arcebispado primás das Indias. Depois no anno de mil quatro cetos trinta e tres em a villa de Sintra a vinte seis de Setembro, el Rey dom Duarte jrmão deste infante lhe fez doaçam della em dias de sua vida, e no anno seguinte em a mesma villa a vinte seis Doctubro deu todo o espirital della a órdem de Christo: as quáes doações depois lhe forã confirmádas per el rey dom Afonso seu sobrinho o anno de mil quatro centos e trinta e nóue (BARROS, 1552, f. 115r).

Claramente, vê-se que nomes de reis e datas são citadas, o que corrobora a veracidade dos fatos e torna a narração historiográfica. Mas quando se descobre o lugar chamado de Porto Sábcto, na ilha da Madeira, a alusão ficcional retorna e evidencia a maldição dos coelhos que, por serem milhares, não permitiram que a ilha fosse povoada devidamente por homens. É “a revolução dos bichos”, ou melhor de coelhos, nesse eminente capítulo da Década. O interessante é que, inicialmente, os coelhos representaram a “esperança da grande multiplicação que auiam de ter na térra. E certo que esta esperança da multiplicam da coelha os nam enganou, mas foy com mais pesar que prazer de todos” (BARROS, 1552, f. 17r).

Estando a África conquistada, o rei Dom Manuel incumbiu a Vasco da Gama a colonização da Índia, o qual assumiu a função de capitão-mor e teve como capitães Paulo da Gama, seu irmão, e Nicolau Coelho, fidalgo da casa do rei. Abençoado por vossa majestade, Vasco da Gama realizou juramento solene perante a bandeira de Portugal.

Eu Váscó da Gãma ã óra per mādado de vós muy alto e muyto poderóso rey meu senhor, vou descobrir os máres e térras do oriēte da India, juro em o sinal desta cruz em ã ponho as mãos, ã por seruiço de deos e vosso, eu a ponha asteáda e nã dobráda, ante a vista de mouros, gētios, e de todo genero de pouo onde eu for: e ã per todolos perigos de águoa, fogo, e férro, sempre a guarde e defenda ate móрте. E assy juro ã na execuã e óbra deste descobrimeto ã vós meu rey e senhor me mãdaes fazer, cõ toda fe, lealdade, vigia, e

diligência eu vos sirua guardãdo e cõprindo vóssos regimêtos ã pera isso me forẽ dãdos, ate tornar onde óra estou ante a presença de vóssa real alteza, mediãte a graça de deos em cujo seruiço me enuiães (BARROS, 1552, f. 122).

Um verdadeiro acontecimento histórico se apresenta, deixando clara a desafiante empreitada que havia pela frente para que o reino pudesse consolidar suas riquezas que, nesta época, já era uma superpotência europeia. Para tanto, Vasco da Gama e seus companheiros serão reconhecidos como cavaleiros andantes, no decorrer da colonização, ao enfrentar mouros hereges e monstros ferozes, como os famosos lobos-marinheiros, os temíveis dragões de sete cabeças e muitas outras criaturas míticas, frutos da imaginação de João de Barros. Novamente a fábula toma a cena, aproximando consideravelmente esse importante evento histórico das famosas novelas de cavalarias da época.

Vale pontuar que Barros é um conhecedor da cultura e da língua árabe, pois afirma depreender o “Zarigh”, obra em que são narradas as conquistas arábicas, e que deve ter servido de fonte para o autor em seu projeto historiográfico da *Ásia*.

Depois de sete capítulos, narrando todos os enfrentamentos de Vasco da Gama e seus capitães, o historiador Barros apresenta geograficamente a Índia, sendo bastante convincente na descrição do fato.

A regiam a que os geographos própriamête chamã India, e a térra ã jaz entre os dous jllustres e celebrãdos rios Indo e Gange, do qual Indo ella tomou o nome: e os pouos do antiquissimo reyno Delij, cabeça per sitio e poder de toda esta regiam, e assy a gente Pársea a ella vezinha, ao presente per nome próprio lhe chamam Indostan. E segundo a diliniaçam da tauóã ã Ptolemeu faz della, e mais verdadeiramente pela noticia q óra cõ o nõsso descobrimento temos: per excelencia bem lhe podemos chamar a gram Mesopotamia. Porque se os Gregos deram este nome ã quer dizer, entre os rios, áquella pequena párte da regiam Babylonica que abraçam os dous rios Eufrates e Tigres: assy pela situaçam desta entre as correntes dos notauées Indo e Gange ã descarrégam e vãzam mais notáuel do que se fãz em dizer Jndia dentro do Gange, e Jndia alem do Gange, bem lhe podemos chamar a gram Mesopotãmia, ou Indostan, ã e o proprio nome que lhe dam os pouos ã a habitam e vezinham (BARROS, 1552, f. 242).

Recurso válido do autor apoiar-se na geografia para explicar uma terra desconhecida a seus olhos, revelando ser um verdadeiro homem das letras cujas leituras ultrapassaram as *Chronicas* do reino (1522). Um historiador perspicaz ciente de que era necessário a erudição, somada aos conhecimentos geográficos para que a verdade dos fatos fosse alcançada e, assim, se eternizasse na memória das gerações futuras.

Mais cinco capítulos de narração linear dos acontecimentos, João de Barros finda todas as aventuras e desventuras enfrentadas pelo “cavaleiro navegador”, Vasco da Gama, deixando claro seu intento de oferecer aos portugueses uma verdadeira obra de ação, formada pela colisão

do fantástico com o histórico. Nesse contexto, o rei Dom Manuel tem relevância fundamental à narração, pois é quem ordena o (re)descobrimento da Índia, além de dar a recompensa, estabelecendo o que se convencionou a chamar de “moldura da história” (CARVALHO, 2000, p. 38).

As narrativas da Índia destacaram-se na história e devem ter sido referência à obra dos *Lusíadas*, o que só ratifica a importância da Ásia (1552) para Portugal, especialmente, para a estirpe literária da época.

Se a ordem e a recompensa do rei organizam o Livro Quarto, *Os Lusíadas* apresentam o monarca como sendo mais uma das personagens da história portuguesa. Camões não inicia o poema com o rei e sua decisão, mas em pleno mar, *in media res*. O rei só aparece em primeiro plano na narrativa de Vasco da Gama ao rei de Melinde, *flash-back* não só da viagem até aquele momento, mas da história de Portugal. D. Manuel, mais do que a autoridade máxima, é o homem que sonha e prevê as conquistas portuguesas. Para o rei de Barros tudo se limita às necessidades econômicas e religiosas da dinastia portuguesa, enquanto para o rei de Camões o sonho se impõe, invenção que se quer fazer História. O sonho, além de humanizar esse monarca, afasta a epopéia da historiografia oficial, a qual registra apenas os solenes pronunciamentos (CARVALHO, 2000, p. 39).

São dois renascentistas reconhecidos pela história a partir de vieses diferentes. Um é eminentemente historiador, pois registra as datas e os fatos históricos, apesar de também trazer à cena a epopeia. O outro dedica-se à narração a partir de estilos literários propriamente ditos, elaborando os famosos cânticos de louvor à nação. Entretanto, sem dúvida, a narrativa de Camões assemelha-se a de Barros, devido ao tom literário empregado por ambos em suas obras.

No tocante à chegada de Cabral ao Brasil, a narrativa pauta-se em um ato solene realizado através de uma missa feita especialmente para a ocasião, denunciando com isso que a religião era o primeiro pilar da colonização. No dia 09 de março de 1500, véspera da Semana Santa, a frota de três navios, comandada pelo cavaleiro Cabral parte com destino às ilhas de Cabo Verde.

E a principal cousa do regimento q̃ PedraAlvarez leuáua, era primeiro q̃ cometesse os mouros e gente Jdolátra daquelas pártes com o gladio material e secular: leixásse a estes sacerdótes e religiosos usar do seu espiritual. Que era denüciárlhes o euangelho, com amoestações e requirimento da parte da jgreja Romana, pedindolhe q̃ leixássem suas idolatrias, diabólico ritos e costumes, e se conuertessem á fé de Christo (BARROS, 1552, f. 270).

João de Barros, utilizando agora o suspense, explica que os navios perderam-se no mar, no caminho de volta, ancorando em uma terra estranha no dia 24 de abril de 1500, a qual deu segurança à aportação dos navios e, com isso, passou a se chamar Porto Seguro. Nessa terra, havia “ao longo da práya muyta gente nua, nam préta e de cabelo torcido como a de Guine:

mas toda de cor báça, e de cabelo comprido e corredio, e a figura do rostro cousa muy nóua” (BARROS, 1552, f. 271). O estranhamento cultural é evidente nesse encontro e a língua, sem dúvida, representou o maior empecilho entre os colonizadores e os indígenas. “Começou hũ negro grumete falar a língua da Guiné, e outros ã sabiam algũas palauras do arauigo, mas elles ñe a língua nem aos acenos em que a natureza foy comũ a totalas gentes ñũca acodirà” (BARROS, 1552, f. 271).

Interessante observar é que o topônimo Brasil não é aceito de bom agrado e, com isso, é refutado pelo autor da Primeira Década da *Ásia*, que assevera ser uma interferência demoníaca e, por isso,

em outra cousa nesta páрте me nam pôsso vingar do demônio, amoesto da páрте da cruz de Christo Jesu a todolos que este lugar lerem, que dem a esta térra o nome que com tanta solênidade lhe foy pósto, sob pena de a mesma cruz que nos há de ser mostráda no dia final, os acusar de mais devótos do pao brasil que della. E por honra de tam grande terra chamemos lhe prouincia, e digamos a Provincia de Santa cruz, que sóa melhór entre prudentes que brasil posto per vulgo sem consideraçam e nam abilitado pera dar nome ás propriedades da real coroa (1552, f. 273).

Mais uma vez é a voz renascentista em ação, louvando a pátria através de uma apologia religiosa. É o homem da casa do rei, amparado no discurso conservador, revidando o resgate do passado histórico, todavia a “memória” que ficou foi a da terra, com seu pau-brasil que muito lhe proporcionou riquezas e a destacou dentre as demais. É a natureza sendo mais forte do que a cultura, ao pirogravar o topônimo Brasil para sempre na memória de sua história.

Por fim, há o tom supersticioso na narrativa quando Pedro Álvares Cabral sai de Sancta Cruz, com destino a Portugal e, ainda no mar, depara-se com

hũa grande cometa com hũ ráyo que demoraua cõtra o cábo de bóa esperança: a qual foy vista por todolos darmáda per espáco de oito dias sem se mouer daquelle lugar, parece que pronosticáua o triste cáso q logo viram (BARROS, 1552, f. 274).

Nesse momento, João de Barros assume sua natureza humanista, explorando o drama e a tragédia na narrativa, quando descreve o pavor e o desespero dos cavaleiros em alto mar, ao enfrentar ventos extremamente violentos que, de maneira trágica, arrastaram para morte viajantes experientes, como o corajoso “Bertolameu Dias”. É o momento da narrativa em que ocorre uma verdadeira tragédia e, desse modo, as habilidades do historiador com os gêneros literários gregos destacam-se na obra.

O historiador em foco é onipresente e onisciente em suas narrativas, o que provoca questionamentos acerca de sua presença física em todos os acontecimentos históricos, visto que

a narração é intensamente vivenciada, além de ser linear, obedecendo a um ordem cronológica dos fatos.

Outro aspecto marcante da narrativa é, como se viu, a relação direta da literatura com a descrição de fatos, confirmando ser impossível separar o “joio do trigo”, já que toda história é uma memória construída e, como tal, tem acontecimentos irreais e reais, podendo ser adulteráveis ao decorrer dos séculos. Exemplo claro disso verifica-se na personagem de Baudolino, de Umberto Eco, um mentiroso espertalhão, que remonta e monta a história medieval, com suas astúcias de cavaleiro andante. Nicetas, um escritor de histórias, amigo de Baudolino, corrobora que “numa grande História podem-se alterar pequenas verdades, para ressaltar a verdade maior” (ECO, 2010, p. 402).

Como se pôde constatar, com as discussões engendradas, história e ficção não se distinguem na obra, de João de Barros, porque o conceito que o autor tem de história é muito diferente do que se tem hoje. Portanto, muito do que narra é fruto de seu imaginário enquanto homem da Renascença, embora tenha tido a sua disposição documentos verídicos sobre os (re)descobrimientos.

Não obstante, tem ciência de estar elaborando uma famigerada epopeia sobre os feitos portugueses pelo mundo e, assim, ancora-se na literatura para buscar a linguagem que dará às narrativas eloquência e, muitas vezes, religiosidade e misticidade. Tudo isso não impossibilita que seja de fato considerado um historiador, embora não tenha sido o primeiro em língua portuguesa, já que antes dele vieram outros, como Gomes Eanes de Zurara e Fernão Lopes, ambos cronistas do reino que iniciaram a empreitada de historiar a história de Portugal pelo mundo e serviram de referência à escrita da Primeira Década da *Ásia*. Em verdade, conclui-se que a história oficial, pelo menos a dos (re)descobrimientos, não pode ser de nenhuma maneira única, já que é, por si só, fragmentária.

5 OS DIACRÍTICOS EM JOÃO DE BARROS: REGRAS, USOS E SUA RELAÇÃO COM A HISTÓRIA DO PORTUGUÊS

Objetiva-se, neste capítulo, inventariar e discutir os diacríticos empregados por João de Barros, utilizando como recorte de estudo o livro inicial da primeira década da *Ásia* (1552), que é formado por dezoito fólios, retos e versos. Busca-se, com isso, depreender a regra e o uso de aplicação para, posteriormente, refletir sobre a língua portuguesa representada no texto.

Salienta-se que, no século XVI, Barros já podia contar com a tecnologia da imprensa que promoveu a difusão do livro e do conhecimento, ainda que não tivesse uma norma uniformizada para a escrita, o que só viria efetivamente com Gonçalves Viana, em 1910, ao estabelecer o primeiro acordo ortográfico da língua portuguesa.

Assim, João de Barros inaugura em língua portuguesa um novo sistema de sinais gráficos, ainda precoce, num momento em que dispunha apenas dos modelos clássicos para realizar tal estudo, e é objetivo deste capítulo depreendê-lo ao discutir linguisticamente os sinais que são aplicados sobre e sob as vogais barrosianas: <á>, <â>, <ã>, <é>, <ê>, <ẽ>, <ó>, <ò>, <õ>¹⁴ Para isso, entende-se, *a priori*, de que há uma regra de aplicação, restando a observação de sua regularidade no *corpus*, que está circunscrito no primeiro livro da *Década da Ásia*¹⁵ (1552) em exatos dezoito fólios retos e versos.

Portanto, este capítulo estrutura-se da seguinte maneira: na seção 5.1, discute-se o conceito de diacrítico para os estudos linguísticos. Nela, há duas subseções; a 5.2, que se volta à discussão histórica sobre as vogais; e a 5.2, onde se analisam os dados identificados.

5.1 QUE DIZ A LINGUÍSTICA SOBRE DIACRÍTICOS

Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões
 Gosto de ser e de estar
 E quero me dedicar a criar confusões de prosódias
 E uma profusão de paródias
 Que encurtem dores
 E furtem cores como camaleões
 Gosto do Pessoa na pessoa

¹⁴ Os diacríticos são empregados em outras obras do autor, como em sua *Grammatica* (1540).

¹⁵ Utiliza-se, na análise dos diacríticos, a edição diplomática da obra que é um dos produtos principais desta tese.

Da rosa no Rosa
 E sei que a poesia está para a prosa
 Assim como o amor está para a amizade
 E quem há de negar que esta lhe é superior?
 E deixe os Portugais morrerem à míngua
 Minha pátria é minha língua
 Fala Mangureira! Fala!
 Flor do Lácio Sambódromo Lusamérica latim em pó
 O que quer
 O que pode esta língua?
 (VELOSO, 1982)

A conhecida composição, de Caetano Veloso, evidencia, para além de uma apologia nacional de língua, o modo pelo qual o artista aplica os sinais gráficos no suporte escrito, embora utilize a língua falada para cantar seus versos. São visíveis os sinais agudo, cedilha, til e grave, que podem ser melhor apreciados nos versos: “Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões”; “E deixe os Portugais morrerem à míngua”, ainda que tenham aplicações díspares na canção e no português.

Mesmo assim têm tratamento igual na Linguística, sendo classificados como diacríticos, visto que são

Sinais gráficos que conferem às letras ou grupos de letras um valor fonológico especial. Em português são tradicionalmente usados como diacríticos: a) os acentos agudo (v.), grave (v.), circunflexo (v.) para assinalar a tonicidade ou o timbre das vogais; b) O TREMA, para indicar que o -u- não é letra muda (v.) depois de q- ou g- seguidos de vogal anterior; c) O TIL, para o valor nasal do -a final ou de um ditongo; d) o apóstrofo (v.) para impor a elisão (v.); e) O HÍFEN, para a justaposição (v.), de acordo com certas regras ortográficas. Exs.: a) até, sapê; b) argüi, freqüente; c) lâ, mão; d) c'roa; e) couve-flor, pré-histórico (CAMARA JÚNIOR, 1977, p. 94-95).

Conquanto o acento seja sempre um diacrítico, esse apresenta natureza diferente, podendo ter ou não o mesmo caráter daquele. Outro aspecto importante a se observar, nesta definição, é que o autor nada se refere à cedilha, que é um diacrítico no português, evidenciando haver alguma falta de consenso em seu critério.

A língua é o todo e, desse modo, torna-se importante refletir que assim

será fácil organizar os domínios secundários da linguística segundo um esquema judicioso e superar de uma vez por todas a subdivisão atual da gramática em fonética, morfologia, sintaxe, lexicografia e semântica, subdivisão pouco satisfatória, claudicante sob vários aspectos e cujos domínios em parte se sobrepõem. Uma vez realizada, a análise mostra além do mais que

o plano da expressão e o do conteúdo podem ser descritos, exhaustivamente e não contraditoriamente, como construídos de modo inteiramente análogo, de modo que se pode prever nos dois planos categorias definidas de modo inteiramente idêntico. Isso só fará confirmar novamente a correção da concepção segundo a qual expressão e conteúdo são grandezas da mesma ordem, iguais sob todos os aspectos (HJELMSLEV, 1975, p. 63).

Ainda que critique o pensamento estrutural dos níveis de análise, Hjelmslev (1975) alude à teoria saussuriana, quando traz o plano da expressão e do conteúdo como unidades binárias de um mesmo signo que, sozinhas, não teriam existência própria. Assim sendo, sua reflexão confirma que o plano de expressão consistiria na materialidade linguística, ou seja, seria a forma em que se assentariam os fonemas e os morfemas de uma língua, e o plano do conteúdo estaria ligado à informação significativa que essas unidades carregam, seja na oposição, seja na imanência, corroborando o caráter duplo articulatório do signo linguístico.

Os diacríticos, nesse contexto, podem alterar a forma e o conteúdo de um vocábulo, ou somente de uma letra, agregando-lhe não apenas alteração fonética, mas qualquer informação linguística. Retomando os exemplários, os acentos agudo e grave, identificados na música de Caetano Veloso, acrescentam intensidade silábica e contração vocálica, sucessivamente, alterando todo o vocábulo, ao promover implicações tanto fonética quanto mórfica e semântica, algo bastante visível nos homógrafos **está**, **esta**, presentes na melodia.

Vale, ainda, lembrar que o fenômeno da crase não ocorre apenas na vogal *a*, mas em todas as outras, refletindo uma mudança de “desfazimento” do hiato na história da língua portuguesa, o que fica claro se tratar de um metaplasmo recorrente, mesmo que ainda seja pouco explorado em muitas aulas de português. Por isso, os textos pretéritos, como os do período arcaico do português (cf. MATTOS e SILVA, 2006) podem oferecer um importante suporte metodológico acerca dos processos de mudança linguística, para além de ampliar a percepção que se tem hoje sobre a diversidade do português brasileiro.

A cedilha e o til, também exibidos na canção, não alteram o item em si, mas apenas o grafema, ao lhes adicionar um valor fônico, como da fricativa dento-alveolar /s/ e o de nasalidade. Nesse contexto,

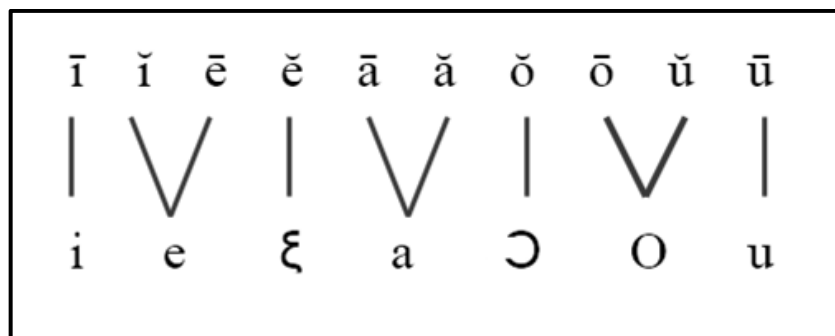
Lembre-se que o *ç* representa o resultado de importante mudança fônico-fonológica na passagem do latim para o português, já que foi utilizada para registrar o resultado das sílabas *ce*, *ci* e *ti* originais latinas, que passam inicialmente, no português, a africadas e, posteriormente, a predorsodentais, não se confundido com as sibilantes áptico-alveolares decorrentes do *ss* latino, durante um bom período do português arcaico (SILVA, 2017, MACHADO FILHO, p. 83).

Por conseguinte, entende-se o porquê de João de Barros empregar seus diacríticos para registrar qualquer característica linguística, não os diferenciando dos acentos, o que o coloca como um precursor das investigações linguísticas nesse aspecto.

5.2 Túnel do tempo: as vogais

Perscrutar as vogais do português é, inevitavelmente, visitar o latim vulgar, com o intuito de apreender o sistema vocálico no que concerne à posição tônica por ser a que mais tem relação com a aplicação dos diacríticos, aqui investigados. Desse modo, no latim falado havia inúmeros sistemas vocálicos, dentre os quais o sistema qualitativo itálico era o mais difundido, porque abrangia uma extensa área desde o centro da Península Itálica até a Gália e a Península Ibérica. Esse sistema apresentava sete sons vocálicos em comparação com o latim clássico que o precede. Isso pode ser melhor apreciado a seguir.

Figura 21: O sistema vocálico do latim vulgar em comparação com o latim clássico.



Fonte: COELHO, J. S. B¹⁶, 2013.

Fica evidente, na figura 21, que um novo rearranjo fonético forma-se na língua latina, haja vista as vogais diferenciarem-se entre abertas e fechadas, menos a anterior alta /i/, a central baixa /a/, e a posterior alta /u/, que só tinham uma realização fônica.

É importante salientar que a língua portuguesa manteve as mesmas vogais do latim falado, sendo conservadora neste aspecto, contudo, como convém a qualquer língua, abarcou inovações linguísticas de relevo, como é o caso dos ditongos. Muitos deles são resultados de mudanças fonéticas ocorridas no próprio português, afastando-o de sua referência latina, a qual só tinha o ditongo /ow/, que já era uma simplificação dos ditongos /ae/, /oe/, /ew/ e /aw/ do

¹⁶ Adaptação do esquema desenvolvido pela professora Juliana Soledade Barbosa Coelho, durante as aulas de LET A27 – A Língua Portuguesa no Domínio da România, semestre 2013.1, na Universidade Federal da Bahia.

latim clássico¹⁷. Desse modo, é mister afirmar que o português não foi a última língua a ser reconhecida como românica, nem a última a ser normatizada e, por isso, não deve ser reconhecido como a “última flor do Lácio”, e muito menos como uma língua totalmente conservadora¹⁸.

No que concerne às vogais acentuadas, Mattos e Silva (2006), ao revisitar a documentação do período arcaico do português, corrobora a permanência dos cinco grafemas vocálicos e das sete variantes fonéticas na língua, que metalinguisticamente serão descritos pela primeira vez pelos gramáticos Fernão de Oliveira (1536) e João de Barros (1540), e servem como importante testemunho histórico do dialeto padrão de Portugal durante o século XVI.

Dois renascentistas que buscaram normatizar o português, ainda que, como constatou Silva (2017), tenham apoiado-se em perspectivas muito diferentes. O primeiro caminhou pelas veredas da descrição fonético-fonológica, observando a língua sob a ótica da diversidade, ao passo em que o segundo investiu no estabelecimento de regras para o bem falar e escrever corretamente, o que lhe garantiu ser o primeiro ortógrafo da língua portuguesa.

Fernão de Oliveira, em sua *Grammatica da lingoagem portuguesa*, adverte que

Na nossa lígua podemos diuidir âtes e neçessario que diuidamos as letras vogaes ã grandes e pequenas como os gregos mas nã ja todas porq̃ e verdade que temos a grande e a pequeno: e e grande e e pequeno: e tambẽ ω grãde e o pequeno. Mas nã temos assi diuersidade ã .i. nem .v. (OLIVEIRA, [1536]; TORRES, ASSUNÇÃO; 2000, p. 173).

E prossegue assumindo sua real função de foneticista de vanguarda ao descrever o sistema vocálico:

a grãde tẽ figura de dous oouos ou duas figuras douo hũa pegada cõ a outra cõ hũ so escudo diãte: a pronũação e cõ a mesma forma da boca se não quanto traz mais espirito. Porque de neçessidade mais tempo gastão duas consoantes que hũa: as quaes tambem tem espirito e ajudão a soar e ter vøz: mays tempo tem esta letra .vogal. a grande. em gasto. que em gato. esta letra .a. peq̃no tẽ figura douo cõ hũ escudete diãte e a põta do escudo em bayxo cãbada para çima: a sua pronũciação e cõ a boca mais aberta que das outras vogaes e toda a boca igual. Temos a grãde como almada e a pequeno como alemanha. A figura do .e. grãde parece hũa boca bẽ aberta com sua lingua no meyo e

¹⁷ Para maiores informações, veja Tarallo 1990.

¹⁸ O reconhecimento do “parentesco” das línguas românicas está documentado desde as reflexões de Dante Alighieri, no ensaio *De Vulgari Eloquentia*, escrito no princípio do séc. XIV. A partir do século XV, as línguas românicas que hoje têm o status de nacionais, de cultura, começaram a ser normatizadas, exceto a língua romena, que só fará parte desta lista, efetivamente, a partir do século XIX, quando figura na Gramática das Línguas Românicas, de Diez, como valáquio. Esse atraso no reconhecimento do romeno como língua românica deve-se ao fato de os primeiros textos nesta língua serem tardios (séc. XVI) e escritos em alfabeto cirílico. Se o romeno é a última língua a ser reconhecida, o sardo (falado na ilha da Sardenha) é considerado pelos romanistas como a mais conservadora.

tão pouco não têm outra diferença da força de .e. pequeno se não quanto enforma mais seu espirito. .e. pequeno tem figura darco de besta com a polgueira de cima de todo em si dobrada ainda que não amassada: a sua voz não abre já tanto a boca e descobre mais o dentes. desta letra .i. vogal sua figura he hũa astepequena aleuatada com hũ ponto pequeno redondo em cima: pronũciase com os dentes quasi fechados: e os beiços assi abertos como no .e. e a lingua apertada com as gẽgibas de bayxo: e o espirito lançado com mais impeto. a figura de ω grãde parece duas faças com hũ nariz pello meyo ou e dous oos juntos ambos e tem a mesma pronũciação com mais força e espirito: e todavia estas letras vogaes grandes fazem alghũ tanto mais mouimẽto na boca que as pequenas. vogal grande como aluara. $\epsilon\chi\omega$. chamine guadameçi. peru. calecu. çegu. A figura desta letra .o. pequeno e redonda toda por inteiro com hũ arco de pipa e a sua pronũciação faz isso mesmo a boca redonda dentro e os beiços encolhidos em redondo. temos ω grande como fermosos. e o pequeno como fermos. Esta letra .u. vogal aberta as queixadas e prega os beiços não deixando antreles mais que so hũ canudo por õde sae hum som escuro o qual eh sua voz. A sua figura e duas astes aleuantadas dereitas mas em baixo são atadas com hũa linha que sae dhũa dellas (OLIVEIRA, [1536]; TORRES, ASSUNÇÃO; 2000, pp. 177, 192).

Posto que elabore uma descrição fonética muito acertada se comparada aos dias coevos, o gramático não distingue letra de fonema, haja vista que sua depreensão de “figura” equivale tanto ao grafema da letra em si quanto ao som que esse representa. Nesse sentido, inova bastante ao propor oito vogais para a fala e para a escrita do português quinhentista.

João de Barros, seu conterrâneo, em sua *Grammatica da lingua portuguesa* (1540), compartilha de mesma percepção linguística ao propor também oito vogais, caracterizando-as também em grandes e pequenas, mas adota uma estratégia diacrítica para diferenciá-las na escrita, o que reforça o prescritivismo de sua obra à medida em que instaura um modelo novo de representação gráfica.

AS vogáes sam áaéiíou. Chamam-se estas lãteras vogáes porque cada ùa per si, sem ajuntamento de outra, fáz perfeita vóz, e, trocádamente, ùas com as outras, fãzem estes sete ditongos: ai, au, ei, eu, ou, oi, ui. Á, que é a nõssa primeira lãtera do A B C, tem duas figuras: ùa, deste á que chamamos grande e outra do pequeno. Ambos sãvem em composiçã de dições e cada um tem seu ofiçio. O primeiro tem quãtro ofiçios: sãve per si só de preposiçã, per semelhante exemplo: Quando vou à escõla, vou de boa vontãde. E sãve de vãrbo na terceira pessoa do singular deste vãrbo: [h]ei, [h]ás, como quando dizemos: [H]á tanto tempo que vos nam vi, que já vos estranhãva. E sãve de interjeiçã per este exemplo: A[h] má cousa, por que fãzes isso? E quando sãve no quãrto ofiçio em composiçã com as outras lãteras é per os exemplos açima ditos e quer a sua prolaçã com hiãto da boca. A pequeno tem três ofiçios: sãve per si só de artigo feminino e de relativo do mesmo gênero e em composiçã de outras lãteras. De artigo, como: A matéria bem feita apráz ao mẽstre. Sãve de relativo per semelhante exemplo: Éssa tua palmatória, se â eu tomár, far-te-ei lembrar esta rãgra. E entã tem neçessidãde daquele espirito que lhe vês em cima pera diferença dos outros ofiçios. Em composiçã: O temor de Deus fáz bõa conçiência. É grande tem dous ofiçios: sãve per si só de vãrbo na terceira pessoa do número singular do vãrbo: sou, és, é; e dizemos: Esta arte é emprimida em Lisboa. E sãve em composiçã de dições: A nossa fé nos [h]á-de salvár. E pequeno tem outros dous ofiçios: sãve per si só de conjunçã em vóz, per semelhante exemplo: Tu e eu e os amigos da pátria louvamos a nossa linguagem. E, quando sãve em composiçã de dições, dizemos: Antõnio lê. I pequeno sãve em todas as dições amparãdo de ùa parte e doutra com lãtera consoante, tirando algũas sílabas que se quãrem remissas, nam feridas, onde sãve y grego, como veremos

em seus exemplos. Tem mais este i outro ofício: serve de verbo no modo imperativo, como quando dizemos: *Í vós lá, i vós diante* — ô que também os latinos usáram. Segundo vimos, temos três ii destas figuras: j longo, i comum, y grego. Y grego tem dous ofícios: serve no meo das dições, às vezes, como: *mayór, veyó*. E serve no fim das dições, sempre, como: *páy, áy, tomáy*, etc. Este ó grande tem dous ofícios: serve per si de interjeicám pera chamár, como: *Ó piadoso Deus, lembrai-vos de nós*. E serve em composicám das outras lêteras, como em estes nomes: *mó, enxó, sóla, móstra*, etc. E em pronomes: *nós, nósso, vósso*; e [em] verbos: *fólgo, pósso*; e isto em alguns tempos, cá dizemos: *póde*, que è presente e *pôde* que é pretérito. O pequeno, ainda que perdeu a pósse de dous ofícios [em] que serve o ó grande ficáram-lhe três: serve per si só de artigo masculino, como: *O artigo é denotaçám da força do nome*. E serve de relativo masculino per semelhante exemplo: *Este livro sempre andarà limpo se ò guardárem bem* (BARROS [1540]; BUESCU, 1971, pp. 370, 375-80).

O autor vai além ao refletir sobre a função, ou “ofício”, que cada vogal desempenharia na língua, embora seu sistema vocálico, bem como o de Fernão de Oliveira não tenha recursividade completa no português brasileiro que, como é consabido, comporta o velho sistema latino para as vogais. Mattos e Silva (2006) já havia alertado para essa questão ao explicar que a vogal central baixa, *a*, só se realiza foneticamente fechada quando é condicionada por uma consoante, ou uma nasal, o que não faz dela uma variante fonológica na língua. No entanto, é uma pauta de pesquisa aberta às investigações de verve fonética dialetal e sociolinguística, já que a variação diatópica tem revelado a realização aberta e fechada da vogal em várias regiões do Brasil.

5.3 Preceitos e usos

Nesta seção, pretende-se depreender a regra de aplicação dos diacríticos de João de Barros no *corpus*. Para isso, a princípio, sistematizou-se, no quadro 8, apenas a classificação das vogais que os recebem.

Quadro 8 – As vogais com o sinal diacrítico.

VOGAL	FUNÇÃO GRAMATICAL	EXEMPLO
á grande	Preposição (crase) verbo na 3ª pessoa	“Quando vou à escola, vou de boa vontade” “Há tanto tempo que vos nam vi, que já vos estranháva”
a pequeno	pronome átono	“Éssa tua palmatória, se â eu tomár, far-te-ei lembrar ésta régra”
é grande	verbo ser na 3ª pessoa composição	“ésta arte é esprimida em Lisboa” “A nósso fé nos há-de salvár”

e pequeno	composição	“António lê”
ó grande ~ ô	interjeição composição pronomes verbos morfema de tempo	“ó piadoso Deus, lembrai-vós de nós” “mó, enxó, sóla, móstra etc” “nós, nósso, vósso” “fólgo, pósso” póde – tempo presente pôde – tempo passado
o pequeno	pronomes átonos	“Este livro sempre andarà limpo se õ guardárem bem”

Fonte: BARROS, 1552.

No que concerne à “á grande”, seu uso deve ocorrer para marcar a preposição (a crase hoje) e o verbo na 3ª pessoa do singular. Não obstante, no excerto abaixo, há outros contextos em que “á grande”, também, é registrado.

nas **pártes**¹⁹ Orientaes da | Asia , em meyo das **infernâes** mesquitas da Arabea e Persia , e de todolos pagódes da gẽ- | tilidade da India daquem e dalem do Gange : partes onde (segundo escriptores gregos e la- | tinos) excepto a illustre Semirames , Bacho , e o grãde Alexandre , ninguem ousou cometer . | Com as **quães** vitórias *que* os reyes deste reyno ouuêram nestas tres partes da tẽrra , Europa , | Africa , e Asia , ganhando reynos e **estádos** , acrescêtarã sua coroa com nóuos e illustres ti- | tulos que lhe vêrã : cõ mais justiça do que alguãs principes desta nóssa Európa tem nos **está-** | **dos** de que se jntitulã , dos **quães está** em pósse esta barbara gente de mouros , sem õs po- | derem vindicar per ley de armas (BARROS, [1552], f. 4v).

Isso significa que “á grande” representa, naturalmente, a abertura silábica, o que pode coincidir ou não com a tonicidade da sílaba. Em vocábulos como: **pártes**, **infernâes**, **quães**, **estádos**, **está**, claramente ocorrem os dois, abertura e sílaba mais forte, já em outros termos, como: **orientaes**, **Asia**, **Arabea**, **Africa**, **barbara**, **armas** não se aplica o diacrítico mesmo o contexto sendo favorável. Por quê? Parece haver variação do critério de diacritização adotado pelo autor, exemplo disso é o item **partes** usado com e sem diacrítico no mesmo texto. (**pártes** ~ partes).

Exemplos raros e curiosos acontecem nos fólhos 3 e 9, em que os itens lexicais: **gerâes**, **notáuêes**, **cahárá**, recebem dois diacríticos, mesmo não havendo qualquer explicação na

¹⁹ Para melhor identificar o uso do diacrítico, os vocábulos que o recebem são negritados neste trabalho. Também, averte-se que a pontuação do texto de João de Barros é ilhada na edição diplomática.

Gramática da língua portuguesa (1540) para esses usos. A vogal “é grande” ainda tem dois sinais, evidenciando, provavelmente, uma imitação do sistema acentual da língua grega que apresentava dois ou mais diacríticos num mesmo vocábulo.

Em relação ao registro da crase, realizado pelo “á grande”, observa-se, no fragmento a seguir, que a regra é aplicada, devidamente.

E certo que esta esperança da mul- | tiplicaçam da coelha õs nam enganou , mas foy com mais pesar que prazer de todos : porque | chegádos à jlha e solta a coelha cõ seu fructo , em breue tempo multiplicou em tanta maneira , | que nam semeauam ou plantáuam cousa que logo nam fosse royda (BARROS, [1552], f. 6v).

Apesar disso, em outras ocorrências o mesmo “á grande” é usado para representar um pronome, ou nos termos do autor, o relativo que é “aquela parte que faz lembrança de algum nome que fica atrás” (BARROS, 1971, p. 11). Observe-se o trecho abaixo:

e nã vemos nem lemos em suas chronicas *que* mandássem descobrir esta terra , tendo à por tã vezi- | nha . Mas como cousa de que nam esperauã honra ou proueito alguã leixaram de à descobrir , | contentandose cõ a terra que ora temos , a qual deos deu por termo e habitaçam dos homees : | e se algũa ouuer onde o jnfante diz , deuemos crer que elle à leixou pera pasto dos brutos (BARROS, [1552]; f. 8r).

O diacrítico pode adicionar qualquer informação linguística ao item lexical, dessa vez, apresenta-se uma alteração de ordem morfológica que tem impacto diretamente na sintaxe do texto. No entanto, esse papel de assinalar o pronome é outorgado ao “a pequeno” que, em muitos contextos da obra, é devidamente aplicado, como se verifica a seguir:

Depois em tẽpo del rey dom | Anrique o quarto deste nome em Castella , quãdo casou com a raynha dona Ioanna filha del | rey dom Duarte de Portugal : dom Martinho de Taide conde da Touguia que ã leuou a Ca | stella , ouue del rey dom Anrique estas jlhas das Canáreas per doaçam que lhe dellas fez , e | e elle ãs vendeo depois ao Marques dom Pedro de Meneses o primeiro deste nome , e | e o Marques ãs vendeo ao jnfante dom Fernando jrmão del rey dom Afonso . O qual jnfan | te folgou de ãs comprar , porque como era filho adoptiuo do jnfante dom Anrique seu tio que já | teuera o senhorio destas jlhas : parcialhe que ãs nam cõpráua , mas que ãs herdáua delle (BARROS [1552]; f. 16v).

Por outro lado, pelo menos em três ocorrências, o “a pequeno” é empregado para abalizar a crase e o artigo (esse não deveria receber diacrítico), o que confirma mais uma vez que o preceito para o humanista Barros não apresenta regularidade de aplicação.

E nam contente este Abe- | delá com tomár tal vingança deste Yázit , geralmente a toda sua parentella mandáua matar cõ | mil generos de *to:mentos* , e lançar seus corpos no campo ãs feras e aues delle (BARROS, [1552]; f. 3v).

Mas aprou- | ue ã diuina misericordia que este açoute de sua justiça , tornásse logo atrás daquelle impeto de vi- | tórias (BARROS, [1552]; f. 4r).

Fazêdo fundamêto *que* quãdo Antam Gonçáluez nã podêsse auer tâtos nê- | gros a tróco destes mouros , já de quãtos quêr *que* fóssem ganháua almas , porque se cõuerte- riã | ã fê (BARROS, [1552]; f. 11r).

Referente ao “é grande”, notou-se uma aplicação deveras diferenciada, pois o diacrítico pode estar sob e sobre a vogal, mesmo redundantemente. À guisa de exemplo, apresentam-se os trechos abaixo:

Porque tam grande cousa como **ê**ra a edifi- | caçam da sua jgreja nestás partes de jdolátria , conuinha *que* fosse per huñ baram tam puro , tam | limpo , e de coraçam virginal como foy este jnfante dom Anrrique *que* abrio os **alicêces** | della , e per outro tam cristianissimo e zelador da fê e honrra de deos como foy el rey dom | Manuel seu sobrinho e nêto adoutiuo (BARROS, [1552]; f. 6r).

e mais nam ser pouoada de tam **fê**ra gête como | naquelle tempo **ê**ram as jlhas Canareas de que ja tinhã noticia (BARROS, [1552]; f. 6v).

Mas isto **ê** próprio da virtude | e nobreza do sangue : em qualquer jdade lógo se móstra , ajnda *que* seja nos mayóres perigos | da vida . E por nam ficarem sem o **mê**rito *que* se deue aquelles *que* á custa do seu suór e sangue | **sê**ruem a deos e a seu rey , e mais pois estes fóram os primeiros *que* por estas duas causas ò | derramáram naquellas pártes : **ê** bem *que* se saiba *que* a hũ chamáuam Hector Homê , e a ou- | tro Diogo Lopes Dalmeйда : ambos hómeês fidalgos e **espê**ciaes (BARROS, [1552]; f. 9r).

Quando o autor marca os diacríticos em cima e embaixo da vogal, como se vê nos vocábulos em destaque, não fica claro o que de fato está sendo sinalizado, já que as vogais grandes: a, e, o, naturalmente, marcam a abertura vocálica. Resta a tonicidade, mas por que o autor estaria registrando dois sinais gráficos somente na vogal “é grande” para marcá-lo?

Buescu (1984), nesse contexto, nomeia o diacrítico sob a vogal de João de Barros de “vírgula sotoposta invertida”, embora não explique sua função. O que se sabe é que o mesmo sinal já estava presente na escrita grega com nome de iota subscripto e era usado sob vogal, ou sob consoante, com função de sinalizar o fonema mudo na escrita (GUGGENBERGER; MARTINS, 2019).

Além disso, cabe ainda destacar que os diacríticos discutidos, anteriormente, a saber, <á>, <à>, <ã>, <é>, <ê>, <ê>, <ó>, <ò>, <õ> já existiam na escrita grega e latina e foram reinterpretados e aplicados na língua portuguesa por Barros, reforçando o sentido renascentista da época e corroborando o perfil humanista do autor.

Vale mencionar que um importante suporte, sem dúvida, à escrita barroiana, foi a imprensa que dispunha dos referidos sinais gráficos em seus tipos móveis, conforme assevera Robert Bringhurst (2004) em seu livro *The elements of typographic style*.

casos, em destaque, “o pequeno”, finalmente, assume seu real ofício, mas mesmo assim reconfirma a variação evidente no emprego dos critérios barrobianos, o que, sem dúvida, vai na contramão de sua proposta de normatização da escrita que deve ter servido de referência a manuais de ortografia da língua portuguesa que vieram posteriormente.

Ainda referente à adoção dos critérios, Machado Filho (2002, p. 364), quando investigou a pontuação de João de Barros, em sua *Grammatica da lingua portuguesa* (1540), concluiu

que enquanto estabelece um sistema de pontuação a ser seguido, João de Barros – pelo menos na perspectiva atual do homem moderno – parece oscilar, consideravelmente, entre o que determina e o que de fato usa, se se considerar o que se encontra patente em sua *Grammatica*, descortinado pelos exemplos anteriormente apresentados.

Acrescentando que

[...] talvez a noção de possibilidade de variação fosse algo inerente à mentalidade da época, muito mais do que hoje talvez pudesse admitir um gramático normativo ou mesmo entender o homem comum (MACHADO FILHO, 2002, p. 364).

Isso explicaria não apenas o perfil do autor, mas de sua obra como o todo, pautada na variação gráfica, embora seja muito esdrúxula a falta de rigor na aplicação dos critérios mesmo para um homem tão distante do tempo presente.

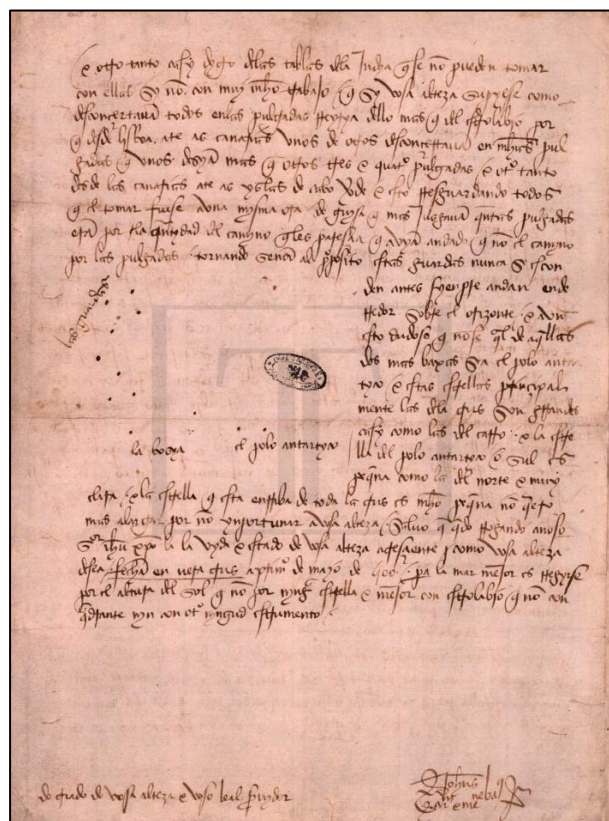
6 O LÉXICO DE CONTATO EM JOÃO DE BARROS, PARA ALÉM DA CONSTELAÇÃO DO CRUZEIRO DO SUL

Nas nove naus, três caravelas e uma naveta que compunham a frota de Cabral, havia entre seus comandados um espanhol chamado João Faras que era, na verdade, médico da Coroa Portuguesa, com conhecimentos em astronomia e astrologia e que, graças a seu interesse pelo céu, pôde a história registrar pela primeira vez a constelação do Cruzeiro do Sul, a mesma que viria séculos depois a figurar na bandeira do Brasil.

Esse primeiro desenho do Cruzeiro do Sul, feito no dia 27 de abril de 1500, na mesma folha de papel em que João Faras iria anunciar ao rei de Portugal, D. Manuel I, sua descoberta, não logrou o reconhecimento imediato na história, em razão de ter ficado desconhecido do grande público, tendo sido publicada pela primeira vez apenas nos meados do século XIX.

Escrita em o que se chamaria hoje de “portunhol” da época, esse documento conhecido como *Carta do Mestre João* demonstra, juntamente, com os outros documentos engendrados nessa expedição, a exemplo da *Carta de Pero Vaz de Caminha*, quão suscetíveis são as línguas aos impactos que o novo permite evidenciar na história cultural. (cf. a figura 23 abaixo).

Figura 23: Carta do mestre João Faras ao rei D. Manuel I.



É certo, entretanto, que embora também tenha ficado, por longo tempo à margem do conhecimento da história, a ter sido descoberta na Torre do Tombo no século XVIII, a *Carta de Caminha*, em função de sua dimensão textual e descritiva tem-se referendado como o primeiro documento histórico, em língua portuguesa, sobre a presença dos portugueses em terras brasileiras e pela sua admiração pelo desconhecido.

Conquanto dispusessem os portugueses de intérpretes, os chamados línguas, para acessar as regiões recém-descobertas no sentido do estabelecimento de uma comunicação com os novos povos, o caso do Brasil é emblemático, pois nem mesmo essa providência foi suficiente para superar a diferença linguística existente nesse novo cenário, tampouco étnica, algo que pode ser bem retratado pelo trecho que abaixo se reproduz do fôlio 5, da *Carta de Caminha*, com base na edição de Cortesão.

(...) heram aly xbijj ou xx homeês pardos
 todos nuus sem nhuña cousa que lhes cobrisse suas
 vergonhas, traziam arcos nas mãos esuas see
 tas, vijnham todos rrijos perao batel e nicolaa co
 elho lhes fez sinal que posesem os arcos. e eles os
 poseram. aly nom pode deles auer fala nẽ entẽ
 dimento que aproueitasse polo mar quebrar na
 costa. (...).

(CAMINHA [1500]; CORTESÃO, 1987, f1v)

Essa narrativa de Caminha encontra eco, quase parafrásico, na Primeira Década da *Ásia* de João de Barros, no excerto abaixo reproduzido.

virã ao longo da práya muyta | gente nũa , nam prêta e de cabelo torcido como ã de Guinë : mas toda de cor báça , e de ca- | bello comprido e corredio , e a figura do rostro cousa muy nóua . Porque éra tam amassádo , e | sem a comum semelhança da outra gente que tinhã visto : que se tornárã lógo os do batêl a dar | razam do *que* virã , e que o porto lhe parecia bom surgidouro . Pedráluarez por auer noticia da | tẽrra encaminhou ao porto com toda a fróta , mãdádo ao batêl que se chegásse bê a tẽrra : e tra- | balhásse por auer á mão algũa pesóa das *que* virã , sem õs amedrontar cõ algũ tiro que õs fizesse | acolher . Mas elles nam esperáram porjsto , porque como virã *que* a fróta se viuha controlles , e | que o batêl tornáua outra vez á praya , fogiram della : e possêram se em hũ teso sobêrbo , todos | apinhoádos a ver o que os nóssos faziam . Os do batêl em quanto Pedráluarez surgia hum | pouco lárgo do porto , por nam amedrontar aquẽlla nóua gente mais do que o mostraua em se | acolhêr ao teso : possêrã se debaixo no mesmo batêl e começou hũ negro grumête falar a lingua | de Guinë , e outros *que* sabiam algũas paláuras do arauigo , mas elle nẽ a lingua nem aos ace- | nos em que a natureza foy comũ a todas as gentes nũca acodirã . Uendo os do batêl que nem | aos acenos nem ás cousas que lhe lançáram na práyas acodiam , cansádos de esperar algũ sinal | de

jntedimento delles , tornaram se a Pedralvarez , contando o que virã (BARROS, 1552, f56r).

A distância linguística vai-se manifestar, na história dos contatos, em diferentes níveis, mas quem quer que a observe há de a reconhecer mais fortemente no léxico, uma vez ser através desse nível que se constrói, inicialmente, a base referencial do mundo extralinguístico. Os conceitos e traços culturais de cada uma das sociedades em contato são evidenciados através de unidades lexicais que, por subjazerem etiológicamente ao que se convencionou chamar de arbitrariedade do signo, pairam sob a égide da ignorância.

Portanto, para “se conhecer sistematicamente a história de um povo, importa, pois, investigar o léxico em uso real, em diferentes sincronias, pois, a cada tempo, nele se pode espelhar mais diafanamente a força do contato em sua composição” (MACHADO FILHO, 2013, p. 392). O que significa dizer que o léxico apresenta natureza antro-po-lítico-ideológica, no contato entre línguas, ao comungar não apenas vocábulos, mas objetos, conceitos, ideias e costumes que se diafanam na história. Nessa situação de voluptuosidade e dinamicidade, pode apresentar também caráter essencialmente paradoxal, já que

Se, por um lado, mantém a prorrogação secular da mais distante fonte que se estabeleceu em seu esteio histórico, por outro, permite que o novo se interponha, em função dos contatos culturais ou linguísticos a que essa mesma língua em uso se possa submeter (MACHADO FILHO, 2022, p. 193).²⁰

Em linhas gerais, ao mesmo tempo em que o léxico evidencia a manutenção mais perene de algumas de suas unidades em uso, permite que a neologia possa ser, também, um fenômeno extremamente produtivo, uma vez que “o novo sempre vem”, como bem disse Belchior (1976).

Essa dualidade essencial vê-se bem no poema *Pedra filosofal*, de António Gedeão (2010, p. 15), que diz ser o sonho

(...) máscara grega, magia, / que é retorta de alquimista, / mapa do mundo distante, / rosa-dos-ventos, Infante, / caravela quinhentista, / que é Cabo da Boa Esperança, / ouro, canela, marfim, / florete de espadachim, / bastidor, passo de dança, / Colombina e Arlequim, / passarola voadora, / pára-raios, locomotiva, / barco de proa festiva, / alto-forno, geradora, / cisão do átomo, radar, / ultra-som, televisão, / desembarque em foguetão, / na superfície lunar. (...)

Embora longo o excerto da poesia acima apresentada, justifica-se-o em razão de permitir que o leitor possa compreender como o léxico, de verso em verso, constrói ritos de passagem em cada uma de suas linhas melódicas. É como se se vislumbrasse a história contada e recontada, palavra a palavra, desde a Grécia antiga, até os novos milagres da ciência

²⁰ Do original: If, on the one hand, it retains the secular extension of its most distant etymological sources, which have solidified themselves in their historical basis, on the other, it allows the new to intervene due to cultural or linguistic contacts that this same language in use is exposed to (MACHADO FILHO, 2022, p. 193).

contemporânea, embrionando-se no desenrolar de cada evento e permitindo-se reconhecer a linha em que se escreve cada marca do tempo.

Estudar e compreender o léxico tem sido, portanto, de fundamental importância para a reconstituição do passado das línguas, notadamente para a recomposição do cenário histórico das comunidades a que essas línguas e, em especial a língua portuguesa, têm buscado, nesse esteio, servir.

Considerando o caráter paradoxal do léxico a que antes se fez referência, há uma demanda para que investigações possam ser realizadas com vistas ao levantamento de unidades lexicais que, porventura, tenham restado em uso, mesmo em um curto espaço de tempo.

As pesquisas documentais fazem-se, pois, necessárias e imperativas e muitos investigadores têm procurado desvendar textos relevantes e de grande importância para edições e análises linguísticas. Nessa linha, como antes apresentado, insere-se a *Primeira Década da Ásia* (1552), de João de Barros, por poder demonstrar inusitados usos lexicais, que devem ter sido apropriados pelo português durante as grandes navegações.

Esse importante documento torna-se, pois, exemplar, para o conhecimento de bases etimológicas que extrapolem o terreno das conhecidas unidades lexicais de verbes românicas ou latinas, senão de línguas orientais com as quais a língua portuguesa entrou em contato na África e na Ásia, como se ondulassem “na onda lúcida do mar” (PESSOA, 1977, p. 106).

Portanto, o intuito, neste capítulo, é promover uma discussão teórica sobre o léxico, nomeadamente, sobre questões atinentes à neologia e à etimologia. Essa discussão ganha importância quando o léxico, por exemplo, é drasticamente ampliado na ocasião em que ocorreu o Mercantilismo e a descoberta de novas sociedades pelo mundo. Ainda, hoje, se vê a relevância do Renascimento para a expansão gigantesca do léxico no século XVI. Por isso, o “caudal de termos orientais”, com a licença da expressão de Piel (1976, p. 6), é ampliado consideravelmente e testemunhado pela obra de Barros (1552), sendo dignas de nota, neste texto, novas unidades lexicais que se inseriram no comércio marítimo, a exemplo de *chatim* (comerciante); *chatinar* (comercializar), *pardãos* (moeda da Índia); *fanões* (moeda indiana) e *faraçolas* (peso antigo que se utilizava no comércio) cujas bases etimológicas provêm, respectivamente, da família linguística dravídica falada no sul da Índia, (DALGADO, 1919), do sânscrito, do tâmil-malaia e do árabe, mesma que na passividade da erudição escrita.

6.1 FIAT VERBA: O PAPEL DO LÉXICO EM PERSPECTIVA LEXICOLÓGICA

É consensual entre linguistas, como Guilbert (1973); Boulanger (1979); Cabré (2006); Alves e Maroneze (2018), que a neologia é um processo amplo e ininterrupto de criação e renovação do léxico. Por isso, faz parte da história das línguas, assim como a variação e a mudança, tornando-se um campo de estudo profícuo na linguística histórica.

A palavra *neologismo* é atestada, segundo Cunha (1982), em textos escritos, pela primeira vez, no século XVIII, enquanto *neologia* vai aparecer apenas nos meados do século XIX. Alves e Maroneze (2018) dizem, entretanto, que a distinção entre esses dois vocábulos só aparecerá dicionarizada, no século XX, no momento em que Aulete (1970) diferencia o processo (*neologia*) de seu produto, o *neologismo*. Não obstante, no século XVI, Fernão de Oliveira (1536) já diferenciava, em sua obra gramatical, as “dições novas” das “dições velhas”, comprovando que o conceito antecede e muito a dicionarização do item.

Dubois et al. (1973, p. 430) definem o *neologismo* como ‘toda palavra de criação recente ou emprestada há pouco de uma língua, ou toda acepção nova de uma palavra já antiga’, o que condiz praticamente com a mesma definição proposta por Boulanger (1979, p. 65-6), para quem o neologismo “é uma unidade lexical de criação recente, uma nova acepção de uma palavra já existente, ou ainda, uma palavra recentemente emprestada de um sistema linguístico estrangeiro e aceito numa língua”.

Para este autor, em síntese, há, pelo menos três possibilidades para a criação neológica: 1) A novidade surge no próprio sistema da língua e, por isso, respeita suas regras de funcionamento; sejam fonológicas; sejam morfológicas e sintáticas. 2) Advém de uma modificação de um significado já existente. 3) Provém de outra língua e acomoda-se no sistema linguístico receptor, adaptando-se, também, à sua lógica interna. É, sobretudo, essa última acepção que vai interessar ao estudo aqui desenvolvido.

Convém, entretanto, precisar exatamente o momento em que a nova unidade se insere no léxico, o que é normalmente muito improvável, até porque um *neologismo* pode se tornar, a depender do tempo e da falta de uso, em um arcaísmo. Machado Filho e Oliveira (2017, p. 91) creem que

a possibilidade de se atribuir um caráter inovador em língua ou arcaizante em Linguística não parece ser nada ‘facilmente observável’, pois subjaz impositivamente à subjetividade e ao grau de erudição do pesquisador.

Têm razão os autores quando se trabalha com o inventário lexical geral de uma língua, mas quando se debruça sobre textos datados e localizados, pode-se, em alguns casos, saber o momento em que uma dada unidade lexical se insere no uso linguístico, e, em razão disso, com certo grau de certeza, caracterizar os *neologismos* que, porventura, se encontrem no *corpus* de análise, ao menos na perspectiva sincrônica.

Correia (2012, p. 21-22) assinala que

Embora os falantes em geral reconheçam com relativa facilidade as unidades da sua língua que podem ser consideradas novas, nem sempre é fácil delimitar o conceito de ‘neologismo’. Efetivamente, uma dada unidade apenas pode ser considerada neológica em relação à época em que surge e ao estágio imediatamente anterior da língua, ao significado que é atualizado num dado contexto (e que não o era num momento anterior) e ao registro linguístico em que ocorre (em relação ao estado anterior desse registro linguístico). Um neologismo é, então, uma unidade lexical que é sentida como nova pela comunidade linguística num determinado momento. Desse modo, pode ocorrer que uma palavra, caída em desuso numa determinada época, seja retomada noutra época posterior, passando a ser sentida como neológica pelos falantes, que a desconhecem.

Portanto, o neologismo e o arcaísmo têm uma relação intrínseca na história das línguas e, por isso mesmo, precisa-se levar em conta sempre a sincronia em que são observados em função da fonte a ser utilizada na investigação. Ambos operam na mesma frente de renovação, expansão e apagamento do léxico e, por serem fatos observáveis em *corpus*, são estudados pela linguística histórica *stricto sensu*²¹, principal aporte teórico que norteia esta tese.

Dentre os tipos de neologismos existentes, Cabré (2006, p. 231) divide-os em: a) Neologismos de forma – são aqueles que envolvem processos de formação de novas palavras, como a prefixação, a sufixação, a lexicalização etc; b) Neologismos de sintaxe – ocorrem quando há alteração de gênero, número, regência verbal, entre outros processos, que modificam a sintaxe; c) Neologismos semânticos – formam-se a partir da mudança de significado de uma unidade lexical, ou também quando um antropônimo passa a ser utilizado como um vocábulo comum; d) Neologismos por empréstimos – são vocábulos advindos de outras línguas que podem ser adaptados ou não à língua acolhedora. Nesse rol, existem dois tipos de empréstimos: 1 – Aqueles que se adaptam ortograficamente à língua. 2 – Aqueles que não se acomodam ortograficamente²². e) Outros – são vocábulos de difícil classificação como “las palabras

²¹ Note-se que a linguística histórica *stricto sensu* tem como objeto de estudo a mudança linguística no tempo real de longa duração e no tempo aparente, mas com base metodológica comparativa, a partir de *corpora* datados e localizados, sendo este é objeto de investigação deste trabalho.

²² Essa classificação é no mínimo problemática, porque restringe o empréstimo à língua escrita, embora seja um produto efetivo da língua como um todo. Sabe-se que o empréstimo adapta-se linguisticamente, obedecendo à lógica interna do sistema que o recebe. Isso significa que ele se acomoda em todas as partes da língua e não apenas na modalidade escrita.

simples, dialectales, argóticas, cultismos o casos extraños difíciles de etiquetar, pero que también son neológicas. Por ejemplo, fitipaldi, yuyu, etc” (CABRÉ, 2006, p. 231)²³.

Vê-se que a terminologia, ora discutida, apresenta problemas que precisam ser avaliados criticamente. Nesta tese, importa, mais evidentemente, a quarta categoria, os neologismos por empréstimos, que evidenciam os contatos linguísticos e culturais pelos quais uma língua passou ao longo de sua história.

Considerando, ainda, a classificação dos neologismos, vê-se que Correia (2012), de maneira mais resumida, propõe apenas três classes: a formal, a semântica e os empréstimos. Essa última categoria pode ser de duas ordens:

- (1) processo de transferência de uma unidade lexical de um registro linguístico para outro da mesma língua (‘empréstimo interno’), ou de uma língua para outra (‘empréstimo externo’);
- (2) unidade que resulta do processo de transferência anteriormente descrito (CORREIA, 2012, p. 70).

Se se entende bem o que a autora pretende por “registro linguístico”, pode-se dizer que é essa a possibilidade de variação diafásica em língua que não ocorre, de maneira simultânea, posto que não há uma “transferência” imediata de um vocábulo de um registro menos formal, por exemplo, para um mais formal. O que há, efetivamente, são variantes linguísticas que se especializam nas situações sociocomunicativas de uso da língua.

Ainda segundo Correia (2010), quando se pensa no empréstimo, diacronicamente, utiliza-se o método histórico-comparativo para identificá-lo e compreendê-lo em sincronias distintas e, no momento em que o empréstimo é consolidado na língua, estudar-se-iam sua natureza e sua estrutura, a partir da lexicologia. Essa postura teórica reacende uma antiquíssima discussão em língua sobre vocábulos velhos e novos na qual a visão tradicional sempre colocou o novo no lugar do erro linguístico.

Exemplo disso, pode-se ver nas primeiras gramáticas de língua portuguesa nas quais Fernão de Oliveira (1536), mesmo sendo um homem “avant la lettre”, por ter elaborado a primeira obra gramatical de orientação descritiva do português, condenou os “emprestinhos”, ao considerá-los uma verdadeira deterioração linguística, assim como João de Barros, seu

²³ Veja que a autora inclui variantes linguísticas, que representam a novidade dentro do próprio sistema, e cultismos, que são um tipo de empréstimo, na classe “outros”, o que denota falta de atenção a essas unidades que expandem o léxico. Seria interessante rearranjá-las em classes diferentes; as palavras dialetais poderiam integrar os neologismos formais, semânticos e sintáticos, a depender do tipo; os cultismos poderiam ser um subtipo da classe dos empréstimos.

conterrâneo, que na mesma linha de raciocínio da época reconhece os empréstimos como barbarismos que, ao seu ver, prejudicariam o vocabulário do idioma pátrio.

No século XXI, há quem ainda concorde com tal posicionamento, como é o caso do deputado, Aldo Rebelo, político brasileiro, que escreveu o Projeto de Lei: 1676/1999, que visava a proibir veementemente empréstimos na língua portuguesa. Isso prova que o brasileiro, até mesmo o mais letrado, desconhece a realidade linguística do país que contempla mais de 200 idiomas diferentes falados ao lado do português, dentre os quais ganham relevo algumas línguas indígenas, algumas línguas de imigração e a libras – Língua Brasileira de Sinais. Logo, nesse cenário plurilíngue, o empréstimo existe involuntariamente para renovar o acervo lexical do português.

Considerando, também, os empréstimos como um processo de expansão do léxico, Bizzocchi (2013) classifica-os como elementos alogenéticos, ou seja, vocábulos que são muito diferentes em forma e em conteúdo dos da língua de chegada, sendo reconhecidos, então, como alienígenas. Essa definição, sem dúvida, atribui um estigma depreciativo para as unidades estrangeiras, que não rompem com as regras funcionais do sistema que as acolhem, como já se afirmou aqui, ao contrário adaptam-se à sua lógica interna.

O autor admite, ainda, que os empréstimos são um tipo de vulgarismo, cultismo e semicultismo em língua, embora esses termos não se justifiquem mais em linguística, muito menos em etimologia, porque além de rotular os empréstimos, atribuem-lhes sentido negativo e positivo. Ademais, esses conceitos reforçam a dicotomia entre a fala e a escrita ao situar o vulgar no espaço de erro por ser falado, enquanto cultismo e semicultismo são considerados corretos por estarem no âmbito da escrita. Portanto, não se concorda com o autor, pelo motivo de os empréstimos serem entendidos, neste trabalho, como vocábulos que, no caso do texto de João de Barros, se deslocam da fala para a escrita, adaptando-se linguisticamente às regras funcionais da língua portuguesa a tão ponto que não mais são sentidos como vocábulos estrangeiros. Isso prova que a fala e a escrita participam ativamente da renovação do léxico e que ambas mantêm diálogos constantes e necessários em que uma não se inviabiliza em virtude da outra.

Carvalho (2009), também, alvitra uma classificação para os empréstimos, ancorada nas reflexões de Bloomfield (1961), dividindo-os, conforme a origem em: a) íntimos; b) culturais; c) dialetais. Os primeiros são resultados da interação entre línguas num mesmo território, na qual diferentes contatos podem ocorrer, como: o substrato – quando o dominado passa,

paulatinamente, a usar a língua do dominador, influenciando-a; o superstrato – quando o dominador, por diversas razões políticas e econômicas, começa a falar a língua do dominado; o adstrato – quando as línguas permanecem, convivendo e influenciando-se, de maneira mútua. O que efetivamente interessa, nesta tese, é meramente a condição de contato e não a questão de substrato, superstrato e adstrato, já que não se busca discutir estatuto de poder. Os segundos, os contatos externos ou culturais, são resultantes dos efeitos da globalização, que aproximou os povos, por meio das tecnologias e dos avanços científicos. Por fim, os empréstimos dialetais ambientam-se em uma mesma língua, configurando-se como variantes regionais, sociais e jargões²⁴.

Se se considerar os três tipos de empréstimos, convém em função desta pesquisa reinterpretar a proposta de Carvalho (2009). Primeiro, o que se chama de empréstimo íntimo se realiza parcialmente em razão dos empréstimos serem considerados mercadorias para os portugueses, no século XVI. Assim como buscava especiarias e pedras preciosas no Oriente, esses traziam consigo o mesmo léxico que aprendiam no comércio marítimo.

Logo, os empréstimos que o português importará da África e da Ásia podem ser considerados íntimos por erudição, já que vão migrar para a escrita, através do texto de João de Barros. Segundo, só se pode arrazoar sobre contatos de substrato e superstrato aquando da morte de línguas num mesmo território, algo que destoava do cenário dos (re)descobrimientos no Oriente, pelo menos no século XVI. Nesse período, Lopes (1936); Buescu (1983); Cardeira (2010) asseguram que o português funcionava como uma “língua franca”²⁵, ou seja, uma “língua dos negócios” nos principais portos comerciais da costa oriental da África, como Sofála, Moçambique, Quiloa, Mombaça, Melinde, e da Ásia ocidental e oriental, a exemplo de China, Japão, Maçua, Mascate, Ormuz, Surrate, Dio, Baçaim, Cochim, Calecute, Goa, Achém, Ternate, Macau, Nangasáqui.

²⁴ Embora o jargão seja considerado uma língua que comporta gírias e erros, neste trabalho reduz-se o peso semântico negativo desse item, no sentido em que o reconhece como uma língua especializada de um determinado grupo social, por exemplo, o jargão da medicina e do direito.

²⁵ Conquanto Cardeira (2010, p. 82) defenda que “Uma língua franca é uma língua de recurso extremamente simplificada que, não sendo língua materna de ninguém, permite um mínimo de comunicação, a comunicação suficiente para os tratos comerciais, e supre, assim, a necessidade de conhecer muitas línguas”, aqui, assume-se a concepção de que um língua franca não, necessariamente, é uma língua reduzida, mas sim uma língua plena “desterritorializada e fronteiriça que contribui de forma decisiva para que a comunicação das pessoas nesse contexto global ocorra” (SIQUEIRA, BARROS, 2013, p. 9).

De acordo com Lopes (1936), essa situação linguística se preservou durante os três séculos seguintes, coincidindo com o período de dominação portuguesa na Ásia. Assim, por esse tempo, o português “foi a língua de comunicação dos Europeus com os naturais de diferentes países, e até dos Europeus entre si quando falavam diferentes línguas” (LOPES, 1936, p. 35), preenchendo, portanto, o conceito de que se assume de língua franca. Concordando com o autor, Cardeira (2010, p. 82) assegura que, mesmo depois do fim do Império Português, “há, por exemplo, notícias de falantes de português na nobreza de Ceilão e em Batávia (Jacarta), sede da Companhia holandesa das Índias Orientais”. Destarte, o português foi uma língua veicular no Oriente, pelo menos, por quatro séculos, sendo que no primeiro século foi só português e nos seguintes outras línguas de colonização passaram a ser usadas, como o holandês; o inglês; o dinamarquês; o francês e o espanhol.

O que vai interessar neste trabalho são os produtos dos contatos linguísticos colhidos no Novo Mundo e transportados, como se fossem mercadorias, à velha Europa. Esses novos vocábulos ligam os dois mundos, permitindo que assim o léxico do português se renove, acolhendo unidades originárias das mais diversas línguas orientais, a exemplo, do árabe, do tâmul, do japonês, do chinês, entre tantas outras. A respeito disso, Piel (1976, p. 6) afirma que

são, com efeito, bastantes as **vozes exóticas** que, a partir do séc. XVI, se vão infiltrando no léxico português, seja por via literária (cronistas), seja por via oral (convivência com povos indígenas; comércio), aumentando assim consideravelmente o caudal de termos orientais recebidos anteriormente por intermédio do árabe. Alguns foram totalmente assimilados, outros não perderam o seu ar e feição estranhos, outros, finalmente, não passam hoje de curiosidades enterradas nos dicionários. Não se podem enumerar aqui todos os idiomas de África, Ásia e América que, em períodos e através de caminhos diversos, forneceram termos especiais ao léxico português. A Índia contribuiu, p. ex., com *bengala, andor, pagode, chita, xaile*; a China com *chá e chávena*; o Japão com *biombo e leque*; a África com *batuque e soba, ananás e inhame*; o Brasil com *mandioca e tapioca*: as Antilhas com *batata, cacau e tabaco*.

Como se constata, na citação acima, o autor reconhece que, no século XVI, foram numerosas as “vozes” advindas do Oriente que adentraram o léxico do português, formando um verdadeiro “caudal de termos orientais”. De maneira análoga, Vasconcelos (1946, p. 317), metaforicamente, sugere: “viremo-nos para a Ásia” para que assim a vitalidade dessas “vozes”, nomeadas por ela e por Piel como exóticas, seja identificada no léxico ativo da língua. Exemplo disso, são *veniaga* (artigo de venda/ mercadoria); *canja, pagodes, tulipa, turbante, bazares, quiosques, odaliscas, bule, pires, jangadas, bambu, cetim* etc que têm origem na Índia; na Pérsia; no Malabar; na China e no Japão.

Vê-se que tanto Vasconcelos quanto Piel apontam os empréstimos situados em várias áreas da vida comum, sem fazerem referência aos antropônimos e topônimos que se devem ter

inserido à língua portuguesa, também, no século XVI. Ademais, sabe-se que considerar os elementos como exóticos não é a melhor forma de reconhecer a diversidade linguística que o recobre em função dos grandes contatos linguísticos. Por isso, reconhece-se, aqui, que os neologismos por empréstimos, identificados no *corpus*, advêm de línguas que pertencem a diferentes gêneses linguísticas, como a afro-asiática; a nigero-congolesa; a sino-tibetana e austronesiana²⁶ e, por isso mesmo, não devem receber rótulos, mas serem reconhecidos como legítimos representantes de uma grande heterogeneidade linguística e cultural que recobre o árabe, o persa, o malaiala, o macu, o tsonga, o bengalês, o tâmil, o canará, o guzarate, o chinês, o japonês, entre outras línguas, que eram faladas nos continentes africanos e asiáticos durante a colonização portuguesa a partir do século XV.

Os empréstimos inventariados na Primeira Década da *Ásia* (1552) concentram-se mais na área da antroponímia que, de maneira geral, se refere aos nomes de pessoas, e da toponímia, que se volta ao estudo dos nomes de lugares. Inserem-se ambas na grande área da Onomástica que é um campo deveras interdisciplinar, ao estabelecer relações com diversas ciências, como a linguística, a lexicologia, a etimologia, a história, a geografia, a antropologia, a sociologia etc. Tendo em vista essas interfaces necessárias, bem como a natureza do signo onomástico, Carvalhinhos (2002, p. 173) assevera que

(...) os atuais estudos onomásticos no Brasil vêm justamente resgatando a história social contida nos nomes de uma determinada região, partindo da etimologia para reconstruir os significados e, posteriormente, traçar um panorama motivacional da região em questão, como um resgate ideológico do denominador e preservação do fundo de memória. Nesse sentido, uma área toponímica pode ser comparada a um sítio arqueológico: podemos reconstruir através do estudo de significados cristalizados de nomes de lugar, fatos sociais desaparecidos, contribuindo com material valioso para outras disciplinas.

Desse modo, os antropônimos e os topônimos podem ser considerados importantes testemunhos dos contatos sócio-históricos, pois a Onomástica funciona como cristalizadora da memória linguística. Normalmente, num cenário de contato linguístico, o colonizador tende a modificar os antropônimos e topônimos autóctones, de acordo com sua religião e sua cultura em geral, como uma maneira de consolidar a dominação política (DICK, 1990, p. 7).

²⁶ Segundo Bossaglia (2019), a família linguística afro-asiática agrupa línguas faladas na África e na Ásia, dentre as quais o árabe; o berbere, o hebraico, o somali, entre outros. A família nigero-congolesa é a maior família linguística da África e do mundo, com cerca de 1.500 línguas que a integram, sendo o grupo de línguas banto um dos mais relevantes. Fazem parte, pois, desse grupo e dessa família o quimbundo, o umbundo, o quicongo etc, línguas que mais influenciaram o português brasileiro. Já, a família sino-tibetana tem quase um bilhão e quatrocentos milhões de falantes, sendo que um bilhão e trezentos falam o chinês e o mandarim. Por fim, a família austronesiana agrupa cerca de 1.200 línguas, dentre elas o malaio que é falado na Ásia.

É o que se observa na história da colonização romana e germânica, por exemplo, em que novos nomes eram atribuídos às cidades conquistadas, conforme seus exploradores. No entanto, na *Asia* (1552), os portugueses seguem na contramão ao conservar, na maioria das vezes, os antropônimos e os topônimos ameríndios, realizando apenas o que o autor da obra, João de Barros, chama de “corrupção linguística”²⁷, ou seja, adaptação fônica do vocábulo oriental à língua portuguesa. São justamente esses que interessam à tese, que ora se desenvolve, porque respondem a pergunta inicial da pesquisa: Quais são os itens orientais que se registraram no português durante o período de expansão portuguesa?

6.2 O neologismo de empréstimo: um problema de pesquisa

Considerando a necessidade de classificar os antropônimos e os topônimos, tinha-se, de primeiro momento, como referência, o “Sistema Toponímico Taxionômico”, de Dick, elaborado em 1980 e revisado pela própria autora nos anos subsequentes (1990a, 1991a); (1992a); (1993a); (1997a). Esse modelo onomástico caracteriza-se por seu pioneirismo no Brasil, passando a configurar como um referencial importante e necessário às pesquisas toponímicas no país. É basilar salientar que todo trabalho acadêmico necessita de suporte teórico que o sustente, no caso da taxionomia (1990), o suporte veio de autores estrangeiros: americanos e franceses que tinham desenvolvido modelos toponímicos em seus países. Dentre esses pesquisadores, Dick (1990) cita e reconhece o trabalho de muitos, dando destaque para o de Auguste Longnon (1878) e Albert Dauzat (1922).

Ancorado na toponímia francesa e americana, o Sistema Toponímico Taxionômico (1990), doravante STT, agrupa os topônimos em dois grandes eixos de motivação externa:

- I. O físico que se constitui de 11 “categoremas toponímicos” .
- II. O antropocultural que é formado por 16 taxes de topônimos.

Ambos os eixos de motivação foram elaborados, tendo como objetivo principal

ordenar as variadas significâncias da nomenclatura, criando um padrão terminológico útil para a lexicologia e lexicografia. A terminologia empregada remete, assim, ao estudo semiótico do território em análise; ao mesmo tempo, e de natureza sintética, condensando nas taxes o conceito expandido do significado terminológico, sob a gênese de uma metalinguagem toponímica (DICK, 1998, p. 105).

²⁷ Embora, o autor entenda o empréstimo dessa maneira, trata-se apenas de uma adaptação linguística do vocábulo ao sistema da língua receptora.

Observa-se que a autora dicotomiza os nomes de lugares ao situá-los em dois grandes grupos distintos, o físico e o antropocultural, embora esses estejam completamente inter-relacionados. Outro aspecto importante é que a terminologia proposta concentra-se em dar conta de uma toponímia ocidental, neste caso a brasileira, apropriando-se de uma “metalinguagem” idiossincrática que vai pôr em evidência o topônimo enquanto marcador ideológico e cultural de um espaço geográfico. Ademais, é importante frisar que a taxionomia busca atender investigações tanto lexicológicas quanto lexicográficas, o que é interessante para esta tese que precisava, como já se disse anteriormente, de um modelo teórico-metodológico que pudesse classificar os diferentes topônimos identificados no *corpus*.

Para a autora as taxes de índole física são as que abaixo se apresenta, no quadro 9.

Quadro 9 – Taxes de índole física.

1. Astrotopônimos	topônimos relativos aos corpos celestes em geral: Estrela (AH ²⁸ BA); rio da Estrela (ES); Saturno (AH ES).
2. Cardinotopônimos	topônimos relativos às posições geográficas em geral: praia do Leste (PR); serra do Norte (MT); Entre-rios (AH AM); ribeirão do Norte (MG); Lagoa do Sul (SC).
3. Cromotopônimos	topônimos relativos à escala cromática: rio Branco (AM); rio Negro (AM); rio Pardo (SP); serra Azul (SP).
4. Dimensiotopônimos	topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos: ilha Comprida (AM); serra Curta (BA); Larga (AH GO); riacho Grosso (CE); morro Alto (GO); córrego Fundo (MT); igarapé Profundo (RO).
5. Fitotopônimos	topônimos de índole vegetal: arroio Pinheiro (RS); Pinheiral (AH RJ); morro da Mata (MT); Caatinga (AH BA); serra da Caatinga (RN); ribeirão Café (ES); Cafezal (AH PA).
6. Geomorfotopônimos	topônimos relativos às formas topográficas: Montanhas (AH RN); Monte Alto (AH SP); Morro Azul (AH RS); Colinas (AH GO); Coxilha (AH RS); Vale Fundo (AH MG); Baixadão (AH MT); Costa Rica (AH MT); Cabo Frio (AH RJ); Angra dos Reis (AH RJ); Ilhabela (AH SP); Porto Velho (AH RO).
7. Hidrotopônimos	topônimos resultantes de acidentes hidrográficos: serra das Águas (GO); Água Boa (AH MG); Riozinho (AH PI); Rio Preto (AH SP); Córrego Novo (AH MG); Ribeirão Preto (AH SP); Braço do Norte (AH BA); Foz do Riozinho (AH AM).
8. Litotopônimos	topônimos de índole mineral: lagoa do Barro (BA); córrego do Barreiro (AM); Tijuco Preto (AH SP); arroio do Ouro (RS); córrego Tijucal (SP); Minas Gerais (AH MG); Cristália (AH MG); Pedreiras (AH MG).
9. Meteorotopônimos	topônimos referentes a fenômenos atmosféricos: serra do Vento (PB); Ventania (AH SP); Botucatu (AH SP); riacho das Neves

²⁸ Aglomerado Humano.

	(BA); cachoeira da Chuva (RO); cachoeira do Chuvisco (MT); Chuva (AH MG); Trovão (AH AM); Cachoeira Trovoada (PA).
10. Morfotopônimos	topônimos que refletem o sentido de formas geométricas: Curva Grande (AH AM); ilha Quadrada (RS); lagoa Redonda (BA); Triângulo (AH MT).
11. Zootopônimos	topônimos de índole animal: rio do Boi (MG); lagoa da Onça (RJ); ribeirão da Boiada (SP); Vacaria (AH RS); Tapiratiba (AH SP).

Fonte: DICK, 1990, p. 30-34.

As 16 taxas de topônimos de ordem antropocultural obedecem para a autora a seguinte composição:

Quadro 10 – Taxas de índole antropocultural.

1. Animotopônimos ou Nootopônimos	topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual e aos estados de ânimo: Vitória (AH CE); Triunfo (AH AC); cachoeira da Saudade (MT); Belo Campo (AH BA); rio Feio (SP)
2. Antropotopônimos	topônimos relativos aos nomes próprios individuais: Abel (AH MG); Benedito (igarapé ²⁹ MT); Bentinho (AH MG); Fátima (AH MT); Chiquita (ilha MT); Nico (igarapé AC ³⁰); Fernão Velho (AH AL); Joaquim Preto (igarapé do PA); Jorge Pequeno (ribeirão MG); Maria Magra (serra da MG); Pedro Ligeiro (AH GO); Abreu (AH RS); Barbosa (arroio RS); Silva (AH PA); Tavares (rio SP); Antônio Amaral (AH MG); Francisco (AH RN); Francisco Dantas (AH); Manuel Alves (rio GO).
3. Axiotopônimos	topônimos relativos aos títulos e dignidades: Presidente Prudente (AH SP); Doutor Pedrinho (AH SC); Duque de Caxias (AH RJ).
4. Corotopônimos	topônimos que se referem aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes: Brasil (AH AM); Europa (AH AC); Amazonas (AH BA); Uruguai (AH MG).
5. Cronotopônimos	topônimos que encerram indicadores cronológicos: Velha Boipeba (AH BA); rio Novo Mundo (GO); Nova Viçosa (AH BA); Velha e Nova Emas (AH SP).
6. Ecotopônimos	topônimos relativos às habitações: Casa da Telha (AH BA); Ocaçu (AH SP); Sobrado (AH BA).
7. Ergotopônimos	topônimos relativos aos elementos de cultura material: córrego da Flecha (MT); Jangada (AH MT); Relógio (AH PR).
8. Etnotopônimos	topônimos referentes aos elementos étnicos: Guarani (AH PE); ilha do Francês (RJ); rio Xavante (MT); Chavantes (AH SP); Árabe (arroio RS).
9. Dirrematotopônimos	topônimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos: Há mais tempo (AH MA); Valha-me Deus (AH MA); Vai Quem Quer (igarapé, AM); Deus me Livre (AH BA).

²⁹ Igarapé é um riacho que nasce numa mata e vai desaguar suas águas num rio.

³⁰ Acidente Físico.

10. Hierotopônimos, Hagiotopônimos, Mitotopônimos	<p>Hierotopônimos: topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças: Cristo-Rei (AH PR); Jesus (rio GO); Alá (lago AM); Nossa Senhora da Glória (AH AM); Natividade (AH GO); Natal (AH AC); Cruz de Malta (AH SC); serra da Igreja (PR); Capela (AH AL); Capelazinha (AH MG).</p> <p>Hagiotopônimos: Topônimos relativos aos santos e santas católicos: São Paulo (AH SP); Santa Tereza (AH GO); Santana da Boa Vista (AH RS).</p> <p>Mitotopônimos: topônimos relativos às entidades mitológicas: ribeirão do Saci (ES); lago Curupira (AM); Jurupari (AH AM); Anhangá (AH BA).</p>
11. Historiotopônimos	topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social, incluindo seus membros e as datas históricas: Independência (AH AC); rio 7 de setembro (MT); Inconfidência (AH RJ); Inconfidentes (AH MG); rua Vinte e Um de Abril (SP).
12. Hodotopônimos ou Odotopônimos	topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana: Estradas (AH AM); Avenida (AH BA); córrego do Atalho (GO); Travessa (AH BA); Rua da Palha (AH BA); Ladeira (AH MA).
13. Númerotopônimos	topônimos relativos aos adjetivos numerais: Duas Barras (AH BA); Duas Pontes (AH RO); Três Coroas (AH RS).
14. Poliotopônimos	topônimos constituídos pelos vocábulos: vila, aldeia, cidade, povoação, arraial: rio da Cidade (RJ); serra da Aldeia (PB); Arraial (AH BA); Vila dos Anjos (AH MG); Tabapuã (AH SP).
15. Sociotopônimos	topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade: Sapateiro (serra do, SP); Pescador (AH MG); Tropeiros (serra dos, MG); Engenho Novo (córrego, MG); Oficina (AH MG); Pracinha (AH SP).
16. Somatotopônimos	topônimos empregados em relação metafórica a partes do corpo humano ou do animal: Cotovél (AH MG); Pé de Boi (AH SE); Pé de Galinha (AH BA); Mão Esquerda (rio da, AL); Mão Quebrada (lagoa da, PI); Dedo (igarapé do, RR); Dedo Cortado (córrego do, GO); Dedo Grosso (AH SC).

Fonte: (DICK, 1990, p. 30-34).

Como se pode constatar, nos quadros 9 e 10, há 27 classes de topônimos, distribuídas conforme a motivação física e antropocultural, sendo que a taxa dos Hierotopônimos subdivide-se em Hagiotopônimos e Mitotopônimos. Note-se que não há nenhuma taxa voltada à antroponímia em si, pois a existência da taxa dos Antropotopônimos refere-se apenas ao nome de lugar que tem origem no nome de pessoa. Portanto, o STT de Dick (1990) é, sem dúvida, toponímico, o qual na perspectiva da autora abarca um conjunto de signo linguístico “essencialmente motivado”, ou seja, existe uma relação linguística e semântica direta entre o nome e o objeto nomeado que evidencia a intenção do nomeador. Na contramão de tudo isso, Isquierdo (2013, p. 83), baseada em Alinei (1980, 1984), defende que

depois de criada a palavra, esta adquire a sua funcionalidade, tornando-se assim, gradativamente, arbitrária, ou seja, ela vai perdendo paulatinamente a sua motivação inicial. Ilustram o exposto topônimos como “seringal Oco do Mundo”, “seringal Semitumba”, “colocação Amansa Brabo” (Acre) que, se analisados somente do ponto de vista intrinsecamente (sic) linguístico, sem considerar questões sociais e econômicas que afetam a vida e o sistema de trabalho do seringueiro nativo dos Estados da região Norte, profissional que extrai o látex da seringueira, árvore nativa da Amazônia brasileira, podem não traduzir a essência da motivação que deve ter dado origem a esses tipos de nomes que tão bem consubstanciam o olhar do habitante da mata frente ao local em que vive e trabalha.

Nesse sentido, o topônimo, por ser um vocábulo do léxico comum que se tornou especializado ao fazer parte dos nomes de lugares, retorna sua natureza preliminar de signo arbitrário ao não evidenciar a motivação do nomeador, o que atinge diretamente seu significado que deixa de ter uma relação inequívoca com o significante. Isso rompe com o pensamento de Dick (1990) quando afirma que o topônimo por ser “essencialmente motivado” apresenta uma significação clara e precisa que, embora se cristalize com o tempo, não perde sua translucidez.

Se se observar um exemplo simples, como o de Irecê, que é uma cidade localizada a 478 quilômetros de Salvador, cuja origem indígena significa "pela água, à tona d'água, à mercê da corrente", segundo o tupinólogo Teodoro Sampaio (2002), nota-se que esse significado não está claro e nem preciso para quem analisa o topônimo dissociado de sua história. Tudo isso prova que Isquerdo tem razão ao entender que o topônimo não é arbitrário apenas no momento de sua criação, porque de fato há uma motivação para sua nomeação, no entanto com o tempo essa relação se perde e ele retorna sua natureza original de signo arbitrário.

Não obstante, Dick (1990) organiza os topônimos em classes, conforme a sua alegada motivação externa. A primeira delas é a dos Astrotopônimos que dizem respeito aos corpos celestes no geral. Dentre os exemplos trazidos pela autora³¹, há “Estrela”, uma cidade localizada no Rio Grande do Sul, segundo o IBGE (2021), embora ela informe que pertença ao estado da Bahia.

“Saturno” é outro topônimo situado, também, na taxa dos Astrotopônimos, que se localiza no Espírito Santo, conforme os dados apresentados no STT (1990), no entanto não consta em nenhum arquivo do IBGE (2019, 2020, 2021) informação acerca da existência do topônimo. Mesma fonte de pesquisa indica “rio da Estrela”, que é um Astrotopônimo, como

³¹ Para realizar sua taxionomia, Dick (1990) recorreu aos dados apresentados na Carta do Brasil 1: 1. 000. 000, do IBGE/SP, que foram publicados em 1968.

uma cidade pertencente ao estado do Rio Grande do Sul e não ao Espírito Santo, como registra o STT.

Portanto, uma breve consulta à localização geográfica dos topônimos corrobora que, segundo os dados do IBGE (2019, 2020, 2021), a informação não confere com a que se apresenta na taxionomia. Outro aspecto a se destacar é que, como se vê, a partir dos exemplos, Dick considera a alegada motivação de apenas um item linguístico e o sinaliza com a inicial maiúscula, mesmo que pertença a um composto como é o caso de “rio da Estrela”, desconsiderando totalmente sua referencialidade. Não obstante, importou nesta tese, inicialmente, testar seu modelo taxionômico (1990) em dados lexicográficos que tivessem a referencialidade do item como uma prerrogativa de trabalho.

Notou-se, entretanto, que a autora ancora-se em uma visão hermenêutica de classificação que, dificilmente, se mediria com um simples olhar do nomeador, pois jamais se poderia, cientificamente, conferir a intencionalidade do autor. Isso traz para os estudos lexicográficos um problema, uma vez que se seguisse essa lógica haver-se-ia de classificar um hipotético rio da Estrela como um astrotopônimo. Logo, o que deve contribuir, de maneira efetiva, para as investigações lexicológicas e lexicográficas é a natureza do que está sendo representado, pois não se pode analisar apenas partes da lexia e sim o que ela representa arbitrariamente no mundo. O que é crucial é o conjunto da lexia que recobre a unidade do topônimo.

Sob essa lógica, um item como “rio da Estrela” deveria assumir como classificação toponímica de hidrotopônimo e não de astrotopônimo, como defenderia a referida autora, já que para os estudos lexicológicos com finalidade lexicográfica o objeto teórico define-se como uma lexia e não como partes dela. Lembre-se que a ideia de lexia, proposta por Pottier (1974) é a de que o item lexical não se define como uma palavra, mas como *n* lexemas e *n* gramemas, em razão de um conceito que se lhe atribui. Isso facilita a informação lexicográfica de marcar o uso do elemento no espaço e também permite ao consulente do glossário ter acesso à informação correta do significado do topônimo no texto.

Numa mesma linha de raciocínio, Dick (1990), ancorada na decomposição semântica do item, classifica “praia do Leste” (PR); “serra do Norte” (MT), como Cardinotopônimos, no sentido de indicá-los como representantes de posições geográficas. Contudo, na referencialidade denominativa, considerando-se e aqui deseja-se deixar bastante claro que o

objeto teórico de observação é efetivamente a lexia, só poderiam ser Geomorfotopônimos, por serem nomes de lugares relacionados às formas topográficas.

Seguindo a linha de raciocínio, se se observar a terceira classe, proposta pela autora, a dos Cromotopônimos, “rio Negro” (AM) e “serra Azul” (SP), classificáveis sob sua ótica como Cromotopônimos, deveriam ser, lexicograficamente, considerados, respectivamente como Hidrotopônimo e Geomorfotopônimo no sentido da sua referencialidade. O mesmo ocorre com a quarta taxa, a dos Animotopônimos, que dizem respeito à vida psíquica, à cultura espiritual e aos estados de ânimos. Ora, se pretender classificar uma “cachoeira da Saudade” (MT) ou um “rio Feio” (SP) sob essa perspectiva criar-se-ia, provavelmente, um embaraço lexicográfico, já que enquanto lexias só poderiam ser considerados como Hidrotopônimos.

É óbvio que a classificação proposta por Dick (1990) pode ser bastante funcional para pesquisas de outra ordem. Exemplo disso é o trabalho de Isquerdo (2013, p. 85) que, em sua tese de doutorado (1996), utilizou e ampliou essa categoria de Animotopônimos, qualificando-os como eufóricos e disfóricos, “justamente pautada na microtoponímia dos seringais”.

a lexia animotopônimo é tomada [...] como uma expressão neutra, reservando-se aos determinantes eufóricos e disfóricos a função de especificar a natureza do estado anímico. Deste modo, trabalharemos com as terminologias animotopônimos eufóricos e animotopônimos disfóricos para designar, respectivamente, os nomes de seringais que deixam antever expectativas positivas e negativas diante do trabalho nos seringais (ISQUERDO, 2013, p. 85 apud ISQUERDO, 1996, p.117).

Não obstante, esse posicionamento, na perspectiva lexicográfica, não parece funcional. Aliás, a possibilidade de reinterpretação do trabalho de Dick (1990) se confirma em Isquerdo (1996), tendo em vista considerar não apenas os dados, mas o método que se vem a adotar para a classificação do léxico toponímico em geral.

Com o objetivo de demonstrar que o modelo, proposto por Dick, embora próprio, em uma pesquisa de outra verve, não se confirmou como ótimo na aplicação dos dados lexicográficos, apresenta-se o, no quadro 11, abaixo, em que se buscou aplicar incondicionalmente sua aplicação em alguns dados da pesquisa. Para melhor compreensão dos dados, considere-se que x indica que o topônimo não se encontra no *corpus*; * sinaliza que o topônimo é classificado conforme seu papel semântico identificado no texto; + adverte que o topônimo pode ser classificado em outra taxa conforme o STT.

Quadro 11 – Aplicação do Sistema Toponímico Taxionômico em dados lexicográficos.

CORPUS	TOPÔNIMO	STT (1990)
X	Astrotopônimo (topônimos que são astros e corpos celestes)	Estrela (AH BA); rio da Estrela (ES); Saturno (AH ES)
+Abanhi (rio)	Cardinotopônimo (topônimos que representam as posições geográficas)	praia do Leste (PR); serra do Norte (MT); Entre-rios (AH AM); ribeirão do Norte (MG); Lagoa do Sul (SC).
+Abanhi (rio)	Cromotopônimo (topônimos que indicam as cores)	Rio Branco (AM); rio Negro (AM); rio Pardo (SP); serra Azul (SP).
+Aldeget (ilha)	Dimensiotopônimos (topônimos que representam as características dimensionais dos acidentes geográficos)	ilha Comprida (AM); serra Curta (BA); Larga (AH GO); riacho Grosso (CE); morro Alto (GO); córrego Fundo (MT); igarapé Profundo (RO).
X	Fitotopônimos (topônimos de natureza vegetal)	Arroio Pinheiro (RS); Pinheiral (AH, RJ); morro da Mata (MT); Caatinga (AH BA); serra da Caatinga (RN); ribeirão Café (ES); Cafezal (AH PA).
*Aldeget (ilha) *Anchediua (ilha) *Angoxa (arquipélago) *Arábia (península) *Aynã (ilha) *Bengála (angra) *Çahará (deserto)	Geomorfotopônimos (topônimo que se referem às formas topográficas)	Monte Alto (AH SP); Morro Azul (AH RS); Colinas (AH GO); Coxilha (AH RS); Vale Fundo (AH MG); Baixadão (AH MT); Costa Rica (AH MT); Cabo Frio (AH RJ); Angra dos Reis (AH RJ); Ilhabela (AH SP); Porto Velho (AH RO).
*Abanhi *Algaor *Aliga *Arruya *Bibi +Çanagá	Hidrotopônimos (topônimos que representam os acidentes hidrográficos)	Serra das Águas (GO); Água Boa (AH MG); Riozinho (AH PI); Rio Preto (AH SP); Córrego Novo (H MG); Ribeirão Preto (AH SP); Braço do Norte (AH BA); Foz do Riozinho (AH AM).
*Manicá (mina) *Çibáo	Litotopônimos (topônimos de natureza mineral)	Lagoa do Barro (BA); córrego do Barreiro (AM); Tijuco Preto (AH SP); arroio do Ouro (RS); córrego Tijucal (SP); Minas Gerais (AH MG); Cristália (AH MG); Pedreiras (AH MG).
X	Meteorotopônimos (topônimos que representam os fenômenos atmosféricos)	Serra do Vento (PB); Ventania (AH SP); Botucatu (AH SP); riacho das Neves (BA); cachoeira da Chuva (RO); cachoeira do Chuisco (MT); Chuva (AH MG); Trovão (AH AM); Cachoeira Trovoada (PA).
+Abanhi	Morfotopônimos (topônimos que refletem as formas geométricas)	Curva Grande (AH AM); ilha Quadrada (RS); lagoa Redonda (BA); Triângulo (AH MT).
X	Zootopônimos (topônimos que representam animais domésticos e não domésticos)	Rio do Boi (MG); lagoa da Onça (RJ); ribeirão da Boiada (SP); Vacaria (AM RS); Tapiratiba (AH SP).
X	animotopônimos ou nootopônimos (topônimos referentes ao ânimo psíquico e à cultura espiritual)	Vitória (AH CE); Triunfo (AH AC); cachoeira da Saudade (MT); Belo Campo (AH BA); rio Feio (SP)

*Çanagá *Abrantes	Antropotopônimos (topônimos que indicam nomes próprios)	Abel (AH MG); Benedito (igarapé ³² MT); Bentinho (AH MG); Fátima (AH MT); Chiquita (ilha MT); Nico (igarapé AC ³³); FernãoVelho (AH AL); Joaquim Preto (igarapé do PA); Jorge Pequeno (ribeirão MG); Maria Magra (serra da MG); Pedro Ligeiro (AH GO); Abreu (AH RS); Barbosa (arroio RS); Silva (AH PA); Tavares (rio SP); Antônio Amaral (AH MG); Francisco (AH RN); Francisco Dantas (AH); Manuel Alves (rio GO).
X	Axiotopônimos (topônimos que refletem os títulos de uma pessoa)	Presidente Prudente (AH SP); Doutor Pedrinho (AH SC); Duque de Caxias (AH RJ).
+Baçaim (cidade) *Bellamarim (reino) *Bengála (reino) +Cambáya (cidade) +Batsorá (cidade)	Corotopônimos (topônimos que se referem aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes)	Brasil (AH AM); Europa (AH AC); Amazonas (AH BA); Uruguai (AH MG).
X	Cronotopônimos (topônimos que indicam alguma cronologia: velho, novo etc)	Velha Boipeba (AH BA); rio Novo Mundo (GO); Nova Viçosa (AH BA); Velha e Nova Emas (AH SP).
X	Ecotopônimos (topônimos referentes às habitações de uma maneira geral)	Casa da Telha (AH BA); Ocaçu (AH SP); Sobrado (AH BA).
X	Ergotopônimos (topônimos formados a partir de vocábulos da cultura material)	córrego da Flecha (MT); Jangada (AH MT); Relógio (AH PR).
*Baduijs *Abexijs *Amoucos *Baduijs *Cáfres *Conquenijs *Maraunion	Etnotopônimos (topônimos que representam povos e grupos étnicos no geral)	Guarani (AH PE); ilha do Francês (RJ); rio Xavante (MT); Chavantes (AH SP); Árabe (arroio RS).
X	Dirrematotopônimos (topônimos formados por frases linguísticas)	Há mais tempo (AH MA); Valhame Deus (AH MA); Vai Quem Quer (igarapé, AM); Deus me Livre (AH BA).
X	Hierotopônimos (relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças) Hagiotopônimos Mitotopônimos	Cristo-Rei (AH PR); Jesus (rio GO); Alá (lago AM); Nossa Senhora da Glória (AH AM); Natividade (AH GO); Natal (AH AC); Cruz de Malta (AH SC); serra da Igreja (PR); Capela (AH AL); Capelazinha (AH MG). São Paulo (AH SP); Santa Tereza (AH GO); Santana da Boa Vista (AH RS).
X	Historiotopônimos (topônimos referentes aos movimentos históricos e a seus membros)	Independência (AH AC); rio 7 de setembro (MT); Inconfidência (AH RJ); Inconfidentes (AH MG); rua Vinte e Um de Abril (SP).

³² Igarapé é um riacho que nasce numa mata e vai desaguar suas águas num rio.

³³ Acidente Físico.

X	Hodotopônimos ou Odotopônimos (topônimos que refletem às vias de comunicação rural ou urbana)	Estradas (AH AM); Avenida (AH BA); córrego do Atalho (GO); Travessa (AH BA); Rua da Palha (AH BA); Ladeira (AH MA).
X	Númerotopônimos (topônimos que expressam os adjetivos numerais)	Duas Barras (AH BA); Duas Pontes (AH RO); Três Coroas (AH RS).
*Baçaim (cidade) *Batsorá (cidade) *Cambáya (cidade)	Poliotopônimos (topônimos constituídos pelos nomes de cidade, vila, aldeia, povoação, arraial).	rio da Cidade (RJ); serra da Aldeia (PB); Arraial (AH BA); Vila dos Anjos (AH MG); Tabapuã (AH SP).
*Dále (porto) *Gató (porto) *Mundi bárca (porto)	Sociotopônimos (topônimos referentes às atividade profissionais)	Cotovel (AH MG); Pé de Boi (AH SE); Pé de Galinha (AH BA); Mão Esquerda (rio da, AL); Mão Quebrada (lagoa da, PI); Dedo (igarapé do, RR); Dedo Cortado (córrego do, GO); Dedo Grosso (AH SC).
	Somatotopônimos (topônimos empregados metaforicamente em relação às partes do corpo humano e ou animal)	Cotovel (AH MG); Pé de Boi (AH SE); Pé de Galinha (AH BA); Mão Esquerda (rio da, AL); Mão Quebrada (lagoa da, PI); Dedo (igarapé do, RR); Dedo Cortado (córrego do, GO); Dedo Grosso (AH SC).

Fonte: Elaboração dos autores.

Como se pôde verificar, no quadro acima, um mesmo topônimo poderia ser agrupado em classes diferentes se se considerasse o STT (1990), o que prova haver um problema de aplicação plena do Sistema em dados lexicográficos. Com o intuito de comprovar esse ponto de vista, observe-se o quadro contrastivo, abaixo apresentado em que se opõe a perspectiva lexicográfica versus o STT.

Quadro 12 – Quadro contrastivo: Lexicografia versus STT.

LEXICOGRAFIA	SISTEMA TOPONÍMICO TAXIONÔMINCO
Corotopônimo	Poliotopônimo
Hidrotopônimo	Antropotopônimo Cardiotopônimo Cromotopônimo Cardiotopônimo Morfotopônimo
Geomorfotopônimo	Sociotopônimo

	Etnotopônimo Dimensiotopônimo Litotopônimos
--	---

Fonte: Elaboração própria.

Note-se que taxes como Corotopônimos e Poliotopônimos destinam-se, ambas, a agrupar nomes de cidades, embora aqueles sejam muito mais voltados a nomes de países e estados. Isso, sem dúvida, permite que se encaixe um mesmo item nessas duas classes, por exemplo. Outro ponto a se considerar é que classes como a dos Cardionotopônimos (posição geográfica); Cromotopônimos (paleta de cores), Dimensiotopônimos (dimensões das formas geográficas); Cronotopônimos (cronologia), dificilmente, serão funcionais em dados lexicográficos por qualificar o topônimo em si, mas não defini-lo em sua totalidade. Veja que, na perspectiva lexicológica, essas taxes poderiam ser consideradas o que se convencionou chamar de dimensão, ou seja, níveis de abstração sêmica em que se identificam gradientes.

Nesse sentido, optou-se, nesta tese, pela reinterpretação das taxes propostas por Dick (1990), em razão do objeto teórico abraçado e do método utilizado, considerando sempre no processo de classificação a referencialidade semântica da unidade lexicológica, aqui considerada, como antes dita, como lexia.

Portanto, considerando os topônimos no *corpus* conseguiu-se definir oito classes possíveis de classificação, extraídas originalmente da proposta de Dick (1990). Observe-se o quadro 13 abaixo.

Quadro 13 – Taxes de topônimos conforme os dados do *corpus*.

TOPÔNIMO	CONCEITO	EXEMPLO
1- Antropotopônimo	Topônimo que tem origem no nome de pessoa	Çanagá, Abrantes
2- Corotopônimo	Topônimo que representa país, continente, estado, reino	reino (Onor); conjunto de reinos (China).
3- Etnotopônimo	Topônimo que se refere a povos e castas	povos (abexij(s)); (amoucos); (baduijs); (cáfre(s)); (conquenijs) casta (maraunion)

4- Geomorfotopônimo	Topônimo que circunscreve as formas dos acidentes físicos	cabo (Comorim); ilha (Arguim); angra (Cambáya); península (Arábia); monte (Delij); serra (Gáte); costa (berberia); golfo (Bôbaim)
5- Hidrotopônimo	Topônimo que abrange os acidentes hidrográficos	rio (ruçnia); boca do rio (satigan); braço de rio (Zembere), lago (Barcená)
6- Litotopônimo	Topônimo de origem mineral	mina (çibáo); (manicá)
7- Poliotopônimo	Topônimo que expressa um nome de uma cidade, vila, povoação, comarca, região e província	cidade (Budaurij); vila (Táncos); povoação (Abiã Ar); comarca (Futa); região (Ajan); lugar (soár); província (Canará)
8- Sociotopônimo	Topônimo que se refere a ambientes onde se realizam atividades profissionais	porto (mundi bárca); (pãdarane); pacem

Fonte: Elaboração dos autores.

Como se constata, no quadro 13, manteve-se a mesma terminologia do STT nas oito classes. No entanto, essas foram reinterpretadas tendo em vista os dados do *corpus*. Os Corotopônimos passaram, também, a agrupar topônimos referentes a reinos e a conjuntos de reinos; ao passo em que não mais congregariam nomes de cidades. Esses ficariam sob a égide dos Poliotopônimos que reúnem nomes de vila, povoação, comarca, região e província. Os Geomorfotopônimos, por sua vez, passariam a abarcar cabos, costa, península, golfo, monte etc. Já os Hidrotopônimos, além de agregar nomes de rios, passariam a agrupar nomes de braço de rio e boca de rio.

Assim, diante de tudo que foi discutido até aqui, ficou claro que o STT (1990), embora não atenda plenamente à pesquisa lexicológica e lexicográfica, em função do objeto teórico abraçado, pôde orientar um processo de reflexão das propostas taxionômicas existentes e referendar novos posicionamentos atinentes ao trabalho de pesquisa de viés lexicográfico.

7 MÉTODOS E TÉCNICAS ADOTADOS NO GLOSSÁRIO

A edição é uma prerrogativa nas análises linguísticas permitindo que se tenha um banco de dados para o estudo da língua, como bem defendeu Mattos e Silva (2008). Nesse viés, a edição elaborada, de cunho diplomático da Primeira Década da *Ásia* (1552), serviu de base ao levantamento de étimos não latinos e não românicos, identificados de maneira profusa no *corpus* de estudo. Das 480 páginas editadas, selecionaram-se 991 itens que, em sua maioria, circunscrevem a área da antroponímia e da toponímia e se configuram como importantes caracterizadores dos contatos linguísticos desenvolvidos no Oriente.

Observou-se, também, que os itens não românicos e não latinos estão no cenário da geografia oriental, delineando regiões, cidades, reinos, rios, fontes, cabos, que integram os continentes africano e asiático. Ademais, muitos elementos evidenciam a sociedade da época, ao traçar características da economia, política, religião e cultura dos povos que lá viviam, corroborando ser no léxico em que se evidenciam a heterogeneidade geográfica e as diferentes camadas sociais. Assim, o estudo aqui proposto é tímido – se comparado com o trabalho monumental de Benveniste (1995) que, no seu *Vocabulário das instituições indo-européias*, observou, ancorado no método comparativo, o léxico da economia, parentesco, sociedade, poder, direito e religião –, mas uma pequena contribuição para o conhecimento da história lexical em língua portuguesa.

De posse da edição, a primeira ação foi a de processar o texto com o auxílio de uma ferramenta informática, comumente utilizada pela lexicografia tradicional, o *Word Smith* 4.0. Identificaram-se 8.840 *types*, que são unidades linguísticas diferentes disponíveis à interpretação do lexicógrafo nas *wordlists*. Ao lado dos *types*, ocorreram 63.515 *tokens*, que são as ocorrências dos *types* no *corpus*. Também, reconhecidos como signos lematizados, os *tokens* são unidades revestidas de informação gramatical.

As *wordlists*, desse modo, evidenciaram os *types* por ordem alfabética e por ordem de frequência. Dentre os elementos mais recursivos, destacaram-se claro os mais gramaticais, como o item *que*, com 3.035 ocorrências no *corpus*. Adentraram ainda nesse âmbito, o elemento *e*, com 2.741 ocorrências, e a preposição *de*, que ocorreu 2.279 vezes no texto. Também, destacou-se a preposição *até*, empréstimo árabe mais gramatical na língua portuguesa, com incidência de 100 vezes no texto.

Além disso, foi possível identificar, nas *wordlists*, inúmeros empréstimos de origem árabe, como: *açucar*, *ajaezados*, *alcácer*, *alcadaria*, *alcaide*, *alferes*, *algazarras*, *bozina*, *califa*,

dentre outros. Esses empréstimos eram já esperados, considerando que os árabes já haviam influenciado bastante o português antes das grandes navegações, além de serem os maiores comerciantes de especiarias e de ouro na costa da África e da Ásia, durante os séculos XV e XVI.

Observaram-se signos lemáticos com apenas uma única recorrência no *corpus*, os *hapax legomena*, que interessam bastante à lexicografia histórica, porque podem estar em desuso na língua e, por isso, foram desenterrados do texto e do apagamento da história através do registro lexicográfico. Para além disso, signos lemáticos que só apareceram no feminino singular, ou no masculino plural, ou somente na forma verbal finita, foram reconhecidos através das *wordlists*.

O segundo passo da pesquisa foi compreender as unidades linguísticas em uso no *corpus*, através da ferramenta *Concordance*, que traz os contextos em que os elementos aparecem no texto, evidenciando seu comportamento lexical e semântico.

Pôde-se observar, nessa fase, a maior produtividade de signos lemáticos inseridos no campo onomástico; e no campo da embarcação, reforçando a seleção previamente realizada desses elementos, além de evidenciar mais signos não latinos e não românicos que não tinham sido ainda reconhecidos.

Para além disso, a fragmentação do texto auxiliou à correção da edição, uma vez que as *wordlists* permitiram identificar signos lemáticos que ainda estavam com alguma digitação indevida, ou mesmo aqueles que se encontravam sem os diacríticos, porque o programa fragmentador não os reconheceu.

Por outro lado, as *wordlists*, muitas vezes, disponibilizaram signos lemáticos fragmentados, visto que não se realizaram, na edição, a junção e separação dos vocábulos, o que se tornou um problema para o levantamento dos dados, além de interferir na ordem alfa dos signos lemáticos. Somente com o auxílio da ferramenta *Concordance* constataram-se os usos dos vocábulos no *corpus*, podendo assim interpretá-los linguisticamente.

Essa foi uma dificuldade ocasionada pela edição diplomática que, apesar disso, se justificou não apenas porque ampliou o campo bibliográfico da obra, mas, sobretudo, por causa de uma decisão metodológica. Pois, não se poderiam interferir no texto, juntando, ou separando vocábulos de línguas estrangeiras que não se tem conhecimento pleno para isso.

De posse do material-piloto³⁴, procedeu-se à construção da microestrutura do glossário, tendo como base os itens – toda informação dada em um verbete, como: entrada; classe gramatical; etimologia; definição, e os indicadores – como a informação se apresenta no verbete, se for tipográfica relaciona-se com a forma do item, se é negrito, itálico, colorido. Ainda há o indicador não tipográfico, que evidencia os símbolos relacionados aos itens, como: traço (–); parênteses (); colchetes []; ponto (.); dois (dois pontos), entre outros.

Portanto, a microestrutura de um verbete é o compósito de itens e indicadores. Desse modo, é preciso que estejam organizados de maneira a indicar todas as informações fornecidas ao consulente.

Para isso, elaboraram-se critérios lexicográficos, tendo como base a microestrutura do *Dicionário Etimológico do Português Arcaico* (2013) – DEPARC, já que os verbetes elaborados poderão integrar o acervo do *Dicionário* em uma edição futura. Consideraram-se, também, na construção dos critérios os objetivos da lexicografia histórico-variacional, que se configura como:

um campo de pesquisa deveras idiossincrático, já que, diferentemente da lexicografia contemporânea, a conservação da diversidade de usos da escrita, isto é, o pleno registro da variação gráfica, é muito mais requerido naquela do que nesta, passando essa ideia a se configurar como uma das linhas metodológicas norteadoras do trabalho de pesquisa diacrônico do léxico, nomeadamente no que se refere à construção de dicionários históricos da língua, em especial daqueles que objetivem registrar o período que antecede as novas posturas sociais, comportamentais e linguísticas do período renascentista em Portugal (MACHADO FILHO, 2012, p. 382).

Elaborou-se, assim, a microestrutura dos verbetes, que pode ser apreciada abaixo, no quadro 14:

Quadro 14 – Microestrutura dos verbetes.

ITENS	INDICADORES TIPOGRÁFICOS	INDICADORES NÃO TIPOGRÁFICOS
Lema principal	Letra, redonda, minúscula e negritada .	Em casos de vocábulos homófonos, utilizam-se os números sobrescritos ¹ e ² para verbetes diferentes. Para o mesmo verbete, utiliza-se – para indicar a classe gramatical diferente, antecedida por /.
Lema secundário	Letra redonda, minúscula e em negrito .	Precedida pelo sinal ~ (ex; algárue(s) ~ algarue(s) ~ algárb).

³⁴ É a lista exaustiva dos itens lexicais que irão compor os verbetes.

Lema múltiplo	Letra redonda, minúscula e em negrito.	Somente é indicado por hífen, entre parênteses (-), o lema múltiplo que tiver forma morfológica exótica.
Classificação gramatical	Letra minúscula redonda, conforme a lista de abreviaturas.	Precedida por traço – e finalizada por ponto.
Antônimos em um mesmo verbete	letra minúscula e redonda	Separados por barra (/)
Étimo, origem ou Processo de Formação	Letra redonda minúscula, língua de origem conforme lista de abreviaturas, étimo ou origem em <i>italico</i> .	Entre parênteses e encerrado por ponto. Formas compostas ou derivadas identificam-se com sinal de adição (+).
Fonte etimológica consultada	Em minúscula e redondo	Sobrescrito (< ár. <i>al-kisá</i>) ^h .
Definição	Inicial minúscula, restante minúscula e arredondada	Entre aspas simples (‘’) e encerrada por ponto.
Acepções	Inicial minúscula, restante minúscula e arredondada	Entre aspas simples (‘’), seguida por ponto e vírgula (;) e encerrada por ponto (.)
Remissões	Letra minúscula, redonda e negritada	Iniciadas e separadas por setas.
Identificação da abonação	Letra minúscula e redonda	Entre colchetes [] e encerrada por dois pontos:
Abonação	Letra minúscula e redonda e negritada apenas a unidade lexical em uso	Precedidas por dois pontos e finalizadas por ponto.

Fonte: Elaboração dos autores.

7.1 ELABORAÇÃO DOS VERBETES

Tendo posse da microestrutura, o passo seguinte foi a elaboração dos verbetes, que contou, inicialmente, com a lematização dos signos lemáticos, que é quando se persegue sua forma canônica, isto é, retira-se o máximo de gramática desse itens com o fito de transformá-los em lema.

Lematizaram-se 991 signos lemáticos entre principais e secundários. Conforme os critérios pré-estabelecidos, o lema principal foi a forma mais frequente no *corpus*. No entanto, quando se teve a mesma frequência entre as variantes, optou-se pela variante registrada com diacrítico por caracterizar a escrita do autor. Casos em que não houve o diacrítico, escolheu-se a variante que estava mais próxima da ortografia vigente, exceto aquelas situações em que a variante caracterizava a língua da época, como o *ll* duplo, o *mm* duplo, as quais foram elegidas a lema principal, mesmo se houvesse uma forma próxima da escrita atual. Por variante lexical entende-se como

“cada forma diferente de se representar, em um mesmo contexto, um mesmo valor significativo ou funcional, independentemente de as alterações na forma terem origem fonética, fonológica, morfológica ou discursiva (MACHADO FILHO, 2014, p. 274).

Nessa perspectiva, valorizaram-se formas femininas como lema principal, independente de suas correspondentes masculinas, exemplo disso foi o o verbete: **aluoraçada**.

Figura 24 – Extrato de verbete.

aluoraçada – adj. (→ aluoraçado) ‘agitada’.
 [1552/pda1/f11v]: E nos | dias que Nuno
 Tristam aly esteue fez algũas entrádas na tẽrra
 firme , mas nã pôde auer mais | presa que
 aquella primeira do már : e por a tẽrra já andar
 muy **aluoraçada** , se tornou pera o rey- | no o
 anno de quatro centos e quorenta e tres.

Fonte: Barros (1552, p. 116).

Exemplo semelhante foram os lemas como uma única ocorrência no *corpus*, mesmo no plural, sem sua correspondente no singular, como foi o caso de **abases**. Todas essas estratégias foram adotadas porque um glossário histórico respeita a diversidade linguística.

Figura 25 – Extrato de verbete.

abases – sm. pl. (talvez do greg. *aúasis*, ou do ár. *habxī*)^m ‘etnotopônimo’; ‘povos que habitavam o deserto’. [1552/pda3/f33r]: O qual deserto nam é assy tam | esterile per todo , que algũa parte nam seja pouoádo em empolas , que sam os **Abases** de que | escreue Estrabo : e o mais é pastádo de muytos Alárues que per elle andam em cabildas , e | por razam das calidádes que tem , lhe dam diferentes nomes.

Fonte: Barros (1552, p. 108).

Os lemas principais homófonos tiveram entradas diferentes no verbete, exceto os substantivos e os adjetivos, que foram registrados no mesmo verbete, com indicação da classe precedida por traço – e depois por barra /. Ex: **arábia** ~ **arabia** ~ **arabea** – sf./adj.

No tocante aos lemas secundários, todos tiveram entradas remissivas para o verbete principal, como foi o caso **algárb** → algárue(s), exceto os lemas secundários que não se diferenciaram ortograficamente, como: **algárue(s)** ~ **algarue(s)** e, por isso, não comprometeram a alfabetação vertical dos verbetes.

Figura 26 – extrato de verbete.

algarue(s) ~ algárue(s) ~ algárb – sm. pl. (< ár. *al-garb*)^m ‘poliotopônimo’; ‘região ou sub-região que se localiza ao Sul de Portugal’.
 [1552/pda1/f4r]: todo o trabalho daquelles | principes que então õ governáuam , foy alimpar a cása desta infiæl gente dos Arábeos que lhã | tinhã ocupáda do tempo da perdiçam de Espanha , teç totalmente a poder de ferro õs lançarem | alem már , com que se jntitularam reys de Portugal e do **Algarue**
 [1552/pda1/f4r]: e senhores das ylhas orientaes de Ma- | luco , Ganda , e sómente se intitulam por reyes de Portugal , e dos **Algarues** daquem e da- | lem már , senhores de Guiné e da conquista, nauegaçam , e comércio , da Ethiópia , Arábia , | Pérsia , e Índia. [1552/pda1/f3r]: E segundo escreuem os Arábios no seu Tarigh , que ẽ huĩ summário | dos feitos que fizêram os seus calyfas na conquista daquellas pártes do oriente : neste mesmo | tempo , delá se leuantáram e viêram grandes emxames delles pouoar estas do ponente a que | elles chamam **Algárb** , e nós corruptamente **Algárue** dalem már . [1552/pda1/f3r]: Onde , assy por ser da linhagem dos calyfas de Damasco , como por ser hómem valeroso e | caualeyro de sua pessoa , foy muy bem recebido , e concorreo a elle tante gente arábia da que | já cá andáua nestas pártes dos **Algárues** dalem már.

Fonte: Barros (1552, p. 114).

Horizontalmente, os lemas secundários foram ordenados em ninho, não obedecendo à alfabetação interna do verbete, mas ao critério de frequência das variantes. Embora se saiba que o preferencial seria que fossem organizados em nicho, obedecendo a alfabetação, no entanto um glossário histórico que visa ao registro de toda variação lexical, de maneira inevitável, corrompe a alfabetação interna das variantes.

Quando um signo lematício que se pretendia lematizar não possuía a forma canônica, em termos lexicográficos, recorreu-se à estratégia de entrada morfológica falsa, conforme metodologia comentada por Machado Filho (2012) e adotada pela lexicografia histórica-variacional:

chamadas ‘falsas entradas’ remissivas indicam que, embora a lexia pesquisada não esteja atestada na forma gráfica que se encontra patente entre indicadores estruturais, especificamente pelos colchetes, a sua correspondente histórica estaria devidamente lematizada no dicionário, conquanto em forma morfológica de plural, não-canônica, portanto, em função dos dados, que exemplarmente aqui só teria ocorrido com essa configuração linguística no *corpus* (MACHADO FILHO, 2012, p. 382).

Considerando, pois, as ‘falsas entradas’ com sistema remissivo para a variante atestada no *corpus*, bem como o lema secundário com remissão para o verbete principal, o glossário que, ora se apresenta no próximo capítulo, teve um sistema de remissão extremamente perdulário para dar conta de toda variação lexical identificada no *corpus*,

evitando com isso que não se deixe de permitir ao público alvo uma consulta rápida e eficaz às unidades léxicas de seu interesse. Essa estratégia possibilitaria, ainda, que o provável desconhecimento, por parte do consulente, da forma ou das formas gráficas que pudesse exibir uma lexia de um período distante, não lhe obliterasse uma resposta adequada do dicionário à sua curiosidade, mesmo quando de alguma maneira pudessem essas formas linguísticas ter sido alteradas substancialmente com o tempo, a ponto de não mais serem identificadas por ele no presente (MACHADO FILHO, 2012, p. 3-4).

No tocante à lematização dos verbos, manteve-se a dinâmica de falsas entradas morfológicas. Assim, esses entraram na forma infinita – independente de sua atestação no *corpus*, seguida de todas as flexões de modo, tempo, aspecto, número e pessoa, que foram identificadas no texto. Os verbos só se diferenciaram dos nomes no que concerne ao registro da variação na cabeça do verbete, a qual foi devidamente indicada no corpo do próprio verbete. Isso permitiu que se pudesse registrar toda a variação verbal patente no texto de análise.

Estabelecidos os lemas principais e secundários, realizou-se o passo seguinte, que foi a classificação gramatical de cada lema de acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira – NGB, embora se reconheça a problemática existente em torno das classes, nomeadamente, a dos substantivos, dos adjetivos e dos advérbios, que estão erroneamente classificados, segundo Perini (2010). Situação diferente é a classe dos verbos por ser a mais evidente em linguística, visto que seu potencial funcional está bem definido.

Conquanto os *hapax legomena* tenham sido categorizados em classes, não tiveram a classificação de gênero definida, já que a ocorrência única inviabiliza o reconhecimento da categoria de gênero. Não obstante, a estratégia de classificação foi muito válida para se conhecer o comportamento comum de muitos lemas no *corpus*, bem como aqueles que se distanciavam em seus campos semânticos – conjunto de significados contextuais da unidade lexical.

O passo seguinte foi a investigação etimológica que se ancorou em obras de referência para a história da língua, a exemplo de dicionaristas como Machado (1990) e Machado Filho (2013, 2019), entre outros.

Nessa fase da pesquisa, atentou-se para a necessária diferença entre étimo e derivação morfológica para que não se incorresse o erro de criar etimologias que, na verdade, eram resultado de um processo derivacional. Segundo Viaro (2011, p. 99),

no étimo, por definição, a *mesma* palavra sofre mudanças fonéticas e semânticas sem nenhum aumento ou decréscimo de elementos de formação (como prefixos e sufixos); já na derivação, trata-se visivelmente de *palavras distintas*.

Adicionado a isso, buscou-se diferenciar a origem, isto é, a base histórica do étimo, do que fosse etimologia propriamente dita. Sob essa lógica, depreendeu-se que “o étimo de uma palavra investigada é a forma equivalente da mesma palavra, imediatamente anterior numa sincronia pretérita qualquer” (VIARO, 2011, p. 99). Exemplo clássico, que evidencia ser a origem dessemelhante do étimo, é o vocábulo “açúcar” cuja origem é sânscrita (< *sarkara*) e o étimo é árabe (< *as-sukkar*).

Realizou-se uma ampla pesquisa em vários dicionários etimológicos do português, no sentido de se identificar os étimos inventariados no glossário. Isso já traz uma relevância para o trabalho porque não encontrá-los, nas obras pesquisadas, não significa que sejam, de fato, de base não latina e não românica. Mas sim que há um longo caminho a ser percorrido, nas pesquisas linguísticas no Brasil, para que se possa depreender com mais acuidade os étimos orientais na língua portuguesa.

Nesse contexto, inventariar étimos de línguas, pertencentes a sistemas linguísticos muito distantes do português, demanda um volume excepcional de pesquisa que não circunscreve um *corpus* de estudo. Em muitos casos, não havia sequer segurança sobre a região que deveria corresponder a língua de origem, o que inviabilizou propor, ainda que de maneira hipotética, um étimo para o vocábulo em análise. Por isso, com vistas a fidedignidade da investigação, embora se tenha tido como foco o item étimo, ou a origem, ou a formação morfológica, quando os dados foram insuficientes para uma decisão segura, optou-se por registrar o vocábulo como de étimo desconhecido.

A próxima etapa da pesquisa concentrou-se na definição dos vocábulos não latinos e não românicos, que pertenciam a maior parte ao campo da onomástica, ancorando sempre que possível na definição sinonímica com vistas a preservar o valor semântico da unidade lexical na história da língua e, sobretudo, por não se poder desvendar as nuances significativas, obscurecidas pela distância temporal.

O passo seguinte foi o registro das abonações, que teve como auxílio a ferramenta Concordance do *WordSmith 4.0* e a edição diplomática. Vale ressaltar que as abonações foram extraídas de forma a compreender os étimos não latinos e não românicos, nesse sentido, escolheram-se as melhores abonações, as que apresentavam o comportamento claro dos itens no *corpus*.

No verbete, foram organizadas conforme a ordem em que os lemas principal e secundários apareceram na cabeça do verbete – toda informação válida a todo o verbete. Assim, primeiro, registaram-se a abonação do lema principal e, depois, dos lemas secundários.

Por fim, elaboraram-se o *front matter* – texto pré-dicionarístico –, composto pela chave de consulta dos verbetes, a lista de abreviaturas e os autores consultados, e o *back matter* – texto pós-dicionarístico –, que integra, sobretudo, as referências utilizadas na construção do vocabulário.

8 GLOSSÁRIO DE ÉTIMOS NÃO LATINOS E NÃO ROMÂNICOS

O glossário, diferentemente do vocabulário, é um produto lexicográfico decorrente de uma estratégia de seleção de itens lexicais no texto. É, na verdade, um extrato do *corpus* em análise e, no caso deste trabalho, o foco de registro, como já se discutiu anteriormente, foram as unidades linguísticas que não têm nenhum parentesco etimológico com a língua latina e com nenhuma língua românica.

Neste capítulo, são apresentados os verbetes construídos, tendo como base os métodos e as técnicas da lexicografia histórico-variacional, os quais se distribuem em plenos e remissivos e obedecem, obviamente, ao sistema de alfabetização.

8.1 TEXTOS PRÉ-DICIONARÍSTICOS

Apresentam-se, abaixo, os textos pré-dicionarísticos utilizados na elaboração do glossário proposto: lista de abreviaturas, o glossário de termos empregados, os autores consultados e a chave de consulta. Por fim, apresentar-se-á a nomenclatura, isto é, o conjunto de verbetes elaborado.

Quadro 15 – Abreviaturas utilizadas nos verbetes.

adj. – adjetivo	alem. – alemão	ár. - árabe
bambar. – bambara	bengal. – bengala	berb. – berbere
cadaic. – cadaico	célt. – celta	chin. – chinês
dim. – diminutivo	dravíd. – dravídico	fr. – francês
germ. – germânico	gót – gótico	greg. – grego
hebr. – hebraico	hind. – hindi	hindust. – hindustani
IFP – indicativo futuro do pretérito	indíg. – indígena	INF – infinitivo
ingl. – inglês	IPP – indicativo pretérito perfeito	javan. – javanês
lat. – latim	malab. – malabar	malai. – malaio ou malaia
malaia. – malaiala	marat. – marata	neoár. – neoárico
pácrit. – pácrito	part. pass. – particípio passado	pers. – persa
quimb. – quimbundo	sânschr. – sânscrito	sf. – substantivo feminino
sf. pl. – substantivo feminino plural	siam. – siamês	singalês.-sâncr.
sm. – substantivo masculino	sm. pl. – substantivo plural	tain. – taino
tâm. – tâmul	tâm.-malaia. – tâmul-malaiala	

Fonte: Elaboração dos autores.

Quadro 16 – Breve glossário com termos técnicos empregados.

Abonação – é a estrutura morfossintática que evidencia a unidade em uso no <i>corpus</i> .
Acepções – são diferentes comportamentos significativos da unidade linguística no <i>corpus</i> .
Definição – é a codificação da informação semântica do item lexical, quando não se identificam acepções.
Étimo – “é a forma equivalente da mesma palavra, imediatamente anterior numa sincronia pretérita qualquer” (VIARO, 2011, p. 99).
Fonte etimológica consultada – são os dicionários etimológicos consultados.
Identificação da abonação – segue a estrutura: ano de publicação da obra, nome da obra, livro, fólio [1552/pda3/f38]. Exceto o verbete almirante , que estando localizado antes da numeração dos fólhos, recebeu a seguinte indicação de abonação: ano de publicação da obra, nome da obra, livro, página, coluna. [1552/pdal/p5c1].
Lema – ‘menor forma morfológica que um signo lemativo possa assumir em um dicionário’ (MACHADO FILHO, 2012).
Lema homófono – é aquele que apresenta mesma grafia, mas com significados diferentes.
Lema múltiplo – formas morfológicas distintas para um mesmo lema.
Lema principal – forma canônica do item lexical em foco. É a variante que tem mais frequência no <i>corpus</i> .
Lema secundário – variante do lema principal
Origem – base histórica do étimo
Remissões – são as redes de relações lexicais dentro da nomenclatura, que podem ser de ordem semântica e de ordem formal.

Fonte: Elaboração dos autores.

Etimólogos consultados:

- ^a – ALVES, Adalberto. *Dicionário de arabismos da língua portuguesa*. Lisboa: INCM, 2013.
- ^b – BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v.
- ^c – COROMINAS, Joan. *Breve diccionario de la lengua castellana*. Madrid: Gredos, 1954-1957. 4 v.
- ^{cf.} – CORRIENTE, Federico. *Los arabismos y otras voces medio-orientales del Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Filologia Linguística Portuguesa, v. 15, nº. especial, p. 69-184, dez. 2013.
- ^{cp.} – COROMINAS, Joan; PASCUAL, José. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Gredos, 1991, 6v.
- ^d – DALGADO, Sebastião Rodolfo. *Glossário Luso-Asiático*. Coimbra: Academia das Ciências de Lisboa, 1919.

da. – DAUZAT; Albert. *Dictionnaire Étymologique de la langue française*. Paris: Librairie Larousse, 1938.

f. – SOUSA, Frei João de. *Vestigios da lingua arabica em Portugal*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1927.

fa. – FAURE, Roberto. *diccionario de nombres propios*. Madri: Espasa Cal pe, 2002.

g. – CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

h. – HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1 ed. Objetiva, 2009.

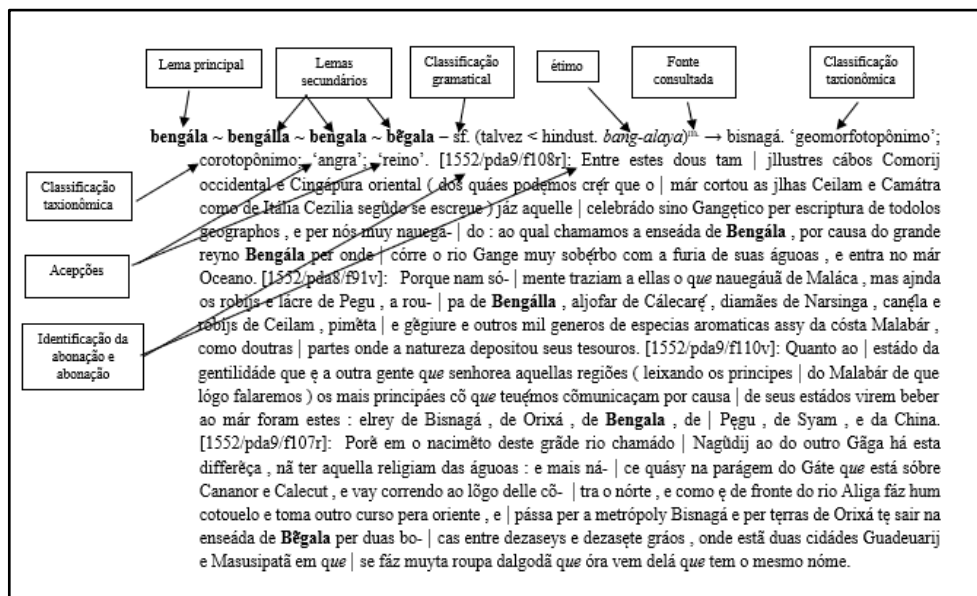
m. – MACHADO, José Pedro. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita conhecida de muitos vocábulos estudados*. 6 ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1993. 5v.

mf. – MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Dicionário etimológico do português arcaico*. 1. ed. Salvador: Edufba, 2013.

mg. – GUÉRIOS, Rosário Mansur. *Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes*. São Paulo: Ave Maria, 1981

Chave de consulta:

Figura 27 – chave de consulta.



Fonte: Elaboração dos autores.

8.2 Nomenclatura:

A

abanhi – sm. (étimo desconhecido) → astabóra → astapus → tacazij. ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda10/f118r]: E deste tres notáuçes rios *que* ao presente sa- | bēmos procederem deste lágo os quães vem sair ao már tam remótos hũ do outro : o *que* corre | per mais tērra , é o Nilo aque os da tērra do Prēste Ioam chamam Tacuij , no qual | se mētem outros dous notáuçes a que Ptolemeu chama Astabóra e Astapus , e os naturáes | Tacazij , e **Abanhi** . E pósto que este **Abanhi** (que acērcá delles quēter dizer pay das águoas po- | las muytas que lēua).

abases – sm. pl. (talvez do greg. *aúasis*, ou do ár. *habxī*)^m. ‘etnotopônimo’; ‘povos que habitavam o deserto’. [1552/pda3/f33r]: O qual deserto nam é assy tam | esterile per todo , que algũa pártē nam seja pouoádo em empolas , que sam os **Abases** de que | escreue Estrabo : e o mais é pastádo de muytos Alárues que per elle andam em cabildas , e | por razam das calidádes que tem , lhe dam diferentes nomes.

abastia – sf. (talvez do amárico) ‘poliotopônimo’; ‘terra do Preste João’; Etiópia’. [1552/pda10/f119r]: | E como naquelle tempo de Ptolemeu per via dos moradóres desta tērra **Abastia** do Prēste , | a que elle cháma Ethiópia sobre Egypto , esta tērra de que falamos em algũa maneira ęra nóta | por razam deste ouro e o lugar teria nóme , fez elle Ptolemeu aquy termo , e sua conta da distã- | cia austral . Toda a gente desta regiam em gēral é nęgra de cabēllo retorcido , e porem de mais | entendimento *que* a outra *que* cōrrę contra Moçambique , Quillóá , Melinde : entre a qual há muy | ta *que* cōme cárne humana e que sangra o gádo vacũ por lhe beber o sangue com que se mantem . | Esta do estádo de Benomotápa ę muy dispósta pera conuerter a nóssa fę , porque crēm em hũ só |

deos aque elles chamã Mozimo , e nam tem jdolo nem cousa *que* adorem.

abaya – sm. (talvez do árabe) ‘antropônimo’. [1552/pda10/f121r]: Como Pero da **Abaya** foy cercado da gēte da | terra , e como elle matou elrey e o maisque succedeo per | sua morte.

abaz – sm. (< ár. *abbās*)^m. → abázcion. ‘antropônimo’; ‘tio de Cafá’. [1552/pda1/f3r]: E depouys de Arábia Syria e pártē da Pęrsia , arderē cō guęrras de cōfusam a quem | pręualeceria neste estádo , em que morreo grande numero delles , tendo cada parentęla enlegi- | do calyfa antre sy : vięram alguũs naquella pártē jnterior de Arábia onde está situáda a cidade | Cufá , per concórdia de sua cisma babilonica , enleger por calyfa a huũ arábio chamádo Cafá : | dizendo que a elle pertencia aquelle ponteficádo por ser o mais chegádo parente de Mafâmę- | de : ca elle vinha per linha direita de **Abaz** seu tio , á linhágem do qual **Abaz** elles chamam | Abázcion.

abázcion – sm. (→ abáz) ‘antropônimo’. [1552/pda1/f3r]: elle vinha per linha direita de Abaz seu tio , á linhágem do qual Abaz elles chamam | **Abázcion**.

abbedelmalec – sm. (< ár. *abd al-ahad*)^a. → maraunion. ‘antropônimo’; ‘servo do único Alá’; ‘califa da cidade de Damasco’. [1552/pda1/f3v]: Antre alguũs desta linhágem Maraunion que este capitam Abedelá perseguia , auia huũ | hómeme poderóso chamádo AbediRamon filho de Mauhyá , e neto de Hóxon , e bisnęto | de **Abbedelmalec** : o qual auó e bisauó em tempo passado foram tambem calyfas daquella ci- | dade Damasco.

abedelá ~ abedela ~ habedála – sm. (< ár. *abd-allah*)^a. ‘antropônimo’; ‘servo de Alá’; ‘califa que invadiu e tomou a cidade de Damasco’. [1552/pda1/f3v]: Da furia e fógó dás quães cruezas que este **Abedelá** | fazia , saltou hũa faisca que veo abrasar toda Espanha.

[1552/pda1/f3v]: ordenou lógo este nouo calyfa huñ seu parente per nome **Abe-** | **delá** benAlle , que com grande numero de gente de cauállo fosse sobre o calyfa de Damasco. [1552/pda1/f3v]: **Abedela** seu jmigo tanto que o venceo e soube quã mal recebido | era dos próprios seus , sem o querer mais perseguir foy se dereitamente a Damasco : e tomada | pósse da cidade , a primeira cousa que fez , foy mandar desenterrar o calyfa Yazit. [1552/pda8/f98v]: E em lugar deste tirãno leuãtou o póuo por rey **Habedála** jrmão delrey Cayde já pas | sádo , *que* durou no reyno hũ áno e meyo , e seu jrmão Ale outro tãto.

abediramon – sm. (< ár. *abd ar-rahmān*)^m. → maraunion. ‘antropônimo’; ‘califa que fundou a cidade de Marrocos’. [1552/pda1/f3v]: Antre alguñs desta linhagem Maraunion que este capitam Abedelá perseguia , auia huñ | hómem poderoso chamádo **AbediRamon** filho de Mauhyá , e neto de Póxon , e bisneto de Abbedehnalec.

abexij(s) – sm. (< ár. *habxī*)^m. ‘etnotopônimo’; ‘povos da Etiópia’. [1552/pda4/f44r]: Neste tẽpo entre alguñs | mouros *que* vinhã vender aos nauios mãtimẽtos : viẽrã tres **abexijs** da tẽrra do Prẽste Ioam | Os quaes posto *que* seguissem o error dos mouros , como fora criados naquella maneira de reli | gia e fẽ de Christo *que* seus padres tinhã , ajnda *que* nã cõfórme a jgreja Romana : em vendo a ima | gem do anjo Gabriël pintáda em o nauio do seu nome *que* ẽra o de Uásco da Gãma , como cousa | nota aelles por em sua pátria auer muytas jgrejas que tem estas imáges dos anjos , e algũas do | proprio nome , assentarãse em giolhos e fizẽrã sua adoraçã . Quãdo o capita soube delles serem | de naçam **Abexij** , cujo rey nestas partes ẽra celebrádo por Prẽste Ioã das Indias , cousa a elle | tam encomendada , começou de õs emquerir per Fernã Martinz lingua.

abiã Ar – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação localizada ao extremo da cidade Adem’. [1552/pda9/f106v]: E tornádo a primeira pártē occidẽ- | tal desta repartiçã , leixando o jnterior dos dous estreitos do már roixo e Párseo pera seu tem | po : da gargãta deste roixo *que* está em altura de doze grãos e dous terços até a cidáde Adem ca- | beça daquelle reyno , auerã quorẽta lẽguoas , e della ao cábo de Fartaque que está em quatorze | grãos e meyo serã cem lẽguoas . Entre os quaes extremos ficã estas pouoações **Abiã Ar** , Ca | naçã , Brum , Argel , Xaël cidáde cabeça do reyno.

[abrahão] → habrã.

abrahemmo → habraemo.

abrantēs – sm. pl. (étimo desconhecido) ‘antropotopônimo’; ‘cidade portuguesa pertecente ao distrito de Santarém’. [1552/pda3/f37v]: Principalmente aquelles que ẽram officiães deste mistẽr da geogra- | phia , por a pouca distancia que auia das jlhas terceiras a estas que descobrira Colom , sôbre | o qual negócio teue muytos conselhos : em que assentou demandar lógo a dom Frãscisco Dal- | meyda filho do conde de **Abrantēs** dom Lopo com hũa armáda a esta pártē .

abrasar – v. (< ár. *bassa*)^a. ‘queimar’. || INF [1552/pda1/f3v]: Da furia e fôgo dás quães cruzas que este Abedelá | fazia , saltou hũa faisca que veo **abrasar** toda Espanha. || IPP3 [1552/pda8/f3v]: O | qual fôgo **abrasou** a mayór pártē daquelle cidáde de abominaçam. || IFP3 [1552/pda6/f74v]: õ escre- | ueo primeiro ao Çamorij per hum dos gentios que se tomáram nos bãrcos : denuncian- | dolhe que nam vendo tẽ o meyo dia recádo seu , com effecto do que lhe per tantas vezes mã- | dara dizer elle **abrassaria** em fôgo aquella sua cidáde.

acáxumo – sm. (talvez do amárico) → axumá. ‘poliotopônimo’. [1552/pda10/119r]: E pondo nisso nósso jui- | zo , parece que esta óbra mandou fazer algũ príncipe que naquelle tẽpo foy senhor destas minas | como pósse dellas : a qual perdeo com o tẽpo , e tãbem por serẽ muy remótas de seu estádo , cá | por a semelhança dos ẽdificios parecem muytos a outros *que* está na tẽrra do Prẽste Ioã em hũ | lugar chamádo **Acáxumo** , que foy hũa cidáde câmara da raynha Sabá aque Ptolemeu chama | Axumá.

[acem] → hacen.

açóres – sm. pl. (< origem controversa; [talvez, do lat. *acceptor, óris*]^m ou < ár. *as-sûr* ou *aswâr*)^a. ‘geomorfotopônimo’; ‘arquipelágo português situado no atlântico’. [1552/pda2/f21v]: Nas quães | lembrãças , achamos *que* no anno de quatro cẽtos quorenta e nóue , deu el rey licença ao jnfante | dom Anrique que podẽsse mãdar pouoar as sete jlhas dos **açóres**.

açoutádo – adj/sm. (< part. pass. de açoitar [este do ár. *as-saut*]^{mf}) ‘aquele que sofre golpes de açoite ou de instrumento semelhante’. ‘chicotado’. [1552/pda4/f45v]: deu com os na | uios entre hũas jlhas , afirmãdose que ẽra hũa ponta de tẽrra firme . Por causa da qual mentira | foy muy bem **açoutádo** , dõde ficou ás jlhas nome do **açoutádo**.

açoute – sm. (< ár. *as-saut*)^{mf}. ‘espécie de chicote’; ‘chicotada’. [1552/pda3/f38v]: e assy era

esquino e bárba | ro este **açoute** daquella gente pagaã, que asolaua quanto se lhe punha diante . E como con esta | ferocidade tinha feito grande dano em os amigos e seruidores del rey.

açucar(-es) – sm. (< ár. *as-sukkar*)^h. ‘carboidrato doce que serve para adoçar sucos e bebidas’. [1552/pda3/f39v]: E mais ç propriadade tam pacifica , mansa , e obediente , que sem | termos , hũa mão em o murram aceso sobre a escórua da bombárda , e lança na outra , nos dá | ouro , marfim , çera , coirama , **açucar** , pimenta , malagueta. [1552/pda1/f7v]: Cousa *que* o jnfante muyto sentio e parece *que* como profecia vio esta necessi- | dade presente que a jlha tem de lenha : porque dizem que mandaua *que* todos plâtássem matas , | polo negócio dos **açucares** de que a jlha lógo deu môstra , gastar tanta que çra çerto vir a esta | necessidade.

adágas → adárga.

adárga ~ **adágas** ~ **adargas** – sf. pl. (< ár. *ad-darghâ*)^h. ‘escudo oval de couro cujo formato assemelha-se a um coração’; ‘escudo utilizado pelos muçulmanos do Norte da África’. [1552/pda6/f73r]: mil hómeës despa- | da e **adárga**. [1552/pda10/f119v]: e delles alguïs , por festa em muy bóa ordem se sayam do fio do seu lugar. estas armas , arcos de frechas , azagayas da remeso , **adágas** , machadinhos de fêrro que cor- | tam muy bem. [1552/pda7/f80v]: çram lêues e ousádos au cometer com suas espádas e **adargas** , que primeiro òs acháuam en | tre as pernas por às decepar , do *que* os nóssos òs podiam ferir.

adargádos – adj. pl. (part. pass. de adarga [este do ár. *ad-darghâ*)^h. ‘militar armado com adargas’. [1552/pda4/f48v]: Partidos deste tẽplo chegarã a outro | jũto de hũa pouoçam onde estáua apouentádo outro Catual , pesóa mais notáuel que vinha | per mãdado do Çamorij recebêr Uásco da Gãma . O qual quádo sayo aelle çra cõ muyta gẽte | de guẽrra a todos **adargádos** a seu módo.

adargas → adárga.

adẽ → adem.

adem ~ **adẽ** – sm. (< ár. *ádan*)^m. ‘poliotopônimo’; ‘cidade do Iêmen que se localiza no sudoeste da Península da Arábia’. [1552/pda3/f29v]: Tornádo outra vez á cidade | **Adem** que está situáda na boca do estreito do már roxo , na párt de Arabia Felix : embarcouse | pera o Cairo. [1552/pda4/f50r]: pois per- | dẽdo a elles perdia vássallos , e nam virem mais a seu aporto náos de Mẽcha , Iuddá , **Adẽ** , | Orinuz e doutras muytas pártes , no cõmẽrcio das quáes estáua todo seu estádo.

[**áden**] → adem.

aduár – sm. (< ár. *ad-dawâr*)^a. ‘poliotopônimo’; ‘povoação em que habitavam os mouros’. [1552/pda1/f14r]: Esta vida e policia vio Ioam Fernãdez hũ pouco de tempo entre aquelles | pastóres : e depois andando em hũ **aduár** de hũ principal mouro daquelles Azenegues a que | chamáuã Huade Meimõ.

afonso ~ **afõso** – sm. (talvez. dos radicais germânicos *adal-* ‘nobre’ ou de *all-*, *ale-*, *al-* + *-funs* ‘disposto para o combate’)^{mf}. ‘antropônimo’. [1552/pda1/f1v]: o tempo e achádo eu antre alguãs cartas *que* el rey vósso pádre ante da minha offerta tinha es- | cripto a dom Frãciso Dalmeyda e a **Afonso** de Aboquerque que cõquistáram e governará | a India . [1552/pda1/f11r]: Como se cõtem na chronica do mesmo rey dô **Afõso** , e mais copiósamẽte na própria cõfirma - | çã retificarã e corroborará de pázes se póde vẽr , per a bulla do dito pápa Sixto.

afõso → afonso.

agasalhar – v. (< gót. *gasalja*)^h. ‘dar abrigo’; ‘conceder hospedagem’. || INF [1552/pda3/f25r]: E porque ao presente elle vinha bem prouido de mercado- | rias e cousas muy ricas que ajnda aly nam foram vistas , pera guárda das quáes lhe çra necessa- | rio fazer hũa cása fôrte em que esteuẽssem recolhidas , e assy algũs apouentos onde se podesse | **agasalhar** aquella gente honráda que com elle vinha . || CPI6 [1552/pda3/f30v]: El rey como as per razões *que* abaixo | diremos , tinha muyto conhecimento delle : mandou á Lixbóa que ò **agasalhássem** bem , e dhy | ò passassem honradamente ao castello da villa de Palmẽla.

agi hocem – sm. (agi [este do ár. *hāgg*)^{cf}. + hocem [este do ár. *husayn*, dim. de *hasan*)^a. → mahamed. ‘antropônimo’; ‘rei de Quiloa’, ‘filho de Mahamed’. [1552/pda10/f127v]: **Agi Hocem** nouo rey como nos primeiros dias se vio com o fauor de Nuno Uáz que estáua | em Sofála pósto naquelle estádo , ordenou lógo fazer guẽrra ao matador de seu pay.

agisymba – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’. [1552/pda8/95r]: EM a párt de tẽrra de Africa sobre a Ethiópia o que Ptolemeu chama jnte- | rior onde está á regiam **Agisymba** ; que ç a mais austral tẽrra de que elle tẽue | noticia , e onde faz a sua meridional computaçam.

[**aió**] → áyo.

aires ~ **ayres** – sm. (< hebr. *arieh*)^m. ‘antropônimo’; ‘escrivão de Olivença’. [1552/pda1/f19r]: E o que neste caso se póde auer por mais marauilho- | so , e que cortádas as amárras por nam auer quem as leuásse , nam ficando em o

nauios mais | que hũ móço da cámara do jnfante chamado **Aires** Tinóco natural de Oliuença que viera | por escriuam. [1552/pda2/f24r]: e os outros capitães eram Gonçálo Dafonseca , Ruy Doliueira , Joã Roÿz Gante , Joã | Afonso , que depois matáram em Arguim sendo capitam daquella fortaleza , Joam de Moura | Diógo Roÿs jngres , Bartholameu Diaz , Pero Deuora , e Gómez **Aires** escudeiro del rey. [1552/pda5/f60r]: Como por causa da nao tomada a cidade se pos | em armas e veo sobre **Aires** Correa e o mataram. [1552/pda3/f37v]: Pera o qual caso se acabar de concluyr , enuiuou | el rey a Castella Ruy de Sousa e seu filho dom Ioam de Sousa , e **Ayres** Dalmáda cor- | regedor da sua corte.

aixa – sf. (< ár. *aixâ*)^m → mafamede. ‘antropônimo’. [1552/pda1/f3v]: Porque sendo Hócem neto de Ma- | fameda seu legislador , filho de sua filha **Aixa** e de Alle seu sobrinho , dereitamente enlegido | por calyfa como fora seu pay.

ajaezados – adj. (< part. pass. de ajaezar [este do ár. *jaez*]^a) ‘ornamentado’; ‘enfeitado’. [1552/pda3/f31r]: Porem polo consolár em sua necessidade , e animar a se conueter : man- | doulhe cinco cauállos **ajaezados** pera sua pesóa , e o duque de Beja dom Manuel lhe man- | dou hũ , e arreos pera outros.

ajan – sf. (talvez do árabe) → herac ajan. ‘poliotopônimo’. ‘região da Índia’. [1552/pda8/f95v]: Deste rio jndo contra o cábo de Gradafu , e dhy voltando | até as pórtas do estreiro e dellas lâçando hũa linha ás fontes delle , fica hũa tẽrra a que os Ara | bios própriamente chamã **Ajan** : a qual quásy toda e pouoada delles pósto que em muyta pártē | contra o meyo dia no jnterior da tẽrra habitẽ negros jdolátras.

alárdo ~ **alardos** – sm. pl. (< ár. *al - hard*)^h. [1552/pda5/55r]: Chegádo hũ domingo oito dias de março do anno de mil e quinhentos , com toda a corte ouuir missa a | nõssa senhora de Bethlem que e em rastẽllo : onde já as náos estáuam com seu **alárdo** da gente | dármas feito. [1552/pda5/67r]: porque se nam ti- | nham muytas veças , tinhã muyta e muy bóa artelharia , e mais todos eram costumádos a pe- | lejar com mouros e a nam temer seus **alardos** .

alaridos – sm. pl. (< ár. *al-arid*)^a. ‘grito de guerra’; ‘gritaria’; ‘algazarra’. [1552/pda8/f104v]: E com este aluoróço e **alaridos** que traz a furia da guẽrra , de quando em quando lançáuam | hũa nuuem de frẽchas perdidas em cima dos batẽtes que fazia asáz de danno aos nõssos.

alárues ~ **alarues** – sm. pl. (< ár. *al- ârabi*)^a → azanẽgues → brabaxiis → Ludáyas. ‘etnotopônimo’; ‘povos nômades que viviam como salteadores no deserto’. [1552/pda3/f38v]: Onde esteuẽram pouco tempo por a tẽrra | ser muy desẽrta , e sómente virem a ella os mesmos **Alárues** que as vezes vinham ao castẽllo de | Arguim , que sam Azanẽgues , Ludáyas e Brabaxiis : dos quães nam se podia auer jnforma- | çam do jnterior da tẽrra de que elle desejáua ter noticia , porque sua tençam nestas feitorias que | mandaua fazer no sertã , tãto era por sabẽr as cousas delle e poder penetrar as tẽrras do Preste | Ioam. [1552/pda1/f5v]: a qual deligencia lhe respondeo com o premio que elle desejava , porque veo saber per elles nam sómente das tẽrras dos **alarues** | que sam vezinhos aos desẽrtos de africa a que elles chamam çahará.

albárdas – sf. pl. (< ár. *al- barda'a*)^h. ‘selas feitas de estopa e palha, usadas em animais de carga’. [1552/pda4/f42v]: nõca poderã auer delles hũa só cabeça , parece que õ estimauã : porque alguũs boyes mo | chos que os nõssos virã andáuã gordos e limpos , e vinhã as molhẽres sobrelles cõ hũas **albár- | das** da tabua.

alcacer ~ **alcácer** – sm. (< ár. *alqasr*)^h. ‘poliotopônimo’; ‘cidade africana’. [1552/pda2/f23]: E como todolos principes a | mayór pártē da vida gástam nas óbras de sua jnclinaçam , veo el rey dom Afonso a se descuidar | das cousas deste descobrimento , e celebrar muyto às da guẽrra Dafrica , com a tomáda das | villas de **Alcacer** e Arzilla e cidáde de Tanger . E assy mandou a Gomezeanes de Zurára seu chronista mór á villa | **Dalcácer** Ceguér em Africa.

alcaidaria – sf. (< *alcaide* [este do ár. *al.qāid*]^{mf}. + -ria) ‘função de quem exerce o cargo de alcaide’. [1552/pda1/f10v] Onde já achou Antam Gonçaluez , a | quẽ o jnfante assy per outros seruiços como polos deste descobrimento , deu a **alcaidaria** mór | de Tomar , e hũa cõmenda , e õ fez escriuam de sua puridáde.

alcaide(s) ~ **alcayde** – sm. (< ár. *al.qāid*)^{mf}. ‘autoridade administrativa de um castelo ou de uma povoação medieval’. [1552/pd1/f10r]: Partindo lógo tanto que anoiteceo em cuja companhia yam Diógo de | Ualladáres que depois foy **alcaide** mór da villa franca , e Gonçálo de Sintra , cujo esfórço se ve- | rá nesta conquista. [1552/pd8/f93v]: em | cada hũ anno , a qual podiam carregar em as náos que viessem pera este reino que lhe podia | jmpotrar cinco mil

reães : e a gente do már , capitães , **alcaides** móres feitóres escriuães [1552/pd1/f15v]: Soeiro Dacosta como ęra **alcayde** mór de Lágos a quem todos obedeciam | na tęrra.

alcantiláda – adj. (alcantil [este do ár. *qindil*]^a + -ada) ‘íngreme’; ‘despendeiro’. [1552/pd7/f89v]: auiam de cometer deza | sete náos grósas com muyta artelharia encadeádas hũas em outras , tam jũtas cõ as popas em | tęrra a maneira de **alcantiláda** , *que* parecĩ hũ eyrádo soberbo sobre o már.

alcatifa – sm. (< ár. *al-qatifa*)^h. ‘tapete macio e confortável para se sentar’. [1552/pda7/82r]: Tornádo o capitam Ruy | Lourenço á não , veo o mouro lógo tras elle acompanhado doutros quátro que ęram dos | principaes da tęrra : aos quáes Ruy Lourenço recebeo com gasalhádo e õs fez assentar em | hũa **alcatifa** segundo seu vso.

[**alarve**] → alárues.

alcatifádo – adj. (< ár. *al-qatifa* + -ado)^h. ‘entapetado’. [1552/pda8/f99r]: Finalmente ante *que* daly partisse elle foy | vestido em hũa marlóta de escarláta forráda de cetim com alamares douro , e hũ capelhar do | mesmo panno que lhe dõ Frãncisco mãdou dar , e leuádo a hũ cadafalso que se lógo armou sobre | pipas vazias encostádo a tórre da fortaleza **alcatifádo** e embandeirádo.

alcayde → alcaide.

alcorã – sm. (< ár. *al-qúrša*)^g → mafamed. ‘livro doutrinário, religioso, moral e político dos muçulmanos’. [1552/pda8/f96r]: A qual (segundo soubemos) per hũa chrónica dos reys de Qui- | loa de que a diante fazemos mençam , elles lhe chamã Emozaydij : e a causa deste destęrra foy | por seguirem a doutrina de hũ mouro chamádo Zaide , *que* foy nõto de Hocem filho de Ale o so- | brincho de Mahamed , casádo cõ sua filha Axa . O qual zaide tęue algũas openiões cõtra o seu | **Alcorã**.

alcoroës – sm. pl. (étimo desconhecido) [1552/pda8/f96v]: Das quáes assy por | apolícia das casas eirados e **alcoroës** , como com as palmeiras e aruoredos dos quintaes , pa- | recia a cidáde muy fermosa.

alcunha – sf. (< ár. *al-kunya*)^h. ‘antropônimo’; ‘apelido’. [1552/pda1/f4r]: E procedēdo estas vitorias em recobrar Espanha per discurso de trezētos | quorenta e tantos annos : vięram ter a el rey dom Afonso o sexto deste nome , **dalcunha** o brá- | no que tomou *Tolledo* aos mouros.

aldea(s) – sf. (< ár. *ad-day’a*)^{mf}. ‘pequena povoação’; ‘povoado’. [1552/pd1/f12r]: E da

jda que Antam | Gonçalvez fez ao rio do ouro . E depois Nuno Tristam , on- | de tomou hũa **aldea** de mourós. [1552/pd7/f83v]: e aproue a deos que foy | em tal óra , que deu em hũas **aldeas** onde já estáua assentada a gente do Çamorij em que fez grã | de estrágo por estar descuydada.

aldeget – sm. (étimo desconhecido) → arguim. ‘geomorfotopônimo’; ‘poliotopônimo’; ‘ilha’; ‘cidade de Arguim para os portugueses’. [1552/pda1/f11v]: E pelas nõuas *que* lhe Antam Gonçalvez deu das cousas | da tęrra segundo o tinha sabido dos alárues , e principalmēte pela quantidade douro *que* ouue *que* | ęra sinal de muyto *que* ao diante se podia descobrir : despachou lógo a Nuno Tristam que como | atras fica , foy o *que* chegou ao cábo branco . O qual Nuno Tristã desta viagem passou auante tē | hũa jlha , cujo nome per os da tęrra se chãma **Aldeget** *que* ę hũa das a *que* nós óra chamamos de Ar | guim.

ale ~ alle – sm. (< ár. *al-îd*)^a. ‘antropônimo’; ‘rei de Quiloa’; ‘pai do neto de Maomé, Hócen’; ‘filho do rei Soltão Hócen de Xraz da Pérsia’; ‘primeiro rei de Quiloa’. [1552/pda8/f98r]: leuantarã por rey a Hócen Soleiman sobrinho de Daut já defunto : *que* reinou | dezaseis ánnos . Ao qual succedeo **Ale** bem Daut seu sobrinho *que* reinou sesenta ánnos , e suce- | deo lhe hũ seu nõto chamádo do seu nóme. [1552/pda8/f98r]: E este Matáta leixou em | Quilloa hũ seu sobrinho per nome **Ale** Bonebaquer *que* aos dous ãnos os Parseos de Quilloa õ | lançará fóra. [1552/pda8/f98r]: Per mórte do quá l he succedeo seu filho **Ale** Buniale , *que* reinou quorenta | ãnos : e por nã ter filho herdou Quilloa **Ale** Busoloquete seu sobrinho , filho do jrmão *que* ti- | nha em Mõfia : *que* nam durou no estádo mais *que* quatro ãnos e meyo. [1552/pda1/f3v]: Porque sendo Hócem nõto de Ma- | fameda seu legislador , filho de sua filha Aixa e de **Alle** seu sobrinho , dereitamente enlegido | por calyfa como fora seu pay. [1552/pda8/f97v]: quásy nos ãnos quátro cętos da ęra de Mahamed : | reináua em a cidáde de Xraz *que* ę na Pęrsia hũ rey mouro chamádo Soltã Hócen . Per mórte | do qual lhe ficará sete filhos hũ dos quaes chamádo **Alle** ęra muy pouco estimádo entre os jr- | mãos : por seu pay õ auer em hũa sua escrãua da cásta dos Abexijs , e elles terem mãe nõbre da | linhagem dos principes da Pęrsia. [1552/pda8/f98r]: E após elle | Reynou quatorze **Alle** Daut , ao qual succedeo Hacen

seu nêto que reinou dezoito ánnos que | foy muy excelente caualeiro. 30r/3

[**alfaiate**] → alfayate.

alfaudil ~ **alfudail** – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’; ‘rei de Quiloa’. [1552/pda8/f98v]: E o seu gouer- | nador chamado Mir Habraemo nã quis fazer rey e tẽue o reyno em seu poder cõ tençã de ficar | naquelle estãdo por ser filho delrey Soleimã já defũto e primo cõ jrmão deste **Alfaudil** : o qual nã | leixou mais *que* hũ filho de hũa escrãua , de *que* ao diante faremos mençã *porque* depois veo a ser rey | desta cidãde sendo já nõssa . [1552/pda8/f98v]: Porẽ o póuo ò nã cõsentio *porque* lógo leuãtou por rey a hũ da linhagẽ real chamado Xũbo , *que* vi- | ueo naquelle estãdo hũ ãno sòmẽte : e tornãrã aleuãtar o passãdo *que* aos cinco ãnos foy despósto , | ã cujo lugar aleuantãrã Habraemo filho de Soltã Mamude já defũto *que* aos dous ãnos tãbẽ foy | despósto , e leuãtãrã a hũ seu sobrinho per nõme **Alfudail** *que* durou muy pouco.

alfayate – sm. (< ár. *al-hayyât*)^h. ‘costureiro de roupas masculinas e femininas’. [1552/pda9/f112r]: Porque o laurador ẽ distincto do pescador , o tecelam do carpinteiro ec. de maneira que os offi | cios tem seito entrelles linhãgẽ própria pera huũs nã casãrem cõ os outros , nem cõmunicarem | em muytas causas : e o filho do carpinteiro nã póde ser **alfayate** , porque em módo de religiam | cada hum na vida e officio segue seu pay.

alferez – sm. (< ár. *al-fáris*)^h. ‘oficial que ocupa o cargo de porta-bandeira’. [1552/pda1/f15r]: Os | mouros quãdo òs viram vir , viẽrem se a elles com hũa grita que fez espertar aos outros da ca- | ruela que sabiã nadar : porque moidos de hũa virtuõsa enuẽja começãrã de os seguir , os pri | meiros dos quães forã Gil Gonçãluez escudeiro do jnfante , e Lionel Gil filho do **alferez** da | bandeira da cruzada.

alfudail → alfaudil.

algacim – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade da Índia’. [1552/pda9/f107]: e adiante oito lẽguoas say outro tambem | notãuel per nõme Tapetij , na fõz do qual hũa de fronte doutra estã as cidãdes Surat e Rei | ner . Seguindo mais a cósta estã Nosçãrij , Bandiuij , Dãmam , Dãnu , Tarãpor , Quel- | maim , **Algacim**.

algaor – sm. (étimo desconhecido) → algauri. ‘hidrotopônimo’; ‘lagoa’. [1552/pda8/f92r]: O qual se jntitulãua com este | appellido Algauri , de que se elle muyto gloriãua : por

lhe ser pósto por causa de hũa gram vic- | tória que ouue de hum rey da Persia , junto de hũa alagõa chamãda **Algaor** , que faz o rio | Euphrates , entre Enz e Bagadad donde lhe dẽram por appellido Algauri.

algárb → algarue(s).

algarue(s) ~ **algárue(s)** ~ **algárb** – sm. pl. (< ár. *al-garb*)^m. ‘poliotopônimo’; ‘região ou sub-região que se localiza ao Sul de Portugal’. [1552/pda1/f4r]: todo o trabalho daquelles | principes que então ò governãuam , foy alimpar a cãsa desta infiẽl gente dos Arãbeos que lhã | tinhã ocupãda do tempo da perdiçã de Espanha , tẽ totalmente a poder de fẽrro òs lançarem | alem mãr , com que se jntitularam reys de Portugal e do **Algarue** [1552/pda1/f4r]: e senhores das ylhas orientaes de Ma- | luco , Ganda , e sòmẽte se intitulam por reyes de Portugal , e dos **Algarues** daquem e da- | lem mãr , senhores de Guinë e da conquista, nauegaçã , e comércio , da Ethiõpia , Arãbia , | Pérsia , e India. [1552/pda1/f3r]: E segundo escreuem os Arãbios no seu Tarigh , que ẽ huũ summãrio | dos feitos que fizẽram os seus calyfas na conquista daquellas pãrtes do oriente : neste mesmo | tempo , delã se leuantãram e viẽram grandes emxames delles pouoar estas do ponente a que | elles chamam **Algárb** , e nõs corruptamente **Algarue** dalem mãr . [1552/pda1/f3r]: Onde , assy por ser da linhãgem dos calyfas de Damasco , como por ser hõmem valeroso e | caualeyro de sua pessoa , foy muy bem recebido , e concorreo a elle tante gente arãbia da que | já cá andãua nestas pãrtes dos **Algarues** dalem mãr.

algauri – sm. (étimo desconhecido) → canaço. ‘antropônimo’; ‘hidrotopônimo’; ‘senhor de Canaço’. [1552/pda8/91v]: E ao tempo da nõssa entrãda na India , ẽra senhor deste grande | estãdo Canaço : a que alguũs dos nõssos chamam Camsor . O qual se jntitulãua com este | appellido **Algauri** , de que se elle muyto gloriãua : por lhe ser pósto por causa de hũa gram vic- | tória que ouue de hum rey da Persia , junto de hũa alagõa chamãda **Algaor** , que faz o rio | Euphrates , entre Enz e Bagadad donde lhe dẽram por appellido **Algauri**.

algazãras – sf. pl. (< ár. *al-gazãrã*)^h. ‘gritos realizados pelos mouros antes de iniciar um combate’. [1552/pda1/f16r]: E per este módo tam bẽ pereçãram alguũs canãrios : porque como erã confia- | dos no vso daquelles lugãres corriã mais sem tẽto . E dos nõssos o que milhõr se auia neste | módo de prear acoũo , foy Diogo Gonçãluez moço da cãmara do jnfante : aquelle *que* se lanço | u

ao mar em Arguim contra os mouros que estauã fazêdo **algazáras** na praya.

algodã ~ **algodam** – sm. (< ár. *al- qutun*)^h ‘tecido macio e fibroso usado na fabricação de vestimentas’. [1552/pda4/f43r]: E os mais delles traziã derredor de sy huũs pa- | nos **dalgodã** tintos de azul , e os outros toucas e panos de sêda atę carapuças de chamalote de | córes. [1552/pda5/f59v]: E posto que elle Çamorij nam tinha tanto | pano , seda , ouro , e ópa de brocádo como os nóssos leuáuã , e hum pano de **algodam** bormdo | com hũas rosas de ouro de pam semeádas por elle , aque chamam purauá , (trájo de Bramma- | nes ,) cobria seus coiros entre baços e prętos : a pedraria das orelheiras , barrete da cabeça , pa- | tęca cengida , e bracettes dos braços e pęrnas , ęram estas cousas de tam grande estima que | nam auia enuęja ás jóyas dos nóssos.

algodam → algodã.

[**algodão**] → algodã.

aliceces – sm. pl. (< ár. *al-isas*)^h. ‘base de uma construção’; ‘fundamento’. [1552/pda3/f26r]: | Ao seguinte dia começando os pedreiros quebrar huũs penedos que estauam sobre o már | junto onde tinham elegido os **aliceces** da fortaleza : nam podendo os negros sofrer tama- | nha injuria como se fazia áquela sanctidáde *que* elles adoráuam por deos , acedidos em furia *que* | lhe o demônio atięua pera todos aly perecerem ante do baptismo que depois alguũs delles | receberam , tomáram suas armas e com aquelle primeiro jmpeto dęram rijo em os officiaes | que andáuam nesta óbra. 8/103v/ nono/107v

aliga ~ **aligá** – sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’; ‘rio que separa o reino de Onor de Goa’. [1552/pda8/f103v]: e muyto mais ã temeo depois que soube ser ella do Sabáyo senhor da cidáde Goa | que seria daly doze lęgoas . A qual como ęra extremo do reino de Onor que se apartaua | do senhorio de Goa per hum rio chamádo **Aliga** ao longo do qual ella estáuá situáda por | esta razam de ser frontaria. [1552/pda9/f107v]: E pósto que no rio **Aligá** de Sintácora que está mais adiãte doze lęgoas se demar- | que o reino Dęcan , começãdo do rio Báte como dissemos.

aljazur → aljezur.

aljezur ~ **aljazur** – sf. (< ár. *al-juzur*)^m. ‘poliotopônimo’; ‘cidade localizada no distrito de Faro’. [1552/pda1/f15r]: | ęra merecedor que Aluáro de Freitas cõmedador de **Aljezur** ò armásse caualeiro como armou , | com grande prazer e solemnidade de todos [1552/pda1/f14v]: E assy ya em outro nauio Aluáro de Freitas cõmendador de **Aljazur**

hómẽ bem fidál- | go , e que nos mouros de Gráda e Bellamarim tinha feito grande pręsas.

aljofar → aljófre.

[**aljôfar**] → aljófre.

aljófre ~ **aljofre** ~ **aljofar** – sm. (< ár. *al- gauhar*)^{mf}. ‘conjunto de perólas pequenas’; ‘pérola preciosa bastante pequena’. [1552/pda5/f54v]: Quãdo viã neste reyno pimêta , cráuo , canęlla , **aljófre** , e pedraria , *que* os nóssos trouxerã , como | móstra das riquezas *daquella* oriental páрте *que* descobrirã : lembrandolhe quã espantádos òs fazia | algũa destas cousas , que as galęes de Ueneza traziam a este reyno. [1552/pda9/f109v]: Auera na derróta cõtando da jlha de Aynã on- | de se pęsa o **aljofre** , que ę o principio da gouernança de Cantam dozentas e setenta e cinco | lęguoas. [1552/pda8/f91v]: Porque nam só- | mente traziam a ellas o *que* nauegáuã de Maláca , mas ajnda os robijs e lácre de Pegu , a rou- | pa de Bengálla , **aljofar** de Cálecarę.

alle → ale.

almáda¹(s) – sf. pl. (< ár. *al-ma’ a-daná*)^m. ‘antropônimo’; ‘nome próprio derivado do topônimo de mesmo nome de uma cidade portuguesa’. [1552/pd3/f38]: Pera o qual caso se acabar de concluyr , enuiuou | el rey a Castęlla Ruy de Sousa e seu filho dom Joam de Sousa , e Ayres **Dalmáda** cor- | regedor da sua corte.

almádas² → almadia(s).

almadia(s) ~ **almádas**² – sf. pl. (< ár. *al-máadya*)^h. ‘embarcação africana e asiática’. [1552/pda10/f120r]: Estando em hũa **almadia** pescando hũ hómẽ fóra da bárra de Quillóa junto de hũa jlha chamá | da Miza , aferrou hũ peixe no anzólo da linha *que* tinha lançáda ao már. [1552/pda1/f19r]: Nuno Tristam quando vio as **almadias** juntas e | com sua chegáda se apartárem hũas pera hũa páрте e outras pera outra : pareceolhe , que de | gente bárbara e nam costumáda a vęr aquella maneira de hómẽes fogiam pera tęrra , porque | os negros mostráuam que se queriam acolher a ella. [1552/pda1/f1v]: Socedendo tambem lógo pro- | uęrme vóssa alteza dos officios de tesoureiro da cása da India e Mina , e depois de fey- | tor das mesmas casas , cárregos que com seu peso fazem acuruar a vida , pois leuam todolos | dias della , e com a ocupaçam e negócio de suas **almádas** e cõmercios , afógam e catiuam to | do liberal engenho.

almazem – sm. (< ár. *al-mahazán*)^h. ‘local em que se guarda mercadoria, ‘munição’. [1552/pda1/f18r]: Uen- | do Gomez Pirez que com elles nam auia algum módo de paz :

mandou a a hũs beſteiros que | consigo tinha *que* lhe respondessem cõ o seu **almazem** , dando lhe esta espedida.

almeyda – sm. (< ár. *al-māidā*)^m. ‘antropônimo’. [1552/pda1/p19]: Os quaes mórtoſ foram Joam Correa , Duarte Dolinda , Este- | uam **Dalmeyda** , Diogo Machádo : todos hómoes de sangue e que de móços se criaram | na câmara do jnfante , e assi outros escudeiros e hómoes de (***) de sua criáçam , que com os | mareantes podiam ser dezanoue pesóas.

almirante ~ almirãte ~ almirãnte – sm. (do radical ár. *al-mír* + -ante)^h. ‘capitão-mor de navio’. [1552/pda9/f116r]: Como atras fica pola fáma *que* | o **almirante** dô Uásco achou da miua de Sofála quãdo descobrio a India. [1552/pda6/f71r]: estando | elrey em Lixbóa , a trinta de janeyro foy ouuir missa á sê , e depois de acabáda com solenne fá- | la relatando os mÉRitos de dom Uásco da Gámma õ fez **Almirãte** dos máres de Arabia , Pêr- | sia , India , e de todo Oriente. [1552/pda6/f74r]: e com este recádo | espedio Payo Rodriguez e elle **Almirãnte** partiose ante menhá.

almirãte → almirante.

almofáda – sf. (< ár. *al-muhaddā*)^h. ‘travesseiro macio e confortável utilizado para encosto, assento, ou enfeite’. [1552/pda4/f48v]: E a hũa jlhárga deste leito em *que* jazia cõ a cabeça pósta sóbre | hũa **almofáda** de sêda rasa cõ lauóres douro a maneira de broslado , estáua hũ hõmem *que* parecia | em trajo e officio dos mais principaes da tÿrra.

almóurol – sm. (do ár. *al-mu awwal*)^a. ‘geomorfotopônimo’; ‘ilha localizada no rio Tejo, que recebeu esse nome por causa do Castelo de Almourol’. [1552/pda2/f21v]: Nas quães | lembrãças , achamos *que* no anno de quatro cêtos quorenta e nóue , deu el rey licença ao jnfante | dom Anrique que podêsse mãdar pouoar as sête jlhas dos açóres : as quães já naquelle tempo | éram descubértas e nellas lançádo algũ gádo per mandádo do mesmo jnfante , per hũ Gon- | çallo vélho cõmendador de **Almóurol** junto da villa de Tãncos .

almoxerifado – sm. (almoxarife [este do ár. *al-muxarif*]^h. +-ado) ‘depósito em que ficam todos os materiais necessários ao demais setores de uma empresa, seja privada ou pública’. [1552/pda1/f11]: O principal dos quães que moueo | esta jda , foy hũ escudeiro *que* se chamáua Lãçárote , que fóra móco da câmara do mesmo jnfan- | te ao qual elle dÿra o **almoxerifado** de Lágos , e aly estáua casádo : e os outros eram Gileanes.

almoxerife – sm. (< ár. *al-muxarif*)^h. ‘responsável pelo almoxarifado’. [1552/pda6/f75r]: Andre Diaz que depois foy almoxerife do **almazem** do reyno . E os toros dos córpos destes | membros mandou lançar ao már a tempo que a marÿ vinha : pera jrem ter á praya entre os | ólhos da gente e verÿ quanto custáua hũa traçam feita a Portugueses.

alquicÿ ~ alquices – sm. pl. (< ár. *al-kisā*)^h. ‘tecido ou capa’. [1552/pda1/f13v]: Estes | depois que õ leuáram pella tÿrra dentro a primeira hóra e gasalhádo que lhe fizÿram , foy esbu- | lhatÿnõ de quanto leuáua assy de vestido e roupa como de hũ pouco de biscopto trigo e legu- | mes de seu comer : e em satisfaçam disto lhe dÿram huũ **alquicÿ** roto pera cobrir suas carnes. [1552/pda1/f14r]: Suas cásas sam tendilhões , e o trajo comũ coiros do gá- | do que guardam , e os mais honrádos **alquices** : e os principaes de todos , panos de milhór | sórte.

aluario ~ aluáro ~ aluoro – sm. (< ár. *al-barī* ou *al-bāri*)^a. ‘antropônimo’; ‘o perfeito’; ‘o brilhante’. [1552/pda1/f12v]: Mas quis | sua má fortuna *que* se foy mÿter em huũ esteiro *que* quando a marÿ vazou ficou em sÿco : e vinda a | menháa em *que* o batel foy visto pelos mouros , acodirá óbra de dozentos , onde Gonçálo de | Sintra por se defender , naquella vása pereceo com estes sete hómoes : Lópo Caldeyra , Lópo | Daluÿllos ambos móços da câmara do jnfante , Iorge móço despóras , e **Aluoro** Gonçalvez | piloto cõ tres marinheiros , e o mais *que* yam no batel por saberem nadar se saluarã . [1552/pda3/f28v]: A capitania da qual viágem deu | a Bartholomeu Diaz caualeiro de sua casa , que ÿra hũ dos descobridóres desta cósta : o qual | ya em hũ nauio de que ÿra pilóto Pero Daletuouer e mÿstre o Leitam , e Joam Infante ou- | tro caualeiro ÿra capitam do segundo nauio : pilóto **Aluáro** Martinz e mÿstre Ioam Grego . [1552/pda1/f14r]: A capitania do qual deu a hũ Diniseanes da Graã , escudeiro do jnfante dom | Pedro , e sobrinho no primeiro gráo da molher delle Gonçálo Pacheco : em companhia do | qual fóram **Aluoro** Gil ensayador da moeda de Lixbõa.

aluoraçada – adj. (→ aluoraçádo) ‘agitada’. [1552/pda1/f11v]: E nos | dias *que* Nuno Tristam aly esteue fez algũas entrádas na tÿrra firme , mas nã póde auer mais | presa que aquella primeira do már : e por a tÿrra já andar muy **aluoraçada** , se tornou pera o rey- | no o anno de quatro centos e quorenta e tres.

aluoraçádo – adj. (< ár. *al-burūz* + -ado)^h. ‘agitado’; ‘tumultuado’. [1552/pda3/f36r]: O qual feito lógo foy no- | tificádo a el rey per os

contrairos do príncipe : agrauando tanto este caso , que lhe fizeram crer | que andáua o pouo tam **aluoraçado** que se a isso nam acodisse , leuantarse ya contra su real pe- | sóa. 5/56v

aluoraçar – v. (do radical < ár. *al-burûz* + -ar)^h. ‘agitar’; ‘tumultuar’. || INF [1552/pda8/f97r]: em quã- | to os batêes tornáua por outro gólpe de gente : sem neste tempo sair da cidáde cousa que òs | fizêsse aluoraçar , que lhe dáua sospeita , nam querem sair os mouros ao lárgo por òs aco- | lhêr nas ruas , que por serem estreitas se poderiam melhór adjudar . || IPP6 [1552/pda1/f20r]: e | entre as cousas que se ouuêram dos negros fóram hûs dentes de elefante , que **aluoraçaram** | tanto a Galárte , que tratou com os negros se poderia ver hû elefante viuo : e quando | nam , que lhe trouxessem a pèlle ou ossáda dalgũ , prometendo porisso grande prêmio. || IPP3 [1552/pda5/f56v]: A qual cousa sentindo Pedrál- | uarez com paláura , e fauor no *que* podia , amináua , e cõfortáua a todos , tẽ que o tempo cessou | e lhe trouxe cousa ante os ólhos que òs **aluoraçou** perdendo da memória o temor passado.

[**alvoroçar**] → aluoraçar.

aluoro → aluaro.

aluoroço ~ **aluoróço** – sm. (< ár. *al-burûz*)^h. ‘agitação’; ‘tumulto’. [1552/pda3/f26r]: E porque soube da lingua dos negros , que a causa principal do **aluoroço** delles , fóra | por ajnda nam terem recebido o presente que esperauam. [1552/pda6/f74r]: E a este derradeiro póрто em re | pósta do que o Almirante lhe requeria , lhe mandou dizer , que quanto ao pagamento da fazen- | da que os Portugueses pérderã no **aluoróço** *que* o pouo de Calecut cometeo , por as afrõtas *que* lhe | os mesmos Portugueses faziã : que elle capitam mór se deuia contentar com a tomáda da náo | de Mẽcha que jmportou mais em substancia de fazenda e em mórte de gente , que dêz vezes o | que Pedrálvarez tinha perdido.

ambasse congo – sm. (talvez de uma língua nigerocongolesa) → congo. ‘poliotopônimo’; ‘cidade africana’. [1552/pda3/f34v]: Sendo Ruy de Sousa em meyo caminho da cidáde de **Ambasse Congo** , onde está- | ua el rey , veo ter com elle hum capitam seu acompanhado de muyta gente , e mais adiante | outro : e no dia de sua entrada duas leguoas da cidáde viêram outros tres já em mais orde- | nança.

amoucos – sm. (< mal. *āmoq*)^m. ‘etnotopônimo’; ‘povo de Malaca e de Iaua’. [1552/pda7/f83v]: andáua os nòssos tam alêgres de em tal dia se ve | rem com os

jmigos , que sespantáua os Malabáres , e diziam que os nòssos andáua to- | mádos da furia da vingãça , como os **amoucos** de Maláca e da Iaua , os quães sam hómeeãs | que com jndinaçam dalgũ vingança mátam quantos acham ante sy nam temendo a mórte | cõ tanto que fiquem vingádos.

anagáça – sf. (< ár. *naqqâza*)^a ‘armadilha’. [1552/pda1/f18v]: e com outra mudança que fez o tempo tornou ao lugar | onde perdeo a fusta : de que ajnda acháram o cásko que os mouros nam quixeram desfazer | com propóstio que seria **anagáça** aos nòssos quando aly tornássem.

anche caimal – sm. (étimo desconhecido) → caimal. ‘senhor ou príncipe do Malabar’. [1552/pda7/f78v]: Entre os quães foy Cham | de Bagadarij senhor de Porca , e o Mangáte Caymal , e seu jrmão Naubeadarij , o Cai- | mal de Cambalu , o Caimal de Cheriauapil , e os cincoos Caimães da tẽrra aque elles chamã | **Anche Caimal** : *que* dêrã entráda per sua tẽrra , a *que* o Çamorijs passásse á de Cochij por esta ser a ella | muy vezinha.

anchediua ~ **angediuida** – sf. (talvez do concani) ‘geomorfotopônimo’; ‘ilha localizada na costa do mar arábico’. [1552/pda4/f52v]: foy ter per enculcádo gen- | tio da tẽrra desejádo de espalmar os nauios ã outros jlhêos pegádos cõ tẽrra firme . Aos quães nós agóra chamámos **Anchediuida** e os Canarijs **Anchediua** , anche qer dizer cincoo , diua | jlhas , por elles serẽ cincoo , pósto *que* ò notauêl e hû de que ao diante faremos mayór relaça , por | causa de hũa fortaleza que elrey dô Mãnuêl nelle mãdou fazer.

Ancolá ~ **ancola** – sf. (étimo desconhecido) → canará → canarij. ‘poliotopônimo’; ‘povoação da província canará’. [1552/pda8/f102r]: E assy estes per suas | intelligencias , como os vezinhos de Anchediua que eram os de Sintácolla e **Ancolá** que está | uam de fronte. [1552/pda/f107v]: No qual maritimo jázem estas pouoações **Ancola** , Egórapan , Mergéu , a ci- | dáde Onor cabêça do reyno.

andaluz – adj. (< ár. *andalus*)^{mf}. ‘poliotopônimo’; ‘adjetivo gentílico’. [1552/pda2/f23r]: hûas razões que nesta parágem ouuêram hû dom Rodrigo da Cu | nha fidálgo **Andaluz** capitã da nao Santiágo daquela armáda , e Santiágo Bueuara bys- | cainho capitam de hũa patáxa chamáda tambem Santiágo.

andaluzia – sf. (< andaluz + -ia [este do ár. *andalus*)^{mf}. ‘poliotopônimo’; ‘cidade espanhola’. [1552/pda1/f4r]: Em *que* entráua algũas da **Andaluzia** , porque em

todas estas elle e seu filho elrey dom | Afonso Henriquez vertérã seu sangue por às ganhar das mãos e poder dos mouros : (como | se verã em a outra parte da nõssa escriptura chamada Europa.

andor ~ **andóres** – sm. pl. (< malab. *andola*)^h. ‘padiola muito usada no Malabar para o transporte de pessoas’. [1552/pda4/f48v]: Uindo o recádo do Çamorij que fosse , sayo Uásco da Gámma com | doze pesóas em tẽrra onde õ recebeo hũ hómẽ nõbre a que elles chamã Catual , acõpanhado de | dozẽtos hómẽes a pẽ , delles pera leuarẽ o fáto dos nossos , e delles *que* seruiã de espáda e adar- | ga com guarda de sua pesóa , e outros de õ trazer aos hõbros em hũ **andor** : porque ã toda *aquella* | terra Malabár nã se serue de beſtas ; hũ dos quães **andóres** foy tãbem apresentádo a Uasco da | Gãma pera jr nelle.

andre – sm. (< gr. *andréas*)^{mg}. ‘antropônimo’. [1552/pda6/f75r]: O qual bárco mãdou per hũ | **Andre** Diaz que depols foy almoxerife do almazem do reyno.

angediuida → anchediua.

angelij – sm. (< tâmul *añjili*)^m. ‘poliotopônimo’; ‘região próxima ao rio Gange’. [1552/pda9/207r]: e ao *que* say da *que* esta ao sul Benhorã , e depois que se | adjuntã ã hũ corpo chamãlhe Gãga , o qual vay sair na fóz do jllustre rio Gãge entre estes dous | lugáres **Angelij** e Pichóldã quãsy ã vinte dous grãos.

angoxa – sf. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘arquipélago indiano’. [1552/pda10/f126v]: andáuum darmáda hũ nauio e hũ bar- | gantim que Pero Ferreira capitam de Quillóa ordenou pera esta guárda : e entre algũas prẽ- | sas que fizẽram foy tomar hũa náo que vinha das jlhas de **Angoxa** , em a qual se achou hum fi- | lho delrey de Tirendmcũde.

angra(s) – sf. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘pequena baía ou enseada’. [1552/pda2/28v]: Punham tambem os nomes aos cábos **angras** e móstras da tẽrra | que descobriam , ou por razam do dia que aly chegáuum , ou por qualquẽr outra causa , como | **angra** a que õra chamãmos das vóltas , que por às muytas em que entam aly andaram lhe dẽ- | rã este nome Angra das vóltas : onde se Bartholomeu Diaz teue cinco dias com tẽpos *que* lhe | nam leixáuum fazer caminho , a qual **angra** está em vinte nóue grãos da páрте do Sul.

antichthones – sm. (étimo desconhecido) ‘etnotopônimo’; ‘povos que habitam os antípodas que são regiões localizadas em lados opostos da terra’. [1552/pda3/f39v]: E

mais e propriadãde tam pacifica , mansa , e obediente , que sem | termos , hũa mão em o murram aceso sobre a escórã da bombárda , e lança na outra , nos dá | ouro , marfim , çera , coirama , açucar , pimenta , malagueta : e daria mais cousas , se tanto qui | sessemos della descobrir como descobrimos alẽ os pouos Japões , que pássam a cerca de nós | por Antipodes e **Antichthones**.

arabáldes – sm. pl. (< ár. *ar-rabad*)^h. ‘arredor’; ‘cercania’. [1552/pda4/f54r]: E como o lu | gar de rastello ẽ o mais çẽbre e illustre que este reino de Portugal tem , por ser nos **arabáldes** | de Lixboa monárcha desta oriental conquista , e póрта per onde auiam dentrar neste reino os | triumphos della.

arabea → arábia.

arábeos → arábios(s).

arábia ~ **arabia** ~ **arabea** – sf. / adj. ([< ár. *arâbîa*] ^f. ou do ár. *arab*)^a → arábios(s). ‘geomorfotopônimo’; ‘etnotopônimo’; ‘Península Arábia’; ‘península que se localiza no sudoeste da Ásia e ao nordeste da África’; ‘povo’. [1552/pda1/f3r]: E deploys de **Arábia** Syria e páрте da Persia , arderẽ cõ guerras de cõfusam a quem | preualeceria neste estádo , em que morreo grande numero delles , tendo cada parentela enlegi- | do calyfa antre sy : vieram alguũs naquella páрте jnterior de **Arábia** onde está situáda a cidade | Cufã. [1552/pda1/f3v]: Onde , assy por ser da linhãgem dos calyfas de Damasco , como por ser hómẽm valeroso e | caualeyro de sua pessoa , foy muy bem recebido , e concorreo a elle tanta gente **arábia** da que | já cá andãua nestas pártes dos Algárues dalem már. [1552/pda3/f29v]: Tornádo outra vez á cidade | Adem que está situáda na boca do estreito do már roxo , na páрте de **Arábia** Felix embarcouse | pera o Cairo onde achou nõua que seu companheiro Afonso de Paiua na própia cidãde auia | pouco que ẽra falecido de doença. [1552/pda1/f4v]: E os reyes deste reyno , sendo senhores do reyno de | Ormuz , cujo estado tẽ boa parte e a milhór da tẽrra maritima da **Arabia** e da Persia. [1552/pda1/f4v]: das infernães mesquitas da **Arabea** e Persia , e de todolos pagódes da gẽ- | tilidade da India daquem e dalem do Gange.

arábios(s) ~ **arabios(s)** ~ **arábeos** ~ **arábigo** ~ **arabico** ~ **arabigo** ~ **arábios** ~ **aráuigo** – sm. pl. (< ár. *arabî*)^a. → arábia. ‘poliotopônimo’. [1552/pda1/f3r]: E como naquelle tempo estes **Arábios** | ẽram os mais notauẽes que elle tinha , infestando o jmpẽrio Romano e perseguindo sua ca- | thólica ygreja : primeiro que per elles castigãsse Espanha õs quis castigar sua hẽresia. [1552/pda1/f3r]: cufã , per concórdia de sua cisma babilonica ,

enleger por calyfa a huñ **arábio** chamado café. [1552/pda1/f3]: e nam se contentando ajnda com este nóuo e soberbo nome , fundou a cidade | marrócos pera cadeira de seu estado e metropoly daquella regiam (pósto que algũas cro- | nicas dos **arabios** querem que à edificou josep filho de jelfim , e outros que outro co | mo veremos em a nóssa geographia. [1552/pda1f4]: e segundo escreuem os parseos e **arábeos** no seu tarigh que | alegamos , o qual témos em nósso poder em lingua parsea . [1552/pda3/f29]: porque hũ frey antonio de lixboa e hũ pero de montareyo que elle mandou a isso: por nam saberem o **aráuigo** nam se auteuéram irem em companhia destes religiósos que acháram em jerusalem. [1552/pda8/99r]: E sendo juntos começou hũ official de ármãs em alta vóz em lingoa Portugues e depois em | **arábigo** per segũda lingoa , propoer as causas de seu adjunctauieito e às da traiçã de Habraemo | governádor que fora daquella cidáde tomãdo ármãs cõtra elrey seu senhor. [1552/pda9/112r]: A tẽrra em sy toda é baixa alagadiça : retalháda com esteiros e rios como cá sam | as tẽrras aque per vocabulo **arabico** chamámos lezirãs. [1552/pda4/49r]: Tanto que o Çamorij | teue este presente , e os seus officiaes foram satisfeitos segundo o conselho de Monçaide , foy | Uásco da Gámma leuádo antelle : ao qual recebeo já com mais honra em outra cása , e man- | dandoõ assentar lhe disse ; que elle tinha visto hũa das cártas que lhe dera escripta em arabigo. [1552/pd1/f3r]: E como naquelle tempo estes **Arábios** | eram os mais notauçes que elle tinha , infestando o jmpèrio Romano e perseguindo sua ca- | thólica ygreja.

arábigo → arábio(s).

aráuigo → arábio(s).

arayal – sm. (< ár. *ar-rah*)^a. ‘acampamento’. [1552/pda3/f31r]: E foy este negócio de os nósos jrem e virem ao **arayal** de | Bemoij em tanto crescimento , e elle por causa da guerra pera a qual os auia mister , tomáua tã- | tos caualllos sem os poder pagar : que andáua lá muyta gente , huñs por arrecadar o que | lhe deuiam , e outros por desbaratár o que nam podiam vender em os pórtos de már.

ardijs → ardil.

ardil ~ **ardijs** – sm. pl. (< ár. *ardî*)^a. ‘ardileza’; ‘sagacidade’. [1552/pda1/f14r]: Com o qual auiso , per conselho de hũ Joam | Gonçáluez gallego pilóto , se fóram a jlha de Arguim , onde tomaram sete almas : e per **ardil** | de hũ daquelles mouros captiuos , deu o capitam Mafáldo em hũa aldeia na terra firme.

[1552/pda7/f84r]: Dalgũas victórias que os nósos ouueram do Ça- | morij : e das jndustrias e ardijs de guerra *que* os Brãmanes e mou- | ros do seu arayal lhe jnuentáram pera õ consolar das perdas que | ouue e perigos per que passou.

aremogam – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’. ‘cidade indiana’. [1552/pda9/f109v]: E tornando a continuar a descripçam da nóssa cósta , da cidáde sam Thomẽ em que nos | detiuẽmos por louuor deste apóstolo nósso proptector da India , pósto que em outra pártẽ | relatamos mais copiósamente o que se tem e creẽ delle acerca desta gente : desta sua cidáde | a Paleacáte auerá nóue lęguoas e adiante estam Chiricóle , **Arezogam** , Caleture , Careeiro , | Pentepólii , Maçulepátan , Budauarij , junto do cabo deste nome , *que* está em dezasete grãos . No qual acabã as tẽrras do reino de Bisnagá (como dissẽmos) e começa õ de Orixã , cuja cósta.

argel – sm. (< ár. *arjal*)^m. ‘poliotopônimo’; ‘reino’; ‘cidade’. [1552/pda6/f68v]: eram feitos tam absolutos senhóres de toda a riqueza dos portos de már , que alguñs delles | em substancia de fazenda eram tam poderósos , que mais lęuemente podiam fazer hũa guerra | e comportar as despesas della per muyto tempo , do que õ pódem fazer os reyes de Belez , Tre | mecem , Ouram , **Argel** , Bugia , e Tunez , que e a frol de todolos principes que tem a costa de | Africa que vezinhos.

argolas → argollas.

argollas ~ **argolas** – sf. pl. (< ár. *al-gulla*)^h. ‘brinco de aro’. [1552/pda9/f112v]: E pósto que esta sua espáda tenha | ponta , nã vsam destocáda : todolos seus tálhos é hũa esgrima floreáda ao som de hũas argollas | meudas que trazem pegádas junto do punho , que dam espirito ao esgrimidor. [1552/pda3/f24v]: O seu rey Carámansa em meyo de todos vinha | cuberto pernas e brãços de braçeteles e **argolas** douros , e ao pescoço hum collar : do qual depẽ- | diam hũas campaynhas meudas , e pela bárba retorcidas hũas vergas douro , que assy lhe | chumbáuam os cabellos della , que de retorcidos os faziam corredios.

arguim – sm. (étimo desconhecido) → aldeget. ‘geomorfotopônimo’; ‘ilha localizada na costa norte da África’. [1552/pda2/f22r]: porque ás jlhas de **Arguim** concorria resgáte de ouro e negros de Guine : mandou el rey fazer | o castelo de **Arguim** que oje está em pe , per Soeiro Mendez fidalgo de sua cása morador em | Euóra , ao qual deu a alcaidaria mór pera sy e pera seus filhos.

aristoteles – sm. (< gr. *aristotéles*)^m. ‘antropônimo’. [1552/pda3/f37v]: esta jmpresa, foy daquelle dito de **Aristoteles**, que no már oceano alem de Africa, auia terra pe | ra á qual nauegauam os Cartaginenses: e por decreto publico foy defeso que ninguem naue- gassearella, porque com abastança e mollicias della senam apartassem das cousas do exercicio | de guerra.

aroielo – sm. (< ár. *ad- darû*)^a. ‘árvore da família das anacardiáceas’. [1552/pda3/f34v]: E trazia tanto o tento na doctrina que lhe dáuam, e na | veneraçam das cousas de deos, que acertando hũs seus criádos fazer á pórtá da jgreja hũ **aroi-** | **elo** os mandáua matar, por o pouco acatamento que lhe teueram: se os religiosos o nam em- | pediram por nam dár causa a que a gente se escandalizásse, por estes culpádos serem dos prin | cipáes da terra.

arómata – sm. (étimo desconhecido) → guardafu. ‘geomorfotopônimo’. ‘cabo’. [1552/pda8/f95v]: E cómençando no promontório **Arómata** a que óra cha- | mamos cábo de Guardafu *que* é a mais oriẽtal pártē de toda Africa situada per Ptolemeu em cin | quo gráos e per nós em doze) atē Moçãbique *que* será per cósta óbra de quinhẽtas e cincoẽta lē | guoas.

aroz ~ **aróz** ~ **arroz** – sm. (< ár. *ar- ruzz*)^h. → quiloa. ‘grão originário da Ásia que serve de alimento a grande parte da população’. [1552/pda8/f96v]: O géral mantimento, é milho **aroz** e outras semen- | tes de raiz agricultádas: cõ muytas fructas agrẽstes de que a gente pobre se mãtem. [1552/pda8/f103v]: O qual tinha tomádo cinco zambucos, e porque dous delles traziam seguro de dom Francis- | co, por serem daquelles que leuáua a vender mantimento á fortaleza de Anchediua: foram sol | tos, e dos outros ouuẽrã trinta mouros e hũa sõma de **aróz** pera mantimentos da gente. [1552/pda9/f114r]: Preguntando pela causa | deste cáso contou Christouã Iusárte que no pórtō de Coulam auia dias que estáuam quátro | náos de mouros de Calecut as quães traziam hum pouco de cráuo e canẽlla e algum **arroz**. 109r/9

arracam – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’. ‘povoação’. [1552/pda9/f109r]: Ao cábo de Negráes que está em dezaseis gráos, onde começa o rei- | no de Pẽgu auerá cem lęgoas: no qual espáço estam estas pouoações, Chocoriá, Bacasá, | **Arracam** cidáde cabeça do reino assy

chamádo, Chubóde, Sedoẽ, e Xará que está na póta | de Negráes.

[**arraial**] → arayal.

arroz → aroz.

arruya sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’. ‘rio’. [1552/pda10/f118r]: O qual bráço é muyto mais poderóso em águoas que o outro do espirito sancto por ser naue- | gael mais de dozẽtas e cincoenta lęgoas, e nelle se metẽrẽ estes seys notáuẽs rio Pa- | nhames, Luam guóa, **Arruya**, Manjóuo, Inadire, Ruẽnia: que todos regã a tẽrra de Be- | nomotápa, e a mayór pártē delles lęuam muyto ouro que nace nella.

arziila → arzilla.

arzila → arzilla.

arzilla ~ **arzila** ~ **arziila** – sf. (< ár. *arrazilla*)^f. ‘poliotopônimo’ [1552/pda2/f23r]: E como todolos principes a | mayór pártē da vida gástam nas óbras de sua inclinaçam, veo el rey dom Afonso a se descuidar | das cousas deste descobrimento, e celebrar muyto às da guẽrra Dafrica, com a tomáda das | villas de Alcacer e **Arzilla** e cidáde de Tanger. [1552/pda2/f22v]: No qual tempo ganhou Fernam Gómez muy gróssa fazenda, com que depois seruiu el | rey: assy em Cẽpta como na tomáda de Alcacer, **Arzila** e Tangere, onde el rey õ fez caualeiro. [1552/pda8/f101r]: Dioguo Lopez Sequeira, sendo capitam de **Arziila** co- | mo contamos em a nõssa pártē de Africa. A mórte das quães pesóas foy vingáda com mórte | de mil e quinhentos e treze mouros segundo elles mesmos dissẽram.

asaboro – sm. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘cabo moçãdan’. [1552/pda9/f106r]: De Curia Muria tẽ o cábo Rozsalgáte *que* está em vinte dous gráos | e meyo, e será de cósta cento e vinte lęgoas: toda é tẽrra esterelle e desẽrta. Neste cábo comẽ | ça o reyno de Ormuz, e delle tẽ o outro cábo Moçãdan auerá oitenta e sete lęgoas de cósta: | em *que* jazem estes lugares do mesmo reyno, Calayáte, Curiáte, Mascáte, Soár, Calája, Or- | façam, Dobá, e Limma, que fica oito lęgoas ante de chegar ao cábo Moçãdan: aque Pto | lemeu chama **Asaboro** situádo per elle ã vinte tres gráos e meyo, e per nós em vinte seys, no | qual acába a primeira nõssa diuisam.

astabóra – sm. (étimo desconhecido) → abanhi → tacazij. ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda10/f118r]: E deste tres notáuẽs rios *que* ao presente sa- | bẽmos procederem deste lágo os quães vem sair ao már tam remótos hũ do outro: o *que* corre | per mais

têrra , é o Nilo aque os Abexijs da tẽrra do Prẽste Ioam chamam Tacuij , no qual | se mẽtem outros dous notáuẽes a que Ptolemeu chama **Astabóra** e Astapus , e os naturáes | Tacazij , e Abanhi.

astapus → astabóra → abanhi → tacazij.

atabales → atabáques.

atabáques ~ atabaques ~ atabáles ~ atabales – sm. pl. (< ár. *at-tabaq*)^h. ‘pequeno tambor de origem oriental’ [1552/pda3/f24v]: Caramansa como tambem ẽra hómem *que* queria | mostrar seu estádo , veo com muyta gente pósta em ordenança de guerra : com grande mati- | náda de **atabáques** , bozinas , chocálhos , e outras cousas que mais estrugiam que deleitáuan | os ouuidos. [1552/pda9/f113v]: Embarcádo elle com toda a frol da gente , em batẽes embã | derádos cõ grãdes apupádas dos remeiros estrondo **atabaques** e trõbetas. [1552/pda5/f57v]: Pe- | dráluarez tambem em seus batẽes embandeirádos , e gente vestida de louçainha e ao longo | das tóstes dos batẽes resguardo dármas , chegou a elrey : onde cessou o estrondo das trom- | betas e **atabáles** e começáram entrar na prática , depois que se tractaram as cortesias , e ce- | rimomas da primeira vista. [1552/pda6/f77v]: E como neste tẽpo elrey está | ua em Lixboa , quãdo foy a elle leuou as páreas *que* ouuẽra delrey de Quiloo : as ques cõ grande | solẽnidade a cauálo leuáua em hũ grãde bacio de práta hũ hómẽ nóbre em pelóte cõ o barete fóra | ãte elle Almirãte cõ trõbetas e **atabales**.

atabios – sm. (< ár. *attâbî*)^a → atavios. ‘compustura’; ‘forma de se apresentar’. [1552/pda9/f117r]: Entrádo Pero da Nháya nesta gran- | de cása os principáes mouros que aly ẽram juntos pera esta prática , õ leuaram ao lugar onde | elrey jazia , hómẽ de cór báça bem apessoádo : e ajnda que a jdáde³⁵ e cegueira õ tinhã pósto na- | quelle leito , mostráua assy nos **atabios** de sua pesóa e prudencia que ẽra senhor dos outros.

[atalaia] → ataláyas.

ataláyas – sf. pl. (< ár. *at-taláia*)^h. ‘aquele individuo que vigia algo’; ‘sentinela’. [1552/pda1/f14r-14v]: E porque os | mouros per suas **ataláyas** andáuan já cõ o olho nelles , forãse pela cósta adiante óbra de oiten- | ta legoas.

atalh[ar] – v. (< ár. *tala* ‘a’)^a. ‘interromper’. || IPP3 [1552/pda3/f26r]: Da quál paláura os negros vendo que el rey se espantáua de tanta obediencia , e que segundo | seu costume dáua com hũa mão na outra : elles por sinal de obedientes deram tambem ou- | tras palmádas

, com que romperam a paláura de Diógo Dazambuja , e ante que mais pro- | cedesse acabádo o rumor , Carámansa lhe **atalhou** , tomando por conclusam que era conten- | te fazerse a cása que pedia. [1552/pda7/f80v]: repartirãse elles pela jlha e nam tam apar- | tados que nam se pudẽsem ajudar huũs aos outros , com o qual módo **atalháram** toda a jlha | em que matáram mais de sete centos jndios.

[atavios] → atabios.

até ~ ate – prep. (< ár. *hattā*)^{mf}. ‘preposição que expressa um limite de quantidade’. [1552/pda8/f95v]: Deste rio jndo contra o cábo de Gradafu , e dhy voltando | **até** as pórtas do estreiro e dellas lâçando hũa linha ás fontes delle , fica hũa tẽrra a que os Ara- | bios própriamente chamã Ajan. [1552/pda3/f28r]: Armádos dous na- | uios de **ate** cinquenta tonees cada hum , e hũa naueta pera leuár mantimentos sóbre salen- | tes por causa de muytas vezes desfalecerem aos nauios deste descobrimento , com que se tor- | náuan pera o regno.

auá – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’. ‘reino da Índia’. [1552/pda9/f109r]: E daquy passando a cidáde de Táuy que está em treze grãos , que ẽ a vltima do | reino de Pẽgu , fica hũa grande enseada de muytas jlhas e baixos que ao módo de Gange faz | outro muy poderóso rio que retálha toda a tẽrra de Pẽgu : o qual vem do lágo de Chiamáy *que* | está ao nórtre per distancia de duzentas legoas no jnterior da tẽrra , donde procedem seys notá | uees rios , tres que se ajuntam cõ outros e fazem o grande rio que pássa per o meyo do Syam e | os outros tres vem sair nesta enseada de Bengála . Hũ *que* vem atrauessando o reino de Cáor | donde o rio tomou o nome , e per õ de Camotáy , e õ de Ciróte onde se fazẽ todolos capádos | daquelle oriente : e vem sair acima de Chatigam naquelle notáuel brãço do Gange defronte da | jlha Sornagam . O outro de Pẽgu pássa pelo reino **Auá** *que* ẽ no jnterior da tẽrra.

Aurea Chesoneso – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘Maláca’. → maláca. [1552/pda8/f91r]: Per todas as quães pártes ao tempo que descobri- | mos a Índia , assy os gẽtios como os mouros andáua cõmutando e trocãdo hũas merca | dorias por outras : (segũdo a natureza dispos suas semẽtes e fructos , e deu jndustria aos hó- | meẽs em a mechanica de suas óbras .) As que jaziam

alem da cidade de Maláca, situada na | **Aurea Chesoneso** (nome que os geographos deram áquella tẽrra.

axa – sf. (< ár. *aixâ*)^m → mahamed. ‘antropônimo’; ‘filha de mahamed’. [1552/pda8/f96r]: elles lhe chamã Emozaydij : e a causa deste desterro foy | por seguirem a doutrina de hũ mouro chamado Zaide , *que* foy neto de Hocem filho de Ale o so- | brinho de Mahamed , casado cõ sua filha **Axa**.

axem – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘ecotopônimo’; casa onde se guardava o ouro’. [1552/pda2/f22v]: porque depois deste Soeiro Dacosta desco | brio o rio a que ora chamámos o de Soeiro , que está entre o cábo das Palmas e as tres pon- | tas , vezinho a casa de **Axem** onde se faz a feitoria do resgate do ouro.

axumá – sm. (étimo desconhecido) → sabá. ‘antropônimo’; rainha de Acaxumo’. [1552/pda10/119r]: E pondo nisso nõsso jui- | zo , parece que esta obra mandou fazer algũ principe que naquelle tẽpo foy senhor destas minas | como põsse dellas : a qual perdeo com o tẽpo , e tãbem por serẽ muy remõtas de seu estado , cá | por a semelhança dos edifícios parecem muytos a outros *que* estão na tẽrra do Prẽste Ioã em hũ | lugar chamado Acáximo , que foy hũa cidade câmara da rainha Sabá aque Ptolemeu chama | **Axumá**.

aynã – sf. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘ilha’. [1552/pda9/f109v]: Auera na derrõta cõtando da jlha de **Aynã** on- | de se pẽsca o aljofre , que ẽ o principio da gouernança de Cantam dozentas e setenta e cinco | lęguoas.

áyo – sm. (< ár. *ayâ*, ou *yâ*)^a ‘camareiro do rei’. [1552/pda1/f14v]: E os outros capitães ẽram Dinis Fernã- | dez o primeiro que passou á tẽrra dos nęgros em hũa carauęlla de dõ Aluáro de Cástro cama- | reiro mór del rey dom Afonso , *que* depois foy conde de Monsanto : e Ioam de castilha em ou- | tra carauęla de Aluáro Gonçaluez de Tayde **áyo** del rey , *que* tãbem foy conde da Touguia.

ayres → aires.

azagar – sf. (étimo desconhecido) → çabel → çahará. ‘geomorfotopônimo’; ‘terra do deserto que serve para o pasto’. [1552/pda3/f33r]: e a parte que elles pãstam , chamam **Azagar** , e á que ẽ de | pedregulho meudo em modo de grõssa area , çahará : e a esta causa , os mais dos moradó- | res desta triste terra se achegam a este rio çanagá, e

outros andam buscando as empolas que | dissemos que lhe ficam em lugar de pomáres.

azagáya(s) ~ azagaya(s) – sf. (< ár. *az-zagáya*)^h ‘lança curta usada pelos mouros’. [1552/pda1/f9r]: Os mancebos vędo que se nam podiam aju- | dar delles a sua vontade , depois que pelejãram hũ bom pedáço e ferirã algũs , e hũ delles tam | bem ficou ferido em hũ pę de hũa **azagáya** da remesso : lexãram õs de todo. [1552/pda1/f9r]: porque sendo já passada a mayór parte do dia da menhaã *que* partirã , achãrã jũtos dezanoue hó- | meõs cada hũ com seu dárdo na mão á maneira de **azagayas**. [1552/pda1/f18r]: O negro tanto que õ vio , sem temor algum com a fu- | ria do amor que trazia dos filhos , lançoouse a elle , depois que lhe rompeo hũa queirada com | hũa **azagaya** de remesso: e porem primeiro que viessem a braços , tãbem leouo hũa boa feri- | da com o bicheiro per cima da cabeça. [1552/pda3/f24v]: Porẽ geralmente em seu modo todos vinham armãdos , | huõs com **azagayas** e escudos , outros com árcos e cóldres de fręchas : e muytos em lugar de | árma da cabeça hũa pęlle de bogio , o cáscos da qual todo ẽra encrauada de dentes dalimarias , | todos tam difõrmes com suas jnuęções por mostrãr serocidade³⁶ de hõmeõs de guęrra , *que* mais | mouiam a riso que a tẽmor.

azambuja – sm. (< ár. *az-zanbũjã*)^a ‘antropônimo’. [1552/pda3/24v]: Como el rey dom Ioam socedendo no reyno | per falecimento del rey dom Afonso seu pay : mandou lógo hũa | grande armada ás partes de Guinę a fazer o castęllo que agóra | chamamos de sam Iorge da Mina , da qual armada foy cápitã | mór Diogo **Dazambuja** : e como se vio com Carãmansa senhor | daquelle lugar .

azanęgues → azenęgues.

azeite – sm. (< ár. *az-záit*)^{mf}. ‘óleo extraído da azeitona ou oliva’. [1552/pda1/f9v]: Però Antã Gõçáluez como era hõmẽ aquẽ a hõra mais obrigãua que a cobiça da coirãma e **azeite** de lóbos, dádo que em breue tempo tãto que chegou | fez sua matança com que se podera tornar bem carregãdo.

azemalas – sf. pl. (< ár. *az-zámila*)^h ‘besta de carga’. [1552/pda3/f38v]: E leuaram lhe de presente cauãllos , **azemalas** e mulas com seus areos , e algũas sortes de cou- | sas estimãdas entrelles , por já lá ter mandãdo outra vez.

azenęgues ~ azenęgue(s) ~ azenęgues ~ azenęgue(s) – sm. pl. (< berb. *iznagen*)^m → alarues. ‘etnotopônimo’; ‘povos mouros e

berberes que habitavam o sudoeste da Mauritània’. [1552/pda1/f5v]: A qual deligencia lhe respondeo com o | prēmio que elle desejava , porque veo saber per elles nam sómente das tērras dos Alarues | que sam vezinhos aos desertos de Africa a que elles chamam çahará , mas ainda das *que* ha- | bitam os poucos **Azenégues** que confinam com os negros de Ialof : onde se começa a re- | giam de Guineç. [1552/pda1/f13r]: E a causa de ser mais | pouoáda , çra por razam da pescária de que aquella misera gente de mouros **Azenégues** se mã- | tinha , porque em toda aquella cósta nam auia lugar mais abrigado do jmpeto dos grãdes má- | res que quebram nas suas práyas se nã na paragem daquellas jlhas de Arguim [1552/pda1/f12v]: Este | Gõçalo de Sintra com desejo de se auêtajar dos outros *que* la çram jdos : par- | tido do reyno , per conselho de huũ mouro **Azenegue** *que* leuáua consigo pera | lhe servir de lingua , se foy a jlha de Arguim *que* está auâte do cábo branco obra de doze lęgoas | prometêdolhe o mouro grãdes preças em tērra [1552/pda3/f30v]: auia huũ rey muy poderóso naquellas pártes chamádo Bór Byram : o qual pósto *que* fósse | do sangue gentio dos principes de Guinéç , çra já feito mouro pela communicaçam que tinham | com os mouros chamádos **Azenegues**. [1552/pda3/f33r-33v]: E como esta mais | ocidental que Tungubutu , geralmente concorriam a ella os poucos que lhe sam mais vezinhos : | assy como os Çaragoļçes , Fullos , Ialóphos , **Azanegues** , Brábaxijs , Ligurarijs , Luddáyas | da mão dos quaes per via do castēllo de Arguim e de toda aquella cósta vinha o ouro a nós- | sas mãos. [1552/pda1/f14r]: O qual quando chegou a elles (como já dissemos ,) però que vinha **Azanegue** | no trájo e no caram dos coiros : parece que a natureza se contentou cõ comer e beber leite , por | que elle veo bem pensádo e górdo.

azinhágas – sf. pl. (< ár. *az- zinaiqā*)^h ‘caminho estreito’. [1552/pda9/f113]: viue todo o gētio debaixo dos palmáres e arecáes que ç a sua fazenda de que viuem : donde | vem *que* a tērra em *que* há pouoádos toda ç repártida nestas propriedádes , e sam tãtos os vallos | que ç huũ laberinto andar per os caminhos reáes pósto que sejam estrádas lárgas , quanto mais | pera as **azinhágas** do seruiço de cada propriedádes.

azul – adj. (< ár. *lāzurd*)^h ‘cor azul do céu’. [1552/pda3/f36]: tomou por ármās huũ cruz branca de pra- | ta florida em campo vermelho , e o chefe do escudo **azul** , e em cada canto

do chefe duas vieiras | douro , por memória do apostolo Santiago : e o pe de práta , com mais huũ escudo dos cinco | de portugal que e **azul**.

B

babilónia → bagodád.

bacaim → baçam.

baçaim ~ **bacaim** – sm. (talvez < ár. *baçai*; ou < lat. *bateale*)^m ‘poliotopônimo’; ‘cidade localizada na Índia sob o domínio político de Portugal’. [1552/pda6/f70r]: Quanto ao | titulo da conquista , oje per ella sam metidos na coróa deste reyno estes reynos Çofála , Quilóa , | Mombáça , Ormuz , Góa . Maláça Maluco com totalas jlhas do seu estádo : e os senhorios | da cidáde Dio e **Baçaim** , com totalas suas tērras que sam do reyno de Cambáya , e adiãte | Chaul Batalalá , em totalas quães pártes temos nóssas fortalezas cõ officiaes e ministros | do gouerno da tērra . [1552/pda9/f107r]: E tornádo á primeira destas | tres demarcações de reynos *que* ç a do Guzaráte , e começádo da sua cidáde Cábaya onde acabá- | mos a terceira diuisam ao rio Báte , ou por falar mais notáuelmēte ao de Nogotáua a elle vezi- | nho auerá setenta lęguoas , em *que* está estas pouoações : Machigam , Gandár , a cidáde Baró- | che onde vem sair huũ notáuel rio chamádo Narbadá , e adiante oito lęguoas say outro tambem | notáuel per nóme Tapetij , na fóz do qual hũa de fronte doutra estam as cidádes Surat e Rei | ner . Seguindo mais a cósta estam Nosçarij , Bandiuij , Dámam , Dánu , Tarápor , Quel- | maim , Algacim , e **Bacaim** : onde ao presente temór hũa fortaleza com as tērras de sua jurdi- | çam que na páz nos págam de rendimento cem mil pardaos , que sam da nóssa moeda trinta | e seys contos .

bacanor – sf. (étimo desconhecido) → canará. ‘poliotopônimo’; ‘povoação pertencente à província Canará’. [1552/pda9/107v]: A terceira de- | marcaçam que diuide a prouincia Canará do Deçanacába no cábo Comorij : começando do | rio Aliga em que auerá cem lęgoas per esta maneira : de Aliga tç outro rio chamádo Cãgerç- | corá , que está cinquo lęguoas ao nórtē do monte Delij cábo

notauel nêsta cósta , auerá quorêta | e seis lêguoas . No qual marítimo jázem estas pouoações Ancola , Egórapan , Mergeu , a ci- | dáde Onor cabeça do reyno , Baticalá , Bêdor , Bracelor , **Bacanor** , Carçara , Carnáte , Mã- | galor , Mangeirã , Cumbatã , e Cangerecóra per *que* córre hũ rio deste nome que é extremo , e de- | marcaçã , como se verá abaixo . As quaes pouoações todas sam da prouincia Canará subdi- | tas a elrey Bisnagá.

bacasá – sf. (étimo desconhecido) → Chubóde. ‘poliotopônimo’; ‘pouoação pertencente ao reino Chubóde’. [1552/pda9/f109r]: Ao cábo de Negrães que está em dezaseis grãos , onde começa o rei- | no de Peçu auerá cem lêgoas : no qual espáço estam estas pouoações , Chocoriá , **Bacasá** , | Arracam cidáde cabeça do reino assy chamádo , Chubóde , Sedoç , e Xará que está na pōta | de Negrães.

baduijs – sm. pl. (étimo desconhecido) → alarues. ‘etnotopônimo’; ‘mouros pastores de gado’. [1552/pda7/f79v]: Com o qual fundamento entrádo nesta enseá- | da acodirá lógo á ribeira do már huũs poucos de mouros aque elles chamam **Baduijs** : cuja | vida é pastorar gado e andar no campo ao módo que dizemos que andam os Alárues . E | posto que no principio teuçram algum receo dos nósos , depois que gostáram do bem que lhe | faziam , dandolhe panos , aroz e outras cousas que entrelles nam auia : fizêram se tam fami- | liáres a elles , dandolhe carneyros a troco de suas necessidádes , que se chegaram com molhe- | res e filhos á práya do már a fazer algũa pescaria cõ que se mantem bóa páрте do áno . E auen | do perto de hũ mes e meyo que aly estáuam , como estes **Baduijs** tinham conhecimento de hũ | cërto temporal que às vezes aly sobreuem dêram auiso aos nósos : aos quães parencendo ser | jsto módo de os lançar daly , por se dizer que auiam de pássar per aquella cósta çertas náos de | Ormuz , leixáram se estar : tẽ que a custa de seu dão verem que os mouros lhe diziam verdá- | de.

badur – sm. (< pers. *baHadur*)^m → Cambáya. ‘antropônimo’; ‘rei de Cambáya’. [1552/pda9/f110v]: A potencia e riqueza dos quães é tam grande cousa , que a pe- | na recea entrar na relaçam delles , e principalmente porque em outra parte o fáz : sómente por | móstra da sua grandeza diremos o que dizia elrey de Cambáya chamádo **Badur** que morreo a | uóssas mãos vezinho destes primeiros . Que acerca da riqueza , elle éra hũ , elrey de Narsinga | dous , e elrey de Bengála

tres : e ao tempo que elle jsto dezia , tinha juntos vinte dous contos | douro , *que* todos despenceo em hũa guêrra tẽ sua móрте.

[bagdá] → bagodád.

bagadad → bagodád.

bágano – sm. (étimo desconhecido) → ialophos. ‘poliotopônimo’. ‘comarca’. [1552/pda3/f32v]: ESta tẽrra que per comum vocabulo dos naturáes é chamáda Ialoph , jáz en- | tres estes dous notáues rios Çanága e Gámbea : os quães pelo cõprido cur- | so que trázem , recebem diuêrsos nomes segundo os pouos que õs vezinham . | Porque onde õ chamádo Çanága per nós , se mête no már oceano occidental , | os póuos Ialóphos lhe chamam Dengueh , e os Tucuróes mais acima | Máyo , e os Çaragolês , Cólle : e quando córre per hũa comárca chamáda | **Bágano** que é mais oriental , chamã lhe Zimbalá , donde ás vezes por causa delle á comarca | dam este mesmo nome.

bagodád ~ bagodad ~ bagadad – sf. (< ár. *bagdād*)^m → babilonia. ‘poliotopônimo’; ‘cidade que se localizava às margens do rio Eufrates e era chamada de Babilônia’. [1552/pda1/f4r]: E segundo escreuem os Parseos e Arábeos no seu Tarigh que | alegamos , o qual témos em nósso poder em lingua Parsea : foy esta cidade **Bagodád** fun- | dada per conselho de huũ astrológo gentio per nome Nobach , e tem por acendente o signo | Sagitario , e acabouse em quatro annos , e custou dozoito contos douro . [1552/pda3/f29v]: e como soube cá | no reyno o grande desejo que el rey tinha da jnformaçam das cousas da India , foy lhe dar | conta como esteuera em a cidáde de Babilonia a que óra chamam **Bagodad**. [1552/pda8/f92r]: O qual se jntituláua com este | appellido Algauri , de que se elle muyto gloriáua : por lhe ser pósto por causa de hũa gram vic- | tória que ouue de hum rey da Persia , junto de hũa alagóa chamáda Algaor , que faz o rio | Euphrates , entre Enz e **Bagadad** donde lhe dêram por appellido Algauri.

bahárem – sf. ([< ár. *bahrayn*]^a; < fr. *bahrein* ou *bahrain*)^m → arábia. ‘geomorfotopônimo’; ‘ilha localizada no mar pérsico que fica próxima a Arábia’. [1552/pda8/f96r]: E desta sua entráda como hũa pẽste len- | ta , fóram laurando ao longo da cósta , tomando nóuas pouoações tẽ que aly viêram ter tres | náos com gram numero de Arabios em companhia de sete jrmãos : os quães eram de hũa ca- | bilda vezinha a cidáde Laçáh que está óbra de corenta lêgoas da jlha **Bahárem** que está

dentro | no már Persico muy pegáda a tẽrra de Arábia no jnterior delle.

balárte – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’; ‘fidalgo da Dinamarca que viajou com os portugueses para o Oriente’. [1552/pda1/f20r]: Como à fama destes nauios *que* descobri | rã nóuas regiões e póuos , corria per toda christãdade , foy tẽr á córte del rey de Dinamárca , | em cása do qual andáua hũ fidalgo per nome **Balárte** , muy curióso de cousas nóuas : e | desejádo de se experimẽtar em às deste descobrimẽto , auẽdo licença del rey de Dinamárca veo | tẽr a este reyno encomẽdádo ao jnfante dõ Anrique . A requerimento do qual **Balárte** , o infante | lhe mãdou armar hũ nauio , e polo mais honrar , mãdou com elle hũ caualeiro da órdem de | Christo a *que* chamaũ Fernandafonso.

baldac – sm. (origem obscura)^m. ‘corotopônimo’; ‘reino’. [1552/pda3/f38v]: Del rey de Alymaem , del rey de **Baldac** , del rey do Cairo , e del rey de Tu- | curol.

balde – sm. (< ár. *bātil*)^m. ‘em vão’; ‘por nada’. [1552/pda1/f15r]: E quãdo souberam delle a via | que leuáua , disseram que lhe parecia sua jda de **balde** por quanto o feito de Arguim era acabádo , e | o jnuerno começáua naquellas pártes.

baldear – v. (→ balde) ‘deslocar os bens financeiros de uma nau para outro lugar’. || INF [1552/pda6/f77v]: E vindo pera se por ao longo do costádo da náó dos | mouros , e mãdar **baldear** della na sua toda a fazenda *que* trazia , per desastre ficou hũ criádo delle | Almirante entalládo entre os costádos das náos de que moreo : com que elle ouue tanto pesar | que se saltou da naó , e mandou a Estẽuam da Gátua e ao feitor Diogo Fernandez Correa | que ã leuássem mais ao peço por nã fazer nojo às nóssas vẽlas , e depois que lhe fizêssem **bal-** | **dear** quãta fazenda trazia , lhe pusêssem o fogo . || IPI6 [1552/pda1/f15r]: Lançaróte com os outros capitães | que ficáram em sua cõpanhia pos lógo em cõselho tornar a entra a jlha Tider : e ordenou que | tres carauellas se metessem entrella e a terra firme , em hũ pássio per que se os mouros **baldeáua** | de hũa pártie a outra.

baleancor – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda9/f107v]: E daquy | tẽ Chátua córre o reyno de Calecut , *que* poderá ser per cósta vinte sẽte lẽguoas , e tẽ estas pouoa- | ções : Pãdarane , Coulete , Capocáte , a cidadẽ Calecut *que* está em onze grãos hũ quártio , e abai | xo Chále onde óra tẽmos hũa fortaleza

, Parã gále , Tanor cidáde e cabẽça do reino subdito ao | Camorij , Panane , **Baleancor** , e Chatuá em *que* elle acaba e entra o reyno de Cranganor , *que* por | ter pouca tẽrra lógo cõ elle vezinha elrey de Cochij.

bálsa ~ **balsa** – sf. (étimo desconhecido) ‘almadia’; ‘jangada’. [1552/pda3/f39r]: E bẽ | como hũ liam faminto a quẽ a cáça sesconde com emo delle , em meyo da gũa grande e espi- | nhosa **bálsa** , a qual elle rodea e comẽte per muytas partes , e ferido e espinhádo das entrádas | e saidas , já cansado se lança cõ o sentido e tento posto na prea escondida : assy el rey cometen- | do per muytas partes e vezes esta gram **balsa** de Guinẽ , que tẽ oje se nam leixou penetrar , can | sádo desta continuacã e despesa de sua fazenda , e assi dos grandes cuidádos que lhe dẽram os | negócios do reino principalmente no tẽpo das traições , se leixou alguũ tanto repousar deste | feruor que trazia.

balurt – sm. (étimo desconhecido) → caimal(-es). ‘poliotopônimo’; ‘terra súdita a Cochim’. [1552/pda7/f86r]: Cá elrey de Co | chij começou esta guẽrra sendo em sua ajuda estes que ẽram seus vassálos : o principe seu sobri | nho hẽrdeiro do reino , o Caymal de Paliport , o Caymal de **Balurt** , o Cham de Begadarij | senhor de Porcá , e o Mangate Caymal seu jrmão , e o Caymal de Cambalã , e o Caymal de | Cherij a Uaypij e outros senhores de tẽrras.

bamplacot – sm. (étimo desconhecido) → mẽnã → syam. ‘poliotopônimo’; ‘povoacão à margem do rio Menam’. [1552/pda9/f109v]: Pam que ẽ cabeçá do reyno assy chamádo , Pouticam , Calautã , Pa- | tane , Lugor , Cuy , Perperij e **Bamplacot** *que* está na boca do rio Mẽnã . Do qual comẽçã- | do entrar na octaua repartiçam nomearemos sómente os estádos dos principes que vezinhã | a cósta e nã os lugáres , porque nam sẽruem ao jntento da nóssa história : cá nesta pártie nã ou- | ue conquista nóssa , pósto que nauegássemos o marítimo per via de commẽrcio.

bancáre – sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda10/f118r]: Per a qual pártie podẽmos dizer ser este grã lá- | go mais vezinho ao nósso már oceano occidental que ao oriental segundo a situaçã de Ptho- | lemeu , ca do mesmo reyno de Congo somẽtẽ nelle estes seys rios **Bancáre** , Uámba , Cuylii , | Bibi , Maria maria , Zanculo , que sam muy poderóso em águoa.

banda – sm. (talvez < javan. *banda*)^m. ‘poliotopônimo’; ‘cidade localizada na Índia que produzia noz e maça para o comércio’.

[1552/pda8/f91r]: Per todas as quães pártes ao tempo que descobri- | mos a Índia, assy os gêtios como os mouros andáuã cõmutando e trocãdo hũas merca | dorias por outras : (segũdo a natureza dispos suas semêtes e fructos , e deu jndustria aos hó- | meãs em a mechanica de suas obras .) As que jaziam alem da cidade de Maláca , situáda na | Aurea Chesoneso (nome que os geographos dêram áquella tẽrra ,) assi como cráu das jlhas | de Maluco , noz e maça de **Banda** , sandalo de Timor , cámphora de Bornço , ouro e práta do | Liquio : cõ totalas riquezas e especias aromaticas , cheiros e policias da China , Jáua e Siã , | e doutras pártes e jlhas a esta tẽrra adjacentes.

bandiuij – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘região’.

[1552/pda9/f107r]: E tornãdo á primeira destas | tres demarcações de reynos *que* é á do Guzaráte , e começãdo da sua cidade Cãbaya onde acabá- | mos a terceira diuisam ao rio Bâte , ou por falar mais notáuelmẽte ao de Nogotáua a elle vezi- | nho auerá setenta lẽguoas , em *que* estã estas pouoações : Machigam , Gandár , a cidade Baró- | che onde vem sair hũ notáuel rio chamãdo Narbadá , e adiante oito lẽguoas say outro tambem | notáuel per nóme Tapetij , na fóz do qual hũa de fronte doutra estam as cidades Surat e Rei | ner . Seguindo mais a cósta estam Nosçarij , **Bandiuij** , Dámam , Dánu , Tarápor , Quel- | maim , Algacim , e Bacaim.

bandor – sm. (< pers. *baHadur*)^m. ‘poliotopônimo’. ‘cidade’. [1552/pda9/f107v]: | Bâte que é o extremo do reino (segundo dissẽmos) . Tornando a fazer outra cõputaçam desta | cidade Chául atẽ o rio Aliga de Sintacóra em que acaba a tẽrra do Dẽcan auera setenta e cin | co lẽgoas : ao rio Zanguizar vinte cinco , no qual espáço ficam , **Bandor** , Sifardam , Calan- | cii e a cidade Dabul.

baneanes → brãmane(s).

banzeiro – adj. (< *banza* [este do quimb. *mãza*]^s + -eiro) ‘melancólico’; ‘triste’. [1552/pda1/f18v]: Mas como o már com a cal- | maria andáua **banzeiro** , eram tam grandes as vãgas que nam ousáua algũ dos mareantes de | se lãçar a nádo.

baracat – sm. (étimo desconhecido) → xarife. ‘antropônimo’; ‘xerife de Meca’. [1552/pda8/f91v]: Neste mesmo | tempo reynaua em Turquia Celim decimo da geraçam Othomana : e ẽra senhor de Mẽcha o

| Xarife **Baracat** , entre os mouros muy celebrado em nome : nam tanto por seus feitos , quan- | to por o grande discurso de tẽpo que viueo neste estãdo.

barcená – sm. (de origem obscura)^m. → colóa. ‘hidrotopônimo’; ‘lago’. [1552/pda10/f118r]: é o Nilo aque os Abexijs da tẽrra do Prẽste Ioam chamam Tacuij , no qual | se mẽtem outros dous notáuẽes a que Ptolemeu chama Astabóra e Astapus , e os naturães | Tacazij , e Abanhi . E pósto que este Abanhi (que acẽrca delles quẽr dizer pay das águoas po- | las muytas que lẽua) proceda de outro grande lago chamãdo **Barcená**.

baroche – sm. (< ingl. *barotzé*)^m. ‘antropônimo’. [1552/pda5/f65v]: Se- | guindo Pedráluarez sua derróta via deste reyno nã muy lóge da cósta de Melinde topou hũa | não muy grõssa carregada de muyta fazẽda , a qual vinha do mesmo lugar de Melinde e ya pe- | ra Cãbaya : e por ser de hũ mouro segundo ella dezia dos principães daquelle reyno *que* se chamã | ua Milicupii senhor de **Baroche** , elle ã leixou jr em paz.

barut – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’. [1552/pda8/f91v]: No qual lugar ẽram repartidas em cafilas , hũas pera Armẽnia e Trapeson | da e Tartaria , que jáz sóbre o már mayor : outras pera as cidades Halepo e Damásco , tẽ che- | gãrem ao póрто de **Barut** , *que* ẽ no már mediterraneo onde às vendiam a Uenezeanos , Genoe- | ses , e cathellães , que naquelle tẽpo ẽram senhóres deste tracto.

bâte – sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda9/f107r]: E quásy na mesma par ágẽ das fontes desta | sẽrra Gáte vẽrte outra pera o ponẽte , *que* fãz hũ pequeno rio chamãdo **Bâte** *que* say na baya de Bõ- | baim , per o qual demarcã o reyno Guzaráte do reyno Dẽcan.

batalalá ~ baticála – sf/sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’; ‘porto na costa do Malabar’. [1552/pda9/f110v]: No qual maritimo jázem estas pouoações Ancola , Egórapan , Mergẽu , a ci- | dáde Onor cabẽça do reyno , **Batalalá** , Bẽdor , Bracelor , Bacanor , Carçara , Carnáte , Mã- | galor , Mangeirã , Cumbatã , e Cangerecóra per *que* cõrre hũ rio deste nome que é extremo , e de- | marcaçã , como se verá abaixo . As quaes pouoações todas sam da prouincia Canará subdi- | tas a elrey Bisnagã , *que* sendo tam poderoso em tẽrra que participa de dous máres deste ponen | te , e do outro de leuante *que* jáz do cábo Comorij pera dentro : entra

sómente aquy cõ este pequeno | marítimo. [1552/pda8/f105r]: Este pórtos e õ de **Baticalá** que está adiante | sete lęguoas , com outros desta cósta ęram delrey de Bisnagá , e este rey de Onor seu tributario : | os quaes pórtos auia menos de quorenta ánnos que foram os mais cęlebres de toda aquella | cósta , nam sómente por a tęrra em sy ser fertil e abastáda de mantimentos onde auia grãde car- | regaçã pera totalas pártes , mas ajnda ęra entráda e saida de totalas mercadorias pera o reino | de Bisnagá de que elrey tinha grande rendimento. [1552/pda8/f103v]: E mais sou | berã per hũ frãde que de Narsinga viera ter aly a Cananor , como elrey de Narsinga que ęra | quasy hũ emperador do gentio da Índia em estãdo e riqueza , ordenãua embaixadores pera lhe | enuiar : e que lhe parecia ser esta embaixáda a fim de segurar alguũs pórtos que tinha naquella | cósta , de que os principaes delles ęram **Baticalá** e Onor.

batsorá – sf. (étimo desconhecido) → cafila. ‘poliotopônimo’; ‘povoação localizada nas correntes do rio Eufrates’. [1552/pda8/f91v]: E às que desta pártes da Índia se adjuntãua | em Ormuz , leixãdo aly a troco doutras às que seruiram pera às pártes da Turquia e da nõssa | Európa , ęram nauegãdas per este már Persico tę a pouoaçam de **Batsorá** , que está nas corren | tes do rio Eufrates : a qual óra ę hũa cidãde celebre com o fauor que lhe dęram os nõssos ca- | pitães de Ormuz . No qual lugar ęram repartidas em cafilas , hũas pera Armęnia e Trapeson | da e Tartaria , que jáz sόbre o már mayor : outras pera as cidades Halepo e Damásco , tę che- | gãrem ao pórtos de Barut , que ę no már mediterraneo onde às vendiam a Uenezeanos , Genoe- | ses , e cathellães , que naquelle tępo ęram senhores deste tracto.

bualá charij – sf. (étimo desconhecido) → ęamorij → nambeárij. ‘poliotopônimo’; ‘povoação’ do Malabar’. [1552/pda7/f86r]: Benará Nambeádarij senhor quasy rey aci- | ma de Panãne pera a serra , Nambeárij senhor de **Bualá Charij** , Parapucól senhor de Pa- | rapuram , Parapucól senhor quasy rey de Bepur entre Chanij e Calecut.

bauaria – sm. (desconhecido) → bojador. ‘geomorfotopônimo’; ‘cabo bojador’. [1552/pda1/f8v]: [1552/pda1/f8v]: E a este seu proposito se ajuntou a boa fortuna , ou por milhór dizer a óra em que deos tinha | limitãdo o curso de tãto receo como todos tinham de pasar aquesse cabo Bojãdor : o qual no- | me lhe elle entam pos pelas razões que

atrás dissemos , nã tendo tę aquelle tempo alguũ acerca | de nós , e segundo a sua situaçam podęmos dizer ser aquelle o cabo a que Ptholemeu chama | **Bauaria** promontório.

bazãpátan – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘lugar localizado no reino de Orixã; ‘porto’. [1552/pda9/f109r]: E tornando a continuar a descripçam da nõssa cósta , da cidãde sam Thomę em que nos | detiuęmos por louuor deste apóstolo nõsso proptector da Índia , pósto que em outra pártes | relatamos mais copiósamente o que se tem e crę delle acerca desta gente : desta sua cidãde | a Paleacãte auerã nõue lęguoas e adiante estam Chiricóle , Aremogam , Caleture , Careeiro , | Pentepólii , Maçulepátan , Budauarij , junto do cabo deste nome , que está em dezasete grãos . No qual acabã as tęrras do reino de Bisnagá (como dissęmos) e começa õ de Orixã , cuja cósta | por ser brãua de poucos pórtos tem somęte estes lugãres : Penacóte , Calingam , **Bazãpátan** , | Uixãopatã , Uicuipátã , Calinhãpatã , Naciquepátã , Puluro , Panagãte , e o cábo Se- | gógora.

beadãla – sf. (étimo desconhecido) → comorij. ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/f108v]: A qual enseãda repartimos em tres estãdos de principes que à senhoream : as dozentas | lęguoas sam do reyno Bisnãga , as cento e dez do reyno Orixã que sam ambos gentios : e as | cento do reyno de Bengãla que de nõssos tempos pera cá ę já subjecto a mouros. As pouoações | da qual cósta sam estas , lógo na vólta do cábo Comorij as sete lęguoas Tacancuriij , e adiante | Manapar , Uaipar , Trechandur , Callegrande , Chereacãlle , Tucucuriij , Bembar , Cálecare , | **Beadãla** , Manancort , e Canhameira onde está hũ notãuel cábo assy chamãdo em dez grãos | da pártes do nõrte.

będor – sm. (étimo desconhecido) → canará → bisnagã. ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. No qual marítimo jázem estas pouoações Ancola , Egórapã , Mergęu , a ci- | dãde Onor cabęça do reyno , Baticalã , **Będor** , Bracelor , Bacãnor , Caręara , Carnãte , Mã- | galor , Mangeirã , Cumbatã , e Cangerecóra per que cόrre hũ rio deste nome que ę extremo , e de- | marcaçã , como se verã abaixo . As quaes pouoações todas sam da prouincia Canará subdi- | tas a elrey Bisnagã.

beięos – sm. pl. ([origem obscura, talvez < célt. *baikkion*]^{mf.} ; < ár. *baws*)^{a.} ‘lábios’.

[1552/pda1/f1r]: E que bem como lhe aprouue que mediante o pá- | dar , lingua , dentes e **beißos** , huñ respiro de ár mouido dos bófes , causado de hũa potencia | a que os latinos chamam affatus.

bēgala → bengála.

beja – sf. (< ár. *bājá*)^m. ‘poliotopônimo’; ‘cidade do Alentejo’. [1552/pda3/f27v]: estando em **Beja** , leuou o embaixador Caçuta á pia ao fazer Christão , e assy aos móços que | com elle viéram , e a rainha foy a madrinha vestindose ella e el rey de fésta por mais solenni- | zar este auto.

bellamarim – sm. (< ár. *bani marin*)^m. ‘corotopônimo’; ‘reino de Fez’. [1552/pda1/f14v]: E assy ya em outro nauio Aluáro de Freitas cōmendador de Ajazur hómẽ bem fidál- | go , e que nos mouros de Gráda e **Bellamarim** tinha feito grande presas.

bem → ben.

bembar – sf. (étimo desconhecido) → comorij. ‘poliotopônimo’; ‘povoação localizada na costa do cabo Comorim da Índia’. [1552/pda9/f108v]: As pouoações | da qual cósta sam estas , lógo na vólta do cábo Comorij as sēte lēguoas Tacancurij , e adiante | Manapar , Uaipar , Trechandur , Callegrande , Chereacálle , Tucucurij , **Bembar** , Cálecare , | Beadála , Manancort , e Canhameira onde está hũ notáuel cábo assy chamado em dez gráos | da páрте do nóрте.

bemoii → bemoij.

bemoij ~ **bemoii** – sm. (étimo desconhecido) → guiné. ‘antropônimo’; ‘príncipe da Guiné’. [1552/pda3/f30v]: Porque estando em Setuual lhe veo nóua co- | mo a Lixbóa ęra chegádo hũ nauio do castello de Arguim : em o qual vinha | hum príncipe da tęrra de Iáloph chamado **Bemoij** , acompanhádo de paren- | tes e hómẽs nóbres daquella prouincia . El rey como as per razões *que* abaixo | diremos , tinha muyto conhecimento delle : mandou á Lixbóa que õ agasalhássem bem , e dhy | õ passassem honradamente ao castęllo da villa de Palmęla . Em o qual esteue alguũs dias em | quanto elle e os seus fossem vestidos e encaualgados , pera poderem jr antelle : sendo sempre | seruido em todalas cousas , nam como príncipe bárbaro e fóra da ley , mas como podia so hũ | dos senhores da Európa costumádo ás policias e seruiços della . [1552/pda3/f31v]: Como o príncipe **Bemoij** recebeo águoa de baptismo | e ouue nome dom Ioam **Bemoij** , e das festas que el rey por sua cau- | sa mandou fazer : e assy foram

feitos Christãos todolos outros que | vieram em sua companhia. [1552/pda3/f31v]: como se os hómẽs perdiam em as mercadorias que dauam fiádas a **Bemoii** : escreueo a el rey | e pouco fructo que fazia , e o dano que causáua a sua estáda la.

ben ~ **bem** – sm. (talvez < ár. *ben*, ou < hebr. *ben*)^m. ‘antropônimo’; ‘neto do rei de Sóngo, que é a cidade mais populosa de Mandinga’; irmão do rei Ale de Quiloa. [1552/pda3/f38v]: Tambem per via da fortaleza da mina mandou a Mahamed , **ben** Manzugul e | neto de Mussá rey de Sóngo. [1552/pda9/f98r]: Ao qual succedeo Ale **bem** Daut seu sobrinho *que* reinou sesenta ánnos , e suce- | deo lhe hũ seu neto chamádo do seu nóme : cõtra quẽ se leuantou o póuo por ser máo hómẽ e õ | meterã viuo em hũ póço auẽdo seys ános *que* reináua , leuátádo por rey a seu jrmão Hacen **ben** | Daut *que* reynou vinte e quátro ános.

[ben mājid] → malemo caná.

benalle – sm. (sob análise) → abedelá ‘antropônimo’; ‘califa que invadiu e dominou a cidade de Damasco’. [1552/pda1/f3v]: ordenou lógo este nouo calyfa huñ seu parente per nome Abe- | delá **benAlle** , que com grande numero de gente de cauállo fosse sobre o calyfa de Damasco.

benamotapa → benomotápa.

benará nambeádarij – sm. (benará < hebraico *benarus* + nambeádarij < malaio *nambiyādirī*)^m. ‘antropônimo’; ‘senhor de uma região acima de Panáne’. [1552/pda7/f86r]: E a gente cõ | que o Çamorij começou seria atę sesenta mil hómẽs de que a este tempo (segũdo dissęmos) pe- | los cásos e perdas que tęue tambem já tinha menos hũ terço : porem fama entre os nóssos ęra | que trazia per már e per tęrra quorenta mil hómẽs seus e destes senhores que o ajudáuã , del- | les como vassálos e outros por serem amigos e vezinhos naquella tęrra Malabar que elle con | uocou cõtra nós . Beturácol rey de Tánor . Cacatunam Barij rey de Bespur e de Cucuram | junto da serra chamáda Gáte , Cóta Agatacól rey de Cotugam entre Cananor e Calecut jũ- | to de Gáte , Curiur Coil rey de Curim entre Panane e Crangálor , Naubeádarij príncipe | de Calecut , Nambeá seu jrmão , Lancol Nãbeádarij senhor de Repelij , Paraichera Eracol | senhor de Crangalor , Parapucol senhor de Chaliã entre Calecut e Tanor , Parinha Mu- | tacól senhor quásy rey entre Crãgalor e Repelij , **Benará Nambeádarij**

senhor quasy rey aci- | ma de Panáne pera a serra.

bengála ~ bengálla ~ bengala ~ bēgala – sf. (talvez < hindust. *bang-alaya*)^m. → bisnagá. ‘geomorfotopônimo’; corotopônimo; ‘angra’; ‘reino’. [1552/pda9/f108r]: Entre estes dous tam | jllustres cábos Comorij occidental e Cingápura oriental (dos quáes podēmos crêr que o | már cortou as jlhas Ceilam e Camátra como de Itália Cezília segūdo se escreque) jáz aquelle | celebrádo sino Gangetico per escriptura de todolos geographos , e per nós muy nauegá- | do : ao qual chamamos a enseáda de **Bengála** , por causa do grande reyno **Bengála** per onde | córre o rio Gange muy sobérbo com a furia de suas águoas , e entra no már Oceano. [1552/pda8/f91v]: Porque nam só- | mente traziam a ellas o *que* nauegáuã de Maláca , mas ajnda os robijys e lácre de Pegu , a rou- | pa de **Bengálla** , aljofar de Cálecaré , diamães de Narsinga , canēla e robijys de Ceilam , pimēta | e gēgiure e outros mil generos de especias aromaticas assy da cósta Malabár , como doutras | partes onde a natureza depositou seus tesouros. [1552/pda9/f110v]: Quanto ao | estádo da gentilidáde que e a outra gente *que* senhorea aquellas regiões (leixando os principes | do Malabár de que lógo falaremos) os mais principáes cō *que* teuēmos cōmunicacam por causa | de seus estádos virem beber ao már foram estes : elrey de Bisnagá , de Orixá , de **Bengala** , de | Pēgu , de Syam , e da China. [1552/pda9/f107r]: Porē em o nacimēto deste grãde rio chamádo | Nagūdij ao do outro Gāga há esta differēça , nã ter aquella religiam das águoas : e mais ná- | ce quásy na parágem do Gáte *que* está sóbre Cananor e Calecut , e vay correndo ao lōgo delle cō- | tra o nórtē , e como e de fronte do rio Aliga fáz hum cotouelo e toma outro curso pera oriente , e | pássa per a metrópoly Bisnagá e per tērras de Orixá tē sair na enseáda de **Bēgala** per duas bo- | cas entre dezaseys e dezaseite gráos , onde estã duas cidádes Guadeuarij e Masusipatã em *que* | se fáz muyta roupa dalgodã *que* óra vem delá *que* tem o mesmo nóme.

bengálla → bengála.

benhorá – sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda9/f107r]: O primero destes rios náce de duas fontes ao oriēte de Chaul quasy | per distácia de quinze lēguoas e altura entre dezoito e deznoue gráos

: ao rio *que* say de hũa das | fontes *que* jáz mais ao nórtē chamã Crusná , e ao *que* say da *que* esta ao sul **Benhorá** , e depois que se | adjuntã e hũa corpo chamálhe Gāga , o qual vay sair na fóz do jllustre rio Gāge entre estes dous | lugáres Angelij e Pichóldá quásy e vinte dous gráos.

benij ~ **bēnij** ~ **beny** – sm. (< indíg. *beny*)^m. → guiné. ‘corotopônimo’; ‘reino antigo da África ocidental’. [1552/pda3/f27v]: E porque este reyno de **Benij** era perto do castello de sam | Iorge da mina , e os negros que traziam ouro ao resgáte della folgauam de comprar escráuos | pera leuar suas mercadórias. [1552/pda3/f27v]: E quanto fructificou em louuor | de deos a Christandáde destes hómeēs de Congo pela conuersam do seu rey (com adiante | verēmos :) tam pouco aproueitou o que el rey fez em o requerimēto del rey de **Benij** , cujo rey- | no jaz entre o reyno de Congo e o castello de Sam Iórge da mina . Porque neste tempo em | que Diógo Cam veu da primeira vez de Congo , que foy no anno de quatro centos oitenta e | seis : tambem este rey de **Benij** mādou pedir a el rey que lhe mandásse la sacerdotēs pera o doc- | trinarem em fē . Sendo já vindo o anno passádo hum Fernam do Pó , que tambem com esta | cósta descobrio a jlha que se óra chama do seu nome , que está vezinha á tērra firme , á qual por | sua grandeza elle chamou a jlha fermósa , e ella perdeo este e ficou com o nome do seu descobri | dor . Este embaixador del rey de **Bēnij** trouxeo Ioã Afonso Daueiro que era jdo a descobrir | esta cósta per mandado del rey : e assy trouxe a primeira pimenta que veu daquellas pártes de | Guiné a este regno. [1552/pda2/f21v]: E estas que elle escrēueo deste descobrimen- | to do tempo do jnfante dom Anrique (segundo elle diz) já às recebeo de hũa Afonso Cerueira | que foy o primeiro que às pos em órdem : do qual Afonso Cerueira nós achamos algũas cár- | tas escriptas em **Beny** , estando elle aly feitorizando por pártē del rey dom Afonso.

benomotápa ~ benamotapa ~ monomotapa – sm. (origem obscura)^m. → sofála. ‘antropônimo’. ‘príncipe de Sofála’. [1552/pda10/f118r]: Em que se descrēue a regiam do reyno de Sofála | e das minas douro e cousas que nella há : e assy os costumes da gen | te e do seu principe **Benomotápa**. | TOda a tērra que contamos por reyno de Sofála , e hũa grãde regiam que se- | nhorea hũa principe gentio chamádo **Benomotápa** : a qual abraçam em mó- | do

de jlha dous braços de hũ rio que procẽde do mais notáuel lágo que toda | a tẽrra de Africa tem , muy desejado de sabẽr dos antigos escriptóres por ser | a cabẽça escondida do jllustre Nilo , donde tambem procẽde o nõsso Zaire *que* | córre per o reino de Congo. [1552/pda9/f117v]: Pero da Nháya tomámos pósse della e do tracto do ouro que se | tira das minas de que ẽ senhor aquelle poderóso gentio **Benamotapa** : entraremos neste deci- | mo liuro seguinte fazendo relaça dellas e delle , e depois darẽm os conta do *que* Pero da Nháya | mais fez depois que acabou a fortaleza. [1552/pda10/f119v]: Este principe aque chamamos **Benomotápa** | ou **Monomotapa** , ẽ como entre nós emperador , por *que* jsto significa o seu nome acerca delles : | (***) do do qual nam consiste em muytos aparátos paramentos ou móuel do seruiço de sua | pessoa , cá o mayór ornamento *que* tem na cása sam huĩs panos dalgodam *que* se fazem na tẽrra de | muytos lauores cada hũ dos quáes será do tamanho de hũ dos nõssos reposteiros e valeram | de vinte atẽ cincoenta cruzados.

beny → benij.

bepur – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘região localizada entre Chanij e Calecut’. [1552/pda7/f86r]: E a gente cõ | que o Çamorij começou seria atẽ sesenta mil hómeẽs de que a este tempo (segũdo dissẽmos) pe- | los cáso e perdas que tẽue tambem já tinha menos hũ terço : porem fama entre os nõssos ẽra | que trazia per már e per tẽrra quorenta mil hómeẽs seus e destes senhores que o ajudáuã , del- | les como vassálos e outros por serem amigos e vezinhos naquella tẽrra Malabar que elle con | uocou cõtra nós . Beturácol rey de Tánor . Cacatunam Barij rey de Bepur e de Cucuram | junto da serra chamada Gáte , Cóta Agatacól rey de Cotugam entre Cananor e Calecut jũ- | to de Gáte , Curiur Coil rey de Curim entre Panane e Crangálor , Naubedarij principe | de Calecut , Nambeá seu jrmão , Lancol Nãbeádarij senhor de Repelij , Paraichera Eracol | senhor de Crangalor , Parapucól senhor de Chaliã entre Calecut e Tanor , Parinha Mu- | tacól senhor quásy rey entre Crãgalor e Repelij , Benará Nambeádarij senhor quasy rey aci- | ma de Panáne pera a serra , Nambeárij senhor de Bualá Charij , Parapucól senhor de Pa- | rapuram , Parapucól senhor quasy rey de **Bepur** entre Chanij e Calecut.

berberia – sf. (berber, [este do ár. *barbar*]^{m+} + ia) → alárues → cabildas. ‘geomorfotopônimo’; ‘costa berbere localizada no norte da África’. [1552/pda1/f5v]: E vindo do grãde cerco de Cep- | ta (como se na parte de Africa contẽ) , depois que estes negócios alguũ tanto lhe dẽram lugar , | faláram lhe dous caualeiros de sua casa que naquellas jdas da lem õ tinham muy bẽ seruido : | pedindolhe muyto que pois sua merce armava náuios pera descobrir a cósta de **Berberia** e | Guinë , lhe aprouesse jrem elles em alguũ náuiu a este descobrimẽto , cá sentiam em si que nel- | le õ poderiam bem seruir.

bẽre – sf. (talvez < ár. *bari*)^{mf}. ‘saudação’. [1552/pda3/f24v]: O seu rey Carámansa em meyo de todos vinha | cubẽrto pẽrnas e braços de braçeteles e argolas douras , e ao pescoço hum colár : do qual depẽ- | diam huĩs campaynhas meudas , e pela bárba retorcidas huĩs vergas douro , que assy lhe | chumbáuam os cabellos della , que de retorcidos õs faziam corredios . A continencia de sua | pesóa , ẽra vir com huĩs pássos muy vagárosos pẽ ante pẽ sem mouer o róstro a pártẽ algũa . | Diogo Dazambuja , em quanto elle vinha com esta grauidade esteue quedo em seu estrádo , tẽ | que sendo já metido entre a nõssa gente abalou a elle : e ajuntãdose ambos , tomou Carámãsa | a mão a Diógo Dazambuja , e tornandoã a recolhẽr deu hũ trinco com os dedos dizẽdo esta | paláura , **bẽre** , **bẽre** , que quer dizer páz, páz , o qual trinco entrelles ẽ o sinal da mayór cortẽsia.

berinjam ~ **beriuã** – sm. (étimo desconhecido) → coulam. ‘poliotopônimo’; ‘lugar localizado na costa da Índia e pertencente a Coulam’. [1552/pda10/f125v]: Nuno Uáz | amoestando o cáso em módo de ameaças se naquillo mays procedessem dissimulou o passádo : e concertáda a verga do seu nauio tornou-se a dom Lourenço , o qual achou na cósta da India | em hum logar chamado **Berinjam** que ẽ do senhorio de Coulam . E porque alguũs mouros | que aly veuiam foram na mórte de Antonio de Sá , sayo dom Lourenço em tẽrra e queimou | o lugar , em que tambem ouue sangue dos naturáes e dos nõssos na resistencia que fizẽram ao | sair em tẽrra , e queimar de cẽrtas náos que aly estáuam esperando carga : e tomado este emẽ- | da do danno que aquelles mouros tinham feyto partiose dom Lourenço pera Cochij onde |

chegou com sua fróta. [1552/pda9/f107v]: Seguindo mais adiante nõssa descripçam , de Porcá tẽ | Trauancor está o reyno de Coulá , *que* terá per cósta vinte léguas : cujas pouoações sam , Cale | Coulá onde temos hũa fortaleza , Rotorá , **Beriuã** e outras pouoações e pórtos de pouco nó- | me.

beriuã → berinjam.

bespur – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação do malabar’. [1552/pda7/f86r]: E a gente cõ | que o Çamorij começou seria atẽ sesenta mil hómees de que a este tempo (segũdo dissẽmos) pe- | los cásos e perdas que tẽue tambem já tinha menos hũ terço : porem fama entre os nõssos ẽra | que trazia per már e per tẽrra quorenta mil hómees seus e destes senhores que o ajudáuã , del- | les como vassálos e outros por serem amigos e vezinhos naquella tẽrra Malabar que elle con | uocou cõtra nós . Beturácol rey de Tánor . Cacatunam Barij rey de **Bespur** e de Cucuram | junto da serra chamáda Gáte.

beturácol – sf. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’; ‘rei de Tánor’. [1552/pda7/f86r]: E a gente cõ | que o Çamorij começou seria atẽ sesenta mil hómees de que a este tempo (segũdo dissẽmos) pe- | los cásos e perdas que tẽue tambem já tinha menos hũ terço : porem fama entre os nõssos ẽra | que trazia per már e per tẽrra quorenta mil hómees seus e destes senhores que o ajudáuã , del- | les como vassálos e outros por serem amigos e vezinhos naquella tẽrra Malabar que elle con | uocou cõtra nós . **Beturácol** rey de Tánor . Cacatunam Barij rey de Bespur e de Cucuram | junto da serra chamáda Gáte.

bezeguiche – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’. [1552/pda3/f24v]: E os capitães das vrcas ẽrã Però de Sintra e Fer- | nandafonso : por leuárem toda a muniçam desta fortaleza partiram diante alguũs dias : e em | sua companhia Però Dẽuora em hum nauio pequeno , pera que se as vrcas nam podẽsem che | gar a fazer a pescaria no pórtos de **Bezeguiche** onde auiam desperar , que este nauio à fizẽsse. | o qual negócio Però Dẽuora fez com muyta diligencia , e outro mais principal , que foy fazer | paz com **Bezeguiche** senhor daquella cósta , donde ficou o nome *que* oje tem aquelle pórtos.

bibi – sm. (étimo desconhecido) → congo. ‘hidrotopônimo’. ‘rio’. [1552/pda10/f118r]: Per a qual pártẽ podẽmos dizer ser este grã lá- | go mais vezinho ao nõsso már oceano occidental que ao oriental segundo a situaçã

de Ptho- | lemeu , ca do mesmo reyno de Congo sometẽ nelle estes seys rios Bancáre , Uámba , Cuylii , | **Bibi** , Maria maria , Zanculo , que sam muy poderoso em águoa.

bir – sm. (sob análise) → çanága → euphrátes. ‘hidrotopônimo’; poliotopônimo’; ‘rio’; ‘cidade localizada nas correntes do rio Eufrates’. [1552/pda3/f32v]: Porque onde õ chamádo Çanága per nós , se mẽte no már oceano occidental , | os póuos Ialóphos lhe chamam Dengueh , e os Tucurós mais acima | Máyo , e os Çaragolẽs , Cólle : e quando córre per hũa comárca chamáda | Bágano que ẽ mais oriental , chamã lhe Zimbalá , donde ás vezes por causa delle á comarca | dam este mesmo nome , e no reyno de Tungubuto lhe chamam Iça . E pósto que córre per | muyta distancia de tẽrras , vindo das fontes orientaes dos lagos a *que* Ptolemeu chama Che | Ionides , Nuba , e rio **Bir** : quasy per direito curso tẽ se meter no oceano em altura de quinze | grãos e meyo , nam lhe sabẽmos o nome que lhe os outros póuos dam . [1552/pda8/f98v]: E per dentro do sẽrtam , sestend a per o Nilo acima á regiam Thebai- | da a que os naturáess óra chamã Çaida , tẽ chegar á antiquissima cidáde Ptolomaida cujo no- | me óra ẽ Hiciná , que a cerca daquelles bárbaros quẽr dizer esquecimento , e daly vinha be- | bẽr ao már roxo . Passando o qual entraua na tẽrra de Arabia , vindo a vezinhar com o Xa- | rife Baracat senhor da cása de Mẽcha : atrauessando os bárbaros daquelle desẽrto , tẽ dár | consigo em a cidáde chamáda **Bir** que jáz nas correntes de Euphrátes , e tornando fazer ou- | tro curso contra o occidente em o golfam de Larazza que dissẽmos.

birã → biram.

biram ~ **birã** – sm. (étimo desconhecido) → bór byram. ‘antropônimo’; ‘filho do rei Bór Byram’. [1552/pda/f30v]: E entre os filhos que leixou per sua mórte de molhẽ- | res diferentes (segundo seu vso) foram Cybitah e Cámba , que ẽram de hũa molhẽr , e **Birã** | de outra , que já fora casáda com outro marido : do qual marido ella tinha auido este Bemoij | de que falamos . E porque naquella tẽrra as mais vezes , mórto el rey : o póuo tóma hum dos | filhos que õ gouẽrne qual lhe mais apraz : elegeram por seu rey a **Biram**.

bisnagá ~ **bisnága** – sm. (< indíg. *bījanagar*)^m → narsinga. ‘corotopônimo’; ‘reino localizado na costa da Índia’; ‘antropônimo’; ‘rei’. [1552/pda9/f109r]: E tornando a continuar a descripçam da nõssa cósta , da cidáde sam Thomẽ em que nos | detiuẽmos por louuor

deste apóstolo nósso proptector da India , pósto que em outra páрте | relatamos mais copiósamente o que se tem e crê delle acerca desta gente : desta sua cidade | a Paleacáte auerá nóue lęguoas e adiante estam Chiricóle , Aremogam , Caleture , Careeiro , | Pentepólii , Maçulepátan , Budauarij , junto do cabo deste nome , *que* está em dezasete grãos . No qual acabã as terras do reino de **Bisnagá** (como dissēmos) e começa õ de Orixá . [1552/pda9/f108v]: A qual enseáda repartimos em tres estádos de principes que à senhoream : as dozentas | lęguoas sam do reyno **Bisnaga** , as cento e dez do reyno Orixá que sam ambos gentios : e as | cento do reyno de Bengála *que* de nósos tempos pera cá e já subjecto a mouros . [1552/pda9/107v]: No qual marítimo jázem estas pouoações Ancola , Egórapan , Mergueu , a ci- | dáde Onor cabęça do reyno , Baticalá , Bēdor , Bracelor , Bacanor , Caręara , Carnáte , Mã- | galor , Mangeirã , Cumbatá , e Cangerecóra per *que* córre hũ rio deste nome que é extremo , e de- | marcaça , como se verá abaixo . As quaes pouoações todas sam da prouincia Canará subdi- | tas a elrey **Bisnagá**.

bõbaim – sf. (< inglês *bombay*)ⁿ ‘geomorfotopônimo’; ‘parte do litoral em que a terra recua, formando um pequeno golfo’; ‘baía’. [1552/pda9/f107r]: E quásy na mesma par ágẽ das fontes desta | sęrra Gáte vęrte outra pera o ponęte , *que* fáz hũ pequeno rio chamado Báte *que* say na baya de **Bõ- | baim** , per o qual demarcã o reyno Guzaráte do reyno Dęcan.

bogio ~ **bugios** – sm. (< ár. *Budjā*)ⁿ ‘pelo de macaco’. [1552/pda3/f24v]: Porẽ geralmente em seu módo todos vinham armádos , | huñs com azagayas e escudos , outros com árcos e cóldres de fręchas : e muytos em lugar de | árma da cabeça hũa pęlle de **bogio** , o cásko da qual todo ęra encrauádo de dentes dalimarias , | todos tam difórmes com suas jnuęções por mostrár serocidade de hómęes de guęrra , *que* mais | mouiam a riso que a tęmor . [1552/pda3/f24v]: Sómente as pártes vergonhósas ęram cubęrtas delles com pęlles de **bugios** , outros com pa | nos de palma : e os mais principaes com algũs pintádos que per resgáte ouuęrã dos nósos | nauios que aly yam resgatar ouro.

bojador ~ **bojádor** – sm. (boja [< ár. *bā* 'a'^a + -dor) → bauaria. ‘geomorfotopônimo’; ‘cabo localizado ao Norte da Serra Leoa’. [1552/pda1/f21r]: Leixou | em sua vida descuberto , do cabo **Bojador** que está em

trinta e sete graos daltura da páрте do | Nórte , tę a terra Lioa que está em sete e dous tęrços , que fázem de cósta trezentas e setenta lę- | goas [1552/pda1/f5v]: Mas os nauios *que* daquella vez e doutras foram e vięram , nam | descobrirã mais que atę o cábo **Bojador** : que será auãte de cábo de Nam , óbra *de* sesenta lęgoas | e aly parauã todos , sem alguũ ousar de cometer a passágem delle . Porque como este cábo comę | çã de jncruuar a tęrra de muy lõge , e ao respecto da cósta que atras tinham descubęta , lança e | bója pera a loęste pęrto de quoręta lęgoas (dõde deste muito bójar lhe chamáram **bojador**) : ęra | parelles cousa muy nóua apartarse do rumo *que* leuáuam e seguir outro pera aloęste de tantas lę- | goas . das murmurações que o póuo do reyno fazia contra | este descobrimento . [1552/pda1/f7v]: E como auendo doze annos que nelle se prose- | guia , huñ Gileánes passou o cábo **Bojador** tam temeróso na opi- | niam das gentes . [1552/pda1/f8v]: E a este seu proposito se ajuntou a boa fortuna , ou por milhór dizer a óra em que deos tinha | limitádo o curso de tão receo como todos tinham de pasar aquesse cabo **Bojádor** : o qual no- | me lhe elle entam pos pelas razões que atrás dissemos , nã tendo tę aquelle tempo alguũ acerca | de nós , e segundo a sua situaçam podęmos dizer ser aquelle o cabo a que Ptholemeu chama | **Bauaria** promontório.

bolepátan – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda9/f107v]: Do rio Canherecóra dõde comęça a regiã | Malabár tę Puripátan *que* seram per cósta vinte lęguoas e do reyno Cananor , em que há estes | lugáres : Cóta , Coulam , Nilichilam , Marabia , **Bolepátan** , Cananor cidade onde tęmos hũa | fortaleza.

bonę – sm. (étimo desconhecido) → quiloa. ‘antropônimo’; ‘rei de Quiloa’; sobrinho de Hale bonii, rei de Quiloa. [1552/pda8/f98r]: A quę succedeo seu filho Daut que durou dous ánnos , e trás elle veo Talut seu jr- | mão que viueo hũ : e por sua mórte reynou Hacen outro jrmão vinte e cinco ãnos . E por nã | ter filhos succedeolhe outro seu jrmão que viue o dez ánnos : e este derradeiro jrmão que se cha- | máua Hale bonii foy o mais bem afortunádo de sua linhágem , porque tudo o que cometeo a- | cabou , e succedeolhe **Bonę** Soleiman seu sobrinho que reinou quorenta ánnos.

bonebaquer – sm. (étimo desconhecido) → ale → quiloa. ‘antropônimo’; ‘rei de Quiloa’. [1552/pda8/f98r]: E este Matáta leixou em | Quilloa hũ seu sobrinho per nome Ale **Bonebaquer** *que* aos dous ãnos os Parseos de Quilloa ò | lançará fóra.

bór Byram ~ **bór biram** – sm. (étimo desconhecido) → bemoij → guinç. ‘antropônimo’; ‘rei de Guiné’. [1552/pda3/f30v]: No principio quãdo o commercio de Guinç começou correr entre os nós | sos e os póuos da regiã de Ialoph , a qual jáz entre estes dous notaués rios Çanágá e Gám | bea , auia hũ rey muy poderoso naquellas pártes chamado **Bór Byram** : o qual pósto *que* fósse | do sangue gentio dos principes de Guinç , era já feito mouro pela communicaçam que tinham | com os mouros chamádos Azenegues . E entre os filhos que leixou per sua móрте de molhe- | res differentes (segundo seu vso) foram Cybitah e Cámba , que eram de hũa molhér , e Birã | de outra , que já fora casáda com outro marido : do qual marido ella tinha auido este Bemoij | de que falamos. [1552/pda3/f31r]: porque os dous jrmãos Cybitah e Cámba a trayçã | matáram a el rey **Bór Biram** intitulando se por rey Cybitah que era mais velho , o qual cruã- | mente começou fazer guerra a Bemoij.

boreo – sm. (étimo desconhecido) → rasausem. ‘geomorfotopônimo’; ‘cabo’. [1552/pda8/f91v]: Cujã potencia ante de ser metida na | coróda da casa Othomana dos Turcos , começãua no fim do reyno Tunez , em aquelle cabo a | *que* óra os mareantes de leuante chamã Rasausem e Ptolomeu **Boreo** promotorio , e acabãua ã | hũa enseáda chamáda per elles o golfam de Larazza por razam de hũa pouoãçã deste nome que | aly está : a qual segundo a situaçam della parece ser a villa a que Ptolemeu chama Serrepolis.

bosna – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda4/f53r]: Porque nam estáua em razã hómees tam occidentaes como era a gẽte portugues , os quães | uiuiã nos fijs da terra , virem ás pártes do oriente per tâta distancia de máres e caminhos nam | sabidos : senã pera algũ grande mistério *que* deos queria óbrar per elles . Entam começou a con | tar o principio de sua vida : dizendo , que no áno de Christo de mil quátro centos e cincoõeta | elrey de Polónia mandára lâçar hũ pregã per tódo seu reyno *que* quãtos judeus nelle ouuesse , dẽ- | tro de trinta dias se fizessem Christãos , ou se saissem do seu reyno : e passádo este termo de tem | po , os *que* achassem fossem queimádos . Dõde se causou *que* a mayór páрте dos judeus se sairã

fóra | do reyno pera diuersas pártes , e nesta saida fóra seu pay e sua may *que* érá moradóres em hũa ci- | dáde chamáda **Bosna**.

botõgas – sm. pl. (étimo desconhecido) ‘etnotopônimo’; ‘povos que cavam minas de ouro’. [1552/pda10/f118v]: As minas desta tẽrra onde se tira o ouro , às mais chegadas a Sofala sam aquellas | aque elles chamam Manica , as quães estam em campo cercádas de montanhas que tẽrá em | circuito trinta leguoas : e gẽralmente conhecem o lugar onde se cria o ouro por verem a tẽrra | sêca e pobre de hẽrua , e chamase toda esta comárca Manica , e os pouos *que* às cauã **Botõgas**.

brabaxiis → Brábaxijs.

brábaxijs ~ **brabaxiis** – sm. pl. (étimo desconhecido) → alarues. ‘etnotopônimo’; ‘povos árabes’. [1552/pda3/f33v]: E assy con- | corriam a outra cidáde que está nas correntes deste rio chamáda Gennã a qual em outro tẽpo | era mais çẽebre *que* Tungubutu : e ou *que* ella dẽsse nome ao reyno , ou *que* o reyno ò desse aella , daquy | se chama acerca de nós toda aquella regiam de Çanagá por diante Guinç , posto que entre | os negros huũs lhe chãmam Gennã , outros Iannij , e outros Gennij . E como esta mais | ocidental que Tungubutu , geralmente concorriam a ella os pouos que lhe sam mais vezinhos : | assy como os Çaragolẽs , Fullos , Ialóphos , Azanegues , **Brábaxijs** , Ligurarijs , Luddáyas | da mão dos quaes per via do castẽllo de Arguim e de toda aquella cósta vinha o ouro a nós- | sas mãos , e outros pouos do jnterior de Mandinga acodiam ao resgáte de Cantor a *que* vam | os nõssos nauios , per o rio Gambea. [1552/pda3/f38v]: Onde esteuẽram pouco tempo por a tẽrra | ser muy deserta , e sómente virem a ella os mesmos Alárues que as vezes vinham ao castẽllo de | Arguim , que sam Azanẽgues , Ludáyas e **Brabaxiis**.

bracelor – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação pertencente a provincia de Canará’. [1552/pda9/f107v]: No qual maritimo jázem estas pouoações Ancola , Egórapan , Mergẽu , a ci- | dáde Onor cabẽça do reyno , Baticalá , Bẽdor , **Bracelor** , Bacanor , Carẽara , Carnáte , Mã- | galor , Mangeirã , Cumbatá , e Cangerecóra per *que* córre hũ rio deste nome que é extremo , e de- | marcaçã , como se verá abaixo . As quaes pouoações todas sam da provincia Canará subdi- | tas a elrey Bisnagã.

brãco → branco(s).

brãmames → brãmame(s).

brãmance(s) ~ brãmmane(s) ~ brammane(s) ~ brãmames ~ baneanes – sm. pl. (< sânscr. *brāhmana*)^d. ‘homem da casta religiosa hindu’; ‘sacerdotes religiosos’. [1552/pda4/50v]: Até os seus **Brãmances** na religiam que tinham da trindáde de | tres pesóas e hũ só deos , que acerca dos Christãos ẽra ò fundamento de toda sua fẽ se confor- | máuam com elles , (però que per outro módo muy diferente :) a qual cousa os mouros con- | tradizem. [1552/pda5/59r]: O qual | posto que nam podia sofrer dár os refeẽs que lhe Pedrálvarez pedia , e toda sua escusa ẽra serẽ | hómeẽs velhos e da geraçam dos **Brãmances** , os quães por razam de sua religiam nã podiã | comer nem dormir senam em sua própria cása , e quando se tocáuam com gente fóra de sua gera | çã , tinham suas purificações e cerimónias de que nam podiam vsar estando no már. [1552/pda4/f48v]: Passádo aquelle terreiro , entrarã | em hũ páteo de alpẽderes , onde achará Uásco da Gãma e o Catual cõ algũa gente mais limpa | esperando por elles : sem tomar algũ repouso daquela afronta em *que* vinhã , entrarã todos em | hũa grã cása terrea em *que* estáu aquelle grãde Çamorij da prouincia Malabár per elles tã desejá- | do de ver . De junto do qual se aleuãtou hũ hómem de grande jdáde , que ẽra o seu **Brãmance** | mayór , vestido hũas vestiduras brancas representãdo nellas e em sua jdáde e continencia ser | hómẽ religioso : e chegãdo ao meyo da cása tomou Uásco da Gãma pela mão e ò foy a presen | tar ao Çamorij. [1552/pda6/f74v]: O **Brãmance** que trouxe | este recádo quãdo vio a jndinaçã do Almirãte : sem replicar cousa algũa , se espedio com mais | temor do que trouxẽra. [1552/pda9/f115v]: E porque ao | tempo que elle viso rey chegou tinha desistido do reyno Trimumpára por sua | muyta jdáde , e estáu recolhido entre seus **Brãmances** como hómem que leixáua o mundo , | e em seu lugar reynáua hum seu sobrinho per nóme Nambeadóra. [1552/pda5/63r]: Chegãdo ao porto | de Cochij que seria daly cinco lẽguoas : porque soube que elrey estáu em hũa pouoaçam me- | tida pelo rio acima : mandou aelle hum **brammane** dos daquela cósta Malabar . O qual ẽra | de huũs que tomã por religiam andárem em penitencia per todo o mundo , nuus com hũas ca | deas derredor de sy cheos de bósta de vácas por mais desprezo de suas pesóas : e geralmente os | que tomam esta vida se sam do gẽnero gentio chamandolhe Iógues , e se sam mouros

Calan- | dáres , do qual módo de religiam escreueremos adiante , e principalmẽte em os liuros da nõssa | geographia. [1552/pda4/f47v]: E como nesta cidáde auia grãde cõcurso de varias nações , e o gẽtio della muy | superticioso ẽ se tocar cõ gẽte fóra de seu sangue , principalmẽte òs *que* se chamáuã **Brammanes** e | Naires : destes dous gẽneros de gẽte sendo a mais nõbre da tẽrra viuia nella muy poucos , to- | da a outra pouoaçã ẽra de mouros e gẽtio mechanic. [1552/pda5/f63v]: Finál- | mente sem áuer entrelles cautẽlas , mandou elrey quatro pesóas honrádas da linhagem | dos **Brãmances** por arrefeẽs de nõue pesóas que Pedralvarez mandou a tẽrra pera feitorizar | a carga : Gonçálo Gil Barbósa pera feitor , Lourenço Moreno e Bastiam Aluarez por seus | escriuães e Gonçalo Madeira de Tangere por lingoa : e os outros ẽram degredados e hó | meẽs da feitoria. [1552/pda4/f46v]: Espedido Uás- | co da Gãma delle depois *que* ò leixou desembarcádo tornouse aos nauios , e os dias que aly este- | ue sempre foy visitádo delle cõ muytos refrescos : que deu causa a ser tambem visitádo de huũs | mouros *que* aly estáuã do reyno de Cambaya , em as náos que lhe tinham dito os mouros que | tomou no zambuco . Entre os quães viẽram cẽrtos hómeẽs a que chamã **Baneanes** do mes- | mo gentio do reyno de Cambáya : gente tam religiõsa na secta de Pythagóras , *que* até a jmmũ | dicia *que* criam em sy nam mátam , nem cómem cousa viua , dos quães copiõsamente tratãmos | em a nõssa geographia.

brammane(s) → brãmance(s).

branca(s) – adj. (< germ. *blanck*)^{mf}. [1552/pda3/f36v]: tomou por ármã hũa cruz **branca** de pra- | ta florida em campo vermelho. [1552/pda3/f37v]: Finalmente recebida sua offẽta , el rey lhe | mandou armar tres carauẽlas em Pálos de Moguer , donde partio a tres dias de agosto do | anno de mil quatro centos nouenta e dous : e deste dia a dous meses e meyo que foram a on- | ze de outubro viram a jlha a que os da tẽrra chamã Guanahany , que ẽ hũa daquellas a que óra | os castelhanos chamam as jlhas **brancas** dos Lucáyos , e elle lhe pos nome as princesas por | serem as primeiras *que* se viram.

branco(s) ~ brãco – adj. (< germ. *blanck*)^{mf}. ‘cor branca’; ‘cabo branco’. [1552/pda3/f32v]: e elle Çanága tem as suas daly pera cima brancas : e ao lugar onde se am- | bos ajuntam chamam lhe ós pouos Çaragolees Gufitembó , que quer dizer **branco** e verme- | lho .

[1552/pda1/f8r]: Cá | segundo os antigos escreuerã das pârtes do mundo , todos afirmã que esta per que o sól anda | a que elles chamam torrida zona , nam e habitáda . Ora onde o jnfante manda descobrir , e | já tanto dentro no feruor do sól , que de **brancos** que os hómeës sam , se la for alguũ de nos , fi | carã (se escapar) tam negro como sam os Guineus vezinhos a esta quentura. [1552/pda1/f14r]: E porque naquelle tẽpo todos yam demandar o cábo **brãco** , chegádos | a elle , acharã hũ escripto de Antam Gonçáluez pósto em hũ sinal notáuel : em que amoestáua a | todos que nam tomássem trabálho por sair em terra em busca da aldeia que aly estáua , por quan | to elle a tinha destruido pela maneira que atras fica . [1552/pda1/f12r]: Parece *que* a ventura de Lãçaróte e dos outros esteue por aquella | vez no már : porque em muytas entrádas que depois fizêram na tẽrra firme , andauam já os | mouros tam traquejádos , que sómente ouuêram em hũa aldeia hũa moça que ficou dormindo , | e no cabo **branco** fazendo sua volta pera o reyno tomáram quinze pescadóres.

brása – sf. (< ár. *bassa*)^a → abrasar. ‘carvão incandescente’. [1552/pda9/f114v]: Finalmente os mouros se encadea- | ram todos huïs com os outros , e assy pereceram todos em hũa **brása** de fógo depois *que* foram | bem conquistádas com a furia da artelhária e fórcã das lançádas dos nóssos.

bráua ~ **braua** – sm. (étimo desconhecido) → melinde. ‘poliotopônimo’; ‘cidade localizada próxima a Melinde’. [1552/pda7/f82v]: Posto Ruy Lourêço em caminho | a dar esta vista a Mõbãça , succedeo lhe tãbem o negócio *que* tomou per vezes duas náos e tres | zãbucos : nos quães vinhã doze mouros hómeës muy principaes da cidade **Bráua** *que* está abai- | xo de Melinde cem lẽguoas . E porque esta cidade ẽra regida per cõmunidade de que estes doze | mouros ẽrã as principaes cabeceiras do gouerno della , nã somẽte resgatãrã suas pesóas e hũa | destas náos tomádas , dizẽdo ser daquella sua cidade : mas ajnda em nome della ã fizêram tribu- | tária a elrey de Portugal cõ quinhẽtos miticães douro de tributo cadanno , pedindo lógo pera | segurãça de poderẽ nauegar com vassálos delrey hũa bãdeira , o *que* lhe Ruy Lourenço couce- | deo . [1552/pda8/f98r]: Chegãdo ás pouoações de | Magadaxo e

Braua , assy por elle ser da linhagẽ dos Pẽrsios *que* acerca da secta de Mahamed | diffêrẽ dos Arabios (segũdo a diãte veremos) , como porque sua tençã ẽra fũdar própria pouoa- | çã onde fósse senhor e nã subdito dalguẽ.

brucho – sm. (< ingl. *bruce*)^m. ‘antropônimo’. [1552/pda1/f15v]: Estes dous capitães canários cujos nomes ẽram Piste e **Brucho** , | por mostrar o desejo que tinham de seruir ao jnfante , sem mais demóra meterãse em os nauios | com bom golpe de gẽnte : e feita vẽla surgiram em rompendo o dia no pórtio da Palma.

brum – sf. (< tcheque *brno*)ⁿ. ‘poliotopônimo’; ‘povoação localizada entre Adem e o cabo Fartaque’. [1552/pda9/f106v]: E tornádo a primeira pârte occidẽ- | tal desta repartiçã , leixando o jnterior dos dous estreitos do már roixo e Pãrseo pera seu tem | po : da gargãta deste roixo *que* está em altura de doze grãos e dous terços até a cidade Adem ca- | beça daquelle reyno , auerã quorẽta lẽguoas , e della ao cábo de Fartaque que está em quatorze | grãos e meyo serã cem lẽguoas . Entre os quaes extremos ficã estas pouoações Abiã Ar , Ca | naçã , **Brum** , Argel , Xael cidade cabeça do reyno.

buadêl – sf. (étimo desconhecido) → iasque → indo. ‘poliotopônimo’; ‘povoação localizada entre o cabo Iasque e o rio Indo’. [1552/pda9/f106v]: Atrauessando deste cábo Moçãdan aõ decima a elle oppósito chamádo Iásque | cõ *que* a boca do estreito fica feita , entramos na segũda diuisam , *que* ẽ muy pequena e pouco pouoáda : | porque deste cábo Iasque até o jllustre rio Indo sam dozentas lẽguoas , nas quães está estas po- | uoações **Buadêl** : Calarã : Calamẽte e Diul situádo na primeira fóz do Indo da pârte do ponẽ | te.

budaurij – sf/sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘geomorfotopônimo’; ‘cidade pertencente ao reino de Bisnagã’; ‘cabo que delimita o reino de Bisnagã do reino de Orixã’. [1552/pda9/f108v]: E tornando a continuar a descripçã da nõssa cósta , da cidade sam Thomẽ em que nos | detiuẽmos por louuor deste apóstolo nõsso proptector da Índia , pósto que em outra pârte | relatamos mais copiósamente o que se tem e crẽ delle acerca desta gente : desta sua cidade | a Paleacãte auerã nõue lẽguoas e adiante estam Chiricóle , Aremogam , Caleture , Careeiro , | Pentepólii , Maçulepátan , **Budaurij** , junto do cabo deste nome , *que*

está em dezasseite grãos. No qual acabã as terras do reino de Bisnagá (como dissêmos) e começa õ de Orixá.

bugia – sf. (étimo desconhecido) ‘corotopônimo’; ‘reino’. [1552/pda6/f68v]: eram feitos tam absolutos senhóres de toda a riqueza dos portos de már , que alguũs delles | em substancia de fazenda eram tam poderósons , que mais leuemente podiam fazer hũa guerra | e comportar as despesas della per muyto tempo , do que õ pódem fazer os reyes de Belez , Tre | mecem , Ouram , Argel , **Bugia** , e Tunez , que ẽ a frol de todosos principes que tem a costa de | Africa que vezinhos.

bugios → bogio.

bujafar – sm. (étimo desconhecido) → bagodád → califa. ‘antropônimo’; ‘cafifa que fundou a cidade de Bagodád. [1552/pda1/f3v]: A causa da fundaçam da qual cidade , dizem alguũs | delles que nam foy tanto por glória que este AbediRamon teue da memória do seu nome : | quãto em reprouaçam doutra que ouuio dizer que fundáua o calyfa **Bujafar** jrmão e sucessor | do calyfa Cafa , que foy causa de se elle vir a estas pártes . A qual cidade que este **Bujafar** | fundou tambem , era pera cadeira ondCe auia sempre de residir o seu pontificado de calyfa : e | ẽ aquella a que óra os mouros chamam Bagodád , situáda na pouincia de Babilónia.

buniale – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’. ‘rei de Quilóa’. [1552/pda8/f98r]: E este Matáta leixou em | Quilloa hũ seu sobrinho per nome Ale Bonebaquer *que* aos dous ãnos os Parseos de Quilloa õ | lançará fóra. [1552/pda8/f98r]: Per mórte do qual lhe sucedeo seu filho Ale **Buniale** , *que* reinou quorenta | ãnos : e por nã ter filho herdou Quilloa Ale Busoloquete seu sobrinho , filho do jrmão *que* ti- | nha em Mõfia : *que* nam durou no estádo mais *que* quatro ãnos e meyo.

burró – sm. (étimo desconhecido) → butua. ‘antropônimo’; ‘príncipe do reino de Butua’. [1552/pda10/f118v]: Tem outras minas em hũa comárca chamáda Toróa *que* per outro nome se cháma | o reyno de Butua , de que ẽ senhor hum príncipe per nóme **Burró** vassálo de Benomotápa , a | qual tẽrra ẽ vezinha a outra *que* dissêmos ser de grandes campinas : e estas minas sam às mais | antigas *que* se sabem naquella tẽrra , todas em campo.

burto – sm. (étimo desconhecido) ‘arco de água’. [1552/pda3/f32v]: Ao qual lugar os moradó- | res chamam huába , e per ellas córre tam teso e assy está cortada a pique a penedia sóbre a tẽr- | ra onde elle cay com aquella furia , que pódem pássar per baixo a pẽ enxuto ao lôgo desta agru- | ra da penedia : jsto porem

(segundo dizem os da tẽrra) se póde fazer quando venta de cima , e | debaixo nam , porque entam o vento rebáte as águoas contra a penedia , de maneira que em- | pedem esta passágem , e a este lugar chamam os negros **Burto** , que quer dizer arco , polo *que* faz | o jórro dáguoa no ár em quanto nam cáy no chão.

busoloquete – sm. (étimo desconhecido) → quilóa. ‘antropônimo’. ‘rei de Quilóa’. [1552/pda8/f98r]: Per mórte do qual lhe sucedeo seu filho Ale Buniale , *que* reinou quorenta | ãnos : e por nã ter filho herdou Quilloa Ale **Busoloquete** seu sobrinho , filho do jrmão *que* ti- | nha em Mõfia : *que* nam durou no estádo mais *que* quatro ãnos e meyo.

butua – sm. (étimo desconhecido) → ‘corotopônimo’; ‘reino’. [1552/pda10/f118v]: Tem outras minas em hũa comárca chamáda Toróa *que* per outro nome se cháma | o reyno de **Butua** , de que ẽ senhor hum príncipe per nóme Burró vassálo de Benomotápa , a | qual tẽrra ẽ vezinha a outra *que* dissêmos ser de grandes campinas : e estas minas sam às mais | antigas *que* se sabem naquella tẽrra , todas em campo.

C

cabáça – sf. (< ár. *kara* ‘bassása’)^a. ‘recipiente para beber líquido’. [1552/pda1/f20v]: Galárte entrádo no batel do nauio somente com os marinheiros que o remáuám | chegou a terra : e sobre tomár hũa **cabáça** de vinho de pálna que hũ negro dáua a hũ marinhei | ro , debruçouse tanto no bórdo do batel que cayo o marinheiro ao már.

çabel – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘terra do deserto sem plantação’. [1552/pda3/33r]: Porque a tẽrra que ẽ toda arẽa meuda sem cousa verde , a esta chamam elles **Çabel** , e á que ẽ cubẽta dalgũa hẽrua ou | mata como de charneca póbre *que* ẽ a páрте que elles pástam , chamam Azagar , e áque ẽ de | pedregulho meudo em módo de gróssa area , çahará : e a esta causa , os mais dos moradó- | res desta triste tẽrra se achegam a este rio çanagá , e outros andam buscando as empolas que | dissêmos que lhe ficam em lugar de pomáres.

cabildas – sf. pl. (< ár. *qabíla(r)*)^h. ‘etnotopônimo’; ‘berberes nômadés cuja principal atividade econômica era o pastoreio do gado’.

[1552/pda1/f14r]: Sómẽte per estas | cousas seguiam no caminhar , pelos ventos , per estrella , e pelas áues que andam no ár , prin- | cipalmente córuos , abuteres e outras que seguẽ as jmmũdicias do pouoádo : porque estas de- | móstrã as pouoações (ou por melhor dizer o lugar onde andam aquellas **cabildas** ,) por ser | a terra tal que como pastam hũ dia hũa folha ao outro se mudam a outra , e asaz de boa e a terra | que os detem oyto dias á pástar . Suas cásas sam tendilhões , e o trajo comũ coiros do gá- | do que guardam , e os mais honrádos alquices : e os principaes de todos , panos de milhór | sórte , e assy nos cauallos como cõçertos delles tem a mesma vantáge . O geral officio de to- | dos e pastorar o seu gádo : porque nelle esta toda sua fazenda e substancia da vida . A sua lin- | gua e escriptura nam e comum com os alárues da Berberia : e però em tudo quasy tem hũa | conueniencia como nos temos com os castelhanos . Antrelles nam há rey ou principe , tudo | sam **cabildas** de parentellas , e assy andam apartádos : e ó de mayór poder e o mayoral que os | governa : e muytas vezes entre sy estas **cabildas** hũas com as outras tem guerra e contenda | sobre o pástar desta triste terra e beber dos póços . E quãdo esta nam e a causa , a natureza hu | mana dá outras pera sempre contender com os vizinhos : e quando os nã tem , toma assy mes- | ma por contenda.

cacatunam barij – sm. (étimo desconhecido) → bespur. ‘antropônimo’; ‘rei de bespur e cucuram’. [1552/pda7/f86r]: E a gente cõ | que o Çamorij começou seria atę sesenta mil hómẽes de que a este tempo (segũdo dissémos) pe- | los cásos e perdas que tẽue tambem já tinha menos hũ terço : porem fama entre os nõssos ẽra | que trazia per már e per tẽrra quorenta mil hómẽes seus e destes senhores que o ajudáuã , del- | les como vassálos e outros por serem amigos e vezinhos naquella tẽrra Malabar que elle con | uocou cõtra nós . Beturácol rey de Tánor . **Cacatunam Barij** rey de Bespur e de Cucuram | junto da serra chamáda Gáte.

cacoeja – sm. (étimo desconhecido) → moçambique. ‘antropônimo’; ‘soberano entre os arábes’; ‘xeique de Moçambique’. [1552/pda4/f43v]: O mouro que faláua (segundo se depois soube) ẽra natural do reino de Fez : e vendo | que o trajo dos nõssos nam ẽra de turcos como elles cuidáua , creio *que* diziã verdáde : e como | hómẽ sagáz

simulando cõtentamẽto de sua vinda , respõdeo que aquella pouoaçam se chamáua | Moçábique , da qual ẽra Xéque hũ senhor chamádo **Cacoeja** . Cujo costume ẽra , tâto *que* aly che | gáua nauios estrangeiros mandar saber delles o *que* queriam : e se fossem mercadóres tracta- | riam na tẽrra , e sendo nauegãtes *que* passáua pera outra páрте , prouellõs do *que* ouuẽsse nella.

çacotora – sf. (talvez < ár. *suquTrâ*)^m. ‘geomorfotopônimo’; ‘ilha’. [1552/pda7/f79v]: Espedido Uicente Sodre delrey foy ter ajlha **Çacotora** onde fez sua agoáda , e | della se passou ao cábo de Guardafu que ẽ a mais oriẽtal tẽrra que tem a páрте de Africa.

caçuta – sm. (talvez < neoár. *kālāsūt*)^m. → congo. ‘antropônimo’. ‘embaixador do congo’. [1552/pda3/f27v]: El rey dom Ioam vindo Diogo Cam com este requerimento de | conuersam de hum principe senhor de tam grande póuo , como este ẽra o mais principal jntẽto | que tinha nestes descobrimentos : por mostrar o contentamẽto desta óbra e louuar a deos nella , | estando em Beja , leuou o embaixador **Caçuta** á pia ao fazer Christão , e assy aos móços que | com elle viẽram , e a rainha foy a madrinha vestindose ella e el rey de festa por mais solenni- | zar este auto . O qual **Caçuta** ouue nome dom Ioam por amor del rey , com apellido da Syl- | ua , do outro padrinho que foy Ayres da Sylua camareiro mór del rey : e os móços tomáram | os nomes e apellidos dos padrinhos que õs apresentáram . E quanto fructificou em louuor | de deos a Christandáde destes hómẽes de Congo pela conuersam do seu rey (com adiante | verẽmos :) tam pouco aproueitou o que el rey fez em o requerimẽto del rey de Benij , cujo rey- | no jaz entre o reyno de Congo e o castẽllo de Sam Iórge da mina.

cafá ~ **cafa** – sm. (< ár. *halifa*)^h. ‘antropônimo’; ‘chefe político e religioso dos muçulmanos’; ‘sucessor de Maomé’. ‘califa’. [1552/pda1/f3r]: E depoy de Arábia Syria e páрте da Pẽrsia , arderẽ cõ guẽrras de cõfusam a quem | prẽualeceria neste estádo , em que morreo grande numero delles , tendo cada parentẽla enlegi- | do calyfa antre sy : viẽram alguõs naquella páрте interior de Arábia onde está situáda a cidade | Cufá , per concõrdia de sua cisma babilonica , enleger por calyfa a huã arábio chamádo **Cafá** : | dizendo que a elle pertencia aquelle ponteficádo por ser o mais chegádo parente de Mafámẽ- | de : ca

elle vinha per linha direita de Abaz seu tio , á linhagem do qual Abaz elles chamam | Abázcion. [1552/pda1/f3v]: A causa da fundaçam da qual cidade , dizem alguũs | delles que nam foy tanto por glória que este AbediRamon teue da memória do seu nome : | quãto em reprouaçam doutra que ouuio dizer que fundáua o calyfa Bujafar jrmão e sucessor | do calyfa **Cafa** , que foy causa de se elle vir a estas pártes.

çafára ~ **çafara** – adj. (talvez < ár. *çahar*)^m. ‘rude’; ‘agreste’; ‘alheia’. [1552/pda3/f39r]: Quanto ao louuor de deos , que mayór pó- | de auer na sua jgreja , que per industria deste principe , no mais remóto lugar da tẽrra , e na gẽ | te mais **çafára** do nome de Christo , onde podemos crer *que* nam chegou a pregaçã dos aposto- | los. [1552/pda5/f60v]: Leuando cousiguo nam sómente os officiaes da feitoria e | sessenta hómees que lhe Pedráluarez ordenou pera lá estãrem com elle , mas ajnda frey An- | rique com os seus religiõsos pera entenderem uaprática e conuersam da gente : atentando | este negócio com grande prudencia por nam mouer algum escandãlo entre gente tam **çafara** do | nome de Christo , e tam costumãda a seus ritos e diabolicos vsos , e sobre tudo jnduzidos cõ | tiauos per todos mouros.

çafáros – adj. (talvez < ár. *çahar*)^m. ‘alheio’. [1552/pda1/f18r]: Mas elles estauam tam **çafáros** da cobiça da- | quellas cousas e tam escandalizados do que lhe Aluaro Fernandez fez , que nam sómente as | nam quisseram , mas ajnda as quebraram e romperã tudo , como se nellas fóra algũa peçonha | ou peste que lhes podia empecer : e sóbreisso começaram de tirar ás frechãdas ao batel.

cafila(s) ~ **cáfilas** – sm. (< ár. *hálifa*)^h. ‘grupos de camelos’. [1552/pda3/f33v]: Tambem como per o castẽllo de Arguim , resgãte de Can- | tor , Sẽrra Lioa , e fortaleza da mina , grande parte da tẽrra de Guinẽ éra sangrada do ouro | que em sy continha : com esta fortaleza do rio Çanagã ficãua sangrada do outro ouro *que* corria | as duas seitas , que dissemos , por ambas estãrem situãdas ao longo das águoas delle , com que | nam jria tẽr ás mãos dos mouros , os quães ò vinham buscar per tantos desẽrtos em **cafila** de | camelos , que muytas vezes ficãuam enterrãdos em os arẽas da Libya , per que caminhãuam. [1552/pda8/f91v]: No qual lugar éram repartidas em **cafilas** , hũas pera Armẽnia e Trapeson | da e Tartaria. [1552/pda3/f30r]: Espedindose do qual foy cõ o outro judeu Ha- | bram á cidãde Adem , onde ámbos

embarcãrã pera Ormuz : e notãdas totalas cousas della , leixou aly o judeu Habrã pera vir per via das **cáfilas** de Alẽppo.

cáfre(s) ~ **cafres** ~ **çáfres** ~ **çafres** – sm. pl. (< ár. *kāfr*)^m. ‘etnotopônimo’; ‘gentio da África’. ‘negro da África’. [1552/pda10/f121v]: Auia dentro pola tẽrra hũ principe **Cáfre** per nome Moconde. [1552/pda8/f95r]: Sómente os Arábios e Pársios como gente que tem policia de letras e sam vezinhos | della em suas escripturas lhe chamã Zanguebár , e aos moradores della Zanguij : e per outro | nome comũ tãbem chamam **Cáfres** , *que* quẽr dizer gente sem ley , nome que elles dam a todo | gẽtio jdolatatra , o qual nome de **Cáfres** ẽ já acerca *de* nós muy recebido polos muytos escrãuos. [1552/pda10/f127v]: por razam dos quães mortos auia muytas la | grimas e prãgas entre todolos mouros , e o que elles mais abominauã ẽra ser elle causa de os | **Cafres** leuãrẽ tanto mouros captiuos. [1552/pda10/f120r]: Depois correndo o tempo per via de | cõmẽrcio que os mouros tinhã com aquelles **Çáfres** , os reyes de Quillóa se fizẽrã absolutos. [1552/pda10/f120r]: E | porque no contracto do cõmẽrcio *que* auia entrestes gentios e os mouros de Magadaxó , ẽra *que* | lhe auiam de trazer cadãno çertos monros mãcẽbos pera auẽrem cásta delles : tãto *que* elrey de | Quillóa pelo pescador soube parte deste trácto e das condições delle mandou logo lá hũa não . | A qual assentou cõ os **Çafres** cõmẽrcio e quãto aos mancẽbos mouros *que* pediam , *que* por cada | cabẽça lhe quieriam dar tãtos pãnos : e que se o fazia por causa dáuer geraçam delles *que* ally ve- | riam alguũs moradóres de Quillóa assentar viuẽda com feitoria de mercadorias.

çafres → cáfre(s).

cãgerẽcorã – sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda9/107v]: A terceira de- | marcaçam que diuide a prouincia Canará do Deçanacãba no cábo Comorij : começando do | rio Aliga em que auerã cem lẽgoas per esta maneira : de Aliga tẽ outro rio chamãdo **Cãgerẽ-** | **corã** , que está cinco lẽguoas ao nõrte do monte Delij cábo notauel nẽsta cósta , auerã quorẽta | e seis lẽguoas.

çahará ~ **çahára** ~ **çahará** ~ **zára** – sm. (< ár. *sahrã*)^h. ‘geomorfotopônimo’; ‘deserto

localizado ao norte da África'. [1552/pda1/f17v]: O Capitam Lançaróte depois *que* Soeiro Dacosta seu sogro se espidio delle, co- | meçou de seguir sua viagem sempre ao lógo da cósta , tẽ passar a tẽrra a *que* os mou | ros chámam **Çahará** e os nõssos corruptamẽte Zára *que* ẽ pártẽ dos desẽrtos | de Libya. [1552/pda1/f15v]: Gómez Pirez capitam da carauẽla del rey , e Aluáro de Freytas , Rodrigueanes Trauaços , | Lourenço Diaz mercador : fóram todos em hũ próposito de seguir o capitam Lançaróte , com | desejo de passar a tẽrra **çahára** dos Azenẽgues , e ver a de Guinẽ dos negros , por lhe dizerẽ | ser mais fresca e gróssa em totalas cousas. [1552/pda1/f5v]: A qual deligencia lhe respondeo com o | prẽmio que elle desejava , porque veo saber per elles nam sómente das tẽrras dos Alarues | que sam vezinhos aos desẽrtos de Africa a que elles chamam **çahará** , mas ainda das *que* ha- | bitam os poucos Azenẽgues. [1552/pda1/f17v]: O Capitam Lançaróte depois *que* Soeiro Dacosta seu sogro se espidio delle, co- | meçou de seguir sua viagem sempre ao lógo da cósta , tẽ passar a tẽrra a *que* os mou | ros chámam Çahará e os nõssos corruptamẽte **Zára** *que* ẽ pártẽ dos desẽrtos | de Libya : e veo tẽr ás duas palmeiras *que* Dinis Fernãdez quãdo aly foy de- | marcou como cousa notauel , onde os da tẽrra dizẽ *que* se apartã os Azenẽgues | mouros dos negros jdolatras , perõ *que* nestes nõssos tẽpos aqui lá sejã todos | da secta de Mafamẽde.

çaida – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘região localizada próxima ao rio Nilo’. [1552/pda8/f91v]: E per dentro do sẽrtam , sestend a per o Nilo acima á regiam Thebai- | da a que os naturáess óra chamã **Çaida** , tẽ chegar á antiquissima cidãde Ptolomaida cujo no- | me óra ẽ Hicinã , que a cerca daquelles bárbaros quẽr dizer esquecimento , e daly vinha be- | bẽr ao már roxo.

caimal(-es) ~ caymal(-es) ~ caimães ~ caimães ~ caimes – sm. pl. (< malaia *kaimal*)^d → naire. ‘senhor de muitas terras do Malabar’; ‘príncipes do Malabar’. [1552/pda7/f78v]: Entre os quães foy Cham | de Bagadarij senhor de Porca , e o Mangáte **Caymal** , e seu jrmão Naubeadarij , o **Cai-** | **mal** de Cambalu , o **Caimal** de Cheriauapil , e os cincoos **Caimães** da tẽrra aque elles chamã | Anche Caimal : *que* dẽrã entrãda per sua tẽrra , a *que* o Çamorij passãsse á de Cochij por esta ser a ella | muy vezinha. [1552/pda7/f78r]: O qual

arazoamento foy | muy louuado de todos seus **Caymaes** , e aprouãram ser muy justa a guẽrra que queria fazer | a elrey de Cochij : e quẽ mais acendia o fõgo della ẽra o mouro Coje Cemecerij que foy causa | da mórte de Aires Correa cõ outros de sua valia . [1552/pda7/f88v]: E depois que muy meudamente esteuẽram | praticando no módo desperar estes parátos do Çamorij , e em que pártẽ fariam mais força no | már ou na tẽrra pois per ambas estas pártẽs esperãua cometer : acordãram que por razam dos | castẽllos que se armãuam nos batẽes a mayór pártẽ de gente Portugues esteuẽsse nas carauẽ- | las e em guarda da fortaleza , e outra estẽquesse com o principe de Cochij e **Caimaes** no lugar | do váo. [1552/pd9/f107v]: por lhe | serẽ muy subjectos aquelles principes e senhõres do reino aque elles chamã **Caimães** (*que* como | atras vimos forã muy reuẽes ao rey .) [1552/pd7/f84v]: porque naquelle dia lhe tinham elles prometida | muyto victória , elle recebeo mayór dãnõ *que* todos passãdos . Porẽ entreuẽram nisso muytos | **Caimes** e pesóas notãues e dẽrã por desculpa por pártẽ delles.

caimães → caimal(-es).

caimama – sf. (étimo desconhecido) → Herac Ajan. ‘poliotopônimo’; ‘região localizada entre o cabo Jasque e o rio Indo’. [1552/pd9/f106v]: entramos na segũda diuisam , *que* ẽ muy pequena e pouco pouoãda : | porque deste cábo Iasque atẽ o jllustre rio Indo sam dozentas lẽguoas , nas quães estã estas po- | uoãções Buadẽl : Calarã : Calamẽte e Diul situãdo na primeira fóz do Indo da pártẽ do ponẽ | te . A qual cósta ẽ pouco pouoãda por o mais della ser aparcelãda e de perigósa nauegaçã , e a | tẽrra per dẽtro , quasy de sẽrto chamãda dos geographos **Caimama** : e os Pãrseos cõtã esta | pártẽ na regiã aque elles chamã Herac Ajan , na qual se contẽ os reinos de Macran e Guadel | *que* cay sôbre o cábo assy chamãdo.

caimes → caimal(-es).

cairo ~ **cayro** (< ár. *al-qâhira*)^a ‘poliotopônimo’; ‘região localizada às margens do rio Nilo’. [1552/pda3/f29v]: Tanto que esteuẽram pera poder caminhar passarãse ao **Cairo** , e dhy foram tẽr ao | Toro em companhia de mouros de Tremecem e de Fez que passauam á Adem : e por ser tem | po da nauegaçam daquellas pártẽs apartãranse hũ do outro , Afonso de

Paiva pera a t̄erra | de Ethiópiã , e Perú de Couilhaã pera a Índia , concertando ambos que a hũ çerto t̄po se | ajũtasse na cidade do **Cairo**. [1552/pda1/f3v]: E t̄m̄do elle a furia deste seu jmigo Abedela , quis | se recolher na cidade Damasco de que tantos tempos fora senhor : mas os moradores della lhe | fechãram as pórtas sem õ quererem receber , com que lhe conuço fogir pera á cidade do **Cay- | ro** , onde achou piór gasalhãdo.

calãja – sm. (étimo desconhecido) → ormuz. ‘poliotopônimo’; ‘lugar localizado na costa do reino de Ormuz’. [1552/pd9/f106v]: Neste cábo comẽ | ça o reyno de Ormuz , e delle tẽ o outro cábo Moçãdan auerã oitenta e sete l̄guoas de cósta : | em *que* jazem estes lugares do mesmo reyno , Calayãte , Curiãte , Mascãte , Soár , **Calãja**.

calambue – sm. (< malai. *kalãmbaq*)^m. → l̄nholoç. ‘madeira aromãtica da Índia’. [1552/pd9/f109v]: Passado este reyno | Cambója entra o outro reyno chamãdo Champa , nas montanhas do qual náce o verdadei- | ro l̄nholoç , aque os mouros daquellas pártes chamam **Calambue** : com o qual confina o rey- | no a que os nõssos chamam Cauchij China e os naturães Cachó.

calamẽte – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação localizada entre o cabo Iasque e o rio Indo’. [1552/pda9/f106v]: Atraessando deste cábo Moçãdan aõ decima a elle oppósite chamãdo Iásque | cõ *que* a boca do estreito fica feita , entramos na segũda diuisam , *que* ẽ muy pequena e pouco pouoãda : | porque deste cábo Iasque atẽ o jllustre rio Indo sam dozentas l̄guoas , nas quães estã estas po- | uoações Buadẽl : Calará : **Calamẽte** e Diul situãdo na primeira fóz do Indo da pártre do ponẽ | te.

calancii – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’. ‘cidade localizada entre Dẽcan e o rio Zanguizar’. [1552/pda9/p107v]: Tornando a fazer outra cõputaçã desta | cidãde Chãul atẽ o rio Aliga de Sintacóra em que acaba a t̄erra do Dẽcan auera setenta e cin | co l̄goas : ao rio Zanguizar vinte cinco , no qual espãço ficam , Bãdor , Sifardã , **Calan- | cii** e a cidãde Dãbul.

calandãres – sm. pl. (< pers. *qalandar*)^d. → brãmane(s). ‘monge maometano’. [1552/pda5/63r]: Chegãdo ao porto | de Cochij que seria daly cinco l̄guoas : porque

soube que elrey estãua em hũ pouoaçã me- | tida pelo rio acima : mandou aelle hum brammane dos daquella cósta Malabar . O qual ẽra | de huũs que tomã por religiam andãrem em penitencia per todo o mundo , nuus com huũs ca | deas derredor de sy cheos de bósta de vãcas por mais desprezo de suas pesóas : e geralmente os | que tomam esta vida se sam do gẽnero gentio chamãndolhe Iógues , e se sam mouros **Calan- | dãres** , do qual módo de religiam escreueremos adiante , e principalmẽte em os liuros da nõssa | geographia.

calapãte – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação localizada próxima ao cabo Canhameira’. [1552/pda9/f108v]: As pouoações | da qual cósta sam estas , lógo na vólta do cábo Comorij as sete l̄guoas Tacancurij , e adiante | Manapar , Uaipar , Trechandur , Callegrande , Chereacãlle , Tucucurij , Bembar , Cálecãre , | Beadãla , Manancort , e Canhameira onde estã hũ notãuel cábo assy chamãdo em dez grãos | da pártre do nõrte . E adiante estã estes lugares Neçapãtan , Nahór , Triminapãtan , Tra- | gambar , Triminãuãz , Colorã , Pudu cheira , **Calapãte**.

calará – sf. (étimo desconhecido) → indo. ‘poliotopônimo’; ‘povoação localizada entre o cabo Iasque e o rio Indo’. [1552/pda9/f106v]: Atraessando deste cábo Moçãdan aõ decima a elle oppósite chamãdo Iásque | cõ *que* a boca do estreito fica feita , entramos na segũda diuisam , *que* ẽ muy pequena e pouco pouoãda : | porque deste cábo Iasque atẽ o jllustre rio Indo sam dozentas l̄guoas , nas quães estã estas po- | uoações Buadẽl : **Calará** : Calamẽte e Diul situãdo na primeira fóz do Indo da pártre do ponẽ | te.

calautã – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação à margem do rio Menã’. [1552/pda9/f109v]: Pam que ẽ cabeçã do reyno assy chamãdo , Pouticã , **Calautã** , Pa- | tãne , Lugor , Cuy , Perperij e Bãmplãcot *que* estã na boca do rio Mẽnam.

calayãte – sm. (étimo desconhecido) → ormuz. ‘poliotopônimo’; ‘lugar localizado no reino de ormuz’. [1552/pda9/f106r]: De Curia Muria tẽ o cábo Rozsalgãte *que* estã em vinte dous grãos | e meyo , e serã de cósta cento e vinte l̄guoas : toda ẽ t̄rra esterelle e desẽrta . Neste cábo comẽ | ça o reyno de Ormuz , e delle tẽ o outro cábo Moçãdan auerã oitenta

e sete lēguoas de cósta : | em *que* jazem estes lugares do mesmo reyno , **Calayáte** , Curiáte , Mascáte , Soár , Calája , Or- | façam , Dobá , e Limma.

cale coulã ~ **cale coulam** – sf. (cale + coulã [este talvez < ár. *kalam*]^m) → coulam. ‘poliotopônimo’; ‘povoação pertencente a Coulã’. [1552/pda9/f107v]: Seguindo mais adiante nossa descripçam , de Porcá tē | Trauancor está o reyno de Coulã , *que* terá per cósta vinte lēguoas : cujas pouoações sam , **Cale** | **Coulã** onde tēmos hũa fortaleza , Rotorá , Beriujã e outras pouoações e pórtos de pouco nó- | me. [1552/pda9/f114v]: Dom Lourenço acabádo este feito partiose pera **Cale Coulam** que será contra Co- | chij óbra de quátro lēguoas : e aly leixou algũas náos a cárga da pimēta per meyo de hũ Chris- | touam da tērra chamádo Mathias que a jssou deu grande auaiamento.

calécare ~ **calécaré** – sf. (étimo desconhecido) → comorij. ‘poliotopônimo’; ‘povoação localizada próxima ao cabo Comori’. [1552/pda9/f108v]: A qual enseáda repartimos em tres estádos de principes que à senhoream : as dozentas | lēguoas sam do reyno Bisnága , as cento e dez do reyno Orixá que sam ambos gentios : e as | cento do reyno de Bengála *que* de nossos tempos pera cá e já subjecto a mouros. As pouoações | da qual cósta sam estas , lógo na vólta do cábo Comorij as sēte lēguoas Tacancurij , e adiante | Manapar , Uaipar , Trechandur , Callegrande , Chereacálle , Tucucurij , Bembar , **Calécare** , | Beadála , Manancort , e Canhameira onde está hũ notáuel cábo assy chamádo em dez grãos | da páрте do nóрте. [1552/pda8/f91v]: Porque nam só- | mente traziam a ellas o *que* nauegáuã de Maláca , mas ajnda os robijes e lácre de Pegu , a rou- | pa de Bengália , aljofar de **Calécaré** , diamães de Narsinga , canēla e robijes de Ceilam , pimēta | e gēgiure e outros mil generos de especias aromaticas assy da cósta Malabár , como doutras | partes onde a natureza depositou seus tesouros.

calecut – sm. (< ár. *kālicūt*)^m → çamorij → malabár. ‘poliotopônimo’; ‘cidade localizada no Malabar que abrigava um dos mais importantes portos comerciais’. [1552/pda9/f109v]: começando no rio chamádo Carnáte , vezinho ao cábo e mōte de Lij , muy | notáuel aos nauegátes daquella

cósta ã altura de doze grãos e meyo da páрте do nóрте : entra hũa | faixa de tērra *que* jáz entre este Gáte e o már , de largura de dez tē seis lēguoas , segundo as enseá- | das e cotouelos se encólhem ou bojam : a qual faixa de tērra se cháma Malabár *que* terá de cōpri- | mēto óbra de oitēta lēguoas , onde está situáda a cidadé **Calecut** . Neste tēpo *que* Uásco da Gã | ma chegou aella.

caleture – sf. (étimo desconhecido) → bisnágá. ‘poliotopônimo’; ‘cidade localizada no reino de Bisnágá’. [1552/pda9/f109v]: E tornando a continuar a descripçam da nossa cósta , da cidadé sam Thomē em que nos | detiuēmos por louuor deste apóstolo nōsso proptector da Índia , pósto que em outra páрте | relatamos mais copiósamente o que se tem e crē delle acerca desta gente : desta sua cidadé | a Paleacáte auerá nōue lēguoas e adiante estam Chiricóle , Aremogam , **Caleture** , Careeiro , | Pentepólii , Maçulepátan , Budauarij , junto do cabo deste nome , *que* está em dezasete grãos . No qual acabã as tērras do reino de Bisnágá (como dissēmos) e começa ã de Orixá , cuja cósta.

calingam – sm. (étimo desconhecido) → orixa. ‘poliotopônimo’; ‘lugar localizado no reino de Orixá’. [1552/pda9/f109r]: E tornando a continuar a descripçam da nossa cósta , da cidadé sam Thomē em que nos | detiuēmos por louuor deste apóstolo nōsso proptector da Índia , pósto que em outra páрте | relatamos mais copiósamente o que se tem e crē delle acerca desta gente : desta sua cidadé | a Paleacáte auerá nōue lēguoas e adiante estam Chiricóle , Aremogam , Caleture , Careeiro , | Pentepólii , Maçulepátan , Budauarij , junto do cabo deste nome , *que* está em dezasete grãos . No qual acabã as tērras do reino de Bisnágá (como dissēmos) e começa ã de Orixá , cuja cósta | por ser bráua de poucos pórtos tem somēte estes lugares : Penacóte , **Calingam** , Bazápátan , | Uixáopatan , Uicuipátan , Calinhápatan , Naciquepátan , Puluro , Panagáte , e o cábo Se- | gógora.

calinhápatan → calingam.

callegrande – sf. (étimo desconhecido) → comorij. ‘poliotopônimo’; ‘povoação próxima ao cabo comorij’. [1552/pda9/f108v]: As pouoações | da qual cósta sam estas , lógo na vólta do cábo Comorij as sēte lēguoas Tacancurij , e adiante | Manapar , Uaipar , Trechandur , **Callegrande** , Chereacálle , Tucucurij ,

Bembar , Cálecure , | Beadála , Manancort , e Canhameira.

calyfádo – sm. (< ár. *hâlifá* + -ado)^h → calyfa(s). ‘governo de uma califa’. [1552/pda1/p3v]: E porque quando ò aleuantáram por seu calyfa , foy com lhe dárem juramêto que | auia de jr destruyr o calyfa que entam residia na cidade Damásco que éra da linhagem a que | elles chamam Maraunion , em a qual auia muytos annos que andáua o **calyfádo** per mó- | do de tyrannia mais que per çleicam.

calyfa(s) sm. (< ár. *hâlifá*) → arábio(s) → Mafamêde. ‘antropônimo; chefe político e religioso dos muçulmanos’. [1552/pd1/f3r]: ALeuantádo em a tẽrra de Arábia aquelle grãde antechristo Mafamêde , qua- | si nos annos de quinhentos nouenta e tres de nõssa redençam , assy laurou | a furia de seu fẽrro e fõgo de sua jnferral secta , per meyo de seus capitães e | **calyfas** : que em espáço de cem annos , conquistáram em Asia toda Arábia , e | páрте da Syria e Pẽrsia , e em Africa todo Egypto daquem e dalem do Ni- | lo. [1552/pd1/f3r]: E como naquelle tempo estes Arábios | éram os mais notauçes que elle tinha , infestando o jmpẽrio Romano e perseguindo sua ca- | thólica ygreja : primeiro que per elles castigásse Espanha òs quis castigar sua hẽrsia , acen- | dendo antrelles huũ fõgo de compitencia , sobre quem se assentaria na cadeira do pontificado | de sua abominaçam , com este titulo de **calyfa** , que naquelle tempo éra a mayór dignidade da | sua secta.

camaram – sf. (talvez < ár. *qamarân*)^m ‘geomorfotopônimo’; ‘ilha’. [1552/pda8/f91v]: E éra senhor de Adem Xẽque Há- | med : o qual vezinháua com estoutro Xarife por páрте da tẽrra chamada Iazem que ç den- | tro das pórtas do estreito de frente da jlha **Camaram**.

camátra ~ **camatra** ~ **çamátra** ~ **samátra** – sf. (talvez < ár. *samatrà*)^m ‘geomorfotopônimo’; ‘ilha’. [1552/pda9/f108r]: Entre estes dous tam | jllustres cábos Comorij occidental e Cingápura oriental (dos quães podẽmos crẽr que o | már cortou as jlhas Ceilam e **Camátra** como de Itália Cezilia segũdo se escreue) jáz aquelle | celebrádo sino Gançetico per escriptura de todolos geographos. [1552/pda9/f107v-108r]: Toda a tẽrra que está do rio de Cintácora de frente da jlha Anchediua pera o nõrte e ponente , ao tẽpo *que* en- | tramos na India éra dos mouros , e

dhy por diante contra o oriente dos gentios : tirando o | reyno de Maláca , páрте do maritimo de **Camatra** , alguũs portos da Iáua e as jlhas de Ma- | luco. [1552/pda8/f92r]: Onde os mo- | radõres destoutras pártes a ella occidentaes , que se contem até o estreito do már roxo , às yam | buscar a troco das que leuáua : fazendo cõmutaçã de hũas por outras , sem entrelles auer vso de | moeda . Porque ajuda *que* aly oueçse muyta cópia de ouro de **Çamátra** , e do Liquio , em que na | India se ganháua mais que a quáрта páрте : éra tanto mayór o ganho das outras. [1552/pda9/f110r]: tambem nauegãmos e | conquistamos muyta páрте das jlhas daquelle grãde ocenao , assy como às de Maldiua e Cei- | lam fronteiras á prouincia Indostan , **Samátra** Iáua , Timor Burneo , Banda , Maluco , Lequijo , e óra per derradeiro as dos Iapões e a grande prouincia Meácó que todas jazem | de Maláca por diãte : nos tẽpos que se fizẽrmos alguũs feitos nellas , darẽmos a relaçam *que* | conuiçer pera jntẽdimẽto da história.

çamátra → camátra.

cámiba – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’. [1552/pda3/f31r]: os dous jrmãos Cybitah e **Cámiba** a trayçã | matáram a el rey Bór Biram intitulado se por rey Cybitah que era mais velho , o qual cruã- | mente começou fazer guerra a Bemoij . E como a guerra necessita os hómẽes , principalmẽte | se e comprida , por o trabalho que Bemoii nesta teue perdendo algũas batálhas , começou | descajr do poder que tinha : mas confiádo nos seruiços que fazia a el rey dom Joam , em hum | nauio do resgãte mandou a elle hũ seu sobrinho , pedindolhe ajuda de cauállos , ármãs , e gen- | te.

cambalã → cambalam.

cambalam ~ **cambalã** – sf. (étimo desconhecido) → cochij. ‘geomorfotopônimo’; ‘ilha localizada próxima a Cochim’. [1552/pda7/f80v]: E da vólta que fizẽram foram a jlha **Cambalam** que éra de hũ vassálo delrey dos rebe- | lados : e leixãdo Duarte Pacheco á entrãda de hũa ponta de tẽrra soberba sobre o rio , donde | á vinda os jmigos lhe podiam fazer muyto danno , repartirãse elles pela jlha e nam tam apar- | tados que nam se pudẽssem ajudar huũs aos outros , com o qual módo atalhãram toda a jlha | em que matãram mais de sete centos jndios. [1552/pda7/f86r]: Cá elrey de Co | chíj começou esta guẽrra sendo em sua

ajuda estes que eram seus vassallos : o príncipe seu sobri | nho herdeiro do reino , o Caymal de Paliport , o Caymal de Balurt , o Cham de Begadarij | senhor de Porcá , e o Mangate Caymal seu irmão , e o Caymal de **Cambalã** , e o Cayamal de | Cherij a Uaypij e outros senhores de terras.

cambalu – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘região localizada no Malabar’. [1552/pda7/f78v]: Entre os quães foy Cham | de Bagadarij senhor de Porca , e o Mangate Caymal , e seu irmão Naubeadarij , o Cai- | mal de **Cambalu** , o Caimal de Cheriauapil , e os cinco Caimães da terra aque elles chamã | Anche Caimal : *que* dêrã entrãda per sua terra , a *que* o Çamorij passãse á de Cochij por esta ser a ella | muy vezinha.

cãbaya → cambáya.

cambáya ~ cambaya ~ cãbaya ~ cãbáya – sm/sf. (talvez < ár. *kinbāiā*)^m. ‘corotopônimo’; ‘poliotopônimo’; ‘reino’; ‘cidade’. [1552/pda6/f70r]: Quanto ao | titulo da conquista , oje per ella sam metidos na coróa deste reyno estes reynos Çofála , Quilóa , | Mombáça , Ormuz , Góa . Maláça Maluco com todas as ilhas do seu estado : e os senhorios | da cidade Dio e Baçaim , com todas suas terras que sam do reyno de **Cambáya** , e adiante | Chaul Baticalá , em todas quães partes temos nossas fortalezas cõ officiaes e ministros | do governo da terra. [1552/pda8/f91v]: E como Maláça era hũ centro onde | concorrã todos os nauegates que andauã nesta permutaçã , assy os da cidade de Calecut , si- | tuada na costa de Malabar , e os da cidade de **Cambáya** situada na enseada que tomou o no- | me della , e os da cidade Ormuz pósta na ilha Geru dentro na garganta do mar Persico , co- | mo os da cidade Adem edificãda de fora das portas do mar roxo : toçados com a riqueza deste | commercio tinham feito a estas cidades muy jllustres e celebrãdas feiras. [1552/pda4/f47v]: E posto *que* toda esta provincia Indostan | seja pouoada de dous generos de pouo em creença , hũ jdólatra e outro machometa : é muy vá- | ria em ritos e costumes , e todos entre sy ã fẽ repartida em muytos reynos e estados ; assi co- | mo em os reynos do Moltan , Delij , Cospetir , Bengála em parte , Orixa , Mando , Chitor , | Guzaráte a que comũmente chamamos **Cambaya**. [1552/pda9/f107r]: E tornãdo á primeira destas | tres demarcações de reynos *que* é ã

do Guzaráte , e começãdo da sua cidade **Cãbaya** onde acabã- | mos a terceira diuisam ao rio Bâte. [1552/pda5/f65V]: O qual entre muytas cousas *que* cõtou a Pedrálvarez dos trabalhos *que* teue em sua nauegaça , foy | jr ter ao porto da cidade Magadaxo cõtra o cabo de Gadrafu : onde achou duas náos carre- | gadas despecearia *que* aly era vindas de **Cãbáya**.

cambója ~ camboja – sm. (< sânscr. *kamboja*)^m → meçon. ‘corotopônimo’; ‘reino pertencente a Syam’. [1552/pda9/f109v]: E o primeiro | estado *que* está vezinho a Syam é o reyno de **Cambója** , per meyo do qual corre aquelle soberbo | rio Meçon. [1552/pda9/f110v]: Elrey de Syam é príncipe que ante *que* se lhe os mouros leuãtãsem | com o reyno de Maláça : começãua o seu estado naquella cidade *que* está em dous grãos e meyo | da bãda do norte , e acabãua em os mões do reyno dos Guços *que* começã ã vinte nove grãos . | E com tudo ajnda oje o seu estado passa de cõprimento de trezentas leguoas , no qual há estes | sete reynos a elle subdictos a fóra o próprio de Syam , **Camboja** , Cómo , Lãchãa . Chencray | Chencran , Chiamay , Camburij , Chaipumo.

camburij – sm. (étimo desconhecido) → syam. ‘corotopônimo’; ‘reino pertencente a Syam’. [1552/pda9/f110v]: E com tudo ajnda oje o seu estado passa de cõprimento de trezentas leguoas , no qual há estes | sete reynos a elle subdictos a fóra o próprio de Syam , Camboja , Cómo , Lãchãa . Chencray | Chencran , Chiamay , **Camburij** , Chaipumo.

camorij → çamorij.

çamorij ~ samorij ~ camorij – sm. (< malaia. *tāmūdri*)^m. → calecut. ‘antropônimo’; ‘rei de Calecut’. [1552/pda4/f50v]: E de elles sabẽrem esta conformidade dante o pouo gentio e Christão , trabalhãua | que os Portugueses antelle **Çamorij** fossem jnfamãdos e auorecidos , sendolhe já tam obri- | gado aos defender : pois nam precedẽdo mais causas pera elrey seu senhor desejar sua amizã- | de que hũa fama da grãdeza delle **Çamorij** , folgãra de õ enuiar a elle polas causas que lhe tinha | dito . E jsto nam cometera somente aquelle anno , mas era já tam continuãdo per tantos e elrey | tam desejoso de ter descuberto este caminho de Portugal pera a India , que ajnda que elle Uãsc- | co da Gãmma per qualquer desãstre nam tornãsse a Portugal : soubẽsse certo que elrey auia de | continuar tanto este

descobrimento , tẽ lhe leuárẽ recádo delle **Çamorij** . Por tâto lhe pedia co- | mo a emperador de toda aquella regiam Malabár , pois deos a elle Uásco da Gámma e aos | seus companheiros tinha feito tanta merce que fossem os primeiros que viêrã antelle , quisesses | meter a mão de seu poder neste ódio que lhe os mouros tinham : e nam consentisse serem elles | causa dalgum grande jncendeo de guęrra naquellas pártes , porque a gente Portugues nam | dissimuláua injurias , e principalmente a mouros , dos quáes tinha auído grandes victórias . | Muy atento estęue o **Çamorij** a todas estas paláuras de Uásco da Gámma oulhándo muyto | a continencia com que às dezia : como hómẽ que do feruor e constancia que lhe visse , queria | conjecturar a verdáde dellas. [1552/pda10/f120v]: Como o **Samorij** fez hũa grossa armada a qual | desbaratou dom Lourenço . [1552/pda4/f48r]: E lógo em dous dias *que* Uásco da Gámma | estęue esperádo por recádo do **Çamorij** , este Mõçayde õ auisou dalgũas cousas : por razã das | quáes elle tęue conselho com os capitães do módo que teria em jr ao **Çamorij** quádo õ mãdásse | chamár : e assentou que seu jrmão e Nicoláo Coelho ficássem em os nauios dando lhe regimẽ- | to do que auia de fazer.

camotáy – sm. (étimo desconhecido) ‘corotopônimo’; ‘reino’. [1552/pda9/f109r]: Hũ *que* vem atrauessando o reino de Cáor | donde o rio tomou o nome , e per õ de **Camotáy** , e õ de Ciróte onde se fazẽ todolos capádos | daquelle oriente : e vem sair acima de Chatigam naquelle notáuel bráço do Gange defronte da | jlha Sornagam .

camsor – sm. (étimo desconhecido) → canaço. ‘corotopônimo’; ‘estado de reinos ou cidades’. [1552/pda8/91v]: E ao tempo da nõssa entráda na Índia , ęra senhor deste grande | estádo Canaço : a que alguũs dos nõssos chamam **Camsor** . O qual se jntituláua com este | appellido Algauri , de que se elle muyto gloriáua : por lhe ser pósto por causa de hũa gram vic- | tória que ouue de hum rey da Persia , junto de hũa alagóa chamáda Algaor , que faz o rio | Euphrates , entre Enz e Bagadad donde lhe dęram por appellido Algauri.

canacani – sf. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘ilhas’. [1552/pda7/f83r]: E porque todo o pouo da villa se pos em armas , nam quis Antonio de Saldanha que | os seus por beber água lhe custásse mais sangue : e tomou por emenda

delles varejar a villa cõ | artelharia . Da qual cósta por ser já na entráda do mes dabril que começam ventar os ponẽtes | atrauessou a outra pártẽ da cósta de Arabia acima de Adem : e foy correndo toda cõ propósito | de jr jnuernar a hũas jlhas a *que* os da tęrra chamã

Canacani.

canaçã → canaço.

canaço ~ **canaçã** – sm. (étimo desconhecido) → camsor. ‘poliotopônimo’; ‘povação localizada entre Adem e o cabo Fartaque’. [1552/pda8/91v]: E ao tempo da nõssa entráda na Índia , ęra senhor deste grande | estádo Canaço : a que alguũs dos nõssos chamam Camsor . O qual se jntituláua com este | appellido Algauri , de que se elle muyto gloriáua : por lhe ser pósto por causa de hũa gram vic- | tória que ouue de hum rey da Persia , junto de hũa alagóa chamáda Algaor , que faz o rio | Euphrates , entre Enz e Bagadad donde lhe dęram por appellido Algauri. [1552/pda9/f106v]: E tornádo a primeira pártẽ occidẽ- | tal desta repartiçã , leixando o jnterior dos dous estreitos do már roixo e Párseo pera seu tem | po : da gargãta deste roixo *que* está em altura de doze grãos e dous terços até a cidáde Adem ca- | beça daquelle reyno , auerã quoręta lęguoas , e della ao cábo de Fartaque que está em quatorze | grãos e meyo serã cem lęguoas . Entre os quaes extremos ficã estas pouoações Abiã Ar , **Ca** | **naçã** , Brum , Argęl , Xaęl cidáde cabeça do reyno.

çanagá ~ **çanágá** ~ **çanága** ~ **sanaga** – sm. (< ár. *çana’ájá*)^m. → dengueh → máyo → cólle → jça → zimbala. ‘hidrotopônimo’; ‘antropotopônimo’. ‘rio situado no deserto do Saara’; ‘senhor de Sanagá’. [1552/pda3/f33r]: Este rio **Çanagá** per a diuisam nõssa ę õ que apárta a tęrra dos mouros dos negros , posto *que* | ao longo de suas águoas todos sam mestiços , em cor , vida , e costumes , por razam da cópu- | la que segundo costume dos mouros toda molhęr acceptam . Però quanto á calidade da tę- | ra , parece que a natureza lançou aquelle rio entre ambas como marco e diuisam : porque , á que | jáz da pártẽ do nõrte que própriamente os mouros habitam , começando no már oceano occidental , em largura de cem lęguoas , e ás vezes mais e menos á maneira de hũa faixa de | que o rio **Çanagá** ę a ouręlla , se vay estendendo contra oriente tẽ jr beber nas águoas do Ni | lo , e tomando aly algũa

humidáde da corrente dellas , tórna com aquella secura e esterilidáde | que leua tẽ dá consigo em as águoas salgádas do már roixo. [1552/pda3/32v]: A cerca de nós geral- | mente ẽ chamado **çanágá** , do nome de hum senhor da tẽrra com que os nõssos no principio | do descobrimento delle teuẽram cõmercio , cá lhe nam sabiam chamar senam o rio de çanágá . | E sendo ryo que vem de tam longe , nam tráz tanto peço dáguoa , nem a marẽ sóbe tanto per | elle como o ryo de Gámbea de Cantor . [1552/pda3/32r]: ESta tẽrra que per comum vocabulo dos naturáes ẽ chamáda Ialoph , jáz en- | tres estes dous notáues rios **Çanága** e Gámbea : os quáes pelo cõprido cur- | so que trázem , recebem diuẽrsos nomes segundo os pouos que õs vezinham . | Porque onde õ chamádo **Çanága** per nós , se mẽte no már oceano occidental , | os póuos Ialóphos lhe chamam Dengueh , e os Tucuróes mais acima | Máyo , e os Çaragolẽs , Cólle : e quando cõrre per hũa comárca chamáda | Bágano que ẽ mais oriental , chamã lhe Zimbalá , donde ás vezes por causa delle á comarca | dam este mesmo nome , e no reyno de Tungubuto lhe chamam Iça . E pósto que cõrre per | muyta distancia de tẽrras , vindo das fontes orientáes dos lagos a *que* Ptolemeu chama Che | Ionides , Nuba, e rio Bir : quasy per direito curso tẽ se meter no oceano em altura de quinze | gráos e meyo , nam lhe sabẽmos o nome que lhe os outros póuos dam. [1552/pda3/f32r]: ¶ Capitulo . viij . Em que se descreue a terra que jaz entre | os dous rios **Sanaga** e Gambea : e como o principe dõ | Ioam Bemioj com hũa frota partio deste reyno , e co- | mo foy morto em Sanaga.

cananor ~ canánor ~ cánanor – sm. (talvez < ár. *kananōr*)^m. ‘poliotopônimo’; ‘cidade localizada na costa da Índia’. [1552/pda3/f29r]: Embarcado Però de Couilhaã em hũa náõ *que* partia de Adem | foy tẽr a **Cananor** e dhy a Calecut e a Goa , cidadẽs principáes da cósta da India , e aqui em- | barcou pera a mina de Çofala que ẽ na Ethiópia sóbre Egypto. [1552/pda6/f75r]: Como elrey de **Canánor** per meyo de Payo | Rodriguez cõcedeo as cousas *que* o Almirante lhe reque- | ria : e das que elle passou com elrey de Cochij. [1552/pda6/f77r]: Uẽdo o Almirãte tal recádo , pareceo lhe *que* este módo de vir *aquelle* Brã- | mane assy dissimulado nõ ẽra tanto pera vir a este reyno segundo elle dezia , como por artificio | do Çamorij : por estar já arependido sabendo que

elrey de **Cananor** e elrey de Cochij estauam | cõ elle concertádos e elle ficáua de fóra.

canará – sm. (< pácrit. *kannāda*)^m. → dẽcan. ‘reino localizado ao sul do reino de Decan’. [1552/pda9/f107r]: A quáta pártẽ desta nõssa diu- | isam começa na cidadẽ Cambáya e acába no jllustre cábo Çamorij , na qual distancia por cósta | auerá dozentos e nouenta leguos pouco mais ou menos : em que se comprehẽde quásy toda | a frol da India a mais trilháda de nós . A qual podemos deuidir em tres pártẽs cõ dous no- | táuees rios que ã atrauessam do ponente a leuante : o primeiro diuide o reyno Dẽcan (aque | corruptamente os nõssos chamam Dáquem) do reyno Guzaráte que lhe fica ao nõrte , o seguu | do apárta este reyno Dẽcan do reyno **Canará** , que fica ao sul delle . E ajnda parece que como | a natureza fez esta diuisam pelo jnterior do sẽrtam , assy acerca dos que habitam o maritimo de | toda esta cósta per outros rios muy pequenos que nãcem nas cóstas destes dous notáuees , fa | zem a mesma demarcaçam do Guzaráte Dẽcan e **Canará** : e assy os pequenos como os grã- | des todos vẽrtẽ da grãde serra chamáda Gate.

canarijs – sm. pl. (< pácrit. *kannāda*)^m. → concan → conquenijs. ‘geomorfotopônimo’ [1552/pda9/f107v]: E pósto que no rio Aligã de Sintácora que está mais adiãte doze légoas se demar- | que o reino Dẽcan , começãdo do rio Bãte como dissemos , fãzem os moradóres da tẽrra esta | differença : a todo o maritimo que contamos até a serra Gãte que vay ao longo da cósta com *que* | elle faz hũa comprida e estreita faixa de tẽrra , chamã elles Concan , e aos pouos propriamen- | te Conquenijs , posto *que* os nõssos lhe chamam **Canarijs**.

cangerecóra – sf. (étimo desconhecido) → canará. ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/107v]: No qual maritimo jázem estas pouoações Ancola , Egorapan , Mergueu , a ci- | dáde Onor cabẽça do reyno , Baticalá , Bẽdor , Bracelor , Bacanor , Carẽara , Carnãte , Mã- | galor , Mangeirã , Cumbatã , e **Cangerecóra** per *que* cõrre hũ rio deste nome que ẽ extremo , e de- | marcaçã , como se verã abaixo . As quaes pouoações todas sam da prouincia Canará subdi- | tas a elrey Bisnagã.

cangranor → cranganor.

canhameira – sf. (étimo desconhecido) → comorij. ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/f108v]: A qual enseada repartimos em tres estados de principes que à senhoream : as dozentas | leguas sam do reyno Bisnaga , as cento e dez do reyno Orixá que sam ambos gentios : e as | cento do reyno de Bengála *que* de nossos tempos pera cá e já subjecto a mouros. As pouoações | da qual costa sam estas , logo na volta do cabo Comorij as sete leguas Tacancurij , e adiante | Manapar , Uaipar , Trechandur , Callegrande , Chereacalle , Tucucurij , Bembar , Cálecure , | Beadala , Manancort , e **Canhameira** onde está hã notauel cabo assy chamado em dez graos | da parte do norte.

canherecóra – sm. (étimo desconhecido) → malabar. ‘hidrotopônimo’; ‘rio pertencente à região do Malabar’. [1552/pda9/f107v]: Do rio **Canherecóra** dôde começa a região | Malabar tê Puripatan *que* seram per costa vinte leguas e do reyno Cananor , em que há estes | lugares : Cota , Coulam , Nilichilam , Marabia , Bolepatan , Cananor cidade onde temos hã | fortaleza.

cantam – sf. (< chin. *kuan-tchéu*)^m. → china. ‘poliotopônimo’; ‘região da china’. [1552/pda9/f109v]: Adiante delle entra a região da China repartida | em quinze governanças , cada hã das quaes pôde ser hã grãde reyno : as maritimas *que* fazem a | nosso proposito sam **Cantam** , Fuqmem . Chequeã em *que* está a cidade Nimpo onde a terra faz | hã notauel cabo de *que* no principio fizemos mença , o qual está em altura de trinta graos e dous | terços , e tê qui corre a costa nordeste sudueste . Auera na derróta cõtando da ilha de Aynã on- | de se pesca o aljofre , que é o principio da governança de **Cantam** dozentas e setenta e cinco | leguas : e daquy torna a costa a virar pera o rumo do noroeste , em que acaba a octava parte e | começa a nona que dissimos nã ser ajnda per os nossos nauegada.

cantor ~ **cãtor** – sm. (étimo desconhecido) → gãmbia. ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda3/f33r]: E sendo ryo que vem de tam longe , nam tráz tanto peso dãgua , nem a març sóbe tanto per | elle como o ryo de Gãmbia de **Cantor**. [1552/pda3/f38v]: Porque neste tempo mandou Pero Dêuora e Gonçaleães a elrey de Tucuról , e assy a el rei de Tungubutu , e per outras vezes mandou a Mandi Mansa per via do rio **Cantor** : o |

qual principe era dos mais poderosos daquellas partes da prouincia Mandinga . [1552/pda3/f38v]: em nome | del rey dom Ioam o terceiro nosso senhor , que ora regna por razã do resgate de **Cãtor** : estimou | o rey muyto este recado que lhe foy dado da parte del rey.

cãor – sm. (étimo desconhecido) ‘reino da Índia’; ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda9/f109r]: E daquy passando a cidade de Tãuay que está em treze graos , que e a vltima do | reino de Pêgu , fica hã grande enseada de muytas ilhas e baixos que ao modo de Gange faz | outro muy poderoso rio que retãla toda a terra de Pêgu : o qual vem do lago de Chiamay *que* | está ao norte per distancia de duzentas leguas no jnterior da terra , donde procedem seys notã | uees rios , tres que se ajuntam cõ outros e fazem o grande rio que passa per o meyo do Syam e | os outros tres vem sair nesta enseada de Bengála . Hã *que* vem atrauessando o reino de **Cãor** | donde o rio tomou o nome , e per õ de Camotay , e õ de Cirõte onde se fazẽ todos capados | daquelle oriente.

çapateiro – sm. (çapata [este < ár. *sabbât*] + -eiro)^a. ‘aquele que produz sapatos’. [1552/pda3/f29v]: E estando pera se vir a este reyno com recado destas cousas | que tinha sabido , soube que andauã aly dous judeus de Espanha em sua busca : com os quaes | se vio muy secretamente , a hã chamãuam Rabi Habrã natural de Beja e a outro Josepe **çapa-** | **teiro** de Lamego.

çapato – sm. (< ár. *sabbât*)^a. ‘calcado de solado duro e fechado para proteger os pés do contato externo’. [1552/pda5/f66r]: O qual Pero de Taide metida em hã **çapato** no lugar | da aguada leixou hã carta escripta , em a qual dizia como elle passara per aly , e a causa por *que* , e | tãbẽ auisaua a todos capitães *que* fossem pera India do *que* Pedraluarez lá passara.

capocãte – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação localizada próxima a Calecut’; ‘porto comercial’. [1552/pda9/f107v]: E daquy | tê Chátua corre o reyno de Calecut , *que* poderá ser per costa vinte sete leguas , e tẽ estas pouoa- | ções : Pãdarane , Coulete , **Capocãte** , a cidade Calecut *que* está em onze graos hã quarto , e abai | xo onde ora temos hã fortaleza. [1552/pda4/f48r]: E por mostrar | mayor cõfiança a este piloto *que* lhe elrey mãdou , disse *que* elle podia mãdar naquelles nauios o

que qui- | sêsse , porque todos lhe obedeceriã , e assy se fez : cá pela ordenança do piloto se passará a hũ porto | chamado **Capocáte** perto daly , onde Uásco da Gámma esteue esperãdo dous dias recádo del | rey , sem da tẽrra virẽ aos nauios nem delles jrem a ella.

çaragólêes ~ **çaragolees** ~ **çaragolês** – sm. pl. (étimo desconhecido) → cólle. → guiné. ‘etnotopônimo’; ‘povos vizinhos da Guiné’. [1552/pda3/f33r]: Sómente em as tẽrras que habitam os poucos **Çaragó-** | **lêes** , em algũas várzeas já vezinhas aos desêrtos : cólhem algum trigo mais ortádo á enxa- | da *que* laurádo cõ arádo , muyto mais gróssso e fermóso que ò de Espanha (segũdo elles dizem .) [1552/pda3/f33v]: E assy con- | corriam a outra cidáde que está nas correntes deste rio chamáda Genná a qual em outro tẽpo | éra mais cẽlebre *que* Tungubutu : e ou *que* ella dêsse nome ao reyno , ou *que* o reyno ò desse aella , daqy | se chama acerca de nós toda aquella regiam de Çanagá por diante Guiné , posto que entre | os negros huũs lhe chámam Gennã , outros Iannij , e outros Gennij . E como esta mais | ocidental que Tungubutu , geralmente concorriam a ella os poucos que lhe sam mais vezinhos : | assy como os **Çaragolees** , Fullos , Ialóphos , Azanêgues , Brábaxijs , Ligurarijs , Luddáyas. [1552/pda3/f33v]: Porque onde ò chamádo Çanága per nós , se mête no már oceano occidental , | os póuos Ialóphos lhe chamam Dengueh , e os Tucuróes mais acima | Máyo , e os **Çaragolês** , Cólle : e quando córre per hũa comárca chamáda| Bágano que ç mais oriental.

carámãsa → carámansa.

carámansa ~ **caramansa** ~ **carámãsa** - sm. (étimo desconhecido) → guiné. ‘antropônimo’; ‘rei da Guiné’. [1552/pda3/f24r]: Como el rey dom Ioam socedendo no reyno | per falecimento del rey dom Afonso seu pay : mandou lógo hũa | grande armáda ás partes de Guiné a fazer o castello que agóra | chamamos de sam Iorge da Mina , da qual armádá foy cápitã | mór Diogo Dazambuja : e como se vio com **Carámansa** senhor | daquelle lugar. [1552/pda3/f24v]: porque Diógo Dazambuja esperaua por **Carámansa** o qual abaláua | já de sua aldêa , pos em órden a toda sua gente . Elle assentádo em hũa cadeira alta vestido em | hũ pelóte de brocádo , e com hũ collar douro e pedraria : e os outros capitães todos vestidos | de festa : e assy

ordenáda a outra gente que faziam hũa comprida e lárge rua , pera que quando | **Carámansa** viêsse que ouiste naquelle aparáto . **Caramansa** como tambem éra hómeme *que* queria | mostrar seu estádo , veo com muyta gente pósta em ordenança de guẽrra : com grande mati- | náda de atabáques , bozinas , chocálhos , e outras cousas que mais estrugiam que deleitáua | os ouidos . Os trájos de suas pesóas éã os naturáes de sua própria cárne : vntádos e muy | luzidos que dáuam mais pretidam aos coiros , cousa que elles costumáua | por louçainha . | Sómente as pártes vergonhósas éram cubẽrtas delles com pẽlles de bugios , outros com pa | nos de palma : e os mais principaes com algũs pintádos que per resgáte ouuẽã dos nóssos | nauios que aly yam resgatar ouro . Porẽ geralmente em seu módo todos vinham armádos , | huũs com azagayas e escudos , outros com árcos e cóldres de frẽchas : e muytos em lugar de | árma da cabeça hũa pẽlle de bogio , o cásko da qual todo éra encrauádo de dentes dalimarias , | todos tam difórmes com suas jnuẽções por mostrár serocidáde de hómẽes de guẽrra , *que* mais | mouiam a riso que a tẽmor. [1552/pda3/f24v]: Diogo Dazambuja , em quanto elle vinha com esta grauidáde esteue quedo em seu estrádo , tẽ | que sendo já metido entre a nóssa gente abalou a elle : e ajuntádose ambos , tomou **Carámãsa** | a mão a Diógo Dazambuja. 107v/9

carapatã – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘região’. [1552/pda9/f107]: Tornando a fazer outra cõputaçam desta | cidáde Chául até o rio Aliga de Sintacóra em que acaba a tẽrra do Dẽcan auera setenta e cin | co lẽgoas : ao rio Zanguizar vinte cinco , no qual espáço ficam , Bandor , Sifardam , Calan- | cii e a cidáde Dabul , e do rio Zanguizar a outras vinte cinco lẽgoas onde está o pagóde se | contem , Ceitapor , **Carapatã** , Tamaga.

carçara – sm. (étimo desconhecido) → canará. ‘poliotopônimo’; ‘povoação pertencente à província Canará’. [1552/pda9/107v]: A terceira de- | marcaçam que diuide a prouincia Cauará do Dẽcanacába no cábo Comorij : começando do | rio Aliga em que auerá cem lẽgoas per esta maneira : de Aliga tẽ outro rio chamádo Cãgerç- | corá , que está cinco lẽgoas ao nórt do monte Delij cábo notauel nẽsta cósta , auerá quorẽta | e seis

lêguoas . No qual marítimo jázem estas pouoações Ancola , Egórapan , Mergeu , a ci- | dáde Onor cabeça do reyno , Batalalá , Bêdor , Bracelor , Bacanor , **Caréara** , Carnáte , Mã- | galor , Mangeirã , Cumbatã , e Cangerecóra per *que* córre hũ rio deste nome que é extremo , e de- | marcaçã , como se verá abaixo . As quaes pouoações todas sam da prouincia Canará subdi- | tas a elrey Bisnagá.

careeiro – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade indiana’. [1552/pda9/f109v]: E tornando a continuar a descripçam da nõssa cósta , da cidáde sam Thomę em que nos | detiuęmos por louuor deste apóstolo nõsso proptector da India , pósto que em outra páрте | relatamos mais copiósamente o que se tem e crę delle acerca desta gente : desta sua cidáde | a Paleacáte auerá nóue lêguoas e adiante estam Chiricóle , Aremogam , Caleture , **Careeiro** , | Pentepólii , Maçulepátan , Budauarij , junto do cabo deste nome , *que* está em dezasete grãos . No qual acabã as tęrras do reino de Bisnagá (como dissęmos) e começa õ de Orixá.

carnáte – sf/sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘hidrotopônimo’; ‘pouoação’; ‘rio’. [1552/pda9/107v]: A terceira de- | marcaçam que diuide a prouincia Cauará do Dęcanacába no cábo Comorij : começando do | rio Aliga em que auerá cem lêguoas per esta maneira : de Aliga tę outro rio chamado Cãgerę- | corá , que está cinco lêguoas ao nõrte do monte Delij cábo notauel nõsta cósta , auerá quoręta | e seis lêguoas . No qual marítimo jázem estas pouoações Ancola , Egórapan , Mergeu , a ci- | dáde Onor cabeça do reyno , Batalalá , Bêdor , Bracelor , Bacanor , Caréara , **Carnáte** , Mã- | galor , Mangeirã , Cumbatã , e Cangerecóra per *que* córre hũ rio deste nome que é extremo , e de- | marcaçã , como se verá abaixo . As quaes pouoações todas sam da prouincia Canará subdi- | tas a elrey Bisnagá. [1552/pda4/f47v]: Peró começando no rio chamado **Carnáte** , vezinho ao cábo e mõte de Lij , muy | notáuel aos nauegãtes daquella cósta ã altura de doze grãos e meyo da páрте do nõrte : entra hũa | faixa de tęrra *que* jáz entre este Gáte e o már , de largura de dez tę seis lêguoas.

cátel – sm. (< malaiala *kattil*)^m. ‘leito’. [1552/pda4/f48v]: De junto do qual se aleuãtou hũ hómeme de grande jdáde , que ęra o seu Brãmane | mayór , vestido hũas vestiduras brancas representãdo nellas e em sua jdáde e continencia ser | hómẽ religioso : e chegãdo ao meyo da cása tomou Uásco da Gãma pela mão e õ foy a presen | tar ao Çamorij . O qual estáua no cábo da cása lançãdo em hũa camilha cubęrta de panos de sé | da , posto em hũ leito a que elles chamã **cátel** : e elle vestido cõ hũ pano dalgodã burnido com | algũas rósas douro batido semeãdas per elle , e na cabeça hũa carapuça de brocãdo alta a manei | ra de mitra cerrãda , chea de perlas e pedraria , e per os brãços e pęrnas *que* estáũ descubęrtos ti | nha braceletes douro e pedraria.

cathayo – sm. (< ár. *khiTā*)^m. → china. ‘corotopônimo’; ‘reino’. [1552/pda3/f37r]: E vendo elle que el rey dom Ioam ordinariamente mandãua descobrir a cósta de | Africa com jntençam de per ella jr ter a India , como ęra hómeme latino e curiósos em as cou- | sas da geographia , e lya per Márco Paulo que falãua modęrnamente das cousas orientães | do regno **Cathayo** , e assy da grande jlha Cypãngo : veo a fantasiar que per este már oceano | occidental se podia nauegar tanto , tę que fóssem dar nesta jlha Cypãngo , e em outras tęrras | jncognitas.

cãtor → cantor.

catual ~ **catuál** – sm. (< pers. *kotual*)^m. ‘autoridade policial’. [1552/pda4/f48v]: Uindo o recãdo do Çamorij que fosse , sayo Uásco da Gãmma com | doze pesóas em tęrra onde õ recebeo hũ hómẽ nõbre a que elles chamã **Catual** , acõpanhado de | dozętos hómẽes a pę , delles pera leuarẽ o fáto dos nõssos , e delles *que* seruiã de espãda e adar- | ga com guarda de sua pesóa , e outros de õ trazer aos hõbros em hũ andor : porque ã toda aquella | terra Malabár nã se seruẽ de bestas ; hũ dos quães andóres foy tãbem apresentãdo a Uasco da | Gãma pera jr nelle. [1552/pda4/f49r]: O *que* aproue ao Çamorij | mãdando ao **Catuál** *que* õ contentãsse : e louuou Uásco da Gãma de hómẽ prudente e cauteloso | nas cousas da páz , segũdo o mouro Monçayde lhe veo contãdo pelo caminho atę chegãrem | á cidãde Calecut já bem noite.

catur – sm (< ingl. *cutter*)^d. ‘pequena embarcação de guerra que anda à vela e a remos’. [1552/pda1/f3]: E posto que sempre no

cometimento e saída em tērra que os | nössos fizēram , ouue sinães de victoria , yam os naturáes de Cochij tam temerósos com a fa- | ma do Çamorij , como *que* vinha tras elles a furta de todas as armas do Çamorij : e quem mais | remáua com o seu **catur** mais valente éra , porque a cerca delles nã é vileza virar as cóstas , mas | nam ousáuam de parecer ante elrey por nã terē causa de fogir.

cáua – sf. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’; ‘filha do conde cristão Julião que era governador de Ceuta no século XVIII’. [1552/pda1/f3r]: Però vindo o tempo tē o qual deos quis | dissimular os peccádos de Espanha , esperando sua penitencia acerca das hēresias de Arrio | Eluidio e Pelagio de que ella andou muy yscáda : (posto que já per sanctos concilios nella | celebrados fóssem desterrádas) , em lugar de penitencia acrescētou outrós muy gráues e pu- | bricos peccádos , e que mais acabáram de encher a medida de sua condenaçam , que a força | feita á **Cáua** filha do conde Iuliam.

cauchij china – sm. (origem obscura)^m → cachó. ‘corotopônimo’; ‘reino’. [1552/pda9/f109v]: Passado este reyno | Cambója entra o outro reyno chamado Champa , nas montanhas do qual náce o verdadei- | ro lēnholoç , aque os mouros daquellas pártes chamam Calambue : com o qual confina o rey- | no a que os nössos chamam **Cauchij China** e os naturáes Cachó . O qual acerca de nós é o | menos sabido reyno daquellas pártes , por a sua cósta ser de muytas tornētas e grádes baixos | e a gente sem nauegaçam : e os estrãgeiros *que* pera lá nauégam *que* sam Siãmes e Maláyos de | quátro nauios hã de perder dous e as vezes três , e porē hũ *que* escápa se faz nelle mais proueito | *que* se todolos quátro nauios fossem á China.

cáxem – sf. (étimo desconhecido) → fartáque. ‘poliotopônimo’; ‘cidade localizada próxima ao cabo Fartaque’. [1552/pda9/f106v]: Entre os quaes extremos ficã estas pouoações Abiã Ar , Ca | naçã , Brum , Argeç , Xaçl cidade cabeça do reyno : Herit , a cidade **Cáxem** *que* está sēte lēguoas | ante de chegar ao cabo Fartáque , e na vólta delle outro tanto espáço está a cidade Fartaque ca- | beça do reyno assy chamado de *que* o cabo tomou o nóme e a gēte Fartaquijs.

cayro → cairo.

cayde – sm. (étimo desconhecido) → quiloa. ‘antropônimo’; ‘rei de Quiloa’. [1552/pda8/f98v]: E foy leuátado por rey

Hacē filho delrey | Ismael já passádo , *que* reynou dez ãnos , e seu filho **Cayde** outros dez : e per sua mórte se quis le- | uátár cõ o reyno o gouernador delle , e durou neste poder hũ ãno.

caymal(-es) → caimal(-es).

ceilã → ceilam.

ceilam ~ **ceilã** – sf. (origem obscura)^m. ‘geomorfotopônimo’; ‘ilha’. [1552/pda9/f108v]: E nam sómente deste | cábo mas da sua Tapobrana aque nós chamámos **Ceilam** , que esta de fronte delle em seu lu- | gar farēmos mais particular relaçam : básta ao presente saber que neste cábo fenecem os rey- | nos do Malabár , e elle é o outro termo que a natureza fez , o qual nós tomamos por fim da | quártá diuisam desta tērra marítima de Asia . E nauegado deste cábo Comorij per fóra da jlha | **Ceilam** contra o oriente per distancia de quátro centras lēguoas , segundo os nauegantes , e | nam per situaçam geographica : está outro tam jllustre cábo com outra mais notáuel jlha , ao | qual juntamente com ella Ptolemeu chama Aurea Chersoneso. [1552/pda6/f70r]: O segundo módo , e termos concontractos prepetuos com os reys e | senhores da tērra , de a cērto preço nos dárem suas mercadorias e recēberem as nössas : assy | como está asentado cõ os reyes Cananor , de Chálle , de Cochij , de Coulám , e **Ceilã** , os | quães sam senhores da frol de toda a especearia *que* há na Índia.

ceisadim – sm. (étimo desconhecido) → ormuz. ‘antropônimo’. [1552/pda8/f91v]: E era rey de Ormuz **Ceisadim** deste | nome o segundo : e do reino de Guzarate Machamud o primeiro deste nome . Assy estes | reys e principes como os mercadóres per cujas mãos corria o commērcio da especearia , e | orientáes riquezas , vendo que com nóssa entráda na Índia , per espáço tam bręue como éram | cinco ánnos tinhamos tomádo pósse da nauegaça daquellas máres , e elles perdido o cõmer- | cio de que eram senhores auia tantos tēpos , e sôbre tudo éramos hũa bofetáda na sua cása de | Mēcha.

ceitapor – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘região’. [1552/pda9/f107]: Tornando a fazer outra cõputaçam desta | cidade Chául até o rio Aliga de Sintacóra em que acaba a tērra do Dēcan auera setenta e cin | co lēgoas : ao rio

Zanguizar vinte cinco , no qual espaço ficam , Bandor , Sifardam , Calan- | cii e a cidade Dabul , e do rio Zanguizar a outras vinte cinco lęgoas onde está o pagóde se | contem , **Ceitapor** , Carapatã , Tamaga.

celim – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’; ‘rei otomano da Túrquia’. [1552/pda8/f91v]: Neste mesmo | tempo reynaua em Turquia **Celim** decimo da geraçam Othomana : e ęra senhor de Męcha o | Xarife Baracat , entre os mouros muy celebrado em nome : nam tanto por seus feitos , quan- | to por o grande discurso de tępo que viueo neste estádo.

cepta ~ **ępta** ~ **cetera** – sm. (< ár. *septā*)^m. ‘poliotopônimo’; ‘cidade localizada no norte da África’. [1552/pda1/f5]: DEpois que el rey dom Joam de gloriósa memória o primeiro deste nome | em Portugal , per força darmas tomou a cidade **Cep- | ta** aos mouros na | passagę *que* fez em Africa : ficou o Infante dō Anrique seu filho terceiro gę- | nito , muyto mais desejoso de fazer guęrra aos infięes . Porque se acrescetou | á natural inclinaçam , que sem preteue de exercitar este officio de milicia por | exalçamęto da fę catholica , nam sómente a gloriósa vitória que seu padre cõ- | tanto louuor de Deos , e gloria da coroa deste reyno alcançou na tomáda desta cidade **Cep- | ta** , de que elle Infante foy parte muy principal. [1552/pda1/f14]: Luys de Proęça em | toda a sua guęrra , e assy se achou na batálha de Ajancurt que foy entre os reys de Fręça e In- | gratęrra , e foy na batálha de Ualamont , e na de Mont seguro , e na tomáda de Sansões , e | no cerco de Ras , e alę no de **Cępta**. [1552/pda1/f17]: E por razam desta auçam que este reyno | tinha nestas jlhas Canáreas pola despęsa que ęra feita na conquista e cõuersam de seus póuos | quando se fizeram as pázes entre Portugal e Castęlla por causa das guęrras que ouue entre | el rey dom Afonso o quinto deste reyno , e el rey dom Fernando de Castęlla : nomeádamente | em os capitulos das pázes ficou com Castęlla a conquista e senhorio destas jlhas , e a con- | quista do reyno de Grada , como com Portugal á do reyno de Fez e de Guinę e **cetera** : (se- | gundo se contem na chrónica deste rey dom Afonso).

cerame ~ **ęrame** – sm. (< malaia. *xrāmbi*)^m. ‘pequeno edificio’; ‘palácio’. [1552/pda5/f59r]: E este módo e lugar , foy em hum **cerame** que estáua sόbre o mar , que como hũ eyrádo cu- | bęrto , armádo sobre madeira muyto bem lauráda : onde os reyes por seu passatempo e recrea- | çam ás vezes vinhã dár hũa vista ao már . O qual **cerame**

elrey mandou aparamentar de pa- | nos de sęda , segundo o vso que elles tem nestes auctos de vistas com pesóas de estádo : e tudo | mandou fazer de maneira que parecesse vir elle áquelle lugar , mais por seu prazer e por folgar | de ouuir aquella embaixáda , *que* por outro algũ temor. [1552/pda5/f60r]:

Assentáda esta vista , foy naquelle lugar do **ęrame** entre o ęamorij e Pedrálua- | uez juráda a paz , e disso se passáram seus pantos e fizeram contractos da especearia : cõ a qual | paz e coucęrto Pedraluarez mandou lógo a Aires Correa que se fosse aposentar nas cásas *que* | elrey mandou dár junto da práya.

cetera → **cepta**.

cetim – sm. (< ár. *zaitūnī*)^m. ‘tecido de seda acetinado’. [1552/pda3/f34v]: os | vestidos do qual da cinta pera acima , eram os coiros da sua carne muy pretos e luzidios , | e per baixo se cobria com hum pano de damásco que lhe dęra Diógo Cam , e no bráço esquer | do hum bracelete de latã , e neste ombro um rábo de cauállo guarnecido , cousa tida entrelles | por insignia real , e na cabeça hum barrete alto como mitra , feita de pano de pálma muyto | fino e delgádo , e com lauóres áltos e baixos , a maneira que acerca de nós ę a tecedura de **ce- | tim** auelutado.

cezam(-ões) – sf. (étimo desconhecido) [1552/pda5/f62v]: Pedráluarez a este tępo estáua com a **cezam** das | quartaãs , e quando lhe dissęram *que* nas cásas da feitória ęra aruorada bandeira e que auia gen | tio derrador dellas , pareceolhe que seria algũ arrodio dos nósos : e como a cousa particular | mandou dous batęes com gęte que acodissem. [1552/pda5/f60r]: E como elle a este tempo andáua quartanario , com estes descon- | certos delrey vinham dobrádas as **cezões** , lembrandolhe os trabálhos que passára no | már e quanto mayóres tinha por diante na tęrra : sόbre o qual negócio por ficar daquella ma- | neira desatádo com elrey , teue conselho com os capitães darmáda.

chaipumo – sm. (étimo desconhecido) ‘corotopônimo’; ‘reino súbdito a Sião’. [1552/pda9/fl10v]: Elrey de Syam ę principe que ante *que* se lhe os mouros leuátássem | com o reyno de Maláca : começáua o seu estádo naquella cidade *que* está em dous grãos e meyo | da bāda do nórtē , e acabáua em os mōtes do reyno dos Guęos *que* começã ę vinte nóue grãos . | E com tudo ajnda oje o seu estádo pássa de cōprimento de trezentas lęguoas , no qual há estes | sęte reynos a elle súbdictos a fóra o próprio de Syam , Camboja

, Cómo , Lánchãa . Chencray | Chencran , Chiamay , Camburij , **Chaipumo** .

chále → chálle.

chaliám – sf. (étimo desconhecido) → calecut. ‘poliotopônimo’; ‘cidade do malabar’. [1552/pda7/f86r]: E a gente cõ | que o Çamorij começou seria atę sesenta mil hómeees de que a este tempo (segũdo dissẽmos) pe- | los cásos e perdas que tẽue tambem já tinha menos hũ terço : porem fama entre os nössos ęra | que trazia per már e per tęrra quorenta mil hómeees seus e destes senhores que o ajudáuã , del- | les como vassálos e outros por serem amigos e vezinhos naquella tęrra Malabar que elle con | uocou cõtra nós . Beturácol rey de Tánor . Cacatunam Barij rey de Bespur e de Cucuram | junto da serra chamada Gáte , Cóta Agatacól rey de Cotugam entre Cananor e Calecut jũ- | to de Gáte , Curiur Coil rey de Curim entre Panane e Crangálor , Naubeadarij principe | de Calecut , Nambeá seu jrmão , Lancol Nãbeádarij senhor de Repelij , Paraichera Eracol | senhor de Crangalor , Parapucól senhor de **Chaliám** entre Calecut e Tanor , Parinha Mu- | tacól senhor quásy rey entre Crãgalor e Repelij , Benará Nambeádarij senhor quasy rey aci- | ma de Panáne pera a serra , Nambeárij senhor de Bualá Charij , Parapucól senhor de Pa- | rapuram , Parapucól senhor quasy rey de Bepur entre Chanij e Calecut.

chálle ~ **chále** – sf. (< pers. *shāl*)^d. → calecut. ‘poliotopônimo’; ‘povoação pertencente a Calecute’. [1552/pda5/f70r]: O segundo módo , ę termos concontractos prepetuos com os reys e | senhores da tęrra , de a cęrto preço nos dárem suas mercadorias e recęberem as nössas : assy | como está asentado cõ os reyes Cananor , de **Chálle** , de Cochij , de Coulám , e Ceilã , os | quães sam senhóres da frol de toda a especearia *que* há na India. [1552/pda9/f107v]: E daquy | tę Chátuá córre o reyno de Calecut , *que* poderá ser per cósta vinte sęte lęguoas , e tẽ estas pouoa- | ções : Pãdarane , Coulete , Capocáte , a cidade Calecut *que* está em onze grãos hũ quártor , e abai | xo **Chále** onde óra tẽmos hũa fortaleza.

cham de bagadarij ~ **cham de begadarij** – sm. (cham + bagadarij) → porcá. ‘antropônimo’. ‘senhor de Porca’. [1552/pda7/f78v]: Entre os quães foy **Cham** | **de Bagadarij** senhor de Porca , e o Mangáte Caymal , e seu jrmão Naubeadarij , o Cai- | mal de Cambalu , o

Caimal de Cheriauapil , e os cinquos Caimáes da tęrra aque elles chamã | Anche Caimal : *que* dęrã entráda per sua tęrra , a *que* o Çamorij passásse á de Cochij por esta ser a ella | muy vezinha. [1552/pda7/f86r]: Cá elrey de Co | chij começou esta guęrra sendo em sua ajuda estes que ęram seus vassálos : o principe seu sobri | nho hęrdeiro do reino , o Caymal de Paliport , o Caymal de Balurt , o **Cham de Begadarij** | senhor de Porcá , e o Mangate Caymal seu jrmão , e o Caymal de Cambalã , e o Cayamal de | Cherij a Uaypij e outros senhores de tęrras.

cham de begadarij → cham de bagadarij.

champa – sm. (étimo desconhecido) ‘corotopônimo’; ‘reino’. [1552/pd9/f109v]: Passado este reyno | Cambója entra o outro reyno chamado **Champa** , nas montanhas do qual náce o verdadei- | ro lęnholoę , aque os mouros daquellas pártes chamam Calambue : com o qual confina o rey- | no a que os nössos chamam Cauchij China e os naturáes Cachó.

chanij – sm. (étimo desconhecido) ‘corotopônimo’; ‘reino’. [1552/pda7/f86r]: E a gente cõ | que o Çamorij começou seria atę sesenta mil hómeees de que a este tempo (segũdo dissẽmos) pe- | los cásos e perdas que tẽue tambem já tinha menos hũ terço : porem fama entre os nössos ęra | que trazia per már e per tęrra quorenta mil hómeees seus e destes senhores que o ajudáuã , del- | les como vassálos e outros por serem amigos e vezinhos naquella tęrra Malabar que elle con | uocou cõtra nós . Beturácol rey de Tánor . Cacatunam Barij rey de Bespur e de Cucuram | junto da serra chamada Gáte , Cóta Agatacól rey de Cotugam entre Cananor e Calecut jũ- | to de Gáte , Curiur Coil rey de Curim entre Panane e Crangálor , Naubeadarij principe | de Calecut , Nambeá seu jrmão , Lancol Nãbeádarij senhor de Repelij , Paraichera Eracol | senhor de Crangalor , Parapucól senhor de Chaliám entre Calecut e Tanor , Parinha Mu- | tacól senhor quásy rey entre Crãgalor e Repelij , Benará Nambeádarij senhor quasy rey aci- | ma de Panáne pera a serra , Nambeárij senhor de Bualá Charij , Parapucól senhor de Pa- | rapuram , Parapucól senhor quasy rey de Bepur entre **Chanij** e Calecut.

chapora – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade’.

[1552/pda9/f107v]: e deste pagóde a Sintacora onde fenece o Dęcan *que* | sam as outras vinte cinco , estã Banda , **Chapora** e a nõssa cidãde Goa Metrôpoly episcopal | da India.

chatigã → chatigam.

chatigam ~ **chatigã** – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda9/f109r]: E deste cábo onde fazemos fim do reino Orixã , o | qual está em vinte hũ grãos , ao outro termo do fim do reino de Bengála que ę a cidãde **Cha-** | **tigam** que está em vinte dous grãos lãrgos : auerã as cem lęguoas que dissęmos. [1552/pda9/f109r]: Assy que continuando ao lóngo do nõsso dedo jndex na sex | ta pãrte da gęral diuisam que fizemos , a qual comeęa em **Chatigã** e acãba no cábo de Singã- | pura que está hũ grão afastãdo da linha equinocial pera a pãrte do nõrte e quorentã pera orięte | da nõssa cidãde Malãca.

chatim ~ **chatijs** – sm. pl. (< dravíd. *chetti*)^d → chingãlas. ‘etnotopônimo’; ‘povo autóctone do Malabar que se dedicava ao comércio’; ‘mercadores’. [1552/pda9/f112r]: E reduzindo nos pera nõsso jntento , o gentio na- | tural e próprio jndigena da tęrra ę a quelle póuo aque chamãmos Malabãres : há hy outro *que* | aly veo da cósta de Choremãdel por razã do tracto , aos quães chamã Chingãlas *que* tẽ pró- | pria lingua , a que os nõssos comũmęte chamã **Chatijs** . Estes sam hómęes tã naturães merca | dóres e delgãdos em todo o módo do cõmęrcio , que acerca dos nõssos quãdo quęrem tachar | ou louuar algũ hómęem por ser muy sutil e dado ao tracto da mercadoria , dizem por elle , ę hum | **chatim** , e por mercadejar chatinar : vocabulos entre nõs já muy recebidos.

chatinar – v. (→ chatim) ‘mercadejar de forma lícita ou ilícita’. [1552/pda9/f112r]: Estes sam hómęes tã naturães merca | dóres e delgãdos em todo o módo do cõmęrcio , que acerca dos nõssos quãdo quęrem tachar | ou louuar algũ hómęem por ser muy sutil e dado ao tracto da mercadoria , dizem por elle , ę hum | chatim , e por mercadejar **chatinar** : vocabulos entre nõs já muy recebidos.

chátuã ~ **chatuã** – sf. (étimo desconhecido) → calecut. ‘poliotopônimo’; ‘povoação’ [1552/pda9/f107v]: E daquy | tę **Chátuã** cõrre o reyno de Calecut , *que* poderã ser per cósta vinte sęte lęguoas , e tẽ estas pouoa-

ções : Pãdarane , Coulete , Capocãte , a cidãde Calecut *que* está em onze grãos hũ quãrto , e abai | xo Chãle onde óra tęmos hũã fortaleza , Parã gãle , Tanor cidãde e cabęęa do reino subdito ao | Camorij , Panane , Baleãncor , e **Chatuã** em *que* elle acaba e entra o reyno de Cranganor , *que* por | ter pouca tęrra lógo cõ elle vezinha elrey de Cochij.

chaul ~ **chãul** ~ **chaul** – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade localizada na costa do Malabar’. [1552/pda10/f122v]: Assy pera guãrda | e fauor das nãos de Coulam Cochij e Cananor em quanto yam fazer suas cõmutaçoes e | cõmęrcio de mercadorias hũas por outras segundo o vso da tęrra , per aquelles pórtos tę | **Chaul** que ęra o lugar a que se ellas mais estendiam : como tambem pera defender que | as nãos do estreito de Męcha nam entrãsem nem saissem nos pórtos de Calecut , cá | esta ęra a mais crua guęrra que lhe podia fazer. [1552/pda9/f107r]: E adiante treze lęguoas em altura de dezoito grãos e dous tęrços está a ci- | dãde **Chaul** , onde tęmos outra fortaleza *que* já ę da segunda demarcaçã do reyno Dęcã : porque | atrã ficã estas pouoações Maim , Nagotãua , que serã de **Chaul** quãtro lęguoas.

chelonides – sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’; ‘lago’. [1552/pda3/f32]: E pósto que cõrrer per | muyta distancia de tęrras , vindo das fontes orientães dos lagos a *que* Ptolemeu chama **Chel-** | **lonides** , Nuba , e rio Bir : quasy per direito curso tę se meter no oceano em altura de quinze | grãos e meyo , nam lhe sabęmos o nome que lhe os outros póuos dam.

chencran – sm. (étimo desconhecido) → syam. ‘corotopônimo’; ‘reino pertencente a Syam’. E com tudo ajnda oje o seu estãdo pãssa de cõprimento de trezentas lęguoas , no qual há estes | sęte reynos a elle subdictos a fóra o próprio de Syam , Camboja , Cõmo , Lãrchãã . Chencray | **Chencran** , Chiamay , Camburij , Chaipumo.

chencray – sm. (étimo desconhecido) → syam. ‘corotopônimo’; ‘reino pertencente a Syam’. E com tudo ajnda oje o seu estãdo pãssa de cõprimento de trezentas lęguoas , no qual há estes | sęte reynos a elle subdictos a fóra o próprio de Syam , Camboja , Cõmo , Lãrchãã . **Chencray** | Chencran , Chiamay , Camburij , Chaipumo.

chequeã – sm. (< ingl. *tche-kian*)^m → china. ‘corotopônimo’; ‘reino da China’.

[1552/pda9/f109v]: Adiante delle entra a regiam da China repartida | em quinze governanças , cada hũa das quâes pôde ser hũ grãde reyno : as maritimas *que* fazem a | nõsso proposito sam Cantam , Fuqmem . **Chequeã** em *que* está a cidadé Nimpo onde a tẽrra faz | hũ notauel cábo de *que* no principio fizemos mençã , o qual está em altura de trinta grãos e dous | terços , e tẽ qui corre a cósta nordeste suduẽste.

cherauaypil – sf. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘ilha’.
[1552/pda7/f180r]: O que Francisco Dalbuquerque comprio | pella ordenança delrey , poló mais coinprazer : saindo lógo em seus batês em tẽrra com que a | custa da vida de muytos do Çamorij que estáũ em guárda , como dos reuẽs a elrey , nam só- | mente despejou todo Cochij mas ainda a jlha **Cherauaypil** : em que o capitam Nicoláo Coẽ- | lho per sua própria mão matou o Caimal della e toda a tẽrra tornou a obediencia delrey.

chereacalle – sf. (étimo desconhecido) → comorij. ‘poliotopônimo’; ‘povoação’.
[1552/pda9/f108v]: As pouoações | da qual cósta sam estas , lógo na vólta do cábo Comorij as sẽte lẽguoas Tacancurij , e adiante | Manapar , Uaipar , Trechandur , Callegrande , **Chereacalle** , Tucucurij , Bembar , Cálecare , | Beadála , Manancort , e Canhameira onde está hũ notáuel cábo assy chamádo em dez grãos | da páрте do nõrte.

cheriauaipil – sf. (étimo desconhecido) → caimal(-es) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’.
[1552/pda7/f78v]: Entre os quâes foy Cham | de Bagadarij senhor de Porca , e o Mangáte Caymal , e seu jrmão Naubeadarij , o Cai- | mal de Cambalu , o Caimal de **Cheriauaipil** , e os cinquos Caimães da tẽrra aque elles chamã | Anche Caimal : *que* dẽrã entráda per sua tẽrra , a *que* o Çamorij passásse á de Cochij por esta ser a ella | muy vezinha.

cherij – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade súbdita ao rei de Cochim’.
[1552/pda7/f86r]: Cá elrey de Co | chij começou esta guẽrra sendo em sua ajuda estes que ẽram seus vassálos : o principe seu sobri | nho hẽrdeiro do reino , o Caymal de Paliport , o Caymal de Balurt , o Cham de Begadarij | senhor de Porcá , e o Mangate Caymal seu jrmão , e o Caymal de Cambalã , e o Cayamal de | **Cherij** a Uaypij e outros senhores de tẽrras.

cherina mercar – sm (étimo desconhecido) ‘antropônimo’. [1552/pda5/f61v]: Aires Correa porque este mouro desejava de (***) | elle , e sentia que as paixões dantre elle e Congel Bequij ẽra grande páрте fauorecer mais ao ou- | tro que a elle : | Cananor : que lhe pedia em toda maneira chegando a não | aquella porto , de noite secreta- | mente lhe metessem a mais gente que podẽsem , que elle pagaria a despesa que se nisso fizesse , | porque mais deuia a Mãmale Mercar e a **Cherina Mercar** cuja ella ẽra.

cheruár – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’.
[1552/pda9/f106v]: e deste Iaquete *que* | ẽ dos principães tẽplos daquella gẽtilidáde com hũa nõbre pouoaçã tẽ a nõssa cidadé Dio do rei- | no Guzaráte cinquenta lẽguoas , na qual distãcia estam estes lugáres , Cutiãna , Mangalor : | **Cheruár** : Patan , Corinár.

chiamáy ~ chiamay – sm. (étimo desconhecido) → syam. ‘hidrotopônimo’; ‘corotopônimo’; ‘lago’; ‘reino súdito a Sião’.
[1552/pda9/f109r]: E daquy passando a cidadé de Táuy que está em treze grãos , que ẽ a vltima do | reino de Pẽgu , fica hũa grande enseada de muytas jlhas e baixos que ao módo de Gange faz | outro muy poderóso rio que retálha toda a tẽrra de Pẽgu : o qual vem do lago de **Chiamáy** *que* | está ao nõrte per distancia de duzentas lẽgoas no jnterior da tẽrra , donde procẽdem seys notá | uees rios , tres que se ajuntam cõ outros e fazem o grande rio que pássa per o meyo do Syam e | os outros tres vem sair nesta enseada de Bengála. [1552/pda9/f110v]: Elrey de Syam ẽ principe que ante *que* se lhe os mouros leuãtássem | com o reyno de Maláca : começáua o seu estádo naquella cidadé *que* está em dous grãos e meyo | da bãda do nõrte , e acabáua em os mõtes do reyno dos Guẽos *que* começã ẽ vinte nõue grãos . | E com tudo ajnda oje o seu estádo pássa de cõprimento de trezentas lẽguoas , no qual há estes | sẽte reynos a elle subdictos a fóra o próprio de Syam , Camboja , Cómo , Lãchãa . Chencray | Chencran , **Chiamay** , Camburij , Chaipumo.

chij(s) – sm. pl. (< chin. *ching*)^d. → china. ‘etnotopônimo’; ‘povos da China’.
[1552/pda9/f110v]: E eu doulhe algũa fẽ , porque | hũ escrãuo **Chij** que compreya pera jnterpretaçam destas cousas sabia tãbem ler e escrever nõssa | linguagem , e ẽra grande

contádor de algarismo. [1552/pda9/f106v]: Posto *que* passemos ao oriẽte della ás jlhas dos Lequios e dos Ia | pões , e á grande prouincia Meácó *que* ajnda por sua grãdeza nã sabemos se é jlha se tẽrra fir- | me cõtinua a outra cósta da China: as quães pártes já passam por antipodas do merediano de | Lixbóa . Da qual cósta nã sabida dos nauegãtes dámos demõstraçã , e de todo o jnterior desta | grãde prouincia da China em as táuoas da nõssa geographia : tirãdas de hũ liuro de cosmogra | phia dos **Chijs** jmpresso per elles , cõ toda a situaçã da tẽrra em módo de jtinerário *que* nos foy de | lá trazido e jnterpretádo per hũ **Chij** que pera jssouuemos.

china – sm. (< ár. *cinâ*)^m ‘corotopônimo’; ‘estado constituído por quinze províncias’; ‘país maior da Ásia oriental e o mais populoso do mundo’. [1552/pda9/f110v]: Quanto a elrey da **China** bem podemos afirmar *que* sómente elle | em tẽrra , pouo , potencia , riqueza , e policia e mais que todos estoutros . Porque o seu estádo | contem em sy quinze prouincias aque elles chamã governãças , cada hũa das quães é hũ muy | grãde reyno : e na geographia sua que ouuemos tratando o auctor de cada prouincia fáz hum | summario do querende , e se e verdãde a jnterpretaçam dos numeros de sua conta , pareceme *que* | tem mór rendimento que todolos reynos e potencias da Európa.

chingálas – sm. pl. (< singalês-sâncr. *simhala*)^m → chatim. ‘etnotopônimo’; ‘povo autóctone do Malabar que se dedicava ao comércio’; ‘mercador’. [1552/pda9/f112r]: E reduzindo nos pera nõsso jntento , o gentio na- | tural e próprio jndígena da tẽrra é a quelle póuo aque chamãmos Malabáres : há hy outro *que* | aly veo da cósta de Choremandel por razam do tracto , aos quães chamã **Chingálas** *que* tẽ pró- | pria lingua , a que os nõssos comũmẽte chamã Chatijs . Estes sam hõmeẽs tã naturáes merca | dóres e delgãdos em todo o módo do cõmércio , que acerca dos nõssos quãdo queçrem tachar | ou louuar algũ hõmem por ser muy sutil e dado ao tracto da mercadoria , dizem por elle , e hum | chatim , e por mercadejar chatinar : vocabulos entre nós já muy recebidos.

chiricóle – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade indiana’. [1552/pda9/f109v]: E tornando a continuar a

descripçam da nõssa cósta , da cidade sam Thomẽ em que nos | detiuẽmos por louuor deste apóstolo nõsso proptector da India , pósto que em outra párte | relatamos mais copiósamente o que se tem e creç delle acerca desta gente : desta sua cidade | a Paleacáte auerá nõue lęguoas e adiante estam **Chiricóle** , Aremogam , Caleture , Careiro , | Pentepólii , Maçulepátan , Budauarij , junto do cabo deste nome , *que* está em dezasete grãos.

chitor – sm. (étimo desconhecido) → Índia. ‘corotopônimo’; ‘reino da Índia’. [1552/pda4/f47v]: E posto *que* toda esta prouincia Indostan | seja pouoáda de dous gẽneros de pouo em creença , hũ jdólatra e outro machomẽta : é muy vá- | ria em ritos e costumes , e todos entre sy ã tẽ repartida em muytos reynos e estádos ; assi co- | mo em os reynos do Moltan , Delij , Cospetir , Bengála em párte , Orixá , Mando , **Chitor** , | Guzaráte a que comũmẽte chamamos Cambaya.

chocoriá – sf. (étimo desconhecido) → pęgu. ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/f109r]: Ao cábo de Negráes que está em dezaseis grãos , onde começa o rei- | no de Pęgu auerá cem lęgoas : no qual espaço estam estas pouoações , **Chocoriá** , Bacasá , | Arracam cidade cabeça do reino assy chamádo , Chubóde , Sedoç , e Xarã que está na póta | de Negráes.

chombá ~ chomba – sm. (étimo desconhecido) → cananor. ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/f107v]: Do rio Canherecóra dõde começa a regiã | Malabár tẽ Puripátan *que* seram per cósta vinte lęguoas e do reyno Cananor , em que há estes | lugáres : Cóta , Coulam , Nilichilam , Marabia , Bolepátan , Cananor cidade onde tẽmos hũa | fortaleza , a qual está em doze grãos : Tramapátan , **Chombá** , Maim , e Purepátan. [1552/pda6/f74r]: Seguindo o Almirante seu caminho sempre pegádo com | tẽrra , per tres vezes õ foy detendo o Çamorij com recãdos hum no póрто de **Chomba** outro | em Pandaranẽ e outro duas lęgoas ante de chegar a Calecut.

choremandel ~ choromandel – sf. (< tâm. *choramandala*)^m ‘geomorfotopônimo’; ‘costa oidental da Índia’. [1552/pda9/f112r]: E reduzindo nos pera nõsso jntento , o gentio na- | tural e próprio jndígena da tẽrra é a quelle póuo aque chamãmos Malabáres : há hy outro *que* | aly veo da cósta de **Choremandel** por razam do tracto , aos quães

chamã Chingálas *que* tẽ pró- | pria lingua , a que os nössos comũmẽte chamã Chatijs. [1552/pda5/f63v]: E neste porto da Crãganor | acháram os nössos que aly foram carregar muytos cristãos de Sam Thome , por elle leixar | naquelle lugar algũas jgrejas feitas no tempo que aly pregou o auangelho : da qual denuncia- | çam e gente que conuerteo aly e em **Choromandel** onde foy a principal habitaçam sua , a diãte | faremos relaçam e principalmente em a nössa geographia.

choromandel → choremandel.

chubóde – sf. (étimo desconhecido) → pegu. ‘poliotopônimo’; ‘povoação pertencente ao reino de Pegu’. [1552/pda9/f109r]: Ao cábo de Negrães que está em dezaseis grãos , onde começa o rei- | no de Pegu auerá cem lęgoas : no qual espaço estam estas pouoações , Chocoriá , Bacasá , | Arracam cidáde cabeça do reino assy chamádo , **Chubóde** , Sedoę , e Xará que está na põta | de Negrães.

çibáo – sm. (étimo desconhecido) → cypango. ‘litotopônimo’; ‘lugar em que há minas localizadas na ilha Haiti’. [1552/pda3/f37v]: E porque | elle perguntáua aos moradóres por Cypángo , que ęra a jlha do seu propósito , e elles enten- | diam por **Çibáo** que ę hũ lugar das minas da jlha Hayte : õ leuaram a ella , onde foy muy bẽ | recebido do rey da tęrra a que elles chamam Cacique.

cibitah → cybitah.

cingápura → singápura.

cintácora ~ **sintácora** ~ **cintácora** – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda8/f103r]: e tanta artelharia , armas , | munições , e feruer dos nössos assy na óbra da tęrra como do már , ficáram pasmádos : e muy | to mais quando lhe cõtáram dous mouros Guzarátes captiuos que foram tomádos em Mõ | báça o que viram fazer aos nössos naquella cidáde , e ouuiram do que leixáuã feito em Quiloo . | Partidos estes mouros a sombrádos do que viram e ouuiram . ao seguinte dia vięram outros | de hũa fortalęza chamáda **Cintácora** que seria daly meya lęgoa. [1552/pda9/f107v]: E pósto que no rio Aligá de **Sintácora** que está mais adiãte doze lęgoas se demar- | que o reino Dęcan , começádo do rio Báte como dissemos. [1552/pda9/f105v]: Da qual armáda este Timoja de que fa | lamos ęra capitam mór , auido por hómem de sua pesóa e que fazia todo o mal que podia aos | mouros per aquella cósta , e esta foy a causa da armáda que elle trazia , e ante *que* elle vięsse

a este | officio já o rey de Onor teuęra outros capitães : pola qual razam sempre entre elrey de Onor e | os senhores de Góa ouue guęrra , e daquy vinha estár a fortaleza de **Cintácora** prouida como | frontaria de imigos.

cipango → cypango.

cintácora → cintácora.

ciróte – sm. (étimo desconhecido) ‘corotopônimo’; ‘reino’. [1552/pda9/f109r]: Hũ *que* vem atrauessando o reino de Cáor | donde o rio tomou o nome , e per õ de Camotáy , e õ de **Ciróte** onde se fazẽ todolos capádos | daquelle oriente : e vem sair acima de Chatigam naquelle notáuel bráço do Gange defronte da | jlha Sornagam.

cõcan ~ **concan** – sf. (< concani *konkrā-bhās*)^d → canarijs → conquenijs. ‘geomorfotopônimo’; ‘faixa de terra que se estende da serra Gate até o reino de Decan’. [1552/pda9/f110v]: E como do Gáte pera o már ao ponẽte do Dęcan , toda aquella faixa se cháma **Cõ-** | **can**. [1552/pda9/f107v]: E pósto que no rio Aligá de Sintácora que está mais adiãte doze lęgoas se demar- | que o reino Dęcan , começádo do rio Báte como dissemos , fázem os moradóres da tęrra esta | diferença : a todo o maritimo que contamos até a sęrra Gáte que vay ao longo da cósta com *que* | elle faz hũa comprida e estreita faixa de tęrra , chamã elles **Concan** , e aos pouos propriamen- | te Conquenijs , posto *que* os nössos lhe chamam Canarijs. 118r/10 – sm. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘lago’. [1552/pda10/f118r]: E pósto que este Abanhi (que acęrca delles quęr dizer pay das águoas po- | las muytas que lęua) proceda de outro grande lágo chamádo Barcená , e per Ptolemeu **Co-** | **lóa** , e tambem tenha jlhas dętro em que há alguỹs mosteiros de religiósos (como se verá em | a nössa geographia ,) nam vem a conto deste nösso grande lágo : ca segundo a jnformaçam que | tęmos per via de Congo e de Sofála será de comprido mais de cem lęguoas.

cóbritim ~ **cobritim** – sm. (talvez < sânscr. *sabhāpati*)^m → çamorij. ‘papa’; ‘líder supremo religioso do povo malabar’. [1552/pda9/f11v]: O brigádo aos outros parentes | serem subditos a este na pártre secular : como quis *que* elle e os outros nas cousas da sua religiam | se sobmetessem a elrey de Coulá como a cabęça de todolos

Brãmanes : ao qual leixou este nó- | me
Cóbritim que denóta aquella dignidade que
 acerca de nós é a do summo pōtífice.
 [1552/pda9/f11v]: Fi | cando seu sobrinho
 naquelle estado cō titulo de Çamorij , e
 fundada a cidade Calecut como lhe | elle
 encomendou junto da pouoçam dos mouros
 : correndo o tēpo que muda todas cousas |
 por mais ordenadas que ás os hómeeis leixem
 , pósto que elle sempre durou este nóme
 Çamorij : outros senhores da tērra Malabár se
 jntitularam cō nóme de reyes . Os quães
 segundo elles | dizem todos procedem na
 repartçam deste rey Saramá : e o de Cochij e
 o que tem a dinidade | **Cobritim** por os
 antigos de Coulam em quē ella ficou se
 passarem aly por razã da vezinhan- | ça e ser
 sua própria tērra , e outras razões de cōpidas
 ambáges que elles contam.

cochii → cochij.

cochij ~ **cóchij** ~ **cochii** – sm. (talvez < sãnscri.
katschha)^m. → calecut. ‘corotopônimo’;
 ‘reino localizado ao sul de Calecut’.
 [1552/pda5/f64r]: Que ao presente elle nam
 podia tomar carga pola ter já recebido delrey
 de **Co** | **chij** no qual achára muyto gasalhado
 , muyta verdade , e poucas cautēllas : o que
 nam achára | em Calecut vindo elle primeiro
 aquelle porto que a outro alguã da India.
 [1552/pda5/f64r]: | FEito este estrágo
 naquelles dous dias , quando veo o terceiro
 mandou Pe- | dráluarez que se nam fizesse
 mais dano , dando aquelle dia por tregua ,
 pare- | cendolhe que enuiasse elrey algũ
 recado : mas quando vio que estãua mais |
 jndinado que a repellido do feito da morte de
 Aires Correa e dos que com | elle morreram ,
 fez se á vella caminho de **Cóchij** . O qual lugar
 é cabeça de hũ | reyno assy chãmodo , que está
 abaixo de Calecut cōtra o sul pela mesma
 cōsta | trinta lēguas : e nelle segundo Gaspár
 da India afirmãua a Pedráluarez , auia mais
 pimẽ | ta que em Calecut , posto que o rey
 fosse menos poderoso e nam tam rico como
 elle . E a causa | era por em **Cochij** naquelle
 tempo auer pouco tracto e poucos mouros ,
 que era os que Pedrá- | luez mais receãua ,
 por danarem todas nōssas cousas : do qual
 reyno e assy dos outros desta | cōsta Malabar
 onde pelo tempo em diante fizemos fortalezas
 e tiuemos commercio , em ou- | tra parte mais
 própria desta relaçam escreuemos
 particularmente. [1552/pda5/f61v]: porque
 as cousas delrey de **Cochii** onde quer que ás
 achasse sempre delle receberiam | boas obras

por a fama que tinha ser mais verdadeiro
 principe daquella tērra.

cocotorá ~ **çocotorá** – sf. (talvez < ár. *suquTrâ*)^m.
 ‘geomorfotopônimo; ‘ilha’.
 [1552/pda8/f90v]: e dhy a poucos dias entrou
 a não de Setuual de que era capitã Dio- | go
 Fernãdez Peteira que vinha com boas presas
 que fez na cōsta de Melinde diante de Anto |
 nio de Saldanha , e foy jnuernar a jlha
Cocotorá que nóuamente descobrio.
 [1552/pda6/f70r]: Però ao presente temos
 leixado Quiloa e Mombãça , por serem partes
 | muy doentias custosas e sem fructo , como
 leixamos a jlha **Çocotorá** e Anchediua por
 nam se | rem necessários . E assy temos
 tambem outras muytas tērras , posto que nam
 sejam jntitulá- | ladas em reynos : cujos portos
 estam á nōssa obediencia , e recebem nōssas
 náos com reuerẽ- | cia como suas superiores.

çocotorá → cocotorá.

çofála → sofála.

coge → coje.

cōgo → congo.

coje ~ **cóge** ~ **coge** ~ **cóje** – sm. (< ár. *khajā*)^m. ‘título
 que usavam os mouros mais abastados
 socialmente’. [1552/pda7/f78r]: O qual
 arazoamento foy | muy louado de todos
 seus Caymaes , e aprouram ser muy justa a
 guērra que queria fazer | a elrey de Cochij : e
 quē mais acendia o fogo della era o mouro
Coje Cemecerij que foy causa | da morte de
 Aires Correa cō outros de sua valia.
 [1552/pda7/f85r]: Dizēdo ao Çamorij , que
 aly estãua hũ mouro per nome **Coje** Alle , o
 qual tinha jnuentado hũa | maneira de
 castellos de madeira armados sobre paraós , ã
 cada hũ dos quães bẽ poderiã caber | dez
 hómeeis e seriã tã sobranceiros sobre as
 carauēlas com que ficassem senhores do alto
 : e como | a força dos nōssos estãua nestas
 carauēlas por razã da artelharia , tomadas
 ellas ficãua perdidos | de todo.
 [1552/pda7/f87v]: Pero ante que partisse pera
 Cochij veo a elle com cartas hũ moço christão
 mãdado pelos cap- | tiuos que lá estãuam em
 Calecut , pedindo que se lembrasse delles , á
 vinda do qual moço deu | ázo **Coje** Biquij que
 era nōsso amigo do tēpo de Pedralvarez
 Cabrá. [1552/pda5/f60v]: Porque | Aires
 Correa depois que esteue em tērra , por achar
 em **Cóge** Bequij em cujas casas elle pou- |
 sua , mais verdade que no outro , folgãua de
 õ fauorecer : o que **Coge** Cemecérij sofria
 muy | mal , porque sentia que com esta

amizáde seu jmgio recebia mais honra e algũ proueito que o | mais maguoaua. [1552/pda5/f60v]: AUia nesta cidadé de Calecut dous mouros hómeões muy principáes a hũ cha | máuam **Cóje** Bequij , e a outro **Coge** Cemecerij , este tinha o gouérno das | cousas do már e outro das da tẽrra . E como ẽtre os governadóres de hũa | mesma cidadé pela mayór páрте se acham enuejas e paixões de jurdiçã : entre | estes dous , però *que* se falássem e tractássem por razã dos officios , auia no peito | de cada hũ odio mortal , e cõ a vinda dos nõssos se acrescentou mais.

cóldres – sm. pl. (origem controversa)^h ‘cada um dos dois estojos de couro suspensos de ambos os lados do arçõ da sela, ou aplicáveis à cintura, nos quais se guardam armas de fogo’. [1552/pda3/f24v]: Porẽ geralmente em seu módo todos vinham armádos , | huĩs com azagayas e escudos , outros com árcos e **cóldres** de frẽchas.

cólle – sm. (étimo desconhecido) → çanagá. ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda3/f32v]: E sendo ryo que vem de tam longe , nam tráz tanto pẽso dáguoa , nem a març sóbe tanto per | elle como o ryo de Gámbea de Cantor . Fáz algũas jlhas , as mais dellas pouoádas de ani- | máes e jmmũdicias por sua aspereza , e em çertos lugáres se nã leixa nauegar , com penẽdia | que õ atrauessa : principalmẽte óbra de cento e cinquenta lẽguoas da bárra onde se elle chama | **Cólle** , porque aly faz quasy outras catárractas como as do Nilo.

colóa – sm. (étimo desconhecido) → barcená. ‘geomorfotopônimo’; ‘lago’. [1552/pda10/118r]: E pósto que este Abanhi (que acẽrca dellas quẽr dizer pay das águoas po- | las muytas que lẽua) proceda de outro grande lágo chamádo Barcená , e per Ptolemeu **Co-** | **lóa** , e tambem tenha jlhas dẽtro em que há alguĩs mosteiros de religiósos (como se verá em | a nõssa geographia ,) nam vem a conto deste nõsso grande lágo : ca segundo a jnformaçam que | tẽmos per via de Congo e de Sofála será de comprido mais de cem lẽguoas .

colorã – sm. (étimo desconhecido) → canhameira. ‘poliotopônimo’; ‘povoação localizada próxima ao cabo Canhameira’. [1552/pda9/f108v]: As pouoações | da qual cósta sam estas , lógo na vólta do cábo Comorij as sẽte lẽguoas Tacancurij , e adiante | Manapar , Uaipar , Trechandur , Callegrande , Chereacálle , Tucucurij ,

Bembar , Cálecare , | Beadála , Manancort , e Canhameira onde está hũ notáuel cábo assy chamádo em dez gráos | da páрте do nõrte . E adiante estam estes lugáres Neçapátan , Nahór , Triminapátan , Tra- | gambar , Triminauáz , **Colorã** , Pudu cheira , Calapáte.

comarcaãs – sf. pl. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘terras’. [1552/pda3/f35r]: E porque quasy em chegando os nõssos , veo nõua a el rey que os pouos Mundẽquetes que | habitam çẽrtas jlhas que estam em hũ grande lágo dõde say o ryo Zaire que córre per este rey- | no de Congo , ẽram rebelládos e faziam muyto dano en as tẽrras a elles **comarcaãs** , a *que* com- | pria acodir el rey em pesõa : foy causa que se baptizásse el rey , nam com aquella solennidáde que | elle tinha ordenádo depois que a jgreja fosse feita.

comarcão – sm. (étimo desconhecido) ‘etnotopônimo’. ‘gentio’ [1552/pda4/f47r-47v]: Cujos angulos oppositos em mayór distancia , jazem nõrte sul : o angulo desta páрте do sul fáz | o cábo Comorij , e õ da páрте do nõrte , as fontes dos mesmos rios . As quáes però que sobre a | tẽrra arebentẽ distinctas em os montes a que Ptolemeu chama Imáo , e os habitádores dellas | Dalãguẽr e Nangrãcot , sam estes tam conjuuctos huĩs aos outros , que quasy quẽrem escol- | der as fontes destes dous rios . E segundo fama do gentio **comarcão** , parece que ambos na- | cem de hũa vẽa comũ ; dõde naceo a fabula dos dous jrmãos que anda entrelles , a quáal recita- | mos em a nõssa geographia.

cómo – sm. (étimo desconhecido) ‘corotopônimo’; ‘reino súdito de Sião’. [1552/pda9/f110v]: Elrey de Syam ẽ príncipe que ante *que* se lhe os mouros leuátassem | com o reyno de Maláca : começáua o seu estádo naquella cidadé *que* está em dous gráos e meyo | da bãda do nõrte , e acabáua em os mõtes do reyno dos Guẽos *que* começã ẽ vinte nõue gráos . | E com tudo ajnda oje o seu estádo pássa de cõprimento de trezentas lẽguoas , no qual há estes | sẽte reynos a elle subdictos a fóra o próprio de Syam , Camboja , **Cómo** , Lãchãa . Chencray | Chencran , Chiamay , Camburij , Chaipumo.

comorij ~ **çomorij** – sm. (< ár. *qumr*)^m → cori. ‘geomorfotopônimo’; ‘cabo localizado ao sul da Índia’. [1552/pda9/108r]: Junto ao qual | Trauancor está o notáuel e jllustre cábo **Comorij** , que ẽ mais austral tẽrra desta

prouincia | Indostan ou India dentro do Gange , o qual está da páрте do nóрте em altura de sete grãos e | dous terços aque Ptolemeu cháma Cori , e põe em treze e meyo. [1552/pda4/47v]: A distância destas fontes ao cábo **Çomorij** aellas opposito , será | pouco mais ou menos per linha directa , quátro centras lęguoas : e os outros dous angulos , *que* | per cõtraira linha jazem de leuãte a ponēte per distancia de trezentas lęguoas , fazē as bócas dos | mesmos rios Indo e Gange , ambos muy sobērbos cõ as agouas do grãde numero dos ou- | tros *que* se nelles mętem.

çomorij → comorij.

comoro – sf. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘ilha’. [1552/pda8/96v]: De maneira que abaixo e | acima nam lhe ficou cousa por correr . tē se fazer senhora de Monbáça Melinde e das jlhas de | Peuiba Zanzibar Mõfia **Comoro** , e outras muytas pouoações que saíram della pella potē | cia e riqueza que teue depois que se fez senhora da mina de Çofala : tendo quásy tudo perdido | ao tēpo *que* nós descobrimos a India , com deuisões *que* ouue per mórte dalguũs reyes della de *que* | adiante faremos mençam.

concan → **cõcan**

congo ~ **cõngo** ~ **cõgo** – sm. (origem controversa)^m → zaire. ‘hidrotopônimo’; ‘corotopônimo’; ‘rio’, ‘reino’. [1552/pda3/f26v]: Passado o qual | cábo e assy õ de Caterina que foy a derradeira tęrra que se descobrio em tempo del rey dõ Afon- | so : chegou a hũ notáuel rio na boca do qual , da páрте do sul meteo este padram , com quem | tomáua pösse por páрте del rey de toda a costa que leixáua atras . Por causa do qual padrã , pe- | ro que elle se chamaua sam Iorge , por a singular deuaçam que el rey tinha neste sancto , muyto | tēpo foy nomeádo este rio do padram : e óra lhe chamam de **Congo** por correr per hũ reyno | assy chamádo que Diógo Cam esta viágem descobrio , pósto que o seu próprio nome do rio | entre os naturáes e Zaire , mais notauel e jllustre per águoas que per nome. [1552/pda3/f35v]: PArtido Ruy de Sousa pera este reyno , e o principe filho del rey dom Ioam | de **Cõngo** vindo dafrontaria dos jmigos onde estáua , sendo já a jgreja aca- | báda : foy elle baptizádo com muytos fidálgos assy dos que andáuam com | elle como outros que a este auto éram vindos , e por amor do principe dom | Afonso filho del rey dõ Ioam de Portugal ouue elle o mesmo nome.

[1552/pda3/f27v]: Ordenandose andar hũ carauelam da jlha de Sântomę onde | concorriam assy os escráuos da costa de Benij , como õs do reyno de **Cõgo** : por aquy virem | tęr totalas armações que se faziam pera estas pártes , e desta jlha õs leuáua esta carauelã á mi- | na.

conhomeira – sf. (étimo desconhecido) → canhomeira. ‘poliotopônimo’; ‘povação’. [1552/pda9/108v]: As pouoações | da qual cósta sam estas , lógo na vólta do cábo Comorij as sete lęguoas Tacancurij , e adiante | Manapar , Uaipar , Trechandur , Callegrande , Chereacálle , Tucucurij , Bembar , Cálecare , | Beadála , Manancort , e Canhomeira onde está hũ notáuel cábo assy chamádo em dez grãos | da páрте do nóрте . E adiante estam estes lugáres Neçapátan , Nahór , Triminapátan , Tra- | gambar , Triminauáz , Colorã , Pudu cheira , Calapáte , **Conhomeira** , Sadrapátan , Me- | liápor.

conquenijs – sm. pl. (→ cõcan) → canarijs. ‘etnotopônimo’; ‘povos’. [1552/pda9/f107v]: E pósto que no rio Aligá de Sintácora que está mais adiãte doze lęgoas se demar- | que o reino Dęcan , começádo do rio Báte como dissemos , fázem os moradóres da tęrra esta | differença : a todo o maritimo que contamos até a sęrra Gáte que vay ao longo da cósta com *que* | elle faz hũa comprida e estreita faixa de tęrra , chamã elles Concan , e aos poucos propriamen- | te **Conquenijs** , posto *que* os nössos lhe chamam Canarijs.

cori – sm. (étimo desconhecido) → comorij. ‘geomorfotopônimo’; ‘cabo’. [1552/pda9/108r]: Junto ao qual | Trauancor está o notauel e jllustre cábo Comorij , que e mais austral tęrra desta prouincia | Indostan ou India dentro do Gange , o qual está da páрте do nóрте em altura de sete grãos e | dous terços aque Ptolemeu cháma **Cori** , e põe em treze e meyo.

corinár – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povação’. [1552/pda9/f106v]: e deste Iaquete *que* | é dos principáes tēplos daquella gętilidáde com hũa nóbre pouoaçã tē a nössa cidáde Dio do rei- | no Guzaráte cincoenta lęguoas , na qual distância estam estes lugáres , Cutiána , Mangalor : | Cheruár : Patan , **Corinár**.

cospetir – sm. (étimo desconhecido) ‘corotopônimo’; ‘reino’. [1552/pda4/f47v]: E posto *que* toda esta prouincia Indostan | seja pouoáda de dous gęneros de pouo em cręnça

, hũ jdólatra e outro machomēta : é muy vá- | ria em ritos e costumes , e todos entre sy ã tẽ repartida em muytos reynos e estádos ; assi co- | mo em os reynos do Moltan , Delij , **Cospetir** , Bengála em páрте , Orixá , Mando , Chitor , | Guzaráte a que comũmẽte chamamos Cambaya.

cóta – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/f107v]: Do rio Canherecóra dõde comēça a regiã | Malabár tẽ Puripátan *que* seram per cósta vinte lēguoas e do reyno Cananor , em que há estes | lugáres : **Cóta** , Coulam , Nilichilam , Marabía , Bolepátan , Cananor cidáde onde tēmos hũa | fortaleza.

cóta agatacól – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’; ‘rei de Cotugam’. Beturácol rey de Tánor . Cacatunam Barij rey de Bepur e de Cucuram | junto da serra chamáda Gáte , **Cóta Agatacól** rey de Cotugam entre Cananor e Calecut jũ- | to de Gáte , Curiur Coil rey de Curim entre Panane e Crangálor , Naubeadarij principe | de Calecut , Nambeá seu jrmão , Lancol Nãbeádarij senhor de Repelij.

cotugam – sm. (étimo desconhecido) ‘corotopônimo’; ‘reino localizado na serra Gáte entre Cananor e Calecut’. Beturácol rey de Tánor . Cacatunam Barij rey de Bepur e de Cucuram | junto da serra chamáda Gáte , Cóta Agatacól rey de **Cotugam** entre Cananor e Calecut jũ- | to de Gáte , Curiur Coil rey de Curim entre Panane e Crangálor , Naubeadarij principe | de Calecut , Nambeá seu jrmão , Lancol Nãbeádarij senhor de Repelij.

coulã → coulam.

coulam ~ **coulã** ~ **coulám** – sm. (talvez < ár. *kulam*)^m. ‘corotopônimo’; ‘reino’. [1552/pda5/64r]: Donde se causou que elrey de | Cananor e os governadores de **Coulam** , reyno que confina com Cochij pela páрте de baixo | contra o sul : mandáram seus mensajeiros a Pedralvarez Cabral pedindolhe que quisēsse jr a | seus portos por que elles lhe dariam toda a cárga despecearia que ouuēsse mister. [1552/pda7/85v]: Nã somēte cõ estes *que* | estáuã ã Cochij o çamorij vsáua destes ardijs , mas ajnda mãdou lâçar fama em Cananor e em | **Coulã** õde estáuã as duas feitorias *que* todolos Portugueses de Cochij érá mortos , cõ recádo | a algũs mouros de sua valia per *que* lhẽcomēdáua *que* fizēsse lá outro tâto aos *que* lá estáuã : *que* foy cau | sa

de elles terẽ trabalho ã quãto nã souberã a verdade , e porẽ neste recolherse a cása forte *que* An- | tonio de Sá tinha feita em **Coulam** lhe matárã hũ hómeme e feriram alguũs. [1552/pda6/f70r]: O segundo módo , e termos concontractos perpetuos com os reys e | senhores da tērra , de a cērtõ preço nos dárem suas mercadorias e recēberem as nõssas : assy | como está asentado cõ os reyes Cananor , de Chálle , de Cochij , de **Coulám** , e Ceilã , os | quães sam senhóres da frol de toda a especearia *que* há na India.

coulete – sf. (étimo desconhecido) → calecut. ‘poliotopônimo’; ‘povoação pertencente a Calicute’. [1552/pda9/f107v]: E daquy | tẽ Chátuá cõrre o reyno de Calecut , *que* poderã ser per cósta vinte sēte lēguoas , e tẽ estas pouoa- | ções : Pãdarane , **Coulete** , Capocáte , a cidáde Calecut *que* está em onze grãos hũ quáto , e abai | xo Chále onde óra tēmos hũa fortaleza , Parã gále , Tanor cidáde e cabēça do reino subdito ao | Camorij , Panane , Baleancor , e Chatuá em *que* elle acaba e entra o reyno de Cranganor , *que* por | ter pouca tērra lógo cõ elle vezinha elrey de Cochij.

crãganor → cranganor.

crangalor → cranganor.

cranganor ~ **crãganor** ~ **cangranor** ~ **crangálor** ~ **crangalor** – sf/sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; hidrotopônimo’; ‘cidade indiana localizada na costa do Malabar’; ‘rio’. [1552/pda6/f76r]: Neste mesmo tempo viéram a elle Almirante ante outros embaixadóres *que* diziam | ser da gente christãa que habitáua per as comárkas de **Cranganor** quáto lēguoas de Cochij *que* | em numero seriam mais de trinta mil almas . A substancia da qual embaixáda ęra serem chris- | tãos da linhágem daquelles que o apostolo sam Thome baptizára naquellas pártes : os quães | se governáuã per cērtos bispos Armeneos *que* aly residiam e per meyo delles dauã sua obediẽ- | cia ao patriárcha de Atmenea. [1552/pda5/f63v]: Cõ tudo em espaço de vinte dias aqui , em Cochij e no rio **Cranganor** que será daly | cinco lēgoas mais acima contra o nõrte : carregáram todalas náos muyta pimenta e algũas | drógas : sómente gengiure que depois foram tomar a Cananor . E neste porto da **Crãganor** | acháram os nõssos que aly foram carregar muytos cristãos de Sam Thome , por elle leixar | naquelle lugar algũas jgrejas feitas no

tempo que aly pregou o auangelho. [1552/pda7/f86r]: E a gente cõ | que o Çamorij começou seria atę sesenta mil hómeẽs de que a este tempo (segũdo dissẽmos) pe- | los cásos e perdas que tẽue tambem já tinha menos hũ terço : porem fama entre os nõssos ęra | que trazia per már e per tęrra quorenta mil hómeẽs seus e destes senhores que o ajudáuã , del- | les como vassálos e outros por serem amigos e vezinhos naquella tęrra Malabar que elle con | uocou cõtra nós . Beturácol rey de Tánor . Cacatunam Barij rey de Bampur e de Cucuram | junto da serra chamada Gáte , Cóta Agatacól rey de Cotugam entre Cananor e Calecut jũ- | to de Gáte , Curiur Coil rey de Curim entre Panane e Crangálor , Naubedarij principe | de Calecut , Nambeá seu jrmão , Lancol Nãbeádarij senhor de Repelij , Paraichera Eracol | senhor de Crangalor.

crusná – sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda9/f107r]: O primero destes rios náce de duas fontes ao oriẽte de Chaul quasy | per distância de quinze lęguoas ę altura entre dezoito e deznoue gráos : ao rio *que* say de hũa das | fontes *que* jáz mais ao nõrte chamã **Crusná** , e ao *que* say da *que* esta ao sul Benhorá , e depois que se | adjuntã ę hũ corpo chamãlhe Gãga , o qual vay sair na fóz do jllustre rio Gãge entre estes dous | lugáres Angelij e Pichóldá quásy ę vinte dous gráos.

cuama – sm. (étimo desconhecido) → zembęre. ‘hidrotopônimo’; canal pequeno por onde passa o rio’. [1552/pda10/118r]: O rio *que* vem | contra Sofála , depois que say deste lágo e corre per muyta distancia se repárte em dous brá- | ços , hum vay sair aquem do cábo das correntes , e ę aquelle aque os nõssos antiguamẽte cha- | mam rio dá laguóa , e óra do espirito sancto , nõuamente pósto per Lourenço Márquez que o | foy descobrir o anno de quorenta e cinco : e o outro bráço say abaixo de Sofála vinte cinco | lęguoas chamado **Cuama** , posto que dentro pelo sertam outros póuos lhe chamã Zembęre.

cucuram – sm. (étimo desconhecido) ‘corotopônimo’; ‘reino em que reinava Cacatunam Barij’. [1552/pda7/f86r]: E a gente cõ | que o Çamorij começou seria atę sesenta mil hómeẽs de que a este tempo (segũdo dissẽmos) pe- | los cásos e perdas que

tẽue tambem já tinha menos hũ terço : porem fama entre os nõssos ęra | que trazia per már e per tęrra quorenta mil hómeẽs seus e destes senhores que o ajudáuã , del- | les como vassálos e outros por serem amigos e vezinhos naquella tęrra Malabar que elle con | uocou cõtra nós . Beturácol rey de Tánor . Cacatunam Barij rey de Bampur e de **Cucuram** | junto da serra chamada Gáte , Cóta Agatacól rey de Cotugam entre Cananor e Calecut jũ- | to de Gáte , Curiur Coil rey de Curim entre Panane e Crangálor , Naubedarij principe | de Calecut , Nambeá seu jrmão , Lancol Nãbeádarij senhor de Repelij ,

cufá – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade localizada na Arábia’. [1552/pda1/f3r]: vięram alguũs naquella pártē jnterior de Arábia onde está situada a cidade | **Cufá** , per concórdia de sua cisma babilonica , enleger por calyfa a huã arábio chamado Cafá.

cufua coanfulo – sf. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’. [1552/pda3/35v]: Atádo o qual feitiço em hũ páno õ mãdou per hũ móço | a hũa das suas molhęres , em que elle tinha sospeita chamada **Cufua Coanfulo** : dizendo da | pártē do principe dom Afonso , que elle lhe mandaua aquelle feitiço , pera se liurar da mórte que | lhe el rey ordenáua , e assy a totalas outras suas molhęres.

cumbatá – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação pertencente à província Canará’. [1552/pda9/107v]: A terceira de- | marcaçam que diuide a prouincia Cauará do Dęcanacába no cábo Comorij : começando do | rio Aliga em que auerá cem lęgoas per esta maneira : de Aliga tę outro rio chamado Cãgerę- | corá , que está cinco lęguoas ao nõrte do monte Delij cábo notauel nęsta cósta , auerá quoręta | e seis lęguoas . No qual maritimo jázem estas pouoações Ancola , Egórapan , Mergu , a ci- | dáde Onor cabeça do reyno , Baticalá , Będor , Bracelor , Bacanor , Caręara , Carnáte , Mã- | galor , Mangeirã , **Cumbatá** , e Cangerecóra per *que* córre hũ rio deste nome que ę extremo , e de- | marcaçã , como se verã abaixo . As quaes pouoações todas sam da prouincia Canará subdi- | tas a elrey Bisnagá.

cuquiada – sm. (étimo desconhecido) ‘grito de guerra’. [1552/pda7/f80r]: e elles partiram de noite pera *que* em rompendo | alua dęssem no

lugar , adiantouse tão de Frâncisco Dalbuquer *que* que tēju tẽpo pera dar em hũ | lugar . O qual estáu tam apercebido que lógo á sayda ante menhã lhe matáram dous hómeãs | e feriram vinte , e depois que esclareceo que a terra foy appelládada , acodio tanto gẽtio *que* parecã | grálhas que deciam das aruores , por trazerem entre sy hũa maneira de se chamar a que elles | chamã **Cuquiada** , que nam determináuam os nóssos a que páрте auia mais . Os quães assy | eram lẽues e ousádos au cometer com suas espádas e adargas , que primeiro õs acháuam en | tre as pernas por as decepar , do *que* os nóssos õs podiam ferir.

curia muria – sf. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘arquipelágo’; ‘ilhas’. [1552/pda7/f79v]: Espedido Uicente Sodre delrey foy ter ajlha Çacotora onde fez sua aguoáda , e | della se passou ao cábo de Guardafu que e a mais oriẽtal terra que tem a páрте de Africa : e deste | cábo atrauessou á cósta de Arabia por ser mais seguida das náos que da India yam ou vinhã | do estreito do már roixo , em a qual parágem tomou algũas de Cambáya com roupas , e ou- | tras de Calecut com especearia que todas yam pera o estreito . E porque elle andou aly óbra | de dous meses e os ponentes que eram abril e máyo começaram ventar , conueolhe buscar | algum abrigo : o qual foy hũa enseáda vezinha ás jlhas a que chamam **Curia Muria** , e jsto | per conselho de dous mouros pilotos com fundamento que como viẽsse agosto de se fazer na | volta da India por já ser passádo o jnuerno .

curiáte – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação pertecente ao reino de Ormuz’. [1552/pda9/f106r]: De Curia Muria tẽ o cábo Rozsalgáte *que* está em vinte dous grãos | e meyo , e será de cósta cento e vinte lęguoas : toda e tẽrra esterelle e desẽrta . Neste cábo comẽ | ça o reyno de Ormuz , e delle tẽ o outro cábo Moçandan auerá oitenta e sete lęguoas de cósta : | em *que* jazem estes lugares do mesmo reyno , Calayáte , **Curiáte** , Mascáte , Soár , Calája , Or- | façam , Dobá , e Limma , que fica oito lęguoas ante de chegar ao cábo Moçãdan.

curim – sm. (étimo desconhecido) ‘corotopônimo’; ‘reino’. [1552/pda7/f86r]: E a gente cõ | que o Çamoriy começou seria atẽ sesenta mil hómeãs de que a este tempo (segũdo dissẽmos) pe- | los cásos e perdas que tēju tambem já tinha menos hũ terço : porem fama

entre os nóssos era | que trazia per már e per tẽrra quorenta mil hómeãs seus e destes senhores que o ajudáuã , del- | les como vassálos e outros por serem amigos e vezinhos naquella tẽrra Malabar que elle con | uocou cõtra nós . Beturácol rey de Tánor . Cacatunam Barij rey de Bespur e de Cucuram | junto da serra chamáda Gáte , Cóta Agatacól rey de Cotugam entre Cananor e Calecut jũ- | to de Gáte , Curiur Coil rey de **Curim** entre Panane e Crangálor.

curiur coil – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’; ‘rei de Curim’. [1552/pda7/f86r]: Beturácol rey de Tánor . Cacatunam Barij rey de Bespur e de Cucuram | junto da serra chamáda Gáte , Cóta Agatacól rey de Cotugam entre Cananor e Calecut jũ- | to de Gáte , **Curiur Coil** rey de Curim entre Panane e Crangálor.

cutiána – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/f106v]: e deste Iaquete *que* | e dos principáes tẽplos daquella gẽtilidáde com hũa nóbre pouoaçã tẽ a nóssa cidáde Dio do rei- | no Guzaráte cinquenta lęguoas , na qual distácia estam estes lugáres , **Cutiána** , Mangalor : | Cheruár : Patan , Corinár.

cuy – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/f109v]: Pam que e cabeçá do reyno assy chamádo , Pouticam , Calautã , Pa- | tane , Lugor , **Cuy** , Perperij e Bamplacot *que* está na boca do rio Mẽnam . Do qual comẽçã- | do entrar na octaua repartiçam nomearemos sómente os estádos dos principes que vezinhã | a cósta e nã os lugáres , porque nam sẽruem ao jntento da nóssa história : cá nesta páрте nã ou- | ue conquista nóssa , pósto que nauegássemos o maritimo per via de commẽrcio.

cuylii – sm. (étimo desconhecido) → congo. ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda10/f118r]: Per a qual páрте podẽmos dizer ser este grã lá- | go mais vezinho ao nóssos már oceano occidental que ao oriental segundo a situaçã de Ptho- | lemeu , ca do mesmo reyno de Congo somẽtẽ nelle estes seys rios Bancáre , Uámba , **Cuylii** , | Bibi , Maria maria , Zanculo , que sam muy poderóso em águoa.

cybitah ~ cibitah – sm. (étimo desconhecido) → bemoij bór byram → cámba ‘antropônimo’; ‘filho do rei bór byram.’ [1552/pda3/31r]: porque os dous jrmãos **Cybitah** e Cámba a trayçã | matáram a el rey Bór Biram

intitulando se por rey **Cybitah** que era mais velho , o qual cruã- | mente começou fazer guerra a Bemoij. [1552/pda3/31r]: E entre os filhos que deixou per sua mórte de molhe- | res diferentes (segundo seu vso) foram **Cybitah** e Cámba , que eram de hũa molhér , e Birã | de outra , que já fora casáda com outro marido : do qual marido ella tinha auido este Bemoij | de que falamos . E porque naquella tẽrra as mais vezes , mórto el rey : o póuo tóma hum dos | filhos que õ gouerne qual lhe mais apraz : elegeram por seu rey a Biram . O qual metido em | pósse de gouerno da tẽrra : fez muy pouca conta destes dous jrmãos **Cybitah** e Cámba , por | serem seus cõpetidóres no reyno por páрте do pay , e muyta estima de Bemoij seu jrmão da | páрте da mãem cõ quem nã tinha compitencia desta herança.

cypãgo → cypãngo.

cypãngo ~ **cypango** ~ **cypãgo** ~ **Sipangu** – sf. (< chin. *je-pen-kuó*)^m → iapões. ‘geomorfotopônimo’; ‘ilha’. [1552/pda3/f37r]: E vendo elle que el rey dom Ioam ordinariamente mandáua descobrir a cósta de | Africa com jntençam de per ella jr ter a Índia , como era hõmem latino e curioso em as cou- | sas da geographia , e lya per Márco Paulo que faláua modernamente das cousas orientaes | do regno Cathayo , e assy da grande jlha **Cypãngo** : veo a fantesiar que per este már oceano | occidental se podia nauegar tanto , tẽ que fõssem dar nesta jlha **Cypãngo** , e em outras tẽrras | jncognitas. [1552/pda3/f37v]: El rey porque via ser este Christouã Colom hõmem falador e gloriõso em mostrar | suas habilidades , e mais fantastico e de jmaginações com sua jlha **Cypango** , que certo no *que* | dizia : dáualhe pouco creçdito. [1552/pda3/37r]: Com as quães jmaginações que | lhe deu a continuação de nauegar , e prática dos hõmees desta profissam que auia neste regno | muy expẽrtos com os descobrimentos passádos : veo requerer a el rey dom Ioam *que* | lhe dẽsse | alguũs nauios pera jr descobrir a jlha **Cypãgo** per este már occidental. [1552/pda3/36V]: PRocedendo per esta maneira as cousas deste descobrimento , estando el rey o | anno de quatro centos nouenta e tres a seis de março em Ual do parayso junto | do mosteiro de nõssa senhora das virtudes termo de Santarem , por razam da | peste que andáua per aquella comárca : foy lhe dito que ao porto de Lixbõa era | chegádo hũ Christouã Colom , o qual diziam que vinha da jlha **Sipangu**.

D

dabul – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda9/f107]: Tornando a fazer outra cõputaçam desta | cidáde Chául atẽ o rio Aliga de Sintacóra em que acaba a tẽrra do Dẽcan auera setenta e cin | co lẽgoas : ao rio Zanguizar vinte cinco , no qual espaço ficam , Bandor , Sifardam , Calan- | cii e a cidáde **Dabul** , e do rio Zanguizar a outras vinte cinco lẽgoas onde está o pagóde se | contem , Ceitapor , Carapatã , Tamaga.

Dacam → dẽcan.

dalãguẽr – sm. (étimo desconhecido) → imáo. ‘geomorfotopônimo’; ‘monte’. [1552/pda4/f47r-47v]: Cujos angulos oppositos em mayór distancia , jazem nõrte sul : o angulo desta páрте do sul fáz | o cábo Comorij , e õ da páрте do nõrte , as fontes dos mesmos rios . As quães però que sobre a | tẽrra arebentẽ distinctas em os montes a que Ptolemeu chama Imáo , e os habitádores delles | **Dalãguẽr** e Nangrãcot , sam estes tam conjuuctos huũs aos outros , que quasy quẽrem escond | der as fontes destes dous rios. ~ **dale** – sm. (étimo desconhecido) ‘sociotopônimo’; ‘porto comercial’. [1552/pda6/f71r]: Partido de restello fazendo sua derróta via | do cábo Uerde o derradeiro dia de feureiro surgio no rosto delle : onde os nõssos chamam | porto **Dále**. [1552/pda9/f94r]: Pártida esta fróta dante nõssa senhora de | Bethlem , com boõ tempo que lhe fez a seis de abril chegou ao cábo Uerde onde chamam o | pórtio **Dale** , em o qual estáua fazendo resgáte descrauos hũa carauẽla deste reino.

dámam – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade da Índia’. [1552/pda9/f107]: e adiante oito lẽguoas say outro tambem | notáuel per nõme Tapetij , na fóz do qual hũa de fronte doutra estam as cidádes Surat e Rei | ner . Seguindo mais a cósta estam Nosçarij , Bandiuij , **Dámam** , Dãnu , Tarãpor , Quel- | maim , Algacim.

dãnu – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade da Índia’. [1552/pda9/f107]: e adiante oito lẽguoas say outro tambem | notáuel per nõme Tapetij , na fóz do qual hũa de fronte doutra estam as cidádes Surat e Rei | ner . Seguindo mais a cósta estam Nosçarij ,

Bandiuij , Dámam , **Dánu** , Tarápor , Quel- | maim , Algacim.

dáquem – sm. (→ *dëcan*) ‘corotopônimo’; ‘reino’. [1552/pda9/f107r]: A quáta páрте desta nóssa diu- | isam começa na cidadé Cambáya e acába no jllustre cábo Çamorij , na qual distancia por cósta | auerá dozentos e nouenta lëguos pouco mais ou menos : em que se comprehende quásy toda | a frol da Índia a mais trilháda de nós . A qual podemos deuidir em tres pártes cõ dous no- | táuees rios que ã atraessam do ponente a leuante : o primeiro diuide o reyno **Dëcan** (aque | corruptamente os nósos chamam **Dáquem**) do reyno Guzaráte que lhe fica ao nóрте , o seguu | do apárta este reyno **Dëcan** do reyno Canará , que fica ao sul delle . E ajnda parece que como | a natureza fez esta diuisam pelo jnterior do sęrtam , assy acerca dos que habitam o marítimo de | toda esta cósta per outros rios muy pequenos que nãcem nas cóstas destes dous notáuęes , fa | zem a mesma demarcaçam do Guzaráte **Dëcan** e Canará.

darádo – sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’; ‘corrente’. [1552/pda3/f33r]: Geralmente a terra que jáz entrelles estenden- | dose contra oriente atę cento e setenta lëguoas se chama Ialof , e os seus pouos Ialofos : | posto que em sy comprehendem muyto mais gerações das ques Ptolemeu terminou dentro | nas correntes de **Darádo** e Stachio.

darágo – sm. (étimo desconhecido) → çanagá. ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda3/f33r]: E tambem por ficar entre dous notáues rios a | que elle chama **Darágo** que é Çanagá e Stachiris Gambea , os quáes na entráda do már | quasy jmitam á verdáde que nos óra temos : però no curso de cada hum desfaleceo , pois lhe | dá o nacimiento muy curto e elles vem das fontes que acima dissemos , aos quáes Pto- | lemeu nam dá saida como móstra a sua táuo.

daut – sm. (< ár. *dāud*)^m. → quilloa. ‘antropônimo’; ‘rei de Quilloa’. [1552/pda8/f98r]: Per mórte do quál lhe succedeo seu filho Ale Buniale , *que* reinou quorenta | ãnos : e por nã ter filho herdou Quilloa Ale Busoloquete seu sobrinho , filho do jrmão *que* ti- | nha em Mõfia : *que* nam durou no estádo mais *que* quatro ãnos e meyo . Ao quál succedeo **Daut** | seu filho *que* foy lançádo de Quilloa aos quatro ãnos de seu reinádo , per Matáta Mãdelima *que* | ęra rey de Xãga seu jmigo : e **Daut** se foy pera Mõfia õde morreo.

dëcan ~ dëcan ~ dacam – sm. (talvez < ár. *dekán*)^m. → dáquem. ‘corotopônimo’; ‘reino’. [1552/pda9/f107r]: A quáta páрте desta nóssa diu- | isam começa na cidadé Cambáya e acába no jllustre cábo Çamorij , na qual distancia por cósta | auerá dozentos e nouenta lëguos pouco mais ou menos : em que se comprehende quásy toda | a frol da Índia a mais trilháda de nós . A qual podemos deuidir em tres pártes cõ dous no- | táuees rios que ã atraessam do ponente a leuante : o primeiro diuide o reyno **Dëcan** (aque | corruptamente os nósos chamam **Dáquem**) do reyno Guzaráte que lhe fica ao nóрте , o seguu | do apárta este reyno **Dëcan** do reyno Canará , que fica ao sul delle . E ajnda parece que como | a natureza fez esta diuisam pelo jnterior do sęrtam , assy acerca dos que habitam o marítimo de | toda esta cósta per outros rios muy pequenos que nãcem nas cóstas destes dous notáuęes , fa | zem a mesma demarcaçam do Guzaráte **Dëcan** e Canará. [1552/pda4/f47v]: E no reyno **Dacam** diuidido em muytos | senhorios *que* tẽ estádo de reyes cõ õ de Palę *que* jáz entre hũ e o outro.

dëcanacába – sm. (étimo desconhecido) → canará. ‘corotopônimo’; ‘reino pertencente à província Canará’. [1552/pda9/107v]: A terceira de- | marcaçam que diuide a prouincia Canará do **Dëcanacába** no cábo Comorij : começando do | rio Aliga em que auerá cem lëgoas per esta maneira : de Aliga tę outro rio chamádo Cãgerę- | corá , que está cinco lëguoas ao nóрте do monte Delij cábo notauel nęsta cósta , auerá quoręta | e seis lëguoas.

decanijs – sm. pl. (< ár. *deqanī*)^m. ‘etnotopônimo’; ‘povo morador do reino Decan’. [1552/pda9/107v]: E pósto que no rio Aligá de Sintácora que está mais adiãte doze lëgoas se demar- | que o reino **Dëcan** , começãdo do rio Bâte como dissemos , fãzem os moradóres da tęrra esta | differença : a todo o marítimo que contamos até a sęrra Gáte que vay ao longo da cósta com *que* | elle faz hũa comprida e estreita faixa de tęrra , chamã elles Concan , e aos pouos propriamen- | te Conquenijs , posto *que* os nósos lhe chamam Canarijs , e a outra tęrra que jáz do Gáte pera | o nacimiento do sól , este é o reino **Dëcan** cujos moradores se chamã **Decanijs**.

delij – sm. (étimo desconhecido) → malabar. ‘corotopônimo’; ‘geomorfotopônimo’ ‘reino’; ‘monte’; ‘cabo’. [1552/pda4/f47r]: A

Regiam aque os geographos própriamête chamã India , e a tẽrra *que* jáz en- | tre os dous jllustres e celebrádos rios Indo e Gange , do qual Indo ella to- | mou o nome : e os pous do antiquissimo reyno **Delij** , cabeça per sitio e po- | der de toda esta regiam | e assy a gente Pársea aella vezinha. [1552/pda6/f72r]: e depois que chegáram | a ilha de Anchediua viçram as mais de toda aquella armáda , sómente Antonio do Campo *que* | nam passou aquelle áno a India . E nesta jlha conualçeço toda a gente *que* leuáua enferma , e | dhy se foy tomar ao monte **Delij** por ser hũ cabo muy notáuel *que* esta no principio da cósta Ma | labar.

dengueh – sm. (étimo desconhecido) → çanagá. ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pd3/f32r]: ESta tẽrra que per comum vocabulo dos naturáes é chamáda Ialoph , jáz en- | tres estes dous notáues rios Çanága e Gámbea : os quáes pelo cõprido cur- | so que trázem , recebem diuẽrsos nomes segundo os pous que õs vezinham . | Porque onde õ chamádo Çanága per nós , se mête no már oceano occidental , | os póuos Ialóphos lhe chamam **Dengueh**.

dio – sf. (talvez < sânscr. *dvipa*)^m. ‘poliotopônimo’; ‘cidade do reino Guzarate’. [1552/pda9/107v]: neste mesmo tempo fez doaçam della de juro e herdade a Antonio da silueira de menses filho | de Nuno Martinz da Silueira senhor de Góes , em satisfaçã dos seruiços *que* fez na India em | o cerco da cidade **Dio** do reyno Guzarate , onde estaua por capitam quando foy cercádo per | Soleman Bassá capitã mór darmáda do Turco , (como se vera em seu logar).

diul – sf. (→ dio) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/f106v]: Atraessando deste cábo Moçãdan aõ decima a elle oppósito chamádo Iásque | cõ *que* a boca do estreito fica feita , entramos na segũda diuisam , *que* é muy pequena e pouco pouoáda : | porque deste cábo Iasque até o jllustre rio Indo sam dozentas lẽguoas , nas quáes estã estas po- | uoações Buadẽl : Calará : Calamête e **Diul** situádo na primeira fóz do Indo da párte do ponẽ | te.

dobá – sm. (étimo desconhecido) → ormuz. ‘poliotopônimo’; ‘povoação pertencente ao reino de Ormuz’. [1552/pda9/f106r]: Neste cábo comẽ | ça o reyno de Ormuz , e delle tẽ o outro cábo Moçandan auerá oitenta e sete lẽguoas de cósta : | em *que* jazem estes lugares do mesmo reyno , Calayáte , Curiáte , Mascáte , Soár , Calája , Or- | façam , **Dobá** ,

e Limma , que fica oito lẽguoas ante de chegar ao cábo Moçãdan.

dofar – sf. (< ár. *zofar*)^m. → norbáte. ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda9/107v]: E daquy tẽ Cu- | ri Muria , duas pouoações onde se perdeo Uicente Sodré auerá setẽta lẽguoas : e fica neste | meyo a cidáde **Dofar** , frol donde há o melhór e mais encẽso de toda esta Arábia , e adiãte vin | te duas lẽguoas Norbáte.

don – sm. (étimo desconhecido) → tanais. ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda9/f106r]: E começãdo ã vniuersal , a tẽrra de Asia é a mayór párte das tres em *que* os geographos | diuidirã todo o vniuerso , e apártasse da Európa per o rio Tanais aque agóra os naturáes della | chamam **Don** , e per o mar nẽgro onde se elle vẽ meter cõtinuado ao de Grecia pelo estreito de | Cõstantinopla : e da Africa apartase per outro rio oppósito a elle , (o qual pela grã cópia de suas | águoas sempre reteue o antiguo nóme de Nilo *que* tem).

E

egórapan – sf. (étimo desconhecido) → canará. ‘poliotopônimo’; ‘povoação pertencente à província Canará’. [1552/pda9/107v]: A terceira de- | marcaçam que diuide a prouincia Canará do Dẽcanacãba no cábo Comorij : começando do | rio Aliga em que auerá cem lẽguoas per esta maneira : de Aliga tẽ outro rio chamádo Cãgerç- | corá , que está cinco lẽguoas ao nórte do monte Delij cábo notáuel nẽsta cósta , auerá quorẽta | e seis lẽguoas . No qual maritimo jázem estas pouoações Ancola , **Egórapan** , Mergu , a ci- | dáde Onor cabẽça do reyno , Baticalá , Bẽdor , Bracelor , Bacanor , Carçera , Carnáte , Mã- | galor , Mangeirã , Cumbatá , e Cangerecóra per *que* cõrre hũ rio deste nome que é extremo , e de- | marcaçã , como se verã abaixo . As quaes pouoações todas sam da prouincia Canará subdi- | tas a elrey Bisnagá.

embrenh[ar] – v. (origem controversa)^h. ‘ocultarse’; ‘desaparecer’. || IPP6 [1552/pda1/f15r]: Però elles yam de manei | ra que nam sómente se afastáram da costa do már , mas ajnda fóram dar auiso aos outros que | viuiam na aldeia cõ que os nõssos trabalháram de balde

naquella jda : pósto que quando torna- | ram ao outro dia , acharam hũs cinco mouros que do dia passádo quando yam fogindo se | **embrenharã**. | IPP6 [1552/pda1/19r]: Os quães como éram ligeiros e des- | pejádos de roupa , nam ouue algum dos nósos que se atreuêsse aos alcançar , nem menos se | quissêram meter no máto onde se **embrenháram** , e tornandose ao nauio tomáram duas ne- | gras que andáuam mariscando.

emozaidij ~ emozaydij – sm. (étimo desconhecido) ‘doutrina religiosa que se opunha ao islamismo’. [1552/pda8/f96r]: os primeiros pouos estrangeiros que a esta tẽr | ra Zanguebar viẽram habitar : forã de hũa gente dos Arabios desterráda , depois que recebe- | ram a secta de Mahamed . A qual (segundo soubemos) per hũa chrónica dos reys de Qui- | loa de que a diante fazemos mençam , elles lhe chamã **Emozaydij** : e a causa deste destẽro foy | por seguirem a doutrina de hũ mouro chamádo Zaide , *que* foy nõto de Hocem filho de Ale o so- | brinho de Mahamed , casádo cõ sua filha Axa . O qual zaide tẽue algũas openiões cõtra o seu | Alcorã , e a todolos *que* seguirã a sua doutrina os mouros lhe chamáram **Emozaidij** , que quẽr | dizer subditos de Zaide , e õs tem por heréticos : e perõ que estes foram os primeiros que de | fóra viẽram habitar aquella tẽrra , nam fũdáram notáuees pouoações , sómente se recolheram | em pártes onde podêsem viue seguros dos Cáfres.

enconij – sm. (étimo desconhecido) → mafamed. ‘antropônimo’. [1552/pda8/f94r]: Cide Mahamed confuso com o recádo nam ousou responder , sómente que logo traria a | reposta. [1552/pda6/f72r]: Acabáda esta solennidáde espediose o Almirãte delle , e assy de Ma | hamede **Enconij** : que foy pártre muy principal pera elrey vir áquella obediencia , e o Almirãte | folgou muyto de õ ver por quã fiẽl amigo sempre se mostrou aos capitães *que* aly foram.

enz – sf. (étimo desconhecido) ‘poli-topônimo’; ‘cidade’. [1552/pda8/f92r]: O qual se jntituláua com este | appellido Algauri , de que se elle muyto gloriáua : por lhe ser pósto por causa de hũa gram vic- | tória que ouue de hum rey da Persia , junto de hũa alagóa chamáda Algaor , que faz o rio | Euphrates , entre **Enz** e Bagadad donde lhe dẽram por appellido Algauri.

escander – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’; ‘rei da Etiópia’

[1552/pd3/f30r]: e elle Perõ de Couilhaã á tor- | nouse ao már roxo , e dhy foy tẽr á cõrte do Prẽste per nome Alexandre a que elles chamam | **Escander** . O qual õ recebeo com honra e gasalhádo : estimando em muyto , principe da Chri | standáde das pártes da Európa , mandar a elle embaixador , o que deu esperança a Perõ de | Couilhaã podẽr ser bem despachádo.

estrug[ir] – v. (origem obscura)^h. ‘vibrar algo muito forte’. | IP6 [1552/pda3/f24v]: Caramansa como tambem éra hõmem *que* queria | mostrar seu estádo , veo com muyta gente pósta em ordenança de guẽrra : com grande mati- | náda de atabáques , bozinas , chocálhos , e outras cousas que mais **estrugiam** que deleitáuam | os ouuidos.

estrupido – sm. (origem obscura)^h. ‘barulho muito forte’. [1552/pda1/f9v]: E sendo já bem tres lẽgoas alongádos do nauio : viram atrauessar | hũ hõmem nuu com dous dárdos na mão tangendo hũ camẽlo que leuáua ante sy . O qual tan | to que ouuido o **estrupido** dos nósos e õs vio correr cõtra sy , assy ficou cortádo de meço sem se | bulir , que ante de tomar outro animo , era já com elle Afonso Gotẽrez por ser hõmem mãcebo | ligeiro e bem despachádo nestes negócios.

F

fanões – sm. pl. (< tâm-malaia. *panam*)^d. ‘moedas de ouro da Índia’. [1552/pda9/f112v]: A cerimónia de armãrẽ caualeiro , e jr cõ todolos parentes e amigos cõ pompa e | apparáto de fẽsta a cása delrey ou senhor cõ que viue , e offerecelhe sessenta moedas douro aque | chamã **fanões** , cada hũ dos quães póde valer da nõssa moeda vinte reães , todos póstos ã hũa folha de betelle : e o senhor lhe pergunta se quẽr ser caualeiro , e elle com todolos que õ acompa | nham a hũa vóz respondem , sy , Entam lhe manda cengir hũa espáda de bainha vermelha , e | põenlhe a mão pela cabeça dizendo entre sy çertas paláuras da religiam daquella órdem : e | depois em alta vóz diz estas : Paguẽgo brámmena bisquera , que querem dizer guardáras os | Brámmenes e as vácas : e dito jsto o senhor lhe dá dous **fanões** douro em sinal e começo de | pága do soldo , ou moradia que cada mês a de ter delle , e esta é a primeira honra que recebe.

faraçolas – sf. pl. (< ár. *fārsala*)^d. ‘peso antigo que se usava no comércio marítimo da Índia’. [1552/pda10/f126r]: E o primeiro pórtio que tomou na fim de nouembro de quinhentos e seys foy Melinde , onde o rey da terra õs recebeo com muyto prazer , e a espedida lhe cõ | cedeo Nuno Uáz que podesse mãdar duas **faraçolas** que serã trinta e seys arrateões dos nõssos | de contas de Cambáya pera se lá resgatárem a troco douro : e assy lhe deu hũ mouro velho que | trazia por escrãuo.

fartáque ~ **fartaque** – sf/sm. (< ár. *fartaqī*)^m. ‘poliotopônimo’; ‘geomorfotopônimo’; ‘cidade’; ‘cabo’. [1552/pda9/f106v]: leixando o jnterior dos dous estreitos do már roixo e Párseo pera seu tem | po : da gargãta deste roixo *que* está em altura de doze grãos e dous terços até a cidáde Adem ca- | beça daquelle reyno , auerã quorêta lēguoas , e della ao cábo de **Fartaque** que está em quatorze | grãos e meyo serã cem lēguoas . Entre os quaes extremos ficã estas pouoações Abiã Ar , Ca | naçã , Brum , Argel , Xaql cidáde cabeça do reyno : Herit , a cidáde Cákem *que* está sete lēguoas | ante de chegar ao cábo **Fartáque** , e na vólta delle outro tanto espáço está a cidáde **Fartaque** ca- | beça do reyno assy chamádo de *que* o cábo tomou o nóme e a gēte Fartaquijs.

fartaquijs – sm. pl. (→ *fartaque*) ‘etnotopônimo’; ‘povo da cidade Fartaque’. [1552/pda9/f106v]: ante de chegar ao cábo **Fartáque** , e na vólta delle outro tanto espáço está a cidáde **Fartaque** ca- | beça do reyno assy chamádo de *que* o cábo tomou o nóme e a gēte **Fartaquijs**.

faya – sf. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘ilha’. [1552/pda3/f37r]: Assy como Antonio de Nólle seu natural , o qual tinha des- | cuberto a jlha de Santiágo de que seus successores tinham párte da capitania : e hum Ioam | Baptista francés de naçam , tinha a jlha de Mayo , e Ios Dutra framengo outra do **Faya**.

fez – sm. (< ár. *fās*)^m. ‘corotopônimo’; ‘reino’. [1552/pda4/f50v]: Nas quães óbras elrey seu senhor , nam | buscãua mais que a glória de acabar grandes cousas por seruiço de seu deos e fãma dos Portu | gueses . Porem com os mouros por serem seus contrairos contrairamente se auia , cá per fór- | ça de ármãs nas pártes de Africa que elles habitam , lhe tinha tomádo quátro principaes for- | ças e pórtos de már do reino de **Fez** : porjssso onde quér que se achãuã sómente jnfamãuam | de boca o nome Portugues , mas ajnda maliciósamente lhe procurãuam a morte , e

nam rostro | a rostro por terem experimentádo o seu fẽro.

foteima – sm. (< ár. *futayma*)^a. → xẽque. ‘antropônimo’; ‘mouro que era tio do rei de Melinde’. [1552/pda5/f57r]: Na qual achãram hum mouro que deu razam a Pedrãluarez que o temor | delle õs fizera varar em seco , e que daquellas duas náos vinha por capitã hum mouro princi- | pal chamádo Xequé **Foteima** *que* ẽra tio delrey de Melinde : qual viẽra Çofãla fazer resgãte | com fazenda que trouxẽra naquellas duas náos , e que se tornãua pera Melinde . Sabendo | Pedrãluarez vir aly pesõa tam principal õ mandou segurar , e veu a elle Xẽque **Foteima** , hó- | mem de jdãde e *que* em sua presença representãua quem elle disse ser : ao qual Pedrãluarez fez | honra e gasalhãdo por ser tio delrey de Melinde , de quem dom Uásco da Gãmma quando | per aly passou tinha recebido o gasalhãdo que atras vimos.

fullos ~ **fulos** – sm. pl. ([< neoár. *phūl*)^d, ou < ár. *fullāl*)^a. → guiné. ‘etnotopônimo’; ‘povos vizinhos da Guiné’. [1552/pda3/f33r-33v]: E como esta mais | ocidental que Tungubutu , geralmente concorriam a ella os poucos que lhe sam mais vezinhos : | assy como os Çaragolẽes , **Fullos** , Ialóphos , Azanẽgues , Brábaxijs , Ligurarijs , Luddãyas | da mão dos quaes per via do castẽllo de Arguim e de toda aquella cósta vinha o ouro a nós- | sas mãos. [1552/pda4/f43r]: A entrã- | da do qual rio depois *que* virã o gẽtio *que* habitãua á borda delle , deu grãde animo a toda a gente , | pera quã quebrãdo õ leuãua : tẽdo tanto nauegãdo sem achar mais *que* negros bárbaros como | os de Guiné vezinhos de Portugal . E a gēte deste rio però *que* tãbem fosse da cór e cabelo co- | mo elles ẽram , auia entrelles hómẽes **fulos** *que* parecã mestijos de negros e mouros , e alguũs | entendiã palãuras do arauigo *que* lhe falãua hũ marinheiro per nome Fernã Martinz , mas a ou- | tra linguaõ própria nenhũ dos nõssos ã entẽdia : donde Uásco da Gãma sospetãua , *que* estes ne | gros assy na cór como nas palãuras do arabio podiã ter cõmunicãca cõ os mouros.

fuqmem – sf. (étimo desconhecido) → china. ‘corotopônimo’; ‘região da China’. [1552/pda9/f109v]: Adiante delle entra a regiam da China repartida | em quinze governãças , cada hũa das quães póde ser hũ grãde reyno : as maritimas *que* fazem a | nõsso proposito sam Cantam , **Fuqmem** .

fusta – sf. (origem controversa)^h ‘embarcação’. [1552/pda9/f109v]: Ioam de castilha em ou- | tra carauêla de Aluáro Gonçalvez de Tayde áyo del rey , *que* tambien foy conde da Touguia , e | outras caráuêlas que per todas fizêram numero de vinte seis a fóra a **fusta** em que ya Palaçá- | no , e cada hũa partio do póрто onde se armou.

futa – sf. (étimo desconhecido) → temalá. ‘poliotopônimo’; ‘comarca’. [1552/pda3/f38v]: O qual Temalá nestes tempos foy naquellas | pártes hũ jncendio de guerra , leuantandose da párte do sul em hũa comarca chamada **Futa** com | tanto numero de gentes que secáuam hũ rio quando a elle chegáuam.

G

gãbea → gámbea.

gadrafu – sm. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘cabo’. [1552/pda5/f65V]: O qual entre muytas cousas *que* cõtou a Pedráluarez dos trabálhos *que* teue em sua nauegaçã , foy | jr ter ao porto da cidade Magadaxo cõtra o cábo de **Gadrafu** : onde achou duas náos carre- | gadas despecearia *que* aly érá vindas de Cábáya.

gafanhótos – sm. pl. (< ár. *gafa*)^a ‘inseto pertencente à classe *orthoptera*. [1552/pda4/f43r]: Porque o seu comer éra | hũa pouca de semête que o campo per sy dá que se parece cõ painço de Espanha , e assy raizes e | gomos dalgũas poucas de heruas , e nã ajnda em abastãça : e toda maneira de jmmũdicia de | lagartixas e **gafanhótos** torrãdos áquella feruura do sol que sempre reina naquelle solsticio do | tropico de Cancro que pássea per cima daquella regiam.

gãga ~ **ganga**¹ – sm. (< hind. *gangá*)^m → nagũdij. ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda9/f107r]: O primero destes rios náce de duas fontes ao oriête de Chaul quasy | per distãcia de quinze lèguoas ã altura entre dezoito e deznoue grãos : ao rio *que* say de hũa das | fontes *que* jáz mais ao nórte chamã Crusná , e ao *que* say da *que* esta ao sul Benhorá , e depois que se | adjuntã ã hũ corpo chamãlhe **Gãga** , o qual vay sair na fóz do jllustre rio Gãge entre estes

dous | lugãres Angelij e Pichóldá quasy ã vinte dous grãos. [1552/pda9/f109r]: Ficando po | rem ajnda nesta distancia de cem lègoas , na vólta do cábo Segógora hũa enseáda que é do rei | no Orixá , onde vem sayr o outro rio chamado **Ganga** de que atras falamos : o qual atrauêssa | pela mayór párte deste reino e passa ao lóngo da cidade Ramaná metropolly delle , e vem se | meter com o rio Ganges , onde elle tambien entra no már.

gãge → gange(s).

gaitas – sf. (< ár. *gãita*)^a ‘instrumento musical de porte pequeno com duas séries de palheta’ em que se sopra e se inspira’. [1552/pda5/f55r]: E o que mais leuantãua o espirito destas cousas , eram as trombetas , ata | báques , seštros , tambores , frautas , pandeiros : e atê **gaitas** cuja ventura foy andar em os cã- | pos no apascentar dos gãdos , naquelle dia tomãram pösse de jr sôbre as águoas salgãdas do | már , nesta e outras armãdas que depois ã seguiram , porque pera viãgem de tanto tu- | do os hómeees buscãua pera tirar a tristeza do már.

gámbea ~ **gambea** ~ **gãbea** – sm. (étimo desconhecido) → gambu. ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda3/f32v]: E sendo ryo que vem de tam longe , nam tráz tanto peço dãguoa , nem a marê sóbe tanto per | elle como o ryo de **Gámbea** de Cantor. [1552/pda3/f33r]: Arguim e de toda aquella cósta vinha o ouro a nós- | sas mãos , e outros pouos do jnterior de Mandinga acodiam ao resgãte de Cantor a *que* vam | os nössos nauios , per o rio **Gambea** . E nam trazendo *as areaes* destes dous notãuêes rios | Çanagã e **Gámbea** , tanto ouro como às do nösso Tejo e Mondego : está tam trocãda a opi- | niam dos hómeees , que menos estimã o *que* tem acerca de sy , que o que esperam per tantos peri- | gos e trabálhos como passam em ò jr buscar a estes dous rios barbaros. [1552/pda3/f32v]: Em *que* se descreue a tẽrra *que* jáz entre os dous rios Çanagã e **Gãbea** , e do | curso delles.

gambu – sm. (étimo desconhecido) → gámbea. ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda1/f32v]: O outro ryo Gámbea do resgãte do Cantor , nam tem tanta variaçãem em | nome , porque quasy todo elle tẽ o resgãte do ouro onde vam os nössos nauios que será da bár | ra por razam das suas vólta cento e oitẽta lèguoas , e per linha dereita oitẽta : chamã lhe os ne | gros da tẽrra **Gambu** e nos Gámbea.

ganda – sf. (talvez < bengal. *ganda*)^m ‘geomorfotopônimo’; ‘ilha oriental’. [1552/pda1/f4r]: e senhores das ylhas

orientaes de Ma- | luco , **Ganda** , e sómente se intitulam por reyes de Portugal , e dos Algarues daquem e da- | lem már , senhores de Guiné e da conquista, nauegaçam , e comércio , da Ethiópia , Arábia , | Pérsia , e Índia.

gandár – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/f107r]: E tornado á primeira destas | tres demarcações de reynos *que* é á do Guzaráte , e começado da sua cidade Cábaya onde acabá- | mos a terceira diuisam ao rio Báte , ou por falar mais notáuelmête ao de Nogotáua a elle vezi- | nho auerá setenta lēguoas , em *que* estã estas pouoações : Machigam , **Gandár** , a cidade Baró- | che.

ganga¹ → gãga.

gánga² – sm. (→ gãga) ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda9/f107r]: E porque cõ a cópia das muytas águoas | *que* lēua em *que* parece querer cõpetir cõ o Gange , ou per qualquer outra opiniã do gētio , como ao | Gãge elles chamã **Gánga** , e tẽ *que* as suas águoas sam sanctas (segũdo adiante veremos). [1552/pda9/f108r]: por causa do grande reyno Bengála per onde | córre o rio Gange muy sobérbo com a furia de suas águoas , e entra no már Oceano . Cujas | bocas Ptolemeu situa entre oito e nóue grãos da páрте do nóрте , e nós entre vinte dous e | vinte dous e meyo : ao qual rio os naturáes chamam **Gánga** , acerca delles e de todo o gen- | tio oriental tam celebrádo em nóme por a cópia de suas águoas , como venerádo por a reli- | giam de sanctidade que todos possēram nellas.

gáte ~ **gate** – sf. (< neoár. *ghátt*)^m. ‘geomorfotopônimo’; ‘serra’. [1552/pda9/f107r]: E ajnda parece que como | a natureza fez esta diuisam pelo jnterior do sērtam , assy acerca dos que habitam o maritimo de | toda esta cósta per outros rios muy pequenos que nãcem nas cóstas destes dous notáuēes , fa | zem a mesma demarcaçam do Guzaráte Deçan e Canará : e assy os pequenos como os grã- | des todos vērte da grãde sērra chamáda **Gate** , *que* como atras vimos córre ao lógo da cósta sem | pre a vista do már . Però tem está differēça , *que* õs grandes nãcem no **Gáte** da banda do oriēte , e porque das suas fontes ao már onde elles vã sair *que* é na enseáda de Bengála , há grãde distã- | cia leuádo cõsiguo grãde numero de outros rios : passam nã sómente per estes reynos acima | nomeádos *que* elles diuidem , mas ajnda per outros *que* nã

nomeámos , *que* por serẽ no jnterior da | tērra nã sēruẽ ao presente.

gató – sm. (étimo desconhecido) ‘sociotopônimo’; ‘porto comercial de escravos em Benim’. [1552/pda3/f27v]: E porque este reyno de Benij ẽra perto do castēllo de sam | lorge da mina , e os negros que traziam ouro ao resgáte della folgáuam de comprar escráuos | pera leuar suas mercadórias : mandou el rey assentar feitoria em hũ póрто de Benij a *que* cha- | mam **Gató** , onde se resgatauam grande numero delles , de *que* na mina se fazia muyto prouei | to , porque os mercadóres do ouro os compráuam por dobrádo preço do *que* valiam cá no rey- | no.

gēgiure → gengiure.

gengiure ~ **gēgiure** – sm. (talvez < ár. *zenfeber* ou *zānjabil*; < lat. *zinziber*)^m. ‘erva da familia das zingiberáceas, usada como tempero, medicamento e em perfumaria. [1552/pda5/f63v]: Cõ tudo em espaço de vinte dias aqui , em Cochij e no rio Cranganor *que* será daly | cinco lēgoas mais acima contra o nóрте : carregáram todalas náos muyta pimenta e algũas | drógas : sómente **gengiure** *que* depois foram tomar a Cananor. [1552/pda5/f63v]: PArtido Pedralvarez Cabral per este módo do póрто de Cochij via de Cananor | passou a vista de Calecut , e a principal causa *que* õ moueo a fazer este caminho | foy tẽr mandádo dizer a elrey de Cananor *que* auia de passár pela sua cidade a | tomar **gēgiure**.

genito → gentio(s).

genná ~ **gennã** – sf. (talvez < ár. *jinnã*)^m. → guiné. ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda3/f33v]: E assy con- | corriam a outra cidade *que* está nas correntes deste rio chamáda **Genná** a qual em outro tēpo | ẽra mais cēlebre *que* Tungubutu : e ou *que* ella dēsse nome ao reyno , ou *que* o reyno õ desse aella , daquy | se chama acerca de nós toda aquella regiam de Çanagá por diante Guiné , posto *que* entre | os negros huũs lhe chãmam **Gennã** , outros Iannij , e outros Gennij.

gennij – sf. (→ gennã) → guiné. ‘geomorfotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda3/f33v]: E assy con- | corriam a outra cidade *que* está nas correntes deste rio chamáda Genná a qual em outro tēpo | ẽra mais cēlebre *que* Tungubutu : e ou *que* ella dēsse nome ao reyno , ou *que* o reyno õ desse aella , daquy | se chama acerca de nós toda aquella regiam de Çanagá por diante Guiné , posto *que* entre | os negros huũs lhe chãmam Gennã , outros Iannij , e outros **Gennij**.

gentio(s) ~ gētio(s) ~ genito – sm. pl. (origem controversa)^h. ‘etnotopônimo’; ‘povo autóctone’; ‘indígena’. [1552/pda9/f112r]: E reduzindo nos pera nósso jntento , o **gentio** na- | tural e próprio jndigena da tērra é a quelle póuo aque chamámos Malabáres : há hy outro *que* | aly veo da cósta de Choremandel por razam do tracto , aos quáes chamã Chingálas *que* tē pró- | pria lingua , a que os nósos comūmēte chamã Chatijs. [1552/pda3/f27v]: E per este módo ficárã me- | tidos em o conto dos fiēes da jgreja mais de mil almas , que cada hum anno ante deste san- | cto prēcepto eram póstas em perpétua seruidam do demómo , ficando **gentios** como eram , ou | se faziam mouros , quando per via do resgáte que os muros fazem com os negros da prouincia | de Mandiga ós auiam a seu poder. [1552/pda4/f47v]: Neste tēpo *que* Uásco da Gã | ma chegou aella , pósto *que* geralmēte toda esta tērra Malabár fósse habitáda de **gētios** , nos pór- | tos do már viuia alguñs mouros , mais por razam da mercadoria e tracto *que* por tēr algũ estádo | na tērra. [1552/pda4/f43r]: A entrá- | da do qual rio depois *que* virã o **gētio** *que* habitáua á borda delle , deu grãde animo a toda a gente , | pera quã quebrádo ò leuáua : tēdo tanto nauegádo sem achar mais *que* negros bárbaros como | os de Guinëz vezinhos de Portugal. [1552/pda5/f50r]: Uásco da Gámma como per estes e outros auisos que lhe tinha | dádo , jntendeo ser hómeme fiēl , per elle escreueo a seu jrmão Paulo da Gámma , fazendo- | lhe sabēer o que passáua e sentia dos mouros , encomendandolhe resguárdo na communi- | caçam da gente da tērra *que* fossem a bordo dos nauios , porque os mouros tudo auiam de ten | tar pera ós meter em ódio com o **genito** da tērra.

genuij – sm. (→ genná) → guiné. ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda3/f32v]: Entre algũs rios que nelle en- | tram , e hũ que vem da páрте do sul das tērras a que os negros propriamente chamam Guiné , | ou **Genuij** (como abaixo verēmos :) o qual por vjr per lugáres barrentos tráz suas águoas hũ | pouco vermelhas , e elle Çanágá tem as suas daly pera cima brancas : e ao lugar onde se am- | bos ajuntam chamam lhe ós poucos Çaragolēes Gufitembó , que quēr dizer branco e verme- | lho.

gergelim – sm. (< ár. *juljulān*)^d. ‘semente pequena chamada de sésamo oriental usada como especiaria’. [1552/pda9/f112v]: Estes seus mēstres nam sómēte lhe | ensinam o módo

desgrima de toda árma , saltar , correr , e outras desenuolturas : mais ajnda pe- | ra ós fazērem mais dēstros e lēues , lógo no principio desta sua doutrina ós quēbram e descon- | juntam a maneira de volteadóres , e pera jssó ós vntam com azeite de gergelim por os nēruos | nam receberam lēsam.

geru – sf. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘ilha’. [1552/pda8/f91v]: E como Maláca éra hũ centro onde | concurriã todos os nauegátes que andauã nesta permutaçam , assy os da cidáde de Calecut , si- | tuáda na cósta de Malabar , e os da cidáde de Cambáya situada na enseáda que tomou o no- | me della , e os da cidáde Ormuz pósta na jlha **Geru** dentro na garganta do már Persico , co- | mo os da cidáde Adem edificáda de fora das pórtas do már roxo : toçados com a riqueza deste | commērcio tinham feito a estas cidádes muy jllustres e celebrádas feiras.

gētias – sf. pl. (origem controversa)^h. ‘etnotopônimo’; ‘indígena’. [1552/pda9/f112r]: Habitã mais na- | quella prouincia do Malabar dous gēneros de mouros , huñs naturáes da tērra aque elles | chamã Nayteas que sam mestiços : quanto aos pádres da geraçã dos Arábios *que* no principio | começárã habitár , e por páрте das mãdres das **gētias** *que* tomáram por molhēres.

góa ~ **goa** – sf/sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘corotopônimo’; ‘cidade’; ‘reino’. [1552/pda4/f52v]: Hũ senhor mouro chamádo Sabáyo cuja éra hũa cidáde per nome **Góa** , *que* óra | e a metropoly *que* este reyno tem naquellas pártes. [1552/pda1/f4v]: E os reyes deste reyno , sendo senhores do reyno de | Ormuz , cujo estado tē boa parte e a milhór da tērra marítima da Arabia e da Persia , e se- | nhores do reyno de Cambáya com lhe ter tomádo o marítimo delle , e senhores do reyno de **Goa** , com as terras e ylhas a ella adjacētes.

goga – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/f107r]: E de Dio situado em vinte gráos e meyo tē a cidáde Cambáya | *que* está em vinte dous gráos , auerá cincoēta e tres lēguoas em que se contem estes lugáres : | Mudre fabá , Mohá , Talajá , Gundim , **Goga** cidáde *que* está ante de Cábaya doze lēguoas , | dentro dos quáes extremos desta cidáde Cambáya e Iáquete , se comprehende páрте do rei- | no Guzaráte , com a tērra montuósa dos poucos Rezbutos.

gormále – sm. (talvez < hindustani *garhpāl*)^d. ‘antropônimo’. [1552/pda8/f85v]: Depois

per duas ou tres vezes fizêrã entrádas cõ | ardijs e ciládas : hũa das quáes foy per jndustria de hũ mouro mercador chamado **Gormále** , a | quẽ Duarte Pacheco por cõprázer a elrey de Cochij deu hũa bãdeira , dizêdo *que* a *queria pera* trazer | pimêta per os rios dẽtro *porque* per ella fosse conhecido dos nõssos por nã receber dãno.

gráda ~ **grada** – sm. (< ár. *garnáTá*)^m ‘corotopônimo’; ‘reino’. [1552/pda8/f92r]: Hum dos quáes máles fazia elrey dom | Fernando de Castêla , fazêdo christãos per força a todos mouros do reyno de **Gráda** e o ou- | tro *que* era muyto mayór mal , fazia elrey dõ Mãnuel de Portugal seu genro. [1552/pda1/f4r]: E assi estãua limpa delles | no tempo del rey dom Ioam o primeiro , que desejando elle derramar seu sangue na guêrra | dos infiêes , por auer a bençam de seus auóos , esteue determinádo de fazer guêrra aos mou- | ros do reyno de **Grada** : e por alguũs jnconuenientes de Castêlla

gráro – sf. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘serra’. [1552/pda8/f95v]: E tornando á praticular descripçam da tẽrra Zan | guebar que faz a nõsso propósito por razã dos feitos que na sua cósta os nõssos fizêram , esta co | meça em hũ dos mais notáuees rios que da tẽrra de Africa vẽtem no grande Oceano contra | o meyo dia : ao qual Ptolemeu chama Rapto , posto que a sua graduaçam é muy diferente do | que óra sabemos . Ca elle õ poem em seys gráos de largura da páрте do sul e nós em | páрте , o qual náce em a tẽrra do rey dos Abexijs a que chamamos Preste Ioam , em | as sçrras a que elles chamã **Gráro** e ao rio Objij , e onde sáy ao már Quilmãce pelos mouros.

guadel – sf. (étimo desconhecido) → caimama. ‘corotopônimo’; ‘reino’; cabo. [1552/pda9/f106v]: e a | tẽrra per dẽtro , quasy de sêrto chamáda dos geographos Caimama : e os Párseos cõtã esta | páрте na regiã aque elles chamã Herac Ajan , na qual se contẽ os reinos de Macran e **Guadel** | *que* cay sôbre o cábo assy chamádo.

guadeuarij – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda9/f107r]: Porẽ em o nacimẽto deste grãde rio chamádo | Nagũdij ao do outro Gãga há esta differêça , nã ter aquella religiam das águoas : e mais ná- | ce quásy na parágem do Gáte *que* está sôbre Cananor e Calecut , e vay correndo ao lõgo delle cõ- |

tra o nõrte , e como é de fronte do rio Aliga fáz hum cotouelo e toma outro curso pera oriente , e | pássa per a metrópoly Bisnagá e per tẽrras de Orixá tẽ sair na enseáda de Bẽgala per duas bo- | cas entre dezaseys e dezaseyte gráos , onde está duas cidades **Guadeuarij** e Masusipatã em *que* | se fáz muyta roupa dalgodã *que* óra vem delã *que* tem o mesmo nõme.

guanahany – sf. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘ilha que passou a ser chamada de Cuba pelos espanhóis’. [1552/pda3/f37v]: Finalmente recebida sua offêrta , el rey lhe | mandou armar tres carauêlas em Pálos de Moguer , donde partio a tres dias de agosto do | anno de mil quatro centos nouenta e dous : e deste dia a dous meses e meyo que foram a on- | ze de outubro virã a jlha a que os da tẽrra chamã **Guanahany** , que é hũa daquellas a que óra | os castelhanos chamã as jlhas brancas dos Lucáyos , e elle lhe pos nome as princesas por | serem as primeiras *que* se virã . E a esta **Guanahany** chamou Sã Saluador : e daly se passou | a jlha Cuba.

guardafu – sm. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘cabo da África oriental’. [1552/pda8/f95v]: E cómençãdo no promontório Arómata a que óra cha- | mamos cábo de **Guardafu** *que* é a mais oriẽtal páрте de toda Africa situada per Ptolemeu em cin | quo gráos e per nós em doze) atẽ Moçãbique *que* serã per cósta óbra de quinhẽtas e cincoẽta lẽ | guoas. [1552/pda7/f79v]: Espedido Uicente Sodre delrey foy ter ajlha Çacotora onde fez sua agooáda , e | della se passou ao cábo de **Guardafu** que é a mais oriẽtal tẽrra que tem a páрте de Africa : e deste | cábo atrauessou á cósta de Arabia por ser mais seguida das náos que da India yã ou vinhã | do estreito do már roixo , em a qual parágem tomou algũas de Cambáya com roupas , e ou- | tras de Calecut com especearia que todas yã pera o estreito.

guẽ – sm. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘cabo situado na costa do Marrocos’. [1552/pda1/f20r]: E no seguinte , mãdou o jnfante | a hũ Diogo Gil hómẽ de muy bõ sabêr , *que* fõsse assentar trácto cõ os mouros de Meça , *que* é doze | lẽgoas ale do cábo de **Guẽ** , e seys aquẽ do cabo de Nam , tã pouco tẽpo auia tam temeroso (***) | opiniã dos mareantes : e isto *porque* os mouros do rio do ouro çram aleuãtados , e tinha por | jnformaçã que estes de Meça desejavaũ nossa paz e cõmêrcio.

guéos – sm. (étimo desconhecido) ‘etnotopônimo’; ‘povos’. [1552/pda9/f110v]: Elrey de Syam é príncipe que ante *que* se lhe os mouros leuãtássem | com o reyno de Maláca : começáua o seu estado naquella cidade *que* está em dous grãos e meyo | da bãda do norte , e acabáua em os mōtes do reyno dos **Guéos** *que* começã ã vinte nóue grãos.

gufitebó – sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’; ‘lugar onde o rio Guiné e o rio Sanaga se encontram’; ‘encontro das águas’. [1552/pda3/f32v]: Entre algũs rios que nelle en- | tram , e hũ que vem da parte do sul das tẽrras a que os negros propriamente chamam Guiné , | ou Genuij (como abaixo verẽmos :) o qual por vjr per lugáres barrentos tráz suas águoas hũ | pouco vermelhas , e elle Çanága tem as suas daly pera cima brancas : e ao lugar onde se am- | bos ajuntam chamam lhe ós poucos Çaragolẽs **Gufitebó** , que quẽr dizer branco e verme- | lho.

guillo – sm. (so pesquisa) ‘geomorfotopônimo’; ‘cabo’. [1552/pda1/f5v]: Pois tendo o Infante esta informaçam aprouáda per muitos que cõcorriam em hũa | mesma cousa , começou a poer em execuçam esta óbra que tão desejaua : mandando cada an- | no dous e tres nauíós que lhe fossem descobrindo a cósta alem do cábo de Nam , que e adian- | te do cábo do **Guillo** óbra de doze lẽgoas.

guinauhá – sf. (→ genná) ‘poliotopônimo’; ‘Guiné’. [1552/pda1/f5v]: A qual deligencia lhe respondeo com o | prêmio que elle desejaua , porque veo saber per elles nam sómente das tẽrras dos Alarues | que sam vezinhos aos desertos de Africa a que elles chamam çahará , mas ainda das *que* ha- | bitam os poucos Azenẽgues que confinam com os negros de Ialof : onde se começa a re- | giam de Guiné , a que os mesmos mouros chamam **Guinauhá** , dos quães recebemos este | nome.

guiné ~ **guine** – sf/sm. (talvez < ár. *jinnâ*)^m. → ialof ‘poliotopônimo’; ‘hidrotopônimo’. ‘região’; ‘rio’. [1552/pda1/f5v]: A qual deligencia lhe respondeo com o | prêmio que elle desejaua , porque veo saber per elles nam sómente das tẽrras dos Alarues | que sam vezinhos aos desertos de Africa a que elles chamam çahará , mas ainda das *que* ha- | bitam os poucos Azenẽgues que confinam com os negros de Ialof : onde se começa a re- | giam de **Guiné** , a que os mesmos mouros chamam Guinauhá , dos quães recebemos este | nome .

[1552/pda2/f22r]: NEste tempo o negocio de **Guiné** andáua já muy corrente entre os nósos e | os moradóres daquellas partes : e huũs cõ os outros se cõmunicãã em as | cousas do cõmércio cõ paz e amor , sem aquellas entrádas e saltos de roubos | de guẽrra que no principio ouue . O que nam pode ser doutra maneira , prin- | cipalmente a cerca de gente tam agreste e bárbara , assy em ley e cõstumes , co | mo no vsou das cousas desta nóssa Európa : a qual gẽte em quãto ná gostou | dellas sempre se mostrou muy esquiua. [1552/pda3/f32v]: Entre algũs rios que nelle en- | tram , e hũ que vem da parte do sul das tẽrras a que os negros propriamente chamam **Guiné** , | ou Genuij (como abaixo verẽmos :) o qual por vjr per lugáres barrentos tráz suas águoas hũ | pouco vermelhas , e elle Çanága tem as suas daly pera cima brancas : e ao lugar onde se am- | bos ajuntam chamam lhe ós poucos Çaragolẽs **Gufitebó** , que quẽr dizer branco e verme- | lho. [1552/pda1/f8r]: E quando quẽr que nestas tẽrras de **Guiné** se achãsse tanta gente como o jnfante | diz , nam sabẽmos *que* gente é , nem o módo de sua peleja.

guineus – sm. pl. (→ guiné) ‘etnotopônimo’; ‘povos da Guiné’. [1552/pda1/f8r]: Cá | segundo os antigos escreuerã das partes do mundo , todos afirmã que esta per que o sól anda | a que elles chamam torrida zona , nam e habitáda . Ora onde o jnfante manda descobrir , e | já tanto dentro no feruor do sól , que de brancos que os hómẽes sam , se la for alguũ de nos , fi | carã (se escapar) tam negro como sam os **Guineus** vezinhos a esta quentura.

gundim – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação situada entre Dio e a cidade Cambaia’. [1552/pda9/f107r]: E de Dio situado em vinte grãos e meyo tẽ a cidade Cambáya | *que* está em vinte dous grãos , auerã cincoõta e tres lẽguoas em que se contem estes lugáres : | Mudre fabá , Mohá , Talajá , **Gundim** , Goga.

guzaráte(s) ~ **guzarate(s)** – sm. pl. (talvez < ár. *kūzārâte*)^m. → cambáya. ‘corotopônimo’; ‘etnotopônimo’. ‘reino localizado no noroeste da Índia’; ‘povos’. [1552/pda4/f47v]: e todos entre sy ã tẽ repartida em muytos reynos e estados ; assi co- | mo em os reynos do Moltan , Delij , Cospetir , Bengála em parte , Orixa , Mando , Chitor , | **Guzaráte** a que comũmete chamamos Cambaya. [1552/pda9/f112r]: O outro gẽnero de mouros sam os | estrangeiros

, assy como Arábios , Párseos , **Guzarátés** , e outras muytas nações *que* concórrem | aly por razam do comércio : *que* todos sam hómeões de grande cabedal e tractam gróssamête. [1552/pda1/f7r]: neste mesmo tempo fez doaçam della de juro e herdade a Antonio da silueira de meneses filho | de Nuno Martinz da Silueira senhor de Góes , em satisfaçã dos seruiços *que* fez na India em | o cerco da cidade Dio do reyno **Guzarate** , onde estaua por capitam quando foy cercádo per | Soleman Bassá capitã mór darmáda do Turco , (como se vera em seu logar). [1552/pda5/f58r]: Pedráluarez leixando a estes dous hómeões | a prouisam pera sua despesa e cártas delrey dom Mannuel pera o Prêste , espedio se delrey de | Melinde : o qual lhe deu dous pilotos **Guzarates** pera ò leuárem a Idia , pera onde par- | tio a sete dagosto.

H

habedála → abedelá.

habrã ~ **habram** – sm. (< hebr. *abraham*)^m. ‘antropônimo’; ‘homem judeu’. [1552/pda3/f30r]: Espedindose do qual foy cõ o outro judeu **Ha- | bram** á cidade Adem , onde ámbos embarcãã pera Ormuz : e notádas todalas cousas della , leixou aly o judeu Habrã pera vir per via das cáfilas de Aléppo. [1552/pda3/f30r]: El rey porque ao tempo *que* soube estas e outras cousas deste | judeu , éra já Però de Couilhaã partido : ordenou de ò mandar em busca delle , e assy o outro | chamádo Rabi **Habram** . O Iosepe pera lhe trazer recádo das cártas que per elles mandáua | a Però de Couilhaã , e **Habram** pera jr com elle ver a jlha de Ormuz e ahy se jnformar das cou | sas da India.

habraemo ~ **abrahem** ~ **habrahemo** – sm. ([< ár. *ibrāim*]^m; [< hebr. *habram*]^{mf}) → quiloa. ‘antropônimo’. [1552/pda6/f72r]: | fez vir á praya , e se meteo em hũ batêl com cinco hómeões principáes a lhe falar aos batêes em | que o Almirante já vinha pera sair em tẽrra e metêr a cidade a fõgo e sangue . Ao qual rey per | nome **Habraemo** o Almirante fez mais gasalhádo e honra do que elle merecia , polo que tinha | feito aos capitães passados , e por

quã reuẽl fõra em querer vir aly . Finalmente o Almirãte lhe | deu hũa cártã delrey dõ Mãnuel , e sobrella tractou cõ elle *que* se fizesse seu vassallo pera ficar em | sua amizãde e debaixo de sua proctelçam com tributo de quinhentos miticães douro , peso que | amoedádo podiã ser da nõssa moeda quinhẽtos oitẽta e quátro cruzádos jsto mais ã sinal de | obediencia *que* por a quãtidade delle. [1552/pda5/f55v]: todos quebrádos e águoa vertida á borda da práya , dizendo ser jsto fei- | to per hum mouro chamádo **Abrahemo** meyo sandeu. [1552/pda5/f57r]: PArtido Pedráluarez de Moçãbique com as seys v̄elas que lhe ficãram , veo | sempre ao longo da cósta com resguardo de nam escorrer á cidade Quilõa : | onde chegou a vinte seis de julho . Na qual reynãua hum mouro per nome | **Habrahem** que per aquella cósta ẽra hómem muy estimádo , e a cidade hũa | das mais antiguas que se aly fundãram (da qual ao diante faremos mayór | relaçam) : o qual polo tracto de Çofala estar muyto tẽpo debaixo de sua mão , | se tinha feito rico e poderõso , e com elle mandãua elrey a Pedráluarez que se visse , e assen- | tãse paz , e sobrisso lhe trazia cártas.

habrahemo → habraemo

habram → habrã.

hacem ~ **hacẽ** – sm. (< ár. *açim*)^m. ‘antropônimo’; ‘rei de Quiloa’. [1552/pda8/f98r]: E após elle | reynou quatorze Alle Daut , ao qual sucedeo **Hacem** seu nõto que reinou dezoito ánnos que | foy muy excelente caualeiro. [1552/pda8/f98v]: E foy leuãtádo por rey **Hacẽ** filho delrey | Ismael já passádo , *que* reynou dez ános , e seu filho Cayde outros dez : e per sua mórte se quis le- | uãtãr cõ o reyno o governador delle , e durou neste poder hũ áno.

hale bonii – sm. (hale [este < ár. *ali*]^m + bonii) ‘antropônimo’; ‘rei de Quiloa’. [1552/pda8/f98r]: A quẽ sucedeo seu filho Daut que durou dous ánnos , e trãs elle veo Talut seu jr- | mão que viueo hũ : e por sua mórte reynou Hacem outro jrmão vinte e cinco ános . E por nã | ter filhos sucedeo lhe outro seu jrmão que viue o dez ánnos : e este derradeiro jrmão que se cha- | máua Hale bonii foy o mais bem afortunádo de sua linhagem , porque tudo o que cometeo a- | cabou , e sucedeo lhe Bonẽ Soleiman seu sobrinho que reinou quorenta ánnos.

hámed – sm. (< ár. *ahammad*)^m → adem. ‘antropônimo’. ‘senhor de Adem’.

[1552/pda8/f91v]: E ęra senhor de Adem Xęque **Há- | med** : o qual vezinháua com estoutro Xarife por páрте da tęrra chamada lazem que ę den- | tro das pórtas do estreito de frente da jlha Camaram.

hayte – sf. (< tain. *haiti*)^m. ‘geomorfotopônimo’; ‘ilha’. [1552/pda3/f37v]: E a esta Guanahany chamou Sã Saluador : e daly se passou | a jlha Cuba , e della a que os da tęrra chamam Hayte , e os caste hanos Espanhola . E porque | elle perguntáua aos moradóres por Cypángo , que ęra a jlha do seu propósito , e elles enten- | diam por Çibáo que ę hũ lugar das minas da jlha **Hayte** : õ leuaram a ella , onde foy muy bę | recebido do rey da tęrra a que elles chamam Cacique.

herac ajan – sf. (herac + ajan) → ajan. ‘poliotopônimo’; ‘região localizada nos reinos de Macran e Guadel’. [1552/pda9/f106v]: e a | tęrra per dętro , quasy de sęrto chamada dos geographos Caimama : e os Párseos cõtam esta | páрте na regiã aque elles chamã **Herac Ajan** , na qual se contę os reinos de Macran e Guadel | que cay sόbre o cábo assy chamado.

herit – sf. (étimo desconhecido) → fartáque. ‘poliotopônimo’; ‘cidade localizada próxima ao cabo Fartaque’. [1552/pda9/f106v]: Entre os quaes extremos ficã estas pouoações Abiã Ar , Ca | naçã , Brum , Argęl , Xaęl cidade cabeça do reyno : **Herit** , a cidade Cáxem que está sęte lęguoas | ante de chegar ao cábo Fartaque , e na vόlta delle outro tanto espáço está a cidade Fartaque ca- | beça do reyno assy chamado de que o cábo tomou o nóme e a gęte Fartaquijs.

heroas – sm. pl. (étimo desconhecido) ‘etnotopônimo’; ‘povos’. [1552/pda9/f106r]: e da Africa apartase per outro rio oppósito a elle , (o qual pela grã cópia de suas | águoas sempre reteue o antiguo nóme de Nilo que tem) e per hũa linha que se póde com o jntendi | mento lãçar deste Nilo pela cidade Cairo metropoly de todo Egipto ao póрто de Suez que esta | no vltimo seo do már roixo , onde antiguamęte foy a cidade dos **Heroas** : na qual linha auerã | distancia de tres jornadas de camello que póde ser ao mais vinte quátro lęguoas.

hiciná – sf. (étimo desconhecido) → ptolomaida. ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda8/f98v]: E per dentro do sęrtam , sestend a per o Nilo acima á regiam Thebai- | da a que os naturáess óra chamã Çaida , tę chegar á antiquissima cidade Ptolomaida cujo no- | me óra ę **Hiciná** , que a cerca daquelles

bárbaros quę dizer esquecimento , e daly vinha be- | bęr ao már roxo.

hidalcán – sm. (idal [este < ár. *adil*] + can [este < pers. *khān*])^m → dęcan. ‘antropônimo’; ‘senhor’; ‘príncipe’. [1552/pda5/f67v]: Passádo Cábáya de Chaul tę Sintacora cō | tendemos com o Yzamaluco e **Hidalcán** capitães do reyno Dęcan que representáua em po | dęr , estádo , e riqueza dous poderósos reyes : hómeęs muy dádos ao vso da guęrra , cujos exer | citos andáua cheos de mouros , arábeos , párseos , turcos e rumes de toda naçam leuátisca | animósa e de grande jndustria pera aquelle aucto.

hocę → hocem.

hocem ~ **hócem** ~ **hócen** ~ **hóçem** ~ **hóçę** ~ **hocę** – sm. ‘antropônimo’. (< ár. *husain*)^m. [1552/pda8/f96r]: A qual (segundo soubemos) per hũa chrónica dos reys de Qui- | loa de que a diante fazemos mençam , elles lhe chamã Emozaydij : e a causa deste dęstęro foy | por seguirem a doctrina de hũ mouro chamado Zaide , que foy nęto de **Hocem** filho de Ale o so- | brinno de Mahamed , casádo cō sua filha Axa. [1552/pda1/f3v]: Porque sendo **Hócem** nęto de Ma- | fameda seu legislador , filho de sua filha Aixa e de Alle seu sobrinno , dereitamente enlegido | por calyfa como fora seu pay. [1552/pda8/f98r]: leuantarã por rey a **Hócen** Soleiman sobrinno de Daut já defunto : que reinou | dezaseis ánnos. [1552/pda1/f3v]: e lançar seus córpos no campo às fęras e aues delle : dizendo serę | todos escomungados e dinos de nam tęr sepultura , pois ęram do sangue daquelle pessimo | hómem que mandou derramar õ do justo **Hóçem** , vngido naquella dinidade de calyfa per | o testamento de seu auó Mafamęde. [1552/pda10/f127v]: porque a huıs tomáua as molhęres a outros matáua fingindo que o quieram matar , | de maneira que andáua entrelles como hũ açoute por páрте de **Hóçę** desposto daquelle estádo. [1552/pda10/f127v]: e por Habraemo nam se fiar de nós nã aceptou | o gouęrno da tęrra , e foy aleuantádo por rey Micante , e desposto **Hocę** : o qual vęndose com | toda a fazenda que herdára de seu pay gastáda na vingança de sua mórte , e que estádo em Quillóa | corria risco de õ matárem seus jmigos , pedio a Pero Ferreira que õ mandásse por em Mom | baça , como fez , onde dhy a pouco tempo acabou seus dias mais miseramente que hũ hómem | do póuo.

hóçem → hocem.

hócen → hocem.

hómar – sm. (< ár. *ómâr*)^m. → xêque. ‘antropônimo’; [1552/pda5/f57v]: Porque acertou destar aly com hũa não fazendo mercadoria , hũ mou- | ro chamádo Xêque **Hómar** jrmão delrey de Melinde , o qual era presente ás amizádes que | dom Uásco da Gámma assentou com seu jrmão quãdo passou por Melinde : e daqui ficou tâ- | to nósso amigo , e mais vendo o poder da nósso armáda , que foy Pedráluarez auisádo per | elle do *que* passáua dentro .

hóxon – sm. (étimo desconhecido). ‘antropônimo’; [1552/pda1/f3v]: Antre alguũs desta linhágem Maraunion que este capitam Abedelá perseguia , auia huũ | hómem poderóso chamádo AbediRamon filho de Mauhyá , e neto de **Hóxon** , e bisnêto | de Abbedelmalec : o qual auó e bisauó em tempo passado foram tambem calyfas daquella ci- | dade Damásco.

huaba – sf. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’; ‘cataratas do rio Gambia’. [1552/pda3/f32v]: | E sendo ryo que vem de tam longe , nam tráz tanto pêsso dáguoa , nem a març sóbe tanto per | elle como o ryo de Gámbea de Cantor . Fáz algũas jlhas , as mais dellas pouoádas de ani- | máes e jmmũdicias por sua aspereza , e em çertos lugáres se nã leixa nauegar , com pençdia | que ò atrauessa : principalmête óbra de cento e cinquenta léguoas da bárra onde se elle chama | Cólle , porque aly faz quasy outras catárractas como as do Nilo . Ao qual lugar os moradó- | res chamam **huaba** , e per ellas córre tam têsso e assy está cortada a pique a penedia sóbre a tẽr- | ra onde elle cay com aquella furia , que pódem pássar per baixo a pẽ enxuto ao lôgo desta agru- | ra da penedia.

huáde ~ **huádem** – sm. (étimo desconhecido) → azenégues. ‘antropônimo’; ‘poliotopônimo’. [1552/pda1/f14r]: Esta vida e policia vio Ioam Fernãdez hũ pouco de tempo entre aquelles | pastóres : e depois andando em hũ aduár de hũ principal mouro daquelles Azenégues a que | chamáua **Huáde** Meimõ . Homẽ que se tratáua de sua pesóa muy bem : e que tratou a Ioam | Fernandez com tanta verdáde que ò leixou vir buscar os nósso nauios mãdando com elle al- | guũs hómeẽs. [1552/pda3/f38v]: Neste mesmo tempo que el rey dom Ioam se visitáua e cartéua com estes príncipes bár- | baros mandou tambem per via do castello de Arguim á cidáde **Huádem** , que está ao oriente | delle óbra de setenta léguoas , assentar hũa feitoria com os mouros , por ally concorrer algum | regáte de ouro : ao qual negócio foram Rodrigo Reinçl

por feitor , Diógo Bórges escri- | uam , e Gonçalo Dantes por hómem da feitoria.

hyáman – sf. (étimo desconhecido) → arábia ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/f106v]: E a toda a tẽrra que se comprehende entre estes dous ter- | mos , os Arábios lhe chamã **Hyáman** , e nos Arabia Felix : ã mais fçrtil e pouoáda páрте de | toda Arabia.



[iguaria] → jguaria.

ialofos ~ **ialófos** ~ **ialopoh** ~ **ialóphos** – sm. (origem obscura)^m. → guinç. ‘etnotopônimo’; ‘poliotopônimo’. ‘primeiros povos da Guiné’; ‘região localizada entre os rios Senegal e Gâmbia’. [1552/pda1/f12v]: Porque passádo o rio *que* se óra chamã Sa- | nágá , o qual diuide a tẽrra dos mouros Azanégues dos primeiros nêgros de Guiné chamá- | dos **Ialofos** : ouue vista de hũas almadias em *que* andáua a pescar huũs nêgros , das quáes cõ | o batel *que* leuáua per popa , alçãçou hũa cõ quatro delles , *que* forã os primeiros *que* a este reyno viẽ- | rã. [1552/pda3/f33v]: elrey dom Ioam de *que* | falamos éra já jnformádo ante da vinda de Bemoij , e elle ò confirmou mais nellas : pareceo | lhe cousa mou proueitósa a seu estado , e a bem de seus naturáes fazer fortaleza neste rio Çana- | gá , como pórtá per que com ajuda destes pouos **Ialófos** que elle esperáua em deos *que* per meyo | deste príncipe dom Ioam Bemoij se conuerteriam a fẽ (como se conuerteo o reino de Congo) | podia entrar ao jnterior daquella gram tẽrra tẽ chegar ao Prẽste , de quem elle tanto fundamen | to fazia pera as cousas da India. [1552/pda3/f32v]: ESta tẽrra que per comum vocabulo dos naturáes é chamáda **Ialoph** , jáz en- | tres estes dous notáues rios Çanága e Gámbea : os quáes pelo cõprido cur- | so que trázem , recebem diuẽrsos nomes segundo os pouos que òs vezinham . | Porque onde ò chamádo Çanága per nós , se mête no már oceano occidental , | os póuos Ialóphos lhe chamam Dengueh. [1552/pda3/f33v]: E assy con- | corriam a outra cidáde que está nas correntes deste rio chamáda Genná a qual em outro tẽpo | éra mais çẽlebre *que* Tungubutu : e ou *que* ella dẽsse nome ao reyno , ou *que* o reyno ò desse aella , daquy | se chama acerca

de nós toda aquella regiam de Çanagá por diante Guineç , posto que entre | os negros huũs lhe chámam Genná , outros Iannij , e outros Gennij . E como esta mais | ocidental que Tungubutu , geralmente concorriam a ella os poucos que lhe sam mais vezinhos : | assy como os Çaragolçes , Fullos , **Ialóphos** , Azançgues , Brábaxijs , Ligurarijs , Luddáyas | da mão dos quaes per via do castêllo de Arguim e de toda aquella cósta vinha o ouro a nós- | sas mãos , e outros poucos do jnterior de Mandinga acodiam ao resgáte de Cantor a *que* vam | os nóssos nauios , per o rio Gambea.

ialopoh → ialofos.

ialóphos → ialofos.

iannij – sf. (talvez < ár. *jin.auri*)^m. → genná → gennij → guineç. ‘poliotopônimo’. ‘Guiné’. [1552/pda3/f33v]: E assy con- | corriam a outra cidade que está nas correntes deste rio chamada Genná a qual em outro tẽpo | ẽra mais cẽlebre *que* Tungubutu : e ou *que* ella dẽsse nome ao reyno , ou *que* o reyno õ desse aella , daquy | se chama acerca de nós toda aquella regiam de Çanagá por diante Guineç , posto que entre | os negros huũs lhe chámam Genná , outros **Iannij** , e outros Gennij.

ialpões – sm. pl. (< malai. *ji-pen*)^m. ‘geomorfotopônimo’; ‘arquipelágo’. [1552/pda9/f106v]: Posto *que* passemos ao oriẽte della ás jlhas dos Lequios e dos **Ia** | **pões**.

iaquete ~ **iaquete** – sf. (origem obscura)^m. ‘hidrotopônimo’; ‘poliotopônimo’. ‘angra’; ‘cidade’. [1552/pda9/f106v]: Auerá cẽto e cincoõeta lẽguoas na terceira páрте da nõssa re- | partiçã (nã entrãdo per dentro da enseáda de **iaquete** por ser muy penetrante na tẽrra) cõtãdo | per esta maneira : da froz de Diul até a põta de **iaquete** trinta e oyto lẽguoas , e deste **iaquete** *que* | ẽ dos principães tẽplos daquella gẽtilidãde com hũa nõbre pouoaçã tẽ a nõssa cidade Dio do rei- | no Guzarãte cincoõenta lẽguoas. [1552/pda9/f107r]: E de Dio situado em vinte grãos e meyo tẽ a cidade Cambãya | *que* está em vinte dous grãos , auerã cincoõeta e tres lẽguoas em que se contem estes lugãres : | Mudre fabã , Mohã , Talajã , Gundim , Goga cidade *que* está ante de Cãbaya doze lẽguoas , | dentro dos quães extremos desta cidade Cambãya e **iaquete** , se comprehende páрте do rei- | no Guzarãte , com a tẽrra montuõsa dos poucos Rezbutos.

iasque ~ **iasque** – sm. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘cabo’. [1552/pda9/f106v]: Atrauessando deste cábo

Moçãdan aõ decima a elle oppõsito chamãdo **Iásque** | cõ *que* a boca do estreito fica feita , entramos na segũda diuisam , *que* ẽ muy pequena e pouco pouoaða : | porque deste cábo **Iasque** até o jllustre rio Indo sam dozentas lẽguoas.

iaua ~ **iaua** ~ **jãua** – sf. (talvez < malai. e javan. *jaua*, ou < ár. *al-jãuã*)^m. ‘poliotopônimo’; ‘geomorfotopônimo’; ‘cidade’; ‘ilha’ [1552/pda9/f110v]: alguũs portos da **Iãua** e as jlhas de Ma- | luco , *que* tambem ẽram dos mouros , a qual pẽste procedeo de Malãca per via de cõmẽrcio como | veremos em seu lugar. [1552/pda7/f83v]: andãuam os nóssos tam alẽgres de em tal dia se ve | rem com os jmigos , que sespantãuam os Malabãres , e diziam que os nóssos andãuam to- | mãdos da furia da vingãça , como os amoucos de Malãca e da **Iaua** , os quães sam hõmeẽs | que com jndinaçam dalgũa vingança mátam quantos acham ante sy nam temendo a mórte | cõ tanto *que* fiquem vingãdos. [1552/pda8/f98v]: As que jaziam alem da cidade de Malãca , situãda na | Aurea Chesoneso (nome que os geographos dẽram áquella tẽrra ,) assi como crãuo das jlhas | de Maluco , noz e maça de Banda , sandalo de Timor , cãmphora de Bornẽo , ouro e práta do | Liquio : cõ todalas riquezas e especias aromaticas , cheiros e policias da China , **Jãua** e Siã , | e doutras páartes e jlhas a esta tẽrra adjacentes.

iauha – sf. (→ *iaua*) ‘etnotopônimo’. ‘proveniente de iaua’. [1552/pda7/f94v]: e quando veo com Afonso Dalbuquẽrque trouxe por molher hũa **Iauha** de | que tinha filhos , ao qual elrey por elle ser hõmem expẽrto e que sabia as linguas e mais os ne | gócios daquellas páartes õ mandou com dõ Francisco com boõ ordenado e sẽruia de lingua.

içuf – sm. (étimo desconhecido) → çofãla. ‘antropônimo’. ‘senhor de Sofãla’. [1552/pda8/f98v]: No quãl tẽpo fez gouernãdor a hũ seu jrmão per nõme Mamude *que* tinha tres filhos : dos quães sobrinhos temẽdose este | tirãno por serẽ hõmeẽs pera muyto mãdou õs de Quiloa *que* fossem gouernar as tẽrras subditas | a ella , e acõteceo a sórte de Çofala a hũ chamãdo **Içuf** do quãl depois farẽmos larga mençã , | porque este ẽra senhor daquella tẽrra ao tẽpo

que Pero Danhaya aly foy fazer hũa fortaleza como lógo | verçemos.

[**idalcão**] → hidalcan.

iefim – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’. [1552/pda1/f3v]: E nam se contentando ajnda com este nóuo e soberbo nome , fundou a cidade | Marrócos pera cadeira de seu estado e metropoly daquella regiam (pósto que algũas cro- | nicas dos Arabios querem *que* ã edificou Iosep filho de **Iefim** , e outros *que* outro principe , co | mo verçemos em a nóssa geographia.

inadire – sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda10/f118r]: O qual bráço é muyto mais poderóso em águoas que o outro do espirito sancto por ser naue- | gael mais de dozêtas e cinquenta lęguoas , e nelle se metêrẽ estes seys notáuẽs rio Pa- | nhames , Luam guóa , Arruya , Manjóuo , **Inadire** , Ruẽnia : que todos regã a tẽrra de Be- | nomotápa , e a mayór pártedelles leuam muyto ouro que nace nella.

ioar faquim – sm. (ioar [este < marat. *johār*] + faquim [este < ár. *faquiH*])^m. ‘antropônimo’. [1552/pda6/f72v]: | Passádos alguũs dias nos quães sempre o Almirante teue que fazer em dar audiencia a mou- | ros que lhe leuáuã estes nauios *que* andauã ao longo da tẽrra , veo lhe cair na mão hũa náoo *que* elle | esperáuã de que tinha nóua per algũas perguntas *que* fazia a estes mouros , que segundo lhe ti- | nham dito ẽra do Soldam do Cairo capitam e feitor hũ mouro per nome **Ioar Faquim**.

ismael – sm. (< ár. *isma’il*)^m. ‘antropônimo’. [1552/pda8/f98v]: E foy leuátado por rey Hacẽ filho delrey | **Ismael** já passádo , *que* reynou dez ãnos , e seu filho Cayde outros dez : e per sua mórte se quis le- | uátar cõ o reyno o governador delle , e durou neste poder hũ ãno.

iógues – sm. pl. (< neoár. *jogī* ou *zogī*)^m. → brãmane(s) ‘religiosos que andavam em penitẽncia pela Índia’. [1552/pda5/63r]: Chegádo ao porto | de Cochij que seria daly cinco lęguoas : porque soube que elrey estáua em hũa pouoaçam me- | tida pelo rio acima : mandou aelle hum brammanẽ dos daquella cósta Malabar . O qual ẽra | de huũs que tomã por religiam andãrem em penitencia per todo o mundo , nuus com hũas ca | deas derredor de sy cheos de bósta de vácas por mais desprezo de suas pesóas : e geralmente os | que tomam esta vida se sam do gênero gentio chamandolhe **Iógues** , e se sam mouros

Calan- | dáres , do qual módo de religiam escreueremos adiante , e principalmẽte em os liuros da nóssa | geographia.

J

jguaria – sf. (< ár. *garība*)^a. ‘guloseima’; ‘comida muito saborosa’. [1552/pda1/f11v]: Ouuesse mais este resgáte hũa adar- | ga de coiro danta cru , e muytos óuos de hẽma : os quães tornádo Antã Gõçáluez a este reyno | sem fazer mais outra cousa , fóram apresentados á mesa do jnfante tam frescos , que õs estimou | elle por a milhór **jguaria** do mundo.

[**jalofo**s] → ialofo(s).

[**japões**] → iapões.

[**jaquete**] → iaquete.

[**jasque**] → iásque.

[**jáva**] → iaua.

[**joar**] → ioar faquim.

[**jogues**] → iógues.

K

[**kilwa kiawani**] → quillóa.

L

labaręda ~ labareda – sf. (origem obscura)^h. ‘chama de grandes proporções’. [1552/pda6/77v]: Però como a náoo se achou li | ure e obedeceo á vęla começou dabrir caminho per meyo dos paraós dos jmigos , leixando o *que* | tinha per popa ẽtrellas : os quães por se liurar da **labaręda** delle desapressãrã o costádo da náoo , *que* | deu causa a *que* õs nóssos se pudẽssẽ aproueitar dartelharia. [1552/pda9/f104v]: Mas cõ tudo este danno que os nóssos recebiam as náos começãrã | arder e párteda pouoaçam , o qual fógo neste tempo foy

empáro aos mouros e aos nósos cau | sa de receberẽ muyto dãno : porque o fumo e **labareda** que estãua entre huũs e outros , por cau- | sa do terreno que ventãua vinha da pãrte donde os mouros frecháuam a sua vôtãde.

laçáh – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda8/f96r]: E desta sua entrãda como hũa pešte len- | ta , fóram laurando ao longo da cósta , tomando nóuas pouoações te que aly viçram ter tres | náos com gram numero de Arabios em companhia de sete jrmãos : os quáes çram de hũa ca- | bilda vezinha a cidãde **Laçáh** que está óbra de corenta lęgoas da jlha Bahárem que está dentro | no már Persico muy pegãda a tẽrra de Arãbia no jnterior delle.

lambert – sm. (< alem. *lambert*)^{mg}. ‘antropônimo’. [1552/pda’/f8r]: Çerto que outro exemplo lhe deu seu | pádre poucos dias há , dando os maninhos de Láura junto de Coruche a **Lambert** de Or- | ches aleman , que ós rompesse e pouoásse com obrigaçam de trazer a elle moradóres estrangei- | ros Dalemanha.

lanchãa – sm. (étimo desconhecido) ‘corotopônimo’; ‘reino súdito a Sião’. [1552/pda9/f110v]: Elrey de Syam é principe que ante *que* se lhe os mouros leuãtãsem | com o reyno de Malãca : começãua o seu estãdo naquella cidãde *que* está em dous grãos e meyo | da bãda do nórt e , e acabãua em os mōtes do reyno dos Guços *que* começã ã vinte nóue grãos . | E com tudo ajnda oje o seu estãdo pãssa de cõprimto de trezentas lęguoas , no qual há estes | sete reynos a elle subdictos a fóra o próprio de Syam , Camboja , Cómo , **Lanchãa** . Chencray | Chencran , Chiamay , Camburij , Chaipumo.

lancol nãbeádarij – sm. (lancol + nãbeádarij) → repelij. ‘antropônimo’. [1552/pda7/f86r]: E a gente cõ | que o Çamorij começou seria atẽ sesenta mil hómeẽs de que a este tempo (segũdo dissẽmos) pe- | los cãsos e perdas que tẽue tambem já tinha menos hũ terço : porem fama entre os nósos çra | que trazia per már e per tẽrra quorenta mil hómeẽs seus e destes senhores que o ajudãua , del- | les como vassãlos e outros por serem amigos e vezinhos naquella tẽrra Malabar que elle con | uocou cõtra nós . Beturãcol rey de Tãnor . Cacatunam Barij rey de Bespur e de Cucuram

| junto da serra chamãda Gãte , Cóta Agatacól rey de Cotugam entre Cananor e Calecut jũ- | to de Gãte , Curiur Coil rey de Curim entre Panane e Crangãlor , Naubeádarij principe | de Calecut , Nambeã seu jrmão , **Lancol Nãbeádarij** senhor de Repelij.

laranjas – sf. pl. (< ár. *nāranjā*)^m. ‘fruta cítrica, redonda, de sabor doce a azedo’. [1552/pda2/f23r]: E em duas aruóres estãua escripto que auia oitenta e sete annos que nella esti- | uerã portugueses : e tinha maneira de ser já aproueitãda por auer nella muyta fructa , especial- | mēte **laranjas** doces , palmeiras e gallinhas , como as destas pãrtes de Espanha , de que ma- | tãram muytas á bešta , que andãua per cima do aruóredo.

larazza – sf. (étimo desconhecido) → serrepolis. ‘geomorfotopônimo’; poliotopônimo’. ‘pequena baía’; ‘povoação’. [1552/pda8/f91v]: Cujã potencia ante de ser metida na | coróda da casa Othomana dos Turcos , começãua no fim do reyno Tunez , em aquelle cabo a | *que* óra os mareantes de leuante chamã Rasausem e Ptolomeu Boreo promotorio , e acabãua ã | hũa enseãda chamãda per elles o golfam de **Larazza** por razã de hũa pouoaçã deste nome que | aly está : a qual segundo a situaçam della parece ser a villa a que Ptolemeu chama Serrepolis.

lequijo → lequios.

lequios ~ liquio ~ lequijo – sm. pl. (< chin. *lieu khieu* ou *lieu-quieu*)^m. ‘geomorfotopônimo’; ‘arquipelãgo japonẽs’. [1552/pda9/f106v]: Posto *que* passemos ao oriẽte della ás jlhas dos **Lequios** e dos Ia | pões. [1552/pda8/f90v]: assi como crãuo das jlhas | de Maluco , noz e maça de Banda , sandalo de Timor , cãmphora de Bornẽo , ouro e práda do | **Liquio** : cõ totalas riquezas e especias aromaticas , cheiros e policias da China , Jáua e Siã , | e doutras pãrtes e jlhas a esta tẽrra adjacentes : todas no tempo de suas monções concurrem | áquella riquissima Malãca , como a hum emporio , e feyra vniuersal do oriente . Onde os mo- | radóres destoutras pãrtes a ella occidentães , que se contem atẽ o estreito do már roxo , ãs yam | buscar a troco das que leuãua : fazendo cõmutaçã de hũas por outras , sem entrelles auer vso de | moeda . Porque ajuda *que* aly ouuẽsse muyta cópia de ouro de Çamãtra , e do **Liquio** , em que na | India se ganhãua mais que a quártã pãrte :

era tanto mayor o ganho das outras. [1552/pda9/f109v]: E posto que alem deste marítimo da terra firme de Asia, também nauegamos e | conquistamos muyta parte das jilhas daquelle grãde oceanos, assy como as de Maldiva e Ceilão | lam fronteiras á provincia Indostan, Samátra Iáua, Timor Burneo, Banda, Maluco, **Lequijo**, e ora per derradeiro as dos Iapões.

leziras ~ **liziras** – sf. pl. (< ár. *al-jazīrā*)^m ‘hidrotopônimo’; ‘região alagada’. [1552/pda7/f80r]: De- | pois fez Francisco Dalbuquerque algũas entradas com os capitães das náos: jndo já mais | dentro per os rios e esteiros com que toda a terra ẽ retalhada a módo de **leziras**, destroyndo e | queimando muytos lugares do senhor de Repelim em que ouue honrados feitos, a custa do | sangue dos nossos e com morte de quatro. [1552/pda3/f39v]: com pouca semente nos responderá cõ mayor nouidade que os reguengos do reyno, e **liziras** | do campo de Sanctarem.

liampó – sm. sf. (étimo desconhecido) → nimpó. ‘geomorfotopônimo’; ‘poliotopônimo’; ‘cabo’; ‘cidade’. [1552/pda9/f106v]: A octaua fenece em hũ notáuel cabo que ẽ õ mais oriẽtal de toda a terra firme, que ao pre- | sente sabẽmos, a qual ẽ quasy no meyo de todo o marítimo da grãde regiã da China, a que os | nossos chamã cabo de **Liampó** por razam de hũa jllustre cidade que está na vólta delle chamada | pelos naturaes Nimpó, da qual os nossos corõperã **Liampó**: e toda a mais cósta deste gran | de reino o qual corõre quasy ao noroẽste, fique pera este lugar descriptura cõ nome de nóna parte, | ajnda per nós nã nauegada.

ligurarijs – sm. pl. (étimo desconhecido) ‘etnotopônimo’; ‘povos vizinhos da Guiné’. [1552/pda3/f33v]: E como esta mais | ocidental que Tungubutu, geralmente concorriam a ella os poucos que lhe sam mais vezinhos: | assy como os Çaragolões, Fullos, Ialóphos, Azanegues, Brábaxijs, **Ligurarijs**, Luddáyas | da mão dos quaes per via do castello de Arguim e de toda aquella cósta vinha o ouro a nós- | sas mãos, e outros poucos do jnterior de Mandinga acodiam ao resgate de Cantor a que vam | os nossos nauios, per o rio Gambea.

lij – sm. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘cabo’; ‘monte’. [1552/pda4/f47v]: Perõ começando no rio chamado Carnate, vezinho

ao cabo e mõe de **Lij**, muy | notáuel aos nauegãtes daquelle cósta ẽ altura de doze grãos e meyo da parte do norte: entra hũa | faixa de terra que jáz entre este Gáte e o mar, de largura de dez tẽ seis leguoas, segundo as enseã- | das e cotouelos se encólhem ou bojam: a qual faixa de terra se chãma Malabár.

limma – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘lugar pertecente ao reino de Ormuz’. [1552/pda9/f106r]: De Curia Muria tẽ o cabo Rozsalgate que está em vinte dous grãos | e meyo, e será de cósta cento e vinte leguoas: toda ẽ terra esterelle e deserta. Neste cabo comẽ | ça o reyno de Ormuz, e delle tẽ o outro cabo Moçandan auerá oitenta e sete leguoas de cósta: | em que jazem estes lugares do mesmo reyno, Calayate, Curiate, Mascate, Soár, Calája, Or- | façam, Dobá, e **Limma**, que fica oito leguoas ante de chegar ao cabo Moçadan.

liquio → liquios.

liziras → leziras.

lũgur – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/f109v]: ficou esta cõs- | ta sem repartiçam de estados: e as pouoações que auerá de Táuy tẽ Maláca sam estas, Te- | uassarij cidade notáuel, **Lũgur**, Toram.

luam guóa – sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda10/f118r]: O qual braço ẽ muyto mais poderoso em águas que o outro do espirito sancto por ser naue- | gael mais de dozẽtas e cinquenta leguoas, e nelle se metẽrẽ estes seys notáuẽes rio Pa- | nhames, **Luam guóa**, Arruya, Manjóuo, Inadire, Ruẽnia: que todos regã a terra de Be- | nomotãpa, e a mayor parte delles leuam muyto ouro que nace nella.

ludáyas ~ **luddáyas** – sm. pl. (étimo desconhecido) → arguim → guinẽ. ‘etnotopônimo’; ‘povos’. [1552/pda3/f38v]: Onde esteuẽram pouco tempo por a terra | ser muy deserta, e sómente virem a ella os mesmos Alárues que as vezes vinham ao castello de | Arguim, que sam Azanegues, **Ludáyas** e Brabaxiis: dos quaes nam se podia auer jnforma- | çam do jnterior da terra de que elle desejava ter noticia, porque sua tençam nestas feitorias que | mandaua fazer no sertã, tão era por sabẽr as cousas delle e poder penetrar as terras do Preste | Ioam. [1552/pda3/f33r-33v]: E como esta mais | ocidental que Tungubutu,

geralmente concorriam a ella os pouos que lhe sam mais vezinhos : | assy como os Çaragolçes , Fullos , Ialóphos , Azançgues , Brábaxijs , Ligurarijs , **Luddáyas** | da mão dos quaes per via do castêllo de Arguim e de toda aquella cósta vinha o ouro a nós- | sas mãos.

luddáyas → ludáyas.

lugor – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação. [1552/pda9/f109v]: | o rio Syam (que como dissêmos) a mayór páрте delle procêde do lágo de Chiamáy . Ao | qual rio por causa da gram cópia das ágoas que tráç , os Siames lhe chamam Mçnam que | quer dizer a mãe das ágoas , e entra no már em altura de treze grãos : na qual cósta há estas | notauçes pouoações . Pam que é cabeçá do reyno assy chamádo , Pouticam , Calautã , Pa- | tane , **Lugor** , Cuy , Perperij e Bamplacot *que* está na boca do rio Mçnam.

M

maçaróca – sf. (< ár. *masurqa*)^a → ialofos → zaburro. ‘milho avermelhado escuro que servia de alimento aos povos Jalofos. [1552/pda3/f33r]: E pera dár os milhos de **maçaróca** aque chamámos zaburro , que é o co- | mum mantimento daquelles pouos : porque lhe póssa nacer , depois de limpo o cisco que lei- | xou o emxurro , lançam a semente sem mais laurar , e com hũa tona de area per cima õ cóbrem.

machamud – sm. (étimo desconhecido) → guzaráte(s). ‘antropônimo’; ‘rei de Guzarate’. [1552/pda8/f91v]: E çra rey de Ormuz **Ceisadim** deste | nome o segundo : e do reino de Guzarate **Machamud** o primeiro deste nome.

machico – sf. (origem obscura)^m ‘poliotopônimo’; ‘povoação localizada na ilha da madeira em Portugal’. [1552/pda1/f7r]: E a Tristão Uaz a outra onde está a pouoaçam | de Machico , cujos sucessores ã tçeram tç o anno de quinhentos e corenta , onde se quebrou | seu legitimo herdeiro segundo tinhã per sua doaça : da qual el rey dõ Ioã o terceiro nosso . *Senhor*.

machigam – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’.

[1552/pda9/f107r]: E tornãdo á primeira destas | tres demarcações de reynos *que* é ã do Guzaráte , e começãdo da sua cidãde Cãbaya onde acabã- | mos a terceira diuisam ao rio Bãte , ou por falar mais notãuelmẽte ao de Nogotáua a elle vezi- | nho auerã setenta léguoas , em *que* estã estas pouoações : **Machigam** , Gandár , a cidãde Baró- | che onde vem sair hũ notãuel rio chamádo Narbadã , e adiante oito léguoas say outro tambem | notãuel per nóme Tapetij , na fóz do qual hũa de fronte doutra estam as cidãdes Surat e Rei | ner .

machomçta – sm. (étimo desconhecido) ‘etnotopônimo’; ‘povo’. [1552/pda4/f47v]: E posto *que* toda esta prouincia Indostan | seja pouoaða de dous çneros de pouo em çrença , hũ jdólatra e outro **machomçta** : é muy vá- | ria em ritos e costumes , e todos entre sy ã tẽ repartida em muytos reynos e estãdos ; assi co- | mo em os reynos do Moltan , Delij , Cospetir , Bengãla em páрте , Orixã , Mando , Chitor , | Guzaráte a que comũmẽte chamamos Cambaya.

macran – sm. (étimo desconhecido) ‘corotopônimo’; ‘reino pertecente à região Herac Ajan’. [1552/pd9/f106v]: entramos na segũda diuisam , *que* é muy pequena e pouco pouoaða : | porque deste cábo Iasque até o jllustre rio Indo sam dozentas léguoas , nas quães estã estas po- | uoações Buadçl : Calarã : Calamçte e Diul situãdo na primeira fóz do Indo da páрте do ponẽ | te . A qual cósta ç pouco pouoaða por o mais della ser aparcelãda e de perigósa nauegaça , e a | tçerra per dẽtro , quasy de sçrto chamãda dos geographos Caimama : e os Pãrseos cõtã esta | páрте na regiã aque elles chamã Herac Ajan , na qual se contẽ os reinos de **Macran** e Guadel | *que* cay sóbre o cábo assy chamãdo.

maçulepãtan – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda9/f109v]: E tornando a continuar a descripçam da nõssa cósta , da cidãde sam Thomç em que nos | detiuçmos por louuor deste apóstolo nõsso propctor da India , pósto que em outra páрте | relatamos mais copiósamente o que se tem e çrç delle acerca desta gente : desta sua cidãde | a Paleacãte auerã nõue léguoas e adiante estã Chiricóle , Aremogã , Caleture , Careiro , | Pentepólii , **Maçulepãtan** , Budauarij , junto do cabo deste nome , *que* está em dezasçte

grãos . No qual acabã as terras do reino de Bisnagá (como dissémos) e começa õ de Orixá , cuja cósta.

mãdinga → mandinga.

mafamede ~ mafamêde ~ mahamed ~ mahamede

~ **mahómet ~ mahomet** – sm. (< ár. *muhammad*)^m. ‘antropônimo’; ‘fundador do islamismo’; ‘neto do rei de Songo’; ‘antropônimo’. [1552/pda8/f92r]:

Acrescentou mais a este clamor dos mouros , e reque | rimento do Çamorij , outro tal embaxádor do Xêque de Adem : o qual embaxádor ęra Xarife | daquelles que dizem vir da linhagem de **Mafamede** , porque per via de religiõso podia prouo | car mais ao Soldam pera acodir a estes dãos como defensor da ‘casa de Męcha , segundo se | elle jntituláua. [1552/pda1/f3r]: ALeuantádo em a tęrra de Arábia aquelle grãde antechristo

Mafamêde , qua- | si nos annos de quinhentos nouenta e tres de nõssa redençam , assy laurou | a furia de seu fęrro e fõgo de sua jnferral secta , per meyo de seus capitães e | calyfas : que em espáço de cem annos , conquistáram em Asia toda Arábia , e | páрте da Syria e Pęrsia , e em Africa todo Egypto daquem e dalem do Ni- | lo. [1552/pda8/f96r]: os primeiros pouos estrangeiros que a esta tęr | ra Zanguebar vięram habitar : forã de hũa gente dos Arabios desterráda , depois que recebe- | ram a secta de **Mahamed**.

[1552/pda3/f38v]: Tambem per via da fortaleza da mina mandou a **Mahamed** , ben Manzugul e | nęto de Mussá rey de Sõngo , que ę hũa cidade das mais populõsas daquella gram prouincia | a que nós comunmente chamamos Manduiga. [1552/pda8/f94r]: Cide **Mahamed** confuso com o recádo nam

ousou responder , sómente que lógo traria a | reposta. [1552/pda6/f72r]: Acabáda esta solennidáde espediose o Almirãte delle , e assy de **Ma | hamede** Enconij : que foy páрте muy principal pera elrey vir áquella obediencia , e o Almirãte | folgou muyto de õ ver por quã fięl amigo sempre se mostrou aos capitães *que* aly foram. [1552/pda8/f92v]: O | grande rey , senhor dos que senhoream , nõbre , grande . sabedor , justo , e victoriõso : rey dos | reyes , outęlo do mundo , principe da fę de **Mahómet** , e dos *que* nelle cręm : viuificádor da justi- | çã em todo o mundo , herdeiro de reynos , rey da Arabia , de Bemia , da Pęrsia , e Turquia , som | bra de deos na

terras , *que* óbra todolas bóas cousas óra sejam per elle mãdadas , óra nõ. [1552/pda8/f92v]: cõseruador dos dous lugáres de peregrinos , summo sacerdotę dos templos sagrádos | que estam debaixo de seu poder , e contem a fę de **Mahomet** que esparge justiça , e bondáde | resplãdor da fę , pay da victória.

magadaxó ~ magadaxo – sf. (< ár. *maqadaxau*)^m. ‘poliotopônimo’; ‘cidade’.

[1552/pda10/f120r]: os | primeiros daquella cósta *que* vięram tęr a esta tęrra de Sofála a cheiro deste ouro , foram os mo | radóres da cidade **Magadaxó** : e como veo a poder dos reyes de Quillóa foy per este cáso. [1552/pda8/f98r]: Chegãdo ás pouoações de | **Magadaxo** e Braua , assy por elle ser da linhagẽ dos Pęrsios *que* acerca da secta de Mahamed | diffęrẽ dos Arabios (segũdo a diãte veremos) , como porque sua tençã ęra fũdar própria pouoa- | çã onde fõsse senhor e nõ subdito dalguẽ.

mãgalor – sf. (étimo desconhecido)

‘poliotopônimo’; ‘povoação pertecente ao reino de Bisnagá [1552/pda9/107v]: A terceira de- | marcaçam que diuide a prouincia Cauará do Dęcanacába no cábo Comorij : começando do | rio Aliga em que auerá cem lęgoas per esta maneira : de Aliga tę outro rio chamádo Cãgerę- | corá , que está cinco lęguoas ao nõrte do monte Delij cábo notauel nęsta cósta , auerá quoręta | e seis lęguoas . No qual maritimo jázem estas pouoações Ancola , Egórapan , Mergęu , a ci- | dáde Onor cabęça do reyno , Baticalá , Będor , Bracelor , Bacanor , Caręara , Carnáte , **Mã- | galor** , Mangeirã , Cumbatá , e Cangerecóra per *que* córre hũ rio deste nome que ę extremo , e de- | marcaçã , como se verá abaixo . As quaes pouoações todas sam da prouincia Canará subdi- | tas a elrey Bisnagá.

magaręfes – sm. pl. (< ár. *mugarif*)^a. ‘antropônimo’;

‘apelido’. [1552/pda1/f17r]: Auiam por cousa | muy tórpe esfolar alguem gádo e neste mistęr de **magaręfes** lhe seruiam os captiuos que tomá- | uam : e quando lhe estes faleciam , buscáuã hõmeẽs dos mais baixos do póuo pera este officio , | os quães uiuiam apartádos da outra gente , e nam õs communicauam em aquelle mister.

mahamed → mafamed.

mahamede → mafamed.

maim – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/f107r]: E adiante treze lęguoas em altura de dezoito grãos e

dous tērcos está a ci- | dáde Chaúl , onde tēmos outra fortaleza *que* já é da segunda demarcaçã do reyno Deçã : porque | atras ficã estas pouoações **Maim** , Nagotáua , que serã de Chaúl quátro lēguoas.

maimanę – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’. [1552/pda8/f92r]: Tomãdo por conclusam | de seu requerimento , que lhe mandásse hũa gróssa armáda com gente e ármãs pera nós lan- | çar da Índia : que elle á proueria de dinheiro e mantimentos como lá fosse . Com a qual em- | baxáda foy hũ mouro principal chamádo **Maimanę** hómem mais dádo a religiã de sua secta , | que ás ármãs.

malabár ~ **malabar** – sf. (origem obscura)^m ‘poliotopônimo’; ‘região da costa ocidental da Índia’; ‘província’; ‘língua’. [1552/pda4/f47v]: Però começando no rio chamádo Carnáte , vezinho ao cábo e mōte de Lij , muy | notáuel aos nauegãtes *daquella* cósta ã altura de doze grãos e meyo da párte do nórtē : entra hũa | faixa de tērra *que* jáz entre este Gáte e o már , de largura de dez tē seis lēguoas , segundo as enseá- | das e cotouelos se encólhem ou bojam : a qual faixa de tērra se cháma **Malabár** *que* terá de cōpri- | mēto óbra de oitēta lēguoas , onde está situáda a cidáde Calecut . Neste tēpo *que* Uásco da Gã | ma chegou aella , pósto *que* geralmēte toda esta tērra **Malabár** fósse habitáda de gētios , nos pór- | tos do már viuia alguũs mouros , mais por razam da mercadoria e tracto *que* por tē algũ estádo | na tērra : porque todolos reyes e principes della çram do gênero gentio e da linhagē dos Brã- | manes , gente a mais docta e religiôsa ã seu módo de creñça de todas *aquellas* pártes . E o mais | poderóso príncipe *daquella* **Malabár** çra elrey de Calecut , o qual por excelencia se chamáua Ça- | morij. [1552/pda4/f47v]: E pósto *que* adiante particularmēte des- | creuemos o sítio desta cidáde Calecut e da regiam **Malabar** em *que* ella esta , a qual regiam ç hũa | párte da prouincia da Índia : aqui por ser a primeira entráda em que os nóssos tomáram pósse | deste descobrimento per tantos annos continuádo e requerido , faremos hũa vniversal rela- | çam da prouincia da Índia pera melhór jntendimento desta chegáda de Uásco da Gámma. [1552/pda5/f60v] e frey Anrique como | carecia do principal jnstrumento *que* çra lingua **Malabar** nam podia vsar do seu tam liberalmen | te como quissçra , posto *que* á cása concorria muyta gente.

malabáres ~ **malabares** – sm. (→ malabar) ‘etnotopônimo’; ‘povos’. [1552/pda9/f112r]: E reduzindo nos pera nósso jntento , o gentio na- | tural e próprio jndigena da tērra é a quelle póuo aque chamámos **Malabáres** : há hy outro *que* | aly veo da cósta de Choremandel por razam do tracto , aos quães chamã Chingálas *que* tē pró- | pria lingua , a que os nóssos comũmēte chamã Chatijs. [1552/pda7/f83v]: sómente em hũa carauęla e batçes , e alguũs bárcos | da tērra em que leuaria atē trezētos hómeēs de que os oitenta çram Portugueses e os outros | **Malabares** *que* pera jssso deu elrey.

maláca ~ **maláça** – sf. ([talvez < malai. *malaca*, ou < sâncr. *malaca*]^m , ou < ár. *malaka*)^a ‘poliotopônimo’; ‘cidade da Malásia’. [1552/pda8/f91r]: Per todas as quães pártes ao tempo *que* descobri- | mos a Índia , assy os gētios como os mouros andáua cōmutando e trocãdo hũas merca | dorias por outras : (segũdo a natureza dispos suas semētes e fructos , e deu jndustria aos hó- | meēs em a mechanica de suas óbras .) As *que* jaziam alem da **cidáde** de Maláca , situáda na | Aurea Chesoneso (nome *que* os geographos dêram áquella tērra. [1552/pda6/f70r]: Quanto ao | titulo da conquista , oje per ella sam metidos na coróa deste reyno estes reynos Çofála , Quilóa , | Mombáça , Ormuz , Góa . **Maláça** Maluco com totalas jlhas do seu estádo : e os senhorios | da cidáde Dio e Baçaim , com totalas suas tērras *que* sam do reyno de Cambáya , e adiãte | Chaul Batalalá , em totalas quães pártes temos nósas fortalezas cō officiaes e ministros | do gouerno da tērra.

malagueta – sf. (< ár. *mulaqata*)^a ‘pimenta malagueta’. [1552/pda3/f39v]: E mais ç propriadáde tam pacifica , mansa , e obediente , *que* sem | termos , hũa mão em o murrãdo aceso sobre a escórua da bombárda , e lança na outra , nos dá | ouro , marfim , çera , coirama , açucar , pimenta , **malagueta**.

maláyos – sm. pl. (origem controversa)^m ‘etnotopônimo’; ‘povos’. [1552/pda9/f109r]: e principalmēte depois *que* tomamos Maláca : | porque lançãdos os mouros **maláyos** *daquella* cidáde buscaram nóuas pouoações ao lógo da- | quella cósta , e como ella é do gentio mais saluáge *daquellas* pártes , tomãdos os melhores pór | tos per via de trácto e nauegaçam *que* os naturáes da tērra nam vsam , fizçranse senhores e al | guũs delles se jntitularem com nome de reys.

maldiua ~ **malduiua** – sf. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘ilhas próximas a

Índia'. [1552/pda7/f79v]: E neste tẽpo quásy em satisfaçã desta óbra elrey ò auisou do que o Çamorij | mouia contra elrey de Cochij : com o qual recádo elle se pártio lógo pera Cochij , e de caminho | tomou tres zambucos que vinham das jlhas de **Maldiua** a que pos fogo por saber serem de | Calecut. [1552/pda10/f125r]: cõ fundamento do muyto *que* im- | portaua ao seruiço delrey tolhér este caminho e ter descuberto *aquella* jlha e assy as de **Malduiua** , por razam do cairo *que* se dellas auia que era o essencial de toda a nauegaçã da India pois delle | se faz toda a xacea.

malduiua → maldiua.

malemo caná ~ **malẽmo cauá** – sm. (malemo < ár. *mu'allim* + caná < malaia. *kanaka*)^m → ben mājīd. → guzaráte. 'antropônimo'. 'nome dado ao piloto que levou Vasco da Gama e sua esquadra de Melinde à Índia'. [1552/pda4/48r]: O mouro **Malemo Caná** como quẽ sabia a terra foy se lógo aos paços delrey : e porque | achou nóua *que* era em hũ lugar *que* seria daly cinco lẽguoas sem tornar aos nauios com recádo se | foy aelle. [1552/pda4/46v]: entre os quáes vinha hũ mouro Guzarate de naçam chamádo **Malẽmo** | **Cauá** , o qual assy pelo contentamento que teue da conuersaçam dos nóssos , como por com- | prazer a elrey *que* buscáua piloto pera lhe dar , aceptou querer jr cõ elles.

malhórca – sf. (étimo desconhecido) 'geomorfotopônimo' 'ilha'. [1552/pda1/21r]: Porque | p:era este descobrimẽto , mandou vir da jlha de **Malhórca** hũ mẽstre Iacoina , hómẽ muy docto | na árte de nauegár que fazia cártas e instrumentos.

maluco – sm. (< ár. *malūkā*)^m 'geomorfotopônimo'; 'ilha'. [1552/pda2/23r]: Atra- | uessando o anno de quinhentos e vinte cinco hũa armáda de Castella , da cósta de Guineç | pera à cósta do Brasil , à qual ya pera as nóssas jlhas de **Maluco** , de que era capitam mór frey | Garcia de Loáys cõmendador da órdem de sam Joam.

mãmale mercar – sm. (étimo desconhecido) 'antropônimo'. [1552/pda5/f61v]: Aires Correa porque este mouro desejava de (***) | elle , e sentia que as paixões dantre elle e Congel Bequij era grande páрте fauorecer mais ao ou- | tro que a elle : | Cananor : que lhe pedia em toda maneira chegando a não | aquelle porto , de noite secreta- | mente lhe metessem a mais gente que podẽsem , que elle pagaria a despesa que se nisso fizesse , | porque mais deuia a **Mãmale Mercar** e a Cherina Mercar cuja ella era.

mamud → mamude.

mamude ~ **mamud** – sm. (< ár. *mahmūd*)^m 'antropônimo'; 'governador de Quiloa que se levantou como rei'. [1552/pda8/f98v]: porque o póuo leuãtou por rey o governador do reyno : o quá l nã estẽue no estado mais *que* | hũ ano por tornárẽ aleuantar por rey a **Mamud** hómẽ pobre por ser da linhagẽ dos reyes , *que* nã | durou naquelle estádo mais *que* hũ ãno por sua pobreza . E foy leuãtádo por rey Hacẽ filho delrey | Ismael já passádo , *que* Reynou dez ãnos , e seu filho Cayde outros dez : e per sua mórte se quis le- | uãtar cõ o reyno o governador delle , e durou neste poder hũ ãno . No quá l tẽpo fez gouerna- | dor a hũ seu jrmão per nóme **Mamude** *que* tinha tres filhos : dos quáes sobrinhos temẽdose este | tirãno por serẽ hómẽes pera muyto mãdou õs de Quiloa *que* fossem gouernar as tẽrras subditas | a ella , e acõteceo a sórte de Çofala a hũ chamádo Içuf do quá l depois farẽmos larga mençã.

manancort – sf. (étimo desconhecido) 'poliotopônimo'; 'povoação'. [1552/pda9/f108v]: As pouoações | da qual cósta sam estas , lógo na vólta do cábo Comorij as sẽte lẽguoas Tacancurij , e adiante | Manapar , Uaipar , Trechandur , Callegrande , Chereacálle , Tucucurij , Bembar , Cálecare , | Beadála , **Manancort** , e Canhameira onde está hũ notáuel cábo assy chamádo em dez grãos | da páрте do nóрте.

manapar – sf. (étimo desconhecido) 'poliotopônimo'; 'povoação'. [1552/pda9/f108v]: As pouoações | da qual cósta sam estas , lógo na vólta do cábo Comorij as sẽte lẽguoas Tacancurij , e adiante | **Manapar** , Uaipar , Trechandur , Callegrande , Chereacálle , Tucucurij , Bembar , Cálecare , | Beadála , Manancort , e Canhameira onde está hũ notáuel cábo assy chamádo em dez grãos | da páрте do nóрте.

mandiga → mandinga.

mandi mansa – sm. (étimo desconhecido) → tungubutu. 'antropônimo'; 'rei de tungubutu'. [1552/pda3/f38v]: E como con esta | ferocidade tinha feito grande dano em os amigos e seruidores del rey , principalmente a el rey | de Tungubutu , **Mandi Mansa** e Uly Mansa : mandoulhe per algũas vezes seus recádos de | amizãde e outros de rogo sobre os negócios da guẽrra que tinha cõ estes. [1552/pda3/f38v]: E assy ficou desta e | doutras jdas *que* el rey la mandou tanta amizade entre os nóssos e este rey **Mandi Mansa** , que | enuiãdo eu por razam do meu cárgo de feitor destas cásas de

Guinç e Indias , o anno de mil | quinhentos trinta e quátro a hũ Pero Fernandez a este reyno de Mandi Mansa , em nome | del rey dom Ioam o terceiro nõsso senhor , que óra regna por razã do resgáte de Cãtor : estimou | o rey muyto este recádo que lhe foy dádo da páрте del rey.

mandinga ~ **mãdinga** ~ **mandiga** ~ **manduiga** – sf. (< bambar. *mani*, ou *mali*)^m. ‘poliotopônimo’; ‘província africana localizada entre os rios Senegal e Gâmbia’. [1552/pda3/f33r]: Por razam do qual rio a terra mais pouoáda , e | aque jáz ao longo delle , onde á algũas cidadés , a principal das quáes e Tungubutu, que | está tres lęguoas afastáda delle da bamda do nõrte : onde por causa do ouro que vem ter a ella | da grande prouincia de **Mandinga** , concorrem muytos mercadóres do Cairo , de Tunez , de | Ouram , Tremecem , Fez , Marrócos , e doutros reynos e senhorios de mouros. [1552/pda1/f22v]: Daqual algũa *que* em Italia se auia , ante deste desco | brimento : era per mãos dos mouros destas pártes de Guinç , que se atrauessáua a grande re- | giam de **Mãdinga** , e os desértos da Libya. [1552/pda3/f27v]: E per este módo ficará me- | tidos em o conto dos fięes da jgreja mais de mil almas , que cada hum anno ante deste san- | cto pręcepto eram póstas em perpétua seruidam do demómo , ficando gentios como eram , ou | se faziam mouros , quando per via do resgáte que os muros fazem com os negros da prouincia | de **Mandiga** õs auiam a seu poder. [1552/pda3/f38v]: Tambem per via da fortaleza da mina mandou a Mahamed , ben Manzugul e | nõto de Mussá rey de Sõngo , que e hũa cidade das mais populósas daquella gram prouincia | a que nós comunmente chamamos **Manduiga**.

mando – sm. (étimo desconhecido) ‘corotopônimo’; ‘reino’. [1552/pda4/f47v]: E posto *que* toda esta prouincia Indostan | seja pouoáda de dous gęneros de pouo em cręnça , hũ jdólatra e outro machomęta : e muy vá- | ria em ritos e costumes , e todos entre sy ã tẽ repartida em muytos reynos e estádos ; assi co- | mo em os reynos do Moltan , Delij , Cospetir , Bengála em páрте , Orixá , **Mando** , Chitor , | Guzaráte a que comũmete chamamos Cambaya .

manduiga → mandinga.

mangalor – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘lugar’. [1552/pda9/f106v]: e deste Iaquete *que* | e dos principáes tēplos daquella gętilidáde com hũa nõbre pouoaçã tẽ a nõssa cidáde Dio do rei- | no Guzaráte cinquenta lęguoas , na

qual distãcia estam estes lugáres , Cutiána , **Mangalor** : | Cheruár : Patan , Corinár.

mangáte caymal ~ **mangate caymal** – sm. (mangate + caymal [este < malaiala *kaimal*]^d) → caimal. ‘antropônimo’. [1552/pda7/f78v]: Entre os quáes foy Cham | de Bagadarij senhor de Porca , e o **Mangáte Caymal** , e seu jrmão Naubeadarij , o Cai- | mal de Cambalu , o Caimal de Cheriauapil , e os cincoos Caimáes da tęrra aque elles chamã | Anche Caimal : *que* dęrá entráda per sua tęrra , a *que* o Çamorij passásse á de Cochij por esta ser a ella | muy vezinha. [1552/pda7/f86r]: Cá elrey de Co | chij começou esta guęrra sendo em sua ajuda estes que eram seus vassálos : o principe seu sobri | nho herdeiro do reino , o Caymal de Paliport , o Caymal de Balurt , o Cham de Begadarij | senhor de Porcá , e o **Mangate Caymal** seu jrmão , e o Caymal de Cambalã , e o Cayamal de | Cherij a Uaypij e outros senhores de tęrras.

mangeirã – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/107v]: A terceira de- | marcaçam que diuide a prouincia Canará do Dęcanacába no cábo Comorij : começando do | rio Aliga em que auerá cem lęgoas per esta maneira : de Aliga tẽ outro rio chamado Cãgerç- | corá , que está cincoo lęguoas ao nõrte do monte Delij cábo notauel nõsta cósta , auerá quoręta | e seis lęguoas . No qual maritimo jázem estas pouoações Ancola , Egórapan , Mergueu , a ci- | dáde Onor cabęça do reyno , Baticalá , Będor , Bracelor , Bacanor , Caręara , Carnáte , Mã- | galor , **Mangeirã** , Cumbatá , e Cangerecóra

mani sono – sm. (mani + sono) ‘título’; ‘senhor de Sono’ [1552/pda3/f34v]: Aca- | bando suas razões que em seu módo eram de hómeme alumiádo , se entregou em mãos | dos sacerdótes que õ baptizaram , e ouue nome Mãnuel por lhe dizerem que assy se cha- | máua o mayór senhor do reyno que era jrmão da rainha , e primo com jrmão del rey , e o | filho ouue nome António . Os quáes depois pola nobreza do seu sangue teuęram o dom | que responde em significado a este vocábulo que anda entrelles , Many , que quęr dizer | senhor : e junto a Sono , nome daquella comárca de tęrra , quando dizem **Mani Sono** , | se entende o senhor de Sono , porque totalas nações tem seus termos de nobreza e honra , | causa dos mayóres trabálhos da vida.

manicã ~ **manica** – sf. (< malai. *manikam*)^d. ‘litotopônimo’; ‘poliotopônimo’; ‘minas’; ‘comarca’. [1552/pda10/f118v]: Nestas

minas de **Manicá** *que* serã de So- | fála cõtra o ponente atê cincoenta lèguoas , por ser tẽrra sêca tem os Cafres algum trabalhõ , | cá todo o ouro *que* se aly ácha e em pó e cõuenm *que* leuem a tẽrra *que* cauam a lugar onde achẽ água | pera o que fazem alguũs cauoucos em *que* no jnuerno se recolhe algũa : e gẽralmente nenhũ cáua | mais *que* seys sête palmos dalto , e se chegã a vinte ácham por lástro de toda aquella tẽrra la gẽa. [1552/pda10/f118v]: As minas desta tẽrra onde se tira o ouro , às mais chegadas a Sofala sam aquellas | aque elles chamam **Manica** , as quães estam em campo cercádas de montanhas que tẽrã em | circuito trinta lèguoas : e gẽralmente conhecem o lugar onde se cria o ouro por verem a tẽrra | sêca e pobre de hẽrua , e chamase toda esta comárca **Manica** , e os pouos *que* às cauã Botõgas.

manjóuo – sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda10/f118r]: O qual bráço e muyto mais poderõso em águoas que o outro do espirito sancto por ser naue- | gael mais de dozẽtas e cincoenta lèguoas , e nelle se metẽrẽ estes seys notáuẽs rio Pa- | nhames , Luam guóa , Arruya , **Manjóuo** , Inadire , Ruẽnia : que todos regã a tẽrra de Be- | nomotápa , e a mayór pártedelles leuam muyto ouro que nace nella.

manteiga – sf. (< ár. *mutaqan*)^a ‘alimento cremoso de cor amarelada, feito de nata, comumente utilizado para barrar o pão’. [1552/pda1/f17r]: Trigo e ceuáda tinham em grande cópia , e desfalecialhe engenho pera | õ amassar em pão , sómẽte comiam a farinha cozida com carne e **manteiga**.

many – sm. (étimo desconhecido) ‘vocabulo de tratamento’. [1552/pda3/f34v]: **Many** , que quẽr dizer | senhor : e junto a Sono , nome daquella comárca de tẽrra , quando dizem Mani Sono , | se entende o senhor de Sono , porque totalas nações tem seus termos de nobreza e honra , | causa dos mayóres trabalhõs da vida.

manzugul – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’. [1552/pda3/f38v]: Tambem per via da fortaleza da mina mandou a Mahamed , ben **Manzugul** e | neto de Mussá rey de Sõngo. [1552/pda9/f98r]: Ao qual succedeo Ale bem Daut seu sobrinho *que* reinou sesenta ánnos , e suce- | deo lhe hũ seu nõto chamádo do seu nõme : cõtra quẽ se leuantou o póuo por ser máo hõmem e õ | meterã viuõ em hũ póço auẽdo seys áños *que*

reináua , leuãtádo por rey a seu jrmão Hacen ben | Daut *que* reynou vinte e quátro áños.

[**maomé**] → mafamede.

marabia – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘lugar’. [1552/pda9/f107v]: Do rio Canherecõra dõde comẽça a regiã | Malabár tẽ Puripátan *que* seram per cósta vinte lèguoas e do reyno Cananor , em que há estes | lugáres : Cõta , Coulam , Nilichilam , **Marabia** , Bolepátan , Cananor cidáde onde tẽmos hũa | fortaleza.

maraunion – sf. (étimo desconhecido) ‘etnotopônimo’; ‘linhagem’. [1552/pda1/f3v]: E porque quando õ aleuantáram por seu calyfa , foy com lhe dárem juramẽto que | auia de jr destruir o calyfa que entam residia na cidade Damáscõ *que* ẽra da linhagem a que | elles chamam **Maraunion** , em a qual auia muytos annos que andáua o calyfádo per mó- | do de tyrannia mais que per ẽleicãm.

marfim – sm. (< ár. *malftl*)^m ‘material branco e duro usado na confecção de joias’. [1552/pda1/f22v]: E entre outras condi- | ções que se continham neste cõtrácto , ẽra que todo o **marfim** auia de ser del rey , a preço de mil | e quinhẽtos reaes por quintál : e el rey õ daua a outro mayór preço a hũ Martimãnes Bouiã- | ge , por lhe ser obrigádo per outro cõtrácto feito ante deste , a todo o **marfim** que se resgatásse | em Guine.

marlõta(s) ~ marlõta (< greg. *mallõtẽ*)^m ‘pequena capa usada pelos árabes’. [1552/pda8/f98v]: Finalmente ante *que* daly partisse elle foy | vestido em hũa **marlõta** de escarláta forráda de cetim com alamares douro , e hũ capelhar do | mesmo panno que lhe dõ Frãcisco mãdou dar. [1552/pda4/f45r]: Que as **marlõtas** e o mais que | ouuẽrã tudo fora tomádo a suas molhẽres , e aly õ mandáua : e em lugar delles outro piloto , hõ- | mem *que* õ auia de seruir melhõr , por ser mais exercitádo naquelle caminho da India , e assy o ne- | gro fogido. [1552/pda8/f94r]: Dom Francisco depois que õ mãdou contẽ- | tar com hũa **marlõta** de cores , e lhe deu os guardecimentos da visitaçam : mãdou dizer aelrey | que se espantáua muyto delle na chegáda daquella frõta delrey seu senhor que por honra delle e | da sua cidáde tiráua tanta artelharia , nam responder elle com algũ sinal de cortesia , ao menos | mandando aruorar hũa bandeira de suas ármãs que lhe foy dada pelo Almirante em sinal de | páz.

marrõcos ~ marrocos – sm. (< ár. *marrácx*)^m ‘poliotopônimo’; cidade localizada no norte da África’. [1552/pda1/f3v]: E nam se

contentando ajnda com este nóuo e soberbo nome , fundou a cidade | **Marrócos** pera cadeira de seu estádo e metropoly daquella regiam (pósto que algũas cro- | nicas dos Arabios querem *que* ã edificou Iosep filho de Ielfim , e outros *que* outro principe , co | mo veremos em a nóssa geographia. [1552/pda1/f4v]: A causa da fundaçam da qual cidade , dizem alguũs | delles que nam foy tanto por glória que este AbediRamon teue da memória do seu nome : | quãto em reprouçam doutra que ouuio dizer que fundáua o calyfa Bujafar jrmão e sucessor | do calyfa Cafa , que foy causa de se elle vir a estas pártes. O que elles muy bem compriram , | por*que* nã sómẽte tomáram cidades villas e lugares , nos principaes pórtos e forças dos rey- | nos de Fez e **Marroc**os , restituindo á ygreja Romana a jurdiçã que naquellaas partes tinha | perdida depois da per diçam de Espanha , como obedientes filhos e primeiros capitães polla | fê nestas partes de Africa : mas ajnda foram despregar aquella diuina e real bandeira da mili- | cia de Christo (que elles fundaram pera esta guèrra dos infiçes) nas pártes Orientaes da | Asia , em meyo das infernaes mesquitas da Arabea e Persia.

marsinga → narsinga.

martabam – sm. (talvez < ár. *marTabân*)^m. ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda9/f109r]: O outro de Pègu pássa pelo reino Auá *que* é no jnterior da tẽrra : e õ outro say | em Martabam entre Táuy e Pègu , em altura de quinze grãos . E as pouoações que estam | fóra desta enseáda de jlhas de Pègu (que dissemos) e vam ao lóngo da cósta delle : sam Ua- | garu , **Martabam** cidáde notauel por causa do grande tracto que nella há , e adiante rey Taga | lá e Táuy.

mascáte – sm. (< ár. *masqaT*)^m. ‘poliotopônimo’; ‘lugar pertencente ao reino de Ormuz’. [1552/pda9/f106r]: De Curia Muria tẽ o cábo Rozsalgáte *que* está em vinte dous grãos | e meyo , e será de cósta cento e vinte lèguoas : toda é tẽrra esterelle e desçerta . Neste cábo comẽ | ça o reyno de Ormuz , e delle tẽ o outro cábo Moçandan auerá oitenta e sête lèguoas de cósta : | em *que* jazem estes lugares do mesmo reyno , Calayáte , Curiáte , **Mascáte** , Soár , Calája , Or- | façam , Dobá , e Limma , que fica oito lèguoas ante de chegar ao cábo Moçãdan.

masusipatã – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda9/f107r]: Porẽ em o nacimẽto deste grãde rio chamádo | Nagũdij ao do outro Gãga há esta differença , nã ter aquella

religiam das águoas : e mais ná- | ce quásy na parágem do Gáte *que* está sóbre Cananor e Calecut , e vay correndo ao lógo delle cõ- | tra o nóрте , e como ç de fronte do rio Aliga fáz hum cotouelo e toma outro curso pera oriente , e | pássa per a metrópoly Bisnagá e per tẽrras de Orixá tẽ sair na enseáda de Bẽgala per duas bo- | cas entre dezaseys e dezaseite grãos , onde está duas cidádes Guadeuarij e **Masusipatã** em *que* | se fáz muyta roupa dalgodã *que* óra vem delá *que* tem o mesmo nóme.

matáta mãdelima – sm. (matáta + mãdelima) ‘antropônimo’; ‘rei de Xanga’. [1552/pda8/f98r]: Per mórte do quá l he succedeo seu filho Ale Buniale , *que* reinou quorenta | ãnos : e por nã ter filho herdou Quilloa Ale Busoloquete seu sobrinho , filho do jrmão *que* ti- | nha em Mõfia : *que* nam durou no estádo mais *que* quatro ãnos e meyo . Ao quá l succedeo Daut | seu filho *que* foy lançádo de Quilloa aos quatro ãnos de seu reinádo , per **Matáta Mãdelima** *que* | ẽra rey de Xãga seu jmigo : e Daut se foy pera Mõfia õde morreo.

mauhyá – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’; ‘pai de AbediRamon’. [1552/pda1/f3v]: Antre alguũs desta linhágem Maraunion que este capitam Abedelá perseguia , auia huũ | hómẽm poderóso chamádo AbediRamon filho de **Mauhyá** , e neto de Hóxon , e bisnẽto | de Abbedelmalec : o qual auó e bisauó em tempo passado foram tambem calyfas daquella ci- | dade Damáscio.

maymamẽ – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’; ‘capitão do Samori de Calecut. [1552/pda7/f88v]: segũdo tinha | sabido estáua no lugar hum capitam do Çamorij chamádo **Maymamẽ** e o principe Naubea- | darij com gente de guarniçam , por causa da qual guarniçam elrey de Cochij mandou per tẽrra | o principe seu sobrinho com alguũs naires e frecheiros.

meácó – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘província’. [1552/pda9/f110r]: tambem nauegãmos e | conquistamos muyta párte das jlhas daquelle grãde ocenao , assy como às de Maldia e Cei- | lam fronteiras á prouincia Indostan , Samátra Iáua , Timor Burneo , Banda , Maluco , Lequijo , e óra per derradeiro as dos Iapões e a grande prouincia **Meácó** que todas jazem | de Maláca por diãte : nos tẽpos que se fizẽrmos alguũs feitos nellas , darẽmos a relaçam *que* | conuiẽr pera jntẽdimẽto da história.

meça → mẽcha.

mêcha ~ meça – sf. (< ár. *mekkâ*)^m. ‘poliotopônimo’; ‘cidade da Arábia’. [1552/pda1/f103v]: E também tinham por nóua auer poucos dias que viêra hũa não de **Mêcha** que | trouxera alguñs fundidóres dartelharia e muytas armas : os quães trabalháuã de acabar duas | peças gróssas pera asestar na frontaria da cidade cõ outras que já estáuam póstas . [1552/pda1/f20r]: e isto porque os mouros do rio do ouro eram aleuãtados , e tinha por | jnformaçã que estes de **Meça** desejauã nossa paz e cõmércio . E pera se isto milhór fazer , dos | mouros *que* éã vindos daquellas partes : ouue algũs da comárca de Meça *que* prometiam por sy | hũa boa somma de negros.

mechanico – sm. (étimo desconhecido) ‘etnotopônimo’; ‘povo autóctone do Malabar’. [1552/pda4/f47v]: E como nesta cidade auia grãde cõcurso de varias nações , e o gẽtio della muy | supercioso ã se tocar cõ gẽte fóra de seu sangue , principalmẽte òs *que* se chamáuã Brammanes e | Naires : destes dous gêneros de gẽte sendo a mais nóbre da tẽrra viuia nella muy poucos , to- | da a outra pouoaçã era de mouros e gẽtio **mechanico**.

megralianos – sm. pl. (étimo desconhecido) ‘etnotopônimo’; ‘povos’. [1552/pda9/f110r]: nos táes obra nam vemos nos os póuos que acima apõtamos , e assy os Georgeanos , **Me** | **gralianos** , Charqueses Roixos e outros daquellas partes captiuos e escrãuos de Tartáros e | do Turco , pagando ao presente os filhos e ñetos dos primeiros trãsgressóres da ley e da páz | euangelica :

meliápor – sm. (origem obscura)^m. ‘poliotopônimo’; ‘lugar’. [1552/pda9/108v]: As pouoações | da qual cósta sam estas , lógo na vólta do cábo Comorij as sête lęguoas Tacancurij , e adiante | Manapar , Uaipar , Trechandur , Callegrande , Chereacãlle , Tucucurij , Bembar , Cálecare , | Beadála , Manancort , e Canhameira onde está hũ notãuel cábo assy chamádo em dez grãos | da pãrte do nórtre . E adiante estam estes lugãres Neçapátan , Nahór , Triminapátan , Tra- | gambar , Triminauáz , Colorã , Pudu cheira , Calapãte , Conhomeira , Sadrapátan , **Me-** | **liápor** , a que os nóssos óra chamam sam Thomę : hũa antigua cidade que elles tem renouãdo | cõ magnificas cãsas de sua morãda , em que muytos delles já cansãdos dos trabãlhos da guęrra | fizęram assento de viuęda.

melinde ~ melimde – sf. (< ár. *malindi*)^m. ‘poliotopônimo’; ‘cidade africana dominada politicamente por Portugal’.

[1552/pda4/f46r]: | como adiante estãua hũa villa chamãda **Melinde** , cujo rey era hõmem humano per meyo do | qual podia auer piloto pera a India . Uendo elle *que* perguntãdo cada hũ destes apãrte , todos | concorriam a bondãde de **Melinde** , e que no seu porto ficãuam tres ou quátro nauios | de mercadóres da India , per a pilotagẽ destes seguio a cósta , com tençam de chegar a **Melin-** | **de** per auer hũ piloto pois em todos aquelles treze mouros , nam auia algũ que se atreuesse de | ò leuar a India. [1552/pda5/f57r]: Como Pedralvarez se vio cõ elrey de Quilloa e | depois cõ o de **Melimde** : e dhy se partio *pera* a jndia.

męnam – sm. (< siam. *Me Nam*, ou *Mae Nam*)^m. ‘hidrotopônimo’; ‘rio da Tailãndia’. [1552/pda9/f106v]: à quinta no jl | lustre rio Gange , à sexta no cábo de Cingapura alẽ da nõssa cidade Malãca , à septima no grã | de rio chamãdo **Męnam** jnterpretãdo mãem das águoas : o qual córre per meyo do reyno de | Siã.

mengo musaf – sm. (mengo + musaf) ‘antropônimo’. [1552/pda10/f120v]: O qual Yęuf vendo que o viso rey dom Francisco tomãra a cidade Quilloa , temia *que* | por Sofala ser subjecta a ella desta auçam quisesse bolir cõ elle , e este temor foy apãrte principal | de elle receber com gasalhãdo a Pero da Nhaya querendose per esta via segurar de nos . E tã- | bem quererse aproueitar do nõsso fauor contra seu genro **Mengo Musaf** que era hõmẽ pode- | roso e dopeniam : e sentia nelle que por sua mórte auia de querer tomar aquella herança a seus | filhos.

mergeu – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘pouoação’. [1552/pda9/107v]: A terceira de- | marcaçam que diuide a prouincia Canará do Deçanacãba no cábo Comorij : começando do | rio Aliga em que auerã cem lęgoas per esta maneira : de Aliga tę outro rio chamãdo Cãgerę- | corã , que está cinco lęguoas ao nórtre do monte Delij cábo notãuel nęsta cósta , auerã quoręta | e seis lęguoas . No qual maritimo jãzem estas pouoações Ancola , Egórapan , **Mergeu** , a ci- | dãde Onor cabęça do reyno , Batalãlá , Bẽdor , Bracelor , Bacanor , Caręara , Carnãte , Mã- | galor , Mangeirã , Cumbatã , e Cangerecõra

merij – sf. (étimo desconhecido) ‘nau’. [1552/pda6/71v]: Como partido o Almirante de Moçambique foy ter | á cidade Quilõa onde se vio com o rey della e ò fez tributario : e dhy | se partio *pera* a India : onde ante de chegar a

Cananor tomou a náó | **Merij** do Soldam do Cairo.

mesquita(s) – sf. pl. (< ár. *masjid*)^m. ‘local de adoração religiosa’. [1552/pda4/43v]: A quá estaua assentáda em hũ pedaço de tẽrra torneádo dáguoa salgáda cõ *que* fica | em jlha , tudo tẽrra baixa e alagadiça , dôde se causa ser ella muy doẽtia : cujas cásas ẽrã palháças , | sómẽte hũa **mesquita** , e às do Xẽque *que* ẽrã de taipa cõ eirádos per cima. [1552/pda1/f4v]: O que elles muy bem compriram , | *porque* nã sómẽte tomáram cidades villas e lugares , nos principaes pórtos e forças dos rey- | nos de Fez e Marrocos , restituindo á ygreja Romana a jurdiçã que naquellaas partes tinha | perdida depois da per diçam de Espanha , como obedientes filhos e primeiros capitães polla | fẽ nestas partes de Africa : mas ajnda foram despregar aquella diuina e real bandeira da mili-| cia de Christo (*que* elles fundaram pera esta guẽrra dos infiẽs) nas pártes Orientaes da | Asia , em meyo das infernaes **mesquitas** da Arabea e Persia.

mete – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘vila’. [1552/pda7/f82v]: Elrey de Mombáça temẽdo *que* com | a vinda de Antonio de Saldanha õ de Melinde lhe podia fazer mais dãno : lá tẽue módo *que* se | meterã os seus cacizes entrelles cõ *que* se concertáram que causou partirse lógo Antonio de Sal- | danha e Ruy Lourẽço com elle . Os quáes dobrádo o cábo de Guardefu foram ter á villa de | **Mete** , onde per prazer do Xẽque saíram em tẽrra a fazer sua aguáda em hum póço.

meticães ~ meticaes ~ miticaes ~ miticães – sm. pl. (< ár. *mitqāl*)^h. ‘peso antigo dos otomanos árabes para produtos preciosos’. [1552/pda7/82v]: Finalmente auendo já dias que Ruy Lourẽço andáua neste officio de pre- | sas das náos *que* tomáua , as quáes resgatáua a preço de **meticães** douro por nã a volumar a náó | com outra fazenda : chegou Antonio de Saldanha que tãbem de Quilóa tẽ aly tinha tomádo | tres que foy a todos grande prazer : e mais cõ tam bóas venturas como lhe tinhã acontecido | pósto *que* foram cõ perigo e muyto trabalhõ de suas pesóas. [1552/pda4/44r]: leuemẽte lhe mãdou dous mou- | rous *que* acerca da nauegaçã a seu módo praticarã bem , dos quáes o capitã ficou cõtente : e assen | tou com elles *que* por premio de seu trabalho auia de dár a cada hũ valia de trinta **meticaes** douro | peso da terra , *que* podẽrã ser atẽ quatorze mil reaes dos nõssos , e mais hũa mar lóta de graã. [1552/pda10/126v]: desejando ganhar os

vezinhos com beneficios pera õs ter no tempo de suas necessidã- | des : resgatou este filho delrey com toda sua familia por tres mil **miticaes** douro , e bem tractã- | do e vestido como filho de quem ẽra õ mandou a seu pay. [1552/pda7/82v]: E *porque* esta cidáde ẽra regida per cõmunidade de que estes doze | mouros ẽrã as principaes cabeceiras do gouẽrno della , nã somẽte resgatãrã suas pesóas e hũa | destas náos tomádas , dizẽdo ser daquella sua cidáde : mas ajnda em nome della ã fizẽram tribu- | tãria a elrey de Portugal cõ quinhẽtos **miticães** douro de tributo cadanno.

metser de mitsraim – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘Egito’. [1552/pda8/f91v]: No qual circui- | to de tẽrra se comprehendia gram pártẽ da Arábia desẽrta , toda a Petrẽa , Iudea e muyta da | Syria , com todo Egypto aque chamam **Metser de Mitsraim** , nome per que os Hebreus , | e Arábios nomeam a regiam de Egypto , por esta cidáde Cairo ser a cabeça delle , dando | o nome do todo á pártẽ.

micante ~ mycante ~ mycãte – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’. [1552/pda10/f127r]: chamádos todolos principaes mouros da tẽrra , e os que com elle vinham de Melinde , e assi | as pártes que contendiã neste negócio : que ẽra hũ mouro chamádo **Micante** primo de Abra- | hemo rey passádo , e Hocem filho de Mahamed Anconij. [1552/pda10/f127v]: E o que danou mais as cousas deste mouro , foy acabar Pero Ferreira de seruir de capitam , e | succedeolhe Francisco Pereira Pestána filho de Ioam Pestána : que como ẽra homẽ de con | diçam e achou disposiçam em **Mycãte** , ascendeose o fógo na materia que hum se nã fiáua | do outro . No qual tempo este **Mycante** sabendo que seu primo Habraemo desterrádo sentia | muyto estar elle no gouẽrno daquella cidáde , temẽdose delle ordenou de lhe fazer guẽrra : a qual | rompida ouue entrádas de hum e outra pártẽ em que os nõssos verteram seu sangue e õs me- | teo em grande afronta.

milicupii – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘reino’. [1552/pda5/f65v]: Se- | guindo Pedráluarez sua derróta via deste reyno nã muy lóge da cósta de Melinde topou hũa | náó muy gróssa carregada de muyta fazẽda , a qual vinha do mesmo lugar de Melinde e ya pe- | ra Cãbaya : e por ser de hũ mouro segundo ella dezia dos principaes daquelle reyno *que* se chamã | ua **Milicupii** senhor de Baroche , elle ã leixou jr em paz.

miralmuminim – sm. (étimo desconhecido) ‘título de nobreza’; ‘príncipe’. [1552/pda1/f3v]: Onde , assy por ser da linhagem dos calyfas de Damasco , como por ser hómem valeroso e | caualeyro de sua pessoa , foy muy bem recebido , e concorreo a elle tanta gente arábia da que | já cá andáua nestas pártes dos Algárues dalem már , que vendose tam poderóso em gente | e opiniam de secta : tomou ousadia a se jntitular com nóuo nome chamandose principe dos crêntes nesta paláura arabia **Miralmuminim** , a que nós corruptamente chamámos Mira- | mulim , e isto quasy em opprobrio e reprouaçam dos calyfas da linhagem de Abaz que nóua- | mente foram leuantádos na Arábia pro cuja causa elle se desterrou daquellas pártes de Da- | másco.

miramulim – sm. (étimo desconhecido) ‘título de nobrezaa’; ‘príncipe’. [1552/pda1/f3v]: Onde , assy por ser da linhagem dos calyfas de Damasco , como por ser hómem valeroso e | caualeyro de sua pessoa , foy muy bem recebido , e concorreo a elle tanta gente arábia da que | já cá andáua nestas pártes dos Algárues dalem már , que vendose tam poderóso em gente | e opiniam de secta : tomou ousadia a se jntitular com nóuo nome chamandose principe dos crêntes nesta paláura arabia **Miralmuminim** , a que nós corruptamente chamámos Mira- | mulim , e isto quasy em opprobrio e reprouaçam dos calyfas da linhagem de Abaz que nóua- | mente foram leuantádos na Arábia pro cuja causa elle se desterrou daquellas pártes de Da- | másco.

mir habraemo – sm. (mir + habraemo [este < *ibrāim*]^m) ‘antropônimo’. [1552/pda8/f98v]: E o seu gouer- | nador chamádo **Mir Habraemo** nã quis fazer rey e tẽue o reyno em seu poder cõ tençã de ficar | naquelle estádo por ser filho delrey Soleimã já defũto e primo cõ jrmão deste Alfaudil : o qual nã | leixou mais *que* hũ filho de hũa escráua , de *que* ao diante faremos mençã *porque* depois veio a ser rey | desta cidáde sendo já nõssa . E pósto *que* este Habraemo fosse absoluto senhor de Quiloa , o pouo | lhe nã chamáua rey se nã **Mir Habraemo** , e se algũa cousa õ sostẽtou *naquella* tirãnia , foy o *que* pas | sou cõ Pedralvarez Cabrál Ioã da Nõua , e o Almirãte dõ Uásco da Gãma : por os módos | *que* tẽue cõ elles e por entã isto õ fez ser accepto ao póuo.

miticaes → meticaes.

miza – sf. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘ilha’. [1552/pda10/f120r]: Estando em hũa almadia

pescando hũ hómẽ fóra da barra de Quillóa junto de hũa jlha chamá | da **Miza** , aferrou hũ peixe no anzólo da linha *que* tinha lançáda ao már.

mõbaça → mombáça.

moçâbique → moçambique.

mõcaide → monçaide.

moçambique ~ **moçâbique** ~ **monçambique** – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda4/f43v]: O outro perigo acõteceo a este mesmo nauio o | dia de sua pártida *que* foy a vinte quátro de feureiro , saindo pela barra do rio foy dár em seco em | hu bãco darea onde estẽue em termo de ficar pera sempre : mas vindo a març sayo do perigo , cõ | õ fez seu caminho sempre a vista da cósta , tẽ *que* dhy a cinco dias chegou a hũa pouoáçã cha- | mada **Moçambique** , e foy pousar em huũs jlheos apartádos della pouco mais de lęguoa ao | már. [1552/pda4/f43v]: *porque* a tẽrra ã sy ẽra de pouco tracto , e os naturães *que* | ẽrã nęgros de cabelo reuolto como de Guinë , habitáua na tẽrra firme . A *qual* pouoáçã **Moçâbique** | *daquelle* dia tomou tãta põsse de nós , *que* em nome , ẽ oje a mais nomeáda escála de todo mũdo , e | per frequentaçã a mayór *que* tẽ os Portugueses. [1552/pda7/f87v]: E dhy em diante pósto *que* teuẽram alguũs temporães *que* se ácham em tam compri- | da viagem , quando veo a vinte cinco de julho surgio em **Monçambique** : onde se detẽue até | o primeiro dia dagosto fazendo a guada e repaixando algũas náos , principalmente a de Pe- | drafonso de Aguiar e a de Afonso Lopes da Cósta , *que* com hũ temporal *que* teuẽram de noite | deu hũa per outra.

moçãdan ~ **moçandan** – sm. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘cabo’. [1552/pda9/f106r]: De Curia Muria tẽ o cábo Rozsalgáte *que* está em vinte dous grãos | e meyo , e será de cósta cento e vinte lęguas : toda ẽ tẽrra esterelle e desęrta . Neste cábo comẽ | çã o reyno de Ormuz , e delle tẽ o outro cábo **Moçandan** auerã oitenta e sete lęguas de cósta : | em *que* jazem estes lugares do mesmo reyno , Calayáte , Curiáte , Mascáte , Soár , Calája , Or- | façam , Dobá , e Limma , *que* fica oito lęguas ante de chegar ao cábo **Moçãdan** : aque Pto | lemeu chama Asaboro situádo per elle ã vinte tres grãos e meyo , e per nós em vinte seys , no | qual acába a primeira nõssa diuisam.

moçaide → moçaide.

mõçayde → moçaide.

moconde – sm. (étimo desconhecido) → cáfre(s). ‘antropônimo’. [1552/pda10/f121v]: Auia dentro pola terra hũ príncipe Cáfre per nome

Moconde.

modon – sm. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘lago localizado na Arábia Saudita’. [1552/pda6/f71r]: Ao | tẽpo que esta armáda da India se fazia em Lixbóa a prẽstes , estáua nella hũ embaixáador dos Ue | nezeanos hómeme nóbre e prudente : a vinda do qual a este reyno ẽra pedirem elles a elrey dom | Mãnuel ajuda contra o Turco que lhe tinha tomádo **Modon** , e procedia na guerra cõtrelles : | de que sesperáua poder sobreuir gram dano á christandáde , o qual socorro lhe elle mãdou , segũ- | do escreuemos em a nóssa Africa.

mõfia ~ **momfia** – sf. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘arquipelágo’. [1552/pda8/f98r]: Porẽ como elle ẽra hómẽ prudẽte e de grãde | espirito , em breue tẽpo se fortaleceo de maneira *que* ficou hũa nóbre pouoáçã a *que* pos o nóme *que* óra | tẽ : e de sy começou de senharear os vezinhos atẽ mãdar hũ seu filho bẽ moço senharear as jlhas | de **Mõfia** e outras *daquella* comarca , da geraçã do qual òs *que* ò sucederã se jntitularã por reys co- | mo elle tambem fez. [1552/pda8/f98r]: Soleiman Hacen , *que* conquistou muyta páрте *daquella* cósta : e por auer a bençam de seu pay se | fez senhor do resgáte de Çofala e das jlhas de Pẽba , **Momfia** , Zẽzibar e de muyta páрте da | cósta da terra firme.

mohá – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘lugar’. [1552/pda9/f107r]: E de Dio situado em vinte grãos e meyo tẽ a cidáde Cambáya | *que* está em vinte dous grãos , auerã cincoẽta e tres lẽguoas em *que* se contem estes lugáres : | Mudre fabá , **Mohá** , Talajá , Gundim , Goga cidáde *que* está ante de Cãbaya doze lẽguoas , | dentro dos quães extremos desta cidáde Cambáya e Iáquete , se comprehende páрте do rei- | no Guzaráte , com a terra montuósa dos pouos Rezbutos.

moltan – sm. (étimo desconhecido) ‘corotopônimo’; ‘reino’. [1552/pda4/f47v]: E posto *que* toda esta prouincia Indostan | seja pouoáda de dous gẽneros de pouo em creũa , hũ jdólatra e outro machomẽta : ẽ muy vá- | ria em ritos e costumes , e todos entre sy ã tẽ repartida em muytos reynos e estádos ; assi co- | mo em os reynos do **Moltan** , Delij , Cospetir , Bengála

em páрте , Orixa , Mando , Chitor , | Guzaráte a que comũmete chamamos Cambaya.

mombáça ~ **mombáça** ~ **mõbaça** ~ **mõbáça** ~ **monbáça** – sf. (< ár. *manbasâ*)^m. ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda4/f45r]: Tornando a sua viágem aos sẽte dias dabrill bẽspora do domingo de ramos | chegarã ao porto de hũa cidáde chamáda **Mombáça** : em a qual o mouro disse *que* auia Christãos | abexijs e da India , por causa de ser muy abastáda de todalas mercadorias. [1552/pda5/f58r]: | muy fauorecido , porque polo gasalhádo *que* fizẽra a dom Uásco da Gãma , elrey de **Mombáça** | estáua com elle em guẽrra de fogo e saugue³⁷ , em *que* elle tinha perdido muyta gente e fazenda : | por elrey de **Mombáça** ser mais poderóso do *que* elle ẽra. [1552/pda4/f44v]: Como o Xẽque veio em concerto com Uásco da Gãmma , | e lhe deu hũ piloto *que* ò leuou tẽ a cidade **Mõbaça** : dõde fogio a tempo | *que* os mouros da mesma cidáde lhe tinham ordenádo hũa traçam de | *que* escapou , e dhy foy tẽr a Melinde. [1552/pda7/f82v]: Posto Ruy Lourẽço em caminho | a dar esta vista a **Mõbáça** , succedeo lhe tãbem o negócio *que* tomou per vezes duas náos e tres | zãbucos : nos quães vinhã doze mouros hómẽes muy principaes da cidáde Bráua *que* está abai- | xo de Melinde cem lẽguoas. [1552/pda8/f96v]: De maneira *que* abaixo e | acima nam lhe ficou cousa por correr . tẽ se fazer senhora de **Monbáça** Melinde e das jlhas de | Peuiba Zanzibar Mõfia Comoro , e outras muytas pouoações *que* saíram della pella potẽ | cia e riqueza *que* teue depois *que* se fez senhora da mina de Çofala : tendo quãsy tudo perdido | ao tẽpo *que* nós descobrimos a India.

momfia → mõfia.

monbáça → mombáça.

monçaide ~ **mõçayde** ~ **monçayde** ~ **moçaide** ~ **mõcaide** – sm. (< ár. *abũ sãid*)^m. ‘antropônimo’. [1552/pda4/f48r]: Ante *que* elle viesse cõ os nauios a este | pórtto , o dia *que* o piloto delrey lhe trouxẽsse seu recádo pera se mudar aqui , ẽtre alguũs officiáes | dá recadãçam dos direitos delrey *que* viẽram cõ elle , foy hũ mouro per nome **Monçaide** cujo | officio ẽra corrector de mercadórias : o qual por ser conhecẽte do piloto Malemo Caná elle ò | agasalhou em sua cãsa e assy o degredádo a noyte *que* dormiram em terra. Este **Monçaide** | (segundo elle depois contou) ẽra natural do reyno de Tunez e teuera já

³⁷ Seria *n* em vez *u*, formando o vocábulo sangue.

cõmunicaçam com os | Portugueses em a
 cidadé Ouram , quando aly yam as naos deste
 reyno per mãdado delrey | dom Ioam o
 segundo buscar lambções pera o resgáte do
 ouro da mina : e ou que a lembrança | destas
 pártes do occidête onde nacera , ou qualquer
 outra bóa disposiçam , assy ò demouçrã vñ- |
 do e praticãdo com os nóssos per lingua
 castelhana que elle sabia , que da óra que
 entrou em os | nauios assy se fez familiar a
 Uásco da Gãma , *que* se veo cõ elle pera este
 reyno onde morreo Chris- | tão.
 [1552/pda4/f48r]: E lógo em dous dias *que*
 Uásco da Gãmma | estéue esperãdo por
 recádo do Camorij , este **Mõçayde** ò ausou
 dalgũas cousas : por razã das | quães elle tẽue
 conselho com os capitães do módo que teria
 em jr ao Camorij quãdo ò mãdasse | chamár :
 e assentou que seu jrmão e Nicoláo Coelho
 ficássem em os nauios dando lhe regimẽ- | to
 do que auiã de fazer. [1552/pda4/f49r]: O *que*
 aprouue ao Çamorij | mãdando ao Catuál *que*
 ò contentásse : e lououo Uásco da Gãma de
 hómẽ prudente e cautelóso | nas cousas da páz
 , segũdo o mouro **Monçayde** lhe veo contãdo
 pelo caminho até chegárem | á cidadé Calecut
 já bem noite. [1552/pda4/51r]: toda via
 porque estando mais perto del | rey per meyo o
 do mesmo Monçaide lhe poderia mandar
 algum recádo , e mais sabér o que | se fazia
 com Diogo Diaz e Alvaro de Brága , foyse
 com os nauios poer ante a cidadé de | Calecut
 : onde soube per **Moçaide** que se os mouros
 nam temeram poder com jssso jndinar | o
 Çamorij , já òs teuçeram mórtos.
 [1552/pda4/51r]: Uásco da Gãma vendo este
 negócio tam danádo e que o | Çamorij ẽra
 mudádo dos páços donde lhe falara pera mais
 lóge sem auer cõmemoraçã de | seu despácho
 , e que elles nam tinhã outro meyo pera ò
 requerer se nam **Mõcaide** *que* ja nam | ousaua
 cõmunicar cõ elles , se nã dãdo a ẽtẽder aos
 mouros *que* ẽra sua espia.

monçambique → moçambique.

monçayde → moçaide.

monomotapa → benomotápa.

monte da bárca → mundi bárca.

mõpána – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’.
 ‘povoação’. [1552/pda8/f98r]: E vèdo a
 desposiçã e sitio da tẽrra ser torneáda de ágoa
 em *que* podia viuer seguro dos | jnsultos dos
 Cáfres e *que* ẽra pouoáda delles a troco de
 panos lhã cõprou passãdo se todos á tẽr | ra
 firme . Na quál depois *que* foy despejáda
 delles começou de se fortelecer , nã sómẽte
 cõtra elles | se remássem algũa malicia , mas
 ajnda cõtra algũas pouoações dos mouros *que*

tinha por vezi- | nhos : assy como huĩs *que*
 habitauã as jlhas a *que* chamã Songo e Xãga ,
 os quães senhoreáua tẽ | **Mõpána** *que* ẽra de
 Quilloa óbra de vinte lẽgoas.

móses ~ **moses** – sm. pl. (< do top. *armamar*)^m.
 ‘etnotopônimo’; ‘povos com costumes
 semelhantes aos cristãos’. [1552/pda3/f32]:
 Entre as quães cou- | sas , às de que el rey
 muyto lançou mão , forã às que contãua
 dalguĩs reyes e | principes daquellas pártes
 principalmente de hũ que elle chamãua rey
 dos | pouos **Moses** , cujo estádo começãua
 alem de Tungubutu e sestendia contra o
 oriente , o qual | nam ẽra mouro nem gentio ,
 e que em muytas cousas se conformãua em
 costumes com o pó- | uo Christão .

mozimo – sm. (étimo desconhecido) → benomotápa.
 ‘antropônimo’; ‘Deus’. [1552/pda10/f119r]:
 Esta do estádo de Benomotápa ẽ muy
 dispósta pera conuerter a nóssa fẽ , porque
 crẽm em hũ só | deos aque elles chamã
Mozimo , e nam tem jdolo nem cousa *que*
 adorem.

mũdequetes → mundéquetes.

mudre **fabá** – sm. (étimo desconhecido)
 ‘poliotopônimo’; ‘lugar’. [1552/pda9/f107r]:
 E de Dio situado em vinte grãos e meyo tẽ a
 cidadé Cambáya | *que* está em vinte dous
 grãos , auerá cincoõeta e tres lẽguoas em que
 se contem estes lugáres : | **Mudre fabá** ,
 Mohá , Talajá , Gundim , Goga cidadé *que*
 está ante de Cãbaya doze lẽguoas , | dentro
 dos quães extremos desta cidadé Cambáya e
 Iáquete , se comprehende pártes do rei- | no
 Guzaráte , com a tẽrra montuósa dos pouos
 Rezbutos.

mundéquetes ~ **mũdequetes** (étimo desconhecido)
 ‘etnotopônimo’. [1552/pda3/f35r]: E porque
 quasy em chegando os nóssos , veo nóua a el
 rey que os pouos **Mundéquetes** que | habitam
 cẽrtas jlhas que estam em hũ grande lago
 dõde say o ryo Zaire que cõrre per este rey- |
 no de Congo , ẽram rebelládos e faziam
 muyto dano en as tẽrras a elles comarcaãs , a
que com- | pria acodir el rey em pesóa : foy
 causa que se baptizásse el rey , nam com
 aquella solennidáde que | elle tinha ordenádo
 depois que a jgreja fosse feita.
 [1552/pda3/f35r]: ouue grandes victorias dos
 pouos **Mũdequetes** : tomou por ármãs hũa
 cruz branca de pra- | ta florida em campo
 vermelho , e o chẽfe do escudo azul , e em
 cada canto do chẽfe duaas vieiras | douro , por
 memória do apostolo Santiago : e o pẽ de
 práta , com mais hũ escudo dos cinco | de

Portugal que é azul , com cinco visantes de prata em áspa , e cetera.

mundi bárca ~ monte da bárca – sm. (étimo desconhecido) ‘sociotopônimo’; ‘porto’. [1552/pda1/f22v]: Daqual algũa *que* em Italia se auia , ante deste desco | brimento : era per mãos dos mouros destas pártes de Guiné , que se atrauessáua a grande re- | giam de Mãdinga , e os desertos da Libya , a que elles chamam çahára , tẽ apontarem em o | már mediterraneo em hũ pórtio per elles chamado **Mundi bárca** , e corruptamẽte Monte da | bárca.

mungo cayde – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’. [1552/pda10/f127v]: Porque succedeo esta guẽra em tempo que na fortaleza nã auia mais | que quorenta hómeẽs que tomássem armas , todolos outros ẽrã enfermos : em hũa das quães | entrádas que os mouros da tẽra firme fizẽram na jlha co grande numero de Cáfres , de que | ẽra capitam **Mungo Cayde** jrmão de Habraemo.

munha came ~ munhá came – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’. [1552/pda10/f127v]: Frã- | cisco Pereira lhe captiou hum sobrinho per nome **Munha Came** , e matou muyta gente ao | passar do rio , ao qual Frãcisco Pereira teue muyto preso . [1552/pda10/f128r]: Assy que vindo este mandado delrey dom Mannuẽl , deseãdo Frã | cisco Pereira ante que se fósse de Quillóa despor a Mycãte , e meter em pósse da cidáde a Ha- | braemo , mandoulhe sobrisso alguũs recádos : mas elle nam confiáua que verdadeiramente | Francisco Pereira õ queria fazer , ante lhe parecia que os ódios dentrelle e Mycante ẽram ar- | teficio pera õ auerem as mãos , por ver que no tempo da guẽra que contrelle se fazia ẽram muy | conformes , e mais mãdualhe por repósta que elle tinha prẽso seu sobrinho **Munhá Came** co | mo podia esperar delle o que lhe mandáua offerecer.

munha mõe ~ munha monge – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’. [1552/pda10/f127v]: | Agi Hocem nouo rey como nos primeiros dias se vio com o fauor de Nuno Uáz que estáua | em Sofála pósto naquelle estádo , ordenou lógo fazer guẽra ao matador de seu pay : pera effe- | cto da qual secretamente mandou a hum principe gentio dos negros chamado **Munha Mõ** | ge hómem poderóso em gente que viẽsse per tẽra com todo seu poder sóbre Tiredincunde e | elle jria per már a hum çerto dia , pera dárem nelle desaperebido com que õ destruissem a fógio | e a sangue . Concertáda esta jda a poder de

grandes dadiuas que Hócen deu a este **Munha | Monge** , que entrelles quer dizer senhor do mundo : deã ambos em Tiredicũde e destrui- | ram toda a tẽra leuando os Cáfres a mayór pártie da gente captiua , e o seu rey escapou .

munha monge → munha mõe.

mussá – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’. [1552/pda1/f4r]: E segundo escreuem os Parseos e Arábeos no seu Tarigh que | alegamos , o qual tẽmos em nõsso poder em lingua Parsea : foy esta cidade Bagodád fun- | dada per conselho de huũ astrológo gentio per nome Nobach , e tem por *acendente* o signo | Sagitario , e acabouse em quatro annos , e custou *dozoito* contos douro , da qual em a nõssa | geographia faremos mayór relaçam . Pois estando este nouo Miralmuminim cõ potencia | em estado e numero de gente , feito outro **Nabucdenósor** pera castigo do pouo de Espanha : | totalmente seu filho Ulid que õ socedeo em nome e poder se fez senhor della , per **Mussá** e per | outros seus capitães , em tẽpo del rey dom Rodrigo , o derradeiro dos Godos. [1552/pda3/f38v]: E segundo a noticia que el rey dom | Ioam tinha deste rey dos Móses e de seus vsos e costumes , auia presumpçã ser algũ vassálo | ou vezinho do Prẽste Ioã ou a gente dos Nobis : por elle e os seus terem módo de christan- | dáde , cá os mais delles se nomeáua per os nomes dos apóstolos de Christo , o qual elles | confessáua . Tambem per via da fortaleza da mina mandou a Mahamed , ben Manzugul e | nõto de **Mussá** rey de Sõngo , que é hũa cidade das mais populósas daquella gram prouincia | a que nós comunmente chamamos Manduiga.

mycante → micante.

mycãte → micante.

N

nãbeádarij → nambeádarij.

nabucdenósor – sm. (< cadaic. *nabukurudusur*, ou < lat. *nabuchodonosor*)^m. ‘antropônimo’. [1552/pda1/f4r]: Pois estando este nouo Miralmuminim cõ potencia | em estado e numero de gente , feito outro **Nabucdenósor** pera castigo do pouo de Espanha : | totalmente seu filho Ulid que õ socedeo em nome e poder se fez senhor della , per **Mussá** e per | outros seus capitães , em tẽpo del rey dom Rodrigo , o derradeiro dos Godos.

naciquepátan – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘lugar’. [1552/pda9/f109r]: E tornando a continuar a descripçam da nóssa cósta , da cidade sam Thomę em que nos | detiuęmos por louuor deste apóstolo nóssu proptector da India , pósto que em outra pártē | relatamos mais copiósamente o que se tem e crę delle acerca desta gente : desta sua cidade | a Paleacáte auerá nóue lęguoas e adiante estam Chiricóle , Aremogam , Caleture , Careiro , | Pentepólii , Maçulepátan , Budauarij , junto do cabo deste nome , *que* está em dezasete grãos . No qual acabã as terras do reino de Bisnagá (como dissęmos) e começa õ de Orixá , cuja cósta | por ser bráua de poucos pórtos tem somēte estes lugáres : Penacóte , Calingam , Bazāpátan , | Uixáopatan , Uicuipátan , Calinhápatan , **Naciquepátan** , Puluro , Panagáte , e o cábo Se- | gógora.

nagūdiij – sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda9/f107r]: Porę em o nacimęto deste grãde rio chamado | **Nagūdiij** ao do outro Gãga há esta differęça , nã ter aquella religiam das águoas : e mais ná- | ce quásy na parágem do Gáte *que* está sóbre Cananor e Calecut , e vay correndo ao lōgo delle cõ- | tra o nórtē , e como ę de frente do rio Aliga fáz hum cotouelo e toma outro curso pera oriente , e | pássa per a metrópoly Bisnagá e per terras de Orixá tę sair na enseáda de de Bęgala per duas bo- | cas entre dezaseys e dezasete grãos , onde estã duas cidades Guadeuarij e Masusipatã.

nahór – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘lugar’. [1552/pda9/f108v]: As pouoações | da qual cósta sam estas , lōgo na vólta do cábo Comorij as sęte lęguoas Tacancuriij , e adiante | Manapar , Uaipar , Trechandur , Callegrande , Chereacálle , Tucucuriij , Bembar , Cálecare , | Beadála , Manancort , e Canhameira onde está hũ notáuel cábo assy chamado em dez grãos | da pártē do nórtē . E adiante estam estes lugáres Neęapátan , **Nahór** , Triminapátan , Tra- | gambar , Triminauáz , Colorã , Pudu cheira , Calapáte.

naire(s) – sm. pl. (< malaia. *náyar*)^m. → caimal(-es). ‘etnotopônimo’; ‘povo aborígene e nobre do Malabar cuja principal profissão era ser militar’. [1552/pda6/f77r]: trouxe cõsigo hũ hómē *que* elle deiza ser **Naire** dos principães da casa do Çamorij . Dizendo da | sua pártē *que* ęra cõtente de pagar em especearia por ás cousas *que* foram tomádas no aleuantamē | to cõtra Aires Correa atę cõtia de vinte mil

pardáos moeda da tęrra *que* da nóssa sã trezētos | e sessenta reaes cada hũ. [1552/pda9/f112r]: De todas estas gerações á mais belicósa ę a gente dos **Naires** por terę profissam de serę | hómēes de guerra : os quães sendo do mais nóbre sangue de todo o gętio na opiniam delles , | podense chamar filhos do vulgo : cá nam lhe sabę cęrto pay , por as molhęres dos **Naires** serę | comũas aos de suas dignidáde . Porem esta ley nam se guarda acerca dos muy nóbres , somē- | te entre o póuo delles : e ę tam gęral *que* depois *que* hũa molhęr deste sangue dos **Naires** ę de jdá- | de de dez ánnos em que se há por aucta de ter maridos segundo cęrtas cerimónias de *que* elles | vsam : póde dar entráda em sua casa a quantos **Naires** quisęr , e tãbem aos Brãmanes *que* sam | os seus religiósos por serem licenciádos nestas entrádas , e sendo doutra linhágę sam auidas | por adulteras.

naiteás ~ **nayteás** ~ **nayteas** – sm. pl. (étimo desconhecido) ‘etnotopônimo’; ‘povos mestiços e autoctónes do Malabar’. [1552/pda6/f68v]: a nóssa doctri- | na ajnda *que* cathólica fosse , por ser com mão armáda e nã per boca de apostolos , mas de ho- | meęs subjectos mais a seus particuláres proueitos *que* á saluaçam daquelle pouo gentio , podia | fazer nelles jmpressam , principalmēte a cerca dos mouros *que* por razã desta doutrina euangelica | ęram nóssos capitães jmigos . Os quães ęrã já tantos entre aquelle gentio , assy dos naturaes | da tęrra aque elles chamã **Naiteás** como estrãgeiros : que nã cõtando õs de toda a costa da In | dia , sõmēte começando da cidade Góa *que* estará quasy no meyo della , tę Cochij *que* serã pouco | mais ou menos cęto e vinte lęguoas per cósta (segũdo se dezia , e depois se soube ę verdade) | auia mais mouros *que* em toda a cósta de Africa *que* temos de frente entre a nóssa cidade Cepta | e Alexandria. [1552/pda8/f105r]: E por causa desta fertilidáde da tęrra e do nacto delles pórtos | auia aquy grande numero de mouros dos naturáes da tęrra a que elles chamam **Nayteás** : os quães costumáuem comprar estes caualos e vendiamõs aos mouros Decanijs , de que elrey | de Bisnagá recebia grande danno , por lhe fazęrem com elles a guęrra , e mais da mão dos cõ- | pradóres õs *que* elle auia mistęr ęram por dobrádo preço. [1552/pda9/f112r]: Habitã mais na- | quella prouincia do Malabar dous gęneros de mouros , huıs naturáes da tęrra aque elles | chamã **Nayteas** *que* sam mestiços

: quanto aos pádres da geraçã dos Arábios *que* no principio | começará habitár , e por páрте das mádras das gēτίας *que* tomáram por molhēres . Os quáes co- | mo sam mestiços no sangue assy ò sam na crença , e lógo sam conhecidos nos costumes no tra | jo e na pesóa , de que há tã grande numero *que* é a quarta páрте da gente : porque como os mouros | sam libertádos per preullēgio do rey e pódem se tocar com todo o gentio nóbre , o que nam faz | o pouo , por razã desta liberdáde fazense muytos mouros.

nambeá – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’; ‘irmão do príncipe de Calecut’. [1552/pda7/f86r]: E a gente cõ | que o Çamorij começou seria atē sesenta mil hómeēs de que a este tempo (segūdo dissēmos) pe- | los cásos e perdas que tēue tambem já tinha menos hũ terço : porem fama entre os nósos ęra | que trazia per már e per tērra quorenta mil hómeēs seus e destes senhores que o ajudáuã , del- | les como vassálos e outros por serem amigos e vezinhos naquella tērra Malabar que elle con | uocou cõtra nós . Beturácol rey de Tánor . Cacatunam Barij rey de Bespur e de Cucuram | junto da serra chamáda Gáte , Cóta Agatacól rey de Cotugam entre Cananor e Calecut jũ- | to de Gáte , Curiur Coil rey de Curim entre Panane e Crangálor , **Naubedarij** príncipe | de Calecut , **Nambeá** seu jrmão , Lancol Nābeádarij senhor de Repelij . [1552/pda7/f178r]: E sobrelles cõ mais auctoridáde ęra **Nābeá-** | **darij** , senhor da comárca de Repelim que está ao pé da sęrra : a qual comárca ę hum pósto donde | se cólhe a melhor pimenta de toda aquella cósta.

nambeádóra – sm. (→ nambeádarij) ‘antropônimo’. ‘rei de Cochim’. [1552/pda9/f115r]: | ELrey dom Mannuęl como tinha sabido os grádes trabáhos que Trimũ- | pára rey de Cochij passára na guęrra que lhe o Çamorij de Calecut fez , por | lhe gratificar os męritos de quanta fę mostrou no procęsso daquella guęrra | acęrca da guarda da vida dos nósos : quis per o viso rey dom Francisco mã | darlhe móstra da bóa vontáde que lhe tinha por estas óbras . E porque ao | tempo que elle viso rey chegou tinha desistido do reyno Trimumpára por sua | muyta jdáde , e estáua recolhido entre seus Brámmanes como hómem que leixáua o mundo , | e em seu lugar reynáua hum seu sobrinho per nóme **Nambeádóra** : quis o viso rey jnformarse | do feitor e officiaes de Cochij como passua o negócio do reynádo deste príncipe , por lhe di- | zerem que ęra per fauor delles e nam por lhe pertencer o reyno.

nambeádarij ~ naubedarij ~ nābeádarij - sm. (< malaiala *nambiyādiri*)^d. ‘antropônimo’; ‘príncipe de Calecut’; ‘senhor de Repelim’. [1552/pda7/f78v]: E vendo o príncipe **Nambeádarij** que ęra herdeiro de Calecut que | todo jndináuam o Çamorij mais por lhe comprazer que por bem aconselhar , fauorecido dal- | guĩs *que* estáuam na verdade , disse que elle ęra em contrario parecer , porque como aquellas jn- | dinações contra elrey de Cochij procediam da nósosa entráda na India : o discurso das cousas. [1552/pda7/f86r]: E a gente cõ | que o Çamorij começou seria atē sesenta mil

hómeēs de que a este tempo (segūdo dissēmos) pe- | los cásos e perdas que tēue tambem já tinha menos hũ terço : porem fama entre os nósos ęra | que trazia per már e per tērra quorenta mil hómeēs seus e destes senhores que o ajudáuã , del- | les como vassálos e outros por serem amigos e vezinhos naquella tērra Malabar que elle con | uocou cõtra nós . Beturácol rey de Tánor . Cacatunam Barij rey de Bespur e de Cucuram | junto da serra chamáda Gáte , Cóta Agatacól rey de Cotugam entre Cananor e Calecut jũ- | to de Gáte , Curiur Coil rey de Curim entre Panane e Crangálor , **Naubedarij** príncipe | de Calecut , **Nambeá** seu jrmão , Lancol Nābeádarij senhor de Repelij . [1552/pda7/f178r]: E sobrelles cõ mais auctoridáde ęra **Nābeá-** | **darij** , senhor da comárca de Repelim que está ao pé da sęrra : a qual comárca ę hum pósto donde | se cólhe a melhor pimenta de toda aquella cósta.

nambeádóra – sm. (→ nambeádarij) ‘antropônimo’. ‘rei de Cochim’. [1552/pda9/f115r]: | ELrey dom Mannuęl como tinha sabido os grádes trabáhos que Trimũ- | pára rey de Cochij passára na guęrra que lhe o Çamorij de Calecut fez , por | lhe gratificar os męritos de quanta fę mostrou no procęsso daquella guęrra | acęrca da guarda da vida dos nósos : quis per o viso rey dom Francisco mã | darlhe móstra da bóa vontáde que lhe tinha por estas óbras . E porque ao | tempo que elle viso rey chegou tinha desistido do reyno Trimumpára por sua | muyta jdáde , e estáua recolhido entre seus Brámmanes como hómem que leixáua o mundo , | e em seu lugar reynáua hum seu sobrinho per nóme **Nambeádóra** : quis o viso rey jnformarse | do feitor e officiaes de Cochij como passua o negócio do reynádo deste príncipe , por lhe di- | zerem que ęra per fauor delles e nam por lhe pertencer o reyno.

nambeárij – sm. ((→ nambeádarij) ‘antropônimo’; ‘senhor de Bualá Charij’. [1552/pda7/f86r]: E a gente cõ | que o Çamorij começou seria atē sesenta mil hómeēs de que a este tempo (segūdo dissēmos) pe- | los cásos e perdas que tēue tambem já tinha menos hũ terço : porem fama entre os nósos ęra | que trazia per már e per tērra quorenta mil hómeēs seus e destes senhores que o ajudáuã , del- | les como vassálos e outros por serem amigos e vezinhos naquella tērra Malabar que elle con

| uocou cõtra nós . Beturácol rey de Tánor . Cacatunam Barij rey de Bespur e de Cucuram | junto da serra chamada Gáte , Cóta Agatacól rey de Cotugam entre Cananor e Calecut jũ- | to de Gáte , Curiur Coil rey de Curim entre Panane e Crangálor , Naubeadarij principe | de Calecut , Nambeá seu jrmão , Lancol Nãbeádarij senhor de Repelij , Paraichera Eracol | senhor de Crangalor , Parapucól senhor de Chaliã entre Calecut e Tanor , Parinha Mu- | tacól senhor quásy rey entre Crãgalor e Repelij , Benará Nambeádarij senhor quasy rey aci- | ma de Panáne pera a serra , **Nambeárij** senhor de Baulá Charij , Parapucól senhor de Pa- | rapuram , Parapucól senhor quasy rey de Bepur entre Chanij e Calecut.

nangrácot – sm. (étimo desconhecido) → imáo. ‘geomorfotopônimo’; ‘monte’. [1552/pda4/f47r-47v]: Cujos angulos oppositos em mayór distancia , jazem nórtre sul : o angulo desta pártre do sul fáz | o cábo Comorij , e õ da pártre do nórtre , as fontes dos mesmos rios . As quáes però que sobre a | tẽrra arebentẽ distinctas em os montes a que Ptolemeu chama Imáo , e os habitádores delles | Dalãguér e **Nangrácot** , sam estes tam conjuuctos huãs aos outros , que quásy quẽrem escond | der as fontes destes dous rios.

nár – sm. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘ilha’. [1552/pda1/f12v]: A fróta partida de Lágos o anno de quatro cẽtos e quorenta e quatro , che | gou a jlha das Gárças bẽspora de corpo de deos onde os capitães fizẽram grã matança , por | ser no tempo da criaçam dellas : e assy teuẽram conselho sóbre o módo de dárem primeiro em | a jlha **Nár** , porque ẽra muy pẽrto daly : cá segũdo os mouros que Nuno Tristam leou , jnfor- | máram o jnfante , aueria nella mais de dozentas almas.

narbadá – sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda9/f107r]: E tornado á primeira destas | tres demarcações de reynos *que* ẽ á do Guzaráte , e começãdo da sua cidadẽ Cãbaya onde acabá- | mos a terceira diuisam ao rio Báte , ou por falar mais notáuelmẽte ao de Nogotáua a elle vezi- | nho auerá setenta lãguoas , em *que* estã estas pouoações : Machigam , Gandár , a cidadẽ Baró- | che onde vem sair hũ notáuel rio chamado **Narbadá**.

narmuhij – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’. [1552/pda7/f78v]: Na qual passãgẽ Trimumpára pelejou animósamente em quanto os seus õ nã | leixaram , e por

defender esta passãgem que ẽra per hũ vao lhe matãrã tres sobrinhos aque elles | chamã principes por sucederem no reyno : hũ dos quáes chamado **Narmuhij** *que* ẽra o herdeiro | fez grande mingua na tẽrra , por ser muy excelente caualeiro e tãto *que* foy morto morreo a espe- | rança do pouo.

narsinga ~ **narsingua** ~ **marsinga** – sm. (étimo desconhecido) ‘corotopônimo’; ‘reino’. [1552/pda8/f91v]: Porque nam só- | mente traziam a ellas o *que* nauegãuã de Maláca , mas ajnda os robijs e lácre de Pegu , a rou- | pa de Bengãlla , aljofar de Cálecaré , diamães de **Narsinga** , canẽla e robijs de Ceilã , pimẽta | e gẽgiure e outros mil generos de especias aromaticas assy da cósta Malabár , como doutras | partes onde a natureza depositou seus tesouros. [1552/pda8/f103v]: E mais sou | berã per hũ frãde *que* de **Narsinga** viera ter aly a Cananor , como elrey de **Narsingua** *que* ẽra | quasy hũ emperador do gentio da India em estãdo e riqueza , ordenãua embaixadores pera lhe | enuiar : e *que* lhe parecia ser esta embaixãda a fim de segurar alguãs pórtos *que* tinha naquella | cósta , de *que* os principaes delles ẽram Baticãla e Onor. [1552/pda9/f107v]: E no lugar de Trauãcor em *que* este reyno de Coulã acãba , comẽça outro jntitulãdo do mes- | mo Trauãcor aque os nõssos chamam o rey grãde , por ser mayór em tẽrra e magestãde de seu | seruiço *que* estes passãdos do Malabár , o qual ẽ subdito a elrey de **Marsinga**.

narsingua → **narsinga**.

naru – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’. [1552/pda7/f89r]: Este reino de Tanor antiguamente fóra | liure e nam subdito e continha em seu estãdo muytas tẽrras , mas como o vezinho poderoso | sempre vay comendo do frãco : os reyes de Calecut õ possẽram em tal astãdo *que* **naru** ficou mais | aos principes , delle *que* aquella pouoaçam do pórtre de Panane e isto em vida deste rey *que* | reinãua , de maneira *que* de rey liure ficou tributãrio ao Çamorij.

nasiquij – sf. (< chin. *nan-kin*)^m. ‘poliotopônimo’; ‘província’. [1552/pda9/f109v]: Porem segundo a cosmo- | graphia da China (*que* atras dissemos) as prouincias maritimas *que* deste reyno correm quásy | pera o rumo do noroeste sam estas tres , **Nasiquij** , Xantom , Quincij : onde o mais do tempo | o rey reside , *que* esta em quorẽta e seys grãos , e corre ajnda a cósta desta prouincia tẽ cincoẽ- | ta grãos , na qual se contẽ quátro cẽtas lãguoas ,

em *que* acaba a mais oriëntal e boreal terra firme | que sabémos.

naubeadarij → nambeádarij.

naut – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’; ‘rei da Etiópia’. [1552/pda7/f78v]: e elle Peró de Couilhaã á tor- | nouse ao már roxo , e dhy foy ter á córte do Pręste per nome Alexandre a que elles chamam | Escander . O qual õ recebo com honra e gasalhádo : estimando em muyto , principe da Chri | standáde das pártes da Európa , mandar a elle embaixador , o que deu esperança a Peró de | Couilhaã podér ser bem despachádo . Porem como este Alexandre depois de sua chegáda a | poucos dias faleceo , e em seu lugar reinou **Naut** seu jrmão que fez muy pouca conta delle , e só- | bristo ajnda lhe nam quis dar licença que saisse do seu reyno , por tērem costume , *que* se lá acólhẽ | hũ hómẽm destas pártes nam õ leixam mais tornar : perdeo Peró de Couilhaã toda a esperã- | ça de mais tornar a este regno.

nayteás → naiteás.

neğapátan – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘lugar’. [1552/pda9/f108v]: As pouoações | da qual cósta sam estas , lógo na vólta do cábo Comorij as sęte lęguas Tacancurij , e adiante | Manapar , Uaipar , Trechandur , Callegrande , Chereacálle , Tucucurij , Bembar , Cálecare , | Beadála , Manancort , e Canhameira onde está hũ notáuel cábo assy chamádo em dez grãos | da pártẽ do nórte . E adiante estam estes lugáres **Neğapátan** , Nahór , Triminapátan , Tra- | gambar , Triminauáz , Colorã , Pudu cheira , Calapáte.

negráes – sm. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘cábo’. [1552/pda9/f109r]: Ao cábo de **Negráes** que está em dezaseis grãos , onde começa o rei- | no de Peęu auerá cem lęguas : no qual espáço estam estas pouoações , Chocoriá , Bacasá , | Arracam cidáde cabeça do reino assy chamádo , Chubóde , Sedoę , e Xará que está na põta | de **Negráes**.

nilichilam – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘lugar’. [1552/pda9/f107v]: Do rio Canherecóra dõde comęça a regiã | Malabár tę Puripátan *que* seram per cósta vinte lęguas ę do reyno Cananor , em que há estes | lugáres : Cóta , Coulam , **Nilichilam** , Marabia , Bolepátan , Cananor cidáde onde tēmos hũa | fortaleza.

nimpó ~ **nimpo** – sf. (étimo desconhecido) → ‘liampó’. ‘poliotopônimo’. [1552/pda9/f107v]: A octaua fenece em hũ notáuel cábo que ę õ mais oriëntal de toda a

terra firme , *que* ao pre- | sente sabémos , a qual ę quásy no meyo de todo o maritimo da grãde regiã da China , a que os | nõssos chamã cábo de Liampó por razam de hũa jllustre cidáde *que* está na vólta delle chamáda | pelos naturáes **Nimpó** , da qual os nõssos corrõperã Liampó : e toda a mais cósta deste gran | de reino o qual córre quásy ao noroęste , fique pera este lugar descriptura cõ nóme de nóna pártẽ , | ajnda per nós nã nauegáda. [1552/pda9/f109v]: Adiante delle entra a regiam da China repartida | em quinze governãças , cada hũa das quães póde ser hũ grãde reyno : as maritimas *que* fazem a | nõsso proposito sam Cantam , Fuqmem . Chequeã em *que* está a cidáde **Nimpo** onde a tērra faz | hũ notáuel cábo de *que* no principio fizemos mençã , o qual está em altura de trinta grãos e dous | terços , e tę qui corre a cósta nordeste suduęste .

nine mercar – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’. [1552/pda6/f75v]: Elrey de Cochij neste tempo nam se tinha visto ajnda com o Al | mirante , e porque soube que andáua pera entrar em seu porto hũa náõ de Calecut que vinha de | Ceilam , a qual ęra de hũ mouro de Calecut chamádo **Nine Mercar** , temẽdo que em Uicente | Sodreę saindo ã tomasse : mandou pedir ao Almirãte que nam impedisse aquella náõ *que* queria | entrar naquelle seu porto posto que de Calecut foste.

nobach – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’. [1552/pda1/f4r]: foy esta cidade Bagodád fun- | dada per conselho de huũ astrológo gentio per nome **Nobach** , e tem por *acendente* o signo | Sagitario , e acabouse em quatro annos , e custou *dozoito* contos douro , da qual em a nõssa | geographia faremos mayór relaçam.

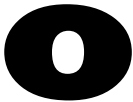
nogotáua – sm. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda9/f107r]: E tornãdo á primeira destas | tres demarcações de reynos *que* ę ã do Guzaráte , e comęçãdo da sua cidáde Cábaya onde acabá- | mos a terceira diuisam ao rio Báte , ou por falar mais notáuelmẽte ao de **Nogotáua** a elle vezi- | nho auerá setenta lęguas , em *que* estã estas pouoações : Machigam , Gandár , a cidáde Baró- | che onde vem sair hũ notáuel rio chamádo Narbadá.

norbáte – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda9/107v]: E daquy tę Cu- | ri Muria , duas pouoações onde se perdeo Uicente Sodreę auerá setẽta lęguas : e fica neste |

meyo a cidadé Dofar , frol donde há o melhór e mais encêso de toda esta Arábia , e adiaete vin | te duas lęguoas **Norbáte**.

nosçarij – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda9/f107]: e adiante oito lęguoas say outro tambem | notáuel per nóme Tapetij , na fóz do qual hũa de fronte doutra estam as cidadés Surat e Rei | ner . Seguindo mais a cósta estam **Nosçarij** , Bandiuij , Dámam , Dánu , Tarápor , Quel- | maim , Algacim.

nuba – sm. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘lago’. [1552/pda3/f32v]: Porque onde ò chamádo Çanága per nós , se męte no már oceano occidental , | os póuos Ialóphos lhe chamam Dengueh , e os Tucurós mais acima | Máyo , e os Çaragolęs , Cólle : e quando córre per hũa comárca chamáda | Bágano que ę mais oriental , chamã lhe Zimbalá , donde ás vezes por causa delle á comarca | dam este mesmo nome , e no reyno de Tungubuto lhe chamam Iça . E pósto que córre per | muyta distancia de tęrras , vindo das fontes orientáes dos lagos a *que* Ptolemeu chama Che | Ionides , **Nuba**, e rio Bir.



obj – sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’; ‘rio localizado na costa oriental da África’. [1552/pda8/f95v]: E tornando á praticular descripçam da tęrra Zan | guebar que faz a nósso propósito por razã dos feitos que na sua cósta os nósossos fizęram , esta co | meça em hũ dos mais notáuees rios que da tęrra de Africa vęrtem no grande Oceano contra | o meyo dia : ao qual Ptolemeu chama Rapto , posto que a sua graduaçam ę muy diferente do | que óra sabemos . Ca elle ò poem em seys grãos de largura da párte do sul e nós em | párte , o qual náce em a tęrra do rey dos Abexijs a que chamamos Preste Ioam , em | as sęrras a que elles chamã Gráro e ao rio **Obj** , e onde sáy ao már Quilmãce pelos mouros | que ò vezinhã.

oganę ~ **oganę** – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’; ‘príncipe do Benin’. [1552/pda3/f28r]: auia hũ rey o mais pode | róso daquellas pártes , a que elles chamáua **Oganę** , que entre os príncipes | pagãos das comárças de Benij ęra a vido em tanta

veneraçam como a cerca de nós os sum- | mos pontifices . Ao qual per costume antiquissimo os reys de Benij quando nouámente rei- | náuam , enuiáuam seus embaixadóres com gram presente : notificandolhe como per falecimẽ- | to de Ioam socederam naquelle regno de Benij , no qual lhe pediam que òs ouuęsse por confir- | mádos . Em sinal da qual confirmaçam , este príncipe **Oganę** lhes mandáua hũ bordã e hũa | cobertura da cabeça da feiçam dos capacetes Despanha , tudo delatam luzęte em lugar de cep- | tro e coróa : e assy lhe enuiaua hũa cruz do mesmo latam pera trazer ao pescoço , como cousa re | ligiósã e sancta , da feiçam das que trázem os commendadóres da órdem de sam Ioam , sem | as quães peças o pouo auia *que* nam regnáua justamęte nęse podiã chamar verdadeiros reyes.

óla → ólla.

ólla ~ **óla** – sf. (< malaiala *ola*)^d. ‘folha de palmeira utilizada para escrita’. [1552/pda9/f111r]: TÓdo o gentio da India principalmente ò que jáz entre os dous celebrádos | rios Indo e Gange , as cousas que quęr encomędar á memória per escriptu | ra : ę em hũas folhas de pálma aque elles chamam **ólla** , de largura de dous de | dos e o cõprimento segundo a cousa de *que* quęrem tractar . Se sam algũas da | sua religiã ou chrónicas e outras memórias pera muyto tępo, ao módo co- | mo nós cá escreuęmos em liuros , huũs de folha inteira outros de quátro e | oitauo , assy elles dãbalas pártes escreuęm em folha cõprida ou curta , e depois *que* tem escripto | grãde numero de folhas em cõtinaçam de liuros mętem às entre duas tálas de páo em lugar | de táuoas denquadernaçam : e assy ellas como as folhas vam trãspassádas com hũ cordęl que | às entretem por se nam espalhãrem , e em lugar de bróchas cõ o mesmo cordęl átam as folhas | entre aquellas tálas. [1552/pda4/f47v]: toda a mais pouoaçã ęra de madeira cubęrta de hũ gęnero de fólha de páima a *que* | elles chamã **óla**.

[**omar**] → homar.

onor – sm. (étimo desconhecido) ‘corotopônimo’; ‘reino’. [1552/pda9/f102v]: Mas parece que assy estáua ordenádo per elrey de **Onor** : porque ao segundo dia che | gáram per már dous seus embaixadores , como homeęs que ęram jnocentes de tudo o que ęra | passádo entrelle dom Francisco e o capitam . Dizeudo que como a nóua daquella fróta e óbra | que se aly fazia fora ter a elrey de **Onor** , posto que andásse ocupádo em huũs mouimentos de

| guerra muy afastádo da cósta do már , polo desêjo que tinha da amizáde delrey de Portugal e | deseprestar com elle capitam pois vinha ser aly vezinho : lógo òs enuiara ao visitar e offerecer | tudo o que ouuêsse mister , de mantimentos e qualquêr outra cousa que fosse necessária pera pro | uimento daquella óbra.

ópa – sf. (origem obscura)^m ‘capa usada por religiosos’. [1552/pda3/f59v]: E posto que elle Çamorij nam tinha tanto | pano , seda , ouro , e **ópa** de brocádo como os nósos leuáuã , e hum pano de algodam bormdo | com hũas rosas de ouro de pam semeádas por elle , aque chamam purauá , (trájo de Brama- | nes ,) cobria seus coiros entre baços e prêtos : a pedraria das orelheiras , barrete da cabeça , pa- | têsca cengida , e bracetetes dos braços e pernas , çram estas cousas de tam grande estima que | nam auia enuêja ás jóyas dos nósos.

orfaçam – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/f106r]: De Curia Muria tẽ o cábo Rozsalgáte *que* está em vinte dous grãos | e meyo , e será de cósta cento e vinte lęguoas : toda ẽ tẽrra esterelle e desêrta . Neste cábo comẽ | çã o reyno de Ormuz , e delle tẽ o outro cábo Moçandan auerá oitenta e sete lęguoas de cósta : | em *que* jazem estes lugares do mesmo reyno , Calayáte , Curiáte , Mascáte , Soár , Calája , **Or-** | **façam** , Dobá , e Limma , que fica oito lęguoas ante de chegar ao cábo Moçãdan : aque Pto | lemeu chama Asaboro situádo per elle ã vinte tres grãos e meyo , e per nós em vinte seys , no | qual acába a primeira nósã diuisam.

orinuz → ormuz.

orixá ~ **orixa** – sm. (étimo desconhecido) ‘corotopônimo’; ‘reino da Índia’. [1552/pda9/f108v]: desta enseáda aja as quátro centos e dez lęguoas de cósta (que dissemos) per linha derei- | ta do rumo , a que os mareantes chamam nordêste suduêste : do cábo Comorij onde come- | çã esta quinta nósã diuisam a este pórtõ de Chatigam , em que ella acába auerá trezentas e se- | tenta . A qual enseáda repartimos em tres estádos de principes que à senhoream : as dozentas | lęguoas sam do reyno Bisnága , as cento e dez do reyno **Orixá** que sam ambos gentios. [1552/pda9/f110v]: Quanto ao | estádo da gentilidáde que ẽ a outra gente *que* senhorea aquellas regiões (leixando os principes | do Malabár de que lógo falaremos) os mais principaes cõ *que* teuẽmos cõmuniçam por

causa | de seus estádos virem beber ao már foram estes : elrey de Bisnagá , de **Orixá** , de Bengala , de | Pęgu , de Syam , e da China. [1552/pda4/f47v]: E posto *que* toda esta prouincia Indostan | seja pouoáda de dous gęneros de pouo em cręça , hũ jdólatra e outro machomęta : ẽ muy vá- | ria em ritos e costumes , e todos entre sy ã tẽ repartida em muytos reynos e estádos ; assi co- | mo em os reynos do Moltan , Delij , Cospetir , Bengála em pártẽ , **Orixa** , Mando , Chitor , | Guzaráte a que comũmẽte chamamos Cambaya.

ormuz ~ **orinuz** – sm. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘corotopônimo’; ‘ilha’; ‘reino’. [1552/pda3/f30r]: E estando pera se vir a este reyno com recado destas cousas | que tinha sabido , soube que andauã aly dous judeus de Espanha em sua busca : com os quães | se vio muy secretamente , a hũ chamáuam Rabi Habrã natural de Beja e a outro Iosepe çapa- | teiro de Lamęgo . O qual Iosepe auia pouco tẽpo *que* vięra daquellas pártẽs , e como soube cá | no reyno o grande desejo que el rey tinha da jnformaçam das cousas da India , foy lhe dar | conta como esteuęra em a cidáde de Babilonia a que óra chamam Bagodad , situada no rio| Eufrates , e que aly ouuira falár do tracto da jlha chamáda **Ormuz** *que* estáua na boca do már | da Pęrsia. [1552/pda9/f106r]: De Curia Muria tẽ o cábo Rozsalgáte *que* está em vinte dous grãos | e meyo , e será de cósta cento e vinte lęguoas : toda ẽ tẽrra esterelle e desêrta . Neste cábo comẽ | çã o reyno de **Ormuz** , e delle tẽ o outro cábo Moçandan auerá oitenta e sete lęguoas de cósta. [1552/pda4/f50r]: pois per- | dẽdo a elles perdia vássallos , e nam virem mais a seu aporto náos de Męcha , Iuddá , Adẽ , | **Orinuz** e doutras muytas pártẽs , no cõmęrcio das quães estáua todo seu estádo.

ouram – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘corotopônimo’; ‘cidade’; ‘reino’. [1552/pda4/f48r]: Este Monçaide | (segundo elle depois contou) ęra natural do reyno de Tunez e teuęra já cõmuniçam com os | Portugueses em a cidáde **Ouram** , quando aly yam as naos deste reyno per mãdado delrey | dom Ioam o segundo buscar lambęes pera o resgáte do ouro da mina. [1552/pda6/f68v]: çram feitos tam absolutos senhóres de toda a riqueza dos portos de már , que alguũs delles | em substancia de fazenda çram tam poderósos , que mais lęuemente podiam fazer hũa guerra | e comportar as despesas della per muyto tempo , do que ò podẽm fazer os reyes de Belez , Tre | mecem

, **Ouram**, Argel, Bugia, e Tunez, que é a frol de todos os príncipes que tem a costa de África que vezinhos.

P

pacem – sm. (étimo desconhecido) ‘sociotopônimo’; ‘porto’. [1552/pda9/f125r]: Vendo os mouros que andáua no comércio das especiarias e riquezas da Índia que com a nossa entrada nella não podiam navegar por causa destas armadas que traziamos na costa Malabar onde todos vinham deferir, buscarão outro novo caminho para navegar às especiarias que aqui das partes de Malaca, assim como o cravo, noz, maçã, sandalo, pimenta que aqui da Ilha de Camora em os portos de Pedir e **Pacem**, e outras muitas cousas daquellas partes.

pādarane ~ **pandarane** ~ **pandarane** – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘sociotopônimo’; ‘povoação’; ‘porto’. [1552/pda9/f107v]: E daqui que Chátua corre o reino de Calecut, que poderá ser por costa vinte sete léguas, e têm estas pouas: **Pādarane**, Coulete, Capocate, a cidade Calecut que está em onze graus há quarto, e abai no Chale onde ora temos há fortaleza, Paragale, Tanor cidade e cabeça do reino subdito ao Camorij, Panane, Baleancor, e Chátua em que elle acaba e entra o reino de Cranganor, que por ter pouca terra logo com elle vezinha elrey de Cochij. [1552/pda6/f74r]: Seguindo o Almirante seu caminho sempre pegado com a terra, per tres vezes o foy detendo o Camorij com recados hum no porto de Chomba outro em **Pandarane** e outro duas léguas ante de chegar a Calecut. [1552/pda6/f73v]: Dada esta carta ao mouro que o Almirante mandou vestir de cores, foy leuado per Pedrafonso Daguiar capitam da não Pantaliam que o pos em **Pandarane** que era perto de Calecut: o qual quando chegou ante o Camorij elle era sabedor da tomada da não Merij per cartas de mouros de Cananor.

padiola – sm. (origem obscura)^h ‘caixa ou tabuleiro carregada(o) por duas pessoas ou mais para o transporte de mercadorias’. [1552/pda8/f99r]: Da qual obra os principaes officiaes era os capitães das naos per quem do Frãisco repartio a giros o seruiço della: e quando vinha ao seu elle tomava a **padiola** per

há parte e Lourço de Brito per outra ou Manuel Paçanha: porque cada hã destes o ajudava de companheiro neste traço de balho sendo per todos feita com muyto prazer, graças, motes, e catigas.

páge(s) – sm. (< tupi *paye*)^h ‘empregado que servia a uma pessoa influente’. [1552/pda9/f111v]: E porque esta terra de Calecut era a cousa vltima que na sua vontade tinha por parte, e quanto a sua opinião aquella que auia de permanecer em grande potencia por razão dos mouros que já ali habitava e frequencia do comércio que engrossava os naturaes, com a qual riqueza e adjutório dos mouros podia o senhor della senhorear as outras terras que tinha repartidas: esta ainda que pequena em termo quis dar a hã sobrinho que elle mayor bem queria, e de que me njno lhe servira de **páge** com hã novo nome de potencia no secular sobre todos os outros chamao dolhe Camorij, que entelles quer dizer o que acerca de nós emperador. [1552/pda3/f24v]: Os que entelles eram estimados por nobres, como jnsignias de sua nobreza, traziam dous **páges** tras sy, hã lhe trazia hum assento redondo de pau para se assentar á tomar repouso onde quisesse, e outro o escudo da peleja, e estes nobres pela cabeça e barba traziam algũs arriões e joyas douro.

pagode¹ – sm. (< concani hindustani *pagodi*)^d ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda9/f107v]: Tornando a fazer outra computação desta cidade Chaul até o rio Aliga de Sintacora em que acaba a terra do Degan aua setenta e cinco léguas: ao rio Zanguizar vinte cinco, no qual espaço ficam Bandor, Sifardam, Calan, e a cidade Dabul, e do rio Zanguizar a outras vinte cinco léguas onde está o **pagode** se contem Ceitapor, Carapatã, Tamaga: e deste **pagode** a Sintacora onde fenece o Degan que sam as outras vinte cinco, está Banda, Chapora e a nossa cidade Goa Metropol episcopal da Índia.

pagodes² – sm. (< concani hindustani *pagodi*)^d ‘ídolo da Índia’; ‘Deus’. [1552/pda1/f4v]: O que elles muy bem compriram, porque não somente tomaram cidades villas e lugares, nos principaes portos e forças dos reys de Fez e Marrocos, restituindo á igreja Romana a jurdição que naquellaas partes tinha perdida depois da perdição de Espanha, como obedientes filhos e primeiros capitães polia fe nestas partes de África: mas ainda foram desprezar aquella diuina e real bandeira da milicia de Christo (que elles fundaram para

esta guerra dos infiões) nas partes Orientaes da | Asia , em meyo das infernaes mesquitas da Arabea e Persia , e de todos **pagódes** da gẽ- | tilidade da India daquem e dalem do Gange. [1552/pda1/f86v-87r]: Ficando tam quebrádo , e por seus sacerdótes tam conuertido a fazer penitencia , dizêdo | todos ter offendido aos seus **pagódes** em nam lhe fazer os sacrificios e ofertas que lhe tinha | prometido no principio desta guerra : que simulando elle que se tornáua a refazer pera tornar | a ella , se recolheo de todo , com pẽrda de dezoito mil hómeãs , treze na enfermidade que per | duas vezes sobreueo ao seu arayal e os cinco na guerra que continuou.

paguêgo brámmena bisquera – sm. (étimo desconhecido) ‘expressão religiosa’. [1552/pda9/f112v]: A cerimónia de armárẽ caualeiro , e jr cõ todos parentes e amigos cõ pompa e | apparatus de festa a casa delrey ou senhor cõ que viue , e offerecelhe sessenta moedas douro aque | chamã fanões , cada hũ dos quães póde valer da nõssa moeda vinte reães , todos póstos ã hũa folha de betelle : e o senhor lhe pergunta se quẽr ser caualeiro , e elle com todos que õ acompa | nham a hũa vóz respondem , sy , Entam lhe manda cengir hũa espáda de bainha vermelha , e | põenlhe a mão pela cabeça dizendo entre sy certas paláuras da religiam daquela ordem : e | depois em alta vóz diz estas : **Paguêgo brámmena bisquera** , que querem dizer guardáras os | Brámmans e as vacas : e dito jsto o senhor lhe dá dous fanões douro em sinal e começo de | pága do soldo.

[**pahang**] → pam.

[**pajé**] → page.

palẽ – sm. (étimo desconhecido) ‘corotopônimo’; ‘reino’. [1552/pda4/f47v]: E no reyno Dacam diuidido em muytos | senhorios *que* tẽ estádo de reyes cõ õ de **Palẽ** *que* jáz entre hũ e o outro.

paleacáte – sf. (étimo desconhecido) ‘corotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda9/f109v]: E tornando a continuar a descripçam da nõssa cósta , da cidade sam Thomẽ em que nos | detiuẽmos por lououo deste apóstolo nõsso proptector da India , pósto que em outra parte | relatamos mais copiósamente o que se tem e crẽ delle acerca desta gente : desta sua cidade | a **Paleacáte** auerá nõue lęguoas e adiante estam Chiricóle , Aremogam , Caleture , Careeiro , | Pentepólii , Maçulepátan , Budauarij , junto do cabo deste nome , *que* está em dezasete grãos . No qual acabã as terras do reino de

Bisnagá (como dissẽmos) e começa õ de Orixá , cuja cósta.

paliport – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘região do Malabar’. [1552/pda7/f86r]: Cá elrey de Co | chij começou esta guerra sendo em sua ajuda estes que eram seus vassálos : o principe seu sobri | nho herdeiro do reino , o Caymal de **Paliport** , o Caymal de Balurt , o Cham de Begadarij | senhor de Porcá , e o Mangate Caymal seu jrmão , e o Caymal de Cambalã , e o Cayamal de | Cherijs a Uaypij e outros senhores de tẽrras.

pam – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação localizada na costa do rio Menam’. [1552/pda9/f109v]: Ao | qual rio por causa da gram cópia das ágoas que tráz , os Siames lhe chamam Mẽnam que | quer dizer a mãe das ágoas , e entra no már em altura de treze grãos : na qual cósta há estas | notauẽs pouoações . **Pam** que ẽ cabeçá do reyno assy chamádo , Pouticam , Calautã , Pa- | tane , Lugor , Cuy , Perperij e Bamplacot *que* está na boca do rio Mẽnam.

pandarane → pãdarane.

panagáte – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘lugar’. [1552/pda9/f109r]: No qual acabã as terras do reino de Bisnagá (como dissẽmos) e começa õ de Orixá , cuja cósta | por ser bráua de poucos pórtos tem somẽte estes lugáres : Penacóte , Calingam , Bazãpátan , | Uixáopatan , Uicuipátan , Calinhápatan , Naciquepátan , Puluro , **Panagáte** , e o cábo Se- | gógora.

panáne ~ **panane** – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘região do Malabar’. [1552/pda7/f86r]: E a gente cõ | que o Çamorij começou seria atẽ sesenta mil hómeãs de que a este tempo (segũdo dissẽmos) pe- | los casos e perdas que tẽue tambem já tinha menos hũ terço : porem fama entre os nõssos era | que trazia per már e per tẽrra quorenta mil hómeãs seus e destes senhores que o ajudauã , del- | les como vassálos e outros por serem amigos e vezinhos naquella tẽrra Malabar que elle con | uocou cõtra nõs . Beturácol rey de Tánor . Cacatunam Barij rey de Bespur e de Cucuram | junto da serra chamáda Gáte , Cóta Agatacól rey de Cotugam entre Cananor e Calecut jũ- | to de Gáte , Curiur Coil rey de Curim entre **Panane** e Crangálor , Naubeadarij principe | de Calecut , Nambeá seu jrmão , Lancol Nãbeadarij senhor de Repelij , Paraichera Eracol | senhor de Crangalor , Parapucol

senhor de Chaliã entre Calecut e Tanor , Parinha Mu- | tacól senhor quásy rey entre Crãgalor e Repelij , Benará Nambeádarij senhor quasy rey aci- | ma de **Panáne** pera a serra , Nambeárij senhor de Baulá Charij , Parapucól senhor de Pa- | rapuram , Parapucól senhor quasy rey de Bepur entre Chanij e Calecut.

pangelungos – sm. pl. (étimo desconhecido) ‘etnotopônimo’; ‘povos’. [1552/pda8/f95v]: O principio da qual , come- | çando na Oriental páte della e o Prasso promontorio , que elle Ptolomeu | situou em quinze graos contra o sul e em tâtos está per nos verificado : ao qual os naturães da | tẽrra chamam Moçambique , onde óra temos hũa fortaleza *que* sêrue de escála das nósas náos | nesta nauegaçam da India . E o fim occidental desta tẽrra a Ptolemeu jncognita , acaba em | altura de cinco graos da páte do sul que se comunica com os Ethiopias a que elle chama Hes- | perios per nome comũ , *que* sam os poucos **Pangelungos** subditos ao nósso rey de Congo.

panhames – sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’. [1552/pda10/f118r]: O qual brãço e muyto mais poderoso em águoas que o outro do espirito sancto por ser naue- | gael mais de dozẽtas e cinquenta lẽguoas , e nelle se metêrẽ estes seys notáuẽes rio **Pa- | nhames** , Luã guóa , Arruya , Manjóu , Inadire , Ruẽnia : que todos regã a tẽrra de Be- | nomotãpa , e a mayór páte delles lẽuam muyto ouro que nace nella.

panicál ~ **panical** – sm. (< malaiala *panikkal*)^d ‘mestre de esgrima’. [1552/pda19/f112v]: Este nóme Naire ajnda que seja do sangue delles , nam õ pó- | de algũ ter senã depois que e armádo caualeiro , e porem góza dos priuilégios de sua nobre- | za : porque como chega a jdãde de sête ánnos e logo obrigádo jr á escóla da esgrima : ao mẽstre | da qual aque elles chamã **Panicál** tem em lugar de pay pola doctrina *que* recẽbem delle , e depois | do rey ou senhor aque sêruem , a este tem mayor reuerẽcia . Estes seus mẽstres nam sómẽte lhe | ensinã o módo desgrima de toda árma , saltar , correr , e outras desenuolturas : mais ajnda pe- | ra õs fazêrem mais dẽstros e lẽues , logo no principio desta sua doctrina õs quebrã e descon- | juntã a maneira de volteadóres , e pera jssõ õs vntã com azeite de gergelim por os nẽruos | nam

receberã lẽsam. [1552/pda19/f112v-113r]: E tirãdo as pesóas muyto nóbres que elrey faz por sua mão , as mais vezes comẽte este ar- | mar de caualeiro ao próprio **Panical** mẽstre da esgrima : e ordinariamente todos em quanto | pôdem trazer ármã , e cẽrtos dias na somãna por nã perderem o exercicio dellã sam obrigã- | dos jr a escóla desta esgrima.

panso aquitimo – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’; ‘filho do rei de Congo’. [1552/pda3/f35v]: PArtido Ruy de Sousa pera este reyno , e o principe filho del rey dom Ioã | de Cõngo vindo dafrontaria dos jmigos onde estáua , sendo já a jgreja aca- | báda : foy elle baptizádo com muytos fidãlgos assy dos que andãuã com | elle como outros que a este auto eãram vindos , e por amor do principe dom | Afonso filho del rey dõ Ioã de Portugal oue elle o mesmo nome . Mas | como o demõnio com estas óbras de se baptizar cada dia muyta gente , elle | perdia gãnde jurdiçam , trabalhou por lhe ficar em penhor algũa pesóã real pera a qual po- | dẽsse cobrar o perdido : e foy hum filho del rey chamádo **Panso Aquitimo** , o qual nam que- | ria receber águoa de baptismo , afastãdose da conuersaçã de seu pay , e recolhendo pera sy | alguũs daquelles que eãram confórmes a seu propósito.

parã gále – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/f107v]: E daquy | tẽ Chátua cõrre o reyno de Calecut , *que* poderã ser per cõsta vinte sête lẽguoas , e tẽ estas pouoa- | ções : Pãdarãne , Coulete , Capocãte , a cidãde Calecut *que* está em onze grãos hũ quártõ , e abã | xo Chãle onde óra tẽmos hũa fortaleza , **Parã gále** , Tanor cidãde e cabẽça do reino subdito ao | Camorij , Panãne , Baleãncor , e Chãtuã em *que* elle acaba e entra o reyno de Crãganor , *que* por | ter pouca tẽrrã logo cõ elle vezinha elrey de Cochij.

paraichera eracol – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’; ‘rei de Cangralor’. [1552/pda7/f86r]: E a gente cõ | que o Çamorij começõu seria atẽ sesenta mil hõmeẽs de que a este tempo (segũdo dissẽmos) pe- | los cãsos e perdas que tẽue tambem já tinha menos hũ terço : porem fama entre os nósos eã | que trazia per már e per tẽrrã quorentã mil hõmeẽs seus e destes senhores que o ajudãuã , del- | les como vassãlos e outros por serem amigos e vezinhos naquella tẽrrã Malãbar que elle con

| uocou cõtra nós . Beturácol rey de Tánor . Cacatunam Barij rey de Bepur e de Cucuram | junto da serra chamada Gáte , Cóta Agatacól rey de Cotugam entre Cananor e Calecut jũ- | to de Gáte , Curiur Coil rey de Curim entre Panane e Crangálor , Naubeadarij príncipe | de Calecut , Nambeá seu jrmão , Lancol Nãbeádarij senhor de Repelij , **Paraichera Eracol** | senhor de Crangalor , Parapucol senhor de Chaliã entre Calecut e Tanor , Parinha Mu- | tacól senhor quásy rey entre Crãgalor e Repelij , Benará Nambeádarij senhor quasy rey aci- | ma de Panáne pera a serra.

paraó(s) – sm. (< malaio *párang*)^m. ‘embarcação indiana utilizada para o transporte de pessoas e mercadorias’. [1552/pda6/f77v]: A este tẽpo (como dissemos) tinha o Almirãte espedido a carauęla *que* vięra em sua cõpanhia , | cõ hũ recado a Uicẽte Sodre *que* segũdo soubęra adãua sobre Cananor : o qual lhe leixara per | popa da sua náó , hũ **paraó** grande que tomára vindo elle Almirãte de Cochij , os mouros do | qual dãdolhe esta carauęla caça se saluarã em tęrra . Os mouros que tinhã cercado o Almirãte , vẽ- | do este **paraó** e quã animósamẽte os nóssos deffendiã a ętrãda da náó e quãto dãno recebiam | delles : quissęrã se aproueitar deste arteficio *que* traziã , *que* ęrã dous bárcos jũtos cõ muita lenha e | materiães pera quãdo lhe possęssem o fogo se acēder mais prestes ajnda *que* lha cudissem com | ágoa. [1552/pda5/f65r]: Chegádo | Pedráluarez lógo nas cóstas deste męsajeiro , assy tinha elrey prouido peral lhe dar cárga despe- | cearia , *que* ajnda elle nã surgia fóra do porto , quãdo derredor das náos ęrã muytos **paraós** e bár | cos carregádos de gęgiure e canęlla , parecēdolhe *que* se lógo õ nã auiásse *que* faria seu caminho.

parapucol – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo; ‘rei de Chaliã’; ‘rei de Parapuram’; ‘senhor de Bepur’. [1552/pda7/f86r]: E a gente cõ | que o Çamorij começou seria atę sesenta mil hómeës de que a este tempo (segũdo dissęmos) pe- | los cásos e perdas que tęue tambem já tinha menos hũ terço : porem fama entre os nóssos ęra | que trazia per már e per tęrra quorenta mil hómeës seus e destes senhores que o ajudáuã , del- | les como vassálos e outros por serem amigos e vezinhos naquella tęrra Malabar que elle con | uocou cõtra nós . Beturácol rey de Tánor .

Cacatunam Barij rey de Bepur e de Cucuram | junto da serra chamada Gáte , Cóta Agatacól rey de Cotugam entre Cananor e Calecut jũ- | to de Gáte , Curiur Coil rey de Curim entre Panane e Crangálor , Naubeadarij príncipe | de Calecut , Nambeá seu jrmão , Lancol Nãbeádarij senhor de Repelij , Paraichera Eracol | senhor de Crangalor , **Parapucol** senhor de Chaliã entre Calecut e Tanor , Parinha Mu- | tacól senhor quásy rey entre Crãgalor e Repelij , Benará Nambeádarij senhor quasy rey aci- | ma de Panáne pera a serra , Nambeárij senhor de Bualá Charij , Parapucól senhor de Pa- | rapuram , Parapucól senhor quasy rey de Bepur entre Chaniã e Calecut. [1552/pda7/f86r]: E a gente cõ | que o Çamorij começou seria atę sesenta mil hómeës de que a este tempo (segũdo dissęmos) pe- | los cásos e perdas que tęue tambem já tinha menos hũ terço : porem fama entre os nóssos ęra | que trazia per már e per tęrra quorenta mil hómeës seus e destes senhores que o ajudáuã , del- | les como vassálos e outros por serem amigos e vezinhos naquella tęrra Malabar que elle con | uocou cõtra nós . Beturácol rey de Tánor . Cacatunam Barij rey de Bepur e de Cucuram | junto da serra chamada Gáte , Cóta Agatacól rey de Cotugam entre Cananor e Calecut jũ- | to de Gáte , Curiur Coil rey de Curim entre Panane e Crangálor , Naubeadarij príncipe | de Calecut , Nambeá seu jrmão , Lancol Nãbeádarij senhor de Repelij , Paraichera Eracol | senhor de Crangalor , Parapucol senhor de Chaliã entre Calecut e Tanor , Parinha Mu- | tacól senhor quásy rey entre Crãgalor e Repelij , Benará Nambeádarij senhor quasy rey aci- | ma de Panáne pera a serra , Nambeárij senhor de Bualá Charij , **Parapucól** senhor de Pa- | rapuram , Parapucól senhor quasy rey de Bepur entre Chaniã e Calecut. [1552/pda7/f86r]: Cacatunam Barij rey de Bepur e de Cucuram | junto da serra chamada Gáte , Cóta Agatacól rey de Cotugam entre Cananor e Calecut jũ- | to de Gáte , Curiur Coil rey de Curim entre Panane e Crangálor , Naubeadarij príncipe | de Calecut , Nambeá seu jrmão , Lancol Nãbeádarij senhor de Repelij , Paraichera Eracol | senhor de Crangalor , Parapucol senhor de Chaliã entre Calecut e Tanor , Parinha Mu- | tacól senhor quásy rey entre Crãgalor e Repelij , Benará Nambeádarij senhor quasy rey aci- | ma de Panáne pera a serra , Nambeárij senhor de Bualá Charij ,

Parapucól senhor de Pa- | rapuram ,
Parapucól senhor quasy rey de Bepur entre
 Chanij e Calecut.

parapuram – sm. (étimo desconhecido)
 ‘corotopônimo’ ‘reino’. [1552/pda7/f86r]: E
 a gente cõ | que o Çamorij começou seria atę
 sesenta mil hómeeş de que a este tempo (
 segũdo dissęmos) pe- | los cásos e perdas que
 tęue tambem já tinha menos hũ terço : porem
 fama entre os nõssos ęra | que trazia per már
 e per tęrra quorenta mil hómeeş seus e destes
 senhores que o ajudáuã , del- | les como
 vassálos e outros por serem amigos e
 vezinhos naquella tęrra Malabar que elle con
 | uocou cõtra nós . Beturácol rey de Tánor .
 Cacatunam Barij rey de Bepur e de Cucuram
 | junto da serra chamáda Gáte , Cóta Agatacól
 rey de Cotugam entre Cananor e Calecut jũ- |
 to de Gáte , Curiur Coil rey de Curim entre
 Panane e Crangálor , Naubeadarij principe |
 de Calecut , Nambeá seu jrmão , Lancol
 Nãbeádarij senhor de Repelij , Paraichera
 Eracol | senhor de Crangalor , Parapucol
 senhor de Chaliã entre Calecut e Tanor ,
 Parinha Mu- | tacól senhor quásy rey entre
 Crãgalor e Repelij , Benará Nambeádarij
 senhor quasy rey aci- | ma de Panáne pera a
 serra , Nambeárij senhor de Bualá Charij ,
 Parapucól senhor de **Pa- | rapuram** ,
 Parapucól senhor quasy rey de Bepur entre
 Chanij e Calecut.

[paraú] → paraó(s).

pardãos ~ pardaos – sm. (< sânscrito *pratāpa*)^m
 ‘moeda da Índia’. [1552/pda6/f77r]: trouxe
 cõsigo hũ hómẽ *que* elle deiza ser Naire dos
 principáes da cása do Çamorij . Dizendo da |
 sua páрте *que* ęra cõtente de pagar em
 especearia por ás cousas *que* foram tomádas
 no aleuantamẽ | to cõtra Aires Correa atę cõtia
 de vinte mil **pardãos** moeda da tęrra *que* da
 nõssa sã trezetos | e sessenta reaes cada hũ.
 [1552/pda9/f107r]: Seguindo mais a cósta
 estam Nosçarij , Bandiuij , Dámam , Dánu ,
 Tarápor , Quel- | maim , Algacim , e Bacaim
 : onde ao presente temór hũa fortaleza com as
 tęrras de sua jurdi- | çam que na páz nos
 págam de rendimento cem mil **pardaos** , que
 sam da nõssa moeda trinta | e seys contos.

parinha mutacól – sm. (étimo desconhecido)
 ‘antropônimo’; ‘senhor entre Crangalor e
 Repelij’. [1552/pda7/f86r]: E a gente cõ | que
 o Çamorij começou seria atę sesenta mil
 hómeeş de que a este tempo (segũdo
 dissęmos) pe- | los cásos e perdas que tęue
 tambem já tinha menos hũ terço : porem fama

entre os nõssos ęra | que trazia per már e per
 tęrra quorenta mil hómeeş seus e destes
 senhores que o ajudáuã , del- | les como
 vassálos e outros por serem amigos e
 vezinhos naquella tęrra Malabar que elle con
 | uocou cõtra nós . Beturácol rey de Tánor .
 Cacatunam Barij rey de Bepur e de Cucuram
 | junto da serra chamáda Gáte , Cóta Agatacól
 rey de Cotugam entre Cananor e Calecut jũ- |
 to de Gáte , Curiur Coil rey de Curim entre
 Panane e Crangálor , Naubeadarij principe |
 de Calecut , Nambeá seu jrmão , Lancol
 Nãbeádarij senhor de Repelij , Paraichera
 Eracol | senhor de Crangalor , Parapucol
 senhor de Chaliã entre Calecut e Tanor ,
Parinha Mu- | tacól senhor quásy rey entre
 Crãgalor e Repelij , Benará Nambeádarij
 senhor quasy rey aci- | ma de Panáne pera a
 serra.

pársea ~ parsea ~ persia ~ pérsia ~ pęrsia –
 sm/adj. (< sânscrito *parāsika*)^m
 ‘etnotopônimo’; ‘corotopônimo’; ‘povo’;
 ‘país’; ‘língua’. [1552/pda4/f47r]: A Regiam
 aque os geographos própriamẽte chamã Índia
 , ę a tęrra *que* jáz en- | tre os dous jllustres e
 celebrádos rios Indo e Gange , do qual Indo
 ella to- | mou o nome : e os pouos do
 antiquissimo reyno Delij , cabeça per sitio e
 po- | der de toda esta regiam | e assy a gente
Pársea aella vezinha. [1552/pda1f4v]: e
 segundo escreuem os parseos e arábeos no
 seu tarigh que | alegamos , o qual témos em
 nõsso poder em lingua **parsea**.
 [1552/pda1f4v]: E os reyes deste reyno ,
 sendo senhores do reyno de | Ormuz , cujo
 estado tẽ boa parte e a milhór da tęrra
 maritima da Arabia e da **Persia** , e se- | nhores
 do reyno de Cambáya com lhe ter tomádo o
 maritimo delle , e senhores do reyno de Goa ,
 com as terras e ylhas a ella adjacẽtes , e
 senhores da riquissima Maláca situáda na |
 Aurea Chersoneso tam celebrada dos
 geographos , e senhores das ylhas orientaes
 de Ma- | luco , Ganda . ec . [1552/pda4f53v]:
 Por causa do qual , co- | mo adiante se dirá ,
 elrey acrescẽtou a sua coróa os titulos *que* óra
 tem , de senhor da conquista na- | gaçam e
 cõmercio de Ethiopia , Arabia , **Pérsia** e
 India. [1552/pda1f4v]: sómente se intitulam
 por reyes de Portugal , e dos Algarues
 daquem e da- | lem már , senhores de Guinç e
 da conquista , nauegaçam , e comęrcio , da
 Ethiópia , Arábia , | **Pęrsia** , e India : como se
 estoutros reynos e senhorios nomeádos , nam
 se governássem | per suas leyes e ordenações
 , e lhe nam *pag.ssem* tributos e rendas , e elles
 nam tiuęsem | o pescoço debaixo do
 escabello de seus pęes.

párseo ~ **pársio(s)** – sm. pl. ((< sânscrito *parāsīka*)^m ‘hidrotopônimo’; ‘etnotopônimo’; ‘mar’; ‘povos’. [1552/pda9/f106v]: E tornado a primeira parte occidê- | tal desta repartiçã , leixando o jnterior dos dous estreitos do már roixo e **Párseo** pera seu tem | po : da gargãta deste roixo *que* está em altura de doze grãos e dous terços até a cidáde Adem ca- | beça daquelle reyno , auerã quorêta lęguoas , e della ao cábo de Fartaque *que* está em quatorze | grãos e meyo serã cem lęguoas. [1552/pda8/f95r]: Sómente os Arábios e **Pársios** como gente *que* tem policia de letras e sam vezinhos | della em suas escripturas lhe chamã Zanguebár , e aos moradores della Zanguij : e per outro | nome comũ tãbem chamam Cáfres. [1552/pda9/f106v]: A primeira tem seu principio na bóca do | estreito do már a *que* própriamête chamámos Roixo , e acába na bóca do outro **Pársio** , a segũda | acába na fóz do rio Indo , a terceira na cidáde Cambáya situáda na mais jnterior parte da en- | seáda do már chamádo do seu nóme , a quáta comêça no grãde cábo Comorij , à quinta no jl | lustre rio Gange , à sexta no cábo de Cingapura alẽ da nõssa cidáde Maláca , à septima no grã | de rio chamádo Męnam jnterpretádo mãem das águoas : o qual córre per meyo do reyno de | Siã.

patan – sm. (< hindustâni *pathân*)^m ‘poliotopônimo’; ‘lugar’. [1552/pda9/f106v]: e deste Iaquete *que* | é dos principães tēplos daquelle gētilidáde com hũa nóbre pouoaçã tē a nõssa cidáde Dio do rei- | no Guzaráte cinquenta lęguoas , na qual distãcia estam estes lugáres , Cutiána , Mangalor : | Cheruár : **Patan** , Corinár.

patane – sf. (< hindustâni *pathân*)^m ‘poliotopônimo’; ‘povoação à margem do rio Menam’. [1552/pda9/f109v]: Pam *que* é cabeçã do reyno assy chamádo , Pouticam , Calautã , **Pa-** | **tane** , Lugor , Cuy , Perperij e Bamplacot *que* está na boca do rio Męnam .

páte ~ **pate** – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’. ‘cidade’. [1552/pda4/f53r]: E a primeira tęrra *que* tomou foy abaixo da cidáde Magadaxó situáda na cósta bráua , per aqual | passou sem fazer mais detençã *que* salualã com artelharia , por ver no aparato de seus edificios | ser tam grãde cousa *que* nam quis fazer mais experiēcia da verdáde dos mouros daquelle cósta . | Però nam se pode espedir sem algũ encontro delles , cá sendo tanto auante como outra chamã- | da **Páte** , lhe saíram ao caminho sete ou oito

zambucos da tęrra muy bem armádos , com fun- | damento de õ cometer : aos quáes elle saluou de maneira com artelharia *que* nam õ quissērã mais | seguir. [1552/pda7/f82v]: | Melinde pera nauegar seguramête , cujas ęrã hũa das quátro náos *que* aly estáuã surtas , tomãdo | este sobrinho delrey por desculpa de nã apresentar a bãdeira , estar ẽ porto alheo e ser entretido *que* | o nã fizesse . Pago lógo o tributo daquelle áno , deu o capitã liuremête as duas náos ao sobrinho | delrey de Melinde , e á cidáde deu outra por ser sua : sómēte a quarta *que* ęra de hũ lugar da cósta | chamádo **Pate** se resgatou por cęto e sessenta miticaes mais em sinal de obediēcia *que* em esuma | de sua valia.

páteo(s) – sm. pl. (origem obscura)^s ‘varanda coberta’; ‘área descoberta situada no interior de uma casa ou edificio’. [1552/pda4/f48v]: Passádo aquelle terreiro , entrarã | em hũ **páteo** de alpēderes , onde achárã Uasco da Gãma e o Catual cõ algũa gente mais limpa | esperando por elles : sem tomar algũ repouso daquelle afronta em *que* vinhã , entrarã todos em | hũa grã cása terrea em *que* estáua *aquelle* grãde Çamorij da prouincia Malabár per elles tã desejá- | do de ver. [1552/pda9/f117r]: Sómente as casas | delrey mostráam ser do principal da tęrra com **páteos** e cásas grandes : a mayór das quáes | ęra feita ao módo como vsámos o corpo das jgrejas sem cruzeiro , sómente cõ capęlla no to- | po da jgreja.

[**pátio**] → páteo(s).

pēba – sf. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘ilha’. [1552/pda8/f98r]: Soleiman Hacen , *que* conquistou muyta parte daquelle cósta : e por auer a bençã de seu pay se | fez senhor do resgáte de Çofala e das jlhas de **Pēba** , Momfia , Zēzibar e de muyta parte da | cósta da tęrra firme.

pedã – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda4/f53r]: Afonso Dalboquerque tomou Maláca , ficou esta cós- | ta sem repartiçã de estádos : e as pouoações *que* auerã de Táuy tē Maláca sam estas , Te- | uassarij cidáde notauel , Lũgur , Toram , Quedã frol da pimenta de toda aquelle cósta , **Pedã** | Perá , Solungor , e a nõssa cidáde Maláca , cabeçã do reino assy chamádo.

pedir – sm. (étimo desconhecido) ‘sociotopônimo’; ‘porto’. [1552/pda10/f125r]: | VEndo os mouros *que* andáuã no cõmęrcio das especearias e riquezas da In- | dia *que* com a

nóssa entrada nella nã podiam nauegar por causa destas armádas | *que* traziamos na cósta Malabár onde todos vinhã deferir , buscarã outro nóuo | caminho pera nauegarẽ as especearias que auia das pártes de Maláca , assi co- | mo crauo , nóz , maça , sandálo , pimenta que auiam da jlha Camátra em os pór | tos de **Pedir** e Pacem , e outras muytas cousas daquellas pártes : o qual caminho faziã vindo | per fóra da jlha Ceilam , e per entre as jlhas de Maldiuu atrauessando aquelle grã golfam , tẽ | abocar os dous estreitos que dissẽmos por fogir desta cósta da India que lhe defendiamos.

pegu ~ **pégu** ~ **pegu** – sm. (étimo desconhecido) ‘corotopônimo’; ‘reino’; ‘geomorfotopônimo’; ‘arquipélago’. [1552/pda9/f109r]: Ao cábo de Negrães que está em dezaseis grãos , onde começa o rei- | no de **Pegu** auerá cem lęgoas : no qual espáço estam estas pouoações , Chocoriá , Bacasá , | Arracam cidade cabeça do reino assy chamádo , Chubóde , Sedoç , e Xará que está na póta | de Negrães . E daquy passando a cidade de Táuy que está em treze grãos , que ẽ a vltima do | reino de **Pegu** , fica hũa grande enseada de muytas jlhas e baixos que ao módo de Gange faz | outro muy poderóso rio que retálha toda a tẽrra de **Pegu** : o qual vem do lágo de Chiamáy *que* | está ao nórtre per distancia de duzentas lęgoas no jnterior da tẽrra , donde procedem seys notá | ueés rios , tres que se ajuntam cõ outros e fazem o grande rio que pássa per o meyo do Syam e | os outros tres vem sair nesta enseada de Bengála . Hũ *que* vem atrauessando o reino de Cáor | donde o rio tomou o nome , e per õ de Camotáy , e õ de Ciróte onde se fazẽ todolos capádos | daquelle oriente : e vem sair acima de Chatigam naquelle notáuel bráço do Gange defronte da | jlha Sornagam . O outro de **Pegu** pássa pelo reino Auá *que* ẽ no jnterior da tẽrra : e õ outro say | em Martabam entre Táuy e **Pegu** , em altura de quinze grãos . E as pouoações que estam | fóra desta enseada de jlhas de **Pegu** (que dissẽmos) e vam ao lóngo da cósta delle. [1552/pda8/f91v]: Porque nam só- | mente traziam a ellas o *que* nauegáuã de Maláca , mas ajnda os robijs e lácre de **Pegu** , a rou- | pa de Bengála , aljofar de Cálecarẽ.

penacóte – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘lugar’. [1552/pda9/f109r]: No qual acabã as tẽrras do reino de Bisnagá (como dissẽmos) e começa õ de Orixá , cuja

cósta | por ser bráua de poucos pórtos tem somẽte estes lugáres : **Penacóte** , Calingam , Bazápátan , | Uixáopatan , Uicuipátan , Calinhápatan , Naciquepátan , Puluro , Panagáte , e o cábo Se- | gógora.

pentepólii – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade indiana’. [1552/pda9/f109v]: E tornando a continuar a descripçã da nóssa cósta , da cidade sam Thomẽ em que nos | detiuẽmos por louuor deste apóstolo nóssso proptector da India , pósto que em outra pártre | relatamos mais copiósamente o que se tem e creẽ delle acerca desta gente : desta sua cidade | a Paleacáte auerá nóue lęgoas e adiante estam Chiricóle , Aremogam , Caleture , Careiro , | **Pentepólii** , Maçulepátan , Budauarij , junto do cabo deste nome , *que* está em dezaseite grãos . No qual acabã as tẽrras do reino de Bisnagá (como dissẽmos) e começa õ de Orixá , cuja cósta.

perá – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘pouoação’. [1552/pda4/f53r]: Afonso Dalboquerque tomou Maláca , ficou esta cós- | ta sem repartiçã de estádos : e as pouoações que auerá de Táuy tẽ Maláca sam estas , Te- | uassarij cidade notauel , Lũgur , Toram , Quedá frol da pimenta de toda aquella cósta , **Pedã** | Perá , Solungor , e a nóssa cidade Maláca , cabeça do reino assy chamádo.

peringóra raxemeuóca – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’. [1552/pda5/f59r]: E hũ destes arrefeẽs | ẽra o Catual *que* tanto trabálho deu a dõ Uásco da Gámma (como dissemos atras :) e os dous | mais principaes ambos officiães da fazenda delrey , auiam nome **Peringóra Raxemeuóca** to | dos hómẽes já de dias e muy religiósos na sua gentilidade .

perperij – sf. (étimo desconhecido) → Mẽnam. ‘poliotopônimo’; ‘pouoação à margem do rio Menam’. [1552/pda9/f109v]: Pam *que* ẽ cabeçá do reyno assy chamádo , Pouticam , Calautã , Pa- | tane , Lugor , Cuy , **Perperij** e Bamplacot *que* está na boca do rio Mẽnam.

persia → pársa.

pesperidas – sf. pl. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘ilhas’. [1552/pda3/f32v-33r]: A tẽrra que jáz entre estes dous rios , faz hũ notáuel cábo a que os nóssos chamam Uerde , e | Ptolemeu Arsinário promótorio : e posto *que* elle õ situe em largura de dez grãos e dous tẽrços , | e per nós seja verificádo em quatorze e hum tẽrço , segundo a figura delle , e as jlhas que ao oci-

| dête lhe estam oppositas (a que nós por razam delle per nome geral chamamos do cabo Uer- | de , e elle **Pesperidas**) nam póde ser outro.

peuiba – sf. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’;

‘ilha’. [1552/pda8/96v]: De maneira que abaixo e | acima nam lhe ficou cousa por correr . tē se fazer senhora de Monbáça Melinde e das jlhas de | **Peuiba** Zanzibar Mõfia Comoro , e outras muytas pouoações que saíram della pella potē | cia e riqueza que teue depois que se fez senhora da mina de Çofala : tendo quásy tudo perdido | ao tēpo *que* nós descobrimos a Índia , com deusões *que* ouue per mórte dalguũs reyes della de *que* | adiante faremos mençam.

pichóldá – sm. (étimo desconhecido)

‘poliotopônimo’; ‘lugar’. [1552/pda9/f107r]: O primero destes rios náce de duas fontes ao oriēte de Chaul quasy | per distância de quinze lēguoas ã altura entre dezoito e deznoue grãos : ao rio *que* say de hũa das | fontes *que* jáz mais ao nórte chamã Crusná , e ao *que* say da *que* esta ao sul Benhorá , e depois que se | adjuntã ã hũ corpo chamãlhe Gãga , o qual vay sair na fóz do jllustre rio Gãge entre estes dous | lugáres Angelij e **Pichóldá** quásy ã vinte dous grãos.

piste – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’.

[1552/pda1/f15v]: Estes dous capitães canários cujos nomes eram **Piste** e Brucho , | por mostrar o desejo que tinham de seruir ao jnfante , sem mais demóra meterãse em os nauios | com bom golpe de gēnte : e feita vëla surgiram em rompendo o dia no pórtos da Palma .

polónia – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’;

‘cidade’. [1552/pda4/f53r]: Entam começou a con | tar o principio de sua vida : dizendo , que no áнно de Christo de mil quátro centos e cincoēta | elrey de **Polónia** mandára lâçar hũ pregã per tódo seu reyno *que* quãtos judeus nelle ouuesse , dē- | tro de trinta dias se fizessem Christãos , ou se saíssem do seu reyno : e passádo este termo de tem | po , os *que* achassem fossem queimádos.

porcá ~ **porca** – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’;

‘cidade’. [1552/pda9/f107v]: Seguindo mais adiante nossa descripçam , de **Porcá** tē | Trauancor está o reyno de Coulá , *que* terá per cósta vinte lēguoas : cujas pouoações sam , Cale | Coulá onde temos hũa fortaleza , Rotorá , Beriujã e outras pouoações e pórtos de pouco nó- | me. [1552/pda7/f78v]: Entre os quães foy Cham

de Bagadarij senhor de **Porca** , e o Mangáte Caymal , e seu jrmão Naubeadarij , o Cai- | mal de Cambalu , o Caimal de Cheriauapil , e os cincoos Caimães da tērra aque elles chamã | Anche Caimal : *que* dērá entráda per sua tērra , a *que* o Çamorij passásse á de Cochij por esta ser a ella | muy vezinha.

póro – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’.

[1552/pda8/110v]: Mais adiante tinhamos elrey de Cambáya cõ que teuemos per muyto tempo | guérta e ajnda temos : ao qual nem Xérxes ã Dário nem **Póro** chegáram em poder , estádo , | e riqueza , e animo militar como ã seu tēpo se vera.

pouticam – sf. (étimo desconhecido) → Mēnam.

‘poliotopônimo’; ‘povoação à margem do rio Menam’. [1552/pda9/f109v]: Pam que é cabeçã do reyno assy chamádo , **Pouticam** , Calautã , Pa- | tane , Lugor , Cuy , Perperij e Bamplacot *que* está na boca do rio Mēnam.

póxon – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’.

[1552/pda1/f3v]: Antre alguũs desta linhagem Maraunion que este capitam Abedelã perseguia , auia huũ | hómeme poderoso chamádo AbedĩRamon filho de Mauhyã , e neto de **Póxon** , e bisnēto de Abbedehnalec.

ptolomaida – sf. (< grego *ptolemais*)^m. → hicinã.

‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda8/f98v]: E per dentro do sērtam , sestend a per o Nilo acima á regiam Thebai- | da a que os naturáess óra chamã Çaida , tē chegar á antiquissima cidáde **Ptolomaida** cujo no- | me óra ç Hicinã , que a cerca daquelles bárbaros quē dizer esquecimento , e daly vinha be- | bēr ao már roxo.

pudu cheira – sm. (étimo desconhecido)

‘poliotopônimo’; ‘povoação’. → comorij → canhameira. ‘povoação localizada próxima ao cabo Canhameira’. [1552/pda9/f108v]: As pouoações | da qual cósta sam estas , lógo na vólta do cábo Comorij as sēte lēguoas Tacancurij , e adiante | Manapar , Uaipar , Trechandur , Callegrande , Chereacálle , Tucucurij , Bembar , Cálcare , | Beadála , Manancort , e Canhameira onde está hũ notáuel cábo assy chamádo em dez grãos | da pártē do nórte . E adiante estam estes lugáres Nēgapátan , Nahór , Triminapátan , Tra- | gambar , Triminauáz , Colorã , **Pudu cheira** , Calapáte.

purauá – sm. (< malaiala *pudava*)^m. ‘traje religioso’.

[1552/pda5/f59v]: E posto que elle Çamorij nam tinha tanto | pano , seda , ouro , e ópa de brocádo como os nössos leuáuã , e hum pano de algodam bormdo | com hũas rosas de ouro

de pam semeádas por elle , aque chamam **purauá** , (trájo de Bramma- | nes ,) cobria seus coiros entre baços e prêtos : a pedraria das orelheiras , barrete da cabeça , pa- | teca cengida , e bracetes dos braços e pernas , eram estas cousas de tam grande estima que | nam auia enueja ás jóyas dos nósos.

purepátan – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’ [1552/pda9/f107v]: Do rio Canherecóra dõde comêça a regiã | Malabár tẽ Puripátan *que* seram per cósta vinte leguoas e do reyno Cananor , em que há estes | lugáres : Cóta , Coulam , Nilichilam , Marabia , Bolepátan , Cananor cidáde onde temos hũa | fortaleza , a qual está em doze grãos : Tramapátan , Chombá , Maim , e **Purepátan**.

puripátan – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’. ‘cidade’. [1552/pda9/f107v]: Do rio Canherecóra dõde comêça a regiã | Malabár tẽ **Puripátan** *que* seram per cósta vinte leguoas e do reyno Cananor , em que há estes | lugáres : Cóta , Coulam , Nilichilam , Marabia , Bolepátan , Cananor cidáde onde temos hũa | fortaleza , a qual está em doze grãos : Tramapátan , Chombá , Maim , e Purepátan.

Q

quedá – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda4/f53r]: Afonso Dalboquerque tomou Maláca , ficou esta cós- | ta sem repartiçam de estádos : e as pouoações que auerá de Táuy tẽ Maláca sam estas , Te- | uassarij cidáde notauel , Lũgur , Toram , **Quedá** frol da pimenta de toda aquella cósta , Pedã | Perá , Solungor , e a nósca cidáde Maláca , cabeça do reino assy chamádo.

quedech – sm. (étimo desconhecido) [1552/pda1/f17v]: → çanagá. ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. E seguindo mais auãte obra de vinte legoas , achará hũ rio muy no- | táuel a *que* nós ao presente chamámos *Çanága* : Por razã *que* o principal resgáte *que* pelo tẽpo em diã | te se aly comêçou fazer , foy cõ hũ negro dos principáes da terra chamádo per este nome Çaná | gá . Porque o verdadeiro nome do rio , lógo aly na entráda e **Quedech** (segũdo a lingua dos ne | gros *que*

habitã naquella sua fóz :) e quãto mais se penẽtra o sertã per onde elle vem , tantos no- | mes lhe dã os póuos *que* bẽbem as suas águoas , dos quães nomes , curso , e nacimẽto delle se ve- | ra adiãte.

quelmaim – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda9/f107]: e adiante oito leguoas say outro tambem | notáuel per nóme Tapetij , na fóz do qual hũa de fronte doutra estam as cidádes Surat e Rei | ner . Seguindo mais a cósta estam Nosçarij , Bandiuij , Dámam , Dánu , Tarápor , **Quel- | maim** , Algacim.

querimba – sf. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ilha. [1552/pda10/f128r]: Finalmente estando Francisco Pereira | já embarcádo pera se partir soltou a Munha Came , e Habraemo se veo ver com elle no | már , e ficou metido de posse da cidáde fogindo della Mycante : o qual depois per- | seguido deste seu primo acabou seus dias tam miseramente como Agi Ho- | cem : e jáz enterrádo em a jlha **Querimba** onde se elle acolheo.

quiloa → quillóa.

quillóa ~ **quiloa** ~ **quilloa** ~ **quilóa** – sf. (< ár. *kiluâ*)^m ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda10/f126v]: e estáua a cidáde | repartida nestas duas pártes : os officiáes da feitoria cõ alguũs mouros por párte de Agi Ho | cem filho deste Mahamed defuncto , apresentáuam a cárta do viso rey dom Francisco em | que relatáua os seus mẽritos acérca das cousas do seruiço delrey dom Mannuẽl e as traições | e maldádes de Soltam Habraemo , polas quães causas elle em nome delrey dom Mannuẽl | õ fazia rey daquella cidáde de **Quillóa** com totalas tẽrras e senhorios *que* tinha , e lhe dáua o dic- | to reyno de juro e herdáde com as condições na doaçam contendadas. [1552/pda8/f96v]: Como dom Francisco Dalmeyda sayo em tẽrra | e tomou a cidáde de **Quiloa** fogindo elrey pera a tẽrra firme. [1552/pda8/f98r]: Per mórte do qual lhe succedeo seu filho Ale Buniale , *que* reinou quorenta | ãnos : e por nã ter filho herdou **Quilloa** Ale Busoloquete seu sobrinho , filho do jrmão *que* ti- | nha em Mõfia : *que* nam durou no estádo mais *que* quatro ãnos e meyo. [1552/pda4/f43v]: Os pouoádores da qual | erã mouros vindos de fóra , os quães fizêrã aquella pouoaçã como escála da cidáde **Quilóa** *que* está- | ua diãte , e da mina Çofala *que* ficáua atras : porque a tẽrra ã sy era de pouco tracto , e os naturães

que | ęřã nęgros de cabelo reuolto como de Guineę , habitáuã na tęrra firme.

quilmãce ~ **quilmance** – sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda8/f95v]: E tornando á praticular descripçam da tęrra Zan | guebar que faz a nósso propósito por razã dos feitos que na sua cósta os nósos fizęram , esta co | meça em hũ dos mais notáuees rios que da tęrra de Africa vęrtem no grande Oceano contra | o meyo dia : ao qual Ptolemeu chama Rapto , posto que a sua graduaçam ę muy diferente do | que óra sabemos . Ca elle õ poem em seys grãos de largura da pãrte do sul e nós em | pãrte , o qual náce em a tęrra do rey dos Abexijs a que chamamos Preste Ioam , em | as sęrras a que elles chamã Gráro e ao rio Obij , e onde sáy ao már **Quilmãce** pelos mouros | que õ vezinhã : por causa de hũa pouoaçã assy chamáda que está em hũa das principães bocas | delle junto do reino de Melinde. [1552/pda8/f95v]: Toda esta cósta começando do rio **Quilmance** tę o caba das correntes gęralmente ę baixa ala- | diça e muy cubęrta de hũa aruoredado parrádo a maneira de bálsas que dam pouca seruentia por | baixo . E assy cõ aspessura delle como cõ os rios e esteiros que ã retalham em jlhas e restingas | que ocupam o maritimo della , fáz ser muy doentia : de maneira que podemos dizer ser outro | Guineę em áres corruptos e todalas outras cousas que dá e gęra.

quiloame – sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda8/f95v]: E neste batęl leuáua Antonio | de Magalhães cinco Portugueses *que* achou no rio **Quiloame** , *que* será dez léguas aquem de | Çofála : os quães lhe entregáram os mouros daly já meyo mórto , e ęřã da cõpanhia dou- | tros *que* ęram passádos adiante , todos do nauio de Lopo Sanchez que pãrtira deste reyno com | o visorey dom Francisco.

quincij – sf. (étimo desconhecido) poliotopônimo’. ‘província chinesa’. [1552/pda9/f109v]: Porem segundo a cosmo- | graphia da China (*que* atras dissemos) as prouincias maritimas que deste reyno correm quásy | pera o rumo do noroeste sam estas tres , **Nasiquij** , Xantom , **Quincij** : onde o mais do tempo | o rey reside , que esta em quoręta e seys grãos , e corre ajnda a cósta desta prouincia tę cincoõ- | ta grãos , na qual se contę quátro cętas léguas , em *que* acaba a mais oriętal e boreal tęrra firme | que sabęmos.

R

rabi – sm. (< hebreu *habbī*)^m. ‘vocativo religioso que significa meu senhor’. [1552/pda3/f29v]: E estando pera se vir a este reyno com recado destas cousas | que tinha sabido , soube que andauã aly dous judeus de Espanha em sua busca : com os quães | se vio muy secretamente , a hũa chamáuam **Rabi** Habrã natural de Beja e a outro Josepe çapa- | teiro de Lamego. [1552/pda3/f30r]: El rey *porque* ao tempo *que* soube estas e outras cousas deste | judeu , ęra já Però de Couilhaã partido : ordenou de õ mandar em busca delle , e assy o outro | chamádo Rabi Habram.

ramaná – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda9/f109r]: Ficando po | rem ajnda nesta distancia de cem léguas , na vólta do cábo Segógora hũa enseáda que ę do rei | no Orixá , onde vem sayr o outro rio chamádo Ganga de que atras falamos : o qual atrauęssa | pela mayór pãrte deste reino e passa ao lóngo da cidáde **Ramaná** metropoly delle , e vem se | meter com o rio Ganges , onde elle tambem entra no már.

rapto – sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’; ‘rio africano localizado ao norte de Melinde’. [1552/pda8/f95v]: E tornando á praticular descripçam da tęrra Zan | guebar que faz a nósso propósito por razã dos feitos que na sua cósta os nósos fizęram , esta co | meça em hũ dos mais notáuees rios que da tęrra de Africa vęrtem no grande Oceano contra | o meyo dia : ao qual Ptolemeu chama **Rapto** , posto que a sua graduaçam ę muy diferente do | que óra sabemos .

rasausem – sm. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘cabo’. [1552/pda8/f91v]: Cuja potencia ante de ser metida na | coróa da casa Othomana dos Turcos , começáua no fim do reyno Tunez , em aquelle cabo a | *que* óra os mareantes de leuante chamã **Rasausem** e Ptolomeu Boreo promotorio , e acabáua ę | hũa enseáda chamáda per elles o golfam de Larazza por razam de hũa pouoaçã deste nome que | aly está : a qual segundo a situaçam della parece ser a villa a que Ptolemeu chama Serrepolis.

reiner – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda9/f107]: e adiante oito

lêguoas say outro tambem | notáuél per nóme Tapetij , na fóz do qual hũa de fronte doutra estam as cidadés Surat e **Rei | ner** . Seguindo mais a cósta estam Nosçarij , Bandiuij , Dámam , Dánu , Tarápor , Quel- | maim , Algacim.

repelim ~ **repelij** – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo; ‘comarca’. [1552/pda7/f78r]: E sobrelles cõ mais auctoridade era Nãbeá- | darij , senhor da comárca de **Repelim** que está ao pé da sêrra : a qual comárca é hum pósto donde | se cólhe a melhór pimenta de toda aquella cósta. [1552/pda7/f78v]: Das quâes murmurações os | nössos eram sabedóres , e segundo o pouo andáua jndinádo táto temiã já a elle como aos apa- | rátos do çamoriij : e muyto mais depois *que* estando elle em **Repelim** *que* será até quátro lêguoas | de Cochij mãdou grãdes amoestações a elrey de Cochij chamado Trimũpara e a todosos prin | cipes e Brãmanes , requerendolhe que fizêssem entrega dos Portugueses protestando per to- | das suas religiões serem homicidos em totalas mórtes e dãos *que* sobreste caso viessem. [1552/pda9/f115v]: E porque como óra dissemos no coraçã | de todos os naturáes da tẽrra este principe nam estáua recebido por rey de Cochij , polo fauor | que alguũs dáuam ao outro sobrinho delrey que anda lâçádo com o senhor de **Repelij** : quãdo | virã tam nóua cousa como foy o coraçã deste e *que* em nóme delrey de Portugal éra cõfirmádo.

rezbutos – sm. pl. (< neo-árco *rāptūt*)^m ‘etnotopônimo; ‘povos’. [1552/pda9/f107r]: E de Dio situado em vinte grãos e meyo tẽ a cidade Cambáya | *que* está em vinte dous grãos , auerá cincoõeta e tres lêguoas em que se contem estes lugáres : | Mudre fabá , Mohá , Talajá , Gundim , Goga cidade *que* está ante de Cãbaya doze lêguoas , | dentro dos quâes extremos desta cidade Cambáya e Iáquete , se comprehende pártē do rei- | no Guzaráte , com a tẽrra montuósa dos pouos **Rezbutos**.

[**roçalgate**] → rozsalgáte.

rotora – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo; ‘povoação’. [1552/pda9/f107v]: Seguindo mais adiante nõssa descripçam , de Porcã tẽ | Trauancor está o reyno de Coulã , *que* terá per cósta vinte lêguoas : cujas pouoações sam , Cale | Coulã onde tẽmos hũa fortaleza , **Rotora** , Beriujã e outras pouoações e pórtos de pouco nó- | me.

rozsalgáte – sm. (< ár. *rās al-hadd*)^m ‘geomorfotopônimo; ‘cabo localizado na Arábia’. [1552/pda9/f106r]: De Curia Muria

tẽ o cábo **Rozsalgáte** *que* está em vinte dous grãos | e meyo , e será de cósta cento e vinte lêguoas : toda é tẽrra esterelle e desérta . Neste cábo comẽ | ça o reyno de Ormuz , e delle tẽ o outro cábo Moçandan auerá oitenta e sete lêguoas de cósta.

ruenia – sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo; ‘rio’. [1552/pda10/f118r]: O qual bráço é muyto mais poderóso em águoas que o outro do espirito sancto por ser nauē- | gael mais de dozẽtas e cinquenta lêguoas , e nelle se metẽrẽ estes seys notáuẽes rio Pa- | nhames , Luam guóa , Arruya , Manjóuo , Inadire , **Ruenia** : que todos regã a tẽrra de Be- | nomotápa , e a mayór pártē delles lẽuam muyto ouro que nace nella.

S

[**saara**] → çahará.

sabá – sf. (étimo desconhecido) → axumá. ‘antropônimo; ‘rainha de Acaxumo’. [1552/pda10/f119r]: E pondo nisso nõsso jui- | zo , parece que esta óbra mandou fazer algũ principe que naquelle tẽpo foy senhor destas minas | como pôsse dellas : a qual perdeo com o tẽpo , e tãbem por serẽ muy remótas de seu estádo , cá | por a semelhança dos édifícios parecem muytos a outros *que* estã na tẽrra do Prẽste Ioã em hũ | lugar chamado Acáximo , que foy hũa cidade cãmara da raynha **Sabá** aque Ptolemeu chama | Axumá.

sabáyo – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo; ‘senhor de Goa’. [1552/pda4/f52v]: Hũ senhor mouro chamado Sabáyo cuja éra hũa cidade per nome Góa , *que* óra | é a metropolly *que* este reyno tem naquellas pártē , daquella jlha de Anchediua até doze lêguoas , | como éra hómē *que* tinha consigo Arabios , Párseos , Turcos , e alguũs leuantiscos arenegã- | dos com ajuda e jndustria dos quâes tinha naquellas pártē adquirido grande estádo : tan- | to que soube como os nõsso nauios éra de gente destas pártē da christandáde , desejàdo auer | jnformaçã della , chamou hũ judeu natural de Polónia que lhe seruia de Xabandar , e pergun- | toulhe se tinha sabido de *que* naçam éra a gẽte que vinha naquelles nauios . Ao *que* este judeu

respon- | deo ter sabido *que* se chamáuã Portugueses que habitáuã nos fijs da tẽrra da christãdade : a qual | gente sempre ouuira nomear por guerreira sofredor de trabálho e muy leál ao senhor *que* seruiam , | que se ella ẽra ã que lhe diziam , deuia trabálhar polã auer a seu seruiço porque cõ os tães hómeẽs | se podiã fazer grandes cõquistas.

sadrapátan – sf. (étimo desconhecido) → comorij. ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/108v]: As pouoações | da qual cósta sam estas , lógo na vólta do cábo Comorij as sête lęguoas Tacancurij , e adiante | Manapar , Uaipar , Trechandur , Callegrande , Chereacálle , Tucucurij , Bembar , Cálecure , | Beadála , Manancort , e Canhameira onde está hũ notáuel cábo assy chamado em dez grãos | da párte do nórtre . E adiante estam estes lugáres Nęgapátan , Nahór , Triminapátan , Tra- | gambar , Triminauáz , Colorã , Pudu cheira , Calapátē , Conhomeira , **Sadrapátan** , Me- | liápor.

[**sáfaro**] → cáfaro.

[sáfara] → sáfaro.

sáina – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda3/f25r]: E dádo que Báyo rey de **Sáina** e outros principes seus vezinhos , ouuẽssẽ | por grande honra ser esta fortaleza feita em suas tẽrras , e ajnda por jssõ faziam hum grande | seruiço a el rey : elle ouue por bem ser esta óbra feita ante em sua tẽrra , *que* polo amor e amizáde | que elle Caramansa tratáua as cousas de seu seruiço.

samatra → çamáttra.

[**sambuco**] → zambuco.

samorij → çamorij.

[**samorim**] → çamorij.

sanaga → çanagá.

[**sapateiro**] → çapateiro.

[**sapato**] → çapato

saramá perimal – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’; ‘rei do Malabar’. [1552/pda9/f111r]: E segundo o que desta sua escriptura tẽmos alcãçádo por | algũs liuros que nos foram jnterpretádos , ao tempo que entramos na Índia auia seys centos | e dóze ánnos *que* naquella tẽrra aque elles chamã Malabár , fóra hũ rey chamado **Saramá Pe- | rimal** : cujo estádo ẽra toda esta tẽrra que sẽra per cósta atę oitenta lęguoas (como atras dissẽ- | mos .) O qual rey foy tam poderóso *que* por memória do seu nóme faziam a computaçã do tẽ- | po do remádo delle : que com nóssa entráda leixáram , tomãdo a ella por ẽra e áno de suas es- | cripturas de que já muytos vsam . O assento principal do qual rey , ẽra em Coulam , ondẽ gẽral | mente

concorriam todolos negócios do cõmẽrcio das especearias de muytas centenas de án | nos : em cujo tempo os Arábios já conuertidos á secta de Mahamed começaram per via de | commẽrcio entrar na Índia.

satigan – sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’; ‘boca do rio’. [1552/pda9/f108r]: No qual extremo da enseáda say o | jllustre rio Gange : o qual però que verta suas águoas per muytas bocas , duas sam as mais | çẽbres com que figura a lętra delta dos gregos como todolos outros jllustres rios . A | primeira boca que ẽ occidental se chãma de **Satigan** , por causa de hũa cidáde deste nó- | me situáda na corrente delle , onde os nóssos fãzem suas commutações e commẽrcios : e a | outra oriental , say muy vezinha a outro pórtõ mais çẽbre chamado Chatigam , porque a | elle gẽralmente concórrem totalas mercadorias que vem e saem deste reyno.

sedoę – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/f109r]: Ao cábo de Negrães que está em dezaseis grãos , onde começa o rei- | no de Peęu auerã cem lęguoas : no qual espáço estam estas pouoações , Chocoriã , Bacasã , | Arracam cidáde cabeça do reino assy chamado , Chubóde , **Sedoę** , e Xarã que está na póta | de Negrães.

segógora – sm. (étimo desconhecido) ‘geomorfônimo’; ‘cabo’. [1552/pda9/f109r]: No qual acábã as tẽrras do reino de Bisnagã (como dissẽmos) e começa õ de Orixã , cuja cósta | por ser brãua de poucos pórtos tem somẽte estes lugáres : Penacóte , Calingam , Bazãpátan , | Uixáopatan , Uicuipátan , Calinhápatan , Naciquepátan , Puluro , Panagáte , e o cábo **Se- | gógora** : a que os nóssos chamã das palmeiras por hũas *que* aly estam , as quães os nauegãtes | nótam por lhe dár conhecimento da tẽrra . E deste cábo onde fazemos fim do reino Orixã , o | qual está em vinte hũ grãos , ao outro termo do fim do reino de Bengála que ẽ a cidáde Cha- | tigam que está em vinte dous grãos lãrgos : auerã as cem lęguoas que dissẽmos.

[**senegal**] → çanagá.

serrepolis – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘vila’. [1552/pda8/f91v]: Cujã potencia ante de ser metida na | coróda da casa Othomana dos Turcos , começãua no fim do reyno Tunez , em aquelle cabo a | *que* óra os mareantes de leuante chamã Rasausem e Ptolomeu Boreo promotorio , e acabãua ẽ |

hũa enseáda chamáda per elles o golfam de Larazza por razam de hũa pouoáçã deste nome que | aly está : a qual segundo a situaçam della parece ser a villa a que Ptolemeu chama **Serrepolis**.

[sezão] → cezam(-ões).

siã – sm. (talvez < thai *sham*, ou < malaio *anseam*)^m. ‘corotopônimo’; ‘hidrootopônimo’; ‘reino da Ásia’; ‘rio’. [1552/pda9/f106v]: a quáta coméça no grãde cábo Comorij , à quinta no jl | lustre rio Gange , à sexta no cábo de Cingapura alẽ da nõssa cidáde Maláca , à septima no grã | de rio chamádo Męnam jnterpretádo mãem das águoas : o qual córre per meyo do reyno de | **Siã**. [1552/pda9/f109v]: | o rio **Syam** (que como dissémos) a mayór páрте delle procéde do lágo de Chiamáy . Ao | qual rio por causa da gram cópia das ágoas que tráz , os Siames lhe chamam Męnam que | quer dizer a mãe das ágoas , e entra no már em altura de treze grãos. . [1552/pda9/f109r]: Na qual cidáde de Tá uay pouco tempo ante que entrássemos na India , começá | ua o reino de **Syam** e acabaua no outro már de leuante fio reyno de Cambója : em que en- | tráua o reino de Maláca que conquistamos de hum mouro tirãno *que* se tinha leuãtado con- | tra este rey de Syam como em seu lugar se dirá.

siãmes ~ **siames** – sm. pl. (étimo desconhecido) → cachó. ‘etnotopônimo’. [1552/pda9/f109v]: Passado este reyno | Cambója entra o outro reyno chamádo Champa , nas montanhas do qual náce o verdadei- | ro lęnholoę , aque os mouros daquellas pártes chamam Calambue : com o qual confina o rey- | no a que os nõssos chamam Cauchij China e os naturáes Cachó . O qual acerca de nós ę o | menos sabido reyno daquellas pártes , por a sua cósta ser de muytas tormētas e grãdes baixos | e a gente sem nauęaçam : e os estrãgeiros *que* pera lá nauęgam *que* sam **Siãmes** e Maláyos de | quátro nauios hã de perder dous e as vezes três , e porẽ hũ *que* escápa se faz nelle mais proueito | *que* se todolos quátro nauios fossem á China. [1552/pda9/f109v]: | o rio Syam (que como dissémos) a mayór páрте delle procéde do lágo de Chiamáy . Ao | qual rio por causa da gram cópia das ágoas que tráz , os **Siames** lhe chamam Męnam que | quer dizer a mãe das ágoas , e entra no már em altura de treze grãos : na qual cósta há estas | notauęes pouoações . Pam que ę cabeçá do

reyno assy chamádo , Pouticam , Calautã , Pa- | tane , Lugor , Cuy , Perperij e Bamplacot *que* está na boca do rio Męnam.

[sião] → siã.

sifardam – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda9/f107v]: | Bâte que ę o extremo do reino (segundo dissémos) . Tornando a fazer outra cõputaçam desta | cidáde Chául até o rio Aliga de Sintacóra em que acaba a tęrra do Dęcan auera setenta e cin | co lęgoas : ao rio Zanguizar vinte cinco , no qual espáço ficam , Bandor , **Sifardam** , Calan- | cii e a cidáde Dabul.

singápura ~ **cingápura** ~ **cingapura** – sm. (< sânscrito *singh*)^m. ‘geomorfotopônimo’; ‘cabo’. [1552/pda9/f109r]: Na qual cidáde de Tá uay pouco tempo ante que entrássemos na India , começá | ua o reino de Syam e acabaua no outro már de leuante fio reyno de Cambója : em que en- | tráua o reino de Maláca que conquistamos de hum mouro tirãno *que* se tinha leuãtado con- | tra este rey de Syam como em seu lugar se dirá . Em a qual cósta de tęrra jndo sempre ao lōgo | do dedo jndex que figuramos , até ponta delle que ę o cábo de **Singápura**. [1552/pda9/f108r]: Entre estes dous tam | jllustres cábos Comorij occidental e **Cingápura** oriental (dos quáes podęmos cręr que o | már cortou as jlhas Ceilam e Camátra como de Itália Cezilia segũdo se escręue). [1552/pda9/f106v]: A primeira tem seu principio na bóca do | estreito do már a *que* própriamēte chamámos Roixo , e acába na bóca do outro Pársio , a segũda | acába na fóz do rio Indo , a terceira na cidáde Cambáya situáda na mais jnterior páрте da en- | seáda do már chamádo do seu nóme , a quáta coméça no grãde cábo Comorij , à quinta no jl | lustre rio Gange , à sexta no cábo de **Cingapura** alẽ da nõssa cidáde Maláca.

sintácolla → cintácora.

sintácóra → cintácora.

sipangu → cypángo.

soár – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘lugar’. [1552/pda9/f106r]: De Curia Muria tę o cábo Rozsalgáte *que* está em vinte dous grãos | e meyo , e será de cósta cento e vinte lęguoas : toda ę tęrra esterelle e desérta . Neste cábo comę | çã o reyno de Ormuz , e delle tę o outro cábo Moçandan auerá oitenta e sete lęguoas de cósta : | em *que* jazem estes lugares do mesmo reyno , Calayáte , Curiáte , Mascáte , **Soár** , Calája , Or- | façam , Dobá ,

e Limma , que fica oito lęguoas ante de chegar ao cábo Moçãdan : aque Pto | lemeu chama Asaboro situádo per elle ã vinte tres grãos e meyo , e per nós em vinte seys , no | qual acába a primeira nóssa diuisam.

socotorá → çacotora.

sofála ~ çofála ~ çofala ~ sofala ~ çófála – sm. (ár. *sofālā*)^m. ‘corotopônimo’; ‘reino em que havia minas de ouro’; ‘reino localizado na Etiópia’. [1552/pda10/f118r]: Capitulo primeiro . Em que se descrêue a regiam do reyno de Sofála | e das minas douro e cousas que nella há : e assy os costumes da gen | te e do seu principe Benomotápa . | TOda a tęrra que contamos por reyno de **Sofála** , é hũa grãde regiam que se- | nhorea hũ principe gentio chamádo Benomotápa : a qual abraçam em mó- | do de jlha dous braços de hũ rio que procêde do mais notáuel lágo que toda | a tęrra de Africa tem , muy desejádo de sabêr dos antigos escriptóres por ser | a cabeça escondida do jllustre Nilo , donde tambem procêde o nósso Zaire *que* | córre per o reino de Congo . [1552/pda6/f70r]: Quanto ao | titulo da conquista , oje per ella sam metidos na coróa deste reyno estes reynos **Çofála** , Quilóa , | Mombáça , Ormuz , Góa. [1552/pda3/f29v]: Embarcádo Però de Couilhaã em hũa náoo *que* partia de Adem | foy tęr a Cananor e dhy a Calecut e a Goa , cidadés principáes da cósta da India , e aqui em- | barcou pera a mina de **Çofala** que é na Ethiópia sóbre Egypto. [1552/pda10/f118r]: Liuro decimo da primeira decada da Asia ☞ | de Ioam de Barros dos feitos que os portugueses fizeram no desco- | brimento e conquista dos mares e terras do oriente , em que se | contem o fundamento da fortaleza de **Sofala** e parte das | cousas que fez o viso rey dom Francisco , o | anno de quinhentos e seys. [1552/pda5/f66r]: E pera mayór seu contentamęto depois de ser chegádo a Portugal | que foy bspóra de sam Ioam Baptista , chegáram outros dous nauios *que* ajnda lá leixáua : hũ | éra de Però de Taide *que* se delle apartou ante de chegar ao cábo das corrętes com hũ tęporal *que* | aly tęue , e o outro foy Sancho de Toar cõ náoo do descobrimęto de **Çófála**.

soiços – sm. pl. (étimo desconhecido) ‘etnotopônimo’; ‘povos’. [1552/pda3/f39v]: Finalmente dá muytos e boõ pouo , fiel , catholico , seruiçal , | e que nos ajuda em nóssas necessidádes : e tam animoso pera com elle conquistar as outras | regiões que conquistamos , e que isto nam dam , que se

fosse criado na doutrina militar , de | melhór vontade jria fazer gente á tęrra de Guineç que á tęrra dos **Soiços** : e ajnda mal porque | os mouros dafrica e principalmęte o Xerife de Marrócos , neste nósso tempo em este vso de | guerra se sęruem máis delles que nós.

soldam ~ soldã ~ soltã – sm. (ár. *sultān*)^h. ‘rei muçulmano do Egito’. [1552/pda6/f72v]: | Passádos alguũs dias nos quáes sempre o Almirante teue que fazer em dar audiencia a mou- | ros que lhe leuáua estes nauios *que* andauã ao longo da tęrra , veoo lhe cair na mão hũa náoo *que* elle | esperáua de que tinha náooa per algũas perguntas *que* fazia a estes mouros , que segundo lhe ti- | nham dito éra do **Soldam** do Cairo capitam e feitor hũ mouro per nome Ioar Faquim : a | qual partira de Calecut carregáda despeçaria e por ser muy grãde e segura foram nella muytos | mouros honrados em romaria á sua abominaçam de Męcha , e tornáua cõ estes romeiros e | tãbẽ carregáda de muyta riqueza . [1552/pda8/f92r]: E como a gente aque jssoo mais tocáua çrã os mouros que viuuiam no reyno de | Calecut , ordenárã de enuiar hũa embaixáda ao grã **Soldã** do Cairo , como a pesóaa *que* podia re | sistir a este comũ damno : fazendo com o Çamorij rey da tęrra *que* lhe enuiásse hũ presente com ou | tra tal embaixáda , notificandolhe os grandes máles e danos que de nós tinha recebido , por | defender os mercadores do Cairo residentes na sua cidáde Calecut. [1552/pda8/f97v]: quásy nos ãnos quátro cętos da çra de Mahamed : | reináua em a cidáde de Xraz *que* é na Pęrsia hũ rey mouro chamádo **Soltã** Hócen. [1552/pda8/f98v]: Porẽ o póuo õ ñã cõsentio porque lógo leuãtou por rey a hũ da linhagẽ real chamádo Xũbo , *que* vi- | ueo naquelle estádo hũ ãno sómęte : e tornárã aleuãtar o passádo *que* aos cinco ãnos foy despósto , | ã cujo lugar aleuantarã Habraemo filho de **Soltã** Mamude já defũto *que* aos dous ãnos tãbẽ foy | despósto , e leuãtarã a hũ seu sobrinho per nóme Alfudail *que* durou muy pouco.

soleimã → soleiman.

soleiman ~ soleimã ~ soleimão – sm. (< ár. *sulaimān*)^m. ‘antropônimo’; ‘rei de Quilóa’. [1552/pda8/f98r]: Desta segunda vez reinou este Daut vinte quatro ánnos , ao qual succedeo seu filho | **Soleiman** que reinou vinte dias sómente , por lhe tomár Hacen seu tio o reyno , o qual reynou | seys ánnos e meyo. [1552/pda8/f98r]: **Soleiman** Hacen , *que* conquistou muyta pártẽ daquella cósta : e por

auer a bençam de seu pay se | fez senhor do resgáte de Çofala e das jlhas de Pêba , Momfia , Zêzibar e de muyta páрте da | cósta da tẽrra firme. [1552/pda8/f98r]: leuantarã por rey a Hócen **Soleiman** sobrinho de Daut já defunto : *que* reinou | dezaseis ánnos. [1552/pda8/f98v]: E o seu gouer- | nador chamado Mir Habraemo nã quis fazer rey e tẽue o reyno em seu poder cõ tençã de ficar | naquelle estádo por ser filho delrey **Soleimã** já defũto e primo cõ jrmão deste Alfaudil : o quál nã | leixou mais *que* hũ filho de hũa escrãua , de *que* ao diante faremos mençã porque depois veo a ser rey | desta cidáde sendo já nõssa. [1552/pda10/f122r]: Hũ dos quães |chamádo Soleimã por ser mais amigo da fortaleza , per meyo de Yacóte procurou fauor de | Pero da Nháya pera o aleuantarem por rey : o que elle fez com muyta diligencia . E ajnda pe- | ra este negócio auer mais cedo effecto , mandou dar da feitoria algũa fazenda a mouros prin- | cipães que eram contra bando , com que este Soleiman ficou rey pacifico e muy amigo da for | taleza por o fauor que della recebo e elle ser hómẽm mançẽbo subjecto e obediente ao capitã | Pero da Nháya.

soleimã → **soleiman**.

soltã → soldam.

solungor – sm. (étimo desconhecido) ‘etnotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda4/f53r]: Afonso Dalboquerque tomou Maláca , ficou esta cós- | ta sem repartiçam de estádos : e as pouoações que auerã de Táuay tẽ Maláca sam estas , Te- | uassarij cidáde notauel , Lũgur , Toram , Quedã frol da pimenta de toda aquella cósta , Pedã | Perã , **Solungor** , e a nõssa cidáde Maláca , cabeça do reino assy chamádo.

songo ~ **sóngo** – sm. (étimo desconhecido) → mandinga. ‘geomorfotopônimo’; ‘poliotopônimo’; ‘ilha’; ‘cidade africana’. [1552/pda8/f98r]: nã sómẽte cõtra elles | se remássem algũa malicia , mas ajnda cõtra algũas pouoações dos mouros *que* tinha por vezi- | nhos : assy como huũs *que* habitauã as jlhas a *que* chamã **Songo** e Xãga , os quães senhoreãũ tẽ | Mõpãna *que* era de Quilloa obra de vinte lẽgoas. [1552/pda3/f38v]: Tambem per via da fortaleza da mina mandou a Mahamed , ben Manzugul e | nõto de Mussã rey de **Sóngo** , que ẽ hũa cidade das mais populósas daquella gram prouincia | a que nõs comunmente chamamos Manduiga : a qual cidade jaz no parallẽlo do cábo das | pálmãs ,

metida dentro no sertam , per distancia de cento quorenta lẽguoas (segundo a situaçam | das tauoãs da nõssa geographia.

sono – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘comarca’. [1552/pda3/f34r]: Com a qual eleiçam totalas differenças se acabáram : e tornando a sua derró- | ta caminho de Congo , a primeira tẽrra que tomáram delle , foy de hum senhorio a que chama- | uam **Sono** , de que era senhor hũ tio del rey. [1552/pda3/f34v]: Os quães depois pola nobreza do seu sangue teuẽram o dom | que responde em significado a este vocábulo que anda entrelles , Many , que quẽr dizer | senhor : e junto a **Sono** , nome daquella comárca de tẽrra , quando dizem Mani Sono , | se entende o senhor de Sono , porque totalas nações tem seus termos de nobreza e honra , | causa dos mayóres trabálhos da vida.

sornagam – sm. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘ilha’. [1552/pda9/f109r]: Hũ *que* vem atrauessando o reino de Cáor | donde o rio tomou o nome , e per õ de Camotáy , e õ de Ciróte onde se fazẽ todos capádos | daquelle oriente : e vem sair acima de Chatigam naquelle notáuel bráço do Gange defronte da | jlha **Sornagam** . O outro de Pẽgu pássa pelo reino Auã *que* ẽ no jnterior da tẽrra.

stachio – sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’; ‘corrente’. [1552/pda3/f33r]: Geralmente a tẽrra que jáz entrelles estenden- | dose contra oriente atẽ cento e setenta lẽguoas se chama Ialof , e os seus pouos Ialofos : | posto que em sy comprehendem muyto mais gerações das ques Ptolemeu terminou dentro | nas correntes de Darádo e **Stachio**.

stachiris gambea – sm. (stachiris + gambea) ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda3/f33r]: E tambem por ficar entre dous notáues rios a | que elle chama Darágo que ẽ Çanagã e **Stachiris Gambea** , os quães na entráda do már | quasy jmitam á verdáde que nos óra temos : perõ no curso de cada hum desfaleceo , pois lhe | dá o nacimiento muy curto e elles vem das fontes que acima dissemos , aos quães Pto- | lemeu nam dá saida como móstra a sua táuoa.

[**sultão**] → soldam.

surat – sf. (étimo desconhecido) ‘otopônimo’; ‘cidade da Índia’. [1552/pda9/f107]: e adiante oito lẽguoas say outro tambem | notáuel per nõme Tapetij , na fóz do qual hũa de fronte doutra estam as cidádes **Surat** e Rei | ner . Seguindo mais a cósta estam Nosçarij , Bandiuj , Dãmam , Dãnu , Tarápor , Quel- | maim , Algacim.

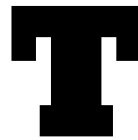
syam → siã.

sylla – sf. (étimo desconhecido) ‘monstro marinho de seis cabeças que se transformava em uma grande rocha sob as águas do estreito da Itália’. [1552/pda8/f96v]: E pósto *que* ao | diante tiuëram mais noticia de tóda a tẽrra vezinha daquelle resgáte , nunca ousáram passár ao | cábo das correntes : porque como a jlha de sam Lourenço que jáz ao sul desta cósta Zãguebar , | córre com seu comprimento quási áo longo della per espáço de dozẽtas lẽguoas , e no meyo da | páрте de dentro lança de sy hũ cotouello que respõdeo ao outro que fáz o cábo de Moçambique , | os quáes parece que quẽrem fechar aquella passágem *que* será de largura óbra de sesenta lẽguoas | ocupádas com jlhas restingas e baixos : fica este transito em respecto do outro már que jaz en | tre estas duas tẽrras , tam apertádo e estreito com seus canáes , que em seu módo lhe podemos | chamar outro **Sylla** e Caribdis .

symbacáyo – sm. (étimo desconhecido) ‘guarda real da corte de Benomotápa’. [1552/pda10/f118v]: A todos estes édi | ficios os da tẽrra lhe chamã Symbaoé , *que* acẽrca delles quẽr dizer córte , porque a todo lugar on- | de está Benomotápa chamã assy : e segundo elles dizem deste por ser cousa real teuẽrã todolas | outras morádas delrey tál nóme . Tem hũ hómẽ nóbre que está em guarda delle ao módo de al | caide mór , e aeste tal officio chamã **Symbacáyo** como se dissessemos guarda de Symbaoé : e | sempre nelle estam algũas das molhẽres de Benomotápa de que este **Symbacáyo** tem cuidá- | do.

symbaoé – sm. (étimo desconhecido) ‘corte real do rei Benomotápa’. [1552/pda10/f118v]: No meyo do qual está hũa fortaleza qua- | dráda toda de cantaria de dentro e de fóra muy bem laurada , de pẽdras de marauilhosa gran- | deza sem aparecer cáI nas juntas della : cuja paréde é de mais de vinte cinco palmos de lárgo , | e a altura nã é tam grãde em respecto da largura . E sóbre a pórtá do qual ẽdficio está hũ letrei- | ro que alguũs mouros mercadóres que aly forã ter hómẽes doctos nam soubẽram lẽr nẽ dizer | *que* lẽtra ẽra : e quásy em torno deste ẽdficio em alguũs outeiros estã mouros a maneira delle no | laurãmẽto de pedraria e sem cal , em *que* há hũa tórrre de mais de doze bráças . A todos estes édi | ficios os da tẽrra lhe chamã **Symbaoé** , *que* acẽrca delles quẽr dizer córte

, porque a todo lugar on- | de está Benomotápa chamã assy : e segundo elles dizem deste por ser cousa real teuẽrã todolas | outras morádas delrey tál nóme . Tem hũ hómẽ nóbre que está em guarda delle ao módo de al | caide mór , e aeste tal officio chamã Symbacáyo como se dissessemos guarda de Symbaoé : e | sempre nelle estam algũas das molhẽres de Benomotápa de que este Symbacáyo tem cuidá- | do .



tabite – sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda1/f19v]: Aluaro Fernandez como se queria vantájar dos outros | descobridóres passou mais auante tẽ chegar a boca de hũ rio a que óra chamám **Tabite** , que | será alem do rio do Nuno trinta e duas lẽgoas onde õ lógo cinco almádas viẽram receber.

tacancurij – sf. (étimo desconhecido) → comorij. ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/f108v]: A qual enseáda repartimos em tres estádos de principes que à senhoream : as dozentas | lẽguoas sam do reyno Bisnága , as cento e dez do reyno Orixá que sam ambos gentios : e as | cento do reyno de Bengála *que* de nóssos tempos pera cá ẽ já subjecto a mouros. As pouoações | da qual cósta sam estas , lógo na vólta do cábo Comorij as sẽte lẽguoas **Tacancurij** , e adiante | Manapar , Uaipar , Trechandur , Callegrande , Chereacálle , Tucucurij , Bembar , Cálecare , | Beadála , Manancort , e Canhameira onde está hũ notáuel cábo assy chamádo em dez gráos | da páрте do nórrte.

tacazij – sm. (étimo desconhecido) → astabóra. ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda10/f118r]: E deste tres notáuẽs rios *que* ao presente sa- | bẽmos procederem deste lágó os quáes vem sair ao már tam remótos hũ do outro : o *que* corre | per mais tẽrra , ẽ o Nilo aque os Abexijs da tẽrra do Prẽste Ioam chamam Tacuij , no qual | se mẽtem outros dous notáuẽs a que Ptolemeu chama Astabóra e Astapus , e os naturáes | **Tacazij** , e Abanhi.

tacuij – sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda10/f118r]: E deste tres notáuẽs rios *que* ao presente sa- | bẽmos procederem deste lágó os quáes vem sair ao már tam remótos hũ do outro : o *que* corre |

per mais tērra , é o Nilo aque os Abexijs da tērra do Prēste Ioam chamam **Tacuij** , no qual | se mētem outros dous notáuēes a que Ptolemeu chama Astabóra e Astapus , e os naturáes | Tacazij , e Abanhi.

tagalá – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/f109r]: O outro de Pēgu pássa pelo reino Auá *que* é no jnterior da tērra : e o outro say | em Martabam entre Táuy e Pēgu , em altura de quinze gráos . E as pouoações que estam | fóra desta enseáda de jlhas de Pēgu (que dissemos) e vam ao lóngo da cósta delle : sam Ua- | garu , Martabam cidáde notauel por causa do grande tracto que nella há , e adiante rey **Taga** | **lá** e Táuy .

tāgere → tangere.

talajá – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda9/f107r]: E de Dio situado em vinte gráos e meyo tē a cidáde Cambáya | *que* está em vinte dous gráos , auerá cincoēta e tres lēguoas em que se contem estes lugáres : | Mudre fabá , Mohá , **Talajá** , Gundim , Goga cidáde *que* está ante de Cábaya doze lēguoas , | dentro dos quáes extremos desta cidáde Cambáya e Iáquete , se comprehende páрте do rei- | no Guzaráte , com a tērra montuósa dos poucos Rezbutos.

taluf ~ **talut** – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’; ‘rei de Quiloa’. [1552/pda8/f98r]: Desta segunda vez reinou este Daut vinte quatro ánnos , ao qual succedeo seu filho | Soleiman *que* reinou vinte dias sómente , por lhe tomár Hacen seu tio o reyno , o qual reynou | seys ánnos e meyo : e por nam ter filhos succedeolhe **Taluf** seu sobrinho jrmão de Soleiman | passádo o qual reynou hũ áno , e outro seu jrmão chamádo també Soleiman reynou dous án | nnos e quatro meses , no qual tempo foy tirádo do reyno per outro Soleiman seu tio *que* reynou | vinte e quatro ãnos e quatro meses e vinte dias. [1552/pda8/f98r]: A quē succedeo seu filho Daut *que* durou dous ánnos , e trás elle veo **Talut** seu jr- | mão *que* viueo hũ : e por sua mórte reynou Hacen outro jrmão vinte e cinco ãnos . E por nã | ter filhos succedeolhe outro seu jrmão *que* viue o dez ánnos : e este derradeiro jrmão *que* se cha- | máua Hale bonii foy o mais bem afortunádo de sua linhágem , porque tudo o *que* cometeo a- | cabou , e succedeolhe Bonē Soleiman seu sobrinho *que* reinou quorenta ánnos.

tamaga – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘região’. [1552/pda9/f107]: Tornando a fazer outra cõputaçam desta | cidáde Chául até o rio

Aliga de Sintacóra em *que* acaba a tērra do Dēcan auera setenta e cin | co lēgoas : ao rio Zanguizar vinte cinco , no qual espáço ficam , Bandor , Sifardam , Calan- | cii e a cidáde Dabul , e do rio Zanguizar a outras vinte cinco lēgoas onde está o pagóde se | contem , Ceitapor , Carapatã , **Tamaga**.

tambores – sf. pl. (< ár. *tanbūr*)^m. ‘instrumento musical de percussão arredondado’; ‘guitarra’. [1552/pda5/f55r]: E o *que* mais leuantáua o espirito destas cousas , eram as trombetas , ata | báques , seštros , **tambores** , frutas , pandeiros : e atē gaitas cuja ventura foy andar em os cã- | pos no apascentar dos gádos , naquelle dia tomáram pósse de jr sóbre as águoas salgádas do | már , nesta e outras armádas *que* depois ã seguiram , porque pera viágem de tanto tu- | do os hómēes buscáua pera tirar a tristeza do már.

tanais – sm. (étimo desconhecido) → don. ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda9/f106r]: E começádo ã vniuersal , a tērra de Asia é a mayór páрте das tres em *que* os geographos | diuidirá todo o vniuerso , e apártasse da Európa per o rio **Tanais** *aque* agóra os naturáes della | chamam Don , e per o mar nēgro onde se elle vē meter cõtinuado ao de Grecia pelo estreito de | Cõstantinopla : e da Africa apartase per outro rio oppósito a elle , (o qual pela grã cópia de suas | águoas sempre reteue o antigo nóme de Nilo *que* tem).

tanarife – sm. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘ilha’. [1552/pda1/f17v]: O mais do tēpo despēdiam em can- | tar , baylar , e vso de molhēres : *que* entrelles éra estimádo por o mayór bē da vida . Os da iha **Ta-** | **narife** eram mais abastádos de mantimētos , cá entrelles auia trigo , ceuáda , legumes de toda | sórte , e grandes fátos de gádo meudo , de cujas pēlles se vestiam . E todos eram repartidos | em oyto ou nóue bandos de gerações : cada hũ dos quáes tinha próprio rey , e sempre auia de | trazer consigo dous , hũ morto e outro viuo , e mórto este enlegiam outro.

táncos – sm. pl. (origem obscura)^m. ‘geomorfotopônimo’; ‘vila’. [1552/pda2/f21v]: Nas quáes | lembráças , achamos *que* no anno de quatro cētos quorenta e nóue , deu el rey licença ao jnfante | dom Anrique *que* podésse mãdar pouoar as sete jlhas dos açóres : as quáes já naquelle tempo | eram descubertas e nellas lançádo algũ gádo per mandádo do mesmo jnfante ,

per hũ Gon- | çallo vèlho cõmendador de Almóurol junto da villa de **Táncos**.

tangere(s) ~ tãgere – sm. (< ár. *tanjã*)^m. ‘poliotopônimo’; ‘cidade do Marrocos’. [1552/pda1/f18v]: Porque | das guẽrras passádas entre este reyno e o de Castella , e assy jdas de Cepta , **Tangere** e outras | despesas e lançamẽtos de fintas : estáua a gẽte tam necessitáda , *que* com grande trabálho se po- | dia mãter. [1552/pda1/f7r]: E a fóra o mẽ | rito que estes capitães teuẽram naquelle descobrimento pera lhes ser feita merce daquellas ca- | pitãias , auia outros de suas pessoas e seruiço per que cabia nelles toda honra : porque em | as jdas da lem principalmente em o cerco de Cepta quando foy o desbarato dos mouros no | dia da chegada onde se elles achárã , e assy no cerco de **Tãgere** , ambos õ fizeram hõradamẽte | e o jnfante õs armou caualeiros.

tanor ~ **tãnor** – sm. (étimo desconhecido) ‘corotopônimo’; ‘reino da costa ocidental da Índia’. [1552/pda7/f88v]: O qual nam sómente quebrou a sobẽrba do Çamo- | rij mas ajnda deu animo a alguũs seu jmigos : porque chegádo Lopo Soárez a Cochij com a | victória delle , dhy a dous dias elrey de **Tanor** seu vassállo se mandon³⁸ queixar a elle per seus em- | baixadõres : pedindolhe páz e ajuda contra elle , do qual ẽra desauindo por causas que tocáuã | ao seruiço delrey de Portugal. [1552/pda7/f86r]: E a gente cõ | que o Çamorij começou seria atẽ sesenta mil hõmeẽs de que a este tempo (segũdo dissẽmos) pe- | los cásos e perdas que tẽue tambem já tinha menos hũ terço : porem fama entre os nõssos ẽra | que trazia per már e per tẽrra quorenta mil hõmeẽs seus e destes senhores que o ajudáuã , del- | les como vassálos e outros por serem amigos e vezinhos naquella tẽrra Malabar que elle con | uocou cõtra nós . Beturácol rey de **Tãnor**.

tapetij – sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda9/f107v]: a cidadẽ Baró- | che onde vem sair hũ notáuel rio chamádo Narbadá , e adiante oito lẽguoas say outro tambem | notáuel per nõme **Tapetij** , na fõz do qual hũa de frente doutra estam as cidadẽs Surat e Rei | ner.

tarápor – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade da Índia’. [1552/pda9/f107]: e adiante oito lẽguoas say outro tambem | notáuel per nõme Tapetij , na fõz do qual hũa de frente doutra estam as cidadẽs Surat e Rei | ner . Seguindo mais a cósta estam Nosçarij , Bandiuij , Dámam , Dánu , **Tarápor** , Quel- | maim , Algacim.

tarigh – sm. (étimo desconhecido) ‘crônica que relata as grandes conquistas do povo árabe’. [1552/pda1/f3r]: E segundo escreuem os Arábios no seu **Tarigh** , que ẽ huũ summário | dos feitos que fizẽram os seus calyfas na conquista daquellas pártes do oriente : neste mesmo | tempo , delã se leuantáram e viẽram grandes emxames delles pouoar estas do ponente a que | elles chamam Algárb , e nós corruptamente Algáru dalem már.

táuay – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda9/f109r]: E daquy passando a cidadẽ de **Táuay** que está em treze grãos , que ẽ a vltima do | reino de Pẽgu , fica hũa grande enseada de muytas jlhas e baixos que ao módo de Gange faz | outro muy poderoso rio que retálha toda a tẽrra de Pẽgu. [1552/pda9/f108r]: Assy que com estas mudanças que o tempo fez | e o mais que relataremos adiante quãdo Afonso Dalboquerque tomou Maláca , ficou esta cõs- | ta sem repartiçam de estádos : e as pouoações que auerá de **Táuay** tẽ Maláca sam estas , Te- | uassarij cidadẽ notauel , Lũgur , Toram , Quedá frol da pimenta de toda aquella cósta , Pedã | Perá , Solungor , e a nõssa cidadẽ Maláca , cabeça do reino assy chamádo.

tauilla – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda1/f18r]: Mas o negro como leuáua o | cuidádo nos filhos , ajuda nam entrou per hũa pártẽ quando sayo pela outra , e nam õs achan | do na cabana , começou de seguir o rástro que os nõssos leuauã com elles contra a práya : onde | Uicente Diaz mercador senhorio do nauio cujo ẽra aquelle batẽl , andáua passeando tam segu- | ro como se esteuẽra em **Tauilla** donde elle viuia , tẽndo sómente por árma hum bicheiro que | tomou no batẽl por ajuda de bordam.

teuassarij – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda4/f53r]: Afonso Dalboquerque tomou Maláca , ficou esta cõs- | ta sem repartiçam de estádos : e as pouoações que auerá de Táuay tẽ Maláca sam

³⁸ *Mandou*.

estas , **Te-** | **uassarij** cidade notauel , Lũgur , Toram , Quedá frol da pimenta de toda aquella cósta , Pedã | Perá , Solungor , e a nóssa cidade Maláca , cabeça do reino assy chamádo.

temalá – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’. [1552/pda3/f38v]: E nam sómente per estes e per Pero Dējuora | mas ajnda per hũ Mẽ Royz escudeiro de sua casa , e per Pero de *Astuniga* seu moço despóras | *que* elle leuáua por cõpanheiro : mandou el rey algũas vezes recádos a el rey de Tũgubutu , e ao | mesmo **Temalá** que se chamáua rey dos Fullos . O qual **Temalá** nestes tempos foy naquellas | pãrtes hũ jncendio de guęrra , leuantandose da pãrte do sul em hũa comarca chamáda Futa com | tanto numero de gentes que secáuam hũ rio quando a elle chegáuam : e assy ęra *esquino* e bárba | ro este açoute daquella gente pagaã , que asolaua quanto se lhe punha diante.

tendilhões – sm. pl. (origem controversa)^h. ‘tenda de campanha usada na Índia’. 1552/pda1/f14r]: Suas casas sam **tendilhões** , e o trajo comũ coiros do gã- | do que guardam , e os mais honrádos alquices : e os principaes de todos , panos de milhór | sörte.

tiçuarij – sf. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘ilha’. [1552/pda9/f105v]: e os outros que ficáram feitos em hum corpo | dandolhe os da tęrra ázo pera sua jda , foram pouoar a ilha **Tiçuarij** que ę onde está fundáda | a cidade Góa , como adiante veręmos.

tider – sf. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘ilha’. [1552/pda1/f15v]: E porque esta pęsa | õ nam satisfez (però *que* fõsse aconselhando que o nam fizesse) disse aos outros capitães que a elle | lhe conuinha muyto tornar a jlha **Tider** : porque entre aquelles captiuos que leuáua , era hũa | moura e hũ móço filho de hũ hómẽ principal , os quães prometiã por sy grãde resgate.

timoja – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’. [1552/pda9/f102r]: Francisco respõ- | deo a Gonçálo Gil , mandou hũ recádo a elrey de Onor que estáua em caminho : porque álem | de ser o mais chegádo vezinho daquella fortaleza que elle começáua , sabia ser aquelle pórtos aco | lheita do cosairo **Timoja** capitam delrey , o qual **Timoja** ęra áquelle que veyo aly cometer do | Uásco da Gãmma.

timor burneo – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘província’. [1552/pda9/f109v]: E posto que alem deste marítimo da tęrra firme de Asia , tambem

nauegãmos e | conquistamos muyta pãrte das jlhas daquelle grãde ocenao , assy como às de Maldiua e Cei- | lam fronteiras á prouincia Indostan , Samátra Iáua , **Timor Burneo** , Banda , Maluco , Lequijo , e óra per derradeiro as dos Iapões e a grande prouincia Meácó.

tirendincunde – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’. [1552/pda10/f127v]: | Agi Hocem nouo rey como nos primeiros dias se vio com o fauor de Nuno Uáz que estáua | em Sofála pósto naquelle estádo , ordenou lógo fazer guęrra ao matador de seu pay : pera effe- | cto da qual secretamente mandou a hum principe gentio dos negros chamádo Munha Mõ | ge hómẽm poderóso em gente que vięsse per tęrra com todo seu poder sóbre **Tirendincunde** e | elle jria per már a hum çerto dia , pera dárem nelle desaparecido com que õ destruissem a fõgo | e a sangue . Concertáda esta jda a poder de grandes dadiuas que Hócẽ deu a este Munha | Monge , que entrelles quer dizer senhor do mundo : dęrã ambos em Tirendicũde e destrui- | ram toda a tęrra leuando os Cãfres a mayór pãrte da gente captiua , e o seu rey escapou .

toram – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda4/f53r]: Afonso Dalboquerque tomou Maláca , ficou esta cõs- | ta sem repartiçam de estádos : e as pouoações que auerá de Táuy tę Maláca sam estas , Te- | uassarij cidade notauel , Lũgur , **Toram** , Quedá frol da pimenta de toda aquella cósta , Pedã | Perá , Solungor , e a nóssa cidade Maláca , cabeça do reino assy chamádo.

toro – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’. [1552/pda8/f91v]: A outra especearia que entráua | per o már roxo , fazędo suas escalas per os pórtos delle : chegáua ao **Toro** ou a Suez , situádos | no vltimo seo deste már.

toróa – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘comarca’. [1552/pda10/f118v]: Tem outras minas em hũa comarca chamáda **Toróa** *que* per outro nome se cháma | o reyno de Butua , de que ę senhor hum principe per nóme Burró vassálo de Benomotápa , a | qual tęrra ę vezinha a outra *que* dissęmos ser de grandes campinas : e estas minas sam às mais | antiguas *que* se sabem naquella tęrra , todas em campo.

tragambar – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/f108v]: As pouoações | da qual cósta sam estas , lógo na vólta do cábo Comorij as sęte lęguoas Tacancurij , e adiante

| Manapar , Uaipar , Trechandur , Callegrande , Chereacálle , Tucucurij , Bembar , Cálecare , | Beadála , Manancort , e Canhameira onde está hũ notáuel cábo assy chamádo em dez grãos |da páрте do nóрте . E adiante estam estes lugáres Neġapátan , Nahór , Triminapátan , **Tra-** | **gambar** , Triminauáz , Colorã , Pudu cheira , Calapáte.

tramapátan ~ **tramapatam** – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/f107v]: Do rio Canherecóra dôde comêça a regiã | Malabár tẽ Puripátan *que* serem per cósta vinte lęguoas e do reyno Cananor , em que há estes | lugáres : Cóta , Coulam , Nilichilam , Marabia , Bolepátan , Cananor cidáde onde tẽmos hũa | fortaleza , a qual está em doze grãos : **Tramapátan** , Chombá , Maim , e Purepátan. [1552/pda10/f123v]: e assy porque da ponta de Cananor ao | passar della onde os da nóssa fortaleza poseřam hũa serpe com que õs faziam aredar da tẽrra : | todos se foram meter na companhia dos outros nauios grandes que ao már andauam em | cáлма na paráge de **Tramapatam** , que será duas lęguoas de Cananor por lhe falecer o ter- | renho , e a viraçam vir mais tárde.

trapesonda – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda8/f91v]: No qual lugar eram repartidas em cafilas , hũas pera Armẽnia e **Trapeson** | da e Tartaria.

traquejados – adj. pl. (origem obscura)^h ‘experientes’. [1552/pda1/f12r]: Parece *que* a ventura de Lãçaróte e dos outros esteue por aquella | vez no már : porque em muytas entrádas que depois fizẽram na tẽrra firme , andauam já os | mouros tam **traquejados** , que sómente ouuẽram em hũa aldeia hũa moça que ficou dormindo , | e no cabo branco fazendo sua volta pera o reyno tomáram quinze pescadóres.

trauancor ~ **trauácor** ~ **trauãcor** – sm. (étimo desconhecido) ‘corotopônimo’; ‘reino’. [1552/pda9/f108r]: Seguindo mais adiante nóssa descripçam , de Porcá tẽ | **Trauancor** está o reyno de Coulá , *que* terá per cósta vinte lęguoas : cujas pouoações sam , Cale | Coulá onde tẽmos hũa fortaleza , Rotorã , Beriujã e outras pouoações e pórtos de pouco nó- | me . E no lugar de **Trauãcor** em *que* este reyno de Coulá acába , comêça outro jntituládo do mes- | mo **Trauácor** aque os nóssos chamam o rey grãde , por ser mayór em tẽrra e magestáde de seu | seruiço que estes passádos do Malabár , o qual e subdito a elrey de

Marsinga . Junto ao qual | **Trauancor** está o notauel e jllustre cábo Comorij , que e mais austral tẽrra desta prouincia | Indostan ou India dentro do Gange , o qual está da páрте do nóрте em altura de sęte grãos e | dous terços aque Ptolemeu cháma Cori , e põe em treze e meyo.

trechandur – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/f108v]: A qual enseáda repartimos em tres estádos de principes que à senhoream : as dozentas | lęguoas sam do reyno Bisnága , as cento e dez do reyno Orixá que sam ambos gentios : e as | cento do reyno de Bengála *que* de nóssos tempos pera cá e já subjecto a mouros. As pouoações | da qual cósta sam estas , lógo na vólta do cábo Comorij as sęte lęguoas Tacancurij , e adiante | Manapar , Uaipar , **Trechandur** , Callegrande , Chereacálle , Tucucurij , Bembar , Cálecare , | Beadála , Manancort , e Canhameira onde está hũ notáuel cábo assy chamádo em dez grãos |da páрте do nóрте.

tremecem – sm. (< ár. *tlmensân*)^m ‘corotopônimo’; ‘reino’. [1552/pda6/f68v]: eram feitos tam absolutos senhóres de toda a riqueza dos portos de már , que alguũs delles | em substancia de fazenda eram tam poderóssos , que mais leuemente podiam fazer hũa guęrra | e comportar as despesas della per muyto tempo , do que õ pódem fazer os reyes de Belez , **Tre** | **mecem** , Ouram , Argel , Bugia , e Tunez , que e a frol de todolos principes que tem a costa de | Africa que vezinhos.

triminapátan – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/108v]: As pouoações | da qual cósta sam estas , lógo na vólta do cábo Comorij as sęte lęguoas Tacancurij , e adiante | Manapar , Uaipar , Trechandur , Callegrande , Chereacálle , Tucucurij , Bembar , Cálecare , | Beadála , Manancort , e Canhameira onde está hũ notáuel cábo assy chamádo em dez grãos |da páрте do nóрте . E adiante estam estes lugáres Neġapátan , Nahór , **Triminapátan** , Tra- | gambar , Triminauáz , Colorã , Pudu cheira , Calapáte , Conhomeira , Sadrapátan , Me- | liápor.

triminauáz – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/108v]: As pouoações | da qual cósta sam estas , lógo na vólta do cábo Comorij as sęte lęguoas Tacancurij , e adiante | Manapar , Uaipar , Trechandur , Callegrande , Chereacálle , Tucucurij , Bembar , Cálecare , | Beadála , Manancort , e

Canhameira onde está hũ notáuel cábo assy chamado em dez grãos |da páрте do nórtе . E adiante estam estes lugáres Neğapátan , Nahór , Triminapátan , Tra- | gambar , **Triminauáz** , Colorã , Pudu cheira , Calapáte , Conhomeira , Sadrapátan , Me- | liápor.

trimũ- | **pára** ~ **trimumpára** – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’. [1552/pda9/f115r]: | ELrey dom Mannuël como tinha sabido os grãdes trabálhos que **Trimũ-** | **pára** rey de Cochij passára na guęrra que lhe o Çamorij de Calecut fez , por | lhe gratificar os męritos de quanta fę mostrou no procęsso daquela guęrra | acęrca da guarda da vida dos nósos : quis per o viso rey dom Francisco mã | darlhe móstra da bóa vontáde que lhe tinha por estas óbras. [1552/pda9/f115r]: E porque na vinda | dos capitães que elrey seu senhor daquelle tępo tę o presente tinha enuiádo , naquelle reyno de | Cochij ácharam acolhimnto , fę , e verdáde , e nos outros daquela tęrra Malabár o contrario , | ao menos em padecer tanto trabálho por conseruar esta amizáde e guardar esta fę prometida | como tinha passádo **Trimumpára** rey de Cochij , o qual nam sómente auenturou seu estádo | perdendo a mayór páрте delle , mas ajnda dous sobrinhos : em remuneraçam de todas estas | cousas elrey seu senhor como príncipe gráto a seus amigos lhe mandáua íres cousas em sinal | de amor e lembrança do que por seu seruiço fizęra.

tucucurij – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/f1108v]: A qual enseáda repartimos em tres estádos de príncipes que à senhoream : as dozentas | lęguoas sam do reyno Bisnága , as cento e dez do reyno Orixá que sam ambos gentios : e as | cento do reyno de Bengála que de nósos tempos pera cá ę já subjecto a mouros. As pouoações | da qual cósta sam estas , lógo na vólta do cábo Comorij as sęte lęguoas Tacancurij , e adiante | Manapar , Uaipar , Trechandur , Callegrande , Chereacálle , **Tucucurij** , Bembar , Cálecare , | Beadála , Manancort , e Canhameira onde está hũ notáuel cábo assy chamado em dez grãos |da páрте do nórtе.

tucuróes – sm. pl. (étimo desconhecido) ‘etnotopônimo’; ‘povos’. [1552/pda3/32r]: | ESta tęrra que per comum vocabulo dos naturáes ę chamáda Ialoph , jáz en- | tres estes dous notáues rios Çanága e Gámbea : os quáes pelo cõprido cur- | so que trázem ,

recebem diuęrsos nomes segundo os pouos que õs vezinham . | Porque onde õ chamado Çanága per nós , se męte no már oceano occidental , | os póuos Ialóphos lhe chamam Dengueh , e os **Tucuróes** mais acima | Máyo , e os Çaragolęs , Cólle.

tucuról – sm. (étimo desconhecido) ‘corotopônimo’; ‘reino’. [1552/pda3/f38v]: Porque neste tempo mandou Pero Dęuora e Gonçaleães a elrey de **Tucuról** , e assy a el | rei de Tungubutu , e per outras vezes mandou a Mandi Mansa per via do rio Cantor : o | qual príncipe ęra dos mais poderósos daquellas partes da prouincia Mandinga . [1552/pda3/f38v]: em nome | del rey dom Ioam o terceiro nósso senhor , que óra regna por razã do resgáte de Cãtor : estimou | o rey muyto este recádo que lhe foy dádo da páрте del rey.

tũgubutu → tungubutu.

tunez – sm. (< ár. *tūnis*)^m ‘corotopônimo’; ‘reino’. [1552/pda6/f68v]: ęram feitos tam absolutos senhóres de toda a riqueza dos portos de már , que alguũs delles | em substancia de fazenda ęram tam poderósos , que mais lęuemente podiam fazer hũa guęrra | e comportar as despesas della per muyto tempo , do que õ pódem fazer os reyes de Belez , Tre | mecem , Ouram , Argel , Bugia , e **Tunez** , que ę a frol de todolos príncipes que tem a costa de | Africa que vezinhamos.

tyra – sf. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘cabo’. [1552/pda1/f19r]: Acabádo este feito com que | Dinis Fernandez e Palaçano na honra delle recobraram a perda da fusta que lhe aly ficou , e | da pouco fazenda que tinham auído per toda aquella cósta fizęram se a vęlla : passando pela põ | ta de **Tyra** onde sómente tomáram dous mouros a cosso , por andaram já tam temerósos do | fęrro dos nósos que tomáuan os pęs por ármes de sua saluaçam.

U

uagaru – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/f1109r]: O outro de Pęgu pássa pelo reino Auá que ę no jnterior da tęrra : e õ outro say | em Martabam entre Táuy e Pęgu , em altura de quinze grãos . E as pouoações que estam | fóra desta enseáda de jlhas de

Peçu (que dissēmos) e vam ao lóngo da cósta delle : sam **Ua- | garu** , Martabam cidáde notauel por causa do grande tracto que nella há , e adiante rey Taga | lá e Táuay.

uaipar – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/f108v]: A qual enseáda repartimos em tres estádos de principes que à senhoream : as dozentas | lēguoas sam do reyno Bisnága , as cento e dez do reyno Orixá que sam ambos gentios : e as | cento do reyno de Bengála *que* de nósos tempos pera cá e já subjecto a mouros. As pouoações | da qual cósta sam estas , lógo na vólta do cábo Comorij as sēte lēguoas Tacancurij , e adiante | Manapar , **Uaipar** , Trechandur , Callegrande , Chereacálle , Tucucurij , Bembar , Cálecare , | Beadála , Manancort , e Canhameira onde está hũ notáuel cábo assy chamádo em dez gráos | da páрте do nóрте.

uámba – sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda10/f118r]: Per a qual páрте podēmos dizer ser este grã lá- | go mais vezinho ao nósso már oceano occidental que ao oriental segundo a situaçã de Ptho- | lemeu , ca do mesmo reyno de Congo somētē nelle estes seys rios Bancáre , **Uámba** , Cuylii , | Bibi , Maria maria , Zanculo , que sam muy poderóso em águoa.

uaypij ~ **uaypil** – sm. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘ilha’. [1552/pda7/f78v]: Finalmēte o Çamo | rij cõ o grãde poder da gente *que* tinha tornou segũda vez entrar a jlha de Cochij cõ que cõueo a | elrey passarse a outra jlha de **Uaypij** por ser mais defensauel , e principalmēte por a cerca delles | ter hũa religiam como acerca de nós tem os lugáres sagrádos que quem se a elles acólhe está | seguro de recebēr algũ danno de seu jmigo. [1552/pda7/f88r]: E porque a este tēpo elrey por causas das guērras | passádas estáua na jlha de **Uaypil** , e elle desejáua de se passar a jlha de Cochij õde éra sua própria | v iuēda segũdo deu cõta a Lop o Soárez : mãdou elle Antonio de Saldanha *que* cõ alguũs batē- | es de *que* érá capitães Tristã da Silua , Pero Rafael , Pero Iusarte , e Ruy Lourçço *que* o leuás- | sem.

udiá – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda9/f110v]: Elrey de Syam é príncipe que ante *que* se lhe os mouros leuãtássem | com o reyno de Maláca : começáua o seu estádo naquella cidáde *que* está em dous gráos e meyo | da bãda do nóрте , e acabáua em os mōtes do reyno dos Guēços

que começã ã vinte nóue gráos . | E com tudo ajnda oje o seu estádo pássa de cõprimeto de trezentas lēguoas , no qual há estes | sēte reynos a elle subdictos a fóra o próprio de Syam , Camboja , Cómo , Lánchãa . Chencray | Chencran , Chiamay , Camburij , Chaipumo : e e príncipe que tem trinta mil elephãtes de to | da sórte de que sómente tres mil sam de guērra , e no tēpo della a cidáde **Udiá** cabēça do reyno | lança cincoenta mil hómēes.

uicuilipátan – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/f109r]: No qual acabã as tērras do reino de Bisnága (como dissēmos) e começa õ de Orixá , cuja cósta | por ser bráua de poucos pórtos tem somēte estes lugáres : Penacóte , Calingam , Bazãpátan , | Uixáopatan , **Uicuilipátan** , Calinhápatan , Naciquepátan , Puluro , Panagáte , e o cábo Se- | gógora.

uixáopatan – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘lugar’. [1552/pda9/f109r]: No qual acabã as tērras do reino de Bisnága (como dissēmos) e começa õ de Orixá , cuja cósta | por ser bráua de poucos pórtos tem somēte estes lugáres : Penacóte , Calingam , Bazãpátan , | **Uixáopatan** , Uicuilipátan , Calinhápatan , Naciquepátan , Puluro , Panagáte , e o cábo Se- | gógora.

ulid – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’. [1552/pda1/f4r]: E segundo escreuem os Parseos e Arábeos no seu Tarigh que | alegamos , o qual tēmos em nósso poder em lingua Parsea : foy esta cidade Bagodád fun- | dada per conselho de huũ astrológo gentio per nome Nobach , e tem por *acendente* o signo | Sagitario , e acabouse em quatro annos , e custou *dozoito* contos douro , da qual em a nósso | geographia faremos mayór relaçam . Pois estando este nouo Miralmuminim cõ potencia | em estado e numero de gente , feito outro *Nabucdenósor* pera castigo do pouo de Espanha : | totalmente seu filho **Ulid** que õ socedeo em nome e poder se fez senhor della , per Mussá e per | outros seus capitães , em tēpo del rey dom Rodrigo , o derradeiro dos Godos.

uly mansa – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’. [1552/pda3/f38v]: E como con esta | ferocidade tinha feito grande dano em os amigos e seruidores del rey , principalmente a el rey | de Tungubutu , Mandi Mansa e **Uly Mansa** : mandoulhe per algũas vezes seus recádos de | amizáde e outros de rogo sobre os negócios da guērra que tinha cõ estes.

V

vatrachememachia – sf. (étimo desconhecido) [1552/pda1/f1v]: O | qual debuxo nã ẽra algũa **vatrachememachia** , guẽrra de raãs e rãtos , como fez Homẽro por | exercitar seu engenho ante *que* escreuesse a guerra dos Gregos e Troyanos : mas foy hũa pintura | metaphórica de exercitos e vitórias humanas , nesta figura racional do emperador | Clarimũ- | do , titulo da tráça (conforme a jade que eu entam tinha) afim de aparár o estitolo de minha | possibilidade pera esta vóssa Asia.

X

xabandar – sm. (< persa *shāh-bandar*)^d. ‘capitão do porto’. [1552/pda4/f52v]: Hũ senhor mouro chamado Sabáyo cuja ẽra hũa cidãde per nome Góa , *que* óra | ẽ a metropoly *que* este reyno tem naquellas pártes , daquella jlha de Anchediua atẽ doze lẽguoas , | como ẽra hómẽm *que* tinha consigo Arabios , Pãrseos , Turcos , e alguũs leuantiscos arenegã- | dos com ajuda e jndustria dos quães tinha naquellas pártes adquerido grande estádo : tan- | to que soube como os nõssos nauios ẽrã de gente destas pártes da christandãde , desejãdo auer | jnformaçã della , chamou hũ judeu natural de Polónia que lhe seruia de **Xabandar** , e pergun- | toulhe se tinha sabido de *que* naçam ẽra a gẽte que vinha naquelles nauios . Ao *que* este judeu respon- | deo ter sabido *que* se chamãũ Portugueses que habitãũ nos fjs da tẽrra da christãdãde : a qual | gente sempre ouira nomear por guerreira sofredor de trabálho e muy leãl ao senhor *que* seruiam , | que se ella ẽra ã que lhe diziam , deuia trabálhar polã auer a seu seruiço porque cõ os tães hómẽes | se podiã fazer grandes cõquistas.

xael ~ **xael** – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda9/f106v]: E tornãdo a primeira pártẽ occidẽ- | tal desta repartiçã , leixando o interior dos dous estreitos do már roixo e

Pãrseo pera seu tem | po : da gargãta deste roixo *que* está em altura de doze grãos e dous terços atẽ a cidãde Adem ca- | beça daquelle reyno , auerã quorẽta lẽguoas , e della ao cábo de Fartaque *que* está em quatorze | grãos e meyo serã cem lẽguoas . Entre os quães extremos ficã estas pouoações Abiã Ar , Ca | naçã , Brum , Argẽl , **Xael** cidãde cabeça do reyno. [1552/pda7/f83r]: Ante de chegar ás quães tomou | hũa não carregãda de encenso *que* vinha de **Xael** *que* meteo no fundo por se nam embaraçar cõ | a carga della.

xãga – sf. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘ilha’. [1552/pda8/f98r]: nã sómẽte cõtra elles | se remãsem algũa malicia , mas ajnda cõtra algũas pouoações dos mouros *que* tinha por vezi- | nhos : assy como huũs *que* habitãũ as jlhas a *que* chamã Songo e **Xãga** , os quães senhoreãũ tẽ | Mõpãna *que* ẽra de Quilloa óbra de vinte lẽgoas.

xantom – sm. (étimo desconhecido) ‘corotopônimo’; ‘reino’. [1552/pda9/f109v]: Porem segundo a cosmo- | graphia da China (*que* atras dissẽmos) as prouincias maritimas *que* deste reyno correm quãsy | pera o rumo do noroeste sam estas tres , **Nasiquij** , **Xantom** , Quincij : onde o mais do tempo | o rey reside , *que* esta em quorẽta e seys grãos , e corre ajnda a cósta desta prouincia tẽ cincoẽ- | ta grãos , na qual se contẽ quátro cẽtas lẽguoas , em *que* acaba a mais oriẽtal e boreal tẽrra firme | *que* sabẽmos.

xarife ~ **xerife** – sm. (< ár. *xarif*)^h. ‘autoridade policial de um município’ ou cidade’. [1552/pda8/f91v]: Neste mesmo | tempo reynãua em Turquia Celim decimo da geraçam Othomana : e ẽra senhor de Mẽcha o | **Xarife** Baracat , entre os mouros muy celebrado em nome : nam tanto por seus feitos , quan- | to por o grande discurso de tẽpo *que* viueo neste estádo. [1552/pda3/f39v]: Finalmente dá muytos e boõ pouo , fiel , catholico , seruiçal , | e *que* nos ajuda em nõssas necessidãdes : e tam animoso pera com elle conquistar as outras | regiões *que* conquistamos , e *que* isto nam dam , *que* se fosse criado na doutrina militar , de | melhór vontade jria fazer gente á tẽrra de Guinë *que* á tẽrra dos Soiços : e ajnda mal porque | os mouros dafrica e principalmẽte o **Xerife** de Marrócos , neste nõsso tempo em este vso de | guerra se sẽruem mãis delles *que* nós.

xarã – sf. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; ‘cidade’. [1552/pda9/f109r]: Ao cábo de Negrães que está em dezaseis grãos , onde começa o rei- | no de Pegu auerá cem lęgoas : no qual espáço estam estas pouoações , Chocoriá , Bacasá , | Arracam cidáde cabeça do reino assy chamádo , Chubóde , Sedoę , e **Xarã** que está na pōta | de Negrães.

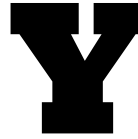
xérxes – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’; ‘imperador da Pérsia’. [1552/pda8/110v]: Mais adiante tinhamos elrey de Cambáya cō que teuęmos per muyto tempo | guérria e ajnda temos : ao qual nem **Xérxes** nã Dário nem Póro chegáram em poder , estádo , | e riqueza , e animo militar como ã seu tępo se vera.

xęque ~ **xeque** – sm. (< ár. *xāyḥ*)^h ‘chefe muçulmano’; ‘ancião muçulmano respeitável’. [1552/pda5/f57v]: Porque acertou destar aly com hũa não fazendo mercadoria , hũ mou- | ro chamádo **Xęque** Hómar jrmão delrey de Melinde. [1552/pda5/57r]: Pedráluarez quando entendeo que o temor lhe fazia | tomar aquelle caminho , mãdou a ellas : e nam poderã os nōssos nauios fazer isto tam prestes , | que quando chegarã , já hũa tinha dádo consigo em tęrra e a gente estáua pósta em saluo , e a | outra foy tomáda . Na qual acháram hum mouro que deu razam a Pedráluarez que o temor | delle õs fizera varar em seco , e que daquellas duas náos vinha por capitã hum mouro princi- | pal chamádo **Xęque** Foteima *que* ęra tio delrey de Melinde : qual vięra Çofála fazer resgáte | com fazenda que trouęera naquellas duas náos , e que se tornáua pera Melinde . Sabendo | Pedráluarez vir aly pesóa tam principal õ mandou segurar , e veo a elle **Xęque** Foteima , hó- | mem de jdáde e *que* em sua presença representáua quem elle disse ser : ao qual Pedráluarez fez | honra e gasalhádo por ser tio delrey de Melinde , de quem dom Uásco da Gámma quando | per aly passou tinha recebido o gasalhádo que tras vimos.

xerife → xarife.

xũbo – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’; ‘rei de Quiloa’. [1552/pda8/f98v]: Porẽ o póuo õ nã cōsentio porque lógo leuãtou por rey a hũ da linhagẽ real chamádo **Xũbo** , *que* vi- | ueo naquelle estádo hũ ãno sómęte : e tornárã aleuãtar o passádo *que* aos cinco ãnos foy despósto , | ẽ cujo lugar aleuantarã Habraemo filho de Soltã Mamude já defũto *que* aos dous ãnos tãbẽ foy | despósto , e

leuãtarã a hũ seu sobrinho per nóme Alfudail *que* durou muy pouco.



yácote ~ **yacóte** – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’. [1552/pda10/f121v]: O qual auiso elle teue per alguũs mouros que já veuiam derrador da fortaleza , | polo beneficio que della recebiam , pedindo lhe todos que por quanto temiam a furia dos Cáfres | ouuęsse por bem ao tempo de sua vinda de õs recolher dętro consigo com molhéres e filhos en | tre os quáes requerentes ęra hũ mouro principal chamádo **Yácote** de naturęza abexij da tęrra | do Preęte Ioam , o qual sendo captiuo de jdáde dez ánnos o fizęram mouro , o que lhe elle cõ- | cedeo. [1552/pda10/f122r]: E como a necessidáde dá animo e forças , teue esta tanto po- | der sobre as fębres dos nōssos que muytos ãs perderam com o feruor de se defender , de manei | ra que a guęrra foy a melhór mezinha que teuęram por huũ dias : porque fez aleuantar a ma- | yór páрте delles , no qual tempo o mouro **Yacóte** e os outros que com elle se recolheram , nam | sómente como leães mas como valentes hómeẽs ajudáram os nōssos.

yazit ~ **yázit** – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’. [1552/pda1/f3v]: Abedela seu jmigo tanto que õ venceo e soube quã mal recebido | ęra dos próprios seus , sem õ querer mais perseguir foy se dereitamente a Damásco : e tomáda | pósse da cidade , a primeira cousa *que* fez , foy mandar desenterrar o calyfa **Yazit** que ęra dos pri- | meiros *que* aly foram daquella linhágem Maraunion , auendo ja muytos annos *que* ęra fallecido , | os óssos do qual cõ huũ aucto pubrico mãdou queimar . Porque sendo Hócem neęto de Ma- | famęde seu legislador , filho de sua filha Aixa e de Alle seu sobrinho , dereitamente *enlegido* | por calyfa como fora seu pay : elle **Yazit** nã somęte lhe nã quissęra obedecer , mas ainda teue | módo como Hócem fósse morto , tudo por elle **Yazit** se leuantar cõ o calyfádo , o qual pessuyo | tyrannicamęte e assy todolos de sua linhágem per muytos tempos. [1552/pda1/f3v]: E nam contente este Abe- | delá com tomár tal vingança deste **Yázit** ,

geralmente a toda sua parentella mandáua matar cõ | mil gêneros de *to:mentos* , e lançar seus corpos no campo às fêras e aues delle : dizendo serẽ | todos escomungados e dinos de nam tẽr sepultura , pois eram do sangue daquelle pessimo | hómẽm que mandou derramar õ do justo Hóçem , vngido naquella dinidade de calyfa per | o testamento de seu auó Mafamẽde.

yçuf – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’; ‘rei de Sofála’. [1552/pda10/f120v]: Hũ dos quáes governadores foy **Yçuf** filho de Mahamed : e ẽra este cẽgo | que Pero da Nháya aly achou que se tinha jntituládo por rey de Sofála , sem querer obedecer | aos reys de Quilloa polas reuóltas e diferenças que auia naquelle reyno segundo atras escre- | uemos . O qual **Yçuf** vendo que o viso rey

dom Francisco tomára a cidáde Quilloa , temia *que* | por Sofala ser subjecta a ella desta auçam quisesse bolir cõ elle , e este temor foy apárte principal | de elle receber com gasalhádo a Pero da Nhaya querendose per esta via segurar de nos.

yzamaluco – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’; ‘rei de Sofála’. [1552/pda5/f67v]: Passádo Cãbáya de Chaul tẽ Sintacora cõ | tendemos com o **Yzamaluco** e Hidalcan capitães do reyno Dẽcan que representáuem em po | dẽr , estádo , e riqueza dous poderósons reyes : hómẽes muy dádos ao vso da guẽrra , cujos exer | citos andáuem cheos de mouros , arábeos , párses , turcos e rumes de toda naçam leuãtisca | animósa e de grande jndustria pera aquelle aucto.

Z

zãbucos → zambuco(s).

zaburro – sf. (origem obscura)^m. ‘milho avermelhado escuro que servia de alimento aos povos Jalofos. [1552/pda3/f33r]: E pera dár os milhos de maçaróca aque chamámos **zaburro** , que ẽ o co- | mum mantimento daquelles pouos : porque lhe póssa nacer , depois de limpo o cisco que lei- | xou o emxurro , lançam a semente sem mais laurar , e com hũa tona de area per cima õ cóbrem.

zãguebar → zanguebar.

zaide – sm. (étimo desconhecido) ‘antropônimo’. [1552/pda8/f96r]: A qual (segundo soubemos) per hũa chrónica dos reys de Qui- | loa de que a diante fazemos mençam , elles lhe chamã Emozaydij : e a causa deste destẽro foy | por seguirem a doutrina de hũ mouro chamádo **Zaide** , que foy nõto de Hocem filho de Ale o so- | brincho de Mahamed , casádo cõ sua filha Axa.

zaire – sm. (étimo desconhecido) → congo. ‘hidrotopônimo’; ‘rio também chamado de Congo’. [1552/pda3/f29v]: Em o qual espaço de sête centas e cincoõta lẽguoas que estes dous principáes capitães | descobriram , estam seys padrões : o primeiro chamádo sam Iorge em o rio **Zaire** que ẽ do rey- | no de Congo , o segundo sancto Agostinho está em hũ cabo

do nome do mesmo padram , o | terceiro que ẽ o derradeiro de Diogo Cam na manga das arẽas , o quarto em ordem e primei | ro de Bartholomeu Diaz , na Sẽrra parda , o quinto sam Felipe , no grande e notauel cabo | de boa esperança , e o sexto Sancta Cruz no jlhẽo deste nome.

zambuco(s) – sm. pl. (< ár. *sanbūq*)^m. ‘embarcação usada na Ásia voltada ao transporte de cargas’. [1552/pda4/f46v]: Espedido Uás- | co da Gãma delle depois *que* õ leixou desembarcádo tornouse aos nauios , e os dias que aly este- | ue sempre foy visitádo delle cõ muytos refrescos : que deu causa a ser tambem visitádo de huĩs | mouros *que* aly estáuã do reyno de Cambaya , em as náos que lhe tinham dito os mouros que | tomou no **zambuco**. [1552/pda4/f43r]: Surto nestes jlhẽos , os quáes óra se chamã de Sã Iórges por causa de hũ padram deste | nóme *que* Uásco da Gãma nelles pos : viram vjr tres ou quátro barcos a *que* os da tẽrra chamam | **zambucos** , cõ suas velas de pãlma e a remo. [1552/pda5/f65v]: Os quáes mouros lógo encontinẽte muy | armados em alguĩs **zãbucos** da tẽrra viẽrã sobrelle : na qual chegáda elle Pero Diaz se vio em | tanta pẽssa por nã ter consigo mais de sête pesóas , que lhe conueo as amarras e fazerse | a vẽla via deste reyno a deos misericórdida , sem

piloto nem pesóa que soubesses per onde vinham | tẽ deos õ trazer áquelle lugar onde õ achára .

zanculo – sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’; ‘rio’. [1552/pda10/f118r]: Per a qual páрте podẽmos dizer ser este grã lá- | go mais vezinho ao nõsso már oceano occidental que ao oriental segundo a situaçã de Ptho- | lemeu , ca do mesmo reyno de Congo somẽtẽ nelle estes seys rios Bancãre , Uãmba , Cuylii , | Bibi , Maria maria , **Zanculo** , que sam muy poderoso em águoa.

zanguebar ~ **zanguebár** – sm. (étimo desconhecido) → zanguij. ‘geomorfotopônimo’; ‘costa’; ‘terra’. [1552/pda8/f96v]: O sitio desta cidade Quilloa ẽ em hũa tẽrra a qual ajnda que seja da | cósta da tẽrra firme **Zanguebar** , o mar ã foy torneando com hũ estreito , que ã fez ficar em jlha . | Ella em sy , ẽ amuy fẽrtil de palmeiras com todalas aruores de espinho e ortaliças *que* tẽmos em | Espanha : e a lgũa criaçam de gádo grande e meudo , com muytas galinhas , pombas , rólas | e outro gẽnero de aues estranhas a nós. [1552/pda8/f95r]: em que se descreue a páрте da cósta de Africa | em que esta situada a cidade Quilloa : ã qual tẽrra os Ara- | bios própriamẽte chamã **Zanguebár** e Ptolemeu Ethio- | pia sobre Egipto. [1552/pda8/f95r]: Sómente os Arábios e Pársios como gente que tem policia de letras e sam vezinhos | della em suas escripturas lhe chamã **Zanguebár** , e aos moradores della Zanguij : e per outro | nome comũ tãbem chamam Cáfres , *que* quẽr dizer gente sem ley , nome que elles dam a todo | gẽtio jdolatatra , o qual nome de Cáfres ẽ já acerca de nós muy recebido polos muytos escrãuos. [1552/pda8/f96v]: E pósto *que* ao | diante tiuẽram mais noticia de tóda a tẽrra vezinha daquelle resgãte , nunca ousáram passár ao | cábo das correntes : porque como a jlha de sam Lourenço que jáz ao sul desta cósta **Zãguebar** , | córre com seu comprimento quási áo longo della per espáço de dozẽtas lẽguoas , e no meyo da | páрте de dentro lança de sy hũ cotouello que respõdeo ao outro que fáz o cábo de Moçambique.

zanguij – sm. (étimo desconhecido) → zanguebar. ‘poliotopônimo’; ‘povoação’. [1552/pda8/f95r]: Sómente os Arábios e Pársios como gente que tem policia

de letras e sam vezinhos | della em suas escripturas lhe chamã Zanguebár , e aos moradores della **Zanguij** : e per outro | nome comũ tãbem chamam Cáfres , *que* quẽr dizer gente sem ley , nome que elles dam a todo | gẽtio jdolatatra , o qual nome de Cáfres ẽ já acerca de nós muy recebido polos muytos escrãuos.

zanzibar ~ **zẽzibar** – sf. (étimo desconhecido) ‘geomorfotopônimo’; ‘ilha’. [1552/pda8/96v]: De maneira que abaixo e | acima nam lhe ficou cousa por correr . tẽ se fazer senhora de Monbãça Melinde e das jlhas de | Peuiba **Zanzibar** Mõfia Comoro , e outras muytas pouoações que saíram della pella potẽ | cia e riqueza que teue depois que se fez senhora da mina de Çofala : tendo quásy tudo perdido | ao tẽpo *que* nós descobrimos a India , com deuisões *que* ouue per mórte dalguũs reyes della de *que* | adiante faremos mençam.

zára → **cáhárá**.

zargunchos – sm. pl. (origem obscura)^m. ‘haste de ponta aguçada utilizada em guerras’. [1552/pda8/f90r]: A qual entráda assy embaraçou | a gente do mar na mareagem da carauẽla , que por se lançarem a outra páрте e fogir o pirigo | do baluarte foram cair em outro pior : e ẽra de baixo de hũa náo grósa já dentro no póрто que | por ser muy altarósa padeceram muy grande trabalho , e em se amparar das frechas e aremosos | de **zargunchos** quásy a mão temente teueram bem *que* fazer , do qual perigo ficáram muytos muy | mal feridos.

zembẽre – sm. (étimo desconhecido) ‘hidrotopônimo’; ‘braço do rio espirito santo’. [1552/pda10/118r]: E pósto que este Abanhi (que acẽrca delles quẽr dizer pay das águoas po- | las muytas que lẽua) proceda de outro grande lágo chamado Barcená , e per Ptolemeu Co- | lóa , e tambem tenha jlhas dẽtro em que há alguũs mosteiros de religiósos (como se verá em | a nõssa geographia ,) nam vem a conto deste nõsso grande lágo : ca segundo a jnformaçam que | tẽmos per via de Congo e de Sofála será de comprido mais de cem lẽguoas . O rio *que* vem | contra Sofála , depois que say deste lágo e corre per muyta distancia se repárte em dous brã- | ços , hum vay sair aquem do cábo das correntes , e ẽ aquelle aque os nõssos antiguamẽte cha- | mam rio dá laguóa , e óra do espirito sancto , nõuamente pósto per

Lourenço Márquez que o | foy descobrir o anno de quorenta e cinco : e o outro bráço say abaixo de Sofála vinte cinco | lęguoas chamádo Cuama , posto que dentro pelo sertam outros póuos lhe chamã **Zembęre** . | O qual bráço ę muyto mais poderoso em águoas que o outro do espirito sancto por ser naue- | gael mais de dozętas e cinquenta lęguoas , e nelle se metęrę estes seys notáuęes rio Pa- | nhames , Luam guóa , Arruya , Manjóuo , Inadire , Ruęnia : que todos regã a tęrra de Be- | nomotápa , e a mayór párte delles lęuam muyto ouro que nace nella.

zemzibar ~ **zenizibar** ~ **zenzibar** – sm. (étimo desconhecido) ‘poliotopônimo’; geomorfotopônimo’. [1552/pda7/f82r]: Elrey (*que* assy se jntituláua o senhor desta cidade **Zemzibar** :) co- | mo hómę nã experimętádo em nóssas cousas , nã sómente fez pouca conta deste recádo de Ruy | Lourenço : mas ajnda mandou poer em órdem os paraós *que* aly estauã pera vir tomar a náo. [1552/pda7/f81v]: E dhy se foy á jlha de **Zenizibar** *que* ę aquę de Mõbaça vin- | te lęguoas , e tã pegádo á tęrra firme *que* as náos *que* passarę per entrellas ham de ser vistas . Onde | por este ser hũ canal da nauegaça daquella cósta se leixou estar óbra de dous meses , em que tomou | mais de vinte zambucos carregádos de mantimentos da tęrra : no fim do qual tempo rodean- | do a jlha per fóra foy ter ao porto da cidade **Zemzibar** donde a jlha tomou o nome , em *que* estáuã | algũas náos surtas e muytos zambucos. [1552/pda10/f127v]: porque dhy | em diante comęçou de se querer com a nóssa

conuersaçam por em mayór estádo do que ęra a ren | da , gastando quásy quanto lhe ficou de seu pay , e neste tempo escreuia aos reyes de Melinde | **Zenzibar** , e de toda aquella cósta como hómę que se tinha em mais conta que elles.

zimbala – sf. (étimo desconhecido) → çanagá. ‘hidrotopônimo’; ‘poliotopônimo’. [1552/pda3/32r]: ESta tęrra que per comum vocabulo dos naturáes ę chamáda Ialoph , jáz en- | tres estes dous notáuęes rios Çanága e Gámbea : os quáes pelo cõprido cur- | so que trázem , recebem diuęrsos nomes segundo os pouos que õs vezinham . | Porque onde õ chamádo Çanága per nós , se męte no már oceano occidental , | os póuos Ialóphos lhe chamam Dengueh , e os Tucuróes mais acima | Máyo , e os Çaragolęs , Cólle : e quando córre per hũa comárca chamáda | Bágano que ę mais oriental , chamã lhe **Zimbala** , donde ás vezes por causa delle á comarca | dam este mesmo nome , e no reyno de Tungubuto lhe chamam Iça . E pósto que córre per | muyta distancia de tęrras , vindo das fontes orientáes dos lagos a *que* Ptolemeu chama Che | Ionides , Nuba, e rio Bir : quasy per direito curso tę se meter no oceano em altura de quinze | gráos e meyo , nam lhe sabęmos o nome que lhe os outros póuos dam.

zombaria – sf. (origem obscura)^m. ‘ato de caçoar alguém’; ‘caçoada’. [1552/pda1/15r]: vę- | do elles *que* se tornáram os nóssos como quę nam achára a pręa que yam buscar á jlha , começá- | ram na praya a vista delles dar hũa grande grita em módo de **zombaria**.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Primeira Década da *Ásia* (1552) é um texto importantíssimo à história da língua portuguesa por dois grandes motivos. Primeiro, representa a escrita de um homem altamente culto do século XVI, podendo assim fornecer pistas sobre o padrão linguístico da época. Segundo, é uma obra monumental que traz narrativas sobre a presença portuguesa em pelo menos três continentes, o que lexicalmente representou um ganho muito significativo à pesquisa, já que empréstimos linguísticos de inúmeras línguas, assentadas nessas regiões, foram identificados no texto. Isso confirmou a hipótese inicial da investigação de que a obra deveria apresentar um léxico riquíssimo de base não latina e não românica.

A pesquisa filológica e lexicográfica, ancorada no *corpus* de análise, sem dúvida, configurou-se por ser uma investigação de fôlego. Editaram-se dez livros que compõem A Primeira Década da *Ásia* (1552), os quais resultaram no segundo volume desta tese e estarão disponíveis à consulta pública por meio do repositório da Universidade Federal da Bahia. O intento é que a edição elaborada possa servir para qualquer estudo linguístico ou filológico que se volte à apreensão do português em perspectiva histórica.

Um ponto a se destacar, ainda, é que disponibilizando tal edição, se democratizará o conhecimento, ou melhor a história da língua portuguesa no século XVI, uma vez que a edição *Princeps* se encontra inacessível mesmo digitalmente. Somado a isso, há uma série de estudos sobre a *Ásia* (1552) que foi realizada durante o doutoramento, como a caracterização paleográfica do *corpus*. Essa evidenciou que o fac-símile disponível no site da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, embora tenha servido de base à edição, apresenta alguns fólios que estão em estado muito ruim de conservação. Nesse contexto, seria fundamental que uma nova cópia fosse elaborada, tendo em vista o acesso a tão relevante documento para a história dos (re)descobrimientos portugueses.

Ademais, é válido ressaltar a importância do editor, no texto impresso, que, como se constatou, interferiu na revisão da *Ásia*, elaborando uma errata que, apesar de apontar os erros a serem corrigidos, cometeu outros tantos. Na edição diplomática, com o fito de conservar a escrita do autor, corrigiram-se apenas os lapsos óbvios de impressão. Entretanto, todos os demais problemas de impressão foram sinalizados, em nota de rodapé, para que o leitor possa ter conhecimento da indicação da emenda.

No que concerne à língua representada na *Ásia* (1552), especificamente, aos diacríticos empregados pelo autor, constatou-se, diante da análise feita, que “á grande”, “é grande”, “ó

grande”, naturalmente, marcam a abertura da sílaba e, muitas vezes, estão situados na sílaba acentuada. Certamente, esse sistema de diacritização é um aspecto inovador na escrita de João de Barros que o reinterpreta no português, tomando como parâmetro os gregos, verdadeiros precursores dessa estratégia. Apesar de indicar a regra, o autor não apresenta regularidade no momento de sua aplicação, algo que pode ser melhor constatado no quadro 17.

Quadro 17 – Aplicação da regra dos diacríticos.

Vogal	Função gramatical	Grafia	Regra variável
á grande	preposição	à	x
	verbo haver na 3ª pessoa do singular	á	x
a pequeno	pronome feminino	ă(s)	x
é grande	verbo na 3ª pessoa do singular	é	x
ó grande	interjeição	ó	x
	tempo verbal no presente tempo verbal no pretérito	ó õ	x
o pequeno	pronome masculino	õ(s)	x

Fonte: Elaboração dos autores.

Portanto, apesar de ser aquela pessoa que diz: “faça o que digo, mas não faça o que faço”, ancorado, provavelmente, na Bíblia, João de Barros revela o quanto o novo ainda lhe causava apreensão e assombro, quando enceta um sistema diacrítico extremamente variável, mas que pode e deve, assim como todo o conjunto textual do autor, ser instrumento medular de estudo com vista a se compreender mais proficuamente a aplicabilidade dos sinais diacríticos.

Outro aspecto a se pontuar é que *A Primeira Década da Ásia* (1552), por ser uma crônica histórica, traz elementos textuais que a caracterizam como uma grande epopeia ao atrelar fatos históricos à literatura. Isso é resultado do imaginário do autor, caracterizado pela efervescência da Renascença que o levou a se ancorar na mitologia grega e latina para descrever o Novo Mundo. Logo, as narrativas, além de refletir o pensamento desse homem historiador e gramático, evidenciaram claramente que os limites entre a história e a ficção não estavam definidos.

Conquanto tenha sido um historiador a caráter, Barros não foi o primeiro em língua portuguesa, visto que Gomes Eanes de Zurara e Fernão Lopes foram os precursores nesse aspecto. Obviamente, o projeto historiográfico do autor da *Ásia* foi muito além em extensão e importância, contudo só se concretizou devido à documentação já existente em Portugal sobre a colonização em África e em Ásia.

No tocante ao léxico apresentado na obra, esse assenta-se, majoritadamente, na onomástica oriental e é representante de uma grande diversidade linguística e cultural que recobre línguas faladas desde a costa da África até lugares mais longínquos da Ásia. Desse modo, poder registrá-lo num glossário é, sem dúvida, colaborar para o resgate da memória dessas regiões e de seus povos, além de preservar a história da língua portuguesa representada no *corpus*.

Elaboraram-se 991 verbetes que se distribuem entre principais e secundários, sendo os étimos árabes mais numerosos, sobretudo, os que se encontram na letra A do glossário. Dos 167 verbetes construídos da primeira letra do alfabeto, a etimologia preponderante é dessa língua semítica. No entanto, outros étimos foram identificados, graças ao trabalho significativo dos etimólogos consultados. Pelo menos 30 gêneses linguísticas diferentes foram reconhecidas ao longo da pesquisa etimológica, dentre as quais citam-se o: malaio, tâmul, berbere, javanês, persa, quimbundo, hebraico, hindustani, tcheque e sânscrito etc.

Para melhor apreciação dos dados, apresenta-se o quadro 18, abaixo, em que se encontra, exaustivamente, toda a gênese linguística identificada.

Quadro 18 – Línguas, grupos ou famílias linguísticas inventariadas no glossário.

amárico	árabe	berbere	bengalês
cadaico	celtas	concani	chinês
dravídico	hebraico	hindustani	javanês
malaiala ~ malabar	malaio ~ malaia	neoárico	pácrito
persa	quimbundo	sânscrito	siamês
singalês	taino	tâmul	tâmul-malaia
tcheque	japonês	bambara	bengala
marata	hindi		

Fonte: Elaboração dos autores.

Muitos desses étimos não fazem mais parte do vocabulário ativo do português, comprovando o caráter volúvel do léxico, pois foram em determinado momento da história novas unidades resultantes do empréstimo de contato e hoje são verdadeiros arcaísmos linguísticos. Situação diferente é a de vocábulos como *banda* e *bengala*, por exemplo, que podem ainda ser identificados no léxico ativo da língua portuguesa, embora apresentem significados diferentes dos atestados no *corpus*. Mesmo caso é a de *açoute*, *açucar*, *adárğa*, *alcaide*, *alfayate*, *alferez*, *algodã*, *aliceces*, *aljófře*, *almazem*, *argollas*, *aroyal*, *azeite*, *azul*, *balde*, *cabáça*, *coje*, *gergelim*, que são reconhecidos em muitas normas linguísticas do português, sendo alguns até mais comuns do que outros, como *açúcar* e *azeite* – produtos indispensáveis à mesa de muitos brasileiros –.

Todos apresentam étimos árabes, além de muitos outros reconhecidos no texto, engessando os arabismos já existentes na língua antes das grandes navegações, já que a história corrobora o intenso contato desses etnotopônimos com os portugueses, iniciados desde 710 d. C, na Península Ibérica, e retomados por volta dos séculos XV e XVI, na *Ásia*, com o comércio das especiarias. Os árabes eram os principais mercadores e, com isso, estavam ancorados nos principais portos econômicos, como o de Calecut e de Quiloa, disputando o monopólio do comércio diretamente com os colonizadores.

No que concerne aos itens lexicais que sequer tiveram registro lexicográfico e, portanto, sua presença passou quase despercebida na língua, se não fosse a pena de João de Barros, que os gravou na memória escrita, destacam-se alguns como *ialóphos*, *ligurarijs*, *mani sono*, *mandi mansa*, *obij*, *ólla*, *palę*, *quedá*, *sabá*, *tacancurij*, *uixáopatan*, *xérxes*, *zembéře*, que não poderiam ser reconhecidos na contemporaneidade pelo homem comum.

Dentre os quais, merecem comentários *ialóphos* por serem os primeiros povos da Guiné; *Mani sono* por representar um sinal de respeito/cordialidade, sendo o mesmo que senhor, neste caso, senhor de *sono*, uma antiga província indiana; *ólla* por ser uma folha de palma bastante utilizada na escrita asiática. Os demais termos pertencem à antroponímia e à toponímia, recobrando nomes de povos, cidades, rios, fontes, cabos, ilhas, nomes e sobrenomes de pessoas, e registrando a cultura das regiões conquistadas.

Interessante é verificar que termos como *limma*, *maluco*, *mascáte*, *mete*, *pam*, *párdaos*, *pedir*, *porca*, *rapto*, *pagóde*, inseridos também no campo da onomástica, exceto *párdão*, que era

uma moeda da Índia, são homônimos no português brasileiro e, assim, estão registrados nos dicionários.

Como já se afirmou, anteriormente, a maior parte dos étimos inventariados pertence à área da antroponímia e da toponímia. Tendo em vista agrupá-los em classes, inicialmente, utilizou-se a classificação toponímica de Dick (1990). Entretanto, considerando o objeto lexia, bem como os métodos da lexicografia histórico-variacional, comprovou-se que o referido modelo taxionômico não se configura como ótimo às investigações lexicográficas. Por isso, foi necessário reinterpretá-lo, a partir da referencialidade semântica do item, para que os dados pudessem ser, adequadamente, organizados no glossário.

Salienta-se, ainda, que, dos 991 elementos identificados como possíveis empréstimos, a maioria não se encontra dicionarizado, cerca de 463 itens lexicais, o que faz do glossário elaborado um produto inovador ao trazer muitos vocábulos desconhecidos à história do português. Além disso, esse resultado não comprova que esses itens lexicais sejam de étimo não latino e não românico, mas sim que há muito a se fazer ainda. Uma pesquisa não se fecha completamente, mesmo num trabalho de maior relevância, como uma tese. Ela instiga novas perguntas que direcionam caminhos a ser trilhados para que se encontrem as respostas necessárias. Desse modo, a identificação de vários étimos ainda ficará para fazer, já que a obscuridade de algumas línguas ágrafas, por vezes, não permite, evidentemente, com precisão o reconhecimento dessas etimologias que se inseriram no léxico do português durante os séculos XV e XVI. Ficam duas perguntas: A que línguas devem pertencer esses étimos desconhecidos? Como desvendá-los?

A etimologia e a linguística histórica podem responder essas questões, por isso uma escolha sensata e, certamente, sábia a se fazer é dar continuidade a esta pesquisa sob a lente etimológica com vistas a descortinar a obscuridade que nega o reconhecimento da história de pelo menos 463 itens lexicais importados à língua portuguesa, possivelmente, durante o período áureo das grandes viagens marítimas.

REFERÊNCIAS

- AGUALUSA, José Eduardo. *O vendedor de passados*. Portugal: Editora Dom Quixote, 2004.
- ALINEI, Mário. The structure of meaning revisited. In: *Quaderni di Semantica*. Bologna, Anno I, no 2, pp.289-305, december de 1980.
- ALVES; Maria Ieda; MARONEZE, Bruno. Neologia: histórico e perspectivas. In: *GTLex – Uberlândia*, vol. 4, n. 1, jul./dez. 2018, pp. 5-32.
- ANTELO, Raúl. A cena arqui-filológica. In: *Caminhos do hispanismo: vozes críticas, tendências teóricas*. ANDRADE, Antonio et al. 1ª ed. Rio de Janeiro: Letras, 2015, p. 104.
- ARAÚJO, Valdeí Lopes. História da historiografia como analítica da historicidade. In: *História/historiografia*, ouro preto, n. 12, agosto, 2013, p. 39.
- AULETE, F. J. C. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Edição brasileira rev. e atual. Hamílcar de Garcia. Rio de Janeiro: Delta, 1970. 5 v., 1 ed. 1881.
- BARROS, João de. *Asia de Joam de Barros dos factos que os portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1552, f. 1r, 6r, 17r, 104r, 105r, 110r, 115r, 122r, 242r, 270r, 271r, 273r, 274r.
- _____. *Ásia de João de Barros: Primeira Década*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, ed. António Baião, 1988.
- _____. *Segunda Década da Ásia*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1553.
- _____. *Terceira Década da Ásia*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa [1563], ed. de Nicoldo Pagliarini, 1778, pp.14, 15, 16, 17, 21.
- _____. *Quarta Década da Ásia*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, ed. de Lavanha, 1615.
- _____. *Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja*. Lisboa: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1539.
- _____. *Chronica do emperador Clarimundo*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 1522.
- _____. *Diálogos da Viçiosa Vergonha*. Lisboa: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1540.
- _____. *Grammatica da lingua portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1540. 1979, pp. 65-66.
- BELCHIOR, Antônio Carlos Gomes. (1976). *Como Nossos Pais*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/belchior/44451/>>. Acesso em 10.04.2021.
- BENVENISTE, Émile. *O Vocabulário das Instituições Indo-Européias*. 2v. Campinas: Editora Unicamp, 1995.
- BIZZOCCHI, Aldo. Processos de formação lexical das línguas românicas e germânicas: uma nova perspectiva teórica. In: *Domínio da Linguagem*, v. 7, n. 1, 2013, pp. 9-39.
- BORGES, Rosa et al. *Edição de texto e crítica filológica*. Salvador: Quarteto, 2012.
- BOSSAGLIA, Giulia. *Linguística comparada e tipologia*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.
- BOULANGER, J.C. Néologie et terminologie. In: *Néologie en Marche*, Montréal, n. 4, 1979, pp. 5-128, pp. 65-66.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. *Historiografia da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1984, pp. 33, 36, 37.
- _____. *Gramática da língua portuguesa*, de João de Barros Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa, 1971, pp. 1, 3-5, 11, 292, 311, 317, 370, 375-380.
- _____. *O estudo das línguas exóticas no século XVI*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. 1983.
- BRINGHURST, Robert. *The elements of typographic style*. Library of congress Cataloguing, 2004, p. 178.

- CABRÉ, Maria Teresa. La clasificación de neologismos: una tarea compleja. In: *ALFA*, São Paulo, n. 50, pp. 229-250, 2006, p. 231.
- CAETANO, Veloso. *Língua*. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/caetano-veloso/lingua.html>>. Acesso em: 30 jun. 2020.
- CAMARA JÚNIOR, J. Mattoso. *Dicionário de Linguística e gramática*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977, pp. 94-95.
- CAMPOS; Agostinho. *Antologia Portuguesa: Barros I*. Lisboa, 1920, pp. 45-49.
- CARDEIRA, Esperança. O Português no Oriente e o Oriente no Português. In: VV.AA. (ed. Valeria Tocco), 2010, *L'Oriente nella Lingua e nella Letteratura Portoghese*. Pisa: Edizioni ETS, pp. 81-93. p. 82.
- CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: os sociotopônimos de Aveiro (Portugal). São Paulo: *REVISTA USP*, n.56, pp. 172-179, dezembro/fevereiro 2002-2003. p. 173.
- CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo; Cortez, 2009, p. 48.
- CARVALHO; Ricardo Souza de. Entre histórias: a leitura das décadas de João de Barros na metrópole e na América portuguesa. In: *Boletim do CESP* – v. 20, n. 26 – jan./jun. 2000, pp. 38-39.
- CLIFF, Nigel. *Guerra santa: como as viagens de Vasco da Gama transformaram o mundo*. Tradução: Renato Rezende. São Paulo: Globo, 2012.
- CORDEIRO; Cecília Siqueira. Historiografia e história da historiografia: alguns apontamentos. In: *XXVIII Simpósio Nacional de História*. Florianópolis, 2015, p. 2.
- COROMINAS, Joan; PASCUAL, José. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Gredos, 6 v. 1997.
- CORREIA, Margarita. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, pp. 21-22, 70.
- CORREIA, Margarita. Para a compreensão do conceito de empréstimo interno: primeira abordagem. In: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. V. IV, ISQUERDO, Aparecida Negri, FINATTO, Maria José Bocomy (Orgs.). Campo Grande: Editora da UFMS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.
- CORTESÃO, Jaime. *A obra de Pero Vaz de Caminha*. Lisboa: Portugália, 1987, f. 1v.
- _____. *História da expansão portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.
- COSTA, Avelino de Jesus da. *Normas Gerais de Transcrição e Publicação de Documentos e Textos Medievais e Portugueses*. Coimbra: Instituto de Paleografia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993, pp. 11, 12, 13.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- DALGADO, Sebastião Rodolfo. *Glossário Luso-Asiático*. Coimbra: Academia das Ciências de Lisboa, 1919.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990, pp. 7, 30-34.
- _____. *A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo*. São Paulo: ANNABLUME, 1998, p. 105.
- _____. *O problema das taxinomias toponímicas: uma contribuição metodológica*. Revista *Lingua e Literatura, USP*, vol. 4, p. 373-380, 1975.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 430.
- ECO; HUMBERTO. Baudolino. Rio de Janeiro: Editora Record, 2010, p. 19, 402, 430.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: nascimento do ocidente*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001, pp. 216-217, 226.

- GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América latina*. Porto Alegre: Editora L&PM, 2010, p. 30.
- GANDAVO, Pêro Magalhães de. *Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da língua portuguesa. Com o diálogo que adiante se segue em defesa da mesma língua*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1574, p. 61.
- GEDEÃO, António. Pedra filosofal. In: *Poemas escolhidos*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 2010, p. 15.
- GUGGENBERGER, Rainer; MARTINS, Pedro Ribeiro. *Manual do curso Introdução ao Grego para Catalogação de Obras Raras*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2019.
- GUILBERT, L. Théorie du néologisme. *Cahiers de l'Association Internationale des Etudes Françaises*, vol. 25, pp. 9-29, 1973.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Los poderes de la filología*. México: Universidad Iberoamericana, 2007, p. 49-50.
- HEIDEGGER, Martin. *Tiempo e historia*. Madrid. Editorial Trotta, 2009.
- HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita*. 10ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003, pp. 140, 144.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975, p. 63.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1 ed. Objetiva, 2009.
- IBGE. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 20 de jun. de 2022.
- ISQUERDO, A. N.. A motivação toponímica: algumas reflexões. In: SELLA, Aparecida Feola; CORBARI, Clarice Cristina; BIDARRA, Jorge. (Org.). *Pesquisas sobre Léxico: reflexões teóricas e aplicação*. 1ed. Campinas-SP; Cascavel-PR: Pontes; Edunioeste, 2013, v. 26, pp. 81-96, pp. 83, 85.
- LAUFER, ROGER. *Introdução à textologia*. São Paulo: Perspectiva, 1972, pp. 11, 42.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, pp. 7, 18.
- LOPES, David. *Expansão da língua portuguesa no Oriente nos séculos XVI, XVII, XVIII*. Porto: Portucalente Editora, 1936, p. 35.
- LOUREIRO, Rui Manuel. *Revisitando as Décadas da Ásia: Algumas observações sobre o projecto historiográfico de João de Barros, e-Spania*. Disponível em: < <https://journals.openedition.org/e-spania/27836>>. Acesso em 20 de mar. 2019.
- MACHADO FILHO, A. V. L.; OLIVEIRA, I. G. DE. O léxico furtado do passado, na História do Futuro, de Antônio Vieira. Revista da *ABRALIN*, v. 16, n. 2, 26 abr. 2017, p. 91.
- MACHADO FILHO, Américo V. L.. The history of the lexicon. In: Johannes Kabatek; Albert Wall. (Org.). *Manual of Brazilian Portuguese Linguistics*. 1ed. Berlin: De Gruyter, 2022, pp. 193-218, p. 193.
- _____. Lexicografia histórica e questões de método. In: LOBO, Tânia et al. *ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 33-34, 382, 364.
- _____. *Dicionário etimológico do português arcaico*. Salvador: EDUFBA, 2013, p. 392.
- _____. Do conceito de variante nos estudos do léxico de perspectiva histórico-variacional. *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo, n. 2, pp. 261-275, v. 16, jul./dez. 2014, p. 274.
- _____. Léxico de étimo árabe em uso no período arcaico do português. *Entrepalavras*, Fortaleza - ano 3, v.3, n.esp., p. 61-70, ago/dez 2013.

- _____. A pontuação em João de Barros: preceitos e usos. In: MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes; MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (org.). *O Português Quinhentista: Estudos Linguísticos*. Salvador: EDUFBA, 2002. p. 364.
- MAIA, Clarinda. Linguística Histórica e Filologia. In: Lobo Tânia et al. *ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 541.
- MARQUES, José. Práticas paleográficas em Portugal no século XV. In: *Revista da Faculdade de Letras: ciências e técnicas do património*. Porto, 1 série, v. 1, pp. 73-96, 2002, p. 75.
- MARQUILHAS, Rita. Traços distintivos, góticos e electrónicos. In: ÁLVAREZ, Rosario; SANTAMARINA, Antón (ed.). *(Dis)cursos da escrita: estudos de filoloxía galega ofrecidos en memoria de Fernando R. Tato Plaza*. [A Coruña]: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 2004. p. 475-489, p. 2.
- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da linguística histórica*. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 10.
- _____. *O Português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. *O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo: Parábola, 2004.
- MCHENZIE, Donald F. *Bibliografía e sociología de los textos*. Trad. Fernando Bouza. Madrid: LAVEL (S. A) Humanes, 2005, pp. 31, 36.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Trad. Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru: Edusc, 2004, p. 206.
- NUÑEZ CONTRERAS, Luis. *Manual de Paleografía: fundamentos e historia de la escritura latina hasta el siglo VIII*. Madrid: Catedra, 1994, p. 23.
- OLIVEIRA, Fernão de Oliveira. *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1536, p. 173.
- PAIVA, Ana Paula. *A aventura do livro experimental*. Belo Horizonte: Autentica Editora: São Paulo: EDUSP, 2010, p. 70.
- PERINI, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.
- PESSOA, Fernando. Mensagem. In: *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977, p. 106.
- PIEL, Joseph-Maria. Origens e estruturação histórica do léxico português. In: *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*, Lisboa, (1976), p. 6.
- POTTIER, B. *Linguistique générale: théorie et description*. Paris: Klincksieck, 1974.
- SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 212, 274.
- SAMPAIO, Lisana Rodrigues Trindade. *Cantigas satíricas do Cancioneiro da Biblioteca Nacional: edição diplomática e estudo dos verbos em perspectiva lexicográfica*. 2018, 438 f. Tese de Doutorado – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, p. 54.
- SAMPAIO, Teodoro. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Teodoro_Sampaio>. Acesso em: 03 de out. 2022.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- SEVERIM de FARIA, Manuel. *Vida de João de Barros por Manuel Severim de Faria e índice geral das quatro décadas da sua Ásia (1624)*. Nova ed. - Lisboa : Na Régia Officina Typografica, 1777-1788.
- SILVA, Jane Keli Almeida da; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Vocabulário gramatical quinhentista: para uma análise contrastiva da metalinguagem em Fernão de Oliveira e João de Barros*. 2017. 2v. 204f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras da universidade Federal da Bahia, Salvador, p. 83.
- SILVA, Jane Keli Almeida da; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes; SOUZA; Risonete Batista. *A Primeira Década da Ásia, de João de Barros: Edição e Estudo*

- Lexicográfico-etimológico*. 2022, 725 f. Tese de Doutorado – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, f. 3v, 4v, 6r, 6v, 8r, 9r, 10r, 11r, 16v, 56r.
- SIQUEIRA Sávio, Barros Kelly. Por um ensino intercultural de inglês como língua franca. *Revista Estudos linguísticos e literários*. 2013, pp. 5-39, p. 9.
- SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. São Paulo: CULTRIX, 1977, p. 109.
- TARALLO, Fernando. *Tempos Linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Universitária, 1990.
- TELLES, Célia Marques; CARVALHO, Rosa Borges Santos. O trabalho filológico: mudança linguística e crítica textual. *Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, 2005, n. 31-32, p. 82.
- TINHORÃO, José Ramos. *Os negros em Portugal: uma presença silenciosa*. Lisboa: Editorial caminho, 1988.
- TORRES, Amadeu; ASSUNÇÃO, Carlos. *Gramática da Linguagem portuguesa (1536)* Fernão de Oliveira: Edição Crítica, Semidiplomática e Anastática. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2000. pp. 173, 177, 192.
- TORTO-RIO, Graça et al. *Gramática Derivacional do Português (2ª ed.)*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2016, p. 148.
- VASCONCELOS, Carolina Michaelis de. *Lições de filologia portuguesa*. Lisboa: Editorial Império Limitada, 1946, p. 317.
- VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 99.